

Itinerários da Literatura em Mato Grosso

Divanize Carbonieri
Eduardo Mahon
Marli Walker
Marta Cocco
Olga Maria Castrillon-Mendes

O que se pode esperar deste livro?

A literatura cria inúmeros percursos ao longo do tempo e do espaço. São os itinerários especiais da arte. Neste livro, escritores brasileiros registram suas percepções a partir de Mato Grosso. A obra contempla temas ligados aos povos originários e à produção telúrica, aos fluxos migratórios, aos conflitos e às identidades regionais, aos seres da natureza e às questões existenciais tão próprias da humanidade, além de aspectos visuais que dialogam com a palavra e a desafiam.

Além de textos literários, o leitor encontrará curiosidades históricas, dicas de livros e pesquisas científicas, bem como sugestões de músicas, peças teatrais, filmes e outras expressões artísticas relacionadas ao tema de cada capítulo. Como a literatura é um fluxo em contínuo movimento, desejamos que novos itinerários surjam, ampliando o acesso e o encantamento do público leitor.

Apoio:



SECITECI
Secretaria de
Estado de Ciência,
Tecnologia
e Inovação



Governo de
Mato
Grosso



ISBN 978-85-8009-391-9



9 788580 093919

Itinerários da Literatura em Mato Grosso

Divanize Carbonieri

Eduardo Mahon

Marli Walker

Marta Cocco

Olga Maria Castrillon-Mendes

© Divanize Carbonieri, Eduardo Mahon, Marli Walker, Marta Cocco e Olga Maria Castrillon-Mendes, 2026.

Todos os direitos reservados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Douglas Rios – Bibliotecário – CRB1/1610)

l89

Itinerários da Literatura em Mato Grosso / Divanize Carbonieri, Eduardo Mahon, Marli Walker, Marta Cocco, Olga Maria Castrillon-Mendes.

1.ed. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2026.

544 p.

ISBN 978-85-8009-391-9

1. Literatura mato-grossense. 2. História cultural – Mato Grosso.

I. Carbonieri, Divanize. II. Mahon, Eduardo. III. Walker, Marli.

IV. Cocco, Marta. V. Castrillon-Mendes, Olga Maria.

CDU 82

Índice para Catálogo Sistemático

1. Literatura mato-grossense – 82

2. História cultural – Mato Grosso – 82

Coordenação Executiva

Allan Kardec Pinto Acosta Benitez

Endrigo Antunes Martins

Rosemar Eurico Coenga

Editores

Ramon Carlini / Elaine Caniato

Projeto Gráfico

Elaine Caniato / Ramon Carlini

Diagramação

Doriane Miloch / Ramon Carlini

Capa

Elaine Caniato

Revisão Ortográfica e Textual

Helvio Moraes



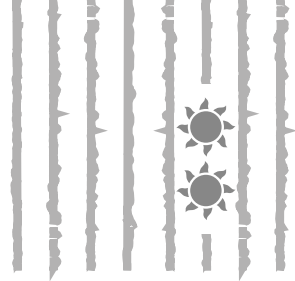
Carlini & Caniato Editorial (nome fantasia da Editora TantaTinta Ltda.)

Rua Nossa Senhora de Santana, 139 – sl. 03 – Centro-Sul – CEP: 78.020-122

Cuiabá-MT – (65) 3023-5714

www.tantatinta.com.br - contato@tantatinta.com.br

APRESENTAÇÃO



A Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação, por meio da Fapemat, tem o prazer de apresentar à sociedade mato-grossense o resultado da pesquisa empreendida por cinco doutores em Literatura, que compõem o quadro da Academia Mato-grossense de Letras. Há muito tempo sabemos da demanda por um livro que oferecesse um roteiro sobre a literatura produzida em nossa terra. Assim, o desafio foi apresentado ao grupo de pesquisadores convidados e aqui está o livro!

Articulando os temas escolhidos nos eixos espaço-tempo, os itinerários foram cuidadosamente traçados. Logo no primeiro capítulo, não poderia ter sido mais pertinente trazer a temática dos povos originários. Nos subsequentes, há registros de viajantes e colonizadores que legaram relatos sobre os obstáculos e os desafios de sobrevivência em terras mato-grossenses.

Os autores apresentam na pesquisa um vasto registro das tradições, do apego à terra, da vida na capital e em outros lugares do interior, da formação do nosso povo com a contínua chegada de migrantes, das relações com a natureza, das inquietudes existenciais e um panorama das formas gráficas e dos suportes tecnológicos da literatura.

Os textos vão possibilitar aos leitores compreender como os avanços tecnológicos influenciaram no conteúdo das obras literárias, bem como nos formatos que chegavam até a população de cada momento histórico. Da produção dos manuscritos, ao surgimento da prensa e o advento da internet. De um modo geral, o leitor vai poder perceber que a tecnologia se fez onipresente em todos os períodos, com suas características próprias de cada época.

Estamos muito satisfeitos com o resultado do trabalho. Apoiar essa pesquisa que apresenta uma abordagem inédita é honra para nós como gestores públicos e, certamente, uma conquista para o povo deste estado que poderá empreender uma viagem fascinante pela literatura. Desejamos que a leitura inspire mais leitores e pesquisadores. É através do conhecimento que se compartilha o orgulho de ser mato-grossense.

Allan Kardec Pinto Acosta Benitez

Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação
Membro da Academia Mato-grossense de Letras - Cadeira 30
Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

Endrigo Antunes Martins

Assessor Especial da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação

Rosemar Eurico Coenga

Assessor Técnico da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação

ITINERÁRIOS DA PESQUISA



A distância de qualquer caminho pode variar conforme o caminhante. No caso deste itinerário, nosso objetivo não é chegar ao fim. O que pretendemos é convidar leitores e leitoras a descobrir, conosco, formas alternativas de conhecer a literatura produzida em Mato Grosso. Propomos uma espécie de roteiro temático ao longo dos séculos, elegendo temas que são, ao mesmo tempo, relevantes e reincidentes em nossa bibliografia.

Como sabemos, os mapas mudam de acordo com os referenciais. Nesse sentido, leitores e leitoras poderão perceber que nossa orientação se baseou no eixo tempo-espaco-tema, tentando responder, por meio da seleção de textos, como determinados temas se manifestaram no curso dos séculos. Acreditamos que uma viagem pode ter vários caminhos que permitam a observação de muitos pontos de vista.

Antes de embarcarmos nessa aventura literária, apresentamos alguns detalhes do percurso trilhado pela equipe pesquisadora. Primeiramente, ressaltamos que nem todo texto apresentado nesta obra é literatura. Há textos que abordam questões relevantes sobre os temas selecionados como relatórios públicos, descrições geográficas, considerações sociológicas, além de notícias, legislações etc.

Assim, além desses textos de caráter documental, os leitores e leitoras terão a oportunidade de conhecer uma boa amostragem da literatura sobre: os povos originários; o espaço mato-grossense; as produções telúricas; os conflitos sociais; os fluxos migratórios; a constituição das identidades; as

relações entre humanos e outros seres da natureza; algumas questões de fundo existencial e aspectos visuais que se relacionam com a produção escrita.

Ao longo dos capítulos, incluímos curiosidades sobre o tema abordado e, ao final, apresentamos sugestões para instigar a curiosidade e aprofundar eventuais pesquisas também em outras artes, como a música, o cinema, o teatro, artes plásticas, além de dicas bibliográficas da produção histórica, geográfica e, sobretudo, literária. Para ampliar horizontes, indicamos ao leitor sítios virtuais e plataformas de áudio e vídeo.

Outro aspecto metodológico considerado em nosso trabalho foi um deslocamento da periodização convencional. Há muitas armadilhas na segmentação temporal quando o assunto é literatura. Em matéria de arte, o diálogo no tempo não se estabelece linearmente, pois, num mesmo espaço e tempo, coexistem vozes concordantes e dissonantes. Até mesmo expressões conhecidas, como *escolas literárias* ou *gerações literárias*, demandam cautela, porque podem formar uma imagem fixa de movimentações fluidas, atravessadas por diversas tendências.

Ressaltamos que, ao longo da nossa pesquisa, buscamos descentralizar o foco geográfico. Até o último quarto do século XX, Mato Grosso ainda não havia passado pela divisão política e, portanto, não seria justo apagar a relevante produção de escritores e escritoras que pertenceram (e continuarão pertencendo) à bibliografia estadual. Entre autores/as nascidos/as ou residentes em Mato Grosso, procuramos incluir o maior número possível daqueles/as cujos textos se relacionavam com os temas selecionados. Ainda assim, reconhecemos que uma empreitada como esta sempre terá lacunas e a incompletude é inerente à pesquisa.

A capital, Cuiabá, aparece como o centro da produção literária, mas também foram incluídas expressões de outras cidades do interior. Também reconhecemos que alguns aspectos merecem mais detalhamento, o que poderá ensejar novos estudos. Leitores e leitoras perceberão que, com a popularização da escrita e de outros meios tecnológicos, somada ao crescimento demográfico, a maior parte da produção se concentra na contemporaneidade, período em que coexistem as mais diversas identidades.

Esperamos que esse trabalho realizado com o apoio da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de Mato Grosso possa continuar, para que a comunidade mato-grossense tenha novas oportunidades de acesso aos registros literários que constituem as diversas experiências de vida neste espaço ao longo do tempo.

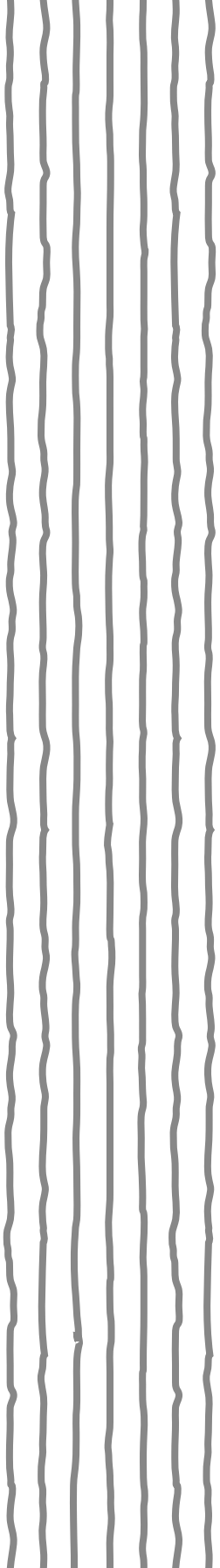
Divanize Carbonieri é escritora, pesquisadora e professora da Universidade Federal de Mato Grosso. Nascida em Sorocaba-SP, possui graduação em Artes Plásticas e Letras, Mestrado e Doutorado em Letras – Estudos Literários de Língua Inglesa. Ocupa a Cadeira 17 da Academia Mato-grossense de Letras e também integra o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Eduardo Mahon é advogado, escritor e pesquisador. Nascido no Rio de Janeiro-RJ, possui graduação em Direito, Mestrado e Doutorado em Estudos Literários. Ocupa a Cadeira 11 da Academia Mato-grossense de Letras e também pertence ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Marli Walker é escritora, pesquisadora e professora do Instituto Federal de Mato Grosso. Nascida em Bom Jesus do Oeste-SC, possui graduação em Letras, Mestrado em Estudos Literários e Culturais e Doutorado em Literatura e Práticas Sociais. Ocupa a Cadeira 2 da Academia Mato-grossense de Letras.

Marta Cocco é escritora, pesquisadora e professora aposentada do curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso. Nascida em Pinhal Grande-RS, possui graduação em Letras, Mestrado em Estudos Literários e Culturais e Doutorado em Letras e Linguística. Ocupa a Cadeira 18 da Academia Mato-grossense de Letras.

Olga Maria Castrillon-Mendes é pesquisadora e professora aposentada do curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso. Nascida em Cáceres-MT, possui graduação em Letras, Mestrado em Linguística e Doutorado em Estudos Literários. Ocupa a Cadeira 15 da Academia Mato-grossense de Letras e faz parte do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres.



AGRADECIMENTOS



Agradecemos ao secretário estadual **Allan Kardec Pinto Acosta Benitez** pelo apoio à publicação desta pesquisa sobre a produção literária em Mato Grosso. Ressaltamos também o empenho de uma qualificada equipe técnica formada por **Endrigo Antunes Martins, Rosemar Eurico Coenga, Rute Almeida e Silva, Rosélida Benedita Pinto Ribeiro e Anedil Silva de Lara Fontoura.**

Agradecemos também:

Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da Costa – pelas indicações sobre o campo de conhecimento indígena e pela colaboração na realização de *boxes* de curiosidades.

Cristina Campos – pela organização do site da Biblioteca Digital do Intensivismo, que facilitou enormemente a pesquisa a respeito de periódicos, obras e autores vanguardistas de Mato Grosso.

Edson Flávio Santos – pela indicação dos poemas de Pedro Casaldáliga no capítulo sobre conflitos e violência.

Helvio Moraes – pelas sucessivas e pacientes revisões da pesquisa e colaboração com apontamentos críticos e sugestões para a coesão textual.

Marinete Luzia Francisca de Souza – pelas indicações de obras referentes à literatura indígena produzida em Mato Grosso.

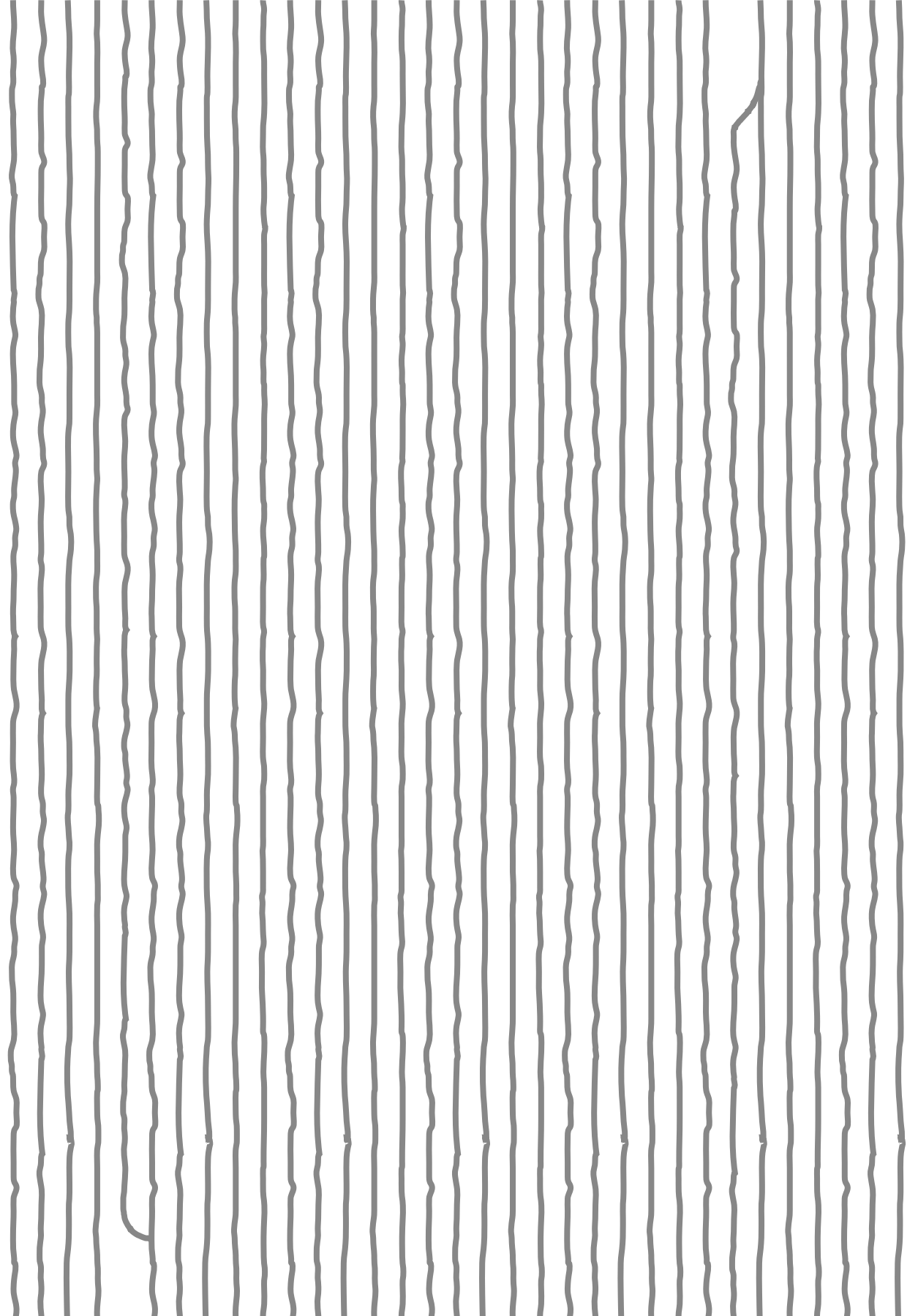
Masanobu Kazurayama – pelo empréstimo do livro *Japoneses em Mato Grosso: História, memória e cultura.*

Steffany Lemes da Silva – por oferecer gentilmente o seu tempo para nos conseguir um exemplar do livro *Xingu, os índios, seus mitos.*

Téo Miranda – fundador da Editora Sustentável - pelo envio em tempo recorde dos livros solicitados.

Vinícius Carvalho Pereira – pelas indicações de autoras e autores e pela organização do excelente Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense.

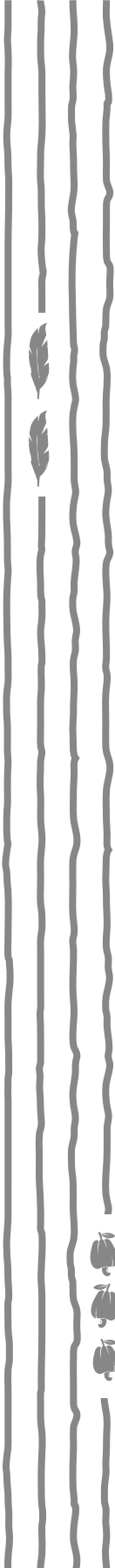
Yuri Deus Correa de Arruda – pelo envio das páginas digitalizadas do livro *Wamrême Za'ra, nossa palavra. Mito e história do povo Xavante.*



SUMÁRIO



CAPÍTULO 1	
TRAJETÓRIA DO IMAGINÁRIO INDÍGENA PELAS TRILHAS DA ESCRITA _____	15
CAPÍTULO 2	
CARTOGRAFIAS DE MATO GROSSO _____	83
CAPÍTULO 3	
TELURISMO: TERRA E TRADIÇÃO _____	121
CAPÍTULO 4	
CONFLITOS SOCIAIS: TERRA E PODER _____	157
CAPÍTULO 5	
CUIABÁ: UMA IMAGEM HEGEMÔNICA _____	227
CAPÍTULO 6	
FLUXOS MIGRATÓRIOS _____	293
CAPÍTULO 7	
MÚLTIPLAS IDENTIDADES _____	355
CAPÍTULO 8	
AS RELAÇÕES ENTRE O HUMANO E OUTROS SERES DA NATUREZA _____	407
CAPÍTULO 9	
A LITERATURA E AS QUESTÕES EXISTENCIAIS _____	449
CAPÍTULO 10	
IMAGEM E PALAVRA EM MATO GROSSO _____	489



CAPÍTULO 1

TRAJETÓRIA DO IMAGINÁRIO INDÍGENA PELAS TRILHAS DA ESCRITA

O objetivo deste capítulo é delinear um itinerário pelo qual possamos percorrer o processo de travessia das narrativas indígenas, nascidas da oralidade, para o contexto da cultura escrita em Mato Grosso. Não é o único possível; outros percursos poderiam ser traçados. Assim como as cartas náuticas têm os pontos cardeais como guia, este mapeamento se orienta por marcos temporais definidos, organizados em ordem cronológica, do século 16 ao 21. Ainda que abranja um extenso intervalo de tempo, o levantamento de obras e autores não teve como objetivo a completude. Como acontece em qualquer seleção, as lacunas são inevitáveis, devendo ser encaradas como convites a futuros desdobramentos e aprofundamentos.

Embora a circunscrição geográfica tenha sido o estado de Mato Grosso, em alguns momentos foi necessário o alargamento de fronteiras, tanto em termos territoriais quanto históricos. Os territórios ocupados pelos grupos indígenas nem sempre coincidem com os limites físicos e políticos que constituem uma unidade federativa. Da mesma forma, suas histórias tendem a ser bem mais antigas do que a história estadual ou nacional. Por isso, iniciamos pelo século 16, mesmo que o estado só tenha sido fundado no 18. Viajantes quinhentistas e seiscentistas ofereceram, aqui e ali, vislumbres do que havia nestas terras antes disso.

O foco deste estudo não são as oralidades indígenas, ainda que certamente mereçam toda e qualquer pesquisa que venha a ser dedicada a elas. A investigação se concentrou, por outro lado, nos textos escritos a respeito das concepções dos povos originários, principalmente no que se

refere à criação de mitos e lendas. Em grande parte da moldura temporal escolhida, isso significou, inevitavelmente, o exame de perspectivas não-indígenas. Crônicas coloniais, cartas jesuíticas e estudos etnológicos e antropológicos forneceram observações, registros e compilações que deixam entrever a potencialidade do imaginário indígena em Mato Grosso.

Contudo, mediações nunca são neutras, e essas visões não raro foram marcadas por preconceções hierarquizantes, às quais é preciso abordar criticamente. De qualquer forma, entre choques culturais e tentativas de reduzir cosmogonias complexas a exotismos, superstições ou primitivismos, as mitologias indígenas foram sendo compiladas, traduzidas, adaptadas e divulgadas para além das comunidades que as criaram. Foi assim que as culturas ocidentais tiveram os primeiros acessos a essas construções do imaginário indígena.

Das últimas décadas do século 20 em diante, estabelece-se um ponto de inflexão: os próprios indígenas começam a publicar seus livros em Mato Grosso, num processo cada vez maior de autonomia. A partir desse momento, passamos a falar de uma literatura indígena (escrita) no estado. A presente discussão busca traçar uma linha do tempo que ressalte a ascensão da voz autoral indígena na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que tenta evidenciar conexões e rupturas com momentos anteriores.

Séculos 16 e 17: coisas de fábula e nenhum deus

Após o chamado “achamento” do Brasil em 1500, sucessivas expedições de exploradores europeus buscaram avançar pelo interior do território. Tais avanços foram marcados por encontros com populações, sistemas de crenças e paisagens que os invasores tentaram assimilar e decodificar a partir de seus próprios repertórios culturais. Um dos primeiros testemunhos escritos desse processo é a *Carta de Luis Ramírez* (1528), enviada a seu pai durante a expedição chefiada por Sebastião Caboto ao sul do Continente Americano.

Redigido em língua castelhana, esse relato em primeira mão dá conta da viagem de um grupo de espanhóis à costa brasileira em 1526.

Alcançando o Rio da Prata, conseguiram avançar até certa altura dos Rios Paraná e Paraguai. Assim, é possível que tenham chegado a partes do que posteriormente seria conhecido como Mato Grosso.

Todos os índios das redondezas, de várias nações e línguas, vieram ver o capitão-geral. Entre eles, vieram alguns do campo, chamados Querandi – um povo muito ágil, que vive da caça e, quando abate algum animal, bebe o sangue, pois esse é seu principal alimento, já que a terra carece de água. [...] Esse povo nos deu boas informações sobre a serra e sobre o chamado “Rei Branco”, além de outras gerações de gentes muito diferentes da nossa. Não as escrevo aqui porque parecem coisas de fábula – ao menos até que, se Deus Nosso Senhor permitir, eu possa contá-las como algo visto por meus próprios olhos, e não apenas ouvido. [...]

Eles também nos deram muitas informações [...] sobre um povo com quem negociam, cujos pés, do joelho para baixo, são como os de avestruz. [...] Disseram-nos também que, do outro lado da serra, havia o mar, e que, segundo suas descrições, esse mar enchia e esvaziava rapidamente e de forma muito acentuada. Com base nesses relatos, o senhor capitão-geral pensa que se trata do Mar do Sul [Oceano Pacífico], e, se for verdade, essa descoberta não é menos valiosa do que a da Serra da Prata (p. 50, tradução nossa).

(Ramírez, Luis. *Carta de Luis Ramírez a su padre desde el Brasil (1528)*: Orígenes de lo ‘real maravilloso’ en el Cono Sur. Introdução e notas de Juan Francisco Maura. Col. Textos de la revista Lemir. Valência: Portal de Literatura Parnaseo, Universitat de València, 2007)

Os Querandi eram indígenas que habitavam a região dos Pampas, no que é hoje a Argentina. O registro de Ramírez revela que sobreviviam, sobretudo, da caça. O costume de beber o sangue dos animais abatidos pode ter constituído uma estratégia bem-sucedida de adaptação a uma região pobre em recursos hídricos, caso a observação do espanhol esteja correta.

Apesar da contextualização, essa prática parece estar sendo retratada como algo extraordinário, assombroso, comparável aos ritos selvagens e monstruosos que os europeus do século 16 imaginavam encontrar nas áreas conquistadas. A ideia de exotismo é acentuada pelo que vem em seguida,

ou seja, os relatos fabulosos de pessoas com pés de avestruz, ou ainda, de natureza tão diferente que o cronista não ousa mencionar antes de poder vê-las com seus próprios olhos.

A lenda do “Rei Branco” (e seus domínios abundantes em metais preciosos) aparece em registros de outros viajantes do período, o que indica uma espécie de hibridação entre crenças anteriores dos europeus, que esperavam topar com um Eldorado nas novas terras, e as narrativas que ouviam dos nativos com os quais travavam contato. Mais tarde, esse reino fantástico seria associado ao Império Inca do Peru, rico em prata e ouro. Dessa forma, o mar mencionado pelos Querandi poderia realmente ser o Oceano Pacífico, situado além da Cordilheira dos Andes.

Porém, é mais provável, justamente pela proximidade, que eles estivessem se referindo à região do Pantanal, com suas constantes cheias e vazantes. Nesse caso, os “pés de avestruz” talvez correspondam à representação de algum grupo indígena que habitava a região pantaneira. Encontrar uma saída para o Oceano Pacífico seria, de fato, muito lucrativo para os espanhóis, pois facilitaria a navegação até a Ásia, de onde a Europa retirava suas especiarias. Da conversa com os Querandi, Ramírez pode bem ter ouvido o que desejava e não exatamente o que eles disseram.

Portanto, a descrição oferecida por esse cronista tem um caráter duplo. Por um lado, documenta a especificidade do modo de vida dos Querandi, com o uso inteligente dos recursos à sua disposição e o emprego de narrativas míticas para explicar seu entorno e representar populações vizinhas. Por outro, confirma estereótipos e reitera a tendência colonial europeia de enxergar a alteridade de acordo com suas próprias lentes, justificando a exploração de territórios e povos na ávida busca por riquezas.

Coincidentemente, caberia ainda a outro espanhol o papel de descrever, com mais detalhes, o Pantanal: Álvar Núñez Cabeza de Vaca, que, entre 1542 e 1543, chegou à região.

Nós os curávamos benzendo-os, rezando um *Pater Noster* e uma *Ave Maria*, e rogando a Deus Nosso Senhor que lhes desse saúde. Logo que os benzíamos diziam aos outros que estavam bem e nos davam bom

tratamento, trazendo couro e outras coisas mais, inclusive deixando de comer para dar a nós. [...] Durante este tempo veio gente de todas as partes nos buscar para tratar de doentes e diziam que éramos verdadeiramente filhos do sol. [...] Era impressionante como todos os que tratamos logo se mostraram curados (p. 61-78).

A partir daqui começam as idolatrias dos índios. Fazem ídolos de madeira e, segundo informaram ao governador, outros índios de terra adentro possuem ídolos de ouro e prata. O governador procurou com boas maneiras fazê-los se afastar destes ídolos, pedindo-lhes que os queimassem e passassem a crer somente em Deus verdadeiro, criador do céu e da terra. Explicava que o que adoravam era o diabo, que os enganava (p. 199).

Enquanto isso as águas dos rios subiram de tal maneira que toda aquela terra estava coberta e alagada, não sendo possível fazer qualquer descobrimento. Os índios asseguravam que estas cheias duravam quatro meses, subindo até cinco ou seis braças, período durante o qual eles passavam a viver em suas canoas, só saltando à terra depois das águas baixarem. Então voltam a construir suas casas onde as tinham antes, mas toda a terra torna-se pestilenta pelos peixes que ficam no seco e o calor que incide sobre eles. Outro detalhe desta gente é que se matam e comem uns aos outros (p. 225-226).

(Cabeza de Vaca, Álvaro Núñez. *Naufrágios e Comentários*. Trad. Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre; São Paulo: LPM Editores, 1987)

Cabeza de Vaca é uma figura *sui generis* na colonização das Américas. Fracassou em conquistar riquezas, além de enfrentar a derrocada política. No entanto, realizou algumas façanhas dignas de nota. O primeiro conjunto delas está documentado em *Naufrágios* (1542). Numa expedição entre Espanha e Flórida em 1527, Cabeza de Vaca sobreviveu a uma série de acidentes náuticos, junto com apenas três de seus companheiros. Esse pequeno grupo conseguiu chegar à Nova Espanha (México) depois de caminhar por oito anos, enfrentando incontáveis perigos nas florestas e planícies da região.

Possivelmente para amenizar a hostilidade dos grupos indígenas que encontravam pelo caminho, os sobreviventes passaram a abençoar os doentes, que se diziam curados depois disso. Cabeza de Vaca declara mesmo que ele e seus amigos teriam sido considerados “filhos do sol” pelos nativos, ou seja, deuses. Talvez para evitar acusações de bruxaria por parte de seus conterrâneos, deixa claro que o máximo que faziam era desenhar o sinal da cruz sobre os enfermos e proferir as orações católicas. Contudo, não põe em questionamento a veracidade dessas curas milagrosas.

Anos mais tarde, quando se torna governador de Assunção, no Paraguai, localidade a partir da qual empreende mais uma expedição, dessa vez rumo à tão cobiçada Serra da Prata, invertem-se as posições. Não deixa de classificar como idolatrias as crenças dos indígenas e não demonstra por eles a mesma indulgência que desejava receber de seus pares em relação ao próprio misticismo. A segunda parte de sua carreira de explorador aparece retratada em *Comentários* (1555). Os dois textos apresentam marcadas diferenças de estilo, como os trechos destacados permitem perceber.

Enquanto *Naufrágios* é caracterizado por um tom confessional, narrado nas primeiras pessoas do plural e do singular, *Comentários* traz uma perspectiva mais objetiva, a partir da terceira pessoa do discurso. Na verdade, essa última obra foi escrita em parceria com Pero Hernández, que atuava como secretário do governador Cabeza de Vaca, representado como personagem nessa narrativa.

Ainda que não tenha abandonado os estereótipos coloniais redutores, sobretudo ao tratar das cosmogonias indígenas, Cabeza de Vaca se posicionou contrário à escravização dos autóctones, o que lhe rendeu a inimizade de seus contemporâneos e culminou em sua prisão e condenação. Apesar disso, ele não deixava de ser um homem de seu tempo, ainda distante de conceber os indígenas como iguais. Contudo, é possível que as provações pelas quais passou, sobrevivendo muitas vezes da generosidade dos nativos, tenham-no feito censurar o tratamento cruel que recebiam.

LAGUNA DE XARAYES

Pantanal é, na verdade, uma denominação relativamente recente, datando provavelmente do século 18 ou 19. Antes disso, a região figurou mais comumente nos mapas e documentos como Mar ou Laguna de Xarayes, o que emprestava à localidade o nome de um dos grupos étnicos que habitavam o território.

Segundo Maria de Fátima Costa (2007), a Laguna de Xarayes ganhou contornos mapográficos entre 1629 e 1630, graças ao trabalho de cartógrafos neerlandeses. Por meio desses mapas, “ficou-se sabendo [em várias partes do mundo] que no interior da América Meridional havia um fabuloso lago ou lagoa, cujas margens eram habitadas por indígenas possuidores de ouro e prata” (Costa, 2007, p. 29).

Com o tempo, o topônimo foi sendo substituído por Pantanal ou Pantanaís, do português “pântano”, em referência às áreas alagadas que o compõem. A concepção fabulosa de Xarayes também caiu por terra “com as primeiras observações científicas determinadas inicialmente pelo Tratado de Madrid (1750) e, depois, pelo de Santo Ildefonso (1777)”, que “demonstraram que a afamada Laguna de los Xarayes nada mais era que o rio Paraguai espraído” (Costa, 2007, p. 32).

(Costa, Maria de Fátima. Do Xarayes ao Pantanal: a cartografia de um mito geográfico. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, v. 45, 2007, p. 21-36)

O mar que se enchia e esvaziava e que aparecera como mera evocação na carta de Ramírez ganha concretude no relato de Cabeza de Vaca. O Pantanal, que ele tentou atravessar na busca pelo mítico reino de riquezas minerais, é descrito com precisão numérica. Os meses da cheia são contabilizados, assim como a altura a que chegam as águas nesse período. Há mostras novamente da grande capacidade adaptativa dos indígenas aos ambientes, mas o arremate da narrativa ainda deixa entrever o filtro do grotesco e do monstruoso, com a menção à pestilência dos peixes mortos e aos costumes canibais.

As visões preconcebidas dos europeus em relação às cosmogonias nativas continuariam sendo expressas nos mais diversos tipos de documentos coloniais. As cartas jesuíticas dos séculos 16 e 17, por exemplo, constituem um importante testemunho de como as concepções dos indígenas foram interpretadas por aqueles que se propuseram a convertê-los à religião cristã. A seguir, trazemos dois exemplos desses discursos por acreditar que ilustram bem a mentalidade geral do período, mesmo que não apresentem relação imediata com o contexto de Mato Grosso.

Mas é grande maravilha haver Deus entregue tão boa terra, tamanho tempo, a gente tão inculta que tão pouco o conhece, porque nenhum deus tem certo, e qualquer que lhe digam ser deus o acreditam, regendo-se todos por inclinações e apetites sensuais, que estão sempre inclinados para o mal, sem conselho nem prudência (p. 90, grafia atualizada).

Essa gentilidade nenhuma coisa adora, nem conhece Deus, somente aos trovões chama Tupã, que é como quem diz coisa divina. E assim nós não temos outro vocábulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Deus, que chamar-lhe Pai Tupã (p. 99, grafia atualizada).

(Nóbrega, Manuel da. *Cartas Jesuíticas I*. Cartas do Brasil, 1549-1570. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988).

Este gentio não tem conhecimento algum de seu criador, nem de coisa do Céu, nem se há pena nem glória depois dessa vida, e, portanto, não têm adoração nenhuma nem cerimônias, ou culto divino, mas sabem que têm alma e que esta não morre (p. 87, grafia atualizada).

(Cardim, Fernão. *Tratados da Terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980)

Os excertos parecem sublinhar a mesma preocupação missionária: como interpretar a relação dos povos indígenas com o divino, a religião e as práticas espirituais? Tal interesse nasce mais da necessidade de vencer as dificuldades apresentadas à conversão do que de um possível anseio por compreender diferentes modos de pensar. São argumentos que partem de

um princípio semelhante, o de que não haveria um conhecimento verdadeiro de Deus entre os indígenas, perspectiva marcada pelo etnocentrismo ao desconsiderar outros paradigmas religiosos.

Além de ressaltar a suposta ignorância dos povos nativos, o padre Manuel da Nóbrega ainda se refere aos esforços dos jesuítas para adaptar as abstrações cristãs ao vocabulário das línguas indígenas. Segundo ele, não haveria alternativa, em meio aos Tupi, que não a de traduzir Deus por Tupã, entidade ligada aos trovões. Em última instância, esse procedimento pode ser entendido como uma estratégia de tradução cultural. Por meio dele, revela-se a convivência tensa existente entre os sistemas de crenças de cristãos e indígenas àquela altura. O entendimento da divindade como uma entidade incorpórea e abstrata (Deus) entra em choque com a compreensão de um fenômeno natural como ente divino (Tupã), resultando no surgimento de uma terceira conceituação, Pai Tupã, que reúne elementos das duas anteriores e, ao mesmo tempo, apresenta algo novo, distinto.

Fernão Cardim, por sua vez, resvala numa espécie de paradoxo retórico: ao mesmo tempo em que declara que os indígenas não têm nenhuma adoração ou culto divino, afirma que acreditam na continuidade da alma após a morte. Assim como Nóbrega, Cardim não reconhece a legitimidade de sistemas espirituais que não correspondam aos modelos europeus. Mesmo diante de um inegável índice de religiosidade, marcado pela crença na transcendência do espírito, ele não consegue validá-lo apenas porque não coincide exatamente com o que pregam as escrituras.

Os dois missionários contribuem para a construção de um imaginário colonial em que a espiritualidade indígena é descrita como faltante, lacunar, um vazio a ser preenchido pela catequese. Contudo, os relatos também demonstram, mesmo inadvertidamente, a resistência das cosmogonias indígenas, que não se reduzem facilmente aos padrões cristãos, e evidenciam os processos criativos que operam nos encontros entre cosmo percepções distintas. Tais confrontos iriam se repetir nos séculos seguintes, mas mudanças significativas apareceriam nos textos a respeito do território americano.

Séculos 18 e 19: contemplar a terra e ler a diferença

No século 18, a representação das Américas como instâncias do maravilhoso e fantasioso, em que abundavam riquezas e mistérios incalculáveis, foi substituída por estudos mais pragmáticos de suas populações e paisagens. Tal perspectiva combinava-se com os princípios iluministas, com sua ênfase na razão, na experimentação e na teorização como formas de produzir conhecimento. Também nesse momento os jesuítas desempenharam relevante papel como intelectuais e viajantes.

Um deles foi o austríaco Martin Dobrizhoffer, que chegou a viver cerca de dezoito anos no Paraguai, parte deles entre os Abipones, um povo indígena nômade e guerreiro, conhecido por sua habilidade com os cavalos. De volta à Europa, Dobrizhoffer publicou, em 1784, um compêndio sobre eles, escrito originalmente em latim e mais tarde traduzido para o inglês, com o título de *An account of the Abipones: an equestrian people of Paraguay*. Mesmo carecendo de maior sistematização, a obra de Dobrizhoffer é considerada um ensaio proto-etnográfico, combinando detalhes dos costumes dos Abipones, recolhidos da observação direta, com comentários subjetivos e de pregação religiosa.

Ainda que o tratado de Dobrizhoffer não aborde diretamente as particularidades de Mato Grosso, ele se detém sobre o contexto do Rio Paraguai, que acaba funcionando como um canal a conectar os territórios e populações banhados por ele. É possível também que os próprios Abipones tenham se deslocado, em suas muitas travessias nomádicas, até pelo menos as proximidades do território deste estado, fundado (enquanto Capitania) em 1748. Além disso, seu estudo nos auxilia a compreender os contatos interétnicos que ocorriam na macrorregião platina e pantaneira.

[...] os selvagens americanos são lentos, apáticos e obtusos na apreensão das coisas que não estão presentes a seus sentidos externos. Raciocinar é para eles um processo trabalhoso e quase desconhecido. Não é, portanto, de se admirar que a contemplação de objetos terrestres ou celestiais não lhes inspire nenhuma ideia da Divindade criadora, nem, de fato, de qualquer

coisa celeste. Viajando com quatorze Abipones, sentei-me junto ao fogo ao ar livre, como de costume, na alta margem do rio da Prata. O céu, perfeitamente sereno, encantava nossos olhos com suas estrelas cintilantes. Iniciei uma conversa com o cacique Ychoalay, o mais inteligente de todos os Abipones que conheci, bem como o mais famoso na guerra.

— Você contempla – disse eu – o esplendor do Céu, com sua magnífica disposição de estrelas? Quem pode supor que tudo isso seja produzido por acaso? A carroça, como você mesmo sabe, vira, a menos que os bois tenham alguém para guiá-los. Um barco afunda ou se desvia de seu curso se lhe faltar um piloto. Quem, então, seria tolo o bastante para imaginar que todas essas belezas do Céu são efeito do acaso, e que as revoluções e vicissitudes dos corpos celestes se regulam sem a direção de uma mente onisciente? Em quem vocês acreditam como seu criador e governador? Quais eram as opiniões de seus ancestrais a respeito disso?

— Meu pai, – respondeu Ychoalay, pronta e francamente – nossos avôs e bisavôs estavam acostumados a contemplar apenas a terra, interessados apenas em ver se a planície oferecia capim e água para seus cavalos. Eles nunca se preocuparam com o que ocorria nos Céus, nem com quem era o criador e governador das estrelas (p. 58-59, tradução nossa).

Embora os americanos sejam de entendimento lento, quando o bom senso do professor compensa a estupidez dos alunos, eles são convertidos com sucesso à civilização e à piedade, e até mesmo instruídos em todos os tipos de arte. Se você quiser ver, com seus próprios olhos, em que medida a instrução aguça a inteligência dos índios e aumenta a sua compreensão, vá visitar as cidades guaranis, em todas as quais você encontrará índios bem treinados na manufatura e no manuseio de instrumentos musicais, na pintura, na escultura, na construção de casas, no trabalho com os metais de todos os tipos, na tecelagem, na arquitetura e na escrita [...] (p. 61-62, tradução nossa).

Eu disse que a inteligência e a força mental dos Abipones são louváveis, mas, envergonhado do meu elogio apressado, retiro o que disse, e os declaro tolos, idiotas e insanos. Veja, essa é a prova da insanidade deles! Eles estão familiarizados com Deus e com o nome próprio de Deus, mas,

ainda assim, saúdam o espírito mau que chamam de Aharaigichi ou Quevét, com o título de avô, Groaperikie. Sobre ele, declaram ser o seu avô e também o dos espanhóis, mas com essa diferença, a de que, para os últimos, ele dá ouro e prata, além de roupas finas, mas que, para eles, transmite valor, pois se consideram mais corajosos e intrépidos do que os espanhóis (p. 64, tradução nossa).

(Dobrizhoffer, Martin. *An account of the Abipones: an equestrian people of Paraguay*. Trad. Sara Coleridge. Londres: John Murray, Albemarle Street, 1822)

Muito da discussão de Dobrizhoffer parece uma retomada dos argumentos defendidos anteriormente. Também ele lê os diferentes sistemas de crença dos Abipones como ausência da concepção de Deus. Mas, de todas as passagens que vimos até o momento, as de Dobrizhoffer são aquelas em que mais se percebe a agência dos indígenas. Nesse sentido, o cacique Ychoalay ocupa o papel de protagonista da pequena narrativa, presente no trecho inicial, tanto quanto o próprio Dobrizhoffer. Ou, quem sabe, até mais. Como a atenção do jesuíta está focada na resposta que seu interlocutor lhe dará, sua narração em primeira pessoa parece mais a de uma testemunha, uma personagem secundária, que conta a história de outra, essa, sim, a principal.

A interação entre os dois homens, apesar de acontecer na forma de diálogo, na verdade, evidencia a intransponível incomunicabilidade que existe entre eles. Dobrizhoffer faz as perguntas como quem só aceitaria uma resposta, aquela que confirmasse o que ele próprio pensa. Quer uma reiteração e não um intercâmbio verdadeiro. Mas Ychoalay não se deixa enredar. Oferece uma resposta que Dobrizhoffer não é capaz de decifrar e, provavelmente, nós também não. Na incongruência dada pelo choque da diferença cultural, nenhum sentido se revela completamente.

Por que Ychoalay e seus ancestrais se concentram na terra e não se perguntam sobre quem governa os céus? Ou melhor: que modo de vida é esse que dá forma a uma mentalidade que se absorve apenas no presente e nas coisas que parecem ser mais importantes, como o que a natureza oferece? E mais: Ychoalay estaria respondendo com sinceridade ao homem branco ou omitiria dele elementos valiosos de sua crença? São essas algumas das

perguntas possíveis diante da resposta do cacique, e, de fato, são questões que parecem interrogar mais a nós mesmos e ao nosso modo de viver do que àquele dos indígenas.

No terceiro trecho selecionado, Dobrizhoffer manifesta a sua indignação pelo fato de os Abipones, mesmo já familiarizados com o conceito de Deus, não abdicarem totalmente de suas crenças anteriores. Classifica o espírito que eles cultuam como “mau”, mas, para os indígenas, essa parece ser uma entidade que presenteia os humanos com o que desejam. De qualquer forma, a surpresa não está tanto no desinteresse dos Abipones pelos bens materiais que os europeus cobiçam, mas no fato de se sentirem irmanados aos brancos que os oprimem – afinal, pensam compartilhar com eles o mesmo ancestral. E, ademais, não invejam o destino dos conquistadores, ao contrário, percebem-se como mais valorosos, sem desejar imitar seu comportamento ganancioso.

Dobrizhoffer profere alguns ataques à inteligência dos Abipones. Mas considerar que os indígenas são capazes de realizar todos os tipos de artes e ofícios em plena América setecentista não é pouca coisa. O pensamento de que eles seriam capazes de aprender o que se lhes ensinasse pode indicar, naquelas circunstâncias, que ele não os enxerga como tão obtusos assim. O fato é que, mesmo marcado por contradições e ambiguidades, assim como outros cronistas coloniais, Dobrizhoffer foi capaz de produzir uma obra que se revelou de fundamental importância para estudos científicos posteriores.

A partir do século 19, a etnografia ganharia cada vez mais relevância, passando a se consolidar como disciplina científica num contexto de mudanças geopolíticas. A expansão colonial europeia atingia um novo ápice, em que Inglaterra e França se consolidavam como as principais potências. O interesse pelos povos originários das Américas, África e Ásia aumentava conforme também se alargavam as fronteiras dos impérios coloniais. No contexto brasileiro, mais expedições passavam a ser enviadas às regiões ainda pouco exploradas, a maior parte delas ocupada por povos indígenas.

Os viajantes, muitas vezes custeados pelos próprios governos, buscavam não apenas registrar suas impressões gerais a respeito dos territórios e povos

visitados, mas também aspectos minuciosos de suas culturas, línguas, religiões, mitologias. Tal movimento recebeu a influência dos paradigmas positivistas, o que levou os cientistas a classificar a diversidade humana segundo modelos comparativos. Argumentos científicos sustentaram as hierarquizações entre grupos populacionais, que, em última instância, serviam para legitimar a dominação política e a exploração econômica.

Nesse cenário, insere-se *O selvagem* de José Vieira Couto de Magalhães, publicado em 1876, num momento em que o Império brasileiro procurava consolidar fronteiras e integrar o interior à unidade nacional. Militar de carreira, Magalhães foi presidente de três das províncias mais visadas nesse processo de integração: Goiás, Mato Grosso e Pará. Também participou de diversas missões na região da bacia amazônica e no Paraguai. Em todos esses lugares, teve contato com muitas populações indígenas e chegou a atingir a fluência na língua tupi.

Em seu livro, Magalhães busca sistematizar os conhecimentos que adquiriu, de acordo com dois paradigmas: o registro científico dos aspectos sociais, linguísticos e mitológicos dos indígenas e a defesa de um ponto de vista assimilacionista sobre eles. Tais propósitos percorrem as duas partes da obra: “Curso de língua tupi ou *nheengatu*”, que apresenta um estudo dessa que ainda era uma língua amplamente falada na Amazônia e em partes do Centro-Oeste; e “Origens, costumes, região selvagem”, que traz dados etnográficos e históricos a respeito de sociedades indígenas do Brasil.

Domesticar os selvagens ou fazer com que eles nos entendam, o que é a mesma coisa, equivale a fazermos a conquista pacífica de um território quase do tamanho da Europa e mais rico do que ela. Só essa conquista vale milhões; feita ela, porém, não conseguiríamos somente a posse real da maior parte do território do império; conseguiríamos também um milhão de braços aclimados, e os únicos que se prestam às indústrias, que por muitos anos serão as únicas possíveis no interior – as extrativas e as pastoris (p. VIII, grafia atualizada).

Como eu houvesse empregado quase todo o ano de 1873 em estudar a forma amazônica da língua tupi, com a qual consegui familiarizar-me,

achei-me preparado com o principal e mais indispensável instrumento para observação de mitos que, entendendo como aquilo que cada povo tem de mais íntimo, escapam quase completamente à observação dos viajantes, enquanto não puderem falar a língua do selvagem. Pude assim conseguir parte da preciosa mitologia zoológica da família tupi. Confrontando depois essas lendas com outras que eu ouvira em Mato Grosso, como direi adiante, firmei o juízo de que elas eram comuns à família tupi-guarani, e além de conter um código de moral, são preciosos documentos para investigar-se o que é que constituía o fundo geral do pensamento humano, quando o homem atravessava o período da idade de pedra.

O que venho, pois, trazer ao conhecimento desta associação, são curiosas páginas de uma literatura que daqui a alguns anos terá desaparecido, porque ela não se conserva em monumentos escritos, e sim na tradição dessa pobre raça aborígene, que, pela inflexível lei da seleção natural, há de estar dentro em alguns anos perdida e confundida dentro da nacionalidade brasileira (p. 146, grafia atualizada).

A coleção das lendas do jabuti, que não sei ainda se é completa, compõe-se de dez pequenos episódios. Todos eles foram imaginados com o fim de fazer entrar no pensamento do selvagem a crença na supremacia da inteligência sobre a força física. [...]

O que principalmente distingue um povo bárbaro é a crença de que a força física vale mais do que a força intelectual (p. 155-157, grafia atualizada).

Iautí mirí oçóãna ocicári i anãma
Jabuti pequeno foi procurar seus parentes,

itá (eta), oiúíúanti çuaçú irúmo. Çuaçú
encontrou-seveado com. O veado

opuranú ixupé: – Mahá keté tahá reçó?
perguntou a ele: – Onde para que tu vais? (p. 185, grafia atualizada).

(Magalhães, José V. Couto de. *O selvagem*. Rio de Janeiro: Tipografia da Reforma, 1876)

O vocabulário empregado por Magalhães não deixa dúvidas de que ele via os indígenas a partir da ótica do evolucionismo social, segundo o qual seria possível organizar as diversas sociedades humanas numa pirâmide evolutiva. Enquanto no topo estariam as sociedades ocidentais, brancas e cristãs, na base, estariam os não-ocidentais, sobretudo os indígenas das Américas e os negros africanos. Nesse momento, o conceito de “civilização” aplicava-se principalmente às nações europeias e às populações que descendiam delas. Os outros grupos humanos eram entendidos como incivilizados, primitivos, selvagens.

Embora não pregue a guerra contra os indígenas, Magalhães defende que seria necessário “domesticá-los”, ou seja, submetê-los a um processo de disciplinamento cultural sistemático, que resultaria no abandono de seus traços culturais de origem e na adoção dos valores impostos pelos brancos. Dessa forma, a “conquista pacífica” a que se refere corresponde a um ato de subjugação simbólica, tendo como meta a transformação desses sujeitos em mão de obra viável para os setores aos quais eles estariam, segundo a sua visão, mais adaptados, ou seja, as atividades braçais ligadas à extração de recursos naturais e à pecuária. Essa é a assimilação proposta.

Paralelamente a essas ideias, Magalhães empreende o esforço de criar um método para o aprendizado do tupi, fundamental, segundo ele, para a comunicação com os indígenas. Ele entendia que o conhecimento da língua também se fazia necessário para o acesso às mitologias indígenas, que trariam o que esses grupos tinham de “mais íntimo”. Tais colocações se alinham à abordagem etnográfica do período, que compreendia a língua como um fator indispensável para a investigação dos modos de pensar de um povo. Ao mesmo tempo, a sua é uma argumentação marcada por noções evolucionistas, pois acreditava que os indígenas estariam fadados ao desaparecimento em virtude da “lei inflexível da seleção natural”.

A partir do estudo de lendas em torno da figura do jabuti, oriundas da região amazônica, Magalhães discute o possível conteúdo moral que haveria nelas. De episódio em episódio, existiria ali o mesmo argumento: não sendo o animal mais forte nem o mais rápido, o jabuti só teria uma maneira de sobrepujar os demais: por meio da astúcia. Então, o ensinamento envolveria

a defesa da inteligência em detrimento da força. Não deixa de ser uma constatação coerente, considerando-se o conjunto de narrativas em questão. Porém, Magalhães parece acreditar que essa seria uma lição importante apenas para as sociedades indígenas, por supostamente se apoiarem na brutalidade. Mas, havendo lendas semelhantes no folclore de muitas nações ocidentais, não seria válida, para elas também, a mesma lição?

Como tem o propósito de ensinar o tupi, além de analisar os mitos indígenas, Magalhães realiza o registro dessas narrativas de forma bilíngue. Seu método baseia-se na tradução de palavra por palavra, o que pode gerar algumas construções pouco usuais no português. Tal escolha parte do objetivo de enfatizar a estrutura do idioma indígena, ainda que à custa da naturalidade na língua portuguesa. Dessa forma, tem-se acesso não apenas ao conteúdo dos mitos, mas também à sintaxe que os sustenta, o que torna a obra de Magalhães um trabalho pioneiro na área.

Outro importante precursor seria Karl von den Steinen, etnólogo alemão que liderou uma expedição pelo Rio Xingu em 1884, tendo registrado suas descobertas no livro *O Brasil Central*. Se Magalhães, bastante influenciado pelas noções evolucionistas, registra os mitos tupis como produções de uma cultura prestes a se extinguir, Steinen já os apresenta de acordo com uma sistematização etnográfica maior, embora ainda atravessada por concepções eurocêntricas.

Imagine-se: — Imperador, o deus do sol dos índios. Costuma-se designar, também, o Imperador por Keri e Chichi. O seu irmão chama-se Came e também Nuna. Chichi é o sol, Nuna a lua. Keri e Came são apenas dois outros nomes para ambos esses planetas em muitas tribos Guck, enquanto, pelo contrário, Keri designa lua e Came o sol.

Keri e Came são os filhos de “Utoto”, isto é, da onça pintada e de Atanumagale. O pai de Utoto é desconhecido, mas a sua mãe chama-se Mero, cujos pais também são desconhecidos. Quanto aos progenitores de Atanumagale só se conhece o nome paterno que é Camuchini. A palavra Camuchini parece conter Camu como radical, lembrando tamoussi, o “velho dos céus” em galibí. Ele, mais velho, também, que Mero (que é a mãe

do seu genro) é o mais antigo de todos e, conforme diz Caetano, é o Adão!

Ao lado do reino da luz, onde figuram o céu, o sol, a lua e a onça pintada, existem os representantes das trevas. Assim, existe Semino, o morcego, e sua esposa, Evaki, a respeito de cujos pais nada se sabe. Evaki, segundo o que nos ensina Caetano, é Eva! Vê-se que os piedosos padres não deixaram escapar nada. [...]

Os homens foram criados por Keri, o Imperador, que os tirou das plantas. “Rezou” (sic) para a “uva”, a madeira das flechas, e apareceram os bacairis e os cajibis. Os coroaís foram criados por meio da “tacoara” (espécie de bambu), os negros do “penacholo”, uma madeira preta, os antepassados dos portugueses do “pirecetó”, uma árvore que dá no campo cerrado. O Imperador criou a mata, o pasto, o cavalo, o gado vacum, depois rezou pelas térmitas e – bonito, hein? – apareceram as pedras (p. 334-335, grafia atualizada).

Quando os nossos remotos antepassados se dividiram em muitos ramos, seja na Rússia, seja em outra parte qualquer, impregnados, entretanto, de um traço geral comum, verificado tanto no exame que se faz dos vedas, como de Homero, de Ossian ou de Werther, possuíam, então, uma linguagem a mais refinada possível. O indo-germano viu-se na posse de esplêndidos conhecimentos ao seguir a sua sorte pelo mundo. Ao contrário disso, o caçador ou pescador aborígene, qual jovem indigente e abandonado, que não sabia contar até três, caminhou através das matas e campinas, onde além dos cuidados que o afligiam para manter a própria vida, só o indivíduo excepcionalmente forte, feliz e talentoso conseguia obter novos conhecimentos por si mesmo ou através dos outros (p. 339-340, grafia atualizada).

(Steinen, Karl von den. *O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingú*. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942)

Na parte inicial, Steinen compila uma narrativa da cosmogonia dos Bakairi, um dos povos que, na época, viviam às margens do Xingu. Nela, o sol e a lua são personificados como Keri e Came. Traça-se a genealogia

desses dois irmãos, mas ela é um tanto incompleta. Sabe-se, contudo, que o avô paterno da dupla é o ente mais velho, tão idoso que é identificado como o próprio Adão, o homem primordial do *Gênesis* bíblico. E, nesse momento, talvez seja importante examinar como o alemão teve acesso a esses elementos narrativos.

O texto de Steinen parece atuar como um palimpsesto, com uma história dentro da outra. Há a compilação dessa narrativa cosmogônica, mas, simultaneamente, está sendo narrada a interação entre ele e seu informante nativo, Caetano. Sobre esse último, em outro momento, afirma-se o seguinte: “Caetano era filho de pai e mãe bacairis, devendo haver mistura de sangue brasileiro nos antepassados dos mesmos” (Steinen, 1942, p. 146). De todos os indígenas que acompanhavam a expedição, Caetano ainda era quem melhor falava o português, segundo Steinen.

Quem conta ao etnólogo o mito de Keri e Came (e outros mais) é o próprio Caetano. O que surge registrado, no entanto, não parece ser um único diálogo, mas narrações sucessivas que devem ter se dado ao longo do tempo. Forma-se uma espécie de mosaico narrativo, em que certos fragmentos se sobrepõem aos outros, não seguindo, necessariamente, uma sequência lógica ou cronológica. E essa estrutura mais solta parece espelhar uma situação de oralidade, em que a memória pode conectar um assunto a outro de formas nem sempre apreensíveis pela razão.

Chama a atenção, logo de início, a inserção de elementos não-indígenas nas narrativas de Caetano. O “Imperador” é uma referência clara a D. Pedro II, que ainda ocupava o trono do Brasil. Nesse caso, há uma intrigante equiparação entre poder político e poder divino, uma vez que é o Imperador quem cria os seres humanos nessa narrativa. Paralelamente, são incorporados ao mito personagens da tradição cristã, como Adão e Eva, assimilados a partir do processo de catequização.

Além de ressaltar, como vimos, o “sangue misturado” de Caetano, Steinen também declara que seu informante proclama voluntariamente tal espécie de sincretismo. Podemos entender o contador de histórias Bakairi como uma figura híbrida ou miscigenada que ocupa o entrelugar entre a cultura indígena e a dos homens brancos, para os quais, nesse episódio,

atua como mediador. Nesse sentido, ele não deve ser visto como mero transmissor de conteúdos mitológicos, mas como um sujeito de fronteira, que negocia significados entre culturas e línguas distintas.

Essas questões evidenciam o caráter vivo dos mitos, contrariando muito do senso comum, que costuma considerá-los narrativas imutáveis, fossilizadas. Caetano está narrando o passado de sua comunidade, seus mitos fundacionais, mas o está fazendo a partir de um ponto de vista situado no (seu) presente, transformando a tradição com motivos retirados da vida cotidiana.

O modo que Steinen escolhe para registrar essa história também permite novas possibilidades de leitura. Além de emaranhar na narrativa mítica alguns diálogos entre ele e seu informante, também abre espaço para o humor ou ironia, por exemplo, em “Vê-se que os piedosos padres não deixaram escapar nada”, uma referência jocosa aos jesuítas, que aproveitavam elementos das culturas locais para melhor incutir, nos indígenas, os conceitos cristãos.

Apesar de retratar a concepção de mundo dos Bakairi de forma bem mais complexa do que autores anteriores, Steinen ainda manifesta algumas ideias reducionistas. Considera as línguas indo-europeias construções refinadas, com as quais seria possível alcançar todos os tipos de conhecimento, inclusive os mais abstratos, ao passo que as línguas “aborígenes” dariam conta apenas dos elementos da vida concreta, essenciais para a sobrevivência nas selvas, e nada mais.

Não é difícil perceber que, por trás dessa hipótese, esconde-se a noção de que as culturas, sociedades e línguas europeias seriam superiores às demais, o que, em tese, serviria para justificar a dominação sobre elas. Assim como a maioria dos cientistas do século 19, Steinen ainda lia a diferença cultural como inferioridade e não simplesmente como *diferença*. O próximo passo dos estudos etnográficos, rumo a uma visão menos preconcebida, seria dado no século seguinte.

Século 20 até 1970: terra sem mal e terra demarcada

No contexto brasileiro, o início do século 20 foi marcado pelo desencadeamento da industrialização e da urbanização nos maiores centros. Contudo, o país continuava a ser basicamente agrário, com grande parte de sua economia dependendo da exportação de produtos agrícolas e matérias primas. Mato Grosso ainda experimentava o isolamento geográfico em virtude da ausência de ferrovias e rodovias modernas, e sua política interna caracterizava-se pelo coronelismo. Ao mesmo tempo, crescia a pressão para a assimilação das nações indígenas à sociedade nacional, com as consequentes tentativas de incorporar seus territórios ao Estado ou a interesses privados. Alguns ocidentais, no entanto, mantinham outros posicionamentos.

Em 1904, o alemão, depois naturalizado brasileiro, Curt Unkel Nimuendajú começava a primeira das trinta e oito expedições que realizou, ao longo de sua vida, ao interior do Brasil, incluindo a região de Mato Grosso. Sendo um estudioso autodidata das questões relativas aos povos originários, Nimuendajú foi capaz de publicar diversas obras que logo se tornaram referências nas áreas da etnografia e da antropologia.

Em *As lendas da criação e da destruição do mundo* (1914), por exemplo, ele rompe com o olhar reducionista, característico das fases anteriores, ao valorizar a cosmopercepção indígena em seus próprios termos. Tem o cuidado de registrar os mitos guaranis primeiro na língua original e, em seguida, em alemão – o livro só seria traduzido para o português bem mais tarde. E, em sua análise, ressalta as narrativas indígenas como matrizes religiosas e filosóficas. Nesse sentido, sua argumentação contrasta com a visão hierarquizante de Steinen e outros, consolidando uma perspectiva etnográfica mais preparada para reconhecer a autonomia cultural dos povos autóctones.

Para que eu, porém, mesmo inconscientemente, não introduzisse meu próprio estilo e minhas opiniões pessoais nos textos originais, fiz com que pessoas competentes me ditassem as lendas. A estas narrativas não acrescentei nem diminuí uma só palavra, se bem que às vezes isto pudesse ter sido necessário, mesmo segundo a opinião dos índios. Assim, estes

textos são um testemunho, não de como os Guaraní deveriam falar, ou talvez pudessem falar, mas como de fato o fizeram a mim.

Meus informantes foram três bons amigos da horda dos Apapocúva, à qual eu também pertencço: Guyrapaijú, velho e conservador; Tupãjú, muito viajado; e principalmente Joguyrovyjú, o místico religioso. No sul de Mato Grosso, na margem do ribeirão Santa Bárbara, que desemboca na margem esquerda do Ivinhema, começamos em junho de 1913 nosso trabalho conjunto (p. 4).

Apapocúva (homens dos arcos compridos) também é uma alcunha de horda, neste sentido. Não é conhecida nem por brasileiros nem por paraguaios. Como eu, porém, não sei de outro nome que distinga dentre todos os Guaraní a horda de que pretendo tratar especificamente, seja-me permitido usar doravante este nome.

O habitat original dos Apapocúva situa-se na margem direita do baixo Iguatemi, no extremo sul do Estado de Mato Grosso. Não há tradição que afirme ter a horda estado submetida como as outras ao domínio dos jesuítas, nos séculos XVII e XVIII. Isto pode, contudo, ser considerado possível, devido à vizinhança imediata da sua região com as missões de Ontiveros e Guairá, assim como devido a alguns indícios quase apagados de um contato muito remoto com o cristianismo. [...]

No princípio do século XIX começou entre as tribos Guaraní daquela região um movimento religioso que até hoje ainda não está completamente extinto.

Pajés, inspirados por visões e sonhos, constituíram-se em profetas do fim iminente do mundo; juntaram à sua volta adeptos em maior ou menor número, e partiram em meio a danças rituais e cantos mágicos, em busca da “Terra sem Mal”; alguns a julgavam situada, conforme a tradição, no centro da terra, mas a maioria a punha no leste, além do mar (p. 8-9).

A estúpida presunção religiosa destes cristãos chega a tal ponto, que só reconhecem como seres humanos seus correligionários, considerando o assassinato de um índio pagão tão pouco criminoso quanto a matança de um animal (p. 27).

I. Nanderuvuçu veio só, em meio às trevas ele se descobriu sozinho. Os Morcegos Eternos lutavam entre si em meio às trevas. Nanderuvuçu tinha o sol no seu peito. E ele trouxe a eterna cruz de madeira; colocou-a na direção do leste, pisou nela e começou (a fazer) a terra. Hoje a eterna cruz de madeira permanece como escora da terra. Quando ele retira a escora da terra, a terra cai (p. 143).

I. Nanderuvuçu veio à terra e falou a Guyraypoty: “Procurem dançar, a terra quer piorar!” Eles dançaram durante três anos, quando ouviram o trovão da destruição. A terra desabava constantemente, a terra desabava pelo oeste. E Guyraypoty disse a seus filhos: “Vamos! O trovão da destruição causa temor”.

II. E eles caminharam, caminharam para o leste, para a beira do mar (p. 155).

(Nimuendajú, Curt U. *As lendas da criação e da destruição do mundo: como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. Trad. Charlotte Emmerich e Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo: Editora Hucitec; EDUSP, 1987)

CONVENÇÃO PARA A GRAFIA DAS ETNIAS

A partir de 1953, passou a vigorar uma convenção para a grafia dos nomes de etnias indígenas nos meios acadêmicos. Essa padronização foi resultado da 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Museu Nacional, no Rio de Janeiro. De acordo com ela, tais nomes deveriam ser grafados com letra inicial maiúscula e sempre no singular.

Neste capítulo, optamos por seguir essa convenção no que se refere às denominações dos grupos, ou seja, quando se trata de substantivos. Nos casos em que a palavra tem a função de adjetivo, decidimos escrevê-la com letra minúscula e, se necessário, no plural, a menos que esteja acompanhada de substantivo que faça referência a humanos (mulher, homem, criança, jovem etc.).

Inicialmente, pode-se traçar uma comparação entre os métodos de Nimuendajú e Steinen no que se refere à relação de ambos com seus informantes nativos. Dependendo exclusivamente de intérpretes bilíngues, como Caetano, Steinen não registrou as narrativas indígenas na língua original. Também parecia enxergar os autóctones apenas como *objetos de estudo*, exemplos ilustrativos de estágios anteriores ou *inferiores* da humanidade, sem assimilar realmente a complexidade de suas culturas.

Nimuendajú, por outro lado, viveu longos períodos com os Guarani, sendo, de fato, adotado pelo povo Apapocúva, de quem recebeu a denominação que passou a usar como sobrenome. Tal proximidade fazia com que os indígenas lhe transmitissem suas tradições numa relação de confiança, o que ia além da mera observação. Também tomava seus informantes como amigos ou parentes e valorizava seus conhecimentos e experiência. Dessa forma, foi capaz de estabelecer novos critérios para os estudos etnográficos: a imersão nas comunidades estudadas, o tratamento dos informantes como colaboradores ativos e a interpretação dos mitos como sistemas filosóficos.

Para se referir à ramificação dos Guarani em que se concentram os seus estudos, Nimuendajú utiliza o nome que o próprio grupo emprega, Apapocúva, na época ainda desconhecido de estudiosos brasileiros e paraguaios. Informa que essa coletividade habitava originalmente a região sul de Mato Grosso – considerando-se a conformação do estado anterior à sua divisão em 1977 (atualmente, essa área pertence a Mato Grosso do Sul). Declara também que, ao contrário de outros grupamentos guaranis, os Apapocúva tiveram menos contato com os jesuítas, resultando numa cristianização não tão acentuada.

Uma parte essencial do trabalho de Nimuendajú, nessa obra, é a investigação do movimento religioso que passa a tomar forma, entre os Guarani, a partir do início do século 19. Nesse período, alguns pajés reúnem grupos de seguidores e empreendem uma série de deslocamentos pelo território brasileiro, a maior parte deles rumo ao litoral. Imbuídos de uma visão fatalista, que envolvia a crença de que o fim do mundo se aproximava, esses líderes religiosos buscavam atingir o que chamavam de *Terra sem mal*, uma espécie de paraíso indígena que estaria localizado além do mar.

Em seu livro, Nimuendajú discorre sobre vários desses deslocamentos, o que nos dá a medida de como a maioria de nós desconhece a história dos grupos indígenas, que não deve ser entendida como mero reflexo da história nacional. Em seu relato, ele demonstra que muitos desses migrantes sucumbiram pela doença, violência ou exploração praticada pelos não-indígenas. Nesse sentido, chama a atenção a defesa irrestrita que faz do ponto de vista dos autóctones, criticando e ironizando os “cristãos” pelo modo cruel com que os tratavam.

O ensaio de Nimuendajú ainda apresenta compilações de mitos do povo Apapocúva, primeiro registrando-as, como dissemos, na língua original e depois em alemão (traduzido, na versão utilizada, para o português). Essas lendas abrangeriam as histórias de criação e destruição do mundo. No primeiro trecho, por exemplo, a divindade criadora Nanderuvuçu, portadora de luz própria, descobre-se sozinha na escuridão. No entanto, parece se tratar de uma solidão relativa, pois também há a menção aos Morcegos Eternos, que lutariam entre si em meio às trevas. Então, a cosmogonia guarani não começaria num vazio absoluto, como na tradição judaico-cristã, mas num espaço mais dinâmico, marcado pelo conflito entre forças da luz/criação e das trevas/destruição.

A cruz de madeira usada por Nanderuvuçu na criação da terra provavelmente é um símbolo oriundo do contato com a religião cristã. Mas, nesse mito, tal objeto sagrado se reveste de outra função: escorar a terra. A observação de que a retirada da escora pode provocar o colapso do mundo envolve a noção de que existe um equilíbrio precário no cosmos. Isso pode justificar a forte presença, entre os Guarani, de narrativas sobre a destruição do mundo, como ocorre no segundo trecho.

Nele, Nanderuvuçu diz a Guyraypoty (a terra) que o fim do mundo está próximo, restando aos humanos apenas a alternativa de dançar. Na narrativa, a dança parece surgir como uma prática ritual, talvez para retardar ou amenizar a destruição, já que ela é inevitável. De qualquer forma, o que se segue são eventos sucessivos de destruição, acarretando múltiplos deslocamentos, principalmente rumo ao leste, em busca *Terra sem mal*.

Várias obras da extensa bibliografia de Nimuendajú tratam da mitologia indígena da Região Centro-Oeste, e suas descobertas encontrariam eco em trabalhos de autores posteriores. Em *Xingu, os índios, seus mitos* (1970), por exemplo, os irmãos Orlando e Cláudio Villas-Bôas apresentam um aprofundado estudo a respeito dos povos que vivem no Parque Indígena do Xingu.

O Xingu, banhado pelo rio de mesmo nome, localiza-se na região nordeste de Mato Grosso, abrangendo partes de municípios como Canarana, Paranatinga, São Félix do Araguaia e São José do Xingu. Também atravessa vários ecossistemas, interligando áreas de cerrado, campos, várzeas e florestas. Nele, residem atualmente dezesseis etnias: os Aweti, Ikpeng, Kaiabi, Kalapalo, Kamaiurá, Kĩsêdjê, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Wauja, Tapayuna, Trumai, Yudja e Yawalapiti. Além desses grupos, mais populações originárias ocuparam a região no passado, tendo se deslocado para outros territórios ou se extinguido.

Os Villas-Bôas passaram a ser conhecidos como sertanistas a partir da década de 1940, quando participaram da Expedição Roncador-Xingu, que integrava a Marcha para o Oeste, iniciativa do governo Getúlio Vargas para ocupar o interior do país. Ao contrário de outros agentes estatais, eles mantiveram uma postura respeitosa em relação aos povos indígenas, defendendo a integridade de seus territórios e culturas. Na década de 1960, mobilizaram vários setores da sociedade em torno da demarcação das terras desse grande parque. O Xingu foi a primeira terra indígena demarcada no Brasil em 1961, servindo de referência para a preservação dos modos de vida tradicionais.

O livro foi publicado alguns anos depois da demarcação, em meio à ditadura militar (1964-1985), como uma tentativa de se contrapor aos projetos desenvolvimentistas que ameaçavam mais uma vez as terras das populações originárias. Está dividido em duas partes: 1) “Os índios”, que trata do processo histórico de fixação dos povos indígenas no Xingu, além da discussão de suas características culturais e sociais; e 2) “Seus mitos”, que reúne trinta e uma narrativas míticas desses povos, compiladas a partir da colaboração de informantes.

Vê-se [...] que as tribos amigas do Alto-Xingu formam uma legítima “sociedade de nações”, relativamente mais perfeita do que a sua antiga congênere civilizada. É que, ao contrário daquela, na sociedade xinguana não há preponderância dos mais fortes, sem superalianças controladoras, nem submissão dos mais fracos. Há um perfeito equilíbrio e respeito entre seus coparticipantes, sem que o potencial humano e a capacidade produtiva de cada grupo sejam levados em conta. Vivem todos sob um regime de mútua e benéfica dependência (p. 20).

A maioria das histórias registradas, não fugindo à regra geral dos mitos, encerra uma interpretação do mundo através de uma maneira peculiar de explicar a natureza e a origem das coisas, como: a conquista do dia; a obtenção do fogo; a formação dos rios; as características marcantes de determinados animais; ou, então, as práticas mágicas e o cerimonial religioso.

Assim, as histórias em geral, através dos feitos, exemplos e sentenças dos seus heróis, não só revelam uma maneira de conceber o mundo, como também explicam e fundamentam os principais traços espirituais, morais e materiais da cultura em apreço – ou seja, a da comunidade de tribos que há séculos habita as nascentes do Xingu. [...]

Procuramos fazer as transcrições numa linguagem corrente, para mais claramente traduzir o pensamento dos índios, sem nada acrescentar como dedução ou conclusão das suas ideias. O incompreensível ou nebuloso às vezes é da própria história que se desenrola entre o real e o irreal.

Finalizando, queremos ainda dizer que uma das coisas mais difíceis na obtenção de dados desta natureza é encontrar o melhor informante. Aquele que fala bem a nossa língua e que mais prontamente se oferece para narrar histórias, ou prestar informações, é exatamente o menos indicado para isso. Os verdadeiros informantes não se oferecem, não falam outra língua a não ser a sua própria e até se retraem, quando solicitados. Além disso, o número dos verdadeiros detentores da cultura espiritual nunca vai além de dois em cada aldeia (p. 50-51).

No começo só havia Mavutsinim. Ninguém vivia com ele. Não tinha mulher. Não tinha filho, nenhum parente ele tinha. Era só.

Um dia ele fez uma concha virar mulher e casou com ela. Quando o filho nasceu, perguntou para a esposa:

— É homem ou mulher?

— É homem.

— Vou levar comigo.

E foi embora. A mãe do menino chorou e voltou para a aldeia dela, a lagoa, onde virou concha outra vez.

— Nós – dizem os índios – somos netos do filho de Mavutsinim (p. 55).

(Villas-Bôas, Orlando; Villas-Bôas, Cláudio. *Xingu, os índios, seus mitos*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979)

No primeiro trecho, os autores expressam uma visão idealizada do Xingu. Classificam-no como uma “sociedade de nações” perfeitamente equilibrada. Afirmam que ali não existiria a imposição dos mais fortes nem a subjugação dos mais fracos. Ainda que as sociedades indígenas tradicionais possam experimentar modos de vida mais igualitários do que aqueles do sistema capitalista, com o uso comunitário da terra, por exemplo, é muito difícil acreditar que não exista, entre elas, nenhum tipo de assimetria de poder, simplesmente porque são sociedades humanas. Contudo, não devemos tomar isso como ingenuidade dos Villas-Bôas. Na verdade, a representação utópica dos povos xinguanos tem provavelmente o objetivo de sensibilizar o público leitor ocidental, aproximando-o da causa de defesa do parque.

Essa parece ser, inclusive, a principal diferença entre o ensaio deles e o de Nimuendajú, que apresenta uma leitura mais sistemática e científica. A análise oferecida pelos Villas-Bôas, por sua vez, parte do propósito político de valorizar as culturas indígenas do Xingu para fazer frente a um governo (e, em grande medida, a uma sociedade) que as via como obstáculos ao crescimento da nação. Nesse sentido, a exaltação que fazem de sua suposta perfeição social funciona como um contradiscurso às perspectivas etnocêntricas e racistas que as consideravam inferiores às culturas ocidentais.

No trecho seguinte, os sertanistas explicitam o seu modo de entender as mitologias indígenas como fundamentos que embasam os traços espirituais, morais e materiais desses povos. Ressaltam o caráter explicativo dos mitos, apresentando-os como construções criativas que auxiliam os seres humanos a interpretar o mundo em que vivem. Também fazem questão de declarar que não inseriram contribuições próprias aos conteúdos aos quais tiveram acesso e que reproduzem no livro. No entanto, sabemos que a objetividade ou neutralidade é sempre relativa, pois o próprio processo de verter essas produções orais para a linguagem escrita implica transformações significativas, sem mencionar a sua tradução para a língua portuguesa.

Em relação à escolha de informantes, eles partem de pressupostos diferentes dos de Steinen, por exemplo. Enquanto o alemão buscava os intérpretes que melhor falassem o português, os Villas-Bôas procuravam aqueles que estivessem mais distanciados da língua e da cultura dos não-indígenas. Isso revela a crença de que alguns relatos seriam mais autênticos ou essenciais do que outros. Chama a atenção ainda a menção ao número reduzido de “verdadeiros detentores da cultura espiritual”, o que pode indicar tanto a noção da urgência do registro quanto a preocupação de que essas culturas estivessem em vias de desaparecer.

O mito kamaiurá expresso no último trecho apresenta semelhanças em relação àquele compilado por Nimuendajú. Assim como Nanderuvucú, a entidade criadora Mavutsinim encontra-se sozinha no início de tudo. De um elemento da natureza, cria um ser humano, a mulher com quem irá ter filhos. A escolha de tal objeto não parece aleatória, pois, similarmente às conchas, as mulheres também apresentam cavidades interiores em seus corpos. Enquanto esses moluscos transformam partículas estranhas em pérolas, as mulheres geram as crianças em seus úteros a partir do sêmen dos homens.

A narrativa ainda se refere a um momento de ruptura, em que os filhos são separados da mãe pelo pai, que os leva consigo. A mãe retorna, então, ao seu estado de concha, pertencente às águas da lagoa. Da interrupção da ordem inicial, marcada pela harmonia entre o divino e o natural, surgem os humanos que povoam a terra. E os Kamaiurá ressaltam a sua linhagem

sagrada como descendentes diretos da divindade. Não apenas isso, mas também enfatizam a sua conexão com a natureza, a matriz primordial de tudo o que existe.

Além dos mitos de origem do mundo, as narrativas registradas pelos Villas-Bôas revelam padrões semelhantes àqueles identificados por Nimuendajú em muitas de suas obras científicas, como as explicações em torno da origem do fogo, da noite, da agricultura, dos ritos de passagem, do surgimento dos heróis ou deuses gêmeos, entre outras. Os tratados etnológicos e antropológicos foram importantes também como vias de divulgação das mitologias dos povos originários, permitindo que elas adentrassem o sistema dos textos escritos. Desses estudos, porém, a travessia das narrativas orais dos indígenas de Mato Grosso para as páginas impressas dos livros experimentaria uma nova fase a partir do final do século 20.

Décadas de 1970 e 1980: presente eterno e mundos sobrepostos

As décadas de 1970 e 1980 seriam marcadas pela publicação de coletâneas de narrativas indígenas independentes de qualquer estudo etnográfico, antropológico ou sociológico. É o caso, por exemplo, de *Mitos e lendas Karajá (Inã Son Wéra)* (1979), organizado por João Américo Peret, que realizou observações de campo, em meio aos Karajá, entre 1947 e 1962. Esse grupo indígena habita principalmente a região do Médio Araguaia, banhada pelo rio de mesmo nome, que atravessa os estados de Mato Grosso, Tocantins e Pará.

— *Kananciué konre hateboenekre* (o Criador não nasceu), ele sempre existiu! Não sei como, mas ele é a origem das coisas – afirmava o pajé, falando sobre a criação do mundo.

Ele não teve pai, nem mãe, ou qualquer companheiro. Era só e único. Nem sequer tinha corpo como nós, porque certamente era igual a um pensamento bom. Ele não tinha idade, porque naquela época não se contava o tempo.

— *Āuōkōre suu* (Também não havia terra), *āuōkōre byu-e-téke* (nem sequer havia o céu – tenda da chuva). Tudo o que existia era Kananciué; o resto nem chegava a ser uma ideia, era o nada (p. 15).

Antigamente, alguns animais preferiam comer frutas e, nesse caso, tinham suas próprias fruteiras. Mas, quando não estavam por perto, sempre aparecia um intruso para roubá-las.

Foi assim que certa ocasião os *korobi* (macacos) estavam fazendo a maior algazarra, comendo jatobá, que era a fruta exclusiva da *haloé* (onça), quando foram surpreendidos pela *kotuni* (tartaruga).

— Ei, vocês aí em cima! Joguem frutos para mim, senão conto tudo à onça!... – ameaçou a tartaruga.

Os macacos ficaram assustados e, para contemporizar, não discutiram, atiraram-lhe alguns frutos. A tartaruga comeu e gostou:

— Estas frutas são deliciosas, joguem mais!...

Os macacos estavam com preguiça, pois os frutos deram muito trabalho [...]. Então propuseram:

— Suba também, venha comer conosco!... [...]

Os macacos, arditos e trapalhões, bolaram logo um plano:

— Vamos empurrar nossa fama de ladrões sobre a tartaruga?... – propôs um deles. [...]

Então, apressaram-se em ajudar sua próxima vítima a subir na árvore; e depois, saltando rápido, foram avisar a onça [...].

— Desça já daí!... [a onça gritou para a tartaruga]. [...]

— Não posso, não tenho mãos para segurar-me à árvore!... [...]

[A onça] balançou a árvore com tanta força que derrubou a grande e pesada *koituni* bem na sua cabeça. E a onça morreu.

A tartaruga, apesar de ter a carapaça lisa e duríssima, ficou um tanto avariada. Mas, mesmo cambaleando, conseguiu chegar até o lago, e escondeu-se no meio das águas profundas.

Não demorou e as onças encontraram a companheira morta; choraram muito e a enterraram. Depois, pensando em vingança, seguiram as pegadas da tartaruga até o lago e puseram uma tocaia.

Quando as *kotuni* saíam dissimuladamente no meio da noite, para enterrarem os *kotuni-si* (ovos de tartaruga) na areia, para que o sol os chocasse no dia seguinte, eram cercadas e interrogadas, uma a uma:

— Foi você quem matou nossa companheira?...

— Não!... – respondia cada uma que era agarrada.

— Não, eu nem sei do que vocês estão falando!... – respondeu a culpada, disfarçando a voz, trêmula de medo.

— Foi você sim!... – exclamaram as onças, atirando-se sobre ela de unhas e dentes afiados, destroçando-a toda em pedacinhos. [...]

Mas o pajé Indianakatu que estivera assistindo às maquinações dos macacos e que sabia da inocência da vítima, falou:

— Pobre *koituni*! O que fizeram com você [...].

E foi reunindo os pedacinhos da infeliz, colando-os rapidamente (p. 43-45).

(Peret, João A. (org.). *Mitos e lendas Karajá (Inã Son Wéra)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú – Coleção Nicolai, 1979)

Esses dois trechos reúnem, de um lado, o fragmento de uma narrativa de cosmogonia ou criação de mundo e, de outro, a passagem de uma lenda zoomórfica com função moral e social.

No primeiro excerto, Kananciué é concebido como uma entidade criadora incorpórea, “igual a um pensamento bom”. Ou seja, trata-se de uma visão não-antropomórfica e não-zoomórfica da divindade, que aparece associada, assim, ao pensamento e à bondade. A ausência de “pai” e “mãe” indica um estado anterior ao tempo do mundo físico, em que as gerações se sucedem. Isso pode sinalizar a existência de um tempo mítico, marcado por um presente eterno. Tal criação remete àquela registrada por Nimuendajú, em que a entidade criadora dos Apapocúva também se encontrava só em meio às trevas. Porém, naquele caso, tratava-se, conforme vimos, de algo relativo, uma vez que forças antagônicas também estavam em ação no mesmo espaço. O mito karajá, ao contrário, não faz menção a conflitos, pelo menos não nessa versão de Peret.

Já a segunda narrativa é marcada pelo antropomorfismo animal, pois os animais representados agem como humanos. Eles têm, inclusive,

propriedades, que são os pés de frutas. Há algum tipo de convenção ou regulação, de acordo com a qual é proibido consumir os frutos das árvores alheias. Existe também espaço para a transgressão, uma vez que os macacos, por exemplo, aproveitam um momento propício e se apossam dos jatobás que pertencem à onça.

A partir da dinâmica entre interdição e transgressão, o mito encena uma circunstância em que estão dispostas normas de convivência e noções de justiça (ou injustiça) úteis para as sociedades humanas. A tartaruga, a princípio, é enganada pelos macacos, que tentam responsabilizá-la pelas contravenções que eles cometem. Além do delito de usufruir de algo alheio sem permissão, há um problema ético, em que se lança sobre outrem a culpa pelos próprios malfeitos. Enredada pelos macacos, a tartaruga sofre uma segunda injustiça, quando a onça a derruba da árvore.

Porém, a onça é que morre com o impacto. No mito compilado por Peret, a vitória da tartaruga é retratada como meramente acidental, mas num dos episódios reunidos por Magalhães a respeito do jabuti, o réptil cai sobre a cabeça da onça por astúcia, sabendo que o choque com o seu casco duro iria matá-la. No registro de Magalhães, esse seria mais um exemplo de narrativa em que a inteligência triunfa sobre a força. Em Peret, isso é amenizado, não sabemos se por existir uma variação do tema entre os Karajá ou por interferência do organizador da coletânea, que talvez desejasse acentuar a condição de injustiçada da tartaruga.

Também são notáveis, na narrativa, as referências a certas explicações de fatos do mundo natural. Estaria explicado, por exemplo, por que razão as onças atacariam as tartarugas quando elas saem à noite para esconder seus ovos na areia. Ou o motivo de as tartarugas terem o casco “remendado” (algo elucidado no desfecho da história). Isso se relaciona àquela função dos mitos (também mencionada pelos Villas-Bôas), que auxiliam as pessoas a entender o mundo à sua volta, principalmente nos momentos em que as interpretações científicas não estão disponíveis ou não são suficientes.

Boe eno Bakaru (1983) é uma antologia de lendas bororos organizada pelo Padre Gonçalo Uchoa, religioso ligado à Missão Salesiana de Mato Grosso que atuou na educação indígena do estado principalmente nas

décadas de 1970 e 1980. Trata-se de uma obra bilíngue, em que o texto aparece primeiro na língua original, o idioma bororo, e depois em português. As sentenças são numeradas, provavelmente com a finalidade didática de auxiliar na alfabetização dos indígenas dessa etnia.

No passado, os Bororo ocupavam extensos territórios que iam desde a atual Bolívia até as margens do Rio Araguaia e seus afluentes. Hoje em dia, eles possuem algumas reservas demarcadas em Mato Grosso, como as Terras Indígenas de Meruri, Perigara, Sangradouro/Volta Grande e Tadariman, além de outras cuja posse está em disputa judicial.

1. A Cigarra disse que ia medir a resistência do seu desejo de comida com o desejo de comida da Onça.
 2. Que achava que a onça iria sentir desejo da comida antes dela.
 3. Mas a Onça falou que não, que a Cigarra iria sentir desejo de comida antes dela.
 4. E por isso mediram seu desejo de comida entre si.
 5. A Cigarra falou: “Assenta-te aqui, aqui ao pé desta árvore; eu mesma me agarrarei no pé da árvore; olhemo-nos, um ao outro, com honestidade nos olhos.
 6. E por isso a Onça consumiu muita comida e depois foi à procura da Cigarra.
 7. E a Cigarra agarrou-se no pé da árvore. Ela virou a cara para o chão.
 8. Ela fez assentar a Onça ao pé da árvore, e, depois, ficaram acordadas, olhando-se nos olhos uma da outra.
 9. Elas olharam-se nos olhos uma da outra por muito tempo.
 10. E a onça teve muito desejo de comida e estava para desmaiar pelo desejo de comida.
 11. E então disse: “Esta Cigarra é minha”, dando-lhe “ca” uma patada para comê-la.
 12. Mas a sua mão só esteve sobre a carapaça dela [...] (p. 3-5).
-
1. Era o mês em que apareceram os vagalumes.
 2. As crianças gostavam muitíssimo deles.

3. Por isso as crianças estavam na praça da aldeia e corriam atrás dos vagalumes com abanicos porque gostavam deles.
4. Eis que um bope colocou um vagalume em sua frente.
5. Depois foi de um lado para o outro com o vagalume na frente.
6. Então um menino correu até ele e bateu “pá” o abanico no vagalume.
7. Em verdade não era um vagalume: era um bope.
8. Então o bope carregou o menino lá para a mata (p. 27, grafia atualizada).

(Camargo, Pe. Gonzalo Ochoa (org.). *Boe eno Bakarú. Lendas Bororo*. Campo Grande: Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso; Gráfica do Colégio Dom Bosco, 1983)

Assim como na coletânea de Peret, a narrativa citada no primeiro trecho baseia-se no antropomorfismo animal. Está presente novamente a ideia de que a inteligência pode mais do que a força, uma vez que o inseto acaba enganando o felino e se safando de suas garras. E a onça se dá mal justamente pelo orgulho excessivo, por não querer perder para a cigarra numa competição tola, o que também pode ser visto como um ensinamento de ordem moral. Além disso, o mito ainda explica o fato de as cigarras trocarem, de tempos em tempos, de exoesqueleto, deixando as antigas carapaças para trás.

No segundo trecho, aparece uma história de advertência, que também é uma das formas dadas às lendas e mitos. Fascinada pelos vagalumes, uma criança bate com o abanico (abanador) na testa de um *bope*, que é um ser sobrenatural da floresta. A intenção era apenas atingir o inseto que o *bope* tinha colocado sobre a frente, mas o gesto irrita a entidade, que sequestra o menino. Essa história serve, então, de aviso aos adultos a respeito dos perigos de se deixar as crianças sozinhas, principalmente perto das matas.

O mesmo padre Uchoa atuou como coordenador de outra antologia importante, dessa vez reunindo narrativas xavantes: *O meu mundo wahöimanadzé* (1983), que se refere, de fato, a um livro de leitura. Em outras palavras, também se trata de uma obra com fins didáticos, voltada para o letramento de indígenas, tanto na língua xavante (em sua forma escrita) quanto na língua portuguesa. Mais uma vez, o procedimento adotado é o registro bilíngue da narrativa, com destaque maior para a língua original.

A diferença em relação à coletânea anterior é que, dessa vez, a autoria dos textos é atribuída a um Xavante, Rafael Hitsé, com a participação de outros dois membros da mesma etnia, Lucas 'Ruriõ e José Maria Tséénhodi, que contribuíram, respectivamente, com as ilustrações e a revisão do texto. Além disso, houve a cooperação dos anciãos da comunidade, que serviram de fontes para os relatos. Os Xavante são, na atualidade, o grupo indígena mais populoso de Mato Grosso, possuindo doze conjuntos de terras demarcadas no estado, incluindo Marãiwatsédé, Parabubure, Chão Preto, Ubawawe, Marechal Rondon, São Marcos, Pimentel Barbosa, Areões e Sangradouro/Volta Grande (essa última em conjunto com os Bororo).

Antigamente um homem furou a terra. Para os índios o redemoinho é um ser vivo (tem vida). Antigamente um índio viajou [carregado] no meio de um redemoinho. Quando o homem quis descer pelo furo da terra, trançou para si uma corda muito comprida. A corda tinha quatro pontas para poder segurar um caixote. Com isso ele desceu. Logo que ele desceu o inimigo cortou a corda. Ele a cortou enquanto (o índio) estava explorando o lugar. Debaixo do chão existe outra terra muito bonita. Quando o homem descobriu que a corda estava cortada, o lugar para ele não ficou mais bonito, ficou triste. Por isso o redemoinho foi perto dele e lhe ordenou:

“Fique sentado e olhando sempre para o alto.” Ele ficou no meio do redemoinho. Assim o homem se salvou; assim este foi tirado fora do buraco (p. 4).

(Hitsé, Rafael. *O meu mundo wahöimanadzé*. Livro de leitura para jovens Xavante. Campo Grande: Missão Salesiana de Mato Grosso; Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso, 1983)

Em “O redemoinho”, um elemento da natureza recebe mais uma vez características e intencionalidade humana. Além de apresentar a capacidade de falar, o redemoinho pode interferir no destino dos seres humanos, inclusive, salvando-os do perigo de se perder em outro mundo. Nesse ponto, parece relevante discutir como esse mito articula alguns princípios fundamentais da cosmogonia indígena.

O primeiro deles é a concepção da existência de mundos sobrepostos ou justapostos, uma vez que a personagem desce por um buraco na terra e descobre que, abaixo da superfície, existe ainda outra terra, tão ou mais bonita que a que conhecia. A crença na existência de terras subterrâneas é recorrente nos mitos de vários povos indígenas, indicando tanto a possibilidade de contato com outras esferas da realidade quanto o risco envolvido em se afastar muito do mundo dos vivos.

Estabelece-se, em seguida, a ideia da instabilidade ou dificuldade da travessia de um mundo para outro. Isso aparece representado tanto na existência da corda quanto no fato de ela ter sido cortada pelo “inimigo”. A ideia por trás disso parece ser a de que, se não houver mediação na passagem de um mundo para o outro ou se ela acontecer de modo muito abrupto, a pessoa pode ter que enfrentar a angústia ou depressão e, pior ainda, pode não conseguir mais voltar.

Existe ainda a ênfase no poder salvador ou restaurador da natureza, representada, nessa narrativa, pelo próprio redemoinho. A ordem para que o homem permaneça sentado e só olhe para cima parece indicar que, para ser enviado de volta, é necessário manter a tranquilidade para se reconectar com o mundo de origem (o dos vivos, o da vigília, o da consciência) e ter confiança nos fenômenos naturais e na energia que os liga aos seres humanos.

O ensinamento que se pode extrair dessa história envolve o respeito às forças da natureza, juntamente com a noção de que pode ser perigoso se arriscar sozinho, sem proteção ou preparo, na travessia entre mundos. Além disso, também se expressa a explicação mítica para o próprio fenômeno do redemoinho, visto como um facilitador dessa jornada. Ele não seria simplesmente o resultado de uma ventania, mas uma entidade mágica a conectar as diferentes instâncias previstas na concepção de mundo dos Xavante.

Como vimos, as três coletâneas examinadas mantêm modos distintos de registrar as narrativas mitológicas. A obra organizada por Peret apresenta os mitos karajás de forma bastante elaborada. Mais distanciadas da oralidade, as narrativas compiladas por ele parecem ter sido transcritas como contos literários, com uma refinada seleção de palavras e construções sintáticas, além de diálogos longos e cenas bem encadeadas. Nesses detalhes, revela-se

a interferência do organizador, que parece ter adaptado os mitos para torná-los mais atraentes ao público não-indígena. É possível que, nesse caso, tenha havido também uma transformação de conteúdos para atender a certos objetivos morais. A divindade marcada apenas pela bondade num cenário de extrema quietude pode ser um exemplo disso.

Em contraste, a coletânea bororo organizada pelo padre Uchoa se aproxima mais da oralidade original. Além de numerados, os fragmentos que compõem as narrativas (ou seja, as suas sentenças) apresentam uma estrutura sintática descomplicada, com várias repetições e retomadas, elementos que atuam como auxiliares da memória nos contextos orais de contação de histórias. O emprego de frases mais curtas provavelmente atende ao propósito de tornar o texto acessível a leitores em formação, uma vez que se volta para a educação de jovens indígenas.

Também voltada para um público de leitores aprendizes, a antologia *O meu mundo wahöïmanadzé* reveste-se de linguagem mais direta, com narrativas breves e a presença de ilustrações. Embora sua publicação também tenha sido coordenada pelo padre Uchoa, esse livro surge com a autoria indígena evidenciada pela primeira vez no conjunto de obras que investigamos até aqui. Como dissemos, a elaboração dos textos é atribuída a Hitsé, mas devemos compreender que ele compartilha sua criação com os anciãos de sua aldeia, que lhe transmitiram conhecimentos ancestrais da cultura xavante. Desse momento em diante, a ideia da autoria coletiva ou compartilhada iria se tornar uma característica recorrente nas produções escritas da literatura indígena em Mato Grosso.

De 1985 a 2000: brotar para virar mato e contar mesmo sendo proibido

A partir de 1985, inicia-se o processo de redemocratização no Brasil, coincidindo com uma alteração nas legislações em torno das questões indígenas. A Constituição de 1988 reconheceria a autonomia das organizações sociais e culturais dos povos originários, além de garantir seus direitos sobre as terras por eles ocupadas. Por volta desse período,

começam a surgir coletâneas de narrativas indígenas que parecem conciliar a fidelidade ao contexto de produção com uma intenção mais literária e estética, ou, pelo menos nelas, as finalidades didáticas não são tão evidentes.

Um exemplo é *Mantére ma kwé tînhin*: Histórias de maloca antigamente (1988) de Pichuvy Cinta Larga, que vivia na Terra Indígena Roosevelt, na fronteira entre Mato Grosso e Rondônia. Além de Roosevelt, os Cinta Larga também detêm as Terras Indígenas de Aripuanã, Parque do Aripuanã e Serra Morena, todas localizadas entre os dois estados. Na coletânea, foram reunidos alguns dos mitos de origem e outras lendas desse grupo étnico. O processo de elaboração envolveu ainda certa particularidade, pois Pichuvy falava o português, mas não dominava a escrita. O livro surge das gravações realizadas por algumas pesquisadoras, que depois transcreveram os relatos de Pichuvy, tentando não interferir demais no seu registro linguístico.

Ngurá nasceu de pedra. Primeiro que nós nasceu Ngurá, né?

Ngurá chama a mãe, pedra. Primeiro Ngurá falava com a pedra, a conversar com ela ainda. O pedra falava ainda Ngurá porque Ngurá nascido de pedra. Ngurá fez muita coisa primeiro daqui do terra. Foi Ngurá fez essa terra primeiro. Ngurá fez primeiro nós. Depois que ele fez o bicho pra criar no terra. E depois, Ngurá fez o mato. Ngurá só falava, o mato brotando começar, o terra brotando pra virar mato. Foi Ngurá foi falava também fazer água também. Depois ele fez o bicho – o passarinho fez também – tudo bicho que por aí andar.

E assim que Ngurá fez essa terra pra nós morar. Depois que ele foi fazer a comida. Ele só conversava, falava, aí comida aparecer.

Foi Ngurá primeiro morava essa terra. Depois Ngurá foi embora pro céu lá em cima, né? Ninguém olha mais Ngurá. Ninguém, qualquer pessoal não vê Ngurá mais.

Foi Ngurá foi assim história nossa (p. 17).

Outro índio morre, que é bom, vai morar com Ngurá, né? Ngurá leva ele lá casa dele. Casa Ngurá é muito bom. Disse que é muito bom casa Ngurá. Aí quando vai morrer, aí Wáwá vem, né? Wáwá vem. Wáwá daqui vai lá em cima. Aí Wáwá vai, vai rezando, né? rezando rezando, porque índio tá

doente. Aí Wáwá rezando lá em cima, a gente ficou bom aqui pra baixo. A gente ficou bom. Muito Wáwá tem, sabe? Muito wáwá – pajé – tem lá em cima.

Quando índio fica muito sofrendo aqui, doente, pajé vai ficar rezando aqui assim... a gente não vê. Outro Wáwá vê. Outro Wáwá, só pajé que vê tudinho isso. Daqui terra ele vê. Ele vê outro Wáwá daqui. Wáwá tem aqui no terra, né? Vira fumaça, o pajé vem junto aquela fumacinha, porque Wáwá sempre fuma, né? jogando fumaça. Aí num vê, num vê ele, gente velho, vem pra cá, aí fica junto assim, dançando assim... Fica rezando muito tempo, sabe? aí ficou bom.

Disse que pajé falava assim, né? Não sei que é verdade... Aí eu morando no mato, né? E quando eu ficar doente, cobra mordeu comigo, pajé fez assim. Eu quase morreu, muito doente... Aí meu pai – o pai de meu pai, né? – ele pajé. Rezava muito muito... Aí pajé vem lá em cima rezando... Quando eu tava sozinho, aí pajé vem rezava assim e tal... Eu vi. Eu vi quando tava dormindo: rodando, parece rodando assim casa. Aí meu pai vem pegaram, rezaram rezaram aqui bassim, outro dia ficou bom (p. 47).

(Cinta Larga, Pichuvy. *Mantére ma kwé tñhin*: Histórias de maloca antigamente. Belo Horizonte: SEGRAC-CIMI, 1988).

No primeiro trecho, há a representação da criação do mundo por enunciação. A entidade criadora, Ngurá, faz surgir, por meio de sua fala, a terra, os seres humanos, os animais e, depois, a vegetação. A palavra é vista como uma entidade com potência geradora: ela não serve apenas para descrever o mundo, mas para conferir a ele a capacidade de existir. Essa noção se repete em outras cosmogonias ou concepções indígenas, em que nomes, canções ou expressões soltas têm o mesmo caráter performativo. Alguns grupos, por exemplo, mantêm os nomes verdadeiros de seus membros sob segredo porque acreditam que tal conhecimento acarretaria a possibilidade de se exercer poder sobre eles.

Existe também a afirmação da anterioridade da pedra, que surge como matriz fundadora do mundo, uma vez que o próprio Ngurá nasce dela. As rochas, que, na concepção ocidental, são vistas como simples objetos

inanimados, surgem, na cosmogonia Cinta Larga, como geradoras de vida, inclusive da vida espiritual. Isso se relaciona com o animismo que embasa o pensamento indígena, de acordo com o qual todos os seres existentes possuem energia própria (ou espírito). Por meio dessa força, que também é compartilhada, eles se interconectam numa rede de interdependência. De acordo com a perspectiva animista, tudo está interligado: os seres humanos, os outros animais, os vegetais e até mesmo os minerais.

A “BÍBLIA” DOS NAMBIQUARA

Anna Maria Ribeiro F. M. Costa apresenta um sólido estudo a respeito do fenômeno do xamanismo ou pajelança em *Wanintesu*: um construtor do mundo nambiquara (2009), em que ressalta o papel dos *wanintesu* na construção do imaginário nambiquara:

Em 2003, ao rememorar aqueles dias com o *wanintesu* Lorenço Kithãulhu, retomei a trajetória ao mundo mítico-religioso, agora como interesse de pesquisa. Havia chegado o momento de cumprir o propósito daqueles dias, mesmo que tão efêmero, e trazer à tona histórias com personagens de múltiplas formas, que habitam os espaços míticos do território dos Nambiquara. [...] Universos e personagens abstratos, invisíveis, distinguidos daqueles que representam o material, o palpável, o visível, delimitados por uma linha fronteira, às vezes perceptível e, em outras, tão etérea, capazes de inventar um mundo onde a dualidade desses espaços torna-se apenas uma bruma. Alguns anos mais tarde, Lourenço foi indagado sobre a possibilidade de narrar suas histórias de encantamento, de desvendar certos segredos de sua crença religiosa para a minha investigação. [...] Depois de refletir um pouco, respondeu: “Ah! Já sei! Você quer escrever a Bíblia dos Nambiquara!”. Esta foi a maneira muito especial de expressar seu consentimento (p. 62-63).

(Costa, Anna Maria Ribeiro F. M. *Wanintesu*: um construtor do mundo nambiquara. Recife: Editora Universitária – UFPE, 2009)

O segundo excerto introduz o tema do xamanismo ou pajelança. O pajé ou xamã Cinta Larga (*wáwá*) é apresentado como um mediador entre os diferentes mundos, entre a esfera espiritual (a casa de Ngurá) e o mundo dos vivos. Pichuvy conta que, quando uma pessoa da comunidade fica doente, o *wáwá* dá início ao processo da cura por meio de “rezas”, além do próprio trânsito de um mundo para outro. O *wáwá* pode subir e descer por entre essas instâncias, o que retoma a ideia dos mundos sobrepostos, tal qual aparecia no mito xavante. Enquanto ele realiza tais travessias, o doente melhora, o que pode indicar que o *wáwá* traz a energia restauradora do mundo espiritual de volta para aquela pessoa ou a auxilia a se reconectar novamente com ela.

Pichuvy ainda menciona que as pessoas boas, quando morrem, vão para a casa de Ngurá. Sua narração deixa entrever o princípio da sobrevivência do espírito após a morte, além da noção de que o mundo espiritual seria um lugar agradável para se estar. Também é relevante, nesse momento, o fato de Pichuvy inserir um conteúdo de sua vida pessoal: o episódio em que foi mordido por uma cobra e quase morreu, tendo sido submetido ao tratamento xamânico. Descreve, inclusive, o que parece ter sido o efeito de um transe místico: a sensação de estar rodando continuamente, assim como o ambiente à sua volta.

Ao narrar mitos fundacionais de sua cultura, Pichuvy, assim como Hitsé, engaja-se na dinâmica de uma autoria compartilhada. Mas há um alargamento dos limites das narrativas tradicionais, pois a narração da mitologia se mescla à narrativa autobiográfica. Nas obras examinadas antes, essa inserção do “eu” indígena como sujeito da fala na própria narrativa ainda não tinha aparecido. Isso acrescenta um novo fator ao caráter multifacetado da construção autoral desse livro.

Outra característica relevante de *Mantére ma kwé tĩnhin* é o registro do português em que é produzido. Trata-se de uma expressão mais coloquial, com repetições, formas verbais simplificadas e uso acentuado de expressões discursivas informais, como “né?”. Esses aspectos aproximam o texto escrito da situação de oralidade em que ele se originou, permitindo que o público leitor experimente pelo menos um pouco daquela atmosfera inicial, imaginando a sensação de ouvir a voz do contador de histórias.

Mais importante parece ser o fato de que se trata da enunciação linguística de alguém que aprendeu o português como segunda língua. É possível, dessa forma, que o idioma materno de Pichuvy interfira nas construções sintáticas que ele produz, uma vez que às vezes elas podem soar estranhas para falantes nativos de português, mesmo para aqueles familiarizados com as variantes populares. Ao optar por manter o mais fielmente possível a fala de Pichuvy, as transcritoras permitiram que se efetuassem, no texto, um uso renovado da linguagem, aumentando o interesse estético sobre ele.

A coletânea *Wamrêmê Za'ra, nossa palavra* (1998) foi produzida de acordo com um método de produção semelhante. Entrevistas com cinco anciãos Xavante (Sereburã, Hipru, Rupawe, Serezabdi e Sereñimirãmi) foram gravadas por pesquisadoras do Núcleo de Cultura Indígena. A diferença é que o veículo de expressão utilizado por eles não foi o português, mas a sua língua materna. Mais tarde, um membro da mesma etnia traduziu as gravações para o português. As traduções passaram ainda por um processo de revisão, realizado também por um Xavante.

Antigamente o povo *A'üwê* vivia na escuridão.

Antes da lua. Antes do sol.

Os *wapté* estavam assando ovos de *ma*. Comendo. *Wapté* têm respeito, dizem a verdade entre si.

— Como vocês quebraram os ovos de *ema*?

— Nós quebramos batendo com os ovos no peito.

— Eu não acredito.

— É verdade! É verdade.

Eles não falaram a verdade. Não falaram. Ovos de *ma* assados são muito quentes. É muito quente!

Por isso eles inventaram...

Mesmo não acreditando o *wapté* bate com o ovo no peito. Então quebra.

Ele grita de dor.

— *Asu ruru... Asu ruru...*

Corre para o rio. De mão fechada. Grita de dor. Está gemendo. Ele se joga

na água para esfriar o peito. Ele melhora, fica em pé. Ele se transforma em lua. A lua é branca. Brilha. Brilha como ovo de ema.
É assim que surgiu a lua (p. 24).

Entrou no *Wai'a*. Essa história eu vou contar mesmo sendo proibido. Foram nossos avós que fizeram isso. Não vou contar a história inteira. Só isso eu vou contar.

Fizeram a cerimônia do *Wai'a*. Uma pessoa, no mesmo dia que começou o *Wai'a*, foi justificada, dentro da tradição. Foram nossos avós que fizeram isso. Foi aí que aconteceu. Porque ele tinha um comportamento incorreto com sua mulher. Ele batia muito nela. Eles decidiram fazer essa justiça no *Wai'a* porque lá que é um local de cerimônia. Ele foi cortado com *póona* e *wawa wana*!

Cantaram o canto do *Wai'a*. Ele era tocador de *zy*. Ele estava sentado no círculo dos homens. Quando ele levantou o braço e a cabeça, teve a garganta cortada com a taquara.

O dente de piranha também ajudou. Depois da garganta, cortaram as coxas e depois cortaram o resto do corpo. Muitos cortes. Ele gemeu muito. O padrinho se jogou sobre o seu corpo e conseguiu salvá-lo. Tratou dele com carvão de arara-azul e couro de cabeça de capivara. Eu não sei como ele já tinha isso preparado para curar... O padrinho salvou seu afilhado. Passou cinza de capivara e arara em todos os ferimentos e o levou para casa.

No caminho, enquanto estava sendo transportado ele foi falando igual a arara-real:

— Arara... arara... arara...

Ninguém entendia nada. Também ninguém entende a arara mesmo... Aí começou a fazer um barulho:

— Arrrr... arrrr... arrrrt...

Como a capivara faz. É assim que conta a história sobre os nossos *wahirada*. Essa é a verdadeira história. É por isso que as outras aldeias nos temem. Quem liderou essa ação eu não sei. Só sei o nome dos meus avós: Buruwê, Sereburã e Suweiwe. Esse costume não continua (p. 106).

(Sereburã; Hipru; Rupawe; Serezabdi; Sereñimirãmi. *Wamrêmé Za'ra, nossa palavra*. Mito e história do povo Xavante. São Paulo, Editora do SENAC, 1998)

A primeira narrativa traz a história do surgimento da lua. O início introduz um tempo primordial, em que os *A'üwê* (ou os Xavante) viviam na escuridão, antes do aparecimento dos astros celestes. Os *wapté* são os jovens que passam pelos ritos de iniciação à vida adulta. Eles devem se portar de acordo com um código de ética definido pelo respeito mútuo, não podendo mentir uns para os outros. A atividade corriqueira de assar ovos de ema enseja a oportunidade da transgressão, uma vez que não dizem a verdade quando perguntados sobre como quebraram os ovos.

Um dos *wapté*, mesmo sabendo que os outros estão mentindo, resolve tirar a prova e tenta quebrar o ovo, batendo com ele no peito. O resultado é que ele se queima e corre para a água para buscar alívio. Quando volta a ficar de pé, transforma-se na lua, que é branca e brilhante como um ovo de ema. O que ocorre com esse *wapté* parece encenar simbolicamente o que se passa durante os rituais iniciatórios. Nesses momentos, os jovens experimentam situações de dor física, assim como a personagem da narrativa. Se souberem suportar o sofrimento, purificando-se com ele, serão capazes de ingressar numa nova vida, com mais autonomia e força.

Mesmo numa narrativa tão breve, vários propósitos se intersectam. Há a questão pedagógica de instruir os *wapté* a respeito do comportamento que é esperado deles, além de prepará-los para a iniciação. Por outro lado, explica-se o surgimento da lua, relacionando-a à cor e ao brilho do ovo de ema. A analogia com o ovo também parece ser mais profunda, pois, nele, está contida a promessa de nascimento de algo novo. Novamente, evoca-se a ideia de um tempo primordial, anterior a todas as coisas, em que elas, no máximo, encontravam-se em estado ovular, embrionário.

A segunda história selecionada de *Wamrêmé Za'ra*, *nossa palavra* combina dois tipos de narração. O primeiro deles parece envolver o relato de um acontecimento específico, relativo a um ato de justicamento. Um homem que tratava a esposa com extrema violência foi severamente punido durante a *Wai'a*, que é uma cerimônia sagrada dos Xavante. A atmosfera de mistério própria da cerimônia ritualística parece ter contribuído para a realização do feito, que depois se tornou mais um segredo proibido da comunidade. Então, o fato de narrar tal episódio configura uma espécie de

transgressão, de que o narrador tem consciência, usando algumas expressões para amenizar o impacto dessa ação, como “Não vou contar a história inteira” e “Esse costume não continua”.

Dessa forma, a escrita parece estar atuando da mesma forma que a cerimônia de *Wai'a* funcionou para aqueles justiceiros. Numa outra situação, talvez não houvesse espaço ou coragem para contar esse tipo de evento. Mas, como a escrita, de certa forma, sacraliza o que é narrado, um trauma coletivo pode ser trazido à tona por meio das palavras impressas, numa tentativa de reelaboração. E os anciãos que narraram as histórias integrantes da coletânea tinham consciência de que seus relatos seriam transformados em textos escritos.

O segundo tipo de narração, que se mistura ao primeiro, refere-se à narrativa mitológica propriamente dita. Nela, o homem, mortalmente ferido, é socorrido e salvo por meio de expedientes mágicos, assumindo temporariamente atributos de arara e de capivara. Há um compartilhamento de qualidades entre ser humano e animal, indicando continuidade entre uma condição e outra (e não a separação total, como acreditam muitos ocidentais). A proximidade com esses seres, que podem ser os animais de poder daquela comunidade, traz o homem de volta à vida. Ao final, há a menção de que esse ato de justicamento é o motivo por que as outras aldeias temem aquela, o que sugere o caráter explicativo dos mitos. Então, essa seria uma narrativa mitológica para explicar a reputação guerreira daquela sociedade ou a narração de um evento ocorrido numa determinada época? Na verdade, as duas coisas se entrelaçam, como dissemos.

E aqui se evidencia a compreensão que os indígenas têm do tempo. O tempo expresso nessa história não é cronológico nem linear, mas se configura como um tempo cíclico ou circular, em que um evento singular espelha um evento mitológico e vice-versa. O passado mítico e o presente da comunidade são vistos como justapostos, da mesma forma que o mundo dos vivos e as outras instâncias da realidade. Nessas narrativas, produzidas com maior participação ativa dos indígenas, cria-se o efeito da simultaneidade na construção dos espaços e tempos.

A partir do início do século 21, surgem, em Mato Grosso, cada vez mais obras escritas por autores e autoras indígenas, em que a mediação por parte de não-indígenas – mesmo aquela envolvida apenas na gravação ou transcrição de relatos – diminui consideravelmente ou desaparece.

Século 21: outros eus e a literatura indígena

As primeiras décadas do século 21 são marcadas pela intensificação das lutas identitárias. Num cenário de globalização e interconexão digital, multiplicam-se os contradiscursos de afirmação das diferenças como formas de resistir à homogeneização das culturas. Busca-se a valorização das identidades étnicas, regionais, de gênero, de orientação sexual, de classe. Nesse contexto, as identidades indígenas se reorganizam, reivindicando, além do reconhecimento de suas tradições, territórios e modos de vida, o direito de também participar ativamente da contemporaneidade. Escritores e escritoras indígenas ganham mais visibilidade, articulando saberes ancestrais com novas linguagens e plataformas, e a sua representatividade na literatura se torna um instrumento político na luta pela transformação social. Mato Grosso também vivencia essa tendência, com o fortalecimento de sua literatura de autoria indígena.

Nesse horizonte, insere-se a obra *Irakisu: o menino criador* (2002) de Renê Kithãulu, cuja narrativa também articula modos e tempos narrativos diferentes. Esse autor pertence ao povo Waikutesu, uma ramificação dos Nambikwara (ou Nambiquara), originalmente ocupantes do vale entre os Rios Juruena e Guaporé no sudeste de Mato Grosso e Rondônia.

Queridos amigos, meu nome é Renê Kithãulu e pertenço ao povo Waikutesu dos Nambikwara, que moram em sua maioria no Estado do Mato Grosso e uma pequena parte no Estado de Rondônia. Quero contar, neste livro, algumas histórias do meu povo para vocês, histórias que escrevo com todo o coração. É uma maneira de eu chegar até sua escola ou casa e começarmos uma amizade. Quem sabe um dia a gente se encontra na sua escola ou no sítio onde eu trabalho com as crianças (p. 7).

Takalulu vivia sozinho no mundo. Queria muito encontrar uma mulher e muitas outras pessoas para lhe fazer companhia. Então, começou a cantar, cantar e cantar, e foi cavoucando um buraco no chão. De dentro do buraco, ele ia jogando para fora bolinhas de terra mole. E cada uma dessas bolinhas se transformava numa pessoa.

Quando saiu do buraco, Takalulu viu que havia bastante gente. Ficou muito feliz e, nesse momento, transformou-se no pássaro pedreiro chamado takalulu. Ele pensou: “Esse povo vai ser igual a mim, povo caçador”. Não havia dia em que Takalulu voltasse de mãos vazias para casa: sempre trazia gafanhotos. Por isso decidiu dar seu nome para aquele povo. Mas depois ficou com ciúme, com medo de perder seu nome.

Os dias foram passando, e ele notou que aquele povo gostava de tirar tusu, o mel feito pelas tuhatsu, abelhas que fazem suas casas na parte oca das árvores. A rainha dessas abelhas manda os zangões procurarem um lugar para fazer a casa. Quando eles acham uma árvore oca que serve, voltam para casa para avisar a rainha. Então ela manda um grupo maior ir lá espiar. Depois eles vêm com a rainha e constroem a casa e fazem o mel.

Quando apareciam as flores no campo ou no mato, o povo começava a gritar e ia tirar o mel. Por isso Takalulu chamou essa gente de Waikutesu, que quer dizer “povo que grita” (p. 9-10).

Quando eu era criança, vivia muito doente, com um problema no coração: uma das válvulas, que chamam de mitral, tinha crescido. [...]

Assim, em 1973, aos quatro anos de idade, saí da aldeia para me tratar. Meu pai, minha mãe e minha irmã ficaram sozinhos. Saí com Ari. Ele era como um pai para mim, sempre trazia notícias da minha família. Fui para Vilhena, em Rondônia, e depois para Cuiabá (p. 11).

(Kithãulu, Renê. *Irakisu: o menino criador*. São Paulo: Peirópolis, 2002)

Kithãulu aproveita a parte inicial de seu livro para se apresentar aos leitores, marcando seu lócus de enunciação como Waikutesu-Nambikwara, reafirmando sua identidade étnica e cultural. Seu texto não foi gravado e depois transcrito ou traduzido por outros, mas escrito por ele mesmo num registro

de português, que, embora acessível, obedece aos padrões da norma culta. Tal escolha confirma a autonomia da sua posição de autor indígena, rompendo com os precedentes de mediação externa. Simultaneamente, ele estabelece um diálogo mais próximo com o público leitor não-indígena, sobretudo o infantojuvenil, lançando sua obra no espaço da literatura brasileira.

O livro combina a mitologia e a sabedoria tradicional dos Nambikwara com elementos autobiográficos. Na narrativa em torno de Takalulu, insere-se novamente um mito de origem, e, mais uma vez, temos uma entidade criadora experimentando a solidão num tempo primordial. Como Mavutsinim no mito kamaiurá registrado pelos Villas-Bôas, Takalulu também cria outro ser humano, uma mulher, juntamente com várias outras pessoas, todas a partir de bolinhas de barro. Essa parece ser uma referência à cerâmica, um dos primeiros processos dominados pela humanidade para produzir objetos. A criação divina dos seres humanos é, desse modo, associada à criação humana da cultura.

Takalulu se transforma depois num pássaro, o que reforça a noção de que existe um *continuum* entre seres espirituais, humanos e animais. Espera que as pessoas que criou sejam tão hábeis na caça quanto ele e imagina dar a elas o seu próprio nome. No entanto, “fica com ciúme” e muda de ideia, algo que pode estar ligado ao fato de muitos grupos indígenas frequentemente associarem o nome das pessoas e coisas à sua força espiritual. Takalulu talvez tenha desistido de compartilhar seu nome com os humanos para que não tivessem o mesmo poder que ele e pudessem vir a dominá-lo.

A nomeação do grupo vai surgir de seus hábitos corriqueiros, como a coleta do mel. Nesse ponto, a narrativa abandona temporariamente Takalulu e os humanos que ele criou para se concentrar nas abelhas, que se transformam em personagens de uma pequena trama que explica o comportamento delas. Cria-se o efeito de que as ações dos humanos e a vida de seres diminutos como os insetos estariam conectadas de alguma forma, num equilíbrio harmônico. O mito também elucida que o nome da coletividade, Waikutesu, que significa “o povo que grita”, vem dos seus gritos de alegria quando chega a estação das flores e é hora de extrair o mel. Por se tratar de um alimento tão rico, essa é uma atividade que ajuda a manter

a subsistência dos membros da comunidade. De certa forma, os gritos dos Waikutesu ecoam o canto de Takalulu quando os estava criando.

Depois da narrativa mítica em torno de Takalulu, aparece um trecho autobiográfico. O autor rememora sua infância, marcada por uma doença cardíaca grave que o obrigou a deixar sua família e aldeia para se tratar na cidade. Além da apresentação amistosa do início, a narração de uma condição de certa vulnerabilidade ajuda a humanizar ainda mais o narrador, principalmente aos olhos dos não-indígenas. Mesmo pertencendo a outras culturas, os leitores podem se identificar com o drama humano que está sendo contado. Numa sociedade ainda bastante tomada por concepções racistas, isso auxilia a compreensão de que, ainda que haja diferenças culturais, os indígenas são pessoas como as outras.

Além da menção à saúde, a narrativa autobiográfica insere o tema do deslocamento. O narrador saiu de sua comunidade, ainda em tenra idade, na companhia de um homem não-indígena que considera um segundo pai. Foi levado para duas cidades: Vilhena, em Rondônia, e Cuiabá, a capital de Mato Grosso. Surge a questão de um duplo pertencimento identitário, acarretado pelo trânsito entre a aldeia e o espaço urbano, entre uma família e outra. Nesse processo, o narrador é exposto a outros modos de vida e a outras formas de instrução, aproximando-se da educação formal ocidental. É um percurso de vida atravessado, desde cedo, pela experiência formativa da interculturalidade, o que se projeta em sua escrita, marcada, nessa obra, pela simultaneidade entre passado e presente, mito e autobiografia.

Outra autora instigante no cenário da literatura de autoria indígena em Mato Grosso é Niara Terena, que publicou *As aventuras de Angelina e o bruxo do sofrimento* (2018) quando tinha apenas onze anos de idade, sendo que, três anos antes, já publicara o seu primeiro livro. Seu sobrenome não deixa dúvidas a respeito do seu pertencimento étnico. Os Terena estão presentes em Mato Grosso principalmente na Terra Indígena Gleba Iriri Novo, nas margens do Rio Iriri, na divisa com o Pará. Contudo, Niara pertence a uma família integrada à população de Cuiabá, inserida de forma ativa no contexto urbano da capital, ao mesmo tempo em que mantém vivas as tradições e conexões culturais ancestrais.

O enredo dessa obra traz a história da narradora-protagonista Angelina, que, numa espécie de realidade alternativa, tem que vencer o bruxo do sofrimento para libertar as pessoas das garras da tristeza e da discórdia. Cenário e ambientação não remetem diretamente às configurações da aldeia. E a personagem, assumindo, inclusive, um nome ocidental, não afirma claramente sua identidade étnica, como acontecia com o narrador de *Irakisu: o menino criador*.

— Era cedo ainda quando eu acordei assustada com o coração batendo tão forte que parecia um guepardo correndo em cima de tambores com sapatos de tango. Eu juro, o meu coração estava tão forte que dava para ouvi-lo sem colocar a mão no meu peito!

Ao abrir os olhos vi que estava em um trem, e ele ia para outro lugar. Eu não sabia onde ia parar, mas estava com medo. Então fui falar com o motorista, mas não tinha ninguém no volante! Antes de fugir, vi uma fumaça branca, meio dourada, e quando me aproximei, a fumaça ficou escura, meio cinzenta e esfumaçada. Assustada, olhei a fumaça e fugi... Só que um pequeno problema aconteceu: o chão do trem estava coberto de areia movediça que estava tentando me encobrir! O pior de tudo, a areia só estava começando a se aproximar! (p. 2)

Me assustei e fiquei em silêncio por um minuto, depois perguntei:

— Quem é você?

Então a voz respondeu com tristeza:

— Eu sou você no futuro. Presa, sem liberdade e já sem ver a minha família. Olhei para mim e fiz uma promessa para mim mesma no futuro (meio confuso isso, não é mesmo?). Disse:

— Se eu sou você, quer dizer que nem se eu tentar posso escapar?

Então eu no futuro olhei para o chão e eu no presente olhei para mim no futuro e fiz uma promessa:

— Eu prometo que “você-eu” não vou acabar assim. Vou fazer de tudo para fugir, mas só preciso de uma coisa: a sua confiança em você mesma (p. 8).

(Terena, Niara. *As aventuras de Angelina e o bruxo do sofrimento: o tempo em que a Terra pousou na escuridão*. Cuiabá: Editora Sustentável, 2018)

A sensação, a princípio, é que a história está sendo narrada como se fosse um sonho ou pesadelo. Contudo, haveria que ser um pesadelo invertido, pois, logo no começo, Angelina afirma ter *acordado* assustada. As situações um tanto insólitas que vivencia, a partir desse despertar, contribuem para a criação de uma atmosfera onírica, em que os paradigmas de verossimilhança e causalidade não costumam ser os mesmos da vida de vigília ou das narrativas realistas.

Trata-se de uma construção paratática que privilegia a progressão linear dos acontecimentos ou da ação. O resultado é a impressão de que a narrativa avança sempre para a frente, com a personagem enfrentando perigos sucessivos até alcançar o desfecho desejado. A opção por um encadeamento horizontal, contínuo, confere ao texto aspectos de uma jornada heroica, em que cada obstáculo vencido representa mais um passo rumo à descoberta ou realização do destino da protagonista.

Numa leitura superficial, a narrativa não parece apresentar, como dissemos, elementos culturais indígenas, o que faria de Terena a primeira autora do pequeno rol selecionado a buscar uma temática diferente. No entanto, o exame mais atento revela alguns traços significativos. Angelina, por exemplo, sente seu coração batendo como se fosse “um guepardo correndo por cima de tambores”. Há, nesse ponto, a evocação da fusão entre humano e animal, em que os estados de alma de Angelina são comparados aos atributos desse felino, que é um dos mais ágeis do mundo. Os tambores também remetem às situações ritualísticas, que ecoam, por sua vez, as batidas do coração. Corpo, música e espiritualidade se reúnem de uma forma que lembra algumas das narrativas mitológicas examinadas antes.

A experiência de estar num trem sem condutor talvez se relacione ao receio da perda de controle na determinação do próprio destino, um tema certamente relevante na configuração da subjetividade, principalmente quando se é jovem. Mas esse tópico também tem ressonâncias que vão além da esfera individual. Coletivamente, ele pode ser lido como uma metáfora para a situação de deslocamento forçado, desterritorialização e perda de autonomia que muitos grupos indígenas vivenciaram em várias

fases históricas desde a colonização. Da mesma forma, a imagem da areia movediça evoca a imagem de um território instável, provisório, sob ameaça constante.

No entanto, o episódio que mais parece ecoar conteúdos culturais ancestrais é aquele em que Angelina se encontra com seu outro eu. Essa situação remete à noção do duplo, que permeia muitas cosmogonias indígenas e se baseia na ideia da existência de um “outro de si”, ocupando um mundo sobreposto à realidade dos vivos. Mais do que isso: Angelina encontra o seu eu *do futuro*, o que sugere uma concepção não linear do tempo. Essa figura tem algo a lhe ensinar, e Angelina compromete-se com ela. Dessa forma, o futuro interfere no presente, influenciando decisões da personagem, e o presente, por sua vez, altera o futuro. Uma moldura temporal se dobra sobre a outra, produzindo, na narrativa, o efeito de um tempo espiralar ou cíclico, que já apareceu nas análises anteriores.

O tema das identidades é bastante complexo. As identificações às vezes se alteram com o tempo, pelas mais diversas razões. O deslocamento e o apagamento das tradições que resultaram dos processos de assimilação forçada causaram rupturas profundas na transmissão dos valores associados às identidades étnicas e culturais. Numerosas famílias se distanciaram de seus referenciais de origem, línguas e culturas. Em muitos casos, a memória da ancestralidade permanece latente, buscando vias de expressão, na tentativa de uma reconstrução identitária.

Talvez essa seja a chave para se entender a trajetória de Neide Silva, autora nascida em Cuiabá, de ascendência Umutina, que cresceu afastada das origens ancestrais e hoje busca reatar vínculos perdidos. Mesmo que intuitivamente, sua literatura parece surgir como um veículo que proporciona o reencontro consigo mesma e com as histórias interrompidas.

Iribi Sabiá era um passarinho que não sabia cantar, só sabia cantarolar...

Francisco, ao ver o sabiá na árvore do seu quintal, desse jeito estranho, ficou curioso:

— Um sabiá que não sabe cantar?

Foi então ao encontro do pássaro, pegou-o na mão e perguntou:

— Sabiá, você não sabe cantar?

— Fiquei muito tempo preso numa gaiola, sozinho, no fundo de um porão.

Por isso não aprendi a cantar! [...]

Depois de muito pensar, teve uma ideia. Percebeu que não seriam os instrumentos que iriam ajudar o sabiá, mas sim uma fórmula que ele teria que aprender, teria que decifrar as seguintes notas musicais:

DÓ – Dias Ótimos

RÉ – Rir Emocionado

MI – Muita Inocência

FÁ – Fraterno Amor

SOL – Sons do Orvalho ao Luar

LÁ – Lindo Amor

SI – Sentimento Infinito

Iribi Sabiá, de início, não entendeu nada, mas com o passar do tempo, ao aprender a decifrar cada nota musical, foi sentindo uma grande emoção.

Iribi foi se recordando:

— Dos **d**ias **ó**timos ao lado de seus pais;

— Dos dias em que ria **e**mocionado com brincadeiras **m**uito **i**nocentes da infância;

— Do **f**raterno **a**mor por seus irmãos;

— Das noites em que escutava os **s**ons do **o**rvalho ao **l**uar regando as belas flores do campo;

— Do **l**indo **a**mor materno; e

— Do **s**entimento **i**nfinito de paz ao lado deles.

A cada lembrança foi soltando seu canto.

A tristeza de ter ficado preso numa gaiola, no fundo de um porão, foi diminuindo ao mesmo tempo que crescia sua alegria por se libertar e cantar.

Livre, seguro e feliz, o sabiá se juntou ao seu bando (s/p.).

(Silva, Neide. *Iribi Sabiá*. Cuiabá: TantaTinta, 2020)

A história de Iribi Sabiá é uma narrativa de perda da identidade. Um sabiá que não canta está afastado da própria condição de ser sabiá. O que o levou para longe de si foi um longo período encerrado numa gaiola no fundo de um porão. Não há lugar mais antagônico ao céu, que é o campo dos pássaros, do que um porão fechado. Por meio de uma linguagem simbólica e acessível ao público infantil, Silva trata de questões contundentes, como exílio, desenraizamento, aprisionamento, experiências que também marcaram a história de muitos povos indígenas no Brasil.

A narrativa ainda oferece a possibilidade de libertação e cura por meio da música e do resgate da memória. As notas mostradas a Iribi por Francisco são um convite para que o sabiá retome os passos de sua trajetória, buscando reconstruir afetos e lembranças que serão capazes de fazê-lo voltar a ser o que era. A música, vista como um exercício de ética, inspirando sentimentos e ações construtivas, funciona como ferramenta de reconexão à própria interioridade e à coletividade, uma vez que, depois de curado, Iribi retorna ao bando.

Como vimos, na história de Takalulu contada por Kithãulu, o canto tem dimensão espiritual. Ele acompanha o ato da criação do mundo e dos humanos. Os gritos dos Waikutesu retomam o potencial gerador do canto de Takalulu, que depois assume a forma de pássaro. O canto é algo que os seres humanos compartilham com as aves, vistas também como animais sagrados. Similarmente, na narrativa escrita por Silva, o canto conecta Francisco e Iribi, desencadeando a energia reparadora necessária para que o sabiá transforme sua vida e ressignifique o seu passado doloroso.

Desse modo, a reconexão de Iribi ultrapassa a situação individual e parece espelhar o resgate da memória étnica e cultural que autores como Silva sentem a necessidade de empreender. Assim como o sabiá recupera memórias afetivas de seu passado e se reintegra ao bando, os povos indígenas e seus descendentes reafirmam suas identidades ao valorizar as memórias coletivas e os laços comunitários. O canto recuperado simboliza a cura após anos de silenciamento e apagamento das raízes culturais. A retomada da palavra – por meio do mito, do canto ou da narrativa literária – é um gesto de resistência e de reconstrução cultural.

Ações de resistência aparecem também no contexto universitário do estado. A *Antologia de narrativas dos povos indígenas de Mato Grosso* (2021), por exemplo, nasce de uma atividade realizada numa disciplina da Faculdade Indígena Intercultural, unidade gerida pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e fundada em 2001, com o propósito de oferecer cursos de licenciatura para estudantes indígenas. Segundo o site da instituição, o objetivo é, sobretudo, formar professores qualificados para atuar nas escolas situadas em aldeias. Nesses anos de funcionamento, foram graduados mais de quatrocentos e cinquenta licenciados indígenas.

Este livro é uma produção coletiva dos acadêmicos e acadêmicas do curso de Licenciatura, Turma 2016/02, da Faculdade Indígena Intercultural - Unemat, com a presença de 18 etnias do estado de Mato Grosso. É resultado das atividades da disciplina de Literatura ministrada pelo professor Me. Leandro Faustino Polastrini e pelo professor Marcelo Manhuari Munduruku, que foi realizada durante a 5ª Etapa Presencial no período de 2 a 7 de dezembro de 2019, no município de Barra do Bugres (p. 11).

A história relata que foi o tatu que descobriu que havia pessoas embaixo da terra. Bem no centro de uma roça, onde ele tinha escapado do fogo, descobriu as pessoas e falou para o Karosakaybu. No primeiro instante o Karosakaybu não acreditou no que o Wāwāp falou, mas este insistiu tanto para o Karosakaybu acreditar que por fim ele foi conferir.

Karosakaybu pegou algodão, fez uma corda bem comprida e colocou dentro do buraco e realmente as pessoas começaram a sair do buraco. As primeiras a sair foram as pessoas feias, assim que as pessoas bonitas começaram a sair o papagaio cortou a corda, aí, as pessoas que saíram de baixo da terra não sabiam de nada, foi quando Karosakaybu ensinou tudo o que eles precisavam aprender para o seu dia a dia, ensinou-os caçar, pescar, plantar e a viver em grupo unido (p. 46-47).

Os mais velhos contam que, antigamente, quando os homens foram flechar peixes no rio Sepotuba, mas não levavam nenhuma das suas mulheres, as deixavam no rancho onde moravam. Eles moqueavam os peixes longe das

suas casas, enquanto isso suas mulheres faziam cozidos, assados e um de monte alimentos, mas eles não comiam nada daquilo. Então, as mulheres começaram desconfiar deles. Quando os homens foram pescar novamente, elas mandaram uma moça atrás deles, que era a filha de um deles. Os homens que moqueavam os peixes avistou essa moça no meio da mata, ela se chamava Moquém, ela decidiu subir em uma árvore e lá se sentou, ficou escondida. [...]

Ele chamou todos os companheiros para cercar ela e convidou sua filha a descer para comer o peixe moqueado. A moça saltou da árvore em cima dos homens e saiu correndo para casa. Ela viu que cada homem tinha seu próprio moquém e muitos peixes. Contou tudo para as mulheres da aldeia, que ficaram aborrecidas, resolveram entre elas que cada uma devia matar seu marido, matando com pancada, para não sobrar nenhum homem.

E assim elas fizeram, tomaram os moquéns dos seus maridos e ficaram viúvas, porém uma delas estava grávida. Quando estava próximo de dar à luz a criança, a mulher falou: – Se for menina vai viver e se for menino vai morrer. [...]

E quando a criança nasceu era menino, sua mãe ficou assustada e com muito medo, pois se as mulheres descobrissem matariam a criança. [...]

No outro dia, antes da madrugada, a mulher fugiu com o filho. Ela tinha medo que ainda viessem descobrir a verdade. O sangue do parto ainda escorria de seu ventre, foi aí que fez dele os rios. Ela saiu, fez o rio Balatiponé, rio Kepó (Sepotuba), Balatipó (Tapirapoã), Hadopó (rio pequeno que fica abaixo do rio Bugres), Xopó, Xikipó, Waripó, Waripó (rio Paraguai), rio Bainapó, Pari, rio Cuiabá e rio Baripó. As mulheres foram atrás da mãe com o menino, encontraram esses rios, que antes não haviam, elas passaram todos eles até chegarem ao rio Cuiabá, que era muito largo e por isso não conseguiram passar, logo, voltaram para suas casas (p. 55-57).

(Polastrini, Leandro; Munduruku, Marcelo Manhuari (org.). *Antologia de narrativas dos povos indígenas de Mato Grosso*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021)

Chama a atenção logo de início o título da publicação, que não traz a denominação de uma única etnia, mas a do estado como um todo, Mato Grosso. Parece haver a busca por um agrupamento mais abrangente. E realmente participaram da atividade estudantes de dezoito etnias, habitantes de diversas regiões mato-grossenses. Essa característica confere à obra um caráter singular, diferenciando-a das anteriores. Em relação ao modo de produção adotado, ele envolveu o retorno dos alunos matriculados na disciplina às suas comunidades, nas quais coletaram narrativas significativas para seus povos, registrando-as, em seguida, em textos escritos.

A existência do ensino superior voltado para indígenas pode ser um dos fatores a fortalecer a literatura indígena escrita em língua portuguesa no estado, pois proporciona uma formação mais aprofundada. Muitos dos autores e autoras indígenas da contemporaneidade possuem, inclusive, títulos de mestrado e doutorado. Esse é o caso do próprio Marcelo Manhuari Munduruku, um dos organizadores da *Antologia*, que é mestre em estudos linguísticos, atuando também como professor universitário.

O primeiro trecho selecionado traz o fragmento de uma narrativa¹ que conta a origem do povo Munduruku. Nela, os humanos saem, já completamente formados, de debaixo da terra. Novamente existe o motivo de uma terra subterrânea, de onde as pessoas teriam sido puxadas, por meio de uma corda, por Karosakaybu, o criador, que funciona também como um educador, ensinando a elas o que precisam saber para sobreviver naquele novo contexto.

A criação da humanidade é, em grande medida, uma ação coletiva: Wāwāp (o tatu) descobre os seres humanos ao cavar sua toca; Karosakaybu os traz à luz do dia; e a terra desempenha o papel de matriz geradora. Ainda há a intervenção do papagaio, que corta a corda e interrompe o trabalho dos demais. Nem todas as pessoas puderam ser içadas, algumas permaneceram onde estavam, sem saber o que acontecia na superfície. Feios e bonitos foram trazidos, o que explica a diversidade existente entre as pessoas.

1 Narrada por Elivelton Fernandes França, Jozino Munduruku, Robenilson Manhuari e Rozivania Kixi Munhuari. Transcrita por Meyeke Mehinako.

AMAZONAS BALATIPONÉ-UMUTINA

Em sua dissertação de mestrado, defendida em 2017, Márcio Monzilar Corezomae se dedica a registrar e analisar narrativas míticas do povo Balatiponé-Umutina, ao qual pertence. Ele também faz referência à história da origem dos rios, inclusive, comparando-a com o mito grego das Amazonas:

Como as mulheres ficaram muito revoltadas com os seus maridos, resolvem matá-los, ficando a partir daí somente mulheres na aldeia. Percebemos que a narrativa aproxima-se do mito das mulheres Amazonas que capturavam os homens apenas para que pudessem procriar e depois os eliminavam; também executavam os bebês do sexo masculino, deixando sobreviver apenas as meninas. Portanto, o que essas mulheres buscavam era a autonomia para viverem da melhor forma possível, pois as Amazonas foram tema [...] em Macunaíma, quando este escreveu a pomposa Carta às Icamíabas, dando notícias de São Paulo a suas súditas, tarefa que faz ao modo de Pero Vaz de Caminha, pela ocasião de sua carta ao rei de Portugal, dando notícias do descobrimento destas terras (p. 92).

(Corezomae, Marcio Monzilar. *Matáre Pitukwá Makewá: Narrativa mítica e (re)significação entre o povo indígena Balatiponé-Umutina – Mato Grosso/Brasil*. Dissertação de Mestrado. Tangará da Serra: Universidade do Estado de Mato Grosso, 2017)

O segundo trecho se refere a uma narrativa² dos Umutina a respeito da origem dos rios. Esse mito articula questões de gênero e de cosmogonia. A princípio, há uma tentativa de dominância masculina, pois os homens não dividem os peixes moqueados (cozidos e defumados) com suas esposas e filhas. Quando descobrem a deslealdade, as mulheres se vingam de forma radical, matando todos os homens, o que faz surgir um momento de

2 Narrada por Leocílio Boroponepá Filho e Cleiton José Alves da Silva. Transcrita por Ajukuri Kuikuru.

supremacia feminina. Contudo, uma mulher grávida dá à luz um menino, fugindo com ele para evitar que as outras o matem. Esse seu gesto garante a continuidade da humanidade, pois a aldeia só de mulheres está fadada ao desaparecimento. A narrativa reconfigura, de certa forma, a relação entre os gêneros, reiterando que ambos são indispensáveis para a perpetuação da vida.

O sangue decorrente do parto se derrama e acaba fazendo surgir os rios da região. O corpo feminino, que guarda a possibilidade de renovação, também se torna matriz para o mundo, uma vez que as águas são fundamentais para a sobrevivência de todas as criaturas vivas. Nisso está imbricada a ideia cosmogônica dos Umutina, com a mulher no centro dos acontecimentos que geram o que existe. Não apenas isso: o mito ainda “mapeia” o território ocupado por essa etnia, nomeando os rios que são importantes para o grupo. Transformando a geografia num mito de origem, a narrativa ainda inscreve a memória coletiva no espaço físico, de forma que cada rio passa a reunir conteúdos ancestrais, ao mesmo tempo em que mantém suas características naturais. Corpo, natureza, território e identidade cultural se combinam de forma coesa.

Entre as produções contemporâneas, a coletânea *Tempos* (2021), organizada por Naine Terena, se destaca por trazer autores mais autônomos, inclusive em relação aos saberes tradicionais. Eles não estão mais tão presos às narrativas míticas de seus povos, permitindo-se mais espaço para a criação. Entretanto, isso não significa o abandono das tradições, pois os elementos cosmogônicos e culturais continuam presentes, mas sempre em diálogo com o presente. Pela sua relevância, vale a pena examinar mais de perto, ainda que brevemente, cada um dos quatro escritores cujos textos estão reunidos na coletânea.

Nossos antigos contam que, durante o crescimento de nosso povo Munduruku, houve acontecimentos que ficaram guardados na memória das pessoas mais antigas da aldeia, e que parte dessas histórias era repassada apenas para algumas que tinham o dom da sabedoria dos grandes espíritos. Eles diziam que um dia esse conhecimento serviria como uma fonte usada

para despertar nos mais novos o respeito por todas as coisas que existem na natureza, e que tais segredos da sabedoria, uma vez perdidos, somente iriam reaparecer em pessoas que se entregassem de corpo e espírito à vontade da mãe e do pai de tudo que existe (p. 12).

(Munduruku, Marcelo M. Mito de origem dos seres no povo Munduruku. In: Jesus, Naine Terena de (org.). *Tempos*: coletânea indígena. Cuiabá: Editora Sustentável, 2021)

Marcelo M. Munduruku entrelaça cosmogonia e pedagogia nessa narrativa, que retoma o mito de origem dos povos Munduruku. Ressalta a importância da memória ancestral, do conhecimento dos mais velhos, que tradicionalmente transmitiam os valores culturais para as novas gerações. Os jovens aprendiam, então, apenas ouvindo os anciãos de sua comunidade. Contudo, existe a ideia de que, mesmo no passado, pelo menos parte desse conhecimento não seria repassada a todos, ficando restrita a alguns poucos, que manifestariam o dom dos “grandes espíritos”. Tais conteúdos selecionados funcionariam como um reservatório que, uma vez ativado, seria capaz de despertar a consciência de todos para o respeito em relação aos elementos naturais.

Há algo nesse trecho que ressoa uma perspectiva contemporânea. A expressão “uma vez perdidos” pode indicar que o narrador está inserido na atualidade, num momento em que os conhecimentos ancestrais dos Munduruku estão, em grande parte, esquecidos ou sufocados, numa época em que a natureza não é mais respeitada. Essa sabedoria, que antes era transmitida pelos mais velhos num fluxo contínuo, agora precisa ser resgatada. E quem poderia resgatá-la seriam os poucos que estão dispostos a se entregar de “corpo e espírito” a essa tarefa. Assim como antes, essa seria uma minoria vocacionada para atuar na salvaguarda da memória cultural e do meio ambiente.

Esse excerto pode ser entendido como a exposição do que seria a missão do escritor e da escritora indígena na contemporaneidade. Caberia a ele ou a ela o dever de registrar em palavras escritas aquilo que antes circulava livremente em meio à oralidade. Sua escrita, assim, funcionaria como um instrumento de revitalização para a cultura e para o planeta, atingindo

também os não-indígenas. Mas, para isso, autores e autoras indígenas devem assumir a responsabilidade de interconectar passado e presente, tradição e criação literária.

Helena I. F. Corezomaé realiza essa interconexão, ingressando num gênero ainda pouco explorado na literatura indígena de Mato Grosso.

Debaixo de uma árvore, na porta de sua casa, na Aldeia Umutina, em Barra do Bugres-MT, dona Carminda Monzilar, anciã de 70 anos, produz com suas mãos calejadas e habilidosas um cesto grande de buriti, que será vendido pelo seu segundo filho, o professor Osvaldo Corezomaé, em Tangará da Serra, cidade a 77 km.

Segundo a anciã, ela aprendeu a fazer o cesto com os seus pais, quando tinha 15 anos. De lá para cá, se passaram 55 anos e foi dessa arte que ela conseguiu sustentar seus oito filhos [...] (p. 23).

(Corezomaé, Helena I. Ferreira. História e vida de Carminda Monzilar: artesã Umutina/Balatiponé que criou oito filhos com sua arte. In: Jesus, Naine Terena de (org.). *Tempos*: coletânea indígena. Cuiabá: Editora Sustentável, 2021)

A maior parte das obras que examinamos antes priorizava ou retomava, de alguma forma, os mitos ancestrais de origem e as narrativas indígenas coletivas. Em alguns momentos, elementos autobiográficos apareciam inseridos nesses textos, em diálogo com as histórias míticas. No caso de Helena I. F. Corezomaé, existe outra proposta: o que se delineia é a narrativa da trajetória de uma pessoa específica, Carminda Monzilar, uma artesã Umutina/Balatiponé. Trata-se, portanto, do gênero da biografia.

O percurso de Carminda é traçado desde a infância até os setenta anos, com ênfase na arte de fazer cestos de buriti, que ela aprendeu dos pais e aprimorou ao longo da vida. A história individual passa a ser vista como mais um objeto de resgate da memória cultural. A biografia em questão desempenha o papel de mediação, pois, ao lado dos conteúdos relativos à vida pessoal de Carminda, são registradas informações valiosas a respeito de técnicas artesanais e práticas de transmissão de saberes ancestrais.

Concentrando-se na vida de uma mulher indígena, a narrativa também assume força política, atuando como ferramenta de valorização do papel feminino na realidade das comunidades. Como a biografada é uma pessoa idosa, há novamente a evocação da importância dos mais velhos na sobrevivência dos valores culturais, servindo, inclusive, de contraponto à visão ocidental contemporânea, frequentemente marcada pelo etarismo. Com Helena I. F. Corezomae, evidencia-se o papel da literatura indígena contemporânea como espaço de validação das trajetórias pessoais, que, por sua vez, espelham os processos vivenciados por suas coletividades.

Outro autor a explorar um gênero diferente (daqueles presentes em obras indígenas anteriores) é Marcio Monzilar Corezomae, que apresenta, na coletânea, um conjunto de poemas.

[...]
Sou descendente da linhagem
De antigos guerreiros
Dono dos rios, das matas, dos campos.

Minha história é mais que antiga
Vem dos primeiros organizar dos tempos
Quando nada ainda foi criado.

Minhas lembranças são de boas caçadas
Pescarias fartas
Imensos roçados.

Sou Maré Balatiponé-Umutina
Nascido no tempo difícil
Da incerteza do ir ou ficar.

[...] (p. 38).

(Corezomae, Marcio M. *Mistikamé? (Quem é você?)*. In: Jesus, Naine Terena de (org.). *Tempos: coletânea indígena*. Cuiabá: Editora Sustentável, 2021)

Nesse poema, a voz poética se declara descendente de uma linhagem de guerreiros, assenhorando-se dos rios, das matas e dos campos. A palavra “dono” empregada nesses versos muito provavelmente não significa o mesmo que “proprietário”, tal qual o entendem as culturas ocidentais. Talvez seja uma conceituação mais próxima de “guardião”, alguém que guarda os fenômenos da natureza porque está acostumado a viver entre eles, detendo os conhecimentos necessários para extrair deles a sua subsistência, sem a necessidade de destruí-los. E o fato de saber se movimentar por esse ambiente com destreza constitui o valioso legado que herdou de seus ancestrais.

O “eu” que se expressa nessa composição ainda ressalta a antiguidade da história indígena, que vem da organização dos primeiros tempos. Dessa forma, evoca a sua ligação com o tempo mítico, aquele mesmo presente eterno das narrativas de origem. Em suas memórias, destaca-se a prodigalidade dos tempos passados, com caça e pesca abundantes, além de “imensos roçados”. A menção a essa fartura anterior deixa entrever certa carência no presente, uma vez que também se declara como alguém “nascido no tempo difícil”. Como a sobrevivência não está mais garantida, provavelmente pela restrição do território de onde se retiravam os víveres, o que impera é a incerteza, a alternância entre a esperança de poder permanecer e a obrigatoriedade de partir.

Eliane Xunakalo encerra a coletânea, buscando movimentar-se entre tradição e contemporaneidade e ingressando num gênero que também ainda não tinha aparecido entre os autores indígenas que selecionamos.

Há uma onça pintada encantada, de olhos amarelos como o sol, de pelos negros como a noite, elegante, com a voz de trovão e muito sábia;
A onça encantada percorre os territórios, não é um Deus, é um espírito de luz, guardião, protetor, no qual repassa os seus conhecimentos aos escolhidos pelos ancestrais, pelo universo e pelo seu criador;
Os escolhidos pelos seres encantados têm uma missão nobre, aprender a ter olhar de amor, a provocar reflexões, mas também terá ações de amor com equilíbrio entre firmeza, solidariedade e responsabilidade com o outro.
Não coube à humanidade ainda reconhecê-los, mas os escolhidos(as)

auxiliarão na evolução de muitas pessoas, especialmente do povo que nasceu. A onça encantada é sentida pelo vento calmo e sereno. É o senhor absoluto dos animais, apresenta os seres sagrados como água, a terra, o ar, plantas, animais, as pessoas, tudo como dádiva. O sagrado é simplesmente o sopro da vida, o livre arbítrio dado a tudo e a todos, com a condição de cooperarmos para evoluirmos (p. 55).

(Xunakalo, Eliane. A onça. In: Jesus, Naine Terena de (org.). *Tempos: coletânea indígena*. Cuiabá: Editora Sustentável, 2021)

Nessa pequena crônica de fundo reflexivo, a autora, assim como Marcelo M. Munduruku, estabelece uma relação entre cosmogonia e pedagogia. A onça pintada é retratada como a guardiã e transmissora de saberes tradicionais. Ela repassa tais conhecimentos aos escolhidos pelos ancestrais, pela natureza e pela divindade. Apesar desse elevado papel, o texto ressalta que a onça não deve ser entendida como um deus no sentido ocidental, mas como um espírito de luz, representando a continuidade entre os animais, os seres humanos e as entidades espirituais.

Os escolhidos são aqueles que se colocam em sintonia com esse continuum, alterando o próprio olhar sobre o mundo, além de provocar nos outros novas reflexões. De acordo com essa leitura, receber os conhecimentos repassados pela onça não é uma atividade passiva, mas uma ação que implica assumir responsabilidade em relação à coletividade. Estar entre os escolhidos não é usufruir de privilégios concedidos pelos deuses, mas servir como mediador entre o saber ancestral e as demandas do presente.

Eliane Xunakalo renova o imaginário tradicional, deslocando a figura da onça das narrativas míticas para o espaço da crônica, dentro de uma reflexão contemporânea sobre conhecimento, ética e responsabilidade. Estabelece também o debate a respeito do papel do escritor e da escritora indígena, que, assim como os escolhidos pela onça, devem realizar a mediação entre ancestralidade e atualidade. Dessa forma, a onça pintada não é apenas uma personagem do texto, mas uma metáfora para a escrita indígena contemporânea, articulando memórias coletivas e projetos individuais, preocupações grupais e perspectivas subjetivas, mito e produções literárias contemporâneas.

AMPLIANDO HORIZONTES

Filmes

Xingu (2012), direção de Cao Hamburger.

Longa-metragem que conta a história dos irmãos Villas-Bôas desde sua participação na Expedição Roncador-Xingu até a luta em torno da criação do Parque Indígena do Xingu.

Estratégia xavante (2007), direção de Belisario Franca.

Documentário a respeito da estratégia traçada por um cacique Xavante para manter vivas suas tradições culturais, escolhendo um grupo de jovens para atuar como mediadores entre a comunidade e os não-indígenas.

Livros

Os Caduveo de Guido Boggiani (Martins Fontes, 1894).

Narrativa de viagem do comerciante italiano Guido Boggiani ao Mato Grosso no final do século 19, em que ele teve contato com os indígenas Caduveo, apresentando muitos detalhes sobre os seus costumes.

Como vivíamos antes e como vivemos hoje (Histórias do povo Juruna do km 17) de Maria Cândida Juruna (Editora Sustentável, 2021).

Nessa obra, é narrada a trajetória dos Juruna que habitam a Aldeia Boa Vista, no município de Vitória do Xingu, desde 1813 até a atualidade.

Terra (Selo Off Flip, 2025).

Antologia que reúne contos, crônicas e poemas de autoras e autores de todo o Brasil, incluindo Anna Maria Ribeiro F. M. Costa, com o conto “O padre que virou pajé”, e José Eduardo F. M. da Costa, com o conto “Árvores que enlaçam estrelas aos cantos da terra”. Esses dois autores são radicados em Mato Grosso e narram as experiências do período em que viveram em aldeias indígenas.



Obras infantojuvenis

Boloriê: A origem dos alimentos de Luciano Ariabo Kezo, com ilustrações de Luciano Ariabo Kezo e Eld Johonny (Leetra; UFSCAR, 2015).

O livro narra a história de uma mãe indígena que sofre com as ausências do marido, pedindo ao Criador que lhe envie um filho para aliviar a solidão.

Depois de um banho no rio, ela leva para casa um peixe enrolado numa esteira. Passados alguns dias, encontra embrulhada, no lugar do peixe, a criança que tanto desejava.

A cidade das águas profundas de Marcelo Manhuari Munduruku, com ilustrações de Anielizabeth (Melhoramentos, 2013).

Conta a história de Urebu, indígena convidado por botos a mergulhar num rio e conhecer uma cidade diferente. No fundo do rio, ele encontra um reino de magia e encantamento.

Piududo, o menino beija-flor de Anna Maria Ribeiro Costa e Ildefonso Boro Kuoda, com ilustrações de Adriana Milano (Entrelinhas, 2025).

Nesse livro, Piududo é um indígena Boe Bororo que vive na aldeia Sol Nascente. Ele não sabe quando nasceu, nem sua idade, mas sabe que vem da beira do rio Pogúbo, que quer dizer “o rio da ave cardeal de verão” (ou rio Vermelho, em Mato Grosso). Seu corpo é coberto com a tinta vermelha do urucum, sendo a primeira vestimenta que um indígena Boe Bororo recebe.

Tikare alma-de-gato de Alexandre Rolim (Carlini & Caniato, 2017).

Narrativa ficcional a partir de mitos dos Paresi, habitantes tradicionais da região de Campo Novo dos Pareis, contando a história de seus primeiros contatos com os não-indígenas.



Artes Visuais

Kaya Agari

Artista e ativista indígena que se dedica à pintura em diversos suportes, explorando principalmente os grafismos e estampas característicos de seu povo, os Kurâ-Bakairi. Em 2024, uma de suas obras integrou a exposição Memória Biocultural, com curadoria de Ruth Albernaz, no Museu de Arte e de Cultura Popular da UFMT.

https://www.instagram.com/kaya_agari/

Kulykirda Stive Mehinaku

Artista visual da etnia Mehinaku do Xingu, conhecido principalmente por seus bancos de madeira. Participou da Bienal de São Paulo em 2019 e de uma exposição no Tokyo Teien Metropolitan Museum do Japão, em 2018.

<https://www.instagram.com/stivemehinako/>

Sites

Biblioteca digital Curt Nimuendajú:

<http://www.etnolinguistica.org/>

Cartas indígenas ao Brasil:

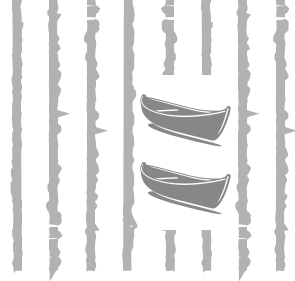
<https://cartasindigenasaobrasil.com.br/>

Museu das culturas indígenas:

<https://museudasculturasindigenas.org.br/>



CAPÍTULO 2



CARTOGRAFIAS DE MATO GROSSO

Neste capítulo, vamos acompanhar o espírito aventureiro e conquistador da viagem, essa forma desbravadora de descobrimentos que construiu as ideias sobre o Novo Mundo, desde o século 16, quando o Brasil surgiu nos mapas. Será uma caminhada grafada e desenhada por textos básicos que darão pistas para a compreensão sobre como o Brasil e, especialmente, Mato Grosso, foram cartografados. São textos mais descritivos e informativos do que literários, que podem ser considerados manifestações ideológicas do que viria a constituir as bases da escrita literária.

A viagem é, portanto, uma aventura escrita por viajantes que, nos séculos 18 e 19, penetraram por rios e matas, em grande parte inexplorados, do território brasileiro, para registrar o que hoje se conhece como a cartografia mato-grossense. Por ela é que convidamos a leitora e o leitor a viajar pelo exercício do olhar, como também pela recriação das identidades, diversidades e formação do pensamento e da forma de ser mato-grossense.

DIALOGANDO NO TEMPO

Na literatura geral, ver *Viagem à roda do meu quarto* de Xavier de Maistre (1825), obra central para a formação do romance moderno, e *Diário íntimo* de Couto de Magalhães (1837-1898), ousada escrita íntima dos sonhos do viajante. Deste autor, ver também *O selvagem*, de 1876, com inserção de um tratado da língua tupi-guarani, mostrando as possibilidades de comunicação entre os “letrados” e os indígenas, que considera “selvagens”, como mostramos no capítulo 1.

Viagem e literatura: uma visão geral

A viagem sempre foi o espaço ideal para a ficção. Os descobrimentos de novas terras no continente americano redesenharam a cartografia universal e instauraram formas de pensar o Outro, através de olhares contraditórios e estereotipados. Nesse sentido, o viajante é o indivíduo de fora que observa, analisa, pesquisa, compara e avalia, o que lhe permite descobrir novos parâmetros e criar conceitos (e preconceitos).

Cada época gera acontecimentos que criam tensões, conflitos, valores e concepções. É, portanto, na postura de “estrangeiro” que se afirma a condição da viagem e foi nos ideais humanistas e renascentistas dos séculos 15 e 16 que a América foi descoberta, sendo resultado da valorização do homem como centro do universo, com seus atributos e realizações. Fundou-se, assim, uma identidade que se propunha consolidar o Estado moderno, presente na ideia de unidade nacional tão fortemente defendida pelo Império brasileiro, no século 19.

Pela compreensão do Renascimento como abertura às transformações científicas e estéticas é que podemos entender como o pensamento antropocêntrico contribuiu para o alargamento das fronteiras geográficas. As distâncias serviram para ampliar a percepção estética, a partir do exercício do olhar impresso pelo movimento da viagem. Os viajantes descreveram e classificaram o universo, compuseram imagens que uniram dois pontos distintos: o mundo imaginado e o mundo real, em contraposição ao imaginário sobre o Outro, gerando imagens sobre o observado e o vivido. Daí os mitos e estereótipos que transformaram as relações entre a história e a ciência. Esses princípios intrínsecos à viagem articularam, pela escrita, o sistema do saber e a construção do conhecimento da história natural.

No Brasil, os relatos provenientes das viagens sintetizaram uma imagem de terra exótica e estranha. O maravilhamento perante a grandiosidade da natureza imprimiu a fantasia dos mares e das florestas impenetráveis, propícia à criação dos mitos, principalmente o das águas e do espaço vivenciado, exemplificado aqui nos fragmentos de textos do capítulo anterior sobre as populações nativas. Os sentidos atribuídos às águas e às florestas povoou o

universo dos relatos, criando ambiguidades de tom entre a melancolia e o sublime, ruínas e edificações, céu e inferno, ora desqualificando o ambiente, ora colocando o viajante em estado de contemplação e percepção dos elementos naturais propícios à fecundação do espírito do artista.

No aspecto da duplicidade de sentimentos é que os sentidos são codificados e atestam a origem do brasileiro. O tom poético-científico que subjaz aos relatos, diários, narrativas e esboços de quadros pictóricos está vinculado à necessidade de traduzir, com fidelidade, o mundo natural e os acontecimentos, dentro de uma perspectiva ideológica comprometida com a política de cada época, como propomos demonstrar nos capítulos desenvolvidos neste livro. “A linguagem marinheira converteu esse complexo material em importantes documentos da história. Frequentemente reconhecidos, nos livros didáticos, como “literatura de informação”, tais documentos contribuíram na construção do imaginário projetado sobre as matas, os rios, os povos, as línguas e os espaços geográficos. Serviram de reconhecimento dos espaços até então desconhecidos. Desse imaginário, a produção artística é um forte ingrediente da ficção, que se alimenta da oralidade e dos fatos passados entre as gerações.

Em Mato Grosso, a cultura da viagem se manifestou, e ainda se manifesta, nas danças, nas lendas, na música, no artesanato, na religiosidade e nos textos, condensando o patrimônio material e imaterial da terra. Em Firmo Rodrigues (1871-1944), pode-se esmiuçar as fontes que utiliza para compor a imagem da Fazenda Jacobina, no município de Cáceres, na fronteira com a Bolívia, e alguns fatos ocorridos no local, ligados à própria história do Brasil.

Um artista ignorado

Ficou célebre nos Anais de Mato Grosso a fazenda da Jacobina, do município de Cáceres, fundada em princípios do século XVIII, pelo português Leonardo Soares de Souza, coronel de milícias, falecido, mais ou menos em 1814. No Instituto Histórico de Cuiabá existe o retrato a óleo do Coronel Leonardo, cujos traços fisionômicos evidenciam, a par da feiura, ter sido homem enérgico. Situada à margem da estrada que

comunica esta cidade com S. Luiz de Cáceres, era a Jacobina ponto de parada obrigatória dos viajantes. Por morte do Cel. Leonardo, a Jacobina passou a Maria Josefa Jesus Leite, que se casou com o coronel de milícias João Carlos Pereira Leite. E prosperou de tal modo a fazenda que, diziam, era a mais importante propriedade rural de Mato Grosso. Por morte de João Pereira Leite tomou a direção da fazenda a própria viúva, eficazmente auxiliada por um filho, o major João Carlos Pereira Leite que, possuidor de centenas de escravos, mantinha notável serviço de lavoura e criação, engenho, etc. Era o major J. Carlos um verdadeiro senhor feudal; ninguém ousaria contrariá-lo [...]. Durante alguns anos ali viveu o revolucionário Dr. Sabino Vieira, deportado por ordem do governo imperial. Fugindo foi homiziar-se na Fazenda Jacobina. Fosse lá buscá-lo quem para isso tivesse audácia. E, durante alguns anos ali viveu [...] gozando relativa tranquilidade, até que veio a falecer em 25 de dezembro de 1846. Em 1867 irrompeu em Cuiabá a epidemia da varíola: o major Carlos, por conta própria estabeleceu na sua fazenda um cordão de isolamento, impedindo a passagem de quem quer que viajasse com destino à cidade de Cáceres ou vice-versa [...]. Do seu consórcio com D. Maria Josefa teve o coronel João Pereira Leite dez filhos, dos quais o último, Pedro Nolasco Pereira Leite, nasceu em 1833, formou-se em medicina pela faculdade do Rio de Janeiro e faleceu em 1859, na povoação de Albuquerque (hoje Corumbá). Dos volumes encadernados que pertencera ao Dr. Pedro Nolasco, oferecido ao Instituto pelo Sr. Hildebrando Esteves, parente daquele médico, verifico que foi ele um estudioso e sobretudo hábil desenhista. O que chama a atenção do leitor é a parte ilustrada desse trabalho, constituída por uma série de desenhos de plantas e animais, feitos a bico de pena, com perfeição admirável, revelando assim o pendor e o gosto do jovem estudante pela arte de desenhar.

(Rodrigues, Firmo. *Figuras e coisas da nossa terra*. Cuiabá, 1959, p. 27-29)

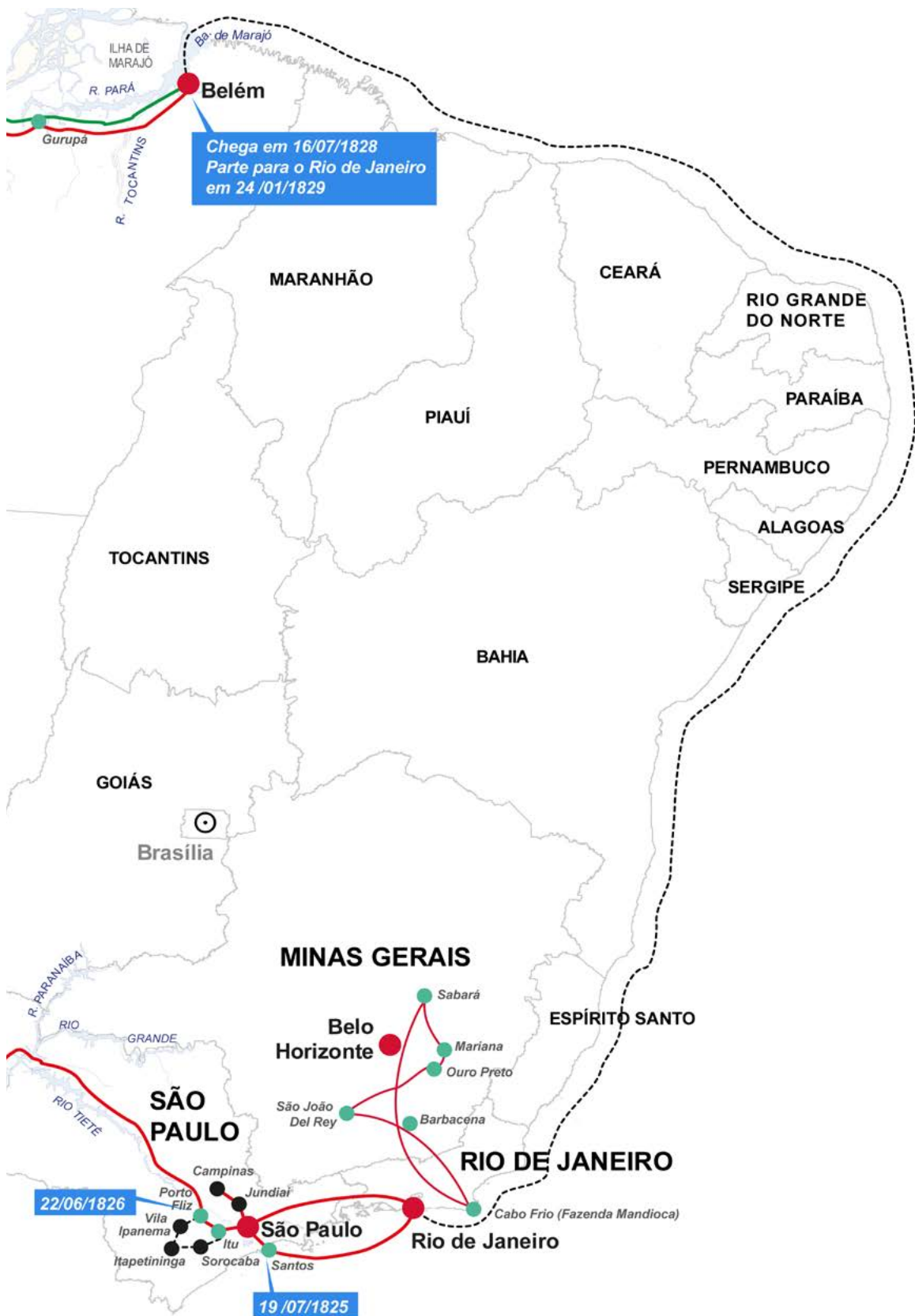
Uma das fontes de Rodrigues é o relato de Hercules Florence, naturalista do século 19, que passou pelo local como integrante da Expedição Langsdorff:

Depois de subirmos ao alto da Criminosa, fizemos ainda légua e meia por declive suave e chegamos à Jacobina, alvo de nossos maiores desejos, não só por causa das comodidades que esperávamos encontrar e que se prodigalizava segundo diziam a todas as classes de viajantes, como também pela sua importância, cada vez mais exaltada neste caminho, à medida que as distâncias se iam encurtando. O aspecto da fazenda desmentiria essas informações, quanto à segunda parte, comparada com estabelecimentos desse gênero em outras províncias do Brasil, mas a Jacobina era a mais rica fazenda da província e por consequência não tínhamos razão de achar que nada fosse exagerado. Atravessando o grande pátio, fomos parar diante de uma casa de sobrado, à espera, conforme a regra brasileira, que nos viessem convidar para pormos pé em terra. Apressaram-se em nos dirigir esse convite e nos fazer subir ao alpendre do sobrado, onde o tenente-coronel nos recebeu como hóspedes, título bastante de recomendação. Depois de trocarmos algumas palavras de polidez, tomamos assento entre outros comensais, alguns dos quais eram nossos conhecidos de Cuiabá [...]. Gozávamos ao mesmo tempo da vista do céu e do campo. Depois da refeição, retirou-se o tenente-coronel e o vigário, tio da mulher dele, levou-nos para o primeiro pavimento onde entramos num grande edifício, cujas portas abriam para o terreiro (pátio da frente). Mais de cem pessoas entre escravos e gente forra, na maior parte do sexo feminino, aí se achavam em movimento, e cada qual ocupado com sua tarefa. O vigário apresentou-nos ao chefe dessa grande oficina, que dirigia tudo, tudo vigiava, obras, engenhos, plantações, gado, escravos, agregados, enfim a fazenda inteira, sem esquecer o tenente-coronel e sua família. Esse chefe, atlético no corpo e no espírito, era a sogra do tenente-coronel e irmã do nosso vigário, matrona de cinco pés e oito polegadas e de corpo proporcionado à altura. Sua cara de queixo tríplice parecia confundir-se com o largo pescoço, cercado de muitas voltas de colares de contas grossas de ouro [...]. O que havia, porém de notável era que essa mulher, tão corpulenta e que mostrava ter cinquenta anos, andava e mexia-se com a agilidade de uma garrida mocetona. Sua fisionomia, seu olhar e boca exprimiam simultaneamente a energia, a franqueza e a bondade. Todos os escravos e agregados a



Fonte: Elaborado sobre Atlas Nacional do Brasil de 2010 (Disponível em: <https://atlasescolar.ibge.gov.br/brasil/3025-federacao-e-territorio/3036-unidades-politico-administrativas.html>) com dados da Folha de São Paulo de 24/11/1995 e BARROZO, João Carlos; LUCÍDIO, João Antônio Botelho. Diamantino: De George H. Langsdorff (1827/28), Francis Castelnau (1844/45) à Redescoberta dos Diamantes (1930/40). Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021.

Crédito arte: Doriane de Abreu Miloch



estimavam tanto quanto a temiam, sendo com efeito a mãe de toda a redondeza, principalmente pelos cuidados com que tratava os enfermos e pelos socorros que com pródiga mão distribuía aos necessitados [...]. Ao romper do dia chegávamos a Vila Maria, assente à margem esquerda do Paraguai. Do mesmo modo que os outros povoados de Mato Grosso, não merece este a qualificação de vila. Um renque de casas em mau estado, de cada lado de uma grande praça, uma igreja sob a invocação de São Luís de França, muros de separação por trás das casas, eis tudo. Mas o grande rio aí está, cercando a praça e a povoação, e ao qual se desce por uma barranca em curva reentrante. Do outro lado estende-se uma praia de areia fina, orlada de lindo e verdejante matagal, cortado pelo caminho que vai ter a Mato Grosso [...]. Chegamos ao rio Jauru, à direita. Em vão procuramos a princípio enxergar a pirâmide que vínhamos ver: descobrimo-la afinal à direita da embocadura, por trás de árvores que a ocultavam das vistas. Não é possível enxergar com indiferença um monumento qualquer de mármore branco e de arquitetura regular que de repente se nos depara no meio dessas vastas regiões, onde sem partilha reina a natureza. É a pirâmide quadrangular e tem 15 e meio pés de alto, incluindo o pedestal e a cruz de pedra que a coroa [...]. As duas coroas de armas de Espanha e Portugal estão mutiladas; pelo tempo ou pelos homens?

(Florence, Hercules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Trad. Visconde de Taunay. SP: Cultrix/USP, 1977, p. 179-209)

Rodrigues traça uma imagem da Fazenda Jacobina, dos seus proprietários e do primeiro médico mato-grossense, formado pela Faculdade do Rio de Janeiro. Utiliza-se dos dados do diário de viagem de Florence, somados aos registros dos *Anais de Mato Grosso*, de outros relatos de viagem e dos acervos documentais do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT.

Entre o relato de Florence e a narrativa de Rodrigues há pontos de intersecção que mostram como surge a cartografia mato-grossense, criando imagens que cristalizaram a forma de ver e de pensar o interior brasileiro. É o imaginário que irá construir a literatura dos primeiros anos em Mato

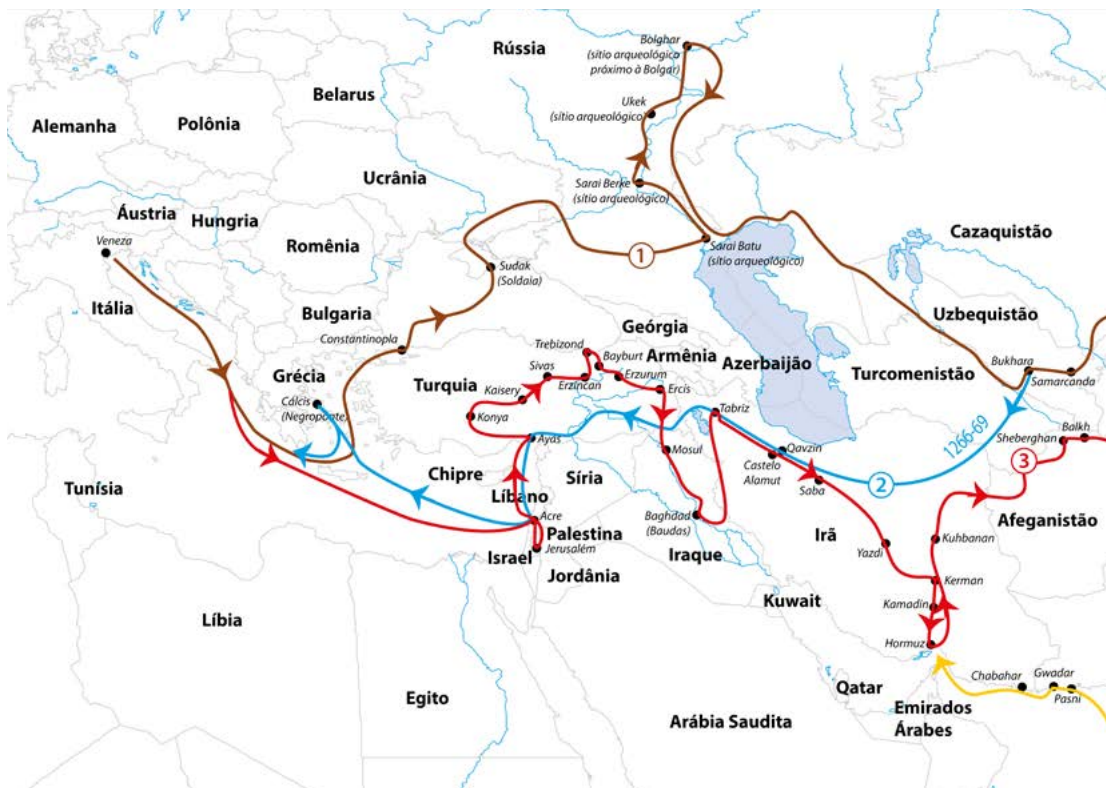
Grosso. Por essa via se constituirá a ideia de telurismo, terra e tradição, como veremos no próximo capítulo.

A expedição do Cônsul Langsdorff (1824 a 1829), da qual Florence fez parte, é um exemplo de como a cartografia mato-grossense se caracteriza pelo exotismo e maravilhamento, que são as substâncias textuais dos relatos de viagem. A grande Expedição foi realizada em dois percursos, sendo uma das maiores epopeias ao interior brasileiro, financiada pelo governo russo. O Barão de Langsdorff era Cônsul Geral da Rússia no Brasil e percorreu vasta porção de terra em Mato Grosso, deixando um imenso legado artístico, cultural e científico sobre a natureza, as populações e a economia brasileira. O percurso da Expedição aparece registrado no mapa das páginas anteriores.

O contexto geral das viagens por Mato Grosso desenhava as várias faces de um Brasil interior até então desconhecido. O material coletado pela Expedição, inclusive o diário de bordo do Barão de Langsdorff, encaminhado à Rússia, somente foi encontrado cerca de um século mais tarde. Na segunda metade do século 19, Visconde de Taunay encontra o diário de viagem de Florence, publica-o na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/IHGB* e escreve *A cidade do ouro e das ruínas*, cuja personagem-tema é o seu tio Aimé-Adrien Taunay, um dos desenhistas da Expedição. Em 2001, foi publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Pelo imaginário das viagens

É a partir do final do século 16 e início do 17 que se intensifica a produção dos atlas, compêndios histórico-geográficos e coletâneas de narrativas de viagens dedicadas à configuração da América recém-descoberta. Houve um *boom* editorial das obras relacionadas à viagem, lidas por um público letrado. A Europa colocava-se diante da avalanche de notícias sobre a existência de um Novo Mundo descrito nos relatos, movimentando a cartografia mundial e fornecendo tema para romances ambientados em países imaginários. O motivo da viagem é presença constante e crescente em diversos gêneros literários e artísticos da época, como os relatos do viajante Marco Polo, que moldaram a compreensão do Ocidente sobre o Oriente.



VIAGENS DE MARCO POLO – 1259-1295



1259-1266 O pai e o tio de Marco Polo, Niccolò e Maffeo, partem de Veneza, viajam via Constantinopla e Crimeia, atravessam a estepe até Bukhara e, em seguida, viajam para o leste até Xanadu para encontrar Kublai Khan.



1266-1269 Niccolò e Maffeo Polo partem da China, seguindo uma rota diferente pelo sul, através da Pérsia, para evitar a instabilidade na Horda Dourada.



1271-1275 Marco Polo, com seu pai Niccolò e seu tio Maffeo, parte de Veneza, viaja por Acre, Pérsia e Ásia Central, atravessando o Pamir e o Deserto de Gobi, chegando finalmente a Canbaluc (Pequim) para encontrar Kublai Khan.



c. 1280 Marco Polo viaja extensivamente pelo interior da China, chegando a Bagan, no Reino de Pagan (atual Myanmar).

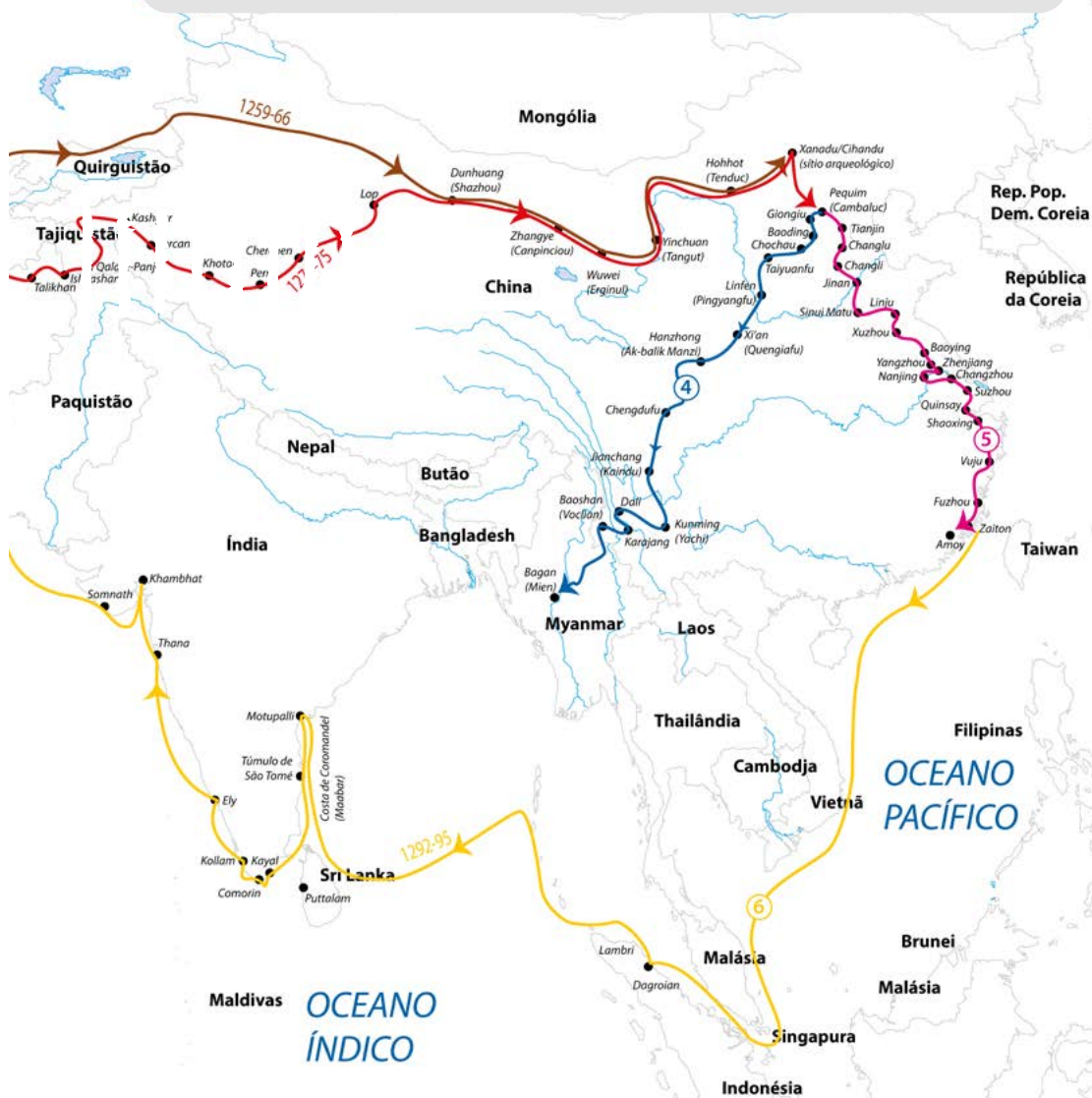


c. 1280, Marco Polo viaja para o sul ao longo da costa leste da China, passando por inúmeros portos e cidades comerciais até chegar a Zaiton (atual Quanzhou).



Entre 1292 e 1295, os Polos escoltam a princesa Kōkōchin até a Pérsia por mar, passando por Sumatra, Sri Lanka e Ormuz, e retornam a Veneza após 24 anos no exterior.

Marco Polo foi um explorador veneziano, cujas viagens estão registradas no controvertido e maravilhoso livro *As aventuras de Marco Polo*, escrito no século 13. Seus relatos inspiraram filmes e séries de TV. Em 1864, Jules Verne escreve *Viagem ao centro da terra*, que povoou o imaginário leitor e também teve grande êxito no cinema. Em 2008, sob a direção de Eric Brevig, foi revisitado nas telas, com efeitos especiais de última geração.



Fonte: Elaborado sobre Mapa Mundo de Planisfério Político de 2021 (Disponível em: <https://atlascolar.ibge.gov.br/mundo/2972-divisoes-politicas-e-regionais/2980-planisferio-politico.html>) com dados de NETCHEV, Simeon. "Map of Marco Polo's Travels, 1271 - 1295." World History Encyclopedia, 11 Feb 2019, (Disponível em: <https://www.worldhistory.org/image/10041/map-of-marco-polos-travels-1271-1295/>). Crédito: Doriane de Abreu Miloch.

As viagens de Marco Polo são descrições maravilhosas de localidades exóticas que fizeram e ainda fazem sucesso na cinematografia. Além dessa conhecida obra, há uma imensa lista de quem escreveu e publicou sobre o Brasil ao longo de mais de 300 anos, após a chegada de Pedro Álvares Cabral. Esses textos possibilitaram conhecer grande parte dos contornos do país e dos locais habitados pelos povos originários. O ponto de partida é o cenário natural, a fertilidade das terras, a variedade da flora e da fauna, o clima tropical livre dos rigores do inverno europeu – uma espécie de paraíso, ideia que será substituída, a partir do século 17, por uma gradativa percepção da “realidade” que oscilava entre estações de calores escaldantes e abundantes chuvas, com funestas consequências para a saúde. O paraíso contrastava com o inferno, o que era propício para gerar imagens ambivalentes sobre o processo de dominação¹, como se tem visto nos argumentos desenvolvidos nos capítulos deste livro. Intensifica-se, assim, o discurso de terras incultas, selvageria e barbárie, em que a imagem registrada oscila entre a beleza, a abundância, mas também vazios geográficos, dificuldades de locomoção, povos até então conhecidos como indolentes e selvagens. Uma visão que, ao se aproximar, causa repugnância e afastamento da ilusão presente nos primeiros relatos.

Como Mato Grosso aparece descrito nesse contexto? Barbosa de Sá, o primeiro cronista dos fatos da então colônia, fornece a ideia do que vem a ser Mato Grosso e Cuiabá. Antes dele, o que se conhecia constava dos relatórios e diários oficiais de Rolim de Moura e Luís de Albuquerque, dentre outros governantes da Capitania. Predominavam os detalhes oficiais, que ajudaram na formação de uma imagem de Mato Grosso². Eis como Barbosa de Sá apresenta Cuiabá na crônica histórica denominada *Relação das povoações de Cuiabá e Mato Grosso de seus primeiros tempos até o presente*³, com grafia atualizada.

1 Sobre essa temática, ver as minisséries de TV e os livros sobre o tema da colonização, tais como *A muralha*, de Dinah Silveira Queiroz (SP: Ed. Instante, 1954); *Desmundo* (Cia. das letras, 1996) e *Xica da Silva, a cinderela negra* (Record, 2017), ambos da romancista e atriz Ana Miranda.

2 Outros autores do Oitocentos descrevem Cuiabá e boa parte do interior brasileiro: Antônio Pires de Campos e Rodrigo César de Menezes, como se verá no capítulo 3.

3 Lembrar que as denominações “Mato Grosso” e “Cuiabá” se referem, respectivamente, a Vila Bela da SS. Trindade (a primeira capital) e à cidade de Cuiabá.

Crônica histórica sobre o nome ‘Cuiabá’

Destes, o primeiro que subiu o rio Cuiabá, assim chamado, dizem uns que por acharem em suas margens cabaços plantados de que faziam cuias para seus usos; outros que o nome de Cuiabá procedeu de uma cuia que os primeiros que subiram este rio acharam sobre as águas que ia rodando, por donde inferiram que havia gente por ele acima e por esta inferência subiram em procura dela; outros disseram que o nome de Cuiabá é apelido do gentio que nas margens deste rio habitava. Cada qual siga a opinião que quiser que não é ponto de fé nem pragmática de Rei. Eu sempre estou que a nomeação foi derivada dos cabaceiros ou da cuia, que gentio deste nome nunca achei nem tive dele notícia, sendo dos segundos que cultivavam estes sertões e examinei tudo o que neles havia. O primeiro que subiu este rio, Antônio Pires de Campos em procura do gentio coxiponé, chegando a uma aldeia deles onde é hoje a capela de São Gonçalo. Aí prendeu muitos e voltou para baixo em procura das mais frotas que andavam por essas largas e dilatadas baías em procura de mais nações. No seguinte ano, seguiu Paschoal Moreira Cabral o mesmo rumo em procura dos mesmos coxiponés e chegou ao lugar da Aldeia Velha já destruída. Não os achando, subiu o rio Coxipó mirim, nomeação derivada do nome do mesmo gentio e fazendo pouso logo acima da barra acharam ouro em granetes cravados pelas barrancas: neste pouso e primeiro descobrimento deixou o Capitão a bagagem e seguiu rio acima até o lugar chamado hoje Forquilha; aí achou o gentio em quem fez suas presas com bastante mostra de ouro em bodoques e outros enfeites e buscando os companheiros, com eles desceu a fazer pouso ao lugar chamado Aldeia Velha, onde se acha hoje a capela de São Gonçalo. Aí formaram seu Arraial para tomar descanso, cantando vitória contra as fadigas da pobreza e suas largas peregrinações, dando uns aos outros os parabéns de suas fortunas [...]. Trataram logo de fabricar casas e lavouras de mantimentos pelas margens dos rios Cuiabá e Coxipó, extinguindo uma aldeia de gentio que se achava no lugar chamado hoje Porta do Borrallho [...]. Juntos os que ficaram mandaram escrever um aranzel para seu regime que é o seguinte, copiado do mesmo original: “Aos oito dias do mês de abril da era de mil setecentos e dezenove, neste

Arraial do Cuiabá fez junta o Capitão-mor Paschoal Moreira Cabral com os seus companheiros e ele requereu a eles este termo de certidão para notícia do descobrimento novo que acharam no ribeirão do Coxipó, invocação de Nossa Senhora da Penha de França [...]”. Divulgada a notícia pelos povoados foi tal o movimento que causou nos ânimos que das Minas Gerais, Rio de Janeiro e de toda a Capitania de São Paulo se abalaram muitas gentes, deixando casas, fazendas, mulheres e filhos, botando-se para estes sertões como se fora a terra da promessa ou o Paraíso encoberto em que Deus pôs nossos primeiros pais.

(Barbosa de Sá, Joseph. *Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*. Edições da UFMT/Secretaria de Educação e Cultura, 1975, Coleção Ouro ou mel, p. 10-13)⁴

Nota-se que o Relato de Barbosa de Sá está escrito em primeira pessoa, ou seja, o relator é partícipe dos acontecimentos, tecendo comentários pessoais sobre a origem do nome Cuiabá, que fogem aos relatos oficiais. São minuciosas descrições oficiais que constroem uma narrativa, contando uma história muito próxima do real, mas imprimindo seu olhar de observador, inclusive nos termos da “ata de fundação do Arraial do Cuiabá”.

Os *Anais de Mato Grosso*, do Visconde de Beaurepaire-Rohan, dão continuidade aos registros de Barbosa de Sá e de Joaquim da Costa Siqueira, estendendo-se até o ano de 1824. Estão baseados em registros dos arquivos de Cuiabá e do Rio de Janeiro. Ampliam, com isso, as informações tidas até então. Vejamos como tratam da fundação de Cuiabá:

1718 – Dentre os paulistas que andando à conquista dos indígenas, haviam chegado ao Paraguai, foram Antônio Pires de Campos e seus companheiros os primeiros que subindo o rio São Lourenço, por ele entraram em Cuiabá, seu tributário. Navegando por este acima sessenta e quatro léguas, chegaram à confluência do Coxipó-mirim, que se lhe despeja pela margem

4 José Barbosa de Sá nasceu em Portugal. É o primeiro cronista de Cuiabá. Publicou *Relatório sobre as missoes espanholas no vale do Guaporé* (1745), *Relação dos povoados de Cuiabá e Mato Grosso* (1755) e *Crônicas do Cuiabá*.

esquerda, em cujo sítio encontraram uma aldeia de Coxiponés. Deram sobre eles, e com esta presa regressaram do Paraguai e se reuniram aos outros conquistadores, que na mesma diligência, pelas margens d'aquela rio faziam as suas correrias.

1719 – Com a notícia da bem sucedida exploração de Antônio Pires de Campos, resolveram Paschoal Moreira Cabral, Fernando Dias Falcão, Gabriel Antunes Maciel, Antônio Antunes Maciel, Francisco Velho Moreira e outros a fazer a mesma viagem. Achando, porém destruída, a aldeia dos Coxiponés, subiram pelo Coxipó-mirim, em cujas margens reconheceram a existência de ouro, de que também viram amostras na mão dos indígenas. Determinaram, pois ficar-se no lugar da extinta aldeia, hoje São Gonçalo Velho. Foi esta a primeira povoação regular que houve nas minas de Cuiabá. Seus habitantes adaptaram estatutos pelos quais se regesse a pequena república, elegeram por guarda-mor a Paschoal Moreira Cabral, que havia sido o descobridor, por capitão-mor o governador Fernando Dias Falcão, ambos sujeitos de capacidade, e enviaram a São Paulo, Gabriel Antunes Maciel, a dar parte da descoberta e arranjar instrumentos de mineração. Entretanto, principiaram a fazer plantações pelas margens do Cuiabá e Coxipó-mirim.

1720 – É fácil imaginar-se o alvoroço que em São Paulo produziu a notícia da descoberta de minas de ouro. Imensa gente se pôs em movimento para a Califórnia daquele tempo; mas além da falta de práticos, que guiassem as monções na descida das cachoeiras, d'onde resultaram destroços condenáveis, a fome e as febres produziram tais estragos que frotas houve em que todos morreram [...].

1721 – Em continuação de suas explorações, os habitantes de São Gonçalo Velho descobriram grande cópia de ouro às margens do Coxipó-mirim, no sítio que denominaram Forquilha, para o qual se passaram e fundaram uma capela dedicada a N. S. da Penha de França. A 5 de setembro, Rodrigo César de Menezes, primeiro governador e Capitão-General, nomeado para a Capitania de São Paulo, depois de sua separação da de Minas Gerais, toma posse deste cargo na cidade de São Paulo. Este general tomou sob sua especial proteção os descobridores de Cuiabá, manifestando pelos meios

os mais lisonjeiros, o alto preço em que os tinha. Procurou evitar por medidas continuamente repetidas que por aquelas minas se passassem vadios e desordeiros e sobretudo os frades de qualquer religião por julgá-los os entes mais perigosos e corrompidos da época. Mandou por Bando de 7 de dezembro deste ano de 1721, intimar a todas as pessoas das novas Minas do Cuiabá, que quintassem o ouro que haviam trazido, sob pena de lho ser confiscado.

(Beaurepaire-Rohan, Visconde de. *Liv. Reg. da C. de S.P.* 1721-1730. F. 3 V)

Em paralelo, os *Apontamentos cronológicos da província de Mato Grosso*, de Augusto Leverger (Barão de Melgaço), são frutos de minuciosa investigação, como foi apontado em Beaurepaire-Rohan:

Em 1718 uma bandeira chefiada por Antônio Pires de Campos, tendo subido o rio Cuiabá em procura de índios, a fim de reduzi-los à escravidão, chegou até à barra do Coxipó-mirim, onde encontrou uma aldeia de Coxiponés, que foi subjugada. Governava então a Capitania de São Paulo, na qual se compreendiam os sertões de Minas, Goiás e Mato Grosso, Dom Pedro de Almeida Portugal, Conde de Assumar, que foi depois Vice-Rei das Índias e primeiro Marquês de Alorna.

1719 – Outros bandeirantes, capitaneados por Pascoal Moreira Cabral, chegaram ao mesmo lugar, e como encontrassem nas barrancas do Coxipó alguns granetes de ouro, subiram por esse rio e formaram um arraial no lugar da Forquilha, onde entregaram-se ao trabalho de mineração, apesar de se acharem desprovidos dos instrumentos necessários. Em junta que fizeram a 8 de abril resolveram enviar a São Paulo, Gabriel Antunes, para dar parte do descoberto, e elegeram, por essa ocasião, Pascoal Moreira Cabral para guarda-mor-regente, até que recebessem ordens do capitão-general.

1720 – Chegaram expedições partidas de São Paulo com numerosa gente, atraída pela notícia do ouro descoberto; vieram pela via fluvial, com muito trabalho, fome e sofrimento. Tomou posse do Governo de São Paulo o capitão-general Rodrigo César de Menezes.

1721 – Levantou-se na Forquilha uma capela dedicada à N. S. da Penha de França. A primeira missa foi celebrada a 21 de fevereiro pelo padre Jerônimo Botelho.

1722 – Chegou a Cuiabá expedição ou monção de São Paulo, pela navegação fluvial, mas com excessivo destroço; pereceu muita gente de fome, peste, e também devorada pelas onças. Em algum dia de outubro, Miguel Sutil, sorocabano, acompanhado de um seu camarada europeu, alcunhado o Barbado, guiados por índios, descobriram o lugar onde atualmente existe a cidade de Cuiabá, e pela tarde voltaram aos seus ranchos. O primeiro trazia meia arroba de ouro, e outro duzentas oitavas. Tratou de mudar-se para esse lugar toda a gente da Forquilha. Avalia-se quatrocentas arrobas o ouro que se tirou ali em um mês. O capitão-mor Jacinto Barbosa Lopes levantou a igreja Matriz dedicada ao Senhor Bom Jesus.

(Leverger, Augusto. *Apontamentos cronológicos da Província de Mato Grosso*. Publicações Avulsas do IHGMT. N. 19, 2001, p. 13-15)

A maioria dos relatos tratava de Cuiabá, como núcleo embrionário, como se verá reforçado no capítulo 4. No entanto, as cidades fronteiriças se tornaram importantes focos de interesse, tanto pela localização, quanto pela necessidade de se conhecer a cartografia, evitando perda de território para os vizinhos espanhóis. A questão da fronteira Oeste é um capítulo importante da história da formação de Mato Grosso e gerou interesses internacionais. Cáceres e Vila Bela aparecem amplamente descritas, desde o estabelecimento da primeira capital, no Vale do rio Guaporé.

Vila Bela

Foi Rolim de Moura, capitão de infantaria e senhor de Azambuja, quem fundou a cidade de Mato-Grosso, da qual o finado Dr. João Severiano da Fonseca, que bem a conheceu porque nela passou seis meses, disse em 1878 diante de tantas ruínas que via: “Tempo virá, longe mui longe talvez, quando já não exista mais senão o renome dessa cidade injustamente desacreditada; quando o homem do solo, desse solo ubérrimo e de tão

fácil conquista para a prosperidade e desenvolvimento do país; quando agregue a população e com ela surja o comércio, a agricultura e a indústria; e quando o grande e formosíssimo Guaporé, franco das cabeceiras à região encachoeirada do Mamoré, entronque a sua fácil navegação à via-férrea do Madeira; e que o povo vigoroso e cheio de ânimo, dispondo de mais forças, e a edilidade para remover os óbices ao seu adiantamento; a cidade de Mato-Grosso, o verdadeiro coração da América Meridional, vivificada por essas duas artérias sem rivais no mundo, o rei dos rios, o rio-mar e o Prata, ligados entre si por uma facilíma estrada de ferro de vinte e poucas léguas, dela ao Jaurú, – será o centro da vida dessas regiões, tão prenhes de riquezas nos três reinos naturais quão de misérias actualmente (Transcrição do relato de Manoel Esperidião da Costa Marques, com grafia atualizada).

(Mendonça, Rubens. *Antologia bororo*. Estante mato-grossense. Vol. IV, 1946, p. 41-43)

É possível verificar como se fortalece a ideia de progresso e a necessidade de transferência da capital para Cuiabá. Vila Bela era vista como insalubre e arruinada em suas características necessárias para sediar uma capital, até certo ponto “desacreditada”, mas rica e bela em natureza. Lembremos que Cuiabá foi fundada em 1719, muito antes de chegar o primeiro Capitão-general. No entanto, os caminhos por Vila Bela já eram intensos, demarcando a necessidade de assegurar a fronteira registrada no Tratado de Madri, firmado em 1750. Por outro lado, como entreposto intermediário, Cáceres (à época denominada Vila Maria do Paraguai) teve importância estratégica. Era um porto aberto à navegação, oferecia incremento da fronteira sudoeste, solo fértil e, principalmente, facilitava a comunicação entre Vila Bela e Cuiabá, aspectos suficientes para fortalecer a ideia de ocupação da fronteira, desenvolvimento e progresso. Ainda hoje é possível relembrar o lugar de memória de um dos mais importantes símbolos dos acordos de fronteiras, através do Marco do Jauru, monumento em mármore do acordo entre Portugal e Espanha, presente na praça principal da cidade de Cáceres.

Sobre a história de Cáceres e a formação da fronteira oeste de Mato Grosso, ver *Um trecho do oeste brasileiro* de Gabriel Pinto de Arruda ([s.n.]1938; Carlini e Caniato, 2021); de Natalino Ferreira Mendes, ver *História de Cáceres (Tomo I): história da administração municipal* ([s.n.], 1973; Ed. Unemat, 2009); *O marco do Jauru* (Cáceres: Prefeitura Municipal, 1983).

A série “Memória sul-mato-grossense”, vol. XIII, trata da ocupação das fronteiras do sul de Mato Grosso em *Nas fronteiras de Mato Grosso: terra abandonada*, de Umberto Puiggari (2 ed. Campo Grande, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2011).



Do relato à ficção e ao romance histórico

Muitos historiadores utilizaram-se dos relatos de viagem como base da história de Mato Grosso, a maioria deles fazendo parte do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso/IHGMT e da Academia Mato-grossense de Letras/AML, a exemplo de Rubens de Mendonça, Luís Phillipe Pereira Leite, Lenine Póvoas, entre outros. Construíram, portanto, a tradição histórica da região, que está sendo confirmada (ou revisitada) nos dias atuais, em romances sobre o período colonial escritos por literatos e historiadores.

No século 19, as crônicas históricas passaram por transformações na forma com que eram escritas, e os cronistas utilizavam-se da fonte histórica, mas recriavam o ambiente e as personagens. Invenção e verdades históricas compuseram as narrativas. São grandes as transformações ocorridas durante mais de 300 anos de escrita dos relatos e das mais variadas formas de ver, sentir e descrever o espaço visitado.

O Visconde de Taunay, em 1872, descreve a geografia local, com grande poder de imaginação, fortemente marcada pela ideia de espaço vazio, impenetrável, mas maravilhoso, em que os sentimentos se ligam à atuação das personagens. A mistura dos olhares e dos sentimentos daquilo que é visto e vivido tornou-se a base da ficção literária em Mato Grosso e, talvez, no Brasil.

Inocência

Corta extensa e quase despovoada zona da parte sul-oriental da vastíssima província de Mato Grosso a estrada que da vila de Santana do Paranaíba vai ter ao sítio abandonado de Camapuã. Desde aquela povoação, assente próximo ao vértice do ângulo em que confinam os territórios de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso até ao Rio Sucuriú, afluente do majestoso Paraná, isto é, no desenvolvimento de muitas dezenas de léguas, anda-se comodamente de habitação em habitação mais ou menos chegadas umas às outras; depois, porém, rareiam as casas, mais e mais, e caminha-se largas horas, dias inteiros sem ver morada nem gente até ao *retiro* de João Pereira, guarda avançada daquelas solidões, homem chão e hospitaleiro, que acolhe com carinho o viajante desses alongados páramos, oferece-lhe momentâneo agasalho e o provê da matalotagem para alcançar os campos de Miranda e Piquiri, ou da Vacaria e Nioac, no Baixo Paraguai. Ali começa o sertão chamado *bruto*. Pousos sucedem a pousos, e nenhum teto habitado ou em ruínas, nenhuma palhoça ou tapera dá abrigo ao caminhante contra a frialdade das noites, contra o temporal que ameaça ou a chuva que está caindo. Por toda a parte, a calma da campina não arroteada; por toda a parte, a vegetação virgem, tão virgem, como quando aí surgiu pela vez primeira. A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se à maneira de alvejante faixa, aberta que é na areia, elemento dominante na composição de todo aquele solo, fertilizado aliás por um sem-número de límpidos e borbulhantes regatos, ribeirões e rios, cujos contingentes são outros tantos tributários do claro e fundo Paraná ou, na contravertente, do correntoso Paraguai.

(Taunay, Visconde de. Cap. 1. O sertão e o sertanejo. In: *Inocência* [1872]. São Paulo: FTD, 1992, p. 23-24)

No fragmento do livro *A cidade do ouro e das ruínas*, do mesmo autor, a narrativa é um misto de fonte documental e memória oral, colhida de um morador da cidade de Vila Bela, que o escritor encontrou durante o percurso da guerra do Paraguai, no sul de Mato Grosso. É um caso marcante da ideia de ruína, como se verá em vários fragmentos dos capítulos, em que o

ponto de referência é uma cidade cujas origens estão no surgimento de Mato Grosso, e a personagem é a figura familiar do escritor que morreu afogado nas águas revoltas do rio Guaporé, durante a passagem da Expedição Langsdorff. Até certo ponto da narrativa, a figura de Aimé-Adrien Taunay é o motivo principal do texto; depois, a estratégia do discurso recai sobre o narrador, participante do episódio histórico da Retirada da Laguna e, por isso, marcado pela experiência em Mato Grosso. Por fim, a narrativa dá lugar à macro-história brasileira, centralizada na cidade de Vila Bela.

Razões de ordem mui particular pessoalmente me prendiam, e ainda hoje me prendem, a essa desolada parte de Mato Grosso e ao moribundo povoado de Vila Bela, antes, muito antes, até de fazer parte da célebre e infeliz expedição que foi ter àquela província [...]. Datam estas razões da minha infância, quando meu pai, Félix Emilio Taunay, Barão de Taunay, constantemente me falava desses tristes lugares, testemunhas de um desastre, cuja recordação não mais se lhe apagara do espírito e nem sequer conseguirá do tempo a esperada atenuação. “Felizes os que morrem moços, diz Píndaro, porque sempre serão lembrados”. Na verdade, cinquenta anos, cheios das maiores peripécias, já eram, passados, e, entretanto, meu pai contava ainda, com lágrimas nos olhos e tremor na voz, o sinistro que, a 5 de janeiro de 1828, ocorrera nas águas revoltas do rio Guaporé, à vista de Vila Bela, arrebatando à existência seu irmão mais moço, Amado Adriano Taunay, em pleno desabrochar do mais precoce e admirável talento, de que soubera dar as provas mais brilhantes e prometedoras. E, incidentalmente, levado pela misteriosa sedução dos lugares muito e muito apartados, no centro de terras longínquas e nas brumas de distâncias imensas, me falava ele nessa Vila Bela, no palácio em ruínas dos antigos e onipotentes capitães-generais, nos afrescos que o adornavam, nos painéis que encerravam, reproduzindo trechos inteiros de cartas do audacioso e tão chorado viajante [...]. Num livro que, desde 1878, corre impresso – *Narrativas militares*, livro esse entre parênteses, recebido como outras obras minhas com habitual indiferença do público, embora merecessem, estou bem convencido, mais alguma atenção, descrevi a penosa travessia,

dos pantanais entre o Coxim e o rio Aquidauana que, em começos do ano de 1866, me vi forçado a fazer com meu amigo Pereira do Lago, travessia, que teria terminado em catástrofe, se não tivéssemos, quase ao acaso, chegado aos morros, no Planalto da serra de Maracaju, onde os habitantes da vila de Miranda, expulsos pela invasão paraguaia de dezembro de 1864, haviam buscado refúgio seguro, sobretudo depois que os índios Terena, nas fraldas montanhas conseguiram, em duas emboscadas, matar alguns inimigos mais ousados. Entre os fugitivos, havia um homem de cor, um preto velho, muito velho, de mais de 80 anos e de nome Cardoso Guaporé, antigo coletor da vila de Miranda e que ali gozara de certa importância, pois acumulava às suas funções de exator da fazenda pública, o exercício de advogado provisionado, ou antes, de rábula. Filho da cidade de Mato Grosso, ao ouvir pela primeira vez pronunciar meu nome, mostrou-se sobremaneira admirado e sem vacilar, mas com visível sofreguidão, logo perguntou:

— Será por ventura o senhor parente de um Adriano que se afogou no rio Guaporé e foi enterrado na igreja de Santo Antônio, isto pelos anos de 1827 ou 1828?

— Sou seu sobrinho, respondi-lhe em extremo surpreso de encontrar naqueles ínvios recôncavos um conhecido da família, que se remontava à ocorrência já tão antiga. Era irmão de meu pai.

— Ah! Que homem aquele! Exclamou o velho.

E sem mais se ocupar com o momento presente, que trazia contudo tantas surpresas na sua vida de refugiado e de oculto nas matas, começou o mais ardente e exaltado panegírico do ilustre mancebo, das suas qualidades proeminentes, sua coragem indomável, sua alegria incessante, sua atividade estupenda, sua generosidade ilimitada, suas aptidões inexcitáveis de músico, desenhista e poeta, sua habilidade em nadar, caçar e jogar armas, sem esquecer a notável e impressionante beleza, atraente e máscula, que lhe fazia correr mil aventuras de amor e lhe valia tantas e tão espontâneas dedicações, até daqueles que poderiam pretender rivalidade.

(Taunay, Visconde de. *A cidade do ouro e das ruínas*. Publicações avulsas. n. 21. Cuiabá, IHGMT, 2001, p. 16-30)

Taunay liga os fios da memória à questão da identidade social, a partir do pressuposto de que tanto a obra literária como as questões da literatura oral parecem encontrar um ponto de referência na tessitura do discurso construído sobre a cidade que está no surgimento de Mato Grosso. É possível verificar o funcionamento das questões míticas, ao relermos os fragmentos dos textos dos povos originários, selecionados no capítulo 1. O texto de Taunay pode ser visto como a síntese do esforço de conhecimento de si e do Outro, representado pela tentativa de recuperação dos fatos perpassados pela memória e relidos pelo viés da história oficial. O espaço geográfico e a memória somam exercícios de olhares: do biografado, dos informantes, dos textos pesquisados nos arquivos e do narrador.

Talvez o interesse de Taunay fosse alargar o conhecimento sobre o interior brasileiro, num momento em que o desejo de independência, o antagonismo de interesses e a indefinição do sentido de nação colocavam as potências frente a problemas que envolviam política externa, de navegação e de fronteiras. Os tratados de limites com princípios coloniais foram colocados em pauta; a diplomacia entre os países não funcionou a contento, e o impasse pela livre utilização dos rios, para não isolar Mato Grosso, chegou ao limite do inegociável. Explodiu, assim, o confronto na região do Prata entre 1864 e 1870⁵. Nesse período, alguns escritores participaram do conflito da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. Dessa vivência em campo, dois deles se destacam com o mesmo tema: Alfredo D'Escagnole Taunay (Visconde de Taunay, 1843-1899) e Antônio Gonçalves de Carvalho (1843-1901). Ambos ambientam seus escritos no cenário da guerra: Taunay em *A retirada da Laguna* (1868), obra baseada em sua participação direta no conflito como Engenheiro da Comissão de Fronteira; e Carvalho em *Companheiros de rancho*, editado em 1918, uma fabulação romantizada da guerra. Podemos verificar que os escritores criam imagens sobre o interior brasileiro e

5 A região do Prata é composta por grandes países como Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai, envolvidos na Guerra da Tríplice Aliança, conhecida como Guerra do Paraguai, que ocorreu na segunda metade do século 19.

contribuem para a compreensão da formação romanesca em Mato Grosso⁶.

Do lado da província brasileira de Mato Grosso, ao norte, as operações eram infinitamente mais difíceis, não apenas porque milhares de quilômetros a separaram do litoral do Atlântico, onde se encontram praticamente todos os recursos do Império do Brasil, como também por causa das cheias do Paraguai, cuja porção setentrional, ao atravessar regiões planas e baixas, transborda anualmente e inunda grandes extensões de terras [...]. São formosíssimos os acidentes geográficos. Os pequenos rios e regatos oferecem por todo canto água excelente e abundante. Nossos olhos já não precisavam pousar sobre as tristes perspectivas verdejantes, planos que apresentavam os mais poéticos contrastes sob as folhagens de cores vivas [...]. Aos pés do espectador, uma vasta campina enriquecida de magníficos detalhes; além, a orla da mata que acompanha as águas belas e sinuosas do Aquidauana; ao longe, a extensa serra de Maracaju, cujos picos desnudos refletem os esplendores do sol e coroam toda esta prodigiosa massa azulada pela distância.

(Taunay, Visconde de. *A retirada da Laguna*. Org. Sérgio Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 36-48)

O Dutra entrou na palhoça do Freitas, e deitou-se na antiga rede do Leite.

— Creio que não será muito longa a nossa demora neste acampamento; estou vendo o coronel tomar providências para uma marcha próxima.

— Será ela uma felicidade para nós; talvez que assim melhore este triste estado de coisas.

— Talvez que não. Não tenho boas informações de Miranda; essa vila está situada na mesma zona insalubre que desde o Coxim atravessamos.

— Ao menos, ganharemos uma diversão aos nossos desalentados pensamentos, e a esperança de que não morram completamente os nossos projetos de glória.

— Parece quase certo que os paraguaios se retiram, segundo as últimas notícias vindas dos “Morros”.

6 O romance de Antônio Gonçalves de Carvalho foi recentemente descoberto pela pesquisadora Cristina Campos e encontra-se em fase de organização e reedição.

— Digo-te com franqueza uma coisa — falou o Freitas. — Pesa-me, por mais de um motivo, pertencer a esta infeliz expedição. Tenho aturado os nossos sofrimentos com ânimo firme; afeiçoei-me a todos os companheiros de infortúnio; sobram-me razões para longe daqui guardar a mais sentida lembrança desta nossa “comunidade”; mas, aborrece-me soberanamente gastar os preciosos dias da mocidade neste vão sacrifício, de que a nossa pátria nenhum fruto bom colhe [...].

Quando o sol abrandou, os raios de fogo e as brisas da tarde começaram a embalar os arbustos do campo, os três amigos e o Dutra dirigiram-se, seguidos do Pedroso e do Garibaldino, que, sabendo da projetada visita à sepultura do seu camarada, não quis faltar a ela, para o já farto cemitério do acampamento.

Foi uma cena tocante aquela reunião de amigos, junto do derradeiro leito do finado oficial, para tão piedoso fim.

O Pedroso e o Garibaldino cavaram a terra em lugar conveniente, e aí colocaram a cruz, que depois fixaram bem.

A luz do crepúsculo derramava-se melancólica, o sabiá erguia no mato próximo as ternas endechas, e os rumores do acampamento chegavam à lúgubre estação como um lamento longínquo.

E aqueles fortes corações de soldados pulsavam comovidos, prestando mais esta triste homenagem à memória do companheiro, tão cedo abatido pela morte.

(Carvalho, Antônio Gonçalves de. *Os Companheiros de rancho*. Romance histórico. Rio de Janeiro: Off. Tip. d’A União, 1918, p. 102-106)

A descrição da guerra e o idílio amoroso, criados pelo Visconde de Taunay, aliados à mesma temática do romance histórico de Antônio Gonçalves de Carvalho, representam o interior brasileiro, no momento em que Mato Grosso contribuía para a formatação da ideia de um Brasil ainda desconhecido. O romance da sertaneja Maria é um delicado tecido dos costumes e da paisagem do sertão. Está ligado a outro caso amoroso, recriado por Taunay, no longo conto *Irecê a guaná*, que trata de um idílio amoroso, fruto de uma paixão sertaneja, só revelada nas *Memórias*, de 1948, vindas à luz somente 50 anos após o seu falecimento. Conforme o próprio

memorialista, os escritos, repletos de opiniões pessoais sobre a malograda expedição ao sul de Mato Grosso, poderiam ser comprometedores para a geração de seus contemporâneos. É uma fabulação dos (des)encontros entre o indígena e o branco, recriando o amor vivido pelo escritor, que se apaixonou por uma guaná de nome Antônia. Motivado por essa paixão, estudou a língua, os costumes, e fez um primoroso trabalho etnográfico, acompanhado de termos guanás.

Em começo, a índia mal deixava os arredores da choupana, chegando quando muito até o ribeirão. Depois alongou os passeios, só com o fim de ir apanhar pássaros que tivessem penas mais formosas e brilhantes do que os que trazia o caçador. Com visgo natural que tirava da mangabeira para armar arapucas e com bagas de suco inebriante, conseguia ela agarrá-los vivos, e voltava, então, pulando de contente, depositá-los nas mãos de Alberto depois de ligar-lhes as asas do corpo por meio de uma embira larga. Era de ver-se o seu ar de importância e ufania, um arzinho sedutor, irresistível. Se havia prazer em prender os mimosos voláteis, maior, sem comparação possível, experimentava ela quando Alberto lhe pedia a liberdade para os prisioneiros [...]. O amor de Ierecê era inventivo. Tudo quanto pudesse sorrir ao espírito do moço, tratava ela, na medida de suas forças, de conseguir logo; plantas raras e curiosas, ou que lhe pareciam tal; minerais coloridos, conchas do rio e insetos, objetos por fim mais ou menos aproximados pela cor e forma a qualquer outro que Alberto houvesse fitado com mais atenção e que imediatamente a ela servia de tipo para as amorosas pesquisas. Então como se pagava de um olhar de agradecimento, de um sorriso, um gesto?! Seus olhos inquietos estudavam a impressão que a fisionomia do mancebo lhe havia de denunciar. As narrações que Alberto fazia da vida e dos esplendores do Rio de Janeiro lhe excitavam vivamente a imaginação. A descrição do trajo das mulheres e da mudança contínua das modas sobretudo a encantava de um modo singular.

— Ah! Se eu tivesse tudo aquilo! Disse ela uma vez com fundo suspiro.

— Você quer ir para lá? Perguntou-lhe o moço.

— Nhôr-não: Ierecê ficava feia perto das portuguesas tão alvas e bonitas.

Eu nasci no mato. Depois na cidade minha gente morre de bexigas.

(Taunay, Visconde de. *Irecê a guaná*, seguido de “Os índios do Distrito de Miranda: Vocabulário da língua guaná ou chané”. Org. Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2000, p. 36-38)

A figura feminina pode ser lida como um novo olhar na literatura indigenista do período. É romantismo e realismo, literatura e antropologia, cuja ambientação recria uma região de fronteiras, suas diversidades e conflitos. Como se viu, tais elementos encontram-se imbricados esteticamente e podem ter servido de fonte para o romance de Antônio Gonçalves de Carvalho. São textos surgidos da vivência e do imaginário dos autores, tendo a Guerra do Paraguai como cenário. As narrativas destacam os tipos femininos e fazem coro com outras personagens da literatura brasileira, como *Iracema*, de José de Alencar e *Inocência*, de Taunay. *Irecê* e *Maria*, em suas discretas paixões, estão repletas de poesia, encantamento e elegância, elementos próprios das narrativas que oscilam entre românticas e realistas.

Renovavam-se as apreensões, os amorosos temores do Freitas. Quando despertava-se-lhe de novo, no coração, o desejo de voltar ao Coxim; quando a muda contemplação sequer da mulher adorada lhe fora a mais doce compensação a tantos dias de ausência, de sofrimentos e de tristeza; quando acabava de ouvir, com infindável emoção, esboçarem-lhe o quadro poético da sertaneja, bela no sentir das saudades, recusando-se tímida a revelar o segredo que era o cândido tesouro de sua alma, e que talvez apenas confessasse às flores do “sítio” ameno de seu pai, testemunhas de sua constância, pagando-lhe em ondas de perfumes as doces confidências; eis que o perdido Rodrigues antepunha-se aos seus passos, e lá se ia para tentar, decerto, a realização de um plano sinistro. Nem o demovia de tão cruel receio a circunstância de achar-se o Rodrigues acabrunhado pela terrível moléstia, que era então mais uma fonte de desgraças para a expedição; pensava ele que era isso mais um motivo para o Rodrigues demorar-se no Coxim, onde talvez com a simples mudança de ares se restabelecesse, pois não era ainda grave o seu estado. Aumentava os cuidados do Freitas o conhecimento do perigo que corria a existência do velho Lima, prostrado

no leito por dolorosa enfermidade; era uma desvelada proteção que minguava, que talvez viesse a faltar inteiramente à inocente e ingênua moça [...]. Rodrigues já era um libertino audaz, antes de se alistar como voluntário da pátria. Desbaratara, em uma vida irregularíssima, a sofrível herança paterna; era o herói de muitas aventuras galantes, pronto a um rapto, como se se tratasse da coisa mais gloriosa do mundo; por uma façanha dessas, quase o tinham matado uma vez com uma boa descarga. Jogador, perdulário, era o tormento da mais carinhosa das mães; também a infeliz senhora quase agradecera ao filho a resolução de ir para a guerra, esperando que ele cobrasse “juízo”; mas, como sabemos, o Rodrigues, em vez de satisfazer-lhe a justa aspiração, cada vez mais se aprofundava nos vícios. O Freitas cismava, numa série de amorosas estrofes:

“A estas horas, ‘ela’ acabou o seu labor diário, e foi, pé ante pé, ver o pai querido no leito a que o prende a moléstia cruel. Encontrou-o mergulhado num sono tranquilo, suave descanso a tantas dores, e beijou-lhe a mão, comovida e respeitosa. Depois de tê-lo contemplado alguns instantes, dirigindo ao céu fervente prece, retirou-se com as mesmas precauções.

Foi ao terreiro; a criação já se aproxima de casa; as vaquinhas, de que tanto cuida, ao passar, olham-na com afeto. O sol descamba no horizonte; nos seus derradeiros raios, manda brandos fulgores às nuvens e um adeus sentido a ‘ela’. As avezinhas cantam na espessura esperanças de amor; as flores exprimem em derredor, na doce fragrância, alguma oculta saudade. E ‘ela’ recorda-se de uma triste despedida, das ainda não realizadas esperanças, e sente doer-lhe n’alma uma saudade imperecível. E evita a companhia da irmã, desejosa de conversar com ela, e foge de ver ao longe o acampamento agora tão deserto.

Escolheu um meigo retiro, perto da ‘cascatinha’, e assentou-se em um caído madeiro, tendo os olhos fitos nas águas que lá fervem.

— ‘Ele’ virá? — pergunta a si mesma. E como que escuta, no baque do ‘monjolo’ do engenho, constante, repetida, a dura resposta: não!

— ‘Ele’ virá? — pergunta outra vez. E as sombras da noite vêm descendo, como um anúncio de desânimo, e as avezinhas calam seus cantos de esperança!”

O “toque” do meio-dia interrompeu por momentos o profundo imaginar do moço alferes; logo depois, continuou ele:

“Uma tarde, Maria virá para o seu favorito retiro, entregue como sempre aos mesmos pensamentos de amor e ternura para comigo.

De repente, ouvirá o ruído de uma cavalgadura subindo através do ‘cerrado’, e bater-lhe-á o coração na esperança de que o cavaleiro seja eu. E aparecerá a seus olhos não o pobre errante a quem tanto preza, não aquele de quem tanto chora a longa e penosa ausência. Surgirá à sua frente o odioso pretendente, já tanta vez repellido, levando a calúnia e a ironia nos lábios, e o mais perverso intento n’alma.”

E ao Freitas pendeu a fronte, na amargura do profundo cismar [...]

(Carvalho, Antônio Gonçalves de. *Os Companheiros de rancho*. Romance histórico. Rio de Janeiro: Off. Tip. d’A União, 1918, p. 102-106)

Em que as narrativas de Carvalho e Taunay se tocam? Especialmente na recriação do espaço/tempo e na descrição minuciosa dos percursos fluviais e marchas terrestres. São marcas dos movimentos que geraram os pousos de campanha, as relações humanas, as dificuldades dos caminhos do sertão, a fome, as doenças e todo tipo de agruras enfrentadas por viajantes através dos “ínvios sertões” brasileiros. Nos livros, os acontecimentos são permeados por uma específica linguagem sertaneja. Taunay faz da viagem um referencial de estudo sobre o interior brasileiro, tendo por base sua formação humanística, sensivelmente marcada por um olhar de artista. Os textos são lentos, de uma euforia exótica, resultando em primorosos tratados sobre uma geografia desconhecida dos próprios brasileiros. Carvalho constrói uma narrativa ligeira, despretensiosa e simples. Privilegia o diálogo entre as personagens e registra a presença feminina, fazendo jus aos afetos surgidos durante as viagens. Há mais recriação de personagens neste escritor do que em Taunay. No entanto, em ambos, encontra-se a mesma experiência genuína com o mundo. Imagens que são expressas para além do intelecto, causando perplexidade entre o passado e o presente da narrativa. Há neles uma visão antropológica, mas domesticadora do que se conhecia como “sertão” à espera da “civilização”.

Mais recentemente, a história da guerra transformou-se em romance a partir da participação da escritora Maria Filomena Lepecki numa expedição organizada pelo comando da Região Militar do Estado de Mato Grosso do Sul, com o propósito de refazer o itinerário da chamada Retirada da Laguna. Da mesma forma que Taunay e Carvalho, Lepecki, utilizando-se dessa experiência da caminhada, aliada aos documentos, depoimentos e pesquisas, cria uma personagem representativa de muitas mulheres e do sangrento episódio de fronteira que marcou a história do Brasil.

A coluna atravessou um pântano com o 20º Batalhão na vanguarda. Quinze minutos depois, o fogo lambia a macega em vários pontos e as chamas aumentavam rapidamente, alimentadas pelo vento forte. Estavam próximos. A ameaça, iminente. O guia, mais uma vez, liderou os homens e protegeu a coluna em dois capões de mata verde. Daí em diante, foi uma luta renhida contra o capinzal, limpando uma área bem mais larga, cortando, ceifando e amarrando o capim em feixes, levando-os embora para longe. Uma atividade em que os voluntários brasileiros, a grande maioria lavradores e sitiantes arregimentados às pressas pelo caminho, foram os grandes heróis. E, mesmo que as chamas não ameaçassem os homens como das outras vezes, a extensa nuvem de fumaça os asfixiava. Para piorar, ouviram estouros. Tentaram armar a artilharia, em meio à fumaça que invadia os capões. Em vão. Não se enxergava nada. Os olhos ardiam, os pulmões queimavam. Os estouros continuaram e se tornaram mais frequentes. Pareciam vir de todas as direções. Os brasileiros entraram em pânico. O guia e seu filho, porém, riram a valer. Os demais nunca tinham visto o velho guia rindo. Rir?! Sob uma carga de artilharia como aquela?

— Bem se vê que vocês são novatos na região – disse o guia, achando muita graça. – São apenas estouros de tabocas! [...]

Contaram as mulheres: 71, a maioria com crianças de colo. Algumas eram vistas como heroínas, por defenderem seus filhos, durante a batalha. Os paraguaios tinham arrancado recém-nascidos de suas mães pelas pernas

e os cortado ao meio a golpe de sabre. Duas dessas mães enlouqueceram [...].

Surgiram os primeiros casos de cólera. Os médicos, que nunca tinham visto a doença, consultaram seus alfarrábios e confirmaram o diagnóstico. Era mesmo o cólera e pouco podiam fazer a respeito. Como havia a suspeita de que o seu contágio ocorria pela água, proibiram a administração de líquidos aos doentes. A moléstia alastrava-se rapidamente, pois encontrava ótimos hospedeiros naqueles pacientes subnutridos e exaustos. Não sabiam se era a carne estragada e quase crua que comiam ou se eram as frutas e caules desconhecidos da mata, que os intoxicavam. Ou ainda se a doença era resultado dos incêndios. Na verdade, ninguém sabia nada. Os doentes podiam até ter sido contaminados pelo inimigo, já que os paraguaios tinham recebido reforços do exército do sul, um foco comprovado da doença. Talvez eles também estivessem sofrendo com o cólera, porque vinham desferindo ataques cada vez mais fracos. Ficaram todos apavorados. Principalmente os indígenas, que eram os que morriam mais rápido. A debandada para fugir à doença era morte certa nas mãos do inimigo. No dia 20, apareceram 20 novos casos e registraram-se 9 mortos, entre eles, Francisco das Chagas, o chefe dos terenas.

(Lepecki, Maria Filomena Bouissou. *Cunhataí*: um romance da guerra do Paraguai. Prêmio FNLIJ 2023. Cuiabá: Entrelinhas, 2023, cap. 46-48, p. 290-304)

Não há, entre as narrativas, diferença temática, mas temporal. No romance de Lepecki, a ficção penetra a história para atualizar um período da história do Brasil. É possível sentir a veracidade dos fatos através da recriação dos diálogos entre os militares, presentes em trechos de *A retirada da Laguna* e *Memórias*, de Taunay, e da narrativa *Solano López*, de Arturo Bray, conforme anotado pela própria autora. Chama atenção a última frase do romance: “Ora, Rosália, o que a gente não sabe, a gente inventa!” (p. 345). Tipifica a criação literária. Isso não significa que a literatura busca enganar o leitor, mas criar um espaço de significação da própria condição humana

e da sociedade, posta nas metáforas, comparações e símbolos esteticamente elaborados pelo escritor.

O romance contemporâneo de temática colonial

O romance de temática colonial, em Mato Grosso, explora a formação social das comunidades fundadas e colonizadas por estrangeiros e pelos bandeirantes paulistas. É uma espécie de busca da identidade local em que a ficção se alia aos fatos históricos para revelar aspectos predominantes da história. Tem base na memória e na documentação existentes nos arquivos. É um mosaico de vozes e tradições, em que surgem as comunidades de fronteira e os conflitos próprios do sertão, como se verá nos capítulos posteriores. Notamos que evolui do conteúdo romântico para narrativas mais representativas da complexidade histórica e cultural da região.

O respeitado “chefe-de-cozinha” do Governador, mal entrou na casa e caiu prostrado pela malária. Foi um dos primeiros habitantes do cemitério recém-construído na vila. Os dois ajudantes de cozinha, depois de pedir dispensa, agregaram-se a uma família que se retirava para Cuiabá. Rolim de Moura, de uma hora para outra, viu-se com sua cozinha vazia. Naquele apuro, o secretário Bartolomeu Calçada lembrou-se de Sacramur. De início ele não aprovou a sugestão. Sacramur, ex-freira, solteira, não seria a melhor opção para preparar refeições para os homens da casa administrativa da capitania. Mas, como não havia outra pessoa, ela foi chamada. No dia seguinte, embrulhada no seu longo xale, lá estava Sacramur bravamente atendendo ao recado do Governador que desceu as escadas para conversar com ela. No andar de cima não se admitiam mulheres, mormente solteiras. Não havia muito o que dizer: precisava-se de uma pessoa de experiência para cozinhar na casa. Pagava-se bem. Ela aceitou. Mas necessitava de alguém que a ajudasse, e queria continuar dormindo no seu rancho. Rolim de Moura não discordou de suas ponderações. “Ela é uma mulher de fibra” – pensou. Imediatamente, veio-lhe à memória a figura da rainha Mariana d’Áustria. Não que fossem parecidas fisicamente, longe disso. Mas, predominava em

ambas certo caráter marcado por uma flagrante determinação. Ao subir as escadas para tomar sua dose de quina⁷, o governador parecia feliz, mesmo que ainda abalado pelo recente ataque do mosquito anófele⁸. De volta ao seu rancho, Sacramur encontrou-o vazio. Eulália fora levada por Bogun – eles se casariam tão logo ela tivesse restabelecido suas forças [...]. Uma família que havia se retirado para Cuiabá abandonou a casa sem telhado e sem pintura. Sacramur, quando soube, rapidamente tomou conta do imóvel. Como havia sobra de telhas no quintal do Governador, propôs comprá-las. Ele respondeu que não poderia vendê-las. Iria doá-las. Sacramur, que nunca tinha sido proprietária de qualquer imóvel, de uma hora para outra se sentiu rica, bafejada pela sorte, tendo uma casa de quatro cômodos, com piso de tijolos cozidos, que seria coberta de telhas iguais às da casa do Governador. À noite, já livre do trabalho na cozinha, ela dava banho nas crianças nos fundos do seu rancho, quando escutou alguém que batia palmas. Era Bogun.

— Boa noite, minha amiga! – disse ele.

— Não me chame de amiga, Bogun. A vila toda está dizendo que eu sou “a amiga” do Governador. Nesta minha idade... Veja bem.

— Que mal há nisto? Ambos são solteiros...

— Meu tempo já passou, rapaz. Posso até cuidar dos filhos das outras, mas casamento está fora dos meus planos [...].

— O povo tem razão, você agora é “a amiga” do homem. Ninguém doa telhas a troco de nada.

(Figueiredo, Israel Faria. *O conde e a freira*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2013, p. 65-67)

No quilombo do Quariterê a fome rondava a população que, mesmo assim, dançava e cantava quase todas as noites. O milho nascia raquítico e era comido pelos bichos. Pouco sobrava. A sakvalçai era a grande colheita da mandioca, além dos peixes abundantes pescados no rio Piolho. Os animais

7 No passado era o remédio utilizado no tratamento da malária. A substância era extraída da casca de uma planta comum na América do Sul.

8 Mosquito transmissor da malária e da filariose (doença tropical infecciosa, também causada por picada do mosquito infectado por larvas de parasitas).

selvagens, por falta de pólvora, eram presos em armadilhas noturnas. Teresa se inteirou de tudo e começou a organizar os homens. Sentiu que liberdade sem comando não levava a nada. Antes, cada um cuidava de sua própria vida, e os resultados eram insatisfatórios. Então, definiu os que iriam cuidar da pesca, da caça e das plantações. Orozimbo Onça, que em princípio encantou-se com Teresa, mudou de opinião ao constatar sua facilidade em liderar os homens. Como nas tribos africanas, no quilombo também se reunia com o buana para deliberar sobre as questões que afetavam a comunidade. Naquela mesma noite, eles sentaram em círculos para parlamentar.

— Nós precisamos nos organizar melhor pra ter mais comida. As crianças estão com as canelas finas e as barrigas grandes. Isto, para mim, é falta de comida. Não temos comida farta pra todos no quilombo. Agora, apareceu esta tal de Teresa pra mandar nos homens. Eu não estou gostando nada disso.

— Já acabou, Orozimbo? – perguntou um dos conselheiros.

— Não acabei, não. Onde já se viu mulher mandar nos homens? Eu não estou gostando nada disto. Se ela não parar com essa mandação, ela vai sumir do quilombo sem deixar rastro. Orozimbo Onça falou!

— Já acabou, Orozimbo? – perguntou um dos conselheiros.

— Acabei, sim. Se algum de vocês quiser falar pode falar, eu já falei.

— A comida está pouca. A comida está pouca há muito tempo. Mas ninguém fez nada pra resolver o problema. Agora que apareceu uma mulher pra mandar nos homens você não está gostando, Orozimbo? Ela, pelo menos, está tentando resolver o problema de fome no quilombo. Isto você não fez Orozimbo.

— Epa, eu não quero falta de respeito comigo, eu sou buana!

— Era buana, Orozimbo.

— Epa, que conversa é esta de era buana? Quem resolveu que eu não sou mais buana?

— Todos nós.

— Não tem nada disto; buana aqui sou eu.

— Nós resolvemos que a nova buana é Teresa de Benguela [...]

O quilombo do Quariterê entrou em nova era, de prosperidade, sob a

direção de Teresa de Benguela. Foi conservado o conselho consultivo para debater os problemas que surgissem. Ela comunicava os resultados a todos antes do batuque noturno [...].

Orozimbo Onça, agora simplesmente Orozimbo, era o único que ficava de cara amarrada no quilombo. Desabituaado a trabalhar esperava que sua mulher fizesse tudo para ele. Porém, destituída do título de mulher do buana, ela passou a vê-lo e a tratá-lo de forma diferente: afinal, ele não passava de um magrelo resmungão. Certo dia, ao receber uma ordem qualquer de Orozimbo, ela se revoltou e o expulsou aos gritos da choça: “Chega! Vá procurar outra nega! Não aguento mais sua cara de bunda!” Orozimbo procurou abrigo na choça do seu filho casado. Lá não foi bem recebido. Transformou-se no primeiro pária do quilombo.

(Figueiredo, Israel Faria. *O conde e a freira*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2013, p. 86-87)

O romance *O conde e a freira*, de Israel Faria Figueiredo tem base em documentos do século 18. O primeiro trecho trata da cozinheira da casa do capitão-general, e o outro, da personagem histórica Tereza de Benguela. Através dessas personagens, o escritor cria uma história que tem por motivo a luta pela sobrevivência da população colonial, às margens do rio Guaporé. A região era ponto de defesa da Capitania de Mato Grosso, durante a administração do primeiro governador e capitão-general, Antônio Rolim de Moura. O narrador dá vida a diversas figuras femininas em meio à sociedade machista e violenta da capitania. Algumas delas, como a ex-freira Sacramur, sobressaem-se como sustentação da presença de outras mulheres que aparecem na narrativa. Seu relacionamento com o governador (Conde de Azambuja) nada tem de romântico, uma vez que ela é apenas sua cozinheira. A presença dos diálogos é uma estratégia para reflexões sobre as “verdades” históricas e julgamento do leitor, como os textos contemporâneos se propõem a fazer. Tereza de Benguela, por sua vez, liderou o Quilombo do Piolho, às margens do rio Guaporé, em Vila Bela da Santíssima Trindade. Foi tema das escolas de samba Unidos do Viradouro, do Rio de Janeiro (1994), e Barroca Zona Sul, de São Paulo (2020).

De todos os capitães-generais que por lá residiram e governaram,

Luís Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres foi, sem dúvida, o que mais desfrutou daquele local. Dizer que foi feliz talvez seja um exagero, mas com certeza foi o menos infeliz dos seus governantes. Em parte, devido à sua alma aventureira e ao interesse em estudar a natureza que o cercava e que o encantou logo ao chegar nos trópicos. De outra parte, pela ambição de realizar em Mato Grosso algo que lhe colocasse numa posição jamais alcançada pelos seus ancestrais.

De todos aqueles que pertenciam à antiga linhagem dos Albuquerque, o capitão-general sonhava com a perpetuação de seu nome na história.

De Lisboa ao Rio de Janeiro:

Dois dias depois da cerimônia de nomeação, Luís de Albuquerque com toda a sua comitiva parte de Lisboa, precisamente às oito horas e 3 quartos. Podemos precisar a data exata da partida porque o capitão-general talvez seja o mais sistemático e meticoloso dos governadores coloniais. Rolim de Moura era um homem sistemático e registrou muitos momentos da sua viagem para Mato Grosso, mas não dá para comparar com os registros feitos por Luís de Albuquerque que, dia após dia, registrava latitude e longitude, léguas navegadas, condições climáticas, horas de percurso e acontecimentos significativos de nota. Foi este espírito “científico” que chamou atenção dos seus superiores desde o momento que ingressou no exército. A sistematização de Luís de Albuquerque, que para alguns era uma obsessão, para ele era um prazer, um hobby. Em conversas com Felipe José Nogueira, disse que todas as anotações eram necessárias. Desejava registrar todo o trajeto até Vila Bela e com essas anotações fazer um mapa preciso, pois, outra paixão sua, desenvolvida nos tempos que servira na cavalaria, era a cartografia. Ele sabia calcular sua localização através dos astros, e mais ainda, colocar essa informação nos mapas. O provedor-mor continuava encantado com aquele que seria o seu superior em Mato Grosso e considerou muito acertada a nomeação de uma pessoa assim para aquele fim de mundo. Em primeiro lugar pelo seu conhecimento científico e experiência administrativa; em segundo, porque parecia ser uma pessoa alegre, de espírito positivo. Com ele não tinha tempo ruim.

Isso fazia de Luís de Albuquerque um ser cativante. Ele sabia se relacionar com as pessoas, mesmo tendo uma superioridade sanguínea que fazia dos nobres seres tão arrogantes e prepotentes. Luís de Albuquerque não era assim. Neste aspecto, Felipe José Nogueira entrava em contradição consigo, visto que era um desperdício jogar um ser assim “no fim do mundo”. O melhor lugar para o senhor de Ínsua deveria ser a Corte, até porque, logo se percebeu que o seu companheiro de viagem gostava de festas, noitadas e de mulheres. [...]. Essas informações e o espírito, ao mesmo tempo científico e dinâmico do vice-rei, marcará profundamente Luís de Albuquerque. Ali no Rio de Janeiro ele visualizou uma perspectiva nova para sua gestão à frente da capitania de Mato Grosso. Sua passagem como governador seria marcada pelo desenvolvimento da cultura, da ciência, das luzes que o Reinado de Don José trazia ao Reino. Ele desejava fazer o mesmo que o Marquês do Lavradio estava realizando na capital da colônia. Não deseja ser um burocrata sistemático e sisudo como fora Rolim de Moura, mais sim um dinâmico, alegre e iluminado Marquês do Lavradio.

(Garcia, Romyr Conde. *Mato Grosso: um romance* - inédito)

Na mesma vertente do romance de Israel Figueiredo, Romyr Conde ficcionaliza a história ao trazer a figura de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, saído dos tempos coloniais. Albuquerque foi o fundador das cidades de Cáceres, Corumbá e Poconé, além de fortificações e outras localidades de fronteira, entre 1772 e 1788. Ambos os estudiosos possuem uma narrativa fictícia mesclada com fatos históricos, como vimos demonstrando. No Brasil, José de Alencar foi um dos primeiros a romancear a história, no período em que era necessário fortalecer o sentimento de nacionalidade. Hoje, o caráter ufanista do Romantismo deu lugar ao tratamento dos fatos de forma irônica ou questionadora, em relação à formação das comunidades de fronteira e aos conflitos próprios do sertão, à violência e aos crimes na luta pela posse de terras, que marcaram os séculos 19 e 20.

AMPLIANDO HORIZONTES

Livros

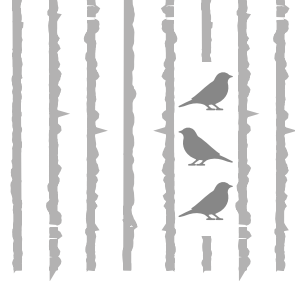
- Para aprofundamentos sobre o mito das águas em Mato Grosso, ver:
A poética do sobrenatural no homem ribeirinho: o Minhocão, (dissertação de mestrado/USP, 1995), de Mário César Silva Leite;
Águas encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagens e mitos do Pantanal (Cuiabá: Cathedral Unicen, 2003), de Mário César Silva Leite.
Pantanal mato-grossense: o semantismo das águas profundas (Cuiabá: Entrelinhas, 2004), de Cristina Campos.
- Para conhecer mais sobre o romance histórico contemporâneo, que trazem relações intertextuais, metalinguagem e muita ironia:
Galvez, Imperador do Acre, de Márcio Souza (Ed. Brasília, 1977);
Boca do inferno, de Ana Miranda (Cia. das Letras, 1990);
Agosto, de Rubem Fonseca (Cia. das Letras, 1990);
A majestade do Xingu, de Moacir Scliar (Cia. das Letras, 1997);
Matrinchã do Teles Pires, de Luiz Renato (Entrelinhas, 1998); e
A rainha Ginga, do angolano José Eduardo Agualusa (Foz, 2014).

Você sabia?

- O autor da primeira tese de doutoramento em Mato Grosso é Pedro Nolasco Pereira Leite, tio-bisavô do escritor cuiabano Luís-Philippe Pereira Leite. No livro ***O médico da Jacobina***, de 1978, Luís-Philippe apresenta o ***Compêndio de História Natural, Farmacologia e Terapêutica***, escrito entre 1852 e 1857, durante o curso de Nolasco, no Imperial Colégio Pedro II e na Faculdade do Rio de Janeiro. Muitos medicamentos descritos continuam em pleno uso.



CAPÍTULO 3



TELURISMO: TERRA E TRADIÇÃO

A produção literária em Mato Grosso fortaleceu-se com base no telurismo, que é a matéria-prima da criação literária. A terra é o componente fundamental que forma o caráter, os costumes, os habitantes e a própria formação do indivíduo. Nos textos, avoluma-se a louvação à terra natal, à natureza, à sua beleza e aos feitos dos desbravadores dos sertões. O primeiro texto literário do período colonial é um soneto de José Zeferino Monteiro de Mendonça, autor que Rubens de Mendonça identifica como o primeiro poeta de Mato Grosso. Trata-se de um poema dedicado aos ilustres da terra, analisado como “imperfeito”, mas valoroso pelo significado histórico, tal como eram as propostas do período. O poeta busca registrar mais os acontecimentos da história do que propriamente criar literatura. Fala de fama, herança histórica e moral social:

Os que da letra têm conhecimento
sem faltar à verdade bem dirão
que deixais aos vindouros documentos;

Os mais todos, Senhor, confessarão
que a justiça encontrou em vós assento
e as ciências acharam o seu Platão.

(Mendonça, José Zeferino M. de. *apud* Mendonça, Rubens de. [1970]. *História da literatura mato-grossense*. 2 ed. Ed. UNEMAT, 2005, p. 23)

O sentimento lírico-amoroso só se fez presente em Mato Grosso na segunda metade do século 19, quando o estilo romântico-parnasiano tomou conta do espírito da época, marcado pelo nacionalismo e pela busca da identidade cultural, impulsionados pelo acontecimento da independência do Brasil. O interior é explorado como gênese, inspiração e projeção, pois a natureza exuberante e o primitivismo davam asas à subjetividade, ao lirismo e à emoção. Foi um período de transição entre os sentimentos vindos do colonialismo e aqueles voltados à modernidade.

Um poeta bastante representativo das emoções românticas é João Villasboas (1890-1985), cacerense dedicado ao cultivo das letras jurídicas e aos cargos de destaque da administração pública local e nacional. É autor de um único livro, mas consegue manter-se no patamar da representatividade literária da época, utilizando-se de metáforas significativas e muito bem construídas. Conhece a insensatez da realidade perante a existência dos sentimentos, como poucos o fizeram no período. Mesmo estando em sintonia com o lirismo, a voz poética não se desliga das imagens naturalistas ao comparar as árvores à “procissão de condenados em preces silenciosas”. Toda a natureza se soma à dor das perdas de uma geração que está ligada aos combatidos resultados oriundos do progresso da cidade, cujos “pecaminosos restos” matam a tradição.

VI

E a Lua,
subindo dos distantes horizontes
para a vertigem das alturas,
derrama sua luz nos campos e nos montes,
numa bênção de monja forasteira,
cobrindo a terra de brancura...
As árvores anosas,
unidas em fileira,
são como procissão de condenados,
em preces silenciosas,
pedindo a Deus perdão dos seus pecados...
A cidade, banhada do clarão,

lívido e funéreo,
que desce dos céus,
parece um cemitério,
onde as casas são quedos mausoléus,
guardando os restos de uma geração.

(Villasboas, João. *A canção da minha dor*. Edição da Fundação Cultural de Mato Grosso. Gov. Frederico Campos, 1979, p. 28)

A dor marcada no título do livro publicado é um grito da alma dilacerada pelo delírio causado pelas ausências, confissões amorosas, mentiras, mas também pode ser compreendida como a perda do sentido de pertencimento. A celebração da paisagem como espelho do eu lírico é tema-base da busca da identidade perdida, somando-se ao sentimento individual, à idealização do amor e da imagem da mulher. Tais elementos foram muito explorados pelos escritores, mantendo-se até meados do século 20, em convívio com outras tendências, muitas vezes de confrontos entre os conservadores e os mais progressistas.

Ver o amplo e variado painel da produção poética em Mato Grosso dos séculos 18 a 20 em *A poesia em Mato Grosso*, de Carlos Gomes de Carvalho (Cuiabá: Verde Pantanal, 2003) e, sob sua coordenação, *Poetas românticos*, v. 8 (Cuiabá: KCM Ed., 2009, Coleção Obras Raras).

Papel da memória

A vertente memorialista será fortalecida pelos naturais da terra e por aqueles que vivenciaram o espaço geográfico e tiveram que se ausentar. Um exemplo é a produção de Maria do Carmo de Melo Rego (1839-1909). A escritora, tendo vivido em Cuiabá, nos anos em que seu marido, o General Francisco Rafael de Mello Rego, foi Presidente da Província (de 1887 a 1889), retorna ao tema através da escrita e registra os sentimentos que a mantiveram unida à terra. No seu relato, a memória é um alicerce essencial para a compreensão da comunidade, ao construir uma identidade coletiva

e fornecer uma espécie de ligação entre as gerações. É forte a intenção didática que permeia o texto, permitindo aprender com o passado. Por esse viés, a autora busca promover a coesão social com base nas experiências vividas.

Se fizermos uma relação do relato de Rego com os textos de viagem, discutidos no capítulo 2, poderemos compreender a amplitude do papel exercido pela memória na preservação da cultura e na ressignificação do passado no presente. Embora, pela subjetividade, representem um ponto de vista individual sobre a memória coletiva, os relatos com base na memória sempre foram necessários para a compreensão das raízes e da identidade de uma coletividade. Vejamos como esse procedimento aparece no relato de Rego, uma vez que já se fazia presente naqueles oriundos do período colonial.

Trinta dias depois de saídos do Rio de Janeiro, chegamos a Cuiabá, cujo ancoradouro, morto, solitário, faz o espírito de pronto volver às distâncias percorridas. Vir de tão longe para se nos deparar com isolamento tão completo! Nem um só navio! Apenas encostada a um dos pontos de desembarque, triste e feia lanchinha de comércio; e nem sei por quê, lembrei-me dos carros que carregam os doentes dos quartéis. Aliás, muito pitoresco o rio naquele ponto com as suas margens verdejantes, repassadas de encantadora e suave poesia [...]. Sem liberdade de evocar recordações que não sejam tristes, sem as impressões de momento, e sem saber contar as coisas como merecem ser contadas, dificilmente poderei descrever a viagem que fiz a S. Luiz de Cáceres, outrora Vila Maria [...]. Quando de volta a Cuiabá contei e mostrei ao Dr. Von Den Steinen (chefe da Comissão alemã exploradora do Xingu) o meu achado [um pote indígena], classificou-o de precioso [...]. Quando chegamos a S. Luiz de Cáceres, antiga Vila Maria, havia chovido muito e as ruas, aliás não calçadas, estavam de trânsito impossível [...]. Nada mais notável, a não ser o marco levado do rio Jauru. Tem ele a sua história e está colocado na praça. Veem-se, em caracteres perfeitamente legíveis, várias inscrições em latim. A igreja, pequena, pobre, com o seu sino muito desgracioso, fez-me lembrar os de algumas capelinhas nos engenhos do norte. Estava cuidadosamente caiada, mas despida completamente de ornatos, demasiado desguarnecida, singela. A imagem do padroeiro do

lugar tem o seu manto recamado de flores de liz e à cabeça a coroa dos reis de França [...]. A matriz, em construção, será, quando concluída, vasto e majestoso templo e, com certeza, o maior de todo o Mato Grosso. O largo onde se fazem as festas de cavalhadas, as ruas muito bem traçadas e o cemitério, colocado em lugar muito bonito e cuidadosamente conservado, tudo isso, rodeado de vegetação punjante e cheia de vida, torna S. Luiz de Cáceres um dos lugares mais pitorescos que conheço.

(Rego, Maria do Carmo de Mello. *Lembranças de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1897. Ed. Fac-similar de 1897. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1993, p. 15-53)

As reminiscências do período em que morou em Cuiabá trazem um fato digno de nota pela importância da narrativa atualizada em recente publicação. Adotou um filho, um menino indígena chamado Piududo (Beija-flor), com o nome cristão de Guido (de Mello Rego), que é um símbolo das alianças que se faziam entre colonos e indígenas. Poucos anos após o retorno da família para o Rio de Janeiro, o pequeno Guido adoeceu e veio a falecer, em 1892. Com uma escrita de caráter confessional, *Guido: páginas de dor* (Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1895), com prefácio do Visconde de Taunay, traz o sentimento de culpa da autora pela perda do filho. Através da personagem-título, revitaliza um passado que nos faz compreender as formas de convivência com a população local. A narrativa, próxima do verossímil, coloca o leitor diante da subjetividade da narradora, com suas experiências vivenciais e o contexto de sua época. As lembranças, embora falíveis, transformam-se em sentimentos representados esteticamente. Nossas raízes contam histórias, como temos visto nos textos apresentados no capítulo 2. É também possível acompanhar o lugar social da mulher escritora, as marcas do telurismo, da regionalidade e dos aspectos de gênero e de classe⁹.

9 Mello Rego publicou ainda: Rosa, a Bororo (Episódios Verdadeiros), na *Revista Brasileira*, 1895; *Artefactos indígenas de Matto Grosso* (1899), pela Imprensa Nacional, uma valiosa contribuição para a etnologia dos povos Nambiquara e Paresi. Na *Revista do IHGMT* há publicações avulsas da autora. Em 2025, a história de Piududo transformou-se em narrativa infanto-juvenil: *Piududo, o menino beija-flor*, de autoria de Anna Maria Ribeiro F. M. da Costa e Idelfonso Boro Kuoda, ilustrado por Adriana Milano e publicado pela Entrelinhas Editora, foi inspirado nos escritos oitocentistas de Maria do Carmo de Mello Rego.

DÍÁRIO DE MELLO REGO:

Sobre o diário de Mello Rego, ver a tese de doutorado de Maria Ester de Siqueira Rosin, *Maria do Carmo de Mello Rego: Diário de uma mulher viajante do século XIX, memória perpetuada na palavra escrita* (UNICAMP, 2018). Ver ainda os trabalhos de Y. J. Nadaf, *A escrita de Maria do Carmo de Mello Rego no século XIX* (*Revista do IHGMT*, Cuiabá, 1997, p. 101–105). De Carmen Lúcia Toniaggio, *Lembranças de Mato Grosso sob um olhar feminino: um estudo filológico* (Dissertação de Mestrado, MeEL/IL/UFMT, 2011), e de E. M. Siqueira, *Mulheres em revista: a contribuição feminina nas revistas do CML e da AML – 1921–2021* (*Revista Alere*, v. 1, p. 19–70, 2024).

Numa vertente mais contemporânea, Tereza Albues (1936-2005) liga-se à terra natal, mesmo permanecendo nos Estados Unidos desde 1983. Com o peculiar estilo de contar as histórias ouvidas e vividas, constrói suas personagens em meio ao imaginário popular, cuja fonte é mecanismo para a busca de si mesma. Em *O berro do cordeiro em Nova York* (1995), a infância traumática está na base da memória, sendo, por isso, narrada em primeira pessoa, o que reforça o teor autobiográfico. A partir do fluxo de consciência, Mato Grosso (espaço da infância) aparece mesclado à metrópole americana. Passado e presente se sobrepõem nas reminiscências ancoradas nos anos 1940-50. A narrativa se dá por meio de *flashbacks*.

Minha mãe me pariu de pé, tanta pressa tinha eu de vir ao mundo que não lhe dei tempo de voltar à rede de onde se levantara minutos antes para ir ao banheiro. Não fosse a parteira entrar correndo e me aparar com mãos experientes a minha cabeça teria se estatelado no chão de tijolos vermelhos. Não sei se este é o ponto certo para começar minha história, mas como tudo principia com o nascimento, não vejo por que não registrá-lo, especialmente pela maneira extravagante como sucedeu. Repito o que me contaram, disso não me recordo, acredito. Pretendo aqui contar as lembranças sem preocupação cronológica, observações e experiências que

me parecem importantes, uma cadeia de fatos saltando do esconderijo da memória à medida que sua revelação vai se incorporando na trajetória do discurso que não busco seja linear [...]. Morávamos no sítio do Cordeiro num rancho com teto de palha, paredes de adobo, chão de terra batida. Mamãe, papai, eu e meu irmão Gabriel, quatro anos de idade. Esqueci de dizer que nasci na Várzea Grande, numa casa branca, porta e janelas azuis, telha colonial escurecida pelo tempo. Logo depois mudamos para Cordeiro, eu ainda recém nascida [...]. Eu também tenho perambulado pelo mundo, nos meus pés as marcas da estrada, vales e colinas, acampamentos ciganos, vilas, povoados à beira-mar, cidades imensas cravejadas de arranha-céus. Para onde vou? Não sei. Hoje, precisamente hoje, segunda-feira à tarde, vagueio pelas ruas de Nova York, meu pouso mais demorado [...]. Mudamo-nos para Cuiabá, capital de Mato Grosso, cidade fundada pelos bandeirantes que lá chegaram em busca de ouro e pedras preciosas. Esgotados os veios, partiram pra outras terras, os aventureiros. Mas os cuiabanos insistiam que ainda tinha muito metal amarelo por debaixo da terra, tanto que, quando chovia, era comum encontrar nas valas das ruas esburacadas punhados de pepitas que vinham rolando na enxurrada, juravam. Muitas vezes eu esperava a chuva amainar, corria pra rua pra catar ouro ou diamante, sonhava encontrar pedrona, vender pro joalheiro Malaquias e comprar muitas bonecas de louça, estava cansada de bonecas de pano, feitas de retalhos das costuras de mamãe. Jamais encontrei coisa alguma, só caco de vidro, cristal, tampinha de garrafa [...]. Dois anos estagnados, sem nenhuma perspectiva de melhora quando aparece um homem falante, simpático, desembaraçado, dente de ouro brilhando na boca de riso fácil, recrutando gente pra trabalhar nas grandes fazendas do Pantanal. Salário convidativo, pelo menos três vezes o que papai ganhava, comida e moradia incluída, casa boa, espaçosa, conforto para a família. Mamãe relutou um pouco, é muito ermo, tinha receios. Papai disse que seria apenas por dois anos, fariam economia e voltariam pra Cuiabá, quem sabe até com um dinheirinho pra casa própria e tocar algum negócio, convenceu-a. Partimos de caminhão junto com outras famílias, viajamos cinco dias até alcançar uma imensa lagoa onde já nos esperava uma chalana

– embarcação em forma de canoa, só que muito mais larga e profunda – onde nos amontoamos feito gado, céu aberto, uma pesada lona servindo de cobertura para se proteger de sol ou chuva.

(Albues, Tereza. *O berro do cordeiro em Nova York*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1995, p. 11-22)

A narradora mistura elementos do seu universo particular, do local e do regional. São fluxos da consciência que vão do sítio denominado Cordeiro, pequeno e apertado no imenso vazio da geografia, para a metrópole americana, símbolo da diversidade e modelo cultural. A imagem dócil do animal (cordeiro), que se rende ao abate sem um único grito, é o lugar, mas é também a representação da própria narradora. O berro parte de Nova York, imitando os vieses da história, que é uma travessia mítica – de Cordeiro a Nova York. Se voltarmos a mirada para os textos de viajantes, ou mesmo para aqueles que demonstram o processo de ocupação e colonização de Mato Grosso, podemos estabelecer, nos textos contemporâneos, o papel da memória na construção da ficção.

É possível compreender os motivos que levaram os conquistadores a eleger o local de riquezas e escravos para o trabalho de coleta do ouro. A fascinação pelo ouro que moveu os conquistadores na descoberta e ocupação do interior permeia a literatura sempre que o objetivo é contar a história das cidades mineradoras do interior brasileiro. O tema é recorrente na literatura, a ponto de mobilizar narrativas apropriadas à compreensão do público leitor. Gabriel de Mattos (2021), atualizando o tema com muito humor e adequação temporal, introduz personagens populares, demarca a geografia da cidade e conclui com toques de sutil afetividade ao observar as consequências do progresso de Cuiabá. Que material ele utiliza? Os registros históricos encontrados nas crônicas e relatos antigos. O fluxo migratório e as transformações da cidade permanecem entre os escritores contemporâneos, temas dos capítulos 5 e 6.

Nem o tempo, nem progresso conseguem modificar a força de certas palavras, mágicas para uns, trágicas para outros... E mesmo no meio da noite pode-se ouvir uma delas: OURO!

- Nem vem, ô Tonho cê tá de miolo mole!
- Mas, Manéu, não custa a gente experimentar!
- Mas Tonho, foi há mais de 50 anos! E eu tava com a malária bateadeira!
- Ora, Manéu, agora eu tenho estudo. Tudo o que você viveu está engastalhado no seu subconsciente e a gente consegue tirar de lá. Tá aqui no livro.
- E se não der certo, Tonho?
- Ora, a gente não vai perder nada, vai?
- Alô, rapazes, estão a fim de diversão?
- Hoje não, Maria Piranha. A gente estamos falando de negócios.
- É isso mesmo. OURO!
- OURO?!
- Não fala alto! Alguém pode ouvir!...
- Quem, a estas horas? É aqui?
- Maria Piranha, você não fala nada e a gente divide com você!
- Eu só quero saber como achar ouro por aqui.
- Ora, é que há muito tempo o Manéu escondeu umas bateadas boas por aqui... só que ele estava doente e se esqueceu onde é que foi...
- Ah, juventude...
- Hoje, através do hipnotismo, do qual sou mestre por correspondência, vou fazê-lo voltar àqueles tempos... Atenção agora! Vamos lá, Manéu, olha bem para o relógio do meu avô... Agora lembre-se daquele tempo...
- Ô verdade! Não é que deu certo!?
- Eita, o relóginho do vovô funcionou mesmo!
- Epa! O que é que eu estou fazendo aqui?
- Agora, Manéu, vamos ao trabalho!
- Se ela começar eu toco o sino, seu Cova!
- Larga disso, Totó Onça!
- Espera um pouco. Deixa eu concentrar...
- Eu toco o sino!
- Não toca!
- Por favor, vocês dois! Nosso amigo precisa se concentrar!
- Ora, ora, que eu não a conheço ainda, José Manuel, prazer!

- Totó, mais prazer ainda!
- Você é minha convidada para o sarau que acontece logo mais.
- Que nada, venha ver a mais bonita torre de toda Cuiabá.
- Ora, eu não os conheço ainda!
- Meu nome é José Manuel, lusitano de nascimento, sou o construtor dessa igreja...
- Ele ia ser enterrado vivo, mas acordou na sepultura. Aí fez promessa de não tirar a mortalha e pedir esmola até construir a igreja. Daí o apelido dele: Manuel Cova!
- E esta aberração da natureza é o sineiro da igreja: Totó Onça...
- Encantado...
- Que inclusive vai ser despedido porque quer incomodar o sarau que a poetisa Amália Verlangieri promove em seu sobrado!...
- A atual sede do PT! (Miau!)
- Despede nada! Quero ver quem sobe naquela torre cheinha de morcegos...
- Além do mais a escada é toda torta e escura.
- Ó raios! E o pior é que ele bate as horas todas atrasadas...
- Ei, assim o Manéu não consegue se concentrar!
- Manuel Cova, Totó, Onça, Amália Verlangieri... Juntos?!
- Olha Tonho, seu relógio não está certo da cabeça, não! Misturou tudo!
- Ô verdade, não é que ele está parado mesmo!
- Ora, meu filho, eu estudo. Não quero ficar a vida inteira na vida!
- Gente, tou lembrando! Venham por aqui!
- Foi ali, bem na beira deste córrego, embaixo da ponte!
- Pronto, Tonho, agora a gente já pode voltar.
- Ótimo! Agora é só cavar um pouco e...
- Mas... cadê a ponte?
- Cadê o córrego?
- Oh, não!... É o FIM.

(Mattos, Gabriel de. Ouro! In: *O primeiro filho e outras narrativas*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021, p. 18-20)

Ouro! Uma palavra que sempre exerceu fascínio na história da humanidade e é motivo de fabulação em todos os tempos para determinar a origem histórica de Mato Grosso. O metal tem a força de forjar a história e permanece no imaginário popular. Por ele, povos inteiros foram conquistados e dizimados, e a fronteira brasileira serviu de fonte para o enriquecimento dos poderosos. Foi o ímã que atraiu os primeiros conquistadores, ao lado de outras preciosidades presentes no Novo Mundo. Esse mesmo espírito desbravador fez surgir e povoar Mato Grosso.

Telurismo arraigado desde o século 20

A geração de escritores marcada pelo sentimento telúrico desenvolveu um projeto identitário protagonizado pela dupla D. Aquino Corrêa e José de Mesquita, ambos voltados para a temática da terra, para uma localização espacial típica dos registros realistas, tanto da natureza quanto dos usos e costumes, como se vê em “Canção mato-grossense”, que se tornou o hino de Mato Grosso. O poema é um símbolo da tradição, do sentimento de pertencimento e da saudação do “berço glorioso e gentil”, acompanhando a temática dos hinos pátrios do período. Mato Grosso é a terra das minas, dos bandeirantes conquistadores, das riquezas minerais e vegetais, como aparece no fragmento poético abaixo:

Limitando, qual novo colosso,
O ocidente do imenso Brasil,
Eis aqui sempre em flor Mato Grosso,
Nosso berço glorioso e gentil!
Eis a terra das minas faiscantes,
Eldorado como outros não há,
Que o valor de imortais bandeirantes
Conquistou ao feroz Paiaguá!

Salve, terra de amor, terra de ouro
Que sonhara Moreira Cabral!
Chova o céu dos seus dons o tesouro
Sobre ti, bela terra natal! [...]

(Corrêa, D. Aquino. *Terra natal*. Brasília-DF: Gráfica do Senado, 1985, p. 43-44)

Embora algumas expressões soem hoje estranhas, tais como “conquistou ao feroz Paiaguá”, o poema é o canto solene ao povo e às riquezas da terra. D. Aquino é cuiabano, foi eminente bispo (o mais jovem do período) e é autor de uma vasta obra religiosa e de sentimento nativista de forte acento parnasiano. Influenciou toda uma geração de escritores ao levar, à frente da Academia Mato-grossense de Letras, um projeto literário centrado no sentimento de “cuiabanidade”, conceito massificado e fortalecido a partir da onda migratória pela qual passou o Estado de Mato Grosso. Os grupos literários assumiram posturas de defesa da terra, cujos desdobramentos chegaram às atitudes xenófobas, entendidas como aversão a tudo que vinha de fora e “invadissem” o espaço tido como cuiabano. Aconteceram conflitos ideológicos e de costumes entre a sociedade cuiabana e os “forasteiros”, designados pela expressão “paus-rodados”, muitas vezes verbalizada atualmente.

Ao descrever as características da terra natal, Aquino traz o verde da flora, a geografia recortada por morros, a amplitude do céu, que se mescla com o horizonte azul, como a beijar o verde infinito, tudo tingindo a alma de juventude, sonhos e encantamentos quase que sagrados. Para o poeta, Cuiabá seria a Canaã bíblica, a terra prometida de abundantes recursos onde espera repousar eternamente, tal como os seus pais. O sentimento é, ao mesmo tempo, de gozo, de saudação, de canto aos esplendores e, principalmente, de contrita religiosidade, dada a sua condição de homem do clero, como se manifesta no fragmento do poema “A cidade verde”:

Sob os flabelos reais de mil palmeiras,
Tão verdes, sobranceiras
E lindas como alhures não as há,
Sobre alcatifas da mais verde relva,
Em meio à verde selva,
Eis a cidade verde: Cuiabá! [...]

Salve, meu verde ninho, onde, primeiro,
Contemplei o Cruzeiro
e as alvoradas álacres dos sóis!
Tu tens a cor das oliveiras mansas,

Das meigas esperanças
E das láureas eternas dos heróis! [...]

(Corrêa, D. Francisco de Aquino. A cidade verde. In: *Terra natal*. Obras completas. Poética. Vol. I, Tomo II. Brasília: Editora do Senado Federal, 1985, p. 48-49)

Olhando para o interior mato-grossense, José de Mesquita traz a figura majestosa da cascata de Chapada dos Guimarães, tingida de cores, numa profusão de metáforas, cujo ápice é a semelhança com a brancura virginal de um véu rendilhado estirado ao sol, pitoresca comparação com a união matrimonial. Diante de tanta beleza, o homem se apequena e, ao mesmo tempo, se agiganta, pois está banhado por forças sobrenaturais. É a pequenez humana perante a existência de um poder maior e infinito. Em ambos os poetas, pulsa a arte na imponente relação entre a natureza e a divindade.

[...] É a esse lugar ou melhor, a essa queda do belo rio que deu o povo, na sua feliz imaginativa, o nome expressivo de “Véu da noiva”, pois, realmente, a água a despenhar-se, infletindo-se entre o verde da mata e o avermelhado da serra que ali faz um corte, semelha, de longe, alvíssima e transparente gaze rendilhada, longa e estirada ao sol, como candíssimo véu da mais fina cambraia feito para ornato virginal em dia festivo de núpcias... O sítio é o que se pode imaginar de pitoresco, de sugestivo, digno da tela de um pincel ou feito para o êxtase comovido de um desses delicados poetas panteístas que dão alma e sensificam a Natureza. Das vezes que por ali passei, uma sequer deixei de parar – fosse em rápido veículo ou em morosa alimária – para entreter a vista e deliciar o espírito no encanto luminoso e suave dessa paisagem, algo de fantástico, de majestoso e lírico a um só tempo. O anfiteatro gigantesco da serra cerca-nos e nos infunde essa grandiosa impressão que nos arrebatava, no tempo, às eras imemoriais das grandes convulsões geológicas de que se formou a estrutura do globo atual. O silêncio de entorno, a paz elísia que paira sobre a natureza, a reverberação do sol no céu e na densa folhagem ao fundo do vale, tudo convida à meditação, ao sonho, às concentrações imateriais da poesia... O homem sente-se então amesquinhado e, ao mesmo tempo, engrandecido [...]. é

nesse ambiente propício que se criou a lenda do “véu de noiva” tal como foi narrada, na sua singela e espontânea graça, por uma velha que, por sua vez, a ouvira de antigos moradores do “Buriti” há muito desaparecidos na voragem do tempo que tudo vai consumindo...

(Mesquita, José de. *A cavalhada*. Cuiabá: Oficina das Escolas Profissionais Salesianas, 1928, p. 167-186)

Lembremos que, entre os séculos 18 e 19, da mesma forma como acontecia nos relatos de viagem, os textos são marcados pelo heroísmo dos notáveis que participaram da história oficial, com a exaltação da terra e de tudo o que ela contém, compondo certa consciência da função cívica da literatura e da necessidade de se criar um imaginário político. Tais ideais deram origem às academias de arte e de literatura que se proliferaram no país e evoluíram na medida das transformações políticas, em fase de transferência da monarquia portuguesa para o Brasil colônia.

A natureza do projeto consistia em inserir o Brasil no contexto internacional, não mais como uma promissora colônia, mas como nação independente. Estava implícita, portanto, a ideia de substituição da imagem de exotismo pela de progresso, gerada, principalmente, pelo fluxo de estrangeiros, fundamental para o funcionamento imaginário da sociedade brasileira.

A arte oscilará entre a tradição acadêmica e o romantismo; entre o convencionalismo estruturado por D. Aquino e José de Mesquita, idealizadores de um passado e proponentes de um iminente progresso, e os novos ares trazidos pelos cuiabanos estudantes no Rio de Janeiro, então capital. Em José de Mesquita, nota-se a ligação com a ideia de um futuro pautado no progresso. O poema “Visão de futuro” denota a celeridade dos tempos, num jogo de ideias entre a tapera morta e os novos ares cortados pela locomotiva. A epopeia mato-grossense passa pela diversidade de povos, raças e conceitos sobre a terra natal, transcrita com atualização da linguagem:

A era nova desponta. O auto, célere, corta
Teus campos, onde a messe, esplêndida, se espraia.
Silva a locomotiva... E da tapera morta
Como que nova luz radia, ardente e gaia.

O velívolo leve os teus ares recorta.
A orquestra do progresso os seus hinos ensaia.
Tempo é de ressurgir, nesse teu sonho absorta,
Para a glória sem par que no horizonte raia!

Venha o dia feliz em que, fortes e unidos,
Os teus filhos farão, nos labores da leira,
Do trabalho no afã, rijos e decididos

Surgir desse teu seio apoiado e fecundo,
Com que se há de nutrir a humanidade inteira
- Terra da promessa e celeiro do mundo!

(Mesquita, José de. *Da epopeia mato-grossense*. Cuiabá: Oficina das Escolas Profissionais Salesianas, 1930, s/p.)

Imprime-se, nesse discurso, a dualidade do conceito de identidade. E como a intelectualidade local reage? Como se verá em capítulos posteriores, o discurso progressista de Mesquita está posto na ideia do avanço proveniente dos fluxos migratórios. Impulsionados pelos programas governamentais de ocupação dos “espaços vazios”, surgem novos agrupamentos humanos no norte do Estado e mudança nas frentes de colonização. Um dos aspectos relevantes da reação dos intelectuais à onda de progresso foi a defesa do falar cuiabano como reafirmação da *cuiabanidade*. Várias pesquisas surgiram sobre o linguajar típico como forma de reagir à onda migratória, como *O valor social do falar cuiabano* (1990), de Maria Luiza Canavarros Palma, e *O falar cuiabano* (2014), de Cristina Campos, dentre outras.

Por outro lado, as narrativas de José de Mesquita são permeadas de sentimentos ocasionados por um olhar exacerbado sobre a natureza. Em “O véu de noiva”, o poeta mescla a história e a glória da paisagem rica e bela.

A intensa relação dos intelectuais mato-grossenses com o Rio de Janeiro, então capital do Império, possibilitou o surgimento da literatura local a partir de variadas publicações que eram fartamente distribuídas. O grande número de jornais e revistas abriu caminho para a proliferação dos textos.

Surgem escritores como Silva Freire, Wlademir Dias-Pino, Lobivar Matos, Manoel de Barros, entre outros

Entre os anos de 1930 a 1990, o telurismo (terra e tradição) aparece recriado poeticamente por Ulisses Cuiabano e Silva Freire, importantes nomes da educação e da cultura mato-grossense. Valorizaram o cotidiano, a história, os tipos humanos e o linguajar da região. Ulisses Cuiabano escreveu os seguintes livros: *Sertanejos* (1934), que retrata os hábitos e o espírito do interior mato-grossense; *Figuras e fatos de Mato Grosso* (1943), uma coletânea de perfis históricos; *Cenas e Tipos de Mato Grosso* (1944), que descreve personagens e paisagens locais com riqueza de detalhes; e *A Lição das Ruínas* (1951), uma reflexão histórica e cultural, publicada postumamente, contribuindo de forma decisiva para a valorização da identidade regional.

Em *Grupiaras*, Cuiabano canta cidades do interior, como Vila Bela, Corumbá e Cáceres. Possui um forte sentimento nativista. No poema “Raça brasileira”, retrata a potência da terra e dos povos formadores da identidade brasileira; em *Cáceres*, a simpatia, os grandes que a conquistaram e o abraço carinhoso do rio na *princesa*, como é conhecida. Na terceira parte do livro, evidencia a natureza: as nuvens, as flores, a cigarra, a formiga, o sapo, o luar, o cair da tarde, o amanhecer, as árvores, as estações e o folclore, além da mulher e dos sentidos do humano. Seus sonetos são de elevação do espírito na comunhão do ser humano com a natureza.

Raça brasileira

Para Helena Júlia

Sob um manto azulado, onde, altivo e esplendente,
cintila, entre astros mil, o sulino Cruzeiro,
estende-se o gigante, o Briaréu potente,
que entrevira Cabral, num desvendar primeiro.

Brasil! Ninho sagrado: a lusitana gente
um abrigo encontrou no teu solo fagueiro,
por onde pervagava um povo delirante:
– os tupis-guaranis, o gérmen brasileiro.

Depois veio da adusta, africana paragem
outro povo capaz, e numa só imagem
um tipo se caldeia, augusto, nobre, heril:

o bandeirante audaz, o livre garimpeiro,
o caboclo do Norte, o gaúcho, o mineiro,
enfim um tipo heroico – o filho do Brasil. (p. 57)

Cáceres

Toda garrida e meiga, irradiando
um sorriso grácil de simpatia,
Cáceres – a cidade da alegria –
o nosso coração vai conquistando.

Beija-a, faceiro, o Paraguai e, quando,
todo repleto de galanteria,
os pés da heril Princesa acaricia,
um rosário de amor vai desfiando.

Luiz de Albuquerque, o grande Capitão,
quando lançou, no Extremo Oeste, a pista
da lusitana civilização,

foi de uma audácia excelsa e varonil,
– firmando, das Bandeiras a conquista,
– dilatando a grandeza do Brasil. (p. 76)

Lenda do Rio Abaixo

Conta a lenda que em noite albente de luar
um rude canoeiro, a sós, pescando à vara,
de muito “peso” estava e inda nada apanhara,
apesar dos ardis que sabia empregar.

“Inda que seja o diabo agora hei de apanhar!”
disse o caboclo, iscando o anzol, e mal jogara
a linhada ao perau, esta logo esticara,
puxada por um peixe enorme e não vulgar.

A luta foi tremenda e fatigante a empresa,
até que enfim o bravo e rijo pescador
conseguiu tirar d'água a desejada presa.

Hoje vive o caboclo inteiramente gira,
pois físgara no anzol a própria mãe, que horror!,
por um castigo atroz que o diabo lhe infligira (p. 145)

(Cuiabano, Ulisses. *Grupiaras*. Cristina Campos (Org.). Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021)

O contexto de produção de Cuiabano envolve momentos de exacerbação da estética romântica, com marcas do Parnasianismo, aos moldes da primeira geração que encabeçava o projeto de busca da identidade mato-grossense. O estilo apurado se revela em seus sonetos, mesmo naqueles dedicados às cidades, aos ilustres da terra e aos sentimentos amorosos. Ressaltamos a vertente popular ao trazer o registro das lendas e “causos” da terra, a exemplo de “O pé-de-garrafa”, uma história muito explorada em decorrência das matas fechadas da poaia, riqueza de Mato Grosso nas primeiras décadas do século 20.

Semelhante ao poeta Natalino Ferreira Mendes, Cuiabano dá conta de trazer o sertanejo, suas crenças e simplicidade, traduzindo o acento regional próprio do período. Em “Lenda do rio abaixo”, constrói a fabulação do pescador, rico em histórias fantasiosas. A invocação do demônio para conseguir resultados na pesca traz a ideia do castigo, marca da religiosidade cabocla. Ao pescar a própria mãe, o pescador enlouquece. O título do livro *Grupiara*, publicado em 1950 pelo próprio autor, traz o sentido do imaginário no contexto de formação de Mato Grosso e, por isso, é carregado de mistério e riquezas da terra. Por outro lado, pode ser indicativo da subjetividade do eu lírico, perseguido por sentimentos românticos que vão evoluindo à medida que os versos são maturados pelo sentimento nacionalista, demarcando o ufanismo utópico pela presença dos fatos históricos, de heróis nacionais e locais, que traduzem fortemente o seu apego à terra natal.

Na vertente das manifestações populares, Gabriel Pinto de Arruda já se dedicava a estudá-las em publicação de 1938. A sua narrativa é um misto de história e literatura sem, contudo, se deixar levar pelo sentimento romântico, como era de se esperar.

O pé-de-garrafa

Neste município [Cáceres], como em muitos outros do país, existem muitos contos populares que bem revelam a credence dos nossos sertanejos, que, embora temerosos, valentes e cheios dessa resistente enfiatura, relatam, com certa superstição e pavor, próprios da ingenuidade de sua alma boa e simples, crédula e sugestionável, as suas lendas que sempre se desenrolam no seio profundo e misterioso das virgens florestas. Uma das mais vulgares é a do pé de garrafa. Acreditam eles que, no seio das nossas grandes florestas seculares, onde vivem em busca da poaia, existem seres misteriosos com a forma humana. Os seus corpos, segundo afirmam, são cobertos de longos pelos negros e crespos, só possuindo uma perna que termina em forma de casco e semelhante a um fundo de garrafa, de onde lhe vem o nome. Na hora melancólica do crepúsculo, quando as aves, com os seus cantos tristes, despedem-se do dia agonizante, o humilde, mas indômito poaieiro, já na grande picada que o conduz à feitoria, cansado da longa caminhada, com o seu sapicuí a tiracolo, cheio da preciosa rubiácea, ouve bem claro um forte grito semelhante ao do homem. Para e presta atenção, e ouvindo um novo grito, responde e segue naquela direção, certo de ser o chamado de um companheiro. Chegando ao local nada vê, e novos gritos ecoando ora para a direita, ora para a esquerda, forçam-no a outras caminhadas, e por mais que procure o companheiro, nada vê e nada encontra. E somente no chão, bem nítido, cheio de assombro, o rastro temível, em forma de fundo de uma garrafa, do possante monstruoso “bicho” que quer atrair o poaieiro para o misterioso seio das misteriosas florestas. Se, diante daquelas pegadas apavorantes, o sertanejo não tem ótimo tino e se não é um valente e corajoso lutador, está perdido e não encontra mais saída, diante das singularidades que vai descrevendo, acompanhando o lúgubre chamado. E cheio de pavor, ao chegar à feitoria, narra a ocorrência aos companheiros que ficam, em sobressaltos intimidados, diante daquela manifestação que lhes causa tanto pavor”.

(Arruda, Gabriel Pinto de. *Um trecho do oeste brasileiro* [1938]. Neuza Zattar (Org.). Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021, p. 18-19)

Como visto, os escritores ligam-se à forma parnasiana de expressão, que dominou boa parte dos finais do século 19 e a primeira metade do 20. Em Mato Grosso, a estética romântico-parnasiana predominou entre os intelectuais, mesmo após o divisor de águas proposto pela Semana de Arte Moderna, que buscou uma nova identidade cultural para o país, mais brasileira e moderna. As novidades formais que adentraram os anos de 1930 e 1940 chegaram com João Antonio Neto, um dos idealizadores da revista *Ganga*, criada em 1950. Neto imprimiu a força das palavras, pela qual o menos pode ser mais, ou seja, a palavra registrada com a força da significação, da forma como faziam Wladimir Dias-Pino e Silva Freire. Publicou *Vozes do coração* (1941), *Poliedro* (1970), *Remanso* (1982), *Silhuetas e (in)significâncias* (1989). Quando estudante no Rio de Janeiro, viu surgir Manoel de Barros, hoje uma voz internacional, que diz algo assim sobre as possibilidades da reinvenção da forma poética:

Para apalpar as intimidades do mundo é preciso

saber:

Que o esplendor da manhã não se abre com faca.

O modo como as violetas preparam o dia para morrer

Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos

Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote tem salvação

Que um rio que flui entre 2 jacintos carrega mais ternura que um rio que
flui entre dois lagartos

Como pegar na voz de um peixe

Qual o lado da noite que umedece primeiro.

Etc.

etc

etc

Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios.

(Barros, Manoel de. *O livro das ignoranças*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1994, p. 09-29)

Por outro lado, saindo da centralidade cuiabana, Lobivar Matos (1915-1947) e Natalino Ferreira Mendes (1924-2011), ao enaltecer as lavadeiras, trazem a figura lendária das mulheres que construíram uma parte da história de Mato Grosso, em épocas de ausência de água encanada nas residências. Cuiabá e Cáceres, entre outras cidades ribeirinhas, como Corumbá, tiveram o cenário perfeito para trançar os fios dessa memória, em distintas perspectivas:

Lavadeiras

A manhã – lavadeira velha –
esfregou o sol
e o estendeu na terra para secar [...]
Umas mulheres gordas
carregando bacias de roupa na cabeça
descem o morro e vão à beira do rio.

São as lavadeiras.
As mulheres heróicas,
que trabalham para sustentar os filhos,
aqueles meninos amarelos e barrigudos
que ficaram em casa
choramingando uma choraminga de fome.

São as lavadeiras.
As mulheres conformadas,
que apanham dos maridos,
dos maridos vagabundos,
dos maridos jogadores,
que bebem cachaça nos bolichos
e depois, em casa, espancam os filhos,
descompõem as mulheres,
em vez de trabalharem também!

(Matos, Lobivar. *Areotorare* [1935] e *Sarobá* [1936]. Cuiabá: Academia Matogrossense de Letras/Unemat, 2008, Coleção Obras Raras, p. 73)

As lavadeiras

Cedinho levantam-se elas

As lavadeiras

(da minha infância).

Preparam o “quebra-torto”.

Das roupas a lavar

fazem trouxas,

munem-se de sabão, anil e porrete.

Tudo posto na bacia,

- alvissareiras -

Seguem para o rio

As lavadeiras.

Lá, dividem-se em setores

no porto preferido:

- Furadinho

Malheiros

Fonseca

Dom Thomaz

E carne seca.

Formam-se bloquinhos

de comadres.

Acocoradas na praia atrativa

- água na cintura -

começam a faina cansativa.

Às vezes a frieza d’água,

que mansamente passa,

precisa ser quebrada

com um gole de cachaça.

O almocinho, tem-no já preparado

ou é feito

ali mesmo na praia.

Do sol quente se defendem

com panos na cabeça,

e a caseira se ameniza

com animada conversa,

que começa sem tardança,

sobre assuntos variados

do dia-a-dia caseiro,

da rua,

da vizinhança [...]
Ao rio vão de manhã,
do rio voltam de tarde.
Embora numerosas,
fundem-se todas
- na distância do tempo-
na lavadeira Nhá Luiza,
que, diariamente, passava
- devagar -
pela frente do meu lar.
Figura de mulher esguia,
com a bacia de roupa
na cabeça.

...

Assim o monumento
que eu ergueria com saudade
- no Fonseca ou Furadinho -
lembrando com carinho
as lavadeiras da cidade.

(Mendes, Natalino Ferreira. *Pássaro vim vim*. Cáceres: Editora UNEMAT, 2010, p. 10-11)

Em Lobivar Matos, nota-se o realismo de forte apelo social. As lavadeiras são heroínas-sustentáculos da família, massacradas e irreconhecidas, enquanto em Natalino Ferreira Mendes, mobilizam a memória da distanciada infância. Mesmo buscando pelo reconhecimento social a partir da proposta de erguer um monumento às mulheres, Mendes vê nelas um sinal de que fizeram parte de um elo perdido da história. Ressente-se do passado e está em situação de nostalgia. Há crueza no trato do cotidiano dessas mulheres e da desigualdade social a que ficaram sujeitas ao longo da história. São sentimentos que movem o leitor à reflexão e ao inconformismo.

É a tradição relida, como acontece com Silva Freire (1928-1991), participante do movimento modernista no estado. O poeta cartografa o espaço da cidade e mapeia os limites entre os diferentes grupos ocupantes da geografia cuiabana ao longo do século 20. Cuiabá aparece recriada poeticamente ou, como registra, compondo o “caráter biopsicossocial e político do cuiabano”, que se lê no texto abaixo. Sua busca visa compreender o sentimento de

pertencimento do povo cuiabano perante a onda de progresso, observando a diferença entre os migrantes recém-chegados e os habitantes originários, que juntos contribuíram para a construção da identidade local. Esta é uma preocupação que afligia os poetas das primeiras décadas do século 20, D. Aquino e José de Mesquita. O que, então, se renova? Em que medida o novo se manifesta? A tradição teima em se manter no conteúdo, mas sob novas formas?

— Pois é, caro leitor, sempre-sempre estão me fazendo perguntas. São os novos mato-grossenses que chegam para ficar, e querem se informar a nosso respeito. Uma chusma dessas indagações vão, hoje, refletidas nessas considerações que tentarei ordenar, principalmente, enfocando o caráter biopsicossocial e político de nossa gente. E o faço como mais uma homenagem aos nossos ancestrais que nos fizeram herdeiros de um patrimônio histórico e cultural dos mais relevantes. Por isso, podemos dizer que o cuiabano nos oferece, em seus componentes psicossomáticos, um biótipo inconfundível de riqueza humana. Tendo vivido e sobrevivido à luz da filosofia do abandono, até há poucos anos, somos um Povo que estratificou seu caráter cultural, seu código moral, seu padrão de linguagem, sua sensibilidade artística e sua vocação política [...].

— Temos raízes; elas estão no próprio labirinto da tecelagem, do trancelim da persistência, no fino crivo da sensibilidade e na mira da paciência de quem viveu remarcado pelos sinais de ingentes desafios existenciais, mas edificando o monumento que marca esta Raça em suas raízes de legitimidade brasileira [...].

— Pois bem, como toda cidade garimpeira, nascemos rentes ao topográfico, rasgando a geografia em veias. O cuiabano não é filho da prancheta do arquiteto urbanista. Cuiabá tem outras responsabilidades, outro limbo, outro suco-sumo e resumo que não têm as cidades projetadas [...].

— Perceba, você mesmo que me honra com sua atenta leitura, veja como nossas ruas não são tortas, porque são anguladas como o diamante, como o escudo que defende o índio, como o bordado tropeiro na rede lavrada [...].

— Ah, sim! O despojamento da *raça cuiabana* é consequência da relatividade nervosa da convivência com linhas de fronteira, que lhe dão seu nítido caráter de discrição [...].

— Daí, porque somos um Povo que, ao dar um nó cego no Paralelo 16 (como nos diz Wladimir Dias-Pino), descobrimos o centro da americanidade, ou, melhor dizendo: o ferimento (sutil) da ponta do compasso. É uma questão de saber reler o passado!

— Perguntaram-me como o cuiabano encara o progresso repentino que nos assola. E eu respondo, lembrando o semblante de sabedoria humana do meu pai, Randolpho Rodrigues Freire: Simplinho. Nós não confundimos, conceitualmente, progresso com civilização. Sabemos quem nos está trazendo o progresso material somente, quem sedimentou o progresso civilizatório, e quem o está enriquecendo. Uma coisa é água poluída, outra é vinho velho da melhor estirpe. [...].

— De repente, vem a pergunta boba: “os paus-rodados”, como o cuiabano está convivendo com eles? Respondo, definitivamente, para que não se renove essa tolice perguntativa: os “paus-rodados” rodaram no enxurro das enchentes. Os que aqui ficaram, se identificando, tornaram-se cuiabanos ilustres. E são muitos, no Poder Judiciário, no Legislativo, no Executivo, no mundo empresarial, no exercício profissional, nas atividades culturais de todo gênero, e por aí afora. Mas é claro: de vez em quando, um ou outro cospe no prato que lhe mata a fome.

(Freire, Silva. O caráter biopsicossocial e político do cuiabano. In: *A japa e outros croni-contos cuiabanos*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2008. Coleção Aroeira, p. 29-32)

O poeta ressalta os termos Povo e Raça, inscritos em maiúsculas para demarcar a força legítima do brasileiro. Ou seja, o cuiabano compõe a orquestra geral que edifica o passado e enfrenta as transformações próprias do processo migratório pelo qual passou a região. Pergunta-se se Silva Freire está falando sobre a complexa interação entre as diferentes culturas, ou sobre a nova expressão cultural surgida da realidade local. A leitura dos textos e o sentido dado ao termo “cuiabania” poderá ampliar esses horizontes de significação dados pelo escritor.

— mas o que é cuiabania, afinal, poeta!?

— não é topônimo, é a sensação indizível, esse charivari de maçaroca-poética, daqui e daqui-prá-frente, de quase três séculos de uma cidade mágica... (p. 407)

- tentando explicar o que é do sentir:
- mas onde está a poesia de sua cidade, homem!?
- lá..., veja, ainda pendendo do galho da encantada laranjeira cuiabana; a gente querendo despencá-las com o chuço-da-taquara-do-gosto e..., de repente, as frutas reverdecem nos cachos, endurecendo seus talos...; paciência, recomeçar o namoro com as frutas!
- só isso?
- ali também, nos beirais-dos-telhados-coloniais-fazendo-beicinhos pro levantar-dos-olhos-dos-paus-rodados... (p. 413)

(Freire, Silva. *Na moldura da lembrança*. Cuiabá: Edições UFMT, vol. 2, 1991)

O que aconteceu com o panorama literário em Mato Grosso na primeira metade do século 20? Num primeiro momento, tensão entre as gerações: a que saiu e a que ficou no local, assegurando a tradição. A geração local funda a Academia Mato-grossense de Letras (AML) e inventa um imaginário marcado pela poesia de Aquino e Mesquita. O discurso institucional da AML é controlado pela dupla que funda a ideia de *cuiabanidade*. Cuiabá é o centro da produção, e cuiabano era aquele *de berço*, bem nascido, firmando uma elite totalizante. Tinha consciência política e produção. Numa etapa seguinte, uma geração universitária do Coxipó faz forte apelo à tradição, mas não consegue se sobrepor a ela, apesar da movimentação que causa, principalmente com a produção e distribuição de jornais e revistas. Por outro lado, na AML, se aprofunda o conservadorismo, o reforço à tradição, a reação aos migrantes e a tentativa de integração, como se verá nos capítulos seguintes.

Dessa forma, vimos que terra e tradição são temas recorrentes em boa parte do século 20. As instituições culturais mais conservadoras moldam estilos e linguagem, mas surgem atitudes mais radicais, com a introdução de novos recursos estéticos. Freire imprime um mosaico de relações culturais de vínculo com a cidade. Sua produção caracteriza certa cartografia literária que demarca o território linguístico resultante dos estudos e registros da oralidade, compilados nos três volumes da *Trilogia cuiabana*.

Alguns fragmentos são representativos do percurso do poeta ao longo de sua trajetória de produção.

A violência, nos termos de hoje, causava maior espanto, pela raridade; tóxico, ninguém sabia, mas um lucrativo comércio de roupas feitas, cosméticos, perfumes, apólices de seguros, jóias, quase sempre a prestações, se desenvolvia, ambulantemente, na parte da tarde... (p. 349).

Hoje carnavaalharam o carnaval, mas naquela quadra, havia um compromisso de arte... não era tão carne aos germens como agora [...] (p. 364).

No andamento do século XIX, os cuiabanos vão cultivando o Entrudo, mesmo padecendo do isolamento e vivendo as consequências das guerras e das revoluções... Pois eis que em 1861, funda-se a Sociedade carnavalesca cuiabana, com estatuto e taxa social de 5\$000, além de várias exigências em relação ao comportamento moral do associado, medidas próprias da preocupação de órgão social da elite. Também as agremiações políticas participavam do carnaval de rua fazendo passeatas e lançando chistes aos adversários. Observa o historiador Estêvão de Mendonça, consultado pelo casal Rosa, que, à época, os folguedos de rua eram caracterizados por verdadeiros combates, no que se usava os chamados “limões de cheiro”, feitos de cera de todas as cores, cheios de água de colônia. Mas quando acabava a munição específica, recorria-se à água mesmo, em canecos, cuias, baldes e bacias. Em 1882 tais brincadeiras de Entrudos, já pelos despropósitos, eram criticadas pela população ‘mais esclarecida’ [...] (p. 381).

As plantas que se arrancam trazem ouro nas raízes. As crianças divertem-se depois da chuva, retirando palhetas de ouro do rego d’água que corre no meio da rua (p. 398).

(Freire, Silva. *Trilogia cuiabana*. v. 2. Cuiabá: Edições da UFMT, 1991)

Nesse contexto, qual a participação do interior de Mato Grosso? Onde foi possível perceber uma nascente (e encoberta) produção literária? Como passou a se configurar a cartografia literária? Voltados para o sentimento telúrico e a necessidade de revitalizar as forças da ancestralidade, há marcas de retomada das raízes através de um imaginário construído pela densidade das matas e por figuras lendárias, construídas a partir da ideia de distância e isolamento. Essa ideia criou um espaço para manifestações populares, tanto as que têm base histórica quanto aquelas oriundas da tradição popular.

Cáceres: princesa do Alto Paraguai

Descia o rio dos Paiaguás
princesa linda das terras diamantinas
do alto Paraguai.

Vinha de longe, muito longe,
num airoso barco ornado
de Vitórias-Régias...

- seu nome ninguém sabe.

Encantada com a visão
das terras que se espraíam
desde o rio

até a serra azul
do lado que o sol nasce,
à praia abicou
no ponto em que o Paraguai
graciosa curva descreve
antes de procurar o sul [...].

Em êxtase ficou

voltada para o poente...

Alguns naturais acorreram
e, plantando suas choças
de folhas de palmeira,
fizeram-lhe a corte.

Assim nasceu Cáceres,

a princesa do alto Paraguai

Até hoje pelas cercanias

da cidade, na estação chuvosa,

as Vitórias-Régias

das enseadas e baías

cobrem-se de flores,

relembrando a viagem da princesa peregrina

do alto Paraguai.

(Mendes, Natalino Ferreira. *Anhuma do Pantanal*. Porto Alegre: Pe. Berthier, 1993, p. 28-29)

Um certo ar de sensualidade percorre o poema de Mendes. É visível a fundação mítica de cidades, evidenciando a presença dos povos originários. De certa forma, Marilza Ribeiro, nos anos 1990, fará o seu canto ao “ventre

da mata brotada do fundo da terra”, reelaborando o olhar sobre a natureza, tanto na forma quanto no movimento dos sentidos dados pelas metáforas.

Flor do cerrado
desabrocha
escancarando sua cor
na ramagem verde-veludo
que aguarda
ingênua
as mãos de ferro
que lhe extermina
a existência.
Cor dourada
Reluz como útero sagrado
no ventre da mata
Como terra canção brotada
do fundo da terra.
O sol explode seu calor
por sobre a tarde acesa
Abraça-lhe as pétalas macias
Com seu gesto de fogo...

A flor do cerrado
adormece
por entre o colo da noite
num arrepio tênue
ao sentir, sonolenta
a sensual carícia do luar...

(Ribeiro, Marilza. Sensualidade vegetal. In: *Cantos da terra do sol*. Cuiabá: [s.n.], 1996, p. 8)

A flor do cerrado é um “útero sagrado” e se extingue à medida que se dá a ocupação dos espaços. No entanto, reluz a cada estação e respiro da terra, que é ventre e vive pelo calor do sol. Nesse sentido, a poeta canta não mais o exotismo da paisagem, mas, numa voz dolorosa, a tentativa de manter a vida entre o fogo que alimenta e o vigor dado pelo colo da noite. Nota-se como a temática da terra vai se diluindo em função das eminentes transformações, tema que será explorado nos capítulos seguintes.

E o que nos traz o contemporâneo? Afastamento da tradição ou releituras?

A narrativa com base em relatos de viagem começa a ser explorada nos últimos anos, com mais vigor, tendo sido bem recebida pelos leitores mais jovens. O romance de aventura, como podemos nomear, é repleto de mistério e transcendências, como se vê em *O segredo de Marguerite*, de Luck P. Mamute (2021). De que maneira isso acontece? A narrativa é fluida, assemelhando-se a relatos de viagem em que as aventuras e mistérios são os ingredientes básicos. A escolha do narrador em primeira pessoa recai sobre uma personagem que, adulta, refaz suas memórias de adolescência. Nicholas é o protagonista e suas memórias estão ligadas às relações familiares motivadas pelas histórias contadas pela mãe sobre o desaparecimento de sua avó, Marguerite.

Há, portanto, dois narradores da memória, cujos encaminhamentos da história vão se colando a outros: o avô e a própria Marguerite. Essa composição dá energia à narrativa, pois a cada percurso crescem as aventuras e o mistério. O núcleo formado pelo segredo só é desvendado após o aparecimento inusitado de Inácio, o avô. Com a mulher, ele empreendeu muitas viagens de estudos, até o momento em que ela desaparece numa espécie de pirâmide, no meio de densa mata. A simbologia do espaço é a abertura para muitas reflexões sobre o ser/estar no mundo. A ambientação centra-se nos territórios de grupos indígenas do Xingu, ricos em densidade antropológica e atravessados por conflitos de ocupação e expropriação. Essa realidade se conecta à cidade de Peixoto de Azevedo, nascida dos garimpos, das disputas de terra e dos fluxos migratórios.

Dessa forma, o leitor é colocado em espaços de representação que aludem à formação do norte de Mato Grosso e, por consequência, à história de conflitos e à devastação dos espaços considerados “vazios”. Tais espaços estiveram sujeitos a programas governamentais de ocupação que se estenderam de 1930 até os anos de 1980, tema que será abordado nos capítulos 4 e 6.

Às vezes, fica difícil buscar na memória os fatos daqueles dias, mas, mesmo me enganando em algumas frases e datas, jamais me esquecerei dos lugares que meus olhos viram. Figueiras gigantescas que dez homens não conseguiam abraçar, um lago com águas tão transparentes que se supunha que os peixes nadavam no ar, florestas formadas por árvores tão retorcidas que pareciam esculpidas por algum artista. Músicas vindas

de lugar nenhum tocadas por sabe-se lá quem, que invadiam os nossos ouvidos e mentes. Arcos-íris com cores ainda sem nome, desertos surgidos do nada e que no nada desapareciam. Eu estive nesse lugar e não estava sozinho. Eu vi isso tudo com estes dois olhos que hoje não conseguem distinguir um cristal de Bohemia de um vidro barato.

Foi numa tarde, na primavera de 1989, que, sem ninguém em nossa casa se dar conta, tudo começou a mudar em nossas vidas de maneira irreversível. Morávamos num bairro de Cuiabá chamado Poção, e a nossa casa tinha o tamanho ideal para meu pai, minha mãe, minha irmã, Maria e eu vivermos sem nos apertar [...].

A minha mãe havia me dito que incomodar a paz das tribos que, até então, por proteção de algum deus, estavam isoladas foi o maior erro da expedição. O ouro e tudo o mais que têm valor para nós eram desimportantes para os indígenas. Eles tinham ao alcance das mãos uma quantidade descomunal de animais, terras, matas e rios que não os deixava com o estômago vazio, um subsolo que não precisava aparecer para os deixar ricos [...].

Dessa forma, em julho de 1943, a Expedição Roncador-Xingu começou a abrir caminho no meio do cerrado, no coração desconhecido do Brasil.

(Mamute, Lucke P. *O segredo de Marguerite*. São Paulo: Cálida, 2021, p. 5-21)

Vimos como a reincidência de um imaginário construído sobre o interior do Brasil permanece nas narrativas contemporâneas. O leitor é levado a construir as relações políticas e econômicas que impulsionaram as transformações dos espaços “vazios”. Em consequência, o narrador foca nos efeitos dessas transformações sociais sobre as relações humanas, cujo foco mais atingido é a família. O misterioso desaparecimento de Marguerite liga-se à necessidade de novas atitudes perante o mundo que se avizinha do caos, tratado numa perspectiva mais fantasiosa, beirando o realismo mágico. Narrar mantém o elo familiar e reconstrói a tradição. A mãe narra, o filho se refaz pelas histórias, e a narrativa traz a tradição da viagem e da busca das identidades. Esse poder de narrar encarna a necessidade de manter a vida, funcionando como alegoria da tradição grega, mas presente também na tradição oriental, desde os contos de *As mil e uma noites*.

Por outro lado, a narrativa de Deborah Goldemberg, *O fervero da terra* (2009), seduz o leitor desde a primeira parte, que começa com a explanação do narrador sobre a escolha e o processo de composição. Isso implica a primeira forma de identificação do leitor: a história apresentada sob a forma mais simples, cuja opção se dá pela oralidade. Mesmo que num primeiro momento possa parecer estranho, é como a verossimilhança se instala pela visão de um narrador indígena/caboclo/sertanejo. A narrativa está centrada na personagem criança, um indígena criado por brancos, para os quais se torna trabalhador por longos anos. As histórias estão entrelaçadas a tal ponto que tecem os quadros em que as personagens assumem o protagonismo: o menino indígena, o pai de criação/dono das terras, a mulher no seu silêncio, cujas atitudes representam as variadas formas de transformação das personagens ligadas por conflitos de terras em situação de desenvolvimento nos garimpos do norte de Mato Grosso: “Pra eles do Sul o governo fazia era dar as terra de graça, lote de mais de duzentos hectare, enquanto pra nós que era daqui eles faziam era tirar as terra, eu nunca entendi bem isso, mas era assim que era as coisa” (Goldemberg Deborah, *O fervero da Terra*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2009, p. 10).

A cidade de Peixoto de Azevedo é personagem. Nela está a história dos processos migratórios de construção das regiões forjadas pelo movimento dos garimpos e de exploração da terra. À medida que os locais caem em decadência, as personagens também sofrem processos de degradação. Há, no entanto, uma linha impassível, marcada pela retidão e firmeza de caráter da personagem indígena. É por ela que entendemos sua vida, desde o momento em que é deixada pela família. Desbravar sertões é, no mínimo, se colocar diante das dificuldades e provações.

É, por isso, uma história de buscas: de espaços, de vidas e, principalmente, de identidade. Perpassam, nas angústias das personagens, questões de política de ocupação de terras e de exploração desordenada dos espaços. Só ao final se sabe que a história foi dada a conhecer durante o julgamento de Aké, acusado de assassinato. Então, temos histórias dentro da história: do processo, das memórias do narrador, das memórias/vivências do escritor.

Mesmo que retomada a temática do relato de aventuras, o avanço é dado por outras escolhas de composição, que fornecem à narrativa o tom característico e a verossimilhança. Aqui reside a identificação do leitor e a

riqueza da pluralidade com que o povo se desenha no processo de formação, respeitando aquele que realmente é dono da terra – o indígena. Expulso dela (aqui representado pelos pais de Aké, que foram obrigados a dá-lo para ser criado por família migrante), o nativo desaparece:

“Pra já explicar pra ocês, esse meu nome Juruna foi ele mesmo que deu, porque meu nome de verdade é Aké. Ele nunca me perguntou, já saiu chamando eu de Juruna. Foi porque eu sou índio, né? Acho que ele pensava que todo índio é Juruna por causa daquele um famoso dos Xavante. Mas, eu não me incomodei não”.

(Goldemberg Deborah, *O fervero da Terra*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2009, p. 12-13).

A esperança de um possível retorno é dada ao leitor pela reconquista do lugar, na pessoa do narrador. Aké tece a visibilidade da trama de ocultações que enredam a vida de cada um nos liames da tumultuada e violenta ocupação da fronteira. Da mesma forma como no romance de Maria Filomena Bouissou Lepecki, analisado anteriormente, em *O fervero da terra*, como afirma o prefaciador José de Sousa Martins:

A autora vagou pelos ermos na década inteira em que se dedicou a programas de desenvolvimento sustentável no Norte e no Nordeste. Sua formação antropológica e seu talento literário a tornaram sensível aprendiz da língua do sertão, aquela fala cheia de rebuscamentos e sonoridades de obra de arte. Eco da sonoridade barroca que ficou por aí na fala cantada do povo sertanejo e nas sutilezas do duplo sentido que a caracteriza e que é o seu conteúdo. O que nela importa é a correção das ideias na dialética dos opostos que lhe dá sentido.

Assim começa a narrativa:

Eu era inda menino quando conheci Seu Luis. Devia ter uns catorze ano. Já tinha sofrido de ver as morte tudo que aconteceram por aqui, quase todo o meu povo se foi desse jeito, nas doença, nos combate. Também, já tinha andado um bocado de terra em terra na busca de lugar pra nós ficar, eu mais pai, mais mãe e os irmão. Depois que a rodovia chegou cá pra esses lado parecia que lugar nenhum era lugar nosso mais. Começaram a pôr cerca

pra todo lado e acabar com as mata. O de comer foi ficando difícil, nós já não se aguentava mais. Foi triste foi demais essa parte da história nossa, nem gosto de lembrar. Daí, como eles não viram mais jeito, o pai mais mãe foram dando a gente pra quem eles encontrasse no caminho que quisesse. Nós era em muitos irmão, uns nem eram irmão de sangue mesmo, mas eram família que ficou com nós depois que os pais morreram na luta (p. 9).

Pois eles eram gente recente na região, não tinham nada ainda, viviam em baixo do barracão que o governo fornecia pra os colono até eles terem tempo de cortar madeira pra fazer suas casa. Pai mais mãe vinham perambulando pela área dos barraco, perguntando se alguém queria um menino ou menina pra ajudar nas roça ou no serviço de casa. Ninguém nunca queria, mas Seu Luis, acho que já era mais esperto que os outro na época, me viu assim meio fortinho, que eu era só de natureza mesmo porque eu andava era magro, mas eu lembro que ele olhou pra mim e disse assim, “Esse guri ali já está grande, pode nos ajudar no trabalho”. Os olhos de mãe, que andavam caídos, chega despertaram esperança. Acho que ela pensou que ia ser bom pra mim, mesmo que a gente nunca mais ia se ver, mas ela se alegrou, porque achou que era coisa boa pra eu ficar ali. Chegou perto de mim, penteou meus cabelo duro de poeira pra baixo com força, assentou as mão no meu pescoço e se agachou pra me dizer, “Meu fio, sempre sube que tu ia sê homem di sorte. Meu fio. Seje bão pra esse homem, que ele fez foi salvá tua vida”. Me abraçou bem forte e se foi. Eu fiquei ali. Na hora eu nem entendi muito direito, achei que eles voltavam, que eu ia trabalhar ali e eles vinham me ver. Nunca voltaram (p. 10-1).

(Goldemberg, Deborah. *O fervo da terra*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2009)

A temática da terra e da tradição reforça, ao longo dos tempos, conceitos centrais na literatura. Tais movimentos culturais buscam valorizar as raízes e a ligação profunda do homem com o ambiente e o local de origem. Desse sentimento, nasceu o conceito de regionalismo, que trata dos costumes, da paisagem e do sertanejo, além do Nativismo/Indianismo romântico, ambas tendências fortemente ligadas à necessidade humana de conectar-se com a terra. Assim, podem ser não apenas retomadas, mas ferramentas de construção das identidades, como poderemos perceber nos capítulos seguintes.

AMPLIANDO HORIZONTES

Livros

Sinais de chegada, de Odenir Pinto de Oliveira (Carlini & Caniato, 2021), uma narrativa que explora tanto o espaço dos povos indígenas quanto a profundidade da alma das personagens. Um grupo de homens, de variadas origens, envolve-se na construção de rodovias e na ocupação de territórios no coração da Amazônia.

A literatura contemporânea em Mato Grosso, de Eduardo Mahon (Carlini & Caniato, 2021), em que o autor trata das gerações literárias dos anos 1980 e 1990 e a produção coletiva que legou momentos de forte apelo ao sentimento de *cuiabania* (estética passadista *versus* progresso). Do mesmo autor, ver *A gramática cuiabana*, palestra proferida na Aula Magna do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea ECCO/UFMT, em 2025.

Cuiabanidade (1987), de Lenine Póvoas, sobre o sentido de *cuiabania*.

Trilogia Cuiabana, de Silva Freire (Edições da UFMT, 1981 e 2021), em três volumes.

Cuiabá de Arraial a Vila Real: História ilustrada (Entrelinhas, 2021), de Moacyr Freitas, obra voltada para o público infantojuvenil.

Saiba mais:

Sobre a obra de Tereza Albues, ver o estudo de Leonice R. Pereira, ***Tereza Albues e Wanda Ramos: memórias em diálogo*** (Carlini & Caniato, 2014). Ver ainda outras obras da escritora, como ***Chapada da palma roxa*** (Atheneu Cultura, 1991), ***A travessia dos sempre vivos*** (Ed. UFMT, 1993), ***A dança do jaguar*** (Edição Zero Hora, 2000) e ***Buquê de línguas*** (Carlini & Caniato, 2008, publicação póstuma).

Sobre mitos, lendas e teatro, ver Agnaldo Rodrigues da Silva: ***Projeção de Mitos e construção histórica do teatro trágico*** (RG/Unemat Cáceres, 2008), ***O teatro em Mato Grosso: história, crítica e textos*** (Ed. Unemat, 2010), ***Baú de pecados: contos*** (Carlini & Caniato, 2020) e ***Fantasmagoria em Vila Maria*** (Ed. Unemat, 2021).



Obras infantojuvenis

O menino chorão e o morro que era vulcão de Ivens Cuiabano Scaff, com ilustrações de Gervane de Paula. Cuiabá: Entrelinhas, 2025. Narra a história de um menino que chorava de medo do vulcão adormecido que era o morro de Santo Antonio. A família vai até um povoado no pé de morro perguntar a uma moradora antiga se é verdade que o morro pode a qualquer hora cuspir fogo. Ela disse que não, mas contou as histórias da mula sem cabeça e do boitatá. Outro morador contou a da mãe do morro e do curimpampam e, quando voltaram pra casa, o menino não queria dormir de medo de esquecer das histórias.

Conferência no cerrado, de Cristina Campos e Durval de França, com ilustrações de Rick Milk, 2ª ed. Cuiabá: TantaTinta, 2025. É uma narrativa infantojuvenil com temática voltada à questão ambiental. A história, escrita originalmente por Durval de França e recriada por Cristina Campos, tem como protagonistas seres encantados que povoam o imaginário de culturas tradicionais da Baixada Cuiabana: Currupira, Pé de Garrafa, Negrinho D'Água, Mãe do Morro, Tibanaré e Boitatá.

Assim também já é demais!, Ivens Cuiabano Scaff, com ilustrações de Zeilton Mattos. Cuiabá: Entrelinhas, 2025. A obra é uma viagem pelas lendas de Mato Grosso. O personagem principal, o menino Ditinho, é um pescador. Ao ir pescar, ele encontra o minhocão, entidade mítica dos rios de Mato Grosso – mas a sua mãe não acredita nesse encontro.

Ikuiapá, na boca do Pari de Anna Maria Ribeiro F. M. Costa e Rosemar Eurico Coenga, com ilustrações de João Batista Conrado. Cuiabá: Entrelinhas, 2020. Memórias de infância com os rios Cuiabá e Paraguai e seus mitos e lendas, num tempo em que não havia água encanada, energia elétrica e meios de transporte público em Cuiabá.



CAPÍTULO 4



CONFLITOS SOCIAIS: TERRA E PODER

O que aparece na História, mas some na Literatura?

O que costumamos chamar de *interiorização* brasileira foi, na verdade, um processo penoso e sangrento. Essa conceituação, no entanto, não é muito popular para a constituição de uma história de batalhas, conquistas e glórias. Os museus, monumentos e manifestações artísticas recontam a história do avanço europeu pelo interior brasileiro. O ideário de bravura ficou gravado no imaginário popular. O que não é sublinhado? A invasão portuguesa e espanhola e as guerras travadas com diversas etnias indígenas, o difícil trabalho de consolidação do espaço geográfico em que os colonizadores disputaram territórios e, por fim, os conflitos relacionados às atividades extrativas e enfrentamentos internos de natureza política.

De que forma aparecem na literatura produzida em Mato Grosso os dramas humanos em zonas de conflito? Focada na questão identitária com base na cartografia do território mato-grossense, a literatura do estado pouco se dedicou ao cenário de guerra ou de escaramuças político-partidárias. Por mais que sedições contra o governo central, guerras entre mandatários locais e revoltas de comunidades quilombolas e indígenas fossem comuns, ainda assim, boa parte dessas instabilidades não serviu de base para o texto literário.

Difícilmente pesquisadores da literatura mato-grossense vão se deparar com um antigo romance cujo enredo esteja ambientado em uma guerra fratricida, um conflito armado ou um massacre de povos indefesos. Essa sistemática omissão não é um problema em si mesma, mas reclama

atenção redobrada. Como expusemos desde o primeiro capítulo, na literatura importa o que foi escrito e o que não foi. Presença e ausência são equivalentes, e ambas revelam muito sobre contexto autoral, grupos literários, ética e estética na produção mato-grossense.

Cenas obrigatórias da historiografia brasileira não foram contempladas no roteiro de romances nem se tornaram tema de livros de poesia. Um exemplo relativamente recente? A tensão entre a ditadura de Getúlio Vargas (1930-1945) e a política paulista deslanchou um conflito civil armado que se desenrolou em Mato Grosso. Aliás, nem a movimentação da Coluna Prestes, assunto obrigatório em manuais de história, foi abordada na literatura. A questão levantada neste capítulo não diz respeito somente ao que se consolidou na temática literária sobre a violência, mas o que deixou de ser registrado.

Pode parecer um mero lapso autoral. Um, dois, três autores podem ter optado por outras imagens, outros cenários, outro ideário. Mas seria tanta coincidência que a literatura produzida em Mato Grosso tivesse simplesmente deixado de lado temas pungentes que redundaram em mortes? Para ilustrar nosso questionamento, vejamos o caso do arraial de Belo Monte, comandado por Antônio Vicente Mendes Maciel, ou simplesmente Antônio Conselheiro. Canudos, como ficou conhecido o arraial, foi alvo destruído pelo exército brasileiro em 1897.

Com base no violento episódio de repressão, Euclides da Cunha lançou, em 1902, o famoso romance *Os Sertões*. Todo estudante já deve ter ouvido pelo menos uma vez a célebre frase “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”, presente no livro. Um episódio que mobilizou forças do Exército ganhou dimensão literária pela pena do jornalista que foi à Bahia como correspondente.

No entanto, ao voltarmos nossa atenção para Mato Grosso, a tragédia do Tanque Novo, ocorrida nos primeiros anos varguistas (1932), não se encontra presente em romances ou poemas. Em Poconé, Doninha e seus seguidores foram perseguidos, expulsos e mortos. Nossa pergunta permanece em aberto: qual a razão da carência de obras literárias dedicadas a esse e a outros conflitos armados?

Nem o massacre indígena durante o avanço paulista do século 18, nem a formação de centenas de quilombos de refugiados da escravidão das minas ganhou destaque na narrativa mato-grossense. Era de se esperar que, na produção literária, surgissem episódios de invasões colonizadoras em reduções jesuíticas, por exemplo. O processo denominado *preação*, que, na verdade, era o de escravização de indígenas, foi amenizado pelo trabalho dos catequizadores jesuítas, mas não evitou que milhares de aldeias fossem exterminadas pela guerra ou pela doença. No entanto, essas cenas históricas ainda permanecem quase inéditas em termos de literatura produzida em Mato Grosso. Voltamos a nos perguntar: qual a razão dessa desatenção com temas tão marcantes para a identidade de um determinado povo?

Como dissemos nos capítulos anteriores, a tônica da literatura regional sempre esteve concentrada na missão de *dar a conhecer* Mato Grosso, mapeá-lo e apresentá-lo como um cenário sedutor para a ocupação. Em vários livros de crônicas, há verdadeiros convites ao investimento financeiro no estado. É provável que, por essa razão, não convinha registrar um cenário de turbulência, repleto de coronéis, jagunços, todos envolvidos em crimes de pistolagem. Noutras palavras, a representação ficcional dos conflitos era um risco para a imagem de *terra de oportunidades* que os governantes locais pretendiam projetar. Guerras, doenças, mortes não eram imagens interessantes para compor esse cenário otimista que a maioria da intelectualidade se comprometeu em apresentar aos leitores.

Poucos escritores ambientaram seus poemas, contos e romances nos tempos instáveis da guerra ou nos cenários abusivos da escravidão. Até mesmo as instabilidades políticas nas cidades, tão comuns entre o ocaso do Império e nascimento da República (1889), não foram registradas no texto literário. Nos primeiros anos do advento da República, por exemplo, inúmeros conflitos civis foram registrados pela historiografia, mas não pela literatura. Nesses últimos 150 anos, não faltaram chacinas cruéis, mortes encomendadas, golpes políticos, exílios forçados, tudo pelo poder e pela terra em Mato Grosso.

Os conflitos sócio-políticos que redundaram em mortes violentas ficaram quase que exclusivamente circunscritos às crônicas memorialistas.

Citados desde o princípio da produção da escrita mato-grossense, os sangrentos combates foram priorizados nos registros históricos, seja em relatórios oficiais, diários e atas de reuniões, seja no processo de recontagem da história oficial de Mato Grosso, apresentada pela perspectiva do vencedor, de quem invadiu o território, venceu espanhóis, dominou indígenas e submeteu escravizados de ascendência africana. Noutras palavras, as narrativas de violência não ingressaram na literatura propriamente dita, seja em romances, seja em contos. Nem mesmo na lírica, os embates históricos foram objeto de atenção dos escritores.

Vejamos um importante registro realizado por Joaquim da Costa Siqueira, cronista que pesquisou e documentou momentos históricos importantes. Em sua obra *Crônicas do Cuiabá*, Siqueira relata as dificuldades da *interiorização* mato-grossense e, sobretudo, da fixação dos colonos no território. A linguagem utilizada era a mais objetiva possível, de modo a noticiar às autoridades portuguesas os acontecimentos coloniais, minudenciando os desafios diários na conquista do território.

Ano de 1771:

[...]

Como os bárbaros caiapós, ou bororós, se resolveram ao malefício, de que tratamos, e por ele não lhes resultou dano algum, antes proveito, porque não só mataram como roubaram as ferramentas que puderam apanhar e de que muito necessitam para seu trabalho, não deixaram o seu depravado intento e, passando o rio Cuiabá para a outra parte do sul, foram ao Uvaguassú e lá mataram, no dia 23 de julho, quatro escravos, sendo dois de José da Costa Campos, e no dia 24, seis de Salvador Rodrigues de Siqueira. Tudo assim consta das duas devassas de 30 do mesmo mês, que estão no cartório geral desta vila.

A presunção que há de serem os bororós, e não os caiapós, os que neste ano nos têm hostilizado por terra, consiste em que as armas com que fomos ofendidos eram de madeira ridícula, verde e mal alinhadas, unicamente com a forma das que usam os caiapós, sendo que as próprias destes sempre foram de pau de lei, secas e bem feitas, acrescentando mais a circunstância

de se acharem no alojamento dos mesmos bororos, no tempo em que depois foram abalroados dos nossos, alguns trastes que desapareceram e eles levaram na ocasião do primeiro malefício, seja qual for, fez-se o dano e nós experimentamos o mal (p. 94-95).

(Siqueira, Joaquim da Costa. *Crônicas do Cuiabá*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2002)

Como é possível perceber no texto do cronista, os Caiapó são retratados como “bárbaros” quando, na verdade, estavam apenas promovendo a legítima defesa do território que ocupavam originariamente. O elemento indígena é identificado como forte e audaz, mas costumeiramente visto também como oportunista, traiçoeiro e desonesto. A perspectiva do narrador é, portanto, a de vítima de sucessivos ataques, jamais de invasor da terra alheia. Diversas conclusões são possíveis. No entanto, queremos sublinhar que nosso trabalho se concentra não apenas na forma adotada em textos literários, mas sobretudo no ponto de vista dos escritores acerca desses temas ao longo do tempo.

Tanto em Siqueira como em vários outros cronistas, nota-se um tom de admiração pela engenhosidade indígena no trato com os elementos da natureza, suas técnicas de sobrevivência e de transformação de materiais, de elaboração de armas e combates aos invasores. Esse tipo de *reconhecimento* também será incorporado mais à frente pelo grande movimento romântico, que encampou a produção literária mato-grossense. Na visão idealizada, o povo *herdou* o melhor do *feliz encontro* de raças: bravura, engenhosidade, tudo com o dominante refinamento europeu. Essa perspectiva foi apresentada no primeiro capítulo e, a partir dele, nos capítulos seguintes, quando discutimos como o cenário de Mato Grosso foi construído nos textos sobre a terra.

Além da adaptação às agruras da *terra selvagem*, outra questão que chama atenção nas crônicas de Siqueira é a naturalidade com a qual cita os escravizados, muito provavelmente de origem africana. No primeiro parágrafo selecionado, o cronista afirma que foram roubadas ferramentas e mortos escravos, isto é, foi criada uma equiparação entre objetos e seres

humanos. O importante aqui é sublinhar o ponto de vista do narrador do século 18, que se identifica perfeitamente com os colonizadores, sem levar em conta qualquer perspectiva dos povos atacados e exterminados que habitavam as terras mato-grossenses.

Outros textos que são relevantes para compreender essa mentalidade colonizadora são os documentos legislativos do século 18. Nos primeiros capítulos, percebemos a importância dos relatos de viagem. Mas não devemos esquecer do conjunto de textos que regulavam a vida pública e civil em Mato Grosso. Como deveriam se comportar os encarregados dos reis portugueses? Quais os limites de seus poderes no processo de interiorização colonial? Como lidar com os povos originários, seja em situações de guerra, seja no contato pacífico? Para responder a essas questões, é essencial que leiamos alguns trechos selecionados das *Instruções aos Capitães-Generais*:

**Instrução da Rainha para
D. Antônio Rolim de Moura
Lisboa, 19 de janeiro de 1749:**

19 – Em todo o vasto país que medeia entre o Paraguai e o Paraná ou Rio Grande se acha vivendo o gentio Caiapó, que é o mais bárbaro e alheio de toda a civilidade que até agora se descobriu no Brasil.

20 – As contínuas hostilidades com que infesta os caminhos de São Paulo para Goiás e para o Cuiabá e até às mesmas povoações dos Goiáses me obrigaram a mandar ultimamente se deliberasse, em uma junta de Missões do Rio de Janeiro, se devia fazer-se-lhe guerra, conforme os meios com que se haveria de executar, no caso que se julgasse indispensável (p.15/16).

**Instrução de Dom Luís Pinto de Souza para
Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres
Vila Bela, 24 de dezembro de 1772**

45º – O comércio de Cuiabá (além dos caminhos por terra) se pode ligar com essa Capital por via fluvial, em tempo de inverno e mediante o varadouro do qual deve V. Excia. fazer aperfeiçoar quanto lhe for possível,

fazendo examinar o terreno por um engenheiro hábil que possa levantar o plano; e fazendo entreter os carros e boiadas precisas na fazenda que com este fim se tem já estabelecido naquelas imediações, como também limpar e desembaraçar os rios de todo o mato, e mais estorvos que os dificultem.

46º – Tenho exposto a V. Excia. os meios mais adequados que me ocorrem, para promover o comércio desta Capitania, relativamente à Metrópole; pede agora a ocasião que eu toque também no comércio de contrabando, a respeito dos domínios de Espanha, pelas Províncias de Moxos e Chiquitos, nossas confinantes.

47º – Estas províncias são habitadas unicamente por índios, os mais miseráveis do Universo, porque os espanhóis, sempre fieis às máximas dos jesuítas, não admitem nelas outros europeus mais do que os governadores e os curas.

48º – A natureza quase inteiramente bruta, não produz entre eles, outros gêneros mais do que gados, que multiplicam admiravelmente bem num país quase todo de prados e campinas baixas, as mais produções do terreno são: arroz e algodão, do que esta Capitania não tem necessidade alguma, promovida uma vez nela a agricultura.

49º – Alguns destes efeitos se permutam por quinquilharias, que os diretores mandam vir do Peru, de sorte que os pobres índios nunca conheceram a efígie de seu soberano; à vista do que tenho exposto, pode V. Excia. apreciar no seu próprio valor, qual seja o comércio que podemos fazer com essa gente, sendo um axioma bem patente que por nada ceda. [...]

61º – A fuga de escravos para os quilombos e domínios de Espanha prejudica muitas famílias e destrói a agricultura; no mesmo tempo se têm destruído alguns consideráveis; para o que é necessário que as companhias formadas se achem sem falhas e com muito bons trilhadores. [...]

68º – Em consequência destes princípios, compreenderá V. Excia., admiravelmente, que o fomento das minas e o animar os novos descobridores, é o principal fundamento da felicidade pública que se não deverá nunca perder de vista (p. 41-45).

(Instruções aos Capitães-Generais. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Mato Grosso, 2001)

Das normas régias para os administradores coloniais, extraem-se conclusões riquíssimas. A primeira delas novamente categoriza o povo Caiapó, entre todos os indígenas até então conhecidos, como o mais avesso à *civilização*. Compreendemos que tal conceito expressa um conjunto de valores e hábitos europeus, que, sendo assim, eram incompatíveis com a reação considerada hostil dos caiapós. Nesse contexto, os Bororo, que ocupavam a região hoje conhecida como *baixada cuiabana*, também se somavam aos Caiapó na resistência pela terra contra os invasores portugueses.

Importante também notar o caráter sabidamente ilegal dessas incursões portuguesas. As instruções são claras no sentido de classificar parte do comércio realizado no interior como *contrabando*, ou seja, transações que contrariavam os tratados vigentes entre Portugal e Espanha, até meados de 1750, quando foi celebrado o Tratado de Madri. Noutras palavras, os colonizadores portugueses tinham ciência de que sua atividade no interior brasileiro (atualmente Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás) era criminosa e, ainda assim, normatizavam-na por decretos do monarca ou dos delegados do rei no território contestado do interior brasileiro.

Nesse contexto de ilegalidades, o texto nos traz interessante diferenciação entre a forma de lidar com os indígenas. A perspectiva portuguesa estava centrada na prospecção de minerais preciosos e no contrabando de produtos de territórios espanhóis por meio da rede fluvial. A prioridade do colonizador lusitano era proteger vias de escoamento de riqueza, eliminando povos considerados *hostis*. Além dos indígenas, outra preocupação portuguesa era a de conter as fugas de escravizados africanos para quilombos que se formavam no interior, como o quilombo comandado por Teresa de Benguela, exemplificado com fragmento de romance no capítulo 2.

Observamos que o ponto de vista é determinante em qualquer tipo de narrativa, seja ela histórica ou literária. Pelos registros portugueses, os espanhóis tratavam os indígenas de forma diversa. Sobretudo em razão do empenho dos jesuítas em converter os povos originários ao cristianismo, percebemos uma crítica à leniência espanhola. É que nas *Instruções Gerais*, o monarca lusitano afirma que não há circulação de moedas e, portanto, carecem os indígenas de senso comercial para dinamizar os negócios

coloniais. Essa característica é interpretada como ausência de *civilização*. Até mesmo o hábito indígena de pequenos cultivos agrícolas é criticado, já que a prioridade metropolitana nunca foi desenvolver a economia local, mas extrair dela as riquezas que encontrasse.

No período colonial, não há grandes variações de perspectiva nos textos produzidos, como se viu em capítulos anteriores. Em geral, os escritos resumem-se a relatórios, crônicas, registros variados do que se passava nas minas de ouro e nos campos circunvizinhos. Não que tais textos sejam menos importantes na composição da literatura que seria realizada no futuro. Ao contrário: a percepção dos primeiros cronistas fomentou o conjunto imagético dos escritores brasileiros em Mato Grosso.

De qualquer forma, as características da narrativa literária ainda não haviam se manifestado até a virada do século 19. Em todos os capítulos deste livro, veremos isso acontecer: o conjunto de escritos estava voltado para questões de ordem prática, relacionadas à provisão de comida e armas, ao mapeamento do território desconhecido e ao levantamento de potencialidades de exploração. Chamamos atenção, neste momento, para nosso tema central – os conflitos sociais –, possivelmente o que mais demorou a ganhar centralidade entre os escritores mato-grossenses.

Com a independência política oficializada em 1822 por D. Pedro I, a característica da escrita praticada no estado não sofreu alterações significativas, prevalecendo a crônica histórica como gênero predominante nos jornais de circulação local. Os conflitos eram registrados como notícias, mas não como temática central de poemas e pequenos contos, publicados em jornais de circulação interna.

O toque de nativismo nas narrativas regionais

Muitos anos depois do processo de separação política, o ponto de vista do narrador parece dar uma guinada conceitual. Quem era retratado como *civilizado* passou a ser considerado *explorador*. Os portugueses, responsáveis por colonizar a região e dominá-la com sua severa legislação colonial, são representados como *exploradores mercantis*, usurários

egoístas e pouco afeitos a contatos com brasileiros. Essa mudança de perspectiva ocorre sobretudo com as novas gerações de narradores, não mais portugueses, mas brasileiros natos, muitos deles nascidos no próprio território mato-grossense.

Na narrativa de um famoso episódio histórico, ocorrido em Cuiabá durante o período político conhecido como Regência (1834-1840), podemos perceber a profunda diferença no ponto de vista do narrador, o que nos interessa para a análise dos futuros textos literários. Não se trata mais de responsabilizar os *nativos* pela ausência de civilidade, mas retratar uma tensão política entre comerciantes portugueses e a elite local brasileira. Não é somente o tema que sofre alteração, mas sobretudo a perspectiva com a qual as personagens são apresentadas. Essa alteração não é trivial. Representa um marco identitário que ecoa até hoje na literatura mato-grossense.

Rubens de Mendonça, além de historiador, foi jornalista, cronista e poeta. Na obra *O tigre de Cuiabá*, Mendonça estiliza uma das mais sangrentas chacinas da história de Mato Grosso. Conhecido como Rusga, o episódio resume-se no assassinato de portugueses naturalizados em 1834, com a justificativa de que eles almejavam a recolonização brasileira pela Coroa Portuguesa.

Sexta-feira, 30 de maio de 1834. Um friozinho anunciava a proximidade da chegada do mês de junho. O dia correra cinzento e melancólico. Desde 24 de maio a cidade estava agitada. José de Melo Vasconcelos que substituíra Antônio Correa da Costa na Presidência da Província, embora por dois dias apenas, havia passado a chefia da administração ao Coronel João Poupino Caldas. Tanto um como o outro eram exaltados nativistas.

A tarde agonizou triste e a noite desceu negra e sombria.

Por volta das onze horas, se ouviu “tocar rabate de cornetas e caixa de guerra, tiros de arcabuzes, e gritos de morram os bicudos. Na escuridão da noite apenas se ouviam barulhos de machados e alavancas arrombando as portas de todos os negociantes adotivos ali residentes”, conforme depoimento de Joaquim Antônio Rodrigues (p. 37).

[...]

Ora, a página desta história é sangrenta e nem poderia deixar de ser, porém não se pode conceber revoluções sem mortes, sem sangue, porém muitíssimo mais bárbaro e torpe era o envenenamento coletivo que o bicudo Ramos e Costa procurou fazer no banquete, no dia de sua posse de Imperador do Espírito Santo (p. 43).

[...]

Entre os nossos mata-bicudos, o de mais triste memória e o mais nefasto nos anais da história foi o de 30 de maio de 1834, em Mato Grosso. Bandos de desordeiros assassinaram, em massa, os portugueses residentes em Cuiabá, sob pretexto de que conspiravam pela volta de D. Pedro I ao trono, com o fim de recolonizar o Brasil (p. 46).

[...]

Enquanto Poupino era assassinado em Cuiabá, terminava o seu mandato de Deputado Patrício Manso, que receoso de voltar a Cuiabá, temendo vingança por parte dos descendentes das vítimas de 30 de maio, se estabelece com propriedade agrícola em Campinas, fortificando-se de tal forma que a mesma ficou conhecida pela denominação de “Castelo”.

Mas, mesmo assim, o Tigre não se viu escapo da vingança.

A 17 de janeiro de 1848, no cafezal de sua propriedade, a bala assassina, irmã talvez da que tombara João Poupino Caldas, pôs ponto final à vida do grande naturalista paulista que entrou para a história mato-grossense com a alcunha sangrenta de o “Tigre de Cuiabá” (p. 54).

(Mendonça, Rubens de. *O Tigre de Cuiabá*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Mato Grosso, 2005)

A principal diferença entre esse texto de Mendonça e os produzidos nos séculos 18 e 19 reside no estilo dramático com o qual ele ambienta a chacina dos *bicudos* portugueses, realizada pelos *nativistas* brasileiros. Os trechos selecionados revelam o caráter literário que o autor empresta ao relato histórico, compondo um clima tenso de incertezas na capital mato-grossense. Muito embora não se trate de ficção, Mendonça estiliza a narrativa, conferindo-lhe intensa subjetividade. Eis aí uma sutil diferença entre *registrar* um fato com objetivo de transmitir informação e *narrar uma história* com nuances ficcionais.

Essa narrativa histórica *dramatizada* é fronteira em termos literários. De um lado, Mendonça prioriza a historiografia, isto é, um texto informativo que apresenta fatos passados ocorridos em Cuiabá. Mas não é só a história da noite sanguinária que surge no texto. Percebe-se o estilo pessoal do autor, repleto de adjetivos e superlativos, apelando para aspectos literários, com objetivo de *recontar* o conflito conhecido como Rusga. O escritor narra o episódio histórico com matiz novelesca, rumando para a ficção contista. Trata-se, portanto, de uma hibridação de história, crônica, resenha e literatura, que, aliás, prosperou nos textos de jornais e livros produzidos em Mato Grosso.

O estilo dramatizado de narrar a história dos conflitos tornou-se predominante. Surge uma espécie de crônica histórica, que misturava as informações documentais com as impressões do próprio narrador. Como já dito nos capítulos anteriores, a narrativa histórica, seja pela crônica memorialista, seja pela transcrição de documentos históricos, foi a forma prevalente de escrita em Mato Grosso, sobretudo com a popularização dos periódicos e a publicação de revistas culturais. Deve-se destacar o *caráter híbrido* na literatura produzida no estado, apresentando uma combinação de imaginação com a realidade regional dos autores.

Outro fato que merece destaque em nosso estudo: até meados do século 20 não havia escolas de ensino superior no estado. O modelo de texto científico, imposto e valorizado nas universidades, não era sequer cogitado. Portanto, a forma prevalente de historiografia não estava preocupada fundamentalmente com citações de fontes, notas explicativas, remissões bibliográficas, todo o rigor científico exigido por uma instituição de ensino superior. O que se praticava era o *reconto*, ou seja, a exposição do mesmo fato sob a ótica de autores diferentes. Por isso mesmo é que o *estilo* pessoal importava tanto nesses textos em que a memória é supervalorizada.

Além de Rubens de Mendonça, há inúmeros outros pesquisadores que dramatizaram a história local. Antonio Fernandes de Souza, por exemplo, foi um dos escritores que se dedicaram exclusivamente ao relato do que julgavam mais relevante na trajetória histórica mato-grossense. De sua obra, republicada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, selecionamos um trecho em que descreve o impacto da varíola, logo após o final da Guerra do Paraguai:

O regresso das forças que operaram a retomada de Corumbá, trouxe para o interior da Província a pandemia de varíola, que começou a grassar com intensidade na capital.

Eis como esse terrível flagelo fez a sua entrada em Cuiabá.

Querendo o alferes Hortêncio Augusto de Seixas Coutinho ser o alvissareiro da libertação de Corumbá, adiantou-se dos companheiros e chegou à capital no dia 29 de junho. Dois dias depois, isto é, a 1º de julho, manifestou-se a varíola num soldado que o acompanhou, o qual veio a morrer, sendo extremado no campo.

A improvidência das autoridades de então e, talvez, do próprio Governo, permitindo que as forças expedicionárias, contaminadas da epidemia, entrassem na cidade, não constando que tivessem tomado providência alguma que evitasse a propagação do mal, contribuiu enormemente para a horrível mortandade que se seguiu à chegada da expedição de Corumbá. Os bairros de Pedro II e do Mundéu foram os primeiros assolados pela peste.

A quase totalidade da população, mostrando-se indiferente aos conselhos e medidas preventivas, não se imunizara pela vacina, de modo que, por tal motivo, os efeitos da epidemia foram horrorosos, sucumbindo a esta, em três meses apenas, quase metade dos habitantes de Cuiabá e suas vizinhanças, calculando-se em seis mil, o número de vítimas da varíola nesse lapso de tempo.

As informações oficiais diziam, no entanto, que a varíola havia quintado a população, procurando, assim, atenuar o severo juízo do público sobre os verdadeiros estragos causados pela peste na capital.

Havia dias em que se contavam mais de 200 casos fatais, como se verificou em meados de agosto, quando a epidemia marcou o auge da mortandade. Os cadáveres eram encontrados nas ruas servindo de pasto aos cães e impregnando o ar ambiente com suas exalações pútridas.

Habitações havia, onde famílias inteiras se achavam abatidas e exangues no leito, sem que pudessem conseguir sequer extinguir a sede que lhes devorara as entranhas, nem obter os medicamentos necessários ou ainda os recursos de víveres e dieta.

Nesses dias lutuosos e tétricos para Cuiabá, só se ouviam, de todos os lados, lamentações e angustiosas súplicas, cidade enferma e prostrada.

Nessa conjuntura aflitiva, o meritíssimo chefe de polícia, Dr. Firmo José de Mattos, depois barão de Casalvasco, mostrou-se incansável em socorrer os doentes, aliviando-lhes, quanto possível, a situação de verdadeira miséria e abandono em que se encontravam.

O bispo D. José Antônio dos Reis, transformou a casa de sua residência em hospital e ele mesmo levava à cabeceira dos empestados, com a edificante resignação de um verdadeiro apóstolo de Cristo, o óbolo da caridade e os seus paternos conselhos.

O seminário episcopal, cujas obras estavam em andamento, fechou as suas aulas; e as suas salas serviram de enfermarias.

Foram criados dois lazaretos, um no Coxipó, para os praças, que logo foi extinto, e outro no lugar denominado Mãe Bonifácia.

Entretanto, avultaram os casos e difícilimo tornava-se atender, com prontidão, aos enterramentos dos cadáveres, os quais eram feitos ao redor da cidade, porque o pequeno cemitério da Piedade já não comportava maior número de sepulturas.

Não havendo quem fornecesse caixões mortuários, senão por preços exorbitantes, eram os cadáveres conduzidos em redes e em macas, ou então empilhados em carroças e levados para a zona suburbana, sendo a princípio sepultados nos campos. Posteriormente, foram mandados atirar no matagal do Cai-Cai, onde ficavam aos montões entregues à voracidade dos animais carnívoros e dos vermes, até lançar-se-lhes fogo nas vestes, com o que se conseguia tostar-lhes as carnes, já em decomposição, cujas exalações mefíticas espalhavam-se pela cidade inteira, impelidas pelo vento que soprava com impetuosidade.

(Souza, Antonio Fernandes de. *A invasão paraguaia em Mato Grosso*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2002, p. 39-40)

Destaca-se no texto o fato de que o autor, ainda que aborde um evento histórico, não se utiliza de referências precisas, como fontes escritas (documentos oficiais, fotografias de época, cartas particulares, diários,

entre outras possibilidades). Como afirmamos, boa parte da historiografia do estado desenvolveu-se no contexto da tradição oral sem preocupação metodológica. A sucessiva reprodução das mesmas histórias incentivou a crônica em Mato Grosso, sobretudo a de caráter histórico, demarcando os fatos ligados ao território e à sua consolidação atual.

Da mesma forma que o trabalho de Rubens de Mendonça, a obra selecionada de Antonio Fernandes de Souza não tem caráter essencialmente literário, mesmo que o autor tente recontar um episódio histórico com um estilo pessoal. Ainda assim, é essencial perceber que os conflitos em Mato Grosso, nacionais ou internacionais, são narrados sob perspectiva patriótica, não havendo menção à tragédia humana paraguaia, no caso do conflito de 1864-70.

Temos em Fernandes de Souza mais um caso de *narração histórica dramatizada*, repleta de impressões subjetivas que são próprias do conto. Noutras palavras, o autor não faz apenas o que se considera tecnicamente como historiografia, mas empresta um estilo pessoal para recontar um fato histórico sob a perspectiva regional.

O tom superlativo é onipresente no texto, causando forte impacto nos leitores: exalações pútridas da varíola tomam a cidade inteira, um nítido viés literário no exercício da produção histórica. Fernandes de Souza não narra com objetividade, como número de vítimas, local de enterramento, entre outros dados objetivos. Mais que isso, proporciona sensações de desolação e tristeza profunda que se abateram sobre uma terra arrasada. Noutras palavras, apresenta uma estética na narrativa.

O contágio da varíola é tratado como “flagelo” e “mal”, adjetivos que induzem o leitor a pensar num caráter transcendental da epidemia. O odor dos corpos em decomposição é comparado aos gases infernais e os mortos estão à disposição dos “animais carnívoros”, imagens que emprestam mais dramaticidade à narrativa. O texto, portanto, deixa de ser meramente informativo e se aproxima das características literárias, similarmente ao que acontece com a narrativa da *A Retirada da Laguna*.

GARIMPOS EM MATO GROSSO

A Rusga e a Guerra do Paraguai foram os temas mais recorrentes na temática do conflito. No entanto, foram os garimpos que impulsionaram o primeiro fluxo migratório e, com o choque de interesses opostos, geraram conflitos. Vamos dar um passo atrás na História. As lendárias “Minas dos Martírios” e a escravização de indígenas atraíram os bandeirantes para o Oeste, em busca de riquezas. Em 1719, no rio Coxipó, território do povo Boe-Bororo, foram descobertas minas de ouro; pouco depois, surgiram minas no córrego da Prainha, afluente do rio Cuiabá. Anos depois, os bandeirantes encontraram ouro no vale do rio Guaporé, território do povo Nambiquara. Ainda no século 18, para consolidar a posse das novas minas em terras da coroa espanhola, Portugal criou a Capitania de Mato Grosso e estabeleceu a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade como sua capital. A riqueza das jazidas aumentou a demanda por escravizados africanos e indígenas, essenciais às atividades minerárias. As irmandades e festas religiosas, como as do Rosário e de São Benedito, foram vitais à sobrevivência dos escravizados diante da dominação e repressão espiritual, especialmente dos povos de origem Bantu, por meio de práticas como o congado, procissões e folguedos. Na primeira metade do século 18, também ocorreu a descoberta de diamante nas cabeceiras do rio Paraguai, cuja lavra foi inicialmente reprimida pela coroa portuguesa. Sua exploração só se tornou possível após o declínio das minas de Vila Bela, dando origem à cidade de Diamantino. Nas décadas seguintes, o garimpo se expandiu para as cabeceiras do rio das Garças, aumentando a população de garimpeiros, sobretudo vindos da Bahia.

Já no século 20, a atividade garimpeira passou do trabalho manual para o semimecanizado, agravando os impactos socioambientais, principalmente devido à proliferação de garimpos ilegais associados à pobreza e à criminalidade. Diferentes povos indígenas em Mato Grosso continuam sofrendo com a presença de garimpeiros em suas terras, como é o caso do povo Nambiquara.

Em termos de conflitos armados, grandes confrontos humanos em guerras e geopolítica brasileira, uma das referências obrigatórias para os pesquisadores de literatura é Alfredo D'Escagnolle Taunay, o Visconde de Taunay. Famoso por escrever o romance *Inocência*, lançado em 1872, o escritor também é lembrado pelo relato da guerra ocorrida na América do Sul (1865-1870), sobretudo das últimas manobras militares, quando o autocrata paraguaio Solano Lopez foi assassinado pelas tropas brasileiras que o perseguiram.

O fragmento de seu livro *A retirada da Laguna*, sobre o momento do deslocamento das tropas, é significativo. O exército brasileiro retirava-se do local do conflito, rumo à fazenda Jardim (hoje uma cidade de Mato Grosso do Sul), ameaçada pela devastação da cólera, uma doença tropical endêmica. Estavam no limite das forças, de mantimentos e medicamentos. Para Taunay, o abandono dos doentes é um dos episódios mais pungentes da guerra.

O comandante, nesse momento, como fora de si, ordenou que se fosse imediatamente, à luz de tochas, abrir uma clareira na mata vizinha, para transportar até lá os coléricos e lá deixá-los. Ordem terrível de dar e terrível de executar, mas que, entretanto, forçoso é dizê-lo, não levantou nenhum dissentimento, nenhuma censura! Os soldados logo puseram mão à obra, como se obedecessem a uma instrução comum, e, em seguida (a que ponto o senso moral desaparecera sob a pressão da necessidade do momento!), alojaram na mata, com a espontaneidade do egoísmo, todos aqueles inocentes condenados, os infelizes coléricos, muitos deles companheiros de longa data, às vezes amigos postos à prova por perigos comuns. E, coisa que pode parecer igualmente espantosa, os próprios coléricos, num primeiro momento, sem que fosse necessário recorrer a nenhum subterfúgio, aceitaram com resignação este derradeiro golpe do destino. As dores da terrível moléstia provavelmente contribuíram para a indiferença dos pacientes, também talvez a ideia do repouso que sucederia às torturas dos solavancos da marcha, mas, acima de tudo, contribuiu este desapego fácil da vida que é próprio dos brasileiros e os torna tão depressa excelentes soldados. Pediram todos apenas um favor: que lhes deixássemos água [...]. O traslado das vítimas ocupou-nos toda a noite, prolongando-

se até a madrugada. Neste momento de agonia para os infelizes que eram abandonados, o velho guia Lopes, tendo-nos já informado da doença do filho após seu retorno na véspera da fazenda Jardim, veio anunciar-nos sua morte. Tinha a voz trêmula, mas sua atitude era calma: ‘Morreu meu filho.’ [...]. Por mais silenciosos e melancólicos que houvessem sido os preparativos, não foi sem gritos, sem ruídos novos cuja causa assombrava o espírito, que chegou o momento da separação: para todos foi insuportável. Deixamos ao inimigo mais de 130 coléricos, com a proteção de um mero apelo à sua generosidade, por meio destas palavras traçadas em letras graúdas num cartaz fixado a um tronco: ‘Compaixão aos coléricos.’ Pouco depois da nossa partida, e já fora do alcance da vista, um estrépito de nutrida fuzilaria veio oprimir nossos corações; e que clamores inomináveis não ouvimos! Nem ousávamos olhar uns para os outros.

(Taunay, Visconde de. *A retirada da Laguna* [1868]. Trad. e org. Sérgio Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, Coleção Retratos do Brasil, p. 207-210)

Taunay carrega de adjetivos o que seria um *relato histórico* e, assim procedendo, estiliza literariamente. A ordem de retirada é “terrível” para o comandante e também para os comandados. Essa reiteração de adjetivos na mesma frase é um exemplo de como pode um texto apresentar caráter híbrido, isto é, ser, simultaneamente, histórico e literário. Outro aspecto a ser observado é o uso do ponto de exclamação, das reticências, das aspas nos diálogos, um conjunto de opções estéticas que alargam a perspectiva do texto para se caracterizar como literatura.

Mais à frente no trecho destacado de *A retirada da Laguna*, lançado originalmente em francês em 1871, o Visconde de Taunay novamente se vale de impressões subjetivas para enriquecer o que seria um relato histórico. *A voz trêmula* do velho guia, que adota uma *atitude calma* ao dizer que o filho havia morrido, é um bom exemplo para que o leitor perceba que não se trata apenas de narrativa histórica, mas de uma forma artística de contar um episódio real. É muito provável que o fato tenha se dado de forma diversa, mas o que ficou registrado não é meramente um relato objetivo de cunho histórico ou mesmo jornalístico: são as sensações do observador-escritor.

Por outro lado, destaca-se ainda o tema escolhido por Taunay. A Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança (conforme o ponto de vista) é um conflito marcante para a geopolítica sul-americana. Em geral, a história é contada pela perspectiva dos vencedores – brasileiros, argentinos e uruguaios – detratando Solano Lopez para a posteridade. Nos textos brasileiros e, sobretudo, nas obras mato-grossenses, o líder paraguaio é registrado como ditador ganancioso e sanguinário. Exceção à regra são estudos acadêmicos que, em geral, ficam restritos às universidades.

UM CONFLITO ENTRE PAÍSES IRMÃOS

A Guerra do Paraguai (1864–1870), chamada pelos paraguaios de “Guerra-Guaçu” (Guerra Grande), foi o maior conflito armado do continente sul-americano em número de mortos. Em 1865, Brasil, Argentina e Uruguai firmaram o Tratado da Tríplice Aliança para combater o Paraguai, sob o comando de Francisco Solano López, com o objetivo de impedir o expansionismo paraguaio e o controle da navegação da bacia do rio da Prata. No início da guerra, foram criadas unidades militares chamadas “Voluntários da Pátria”, compostas por escravizados, pobres e indígenas para reforçar o exército brasileiro. A alcunha “Involuntários da Pátria” denunciou a obrigatoriedade da maioria dos alistamentos.

A guerra terminou com a morte de López pela cavalaria brasileira e a rendição das tropas paraguaias. O conflito provocou perdas humanas expressivas, endividamento e redefinição de fronteiras. O Paraguai perdeu cerca de 60% de sua população, incluindo idosos, mulheres e crianças, deixando um legado de terras arrasadas e miséria, cujas cicatrizes perduram até hoje. Em Mato Grosso, ainda é possível observar vestígios do conflito: as ruínas das Trincheiras de Melgaço, em Barão de Melgaço, edificadas como medida defensiva à cidade de Cuiabá; Várzea Grande, resultado do Acampamento Couto Magalhães, que abrigou tropas brasileiras, refugiados paraguaios e prisioneiros; e, no Centro Histórico de Cuiabá, um logradouro que homenageia os combatentes brasileiros.

Na obra de Taunay, contudo, o empenho ideológico de culpabilizar os paraguaios pelo conflito em proporções continentais não é a tônica dominante. Para a nossa reflexão, a forma de contar e recontar a mesma história faz toda a diferença. Certamente, um leitor treinado ou especialista em literatura perceberá que o escritor toma partido, isto é, posiciona-se contra os paraguaios e seu comandante Lopez. Mas não é a questão política do autor o que mais nos interessa.

O que de relevante fica para as gerações leitoras é a *estética literária* do texto, ou seja, a escolha autoral de momentos dramáticos de dificuldade de deslocamento, de alimentação, de enfrentamento às doenças. *A retirada da Laguna* não é um texto nacionalista que enaltece as forças armadas brasileiras pela bravura, mas uma narrativa romanesca que se concentra no drama humano. A desesperança coletiva, a sensação de abandono, a proximidade da morte, a miséria dos vencidos, tudo isso faz parte do foco escolhido para a obra, que ganha dimensões artísticas.

A luta pela terra no espaço narrativo

Os conflitos em Mato Grosso foram vários e de diversas naturezas. A literatura não tratou apenas de tensões coloniais entre portugueses e brasileiros e de conflitos internacionais. Muito mais do que a Rusga e da Guerra do Paraguai, há diversas ocorrências interessantes para apontarmos. Um dos temas de maior recorrência nos textos mato-grossenses foi a questão agrária, com os diversos problemas resultantes da disputa pela terra. No entanto, é preciso perceber como o conflito agrário encontra-se presente na literatura, sobretudo em que período histórico começa a aparecer.

O problema da ocupação de terras surgiu desde a colonização, com a tomada de territórios indígenas. Como está registrada a dizimação humana, um fato histórico incontestável? Bandeirantes contra diversos povos originários e, muito mais tarde, grandes empresas contra os indígenas remanescentes no interior do estado: de que forma os escritores abordaram esses decisivos momentos históricos? Devemos ressaltar que essas perguntas

não dizem respeito somente ao passado. Até os dias atuais não há registros relevantes de ficção sobre o período colonial capazes de reconstituir tais atritos. Mesmo que outros conflitos relacionados à exploração da terra estejam presentes nos textos produzidos em Mato Grosso, o drama indígena encontra-se apagado.

Os escritores concentraram-se especialmente na temática da prospecção mineral: é no garimpo que se ambientam as boas narrativas literárias produzidas no estado. Por que é assim? Por que a temática preferida diz respeito ao garimpo e não aos indígenas? Talvez porque haja poucos registros históricos do ponto de vista dos povos originários. Outra hipótese é a escassez de escritores que sejam, eles mesmos, indígenas, como visto no primeiro capítulo. Não havendo enfoque nas guerras havidas no século 18, com a maciça invasão bandeirante, o garimpo passou a ter preferência na narrativa mato-grossense.

A extração mineral gerou, em Mato Grosso, diversos conflitos sociais. Não é demasiado afirmar que se constituíram guerras civis pelo controle de um determinado território, ao largo de qualquer forma de controle estatal. Disputavam-se os melhores veios de ouro e jazidas de diamantes. Um dos relatos mais interessantes de conflitos geopolíticos foi realizado por Manoel Balbino de Carvalho, adversário de José Morbeck na corrida diamantífera da região do Araguaia e Garças. Ainda que não seja literário, o documento histórico informa aos leitores sobre violentas disputas em solo mato-grossense.

A primeira rajada da nossa metralhadora matou oito homens de Morbeck e feriu vários.

Os homens de Morbeck das suas trincheiras erguiam vivas a vários chefes políticos mato-grossenses. Nossos homens secundavam estes vivas. Em certo momento, vi cair ferido ao meu lado um soldado. Um projétil de fuzil atravessou um dos seus braços, seu abdômen e, penetrando na sua cartucheira, encaixou-se na cápsula de outra bala, formando uma interessantíssima cruz.

O projétil, se atravessasse a cartucheira, teria me ferido. Rendi, pois, graças ao deus Marte.

Muitas vezes nossos homens confundiram-se com a gente de Morbeck a qual, traiçoeiramente, trazia distintivos iguais aos nossos. Este combate foi o mais importante que se realizou na região.

Morbeck, logo que reconheceu a precariedade de sua situação, fugiu com uma escolta, deixando na luta seus companheiros. Na noite de vinte e três de janeiro, os restantes dos seus homens fugiram desordenada e afoitamente, dirigindo-se para várias direções e deixando no acampamento objetos de uso indispensável, fato que revela terem desistido definitivamente de mais lutas.

Perdemos sete companheiros e tivemos dezenove feridos. As perdas inimigas foram enormes. Encontramos vinte e três cadáveres de homens seus. Um prisioneiro, que fizemos, narrou-nos que Morbeck mandou atirar no Ribeirão Claro numerosos outros cadáveres. Suas perdas não foram inferiores a quarenta mortos.

Demos Morbeck por vencido e por terminada esta luta que nos custou tantos esforços. Soltamos todos os prisioneiros. A maior parte deles tornou-se amiga nossa, ficando conosco. Quanto tornei a Mato Grosso, pensei que iria apenas auxiliar o Governo deste Estado a pôr cobro às tropelias do agitador. Minha ação foi, porém, diversa. Em vez de auxiliar, fui eu auxiliado a realizar esse feito, de que dependiam a paz e a prosperidade desta portentosa região. Poucos dias após este decisivo combate, chegou aqui o interventor estadual – Dr. Waldomiro Corrêa da Costa, encontrando situação militar, a bem dizer, resolvida.

Teve ele um entendimento com Morbeck. O chefe vencido comprometeu-se a entregar-lhe todas as armas em poder de seus homens, prontificando-se a, pacificamente, acompanhá-lo, caso quisesse prendê-lo. Neste gesto, Morbeck manifestou seu grande abatimento moral de vencido e revelou reconhecer que é um criminoso, cujo lugar é a prisão.

(Carvalho, Manoel Balbino de. *A luta no Garças*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Mato Grosso, 2001, p. 132)

Esse texto, originalmente publicado em 1926, está ambientado no Araguaia. Carvalhinho (como era conhecido o delegado nomeado pelo então Governador Cel. Pedro Celestino) relata a migração de “nortistas”,

termo usado para os nordestinos que afluíam para o estado em busca de trabalho. Desde o início do relato, o autor faz referência à obra literária de Carlos Vasconcellos, *Os deserdados* (1921), mencionando a miséria a que o povo nordestino estava submetido e as dificuldades que encontraram na realidade amazônica.

O relato de Carvalho nos dá conta da divisão de poder em Mato Grosso nas mãos de coronéis. Citados nominalmente, são elogiados como intrépidos, justos e leais ao governo, sinal de que o ponto de vista do narrador estava alinhado aos sucessivos governos também formados por esses mandatários. Mais uma vez, a narrativa histórica está permeada de elementos literários que sublinham o caráter dramático desse tipo de texto híbrido. Sublinhamos o excesso de predicados subjetivos no texto, qualidades que radicalizam um ponto de vista: corajoso x covarde, justo x injusto, leal x desleal, adjetivos que enaltecem ou detratam, afastando-se do relato objetivo e aproximando-se à ficção.

A despeito do caráter violento do confronto sócio-político oriundo da disputa por jazidas, Carvalho encerra o texto com uma menção ao pensamento de Euclides da Cunha e projeta um panorama otimista sobre a região conflagrada:

Restabelecida a ordem no Garças, esta admirável Canaã se transformará num Eldorado, num Alasca, numa Califórnia, sendo procurada por centenas de milhares de compatriotas nossos, cujas diferenças somáticas e psíquicas tenderão a desaparecer. Quanto mais organização, vale dizer, quanto mais prosperidade houver no Garças, maior será o seu poder nacionalizador”

(Carvalho, Manoel Balbino de. *A luta no Garças*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Mato Grosso, 2001, p. 46)

O desejo de se espelhar em grandes centros urbanos é sistematicamente manifestado por autores que viveram e produziram em Mato Grosso.

Temos uma nova ocorrência de narrativas híbridas. O que seria o relato de um episódio histórico cede lugar à subjetividade artística do escritor. Em forma de crônica, o texto não só é repleto de adjetivos como também se mostra claramente partidário de um dos lados políticos

envolvidos na disputa. É por isso que a perspectiva pessoal é essencial para compreendermos o engajamento político do narrador. O texto é produzido com a ativa participação do próprio autor que se mistura ao narrador. Na disputa em questão, Morbeck é moralmente condenado e as forças do governo mato-grossense vencem a demanda pela justiça que representam na causa. Em outras palavras, o relato histórico oficial é endossado pela estética do escritor.

O litígio pelas riquezas minerais foi intenso nos relatos históricos, nas crônicas memorialistas e nos textos jornalísticos, formando um conjunto relevante para o contexto da escrita mato-grossense. Mesmo que a prosa literária tenha demorado a aparecer no panorama local, a temática da disputa pela terra logo assumiu uma posição importante. Isso talvez explique por que alguns episódios centrais são revisitados por autores diferentes. Uma conclusão possível é que narrar determinado fato constitutivo para os mato-grossenses gera uma espécie de *solidariedade*, um código identitário no próprio circuito literário estadual que, não podemos esquecer, era bastante reduzido.

Prosseguindo em nosso roteiro, Luis Sabóia Ribeiro foi outro autor que se dedicou ao universo do garimpo em Mato Grosso. Oriundo do Ceará, Sabóia Ribeiro foi médico e publicou, em 1945, o livro *Caçadores de diamantes*, apanhado histórico cuja pesquisa mistura-se à dramaticidade e rebuscamento, típicos de narrativas do começo do século 20. Na maior parte da obra, o autor dedica-se a pormenorizar a exploração mineral, mas nos últimos capítulos dedica atenção aos conflitos históricos entre colonizadores e indígenas. Destacamos o trecho inicial do capítulo intitulado “Bororos e Xavantes”:

Duas grandes tribos ameríndias habitam o leste mato-grossense: a dos bororos e a dos xavantes. Os primeiros, hoje pacificados, vivem aldeados e misturam-se na vida das currutelas. Expedições armadas, nos fins do século passado, acossaram os temíveis guerreiros que muitos prejuízos causaram à pequena criação, mal iniciada por aquelas paragens das cabeceiras do Araguaia. As dificuldades decorrentes da vastidão do terreno inóspito e a sagacidade instintiva dos filhos das selvas retardaram sobremodo ao intento pacificador. Ataques inopinados ao pequeno número de fazendeiros

recém estabelecidos por ali, sortidas temíveis e inesperadas fizeram com que a pacificação dos orarimungos, como se chamam em língua nativa, se tornasse imprescindível.

De um lado, os fazendeiros, tão distantes uns dos outros, reagiram à medida das forças, auxiliando as expedições militares que penetravam na floresta. Mais para o norte, os xavantes, tradicionais inimigos, punham dique à saída para além do rio das Mortes, de modo que, apertados entre dois fogos, renderam-se os bororos.

(Ribeiro, Luis Sabóia. *Caçadores de diamantes*. Cuiabá: Academia Mato-grossense de Letras; Unemat, 2008, p. 155-156)

No trecho destacado acima, notamos que o homem branco é tratado como “pacificador”, enquanto o indígena é apontado como responsável pela instabilidade da região. Sabóia Ribeiro pertence ao predominante conjunto de intelectuais que creditava ao bandeirante paulista o *desenvolvimento* de Mato Grosso, considerando exclusivamente a perspectiva do colonizador. O texto ficcional, portanto, não se afasta da visão dos primeiros cronistas/historiadores do estado. Ao contrário: ratifica uma perspectiva no tempo e no espaço.

Ao avançarmos na leitura, chegamos ao capítulo intitulado “Guerra do Urucum”. Nele, Sabóia Ribeiro trata das diferenças entre as populações indígenas. O partidário do narrador, o julgamento demeritório dos indígenas, a hipótese eugênica de inferioridade racial, tudo compõe a perspectiva do autor.

O trabalho para o indolente bororo é uma obrigação levada muito pouco a sério e ocupa-lhes reduzidas e espaçadas horas. Dentro das povoações ou fazendas realiza em grupos os serviços mais grosseiros e, na escassez de braços, é o jornaleiro disponível eventualmente aproveitado. O que ganha, mal dá para a pinga civilizada com que a conveniência o viciou, sendo ela a prata que os atrai das aldeias afastadas.

[...]

De resto, a tendência desses primitivos é o desaparecimento, não pela absorção sanguínea, mas pelo dizimar das doenças para as quais não

têm imunidade herdada ou natural, pela execução de alguns costumes religiosos, redundando em infanticídios frequentes, pelo emprego de métodos anticoncepcionais e práticas do aborto, obtidos com o emprego de raízes administradas pelo Bare. Tudo finalmente concorre para o complexo de inferioridade de povo aniquilado e por melhor boa vontade que haja não se pode computar todos os bororos em mais de seiscentos, se chegam a tanto.

Já disse um pensador: “Todas as raças inferiores atacadas pelas raças civilizadas que se armam de carabina e álcool estão condenadas a uma destruição rápida e completa”. Os míseros bororos, hoje humilhados, acovardados, da guerra guardam exclusivamente a tradição, assim mesmo tradição coreográfica, pois não pretendem mais combates de forma alguma. Estão definhando os bororos, porém, os antigos relembram orgulhosamente a extinção total da tribo dos nonaguares dizimada aos ímpetus dos antepassados. Perderam o ardor dos guerreiros e, nos tempos que correm, os xavantes infundem-lhes intenso pavor. O domínio do brasileiro que infesta os seus domínios inculcou-lhes a inferioridade combativa. A gente dos xavantes, o simples pronunciar do nome, infunde-lhes medo.

Volvendo ao passado, relembram saudosos da Guerra do Urucum. A inimizade ferrenha entre Orarimigadogue (nação bororo) e Caiamugodogue (nação xavante) começou devido a um motivo ingênuo e insignificante, que sobejamente revela ser a tolerância incompatível com a humanidade, seja em que estágio de civilização permaneça.

(Ribeiro, Luis Sabóia. *Caçadores de diamantes*. Cuiabá: Academia Mato-grossense de Letras; Unemat, 2008, p. 169)

O texto de Sabóia Ribeiro imputa ao indígena incapacidade física, fraqueza moral e inferioridade genética. Sob esse conjunto de ideias raciais, os intelectuais mato-grossenses do princípio do século 20 não apenas apagaram as narrativas indígenas (pelo desconhecimento), como também idealizaram o bandeirante paulista como agente de pacificação e de desenvolvimento local. As *gradações raciais* aparecem nos textos de forma mais ou menos explícita. Os espaços dedicados a cada segmento, a omissão,

a reiteração temática e os adjetivos utilizados para qualificar ou desqualificar de forma genérica têm importância na escrita e na leitura literária.

Não é por acaso que, na maioria das obras literárias, sejam elas em prosa ou em poesia, há brevíssimas menções aos conflitos indígenas e largos comentários sobre a superioridade do bandeirante de quem o *povo mato-grossense* é herdeiro. Evidentemente, Sabóia Ribeiro e outros autores reconhecem os métodos de extermínio do genocídio indígena, mas não se lamentam pelas transformações no quadro humano local. No ideário *desbravador* que povoou a literatura local, o processo de *conquista* da terra por meio da força é naturalizado e enaltecido pela maioria dos escritores mato-grossenses, marcadamente os que publicaram suas obras entre os séculos 19 e 20.

Nessa altura do nosso estudo, convém abrir um parêntese para o consistente trabalho de Cândido Mariano da Silva Rondon, que se destacou nacionalmente como patrono das comunicações. Graças à estratégia pacifista adotada por ele, a região central do Brasil passou a ser interligada em termos comunicacionais. Rondon não era escritor de literatura. De qualquer forma, legou registros escritos sobre os povos indígenas com os quais tomou contato.

Eu rememoraria convosco aqueles feitos gigantescos, primeiras manifestações da energia física e moral da raça brasileira, criada pelo consórcio do português com o índio, e deter-me-ia na contemplação do implantamento da pedra filosofal desse espantoso monumento da audácia viril do nosso povo que foi a conquista e a ocupação de territórios tão vastos e tão afastados como o são os das bacias fluviais do Paraná, do Paraguai, do Guaporé e do Madeira e pelo assenhoreamento destes do domínio final e sereno das águas amazônicas.

Juntos evocaríamos a parte das glórias e de reforço, de sofrimento e de misérias, de vitórias e de mortes, que couberam aos representantes das três raças irmanadas nesses grandes empreendimentos de longas travessias, por sertões sem estradas e de rios desconhecidos e veríamos como, afinal, foram os próprios brasileiros, guiando massas de guerreiros, nascidos nestas plagas,

que formaram o torrão sobre o qual se levanta a Pátria que agora nos cumpre amar e servir de olhos fitos na comunhão geral dos Povos.

Bendita, pois, esta hora que me permite, embora de modo imperfeito, preencher aquele meu voto de evocar convosco tão glorioso passado, comum a vós – filhos de São Paulo e nós de Mato Grosso – e ao mesmo tempo apresentar-vos o que ainda conserva o meu Estado daqueles tempos heroicos, quando Bororos, Parecis e outras nações aborígenes, que hoje vos aparecem na tela cinematográfica, secundavam os esforços dos conquistadores dos sertões; o que ele já realizou no seu afã de contribuir para o aumento do patrimônio moral e econômico de nossa Pátria e da Humanidade, criando cidades, lavouras, indústrias e rebanhos; e o que ele, nesse mesmo sentido, está apto a realizar, num futuro tanto mais próximo quanto mais vivo for o carinho com que o ampararem os seus irmãos mais adiantados no caminho do Progresso.

(Rondon, Cândido Mariano da Silva. *Conferências realizadas em 1919 e 1920 em Cuiabá e São Paulo*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2002, p. 38)

O que é importante distinguir no texto de Rondon? Inicialmente, vamos anotar o gênero de escrita: a crônica memorialista. Em capítulos anteriores, destacamos que esse gênero dominou as publicações realizadas em Mato Grosso, prevalecendo sobre a literatura de ficção. O testemunho, a memória, o registro de impressões pessoais e, sobretudo, a composição ideológica de um período histórico fez escola entre os escritores mato-grossenses. Ao se formar um consórcio tão reduzido de escritores, possivelmente o alinhamento ideológico fosse considerado essencial para o convívio. Por que seria diferente no caso de Rondon?

Rondon adota um tom evocativo, típico da leitura romântica sobre a história. O “consórcio” racial citado no texto é bastante comum em textos do final do século 19 e nos produzidos na primeira metade do século 20. O conflito sangrento pela terra, a quantidade expressiva de mortes, as estratégias desumanas de escravização, nada disso se encontra presente nos registros. Um leitor desatento poderá concluir que o contato do “homem branco” com os “índios” do sertão mato-grossense se deu pacificamente,

por meio de acordos cujo objetivo era formar uma grande raça destinada ao futuro próspero.

Interessante anotar, ainda, que no “passado glorioso”, os Bororo e Pareci são citados como uma “massa de guerreiros”, sem que, no entanto, haja referência ao que se passou com eles. Noutras palavras, não há qualquer menção ao extermínio sistemático desses povos e de outros “aborígenes”. Ao contrário: na crônica, Rondon afirma que os indígenas “secundaram” os conquistadores do sertão, isto é, coadjuvaram no processo de tomada de terras pelos bandeirantes paulistas.

A TRÉGUA DE RONDON NO EXTERMÍNIO INDÍGENA

Em 1884, durante a Conferência de Berlim, as potências europeias dividiram a África, justificando o saque pelo suposto processo civilizatório judaico-cristão. A exemplo do Congo Belga, o terror europeu se espalhou por todo o continente africano e suas consequências repercutem até hoje. sob a égide do “Destino Manifesto”, intensificaram a guerra contra os indígenas, promovendo a remoção forçada de seus territórios, conhecida como a “Trilha das Lágrimas”. Na Argentina, nas décadas de 1870 e 1880, a atuação do General Roca nas “Campanhas do Deserto”, incluindo a instalação de linhas telegráficas e ferrovias, vitimou e expulsou milhares de indígenas. No mesmo período, ocorreu no Chile a “Pacificação da Araucânia”, executada pelo Exército contra o povo Mapuche. Igualmente, no Sul do Brasil, as “Guerras aos Bugres”, voltadas à instalação de colonos europeus, resultaram no extermínio e na espoliação de vastos territórios indígenas. Essas ações dos Estados Nacionais adentraram com igual virulência nos séculos seguintes. Em 1890, em Mato Grosso, o então Tenente Rondon integrou a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas. No sertão, acompanhado do Major Gomes Carneiro, defensor do povo Boe-Bororo, Rondon gestou seu ideário indigenista. Na mesma época, Hermann von Ihering, diretor do Museu Paulista, defendia publicamente o extermínio de indígenas resistentes à invasão de colonos, provocando forte oposição

de Rondon. Esse intenso debate levou, por iniciativa de Rondon, à criação, em 1910, do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais. Em 1918, o órgão foi dividido, dando origem ao Serviço de Proteção aos Índios. A política indigenista de Rondon influenciou diretamente a Convenção nº 107 da Organização Internacional do Trabalho, adotada em 1957, primeiro tratado internacional em defesa dos povos indígenas. O Serviço de Proteção aos Índios, envolvido em crises políticas contínuas e acusado de corrupção e genocídio indígena, foi extinto em 1967, sendo substituído pela Fundação Nacional do Índio, hoje Fundação Nacional dos Povos Indígenas.

A visão romantizada do traumático processo de invasão de territórios tem um claro objetivo ideológico. Não só propõe que a *raça* brasileira é resultado de um amálgama pacífico que irmanou povos distintos, como sinaliza o progresso na ocupação de terras. O conceito de progresso, sedimentado no século 19 e que ecoou por todo o século 20, dizia respeito à transformação radical do meio ambiente. Em resumo, Rondon contribui para cristalizar o ponto de vista colonizador, de acordo com o qual as raças “mais adiantadas” têm por missão auxiliar as demais, mesmo que seja impondo um modo de vida completamente diferente.

Os povos indígenas são, em geral, descritos como “primitivos”, fundindo-se aos animais com os quais se lidava no sertão hostil. Homem e onça, homem e cavalo, homem e boi: são fusões que adicionam força, coragem, paciência ao nativo. A relação entre natureza, humanos e animais será tratada com mais profundidade no capítulo 8. Por enquanto, concentramos atenção na relação conflituosa contra povos indígenas. Um bom exemplo da mistura de adjetivos positivos e negativos e das escalas qualitativas de enunciação encontra-se na visão de Manuel Cavalcanti Proença sobre os Guaicuru.

Os Guaicurus

Foi nessa campanha propícia às livres galopadas, isenta, naquela época, da peste de cadeiras, que os guaicurus viram multiplicar-se o seu rebanho e repontaram tropilhas, aumentadas, é bem de ver, pela reprodução, embora também o fossem pelo roubo, como queria Ricardo Franco.

Viviam em sociedade tão íntima com as tropilhas, que sua história, nos primórdios do povoamento de Mato Grosso, se confunde com a dos cavalos. Daí, caber neste capítulo, um resumo das características, da “soberba e intrépida nação dos cavaleiros guaicurus, sempre errante e empreendedora”, como diz um documento da época.

Nômades, dominaram por muito tempo a larga extensão do pantanal do Paraguai e parte da bacia do Paraná. Relatam crônicas que eles impediam o plantio na colônia de Iguatemi, na margem do Paraná, arrasando casas nos arrabaldes de Assunção, ou fazendo incursões nos campos de Mondego e Mooteteu – Miranda e Aquidauana de hoje.

Nessas regiões viveram por mais de cem anos, num primitivismo de pastores errantes, na culatra dos rebanhos de bois e de cavalos entreverados. Homens e animais divididos em grupos, os cavaleiros norteavam a caminhada pelo instinto da tropilha adivinhando pastagens, ou, no tempo da enchente, fugiam à perseguição das águas desencadeadas do Paraguai. O cavalo era imposição do regime pastoril. Daí, não podiam cuidar da lavoura, de forma a atender às próprias necessidades. Supriram a lacuna, largamente, pelo roubo, organizado e em escala tão elevada, que os guanás, muito mais numerosos, “se viram, para sua conservação, na emergência de comprarem a paz e a amizade dos opressores. Porque os guaicurus, sempre errantes e sempre atrozmente guerreiros, fiados nos seus cavalos e conhecendo toda a sua força”, andavam em constantes emboscadas e pilhavam as roças dos guanás, “a ponto destes pedirem a paz e deixarem-se chamar ao cativoiro, dando-lhes voluntariamente parte de suas colheitas, para pouparem o resto e as mortes que cada ano sofriam”.

Índio e cavalo formavam uma criatura única. Completavam-se, entendiam-se e até conversavam num código de assovios, que o homem inventara e o animal logo aprendera.

Nas incertezas da guerra, nas galopadas venatórias, rondando os rebanhos encostados no pastoreiro, passavam a existência a cavalo.

O arreamento sumarássimo consistia, para as mulheres, em feixes de pripiri – ciperácea muito abundante na região – cobertos por um pedaço de pano ou de couro, ornados de contas e conchas, no caso de ser a amazona “dona de estimação”. Para os homens, um simples couro, uma corda de crauatá à guisa de rédea e barbicacho, cabeçadas ornadas de placas de prata e de guizos. Desconheciam o uso do freio. Lá um ou outro guerreiro mais famoso, ostentava, com mui compreensível vaidade, rédeas tecidas com cabelos femininos, prenda de índia amorosa, embevecida com as proezas do marido. Cavalaria ligeira, bem aparelhada para a região e para a época, os guaicurús carregavam teres e haveres em lombo de cavalo. O taquaruçu, abundantíssimo na zona, principalmente nas margens do Miranda, esteiras de pripiri, couros de bois ou de cervo, tanto serviam de sela, como de coberta dos tejupares do acampamento, resguardando do sol e da chuva. Distendidos sôbre armação de taquaruçu, os couros ainda serviam de embarcação, formando a “pelota” para travessia dos rios. E os feixes de pripiri eram usados na confecção de balsas, transformando-se as lanças em remos ou zingas, nos rios que negavam passagem de vau ou de bola-pé. Causar estragos e danos, sem perigo de revanche, era princípio, norma de vida e supremo ideal dos guaicurús. Coerentes com esse modo de pensar, era dentro das lagoas que iam montar os cavalos rebeldes tendo descoberto, por intuição, muito antes de Le Bom, a aplicação do reflexo condicionado na domesticação dos animais.

Espreitavam o inimigo com paciência infinita, até que se oferecesse oportunidade de carregar sobre ele, destroçando-o sem risco. Mandavam as mulheres entabularem conversa com os soldados, distraíndo-os com dengos, enquanto os homens preparavam o ataque. Em Coimbra, os soldados, saudosos de agrados femininos, deitaram a cabeça no colo das índias, deixaram-se catar e embalar nas delícias do cafuné, e, quando os guerreiros, chamados por assovio convencional, saíram do esconderijo, foi fácil liquidar a pan, para mais de sessenta cristãos. Antecipando-se aos europeus, foram os inventores da guerra de surpresa, tão moderna...

Tinha, entretanto, outros segredos, a arte guerreira dos guaicurús. Suas cargas de cavalaria eram bem diferentes das técnicas que caracterizam as cavalarias civilizadas.

Descoberto o inimigo – que os sentidos apurados do primitivo e os largos horizontes do pantanal ou do chapadão tornavam facilmente percebido – só faziam repontar o gado sorrateiramente, encaminhando-o com mestria para o ponto desejado; segurando com uma das mãos a cernelha do animal, os homens deslizavam para o lado e dirigiam o rebanho; de longe, só se avistava o gado caminhando ao encontro dos viajantes, numa operação de reconhecimento muito natural.

Quando a distância lhes parecia propícia ao desencadear da ação, erguia-se o clamor da indiada incitando os animais. Explodia o estouro. Ao inimigo desorientado só restava o recurso de desviar-se para o lado; mas quem conseguisse fazê-lo encontraria a lança dos guaicurús, em cuja ponta um ferro de palmo improvisava choupa muito eficiente.

Com tais habilidades guerreiras e, mais, com a aliança dos paiaguás – canoieiros peritos – os guaicurús se tornaram força política muito ponderável, cujo apoio Portugal e Espanha pleiteavam.

E até que a porfia era digna de bons diplomatas, pois, “à proporção que os espanhóis avançavam novas fazendas, redobravam os guaicurús seus estragos sobre elas e tal foi a violência empregada que fizeram recuar cento e tantas fazendas, além do roubo de 20.000 cavalos, algumas vacas e aprisionamento e morte de algumas pessoas. Por isso, tiveram os castelhanos de organizar uma bandeira para batê-los em 1796”.

Por outro lado, era preciso “poupar à fronteira portuguesa os estragos que, quando inimigos, causavam”, galopando e pilhando por toda a extensão dos rios Paraguai, Jauru e Cuiabá, chegando aos pontos mais extremos da Colônia. Por isso, Luís de Albuquerque achou à altura de seus méritos promover paz e aliança com a turbulenta comunidade.

Depois de algumas práticas parlamentares, em que trocas de cavalos por fumo e bacias reforçaram as palavras – não é tão moderna, como se pensa, a diplomacia econômica – lavraram por escrito o tratado de paz. Representavam os guaicurús os ilustres capitães Emaividi e

Queimá, com nomes aportuguesados, e ambos muito satisfeitos com as patentes da Guarda Nacional, oferecidas pelos novos aliados. Como não sabiam escrever, fizeram-no, a rogo dos interessados, duas pessoas de representação – o Ten. Cel. Cunha Pôrto e o sábio Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.

(Proença, Manuel Cavalcanti. *No têrmo de Cuiabá*. Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro: 1958, p. 84-90)

Em Cavalcanti Proença, temos uma descrição de conflitos entre povos indígenas, uma ocorrência excepcional dos textos mato-grossenses. Ainda que o narrador elabore uma visão grandiloquente das personagens e dos episódios descritos, típica do romantismo predominante no estilo regional, há uma interessante anotação sobre a cooptação europeia da perícia desses povos guerreiros. A relação de alianças entre estrangeiros e autoridades locais no processo de conquista de território indígena é raramente observada nos textos históricos e literários produzidos em Mato Grosso.

Uma vez mais, chamamos atenção para a perspectiva do narrador. Assim como todos os outros pesquisadores e escritores mato-grossenses, Cavalcanti Proença adota o ponto de vista do vitorioso, isto é, narra um processo histórico de caráter evolutivo, em que a vitória sobre os indígenas foi uma das etapas para a constituição de Mato Grosso e seu povo. Essa foi uma tendência ideológica que, até os dias de hoje, é bastante comum: estabelecer uma linha do tempo contínua, progressiva, evolutiva, narrando o passado como um obstáculo superado. No caso do processo colonizador português, os povos indígenas são descritos como uma *base primitiva* para o atual estágio social. Tal relação entre indígena e primitivismo é dúbia. Ao passo que registra a presença de diversas etnias na origem dos tempos, as desqualifica numa escala evolutiva em que, no último degrau, encontra-se o positivo-científico de origem europeia.

Mesmo com a visão predominantemente romântica nos textos produzidos em Mato Grosso, alguns autores distinguiram-se pela expressão mais realista dos conflitos rurais e urbanos. O ponto de inflexão deu-se sobretudo com a influência modernista na literatura mato-grossense.

Minoritários no panorama estadual, os escritores que foram influenciados pelo novo estilo proporcionaram uma visível transformação na temática e na estética literária local.

É essencial alertar para o caráter ambivalente presente na obra de diversos escritores mato-grossenses, já que não eram exclusivamente modernistas. Na época, seus estilos variavam entre o romantismo costumeiro e o arrojado modernismo. A escolha do estilo dependia da proximidade social dos intelectuais com os meios de publicação de cada grupo.

Ainda que não possamos classificar facilmente um escritor como Rubens de Mendonça, sem dúvida ele foi um dos integrantes dessa nova expressão escrita que inflamou a geração brasileira no começo do século 20. Mendonça oscilou esteticamente entre o romantismo e o modernismo e, ainda assim, apresentou um ponto de vista inovador quando tratou de conflitos sociais. Em meio ao contexto mato-grossense voltado à produção rural, em geral oposto às doutrinas trabalhistas, o escritor publicou poemas como “Greve”:

Veio a polícia.
Houve tiros.
Depois só ficou um trapo de camisa do operário,
sujo de sangue,
como se fosse bandeira vermelha
a tremular no ar!...

(Mendonça, Rubens de. *Dom Pôr do Sol*. Poetas Românticos. Cuiabá: KCM Editora, 2009, p. 279)

No poema de Mendonça, aprofundam-se as diferenças com textos românticos que predominavam no cenário literário mato-grossense. A começar pelo tema: manifestações trabalhistas duramente reprimidas pela força estatal. O título adianta uma guinada no tema: não se trata de emular o passado, idealizar a origem racial, apagar os conflitos políticos. A chegada da polícia e o tiroteio anunciam abertamente o caráter radical da repressão aos trabalhadores.

Não há meias-palavras no poema. O escritor deixa claro o antagonismo entre a força estatal e os operários. O desfecho é a morte. Depreende-se do texto que a polícia foi acionada para desarticular uma manifestação grevista e, após sua chegada, os trabalhadores foram assassinados. Mais que isso, Mendonça alude à bandeira de cor vermelha numa clara referência à ideologia socialista/comunista que motiva a manifestação trabalhista.

A camisa do operário, suja de sangue, tremula como uma bandeira. A menção explícita à bandeira vermelha refere-se a símbolos dos antigos partidos comunistas que lutavam pela implantação de um sistema social mais equânime, mesmo que por meio do autoritarismo. De qualquer forma, o eu lírico retrata não só um conflito social fatal, como as questões ideológicas que lhe eram contemporâneas. O século 20 foi marcado pelo tensionamento entre capitalismo e comunismo e, no poema “Greve”, esse choque encontra-se claramente retratado, tornando-se marcante exceção à regra romântica.

Raras são as manifestações literárias em que o tema central é dedicado às ideologias em conflito no século passado, até porque a elite mato-grossense que tinha acesso à leitura e à escrita pertencia praticamente a um mesmo segmento e comungava de convicções próximas. A expressão de Mendonça é, portanto, uma exceção à regra, não só em termos de apresentação estética – ao romper com o parnasianismo romântico –, como também em matéria temática, ao abordar a repressão estatal sobre trabalhadores sindicalizados.

Convém perceber que o poema não trata do passado, mas do presente. Não cuida de idealizar uma convenção social pacífica; explicita um conflito aberto entre antagonistas. Escritores como Rubens de Mendonça, Lobivar Matos, Wladimir Dias-Pino, Benedito Sant’Anna da Silva Freire, foram pioneiros numa nova estética literária. Mesmo que cada um deles tenha seguido por diferentes caminhos mais adiante, entre as décadas de 30 e 70 do séc. 20, constituíram uma expressão mais realista e politicamente engajada da realidade mato-grossense.

Uma última observação de caráter linguístico sobre essa fase literária em transformação. Os adjetivos escolhidos para o *branco civilizado*, no confronto com variadas etnias que habitavam a região mato-grossense,

variavam positivamente: nobre, desbravador, audaz. Ainda que portugueses exterminassem completamente vidas e tradições, a imagem resultante do conjunto de textos produzidos na época consolidou o bandeirante paulista como um motivador de progresso. No mesmo sentido, desenvolveu-se a literatura produzida em Mato Grosso, cuja abordagem era favorável aos governos que se sucederam (colonial, imperial, republicano) em detrimento do lado adverso, submetido ou liquidado. Como vimos, a partir do século 20, alguns autores começaram a divergir dessa perspectiva.

O quão diferentes são os extremos da narrativa?

Com os caminhos abertos para um retrato real e explícito dos conflitos sociais em Mato Grosso, vários autores aprofundaram-se no tema e fizeram dele sua grande expressão. Um dos mais significativos escritores do século 20 é Pedro Casaldáliga. O religioso católico foi ordenado bispo e atuou fortemente em questões sociais, denunciando violências contra os pequenos posseiros, povos indígenas e trabalhadores do campo. Escreveu, ainda, sobre os processos migratórios no estado, principalmente quanto aos retirantes, expulsos pela pressão de latifundiários.

Espanhol de nascença, Casaldáliga chegou ao Brasil como padre católico e, após alguns anos, foi enviado para a região do Araguaia, em Mato Grosso. Foi no nordeste do estado que o escritor passou a enfrentar temas até então inéditos em sua trajetória. Nas décadas de 1960 e 1970, o Vale do Araguaia testemunhou intenso fluxo migratório, tanto de trabalhadores oriundos de outras regiões brasileiras, em busca de oportunidades nas lavouras mato-grossenses, quanto de pequenos posseiros expulsos de suas terras por grupos armados. Nesse contexto social dinâmico e hostil, o autor presenciou inúmeras formas de violência e se pôs a escrever.

Religioso e engajado, o autor denuncia o capitalismo e a concentração de renda que dele decorre, expõe a depredação ambiental e evidencia o morticínio da população interiorana incapaz de resistir ao avanço do agronegócio.

Terra aberta

Cortando a floresta, na baixada escura,
e cúmplice o vaivém dos palmeirais,
a terra arroteada pelo trator paulista:
vermelha, roxa, amarela, cinza, creme, branca.
Com um ferraz olor de menina núbil,
de carne ferida e limpa,
de virgem parturiente.

Terra amor e cobiça.
Terra de lavradio.
Terra de latifúndio.
Terra de estrada.
Terra de sepultura.

(Casaldáliga, Pedro. *Antologia Retirante*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1978, p. 111)

Além de poeta, Casaldáliga era jornalista e, por meio de crônicas, narrava cenas que estão muito longe do *paraíso* a que se referiam os escritores que o precederam. O enfoque deixou de recair sobre a exuberância da natureza, a bravura dos desbravadores ou a destreza dos indígenas. Mato Grosso passou, então, a constituir objeto de uma dura reflexão crítica.

Mato Grosso era e ainda é uma terra sem lei. Alguém o tinha classificado como o Estado-curral do Brasil. Não encontramos nenhuma infraestrutura administrativa, nenhuma organização trabalhista, nenhuma fiscalização. O Direito era do mais forte ou do mais bruto. O dinheiro e o 38 se impunham. Nascer, morrer, matar, esses sim, eram os direitos básicos, os verbos, conjugados com uma assombrosa naturalidade.

[...]

Eram os peões, carne de carregação, trabalhadores braçais, comprados fraudulentamente no Norte e no Centro do País e descarregados para os trabalhos de derrubadas e plantação de pastos, nessas infinitas fazendas de centenas de milhares de hectares, verdadeiros campos de concentração.

[...] peões enganados, controlados a revólver, espancados, feridos ou mortos, cercados na floresta, em total desamparo de qualquer lei, sem nenhum direito, sem saída humana.”

(Casaldáliga, Pedro. *Creio na Justiça e na Esperança*. São Paulo: Civilização brasileira, 1979, p. 92)

Casaldáliga percorre os vários gêneros de escrita, mas foi na poesia que sua expressão ganhou o reconhecimento literário, sobretudo em pesquisas acadêmicas. Sua abordagem inverte o panorama literário que já estava consolidado sobre a terra. No último quarto do século 20, Mato Grosso não seria retratado somente como uma *oportunidade* para investidores, mas também como local de disputa e violência. A terra, antes retratada como *mãe generosa*, ganha a perspectiva de “vítima”, cujos algozes são tratados no plural. Noutras palavras, o escritor aponta para a corresponsabilidade política de todos, sejam ou não mato-grossenses. Na poética de Casaldáliga, os forasteiros não são retratados como invasores. O protagonista da devastação ambiental, por exemplo, é coletivo:

A terra dos males sem fim

[...]
E nós te violamos
ao fio das espadas,
no fogo do arcabuz
queimamos teu sossego.
E nós te escravizamos.
E nós te sepultamos
nas fendas dos garimpos.

E dobramos o teu corpo
sob os canaviais.
E te jogamos contra
as árvores amadas,
para cortar madeira,
cortando o teu espírito,
o cerne do teu Povo.

[...]

E nós te depredamos,
desnudando as florestas,
calcinando teus campos,
semeando veneno
nos rios e no ar,
a Terra generosa
separando por cercas,
os homens contra os homens:
para engordar o gado
da fome nacional,
para plantar a soja
da exportação escrava.

(Casaldáliga, Pedro. *Ameríndia Morte e Vida*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 51-53)

No poema de Casaldáliga, não há metáforas românticas que superem o pragmatismo do escritor. Seu objetivo não é a beleza, a simetria, a evocação ou imagens bucólicas e otimistas. Entre tema e forma, o que mais ganha relevo é o caráter social, político e moral, evidenciado pelo engajamento ao posicionar em polos opostos o agronegócio e o meio ambiente. Essa opção estética não é nem melhor nem pior do que a lírica romântica do passado. Em certa medida, o próprio escritor não se desliga completamente do romantismo. Basta observar o tom salvacionista empregado ao sugerir que empresa e natureza são mutuamente excludentes. O apelo à humanização da natureza e o *mea culpa* do autor fazem lembrar, por exemplo, Castro Alves.

Em termos comparativos, o mais relevante não é qualificar o poema analisado como bom ou ruim, mas destacar uma inversão completa de perspectiva sobre um mesmo tema: o cenário mato-grossense e sua ocupação. Os antigos *convites à fortuna*, presentes na poética anterior, foram substituídos pelo olhar crítico sobre o resultado das migrações enxergadas por Pedro Casaldáliga como predatórias. Retomamos a reflexão acima: os extremos são mais próximos do que aparentam. A resistência aos invasores (portugueses e demais estrangeiros) foi substituída pelo repúdio aos empresários migrantes.

Concomitantemente às denúncias de Casaldáliga, outros escritores se notabilizam pelo tratamento realista de temas controvertidos. A crítica literária reconhece que um dos maiores escritores do estado foi Ricardo Guilherme Dicke. O autor alcançou renome nacional com romances premiados e republicados na atualidade. O foco da produção romanesca de Dicke é justamente o conflito. Na ficção, o autor trata do banditismo resultante não só da pobreza, mas principalmente da ganância de grandes produtores rurais.

Imersas em brumas atemporais e míticas, as personagens de Dicke são coronéis e mercenários, lavradores e garimpeiros. No romance *Madona dos Páramos*, publicado originalmente em 1982, um grupo de foragidos vaga pelo sertão mato-grossense à procura de um local onde não seriam mais alvo de perseguições. É importante destacar que a noção de *paraíso* é desconstruída por Dicke, uma vez que as personagens enlouquecem e morrem no labiríntico interior de Mato Grosso. As antigas imagens românticas de um Éden natural tornam-se motivação para o desencanto, loucura e solidão. São heranças dos textos de viajantes, como vimos nos capítulos anteriores.

Em Dicke, os temas centrais da literatura produzida em Mato Grosso sofrem radical inversão. Percebemos uma alteração de perspectiva sobre um mesmo cenário: do paraíso ao inferno; da cidade para o sertão; da promessa de redenção à condenação eterna, da beleza ao grotesco, do justo ao injusto. Mesmo bandidos armados são, eles mesmos, vítimas de um contexto social empobrecido e destituído de futuro.

Urutu era o líder da fuga. Pretaço de raça caburé, cuiabano de sangue azougado, temperado e garboso entre vidas e mortes como aquele estava para se ver. À mode urutu-peba, tinha uma cruz causada de pelejar no centro da testeira e dela se orgulhava como de um brasão. Ninguém nem quer saber o que foi do sargento Mulinha nas mãos de ferro de Urutu. Autoridades baixotinhas e de fala fina abusam sempre, não se sabe se é por complexo de inferioridade ou por quê. Ia longe a preparação para essa fuga, as murmurações, antes mesmo de José Gomes aparecer na cadeia. A estas

horas devem todos estar longe, rumando cada qual para a casa-palácio-igreja da Figueira-Mãe. Não hão de saber o que vem a ser isso, nem ele ao certo, nem ninguém lá da cadeia, talvez Babalão ou Chico Inglaterra, que, pois, o mais certo é que tudo sejam lendas. O que se sabe ao certo, em real, é que é direção de homizio, as cidades do asilo, santidade de proteção, um lugar perdido no maior sertão do norte, no tuaiá dos mato-grossos, que todos os perseguidos almejam encontrar. Se procuram com fervor, de coração limpo, acabam encontrando; se não tem fé não acham nunca, porque o homizio se esconde, é a lei da lenda.

(Dicke, Ricardo Guilherme. *Madona dos Páramos*. Cuiabá: Carlini & Caniato; Cathedral Publicações, 2008, p. 20-21)

Ao lermos Dicke, especialmente o romance *Madona dos Páramos*, podemos traçar um paralelo imediato com o estilo de Guimarães Rosa. Até hoje, pesquisadores não conseguiram determinar ao certo se Dicke foi influenciado pela escrita de Rosa ou se não tomou contato com ela antes de lançar sua obra mais famosa. De qualquer forma, ao apontarmos a correlação com o romance *Grande Sertão: Veredas*, de Rosa, podemos entender melhor o estágio da literatura produzida em Mato Grosso na segunda metade do século 20. Sempre houve atravessamentos entre o *nacional* e o *regional*, se é que tais conceitos já não estão ultrapassados. Aquino-Bilac e Dicke-Rosa são duplas que servem de exemplos.

Guimarães Rosa foi o maior expoente literário do século passado. Sua obra consistente marcou a escrita brasileira por fundir paradigmas do clássico-mítico com lendas e casos do sertão brasileiro. A obra de Rosa traça uma etnografia interiorana de povos esquecidos pelo *desenvolvimento* almejado nas capitais litorâneas. No entanto, os jagunços, vaqueiros, tropeiros e tantos outros personagens roseanos não são ignorantes, mas portadores de uma sabedoria secular capaz de expressões poéticas de significado profundo.

Não são fome, doença e violência a causa de angústia das personagens de Guimarães Rosa. O jagunço padece de falta de futuro, isto é, esperança numa vida melhor. Traçar paralelos literários são manobras interessantes para

perceber identidades e singularidades. Se Rosa deu um singular testemunho dos sertões de Minas, Bahia, Goiás e adjacências, foi Dicke o responsável por colocar Mato Grosso nesse universo atemporal, aproximando mitos e tradições locais. As personagens exóticas com suas qualidades e defeitos, linguagem poética enriquecida de neologismos, locais desolados repletos de fantasia, tudo em Dicke é uma grande mistura. Vejamos o caso de *Madona dos Páramos* como referência desse estilo a que estamos nos referindo.

O que busca a tropa de renegados que fugiram da cadeia? O bando segue em busca de um esconderijo seguro no meio do sertão mato-grossense que não é apenas um refúgio da polícia, mas um local de natureza metafísica. Trata-se do Éden onde não há sofrimento ou morte, local onde encontrarão a paz e o amor, em suma, a libertação de uma vida atormentada por crimes de sangue. Entretanto, o bando liderado por Urutu não sabe exatamente o local e a forma de acesso à “Figueira Mãe”, a terra da redenção. Vagar indefinidamente é o que resta ao grupo, que vai se despedindo de seus membros.

A trajetória de criminosos, condenados eternamente a vagar pela terra hostil, é recorrente nos mais antigos mitos egípcios e gregos. Na carência de cerimônias de purificação, tais personagens não encontram o paraíso libertador. Com a cultura cristã, a condenação ao purgatório e inferno adicionou um mapa de sofrimento às almas pecadoras. Todo esse conjunto de imagens vai se misturando no labirinto criado por Dicke para suas personagens sertanejas, que não encontram a tão sonhada paz de espírito. A memória da violência os persegue indefinidamente, uma tormenta de dúvidas sobre os crimes que perpetraram durante a vida.

Quando terminei, estava como um açougueiro nadando em carnes e o quarto era um esguichar vermelho que não tinha mais termo. Não havia mais cama, nem gente viva fora eu a Candi, matei primeiro para olhar depois quem era o desaforador, nem demasiado rumor houve no vira-mexe. Tudo jorros, pelancas, três dedos de estanque de sangueira onde boiavam partes, bofes, mundongos, madeirames estraçalhados, panos embrulhados. O ferro me pesava nas mãos. Com aquilo, encompridara a corda do destino. Joguei-o longe. A cabeça degolada do cabo Gerão era

um arreganho de riso e choro e surpresa esperada, coagulado, jorravam como torneiras os canos do pescoço, sua bigodeira varria a nata do chão. Os quartos do homem aberto em dois, os ossos vivos no cerne do branco despontando em tutano no escarlate do esquadro. O assoalho banhado, começos de covas onde fui casal com Maria Cândida. Depois disso, José Gomes era um assassino. Virei ou fiquei um assassino?

(Dicke, Ricardo Guilherme. *Madona dos Páramos*. Cuiabá: Carlini & Caniato; Cathedral Publicações, 2008, p. 27)

A lembrança das atrocidades de cada fugitivo é uma forma de expressar o tormento mental do narrador, que vai confessando suas culpas num contínuo fluxo de pensamento. Passado e presente estão misturados na mente confusa desse narrador, que revive os momentos de violência, como um massacre que protagonizou. Em meio à jornada para a terra prometida, o líder do bando elabora um memorial da violência, justificando-se ou condenando-se conforme o episódio.

“Virei ou fiquei um assassino?” é a pergunta que o protagonista se faz sobre sua própria condição existencial. O crime é resultado de um caráter distorcido ou das condições miseráveis a que os criminosos se veem submetidos? Como já afirmamos, essas são questões que estão ligadas a uma discussão social pouco presente na literatura mato-grossense produzida entre os séculos 19 e 20, fortemente engajada em apresentar um estado repleto de belezas e aberto ao desenvolvimento econômico.

Dicke não narra só a violência. O autor questiona sua origem e seus efeitos, sem que forneça aos leitores respostas fáceis. As incessantes indagações presentes em *Madona dos Páramos* forçam o leitor a refletir sobre o livre-arbítrio humano. Eis aí mais um conflito típico dos mitos clássicos: destino traçado ou liberdade de escolha? Até onde o ser humano é capaz de decidir como será sua vida? É justamente pela criatividade da escrita e seu alto poder filosófico que Dicke é destacadamente um dos maiores escritores de Mato Grosso.

Outro caso de consistente produção literária é o de Tereza Albues. Assim como Dicke, o gênero a que mais Albues se dedicou foi a prosa, sobretudo o

romance. Dos muitos livros da escritora, talvez o mais reconhecido e citado seja *O berro do cordeiro em Nova York*, publicado em 1995, que trata de reminiscências de um sertão isolado, repleto de exploração e violência. A autoficção empresta ainda mais verossimilhança à percepção do sofrimento da família em constante deslocamento forçado, premida por dificuldades financeiras e conjunturas negativas.

Albues foi uma das poucas escritoras mato-grossenses a tratar do regime de trabalho no processo de estruturação e manutenção das grandes propriedades rurais. Como já anotamos anteriormente, a literatura majoritária produzida no estado apresentava as significativas extensões de terra como oportunidade de negócio, uma promessa de riqueza aos que viessem a Mato Grosso. Contudo, no processo de intensa migração para o estado e ocupação geográfica de áreas habitadas por povos nativos, os conflitos pouco estiveram presentes nos textos literários.

Albues escreveu sobre a exploração do trabalho nas propriedades rurais, resultado do deslocamento de mão de obra barata de outras regiões para as fazendas mato-grossenses. No romance *O berro do cordeiro em Nova York*, a narradora retorna à infância, num momento em que os pais trabalham em regime praticamente servil, num contexto em que milhares de trabalhadores pobres afluíram para o Centro-Oeste à procura de uma vida com melhores condições materiais. Ao chegarem, esses migrantes eram submetidos ao endividamento forçado, além de serem maltratados por capatazes.

De manhã papai procurou o capataz, tentou reclamar da péssima condição do rancho, o homem respondeu que não estava ali pra ouvir lamúrias mas pra distribuir trabalho. Puxou uma caderneta, abriu-a, disse, você já está devendo, até agora, 700 mil réis pelas despesas da viagem, tem que trabalhar bastante para começar a abater a dívida. Mas o Raimundo disse que tínhamos direito a transporte, moradia e comida, argumentou papai empalidecendo. Ele exagerou, só a moradia está incluída, temos o armazém abarrotado de mercadorias, pode comprar o que quiser, anotamos o débito na caderneta. Em seguida entregou a papai as ferramentas, foice, enxada, facão, mandou-o desmatar uma imensa área, a tarefa do dia. Assim papai

virou escravo, trabalhando de sol a sol, cada vez devendo mais ao patrão e o empregado que tivesse dívidas não podia deixar a fazenda. Fugir? Como? Caminhões, cavalos, chalanas pertenciam ao fazendeiro. Estávamos ilhados. Água, floresta, feras, os capangas de sentinela não hesitariam em atirar no primeiro que tentasse, estavam acostumados a fazê-lo, era o trabalho deles. Como o pássaro que tardiamente vê a porta do alçapão se fechar, a consciência do homem atraído experimenta a dor do encarceramento; a perda da liberdade que ele próprio cavara ingenuamente se lhe tornara insuportável. Tem raiva da prisão, do algoz e maior de si mesmo. Papai sofria todos os tormentos calado, mamãe esbravejava, seu grito de protesto era ouvido muitas vezes até na casa-grande da Fazenda. Nosso dia a dia não se diferenciava, papai saía pra trabalhar nas matas, ficávamos em casa com mamãe, ela fazendo os trabalhos caseiros. Lavava, cozinhava, costurava, enquanto a gente brincava nos arredores, descobrindo cavernas, riachos, insetos, caçando borboletas, passarinhos, cigarras e vagalumes. Mamãe não impedia nossas explorações, não vão muito longe, cuidado com cobras, avisava. Eu e Gabriel víamos encanto e mistério no mundo que pouco a pouco descobríamos e inventávamos; cavalos brancos, homens de armaduras reluzentes, príncipes, fadas substituíam em breve o acanhamento inicial. Não podíamos aquilatar os perigos e tremores do mundo adulto, muito menos visualizá-los em nossas fantasias.

(Albues, Tereza. *O berro do cordeiro em Nova York*. Cuiabá: Entrelinhas, 2019, p. 40-41)

O Berro do cordeiro em Nova York apresenta-se como autobiografia ficcional, um gênero até então pouco explorado na literatura mato-grossense. Como tônica central, o romance trata das relações familiares em meio à exploração do trabalho, sobretudo no ignoto território da Nhecolândia. A constante humilhação laboral do pai Venâncio e de sua família, que gira em torno de terra concentrada nas mãos de poucos proprietários, revela que Mato Grosso não era, na realidade, uma grande oportunidade para migrantes, como propagandeavam abertamente o governo e os meios culturais.

Uma interessante perspectiva merece destaque no *Berro*. O enredo desenvolve-se num duplo espaço-tempo. O primeiro está localizado

no passado, nas memórias da narradora, principalmente relativas à sua infância na pequena cidade de Livramento. É de lá que surge boa parte das lembranças que estão presentes no texto. Entretanto, a narradora não conta a história a partir de Mato Grosso, mas de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Essa duplicidade reforça no leitor a marcante sensação de estar diante de uma autobiografia, cujas lacunas das lembranças estão preenchidas de elementos mágicos.

Outra questão trazida por Albues em seu romance é a relação entre o pai Venâncio e a filha Flora. O texto apresenta a complexidade na formação da única filha do casal. Encantada pelo conforto familiar, sobretudo no aconchego materno da mãe Augusta, Flora precisa da intervenção do pai Venâncio para superar a dependência emocional e ganhar maturidade. Como se vê, o texto enseja diversas possibilidades de leitura, não só circunscritas à própria técnica literária ou à sociologia do trabalho em Mato Grosso, como também uma possível abordagem psicanalítica.

A violência em Mato Grosso persistiu durante todo o século 20, sobretudo nas cidades do interior que passavam pela consolidação da própria autonomia. Com o aumento no volume de obras publicadas, sobretudo da década de 80 em diante, diversos autores animaram-se a narrar os conflitos havidos no processo de migração, interiorização, abertura de estradas etc. Na evidente concentração agrária, as relações entre política e propriedade rural representam o núcleo de interesse autoral do final do século passado.

Como vimos anteriormente, Dicke e Albues foram romancistas pioneiros nessa abordagem, apontando para a violência como resultado da precariedade do trabalho. É provável que a repercussão da obra desses dois escritores tenha influenciado outros tantos, principalmente quanto à temática. É o caso, por exemplo, de Rômulo Netto. Escritor produtivo, lançou diversos contos e novelas, quase todos ambientados num cenário complexo constituído por coronelismo, pistolagem, disputa de terras e morte no campo.

O caso de Netto também é interessante. Em sua obra, há uma decisiva influência de Guimarães Rosa, que, aliás, foi decisivo para a literatura brasileira. Em geral, as narrativas de Netto não estão ambientadas

propriamente em Mato Grosso, mas nos sertões e pequenas cidades de Minas. No entanto, a relação que o escritor faz com a realidade mato-grossense é evidenciada pela própria narrativa:

Desde pirralho jamais fugi do perigo. Enfrentei tamanduás-bandeira, onças-pintadas, cobras variadas, da temível jararaca à desprezível urutu-cruzeiro, sem titubear um momento sequer. Não era homem de correr do perigo. Descansaria até que sentisse provido de ânimo e a voz falasse mais alto mandando procurar Mané Lagarto. Nem o cramulhão o esconderia do meu infalível treisoitão.

Paracatu de minhas saudades estava agora bem adiante de mim. Suas tortas ruas estreitas, seus bares antigos, suas gentes ricas e mesquinhas. Os pobres cada vez mais pobres, escravizados pela mina de ouro. Os ricos cada vez mais ricos nadando sobre o sangue de negros, brancos e agora dos chegantes japoneses que viam no cerrado a promessa de abastecer o mundo com a soja.

(Netto, Rômulo. *Sertão de sangue*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2013, p. 48)

O narrador-pistoleiro quer se afirmar destemido e ignora os perigos que encontra em sua jornada. Ao inventariar uma série de animais do bioma brasileiro, fixa a atenção do leitor no aspecto hostil da natureza em que vive. Outro aspecto interessante é a crença no transcendental que está permeada na narrativa: Deus e o Diabo como personagens que maquinam, manipulam ou influenciam as personagens, mesmo que citados apenas de passagem.

Contudo, convém destacar as últimas palavras desse trecho selecionado de *Sertão de sangue*. O pistoleiro, homem desencantado pela miséria e violência, faz referência não apenas à escravidão relativa ao período colonial brasileiro da exploração do ouro, mas também a uma nova forma de trabalho: a de imigrantes no plantio da soja. Noutras palavras, o texto apresenta um rápido panorama da mão de obra no campo, atualizando-a até a produção de soja, principal cultura praticada atualmente no interior de Mato Grosso. Na visão do narrador, todas as formas de trabalho no campo são invariavelmente servis.

Não é só a temática dos conflitos sociais que se destaca na escrita de Netto, mas a estética também. A linguagem coloquial apresenta-se misturada aos neologismos típicos da realidade interiorana do Brasil. Passado e presente estão mesclados no texto:

Os ouvidos afiados ouviram o som do grupo distante nada mais de duzentos metros. Enfiei o pente no AK 47, o atravessei nas costas. Antes de prosseguir amarrei o cabresto dos animais numa sambaiqueira, dei-lhes de beber e comer assim ficariam sossegados, ocupados em empanturrar com milho e água à vontade.

Estavam de costas, um deles espiava a estrada com binóculos. Falavam baixo, mas quase sempre repetiam o nome de Zé das Mortes. Acionei o automático do fuzil e disparei toda munição do pente. Não sobrou um pra contar a história.

Olhei o cenário e vi um sertão de sangue.

Deixei a cargo dos urubus fazer a faxina dos corpos ensanguentados.

Durante os próximos dias havia boa fartura de carne humana.

Voltei rumo aos meus animais sem olhar pra trás. Desconhecia qualquer tipo de remordimento. O coração estava mesmo trancado pra palpitar por dores alheias.

(Netto, Rômulo. *Sertão de sangue*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2013, p. 98)

As imagens do texto evocam o drama da violência humana: “sertão de sangue”, “faxina de urubus”, “fartura de carne”; todo o conjunto linguístico, altamente pictórico, proporciona ao leitor uma visão da atrocidade narrada no texto. Há também um “apelo caipira” na linguagem utilizada. O uso do “remordimento” em vez de “remorso” é mais uma das opções autorais que empreendem marcas linguísticas provincianas de cunho filosófico, rememorando o famoso narrador Riobaldo de *Grande Sertão: Veredas*, o famoso romance de Guimarães Rosa.

Em todo o capítulo dedicado aos conflitos mato-grossenses, notamos as múltiplas possibilidades de ocorrência de lutas, desde a entrada portuguesa no território. A primeira delas é a luta entre dois povos diferentes: portugueses

contra espanhóis, indígenas contra bandeirantes, senhores brancos contra africanos escravizados. No entanto, como já pudemos perceber, na literatura produzida em Mato Grosso, o conflito social também pode se apresentar nos textos através da migração forçada, do trabalho mal remunerado, da extorsão comercial, e até mesmo em grupos armados de capatazes que protegem terras e garimpos.

O processo histórico de ocupação territorial em Mato Grosso não se resumiu aos séculos 18 e 19. Esses dois períodos iniciais – colônia e império –, foram, como já dissemos anteriormente, dedicados a registros históricos ou, no máximo, à recontagem de episódios pela crônica memorialista. Em seguida, o estilo predominante que se consolidou entre os escritores mato-grossenses foi o romantismo, cuja idealização desfocou a violência inerente às guerras e chacinas havidas no estado.

Em termos literários, tratava-se de valorizar as potencialidades naturais e presumir que os conflitos estavam pacificados pela formação de uma “raça híbrida”, forte e destemida, nascida do *encontro* de vários componentes humanos que chegaram a Mato Grosso. Já deixamos anotado também que houve algumas exceções à retórica patriótica, idealista, romantizada. Dicke e Albuês, por exemplo, dedicaram boa parte de suas obras aos conflitos e mortes que marcaram a disputa pela terra nos sertões mato-grossenses, da mesma forma que poetas influenciados pelo modernismo assumiram a tônica social em suas obras literárias.

O MASSACRE DA BAÍA DO GARCEZ E A MORTE DE TOTÓ PAES DE BARROS

Na Primeira República, entre os anos de 1892 e 1916, Mato Grosso foi palco de disputas oligárquicas entre coronéis. O Massacre da Baía do Garcez, episódio amplamente conhecido, mas que ainda carece de esclarecimentos, ocorreu na madrugada do dia 4 de novembro de 1901. Na Usina de Açúcar Conceição, localizada às margens do rio Cuiabá, em Santo Antônio de Leverger, de propriedade de João Paes de Barros, reuniram-se 140

peessoas com a finalidade de organizar uma rebelião. Com o intuito de encerrar a reunião de cunho político-partidário, o chefe de Polícia de Cuiabá aprisionou todos os presentes na sede da usina. Na condição de prisioneiros, parte dos detidos foi conduzida a pé até Cuiabá. No percurso, 17 pessoas foram assassinadas. O proprietário da Usina do Itaici e então presidente de Mato Grosso, Antônio Paes de Barros, também conhecido como Totó Paes, foi responsabilizado pelo massacre, apesar de não haver consenso sobre seu envolvimento. Em 1906, na alvorada republicana marcada pela violência do fazer político mato-grossense, caracterizada por disputas partidárias e extrema instabilidade, Totó Paes foi assassinado em Cuiabá.

Como vimos, até o último quarto do século 20, a violência era considerada tabu, um assunto delicado demais para se tratar em poemas, contos e romances. Os escritores passaram a acionar não só a memória, mas também a ficção em diversas obras cujo enredo é repleto de pilhagem, extorsão, morticínios e violência contra a mulher. Ainda assim, é pertinente destacar a escolha autoral pela demarcação de tempo. Não podemos esquecer que a literatura é uma complexa operação com inúmeras variáveis. Tempo e espaço mudam completamente a abordagem sobre um mesmo tema.

No caso dos conflitos, os episódios estão ambientados em um tempo bastante recuado, isto é, sempre em um passado distante: principalmente nos séculos 17 e 18. Por que os enredos eram construídos tão distantes do tempo contemporâneo aos próprios autores? Tanto a recusa do tema da violência quanto o retorno a um passado longínquo nos dão pistas sobre a mentalidade literária predominante em cada recorte temporal. Desde a apresentação deste livro, afirmamos que a compreensão da literatura abrange o dizer e o não dizer. Ressaltamos, neste momento, outro aspecto: quando dizer.

O tempo da narrativa é uma clara opção autoral. Cada escritor opta pelo local e pelo tempo em que seus enredos vão se desenvolver. Em Mato Grosso, porém, a maioria dos escritores se fixa na própria terra e, por isso,

o tempo da narrativa é ainda mais importante para perceber as estratégias de cada autor ao abordar determinado tema. Esse lapso temporal, espécie de recorte histórico, ajuda os leitores a delimitarem um quadro histórico e temático não só de um único autor, mas de um conjunto de escritores que podemos denominar de *geração*. Portanto, a *geração literária* do começo do século 20 romantizava Mato Grosso como terra de paz e de oportunidades enquanto a geração do final do mesmo século destacou-se por tratar dos conflitos de forma realista, seja em prosa, seja em verso.

Panorama contemporâneo

A partir de agora, devemos nos perguntar: e a geração literária do século 21? Os escritores atuais dedicam-se a criar poemas e enredos de ficção com a temática da violência? Qual é a abordagem? Em que lapso temporal estão eventualmente narrados os conflitos? E o mais importante para o presente capítulo: que tipo de luta os escritores contemporâneos tentam retratar em seus livros?

Todas essas questões ainda serão respondidas mais adiante, no futuro. Seria precipitada qualquer opinião sobre o panorama literário do século 21 em plena efervescência de produção autoral. É seguro afirmar, contudo, que o destaque do contemporâneo se dá com a ampliação na perspectiva narrativa, com o ingresso de outras categorias de escritores no cenário cultural. O resultado da maciça migração de outros estados para Mato Grosso resultou, em menos de 50 anos, num surpreendente enriquecimento da perspectiva literária, resultante das dificuldades iniciais de consolidação no novo ambiente.

Com o fortalecimento das editoras mato-grossenses, o número de escritores aumentou exponencialmente depois dos anos 2000. Houve a multiplicação de abordagens: novos cenários, novos enredos e novas personagens. Mais do que isso: a perspectiva autoral. Explicando melhor, os novos autores trouxeram pontos de vista inovadores e estão oferecendo um olhar diferenciado sobre Mato Grosso, sua história, geografia, povo e tradição. E de que forma tudo isso se apresenta?

A migração sulista para Mato Grosso, ocorrida na segunda metade do século 20, deu-se sobretudo por conta dos incentivos do governo federal. Nesse substancial deslocamento humano, inúmeras dificuldades foram vivenciadas: o desmatamento em escala, os conflitos agrários, o grave problema de transporte, a falta de comunicação e, como não poderia deixar de acontecer, o conflito social nos entrecosques de culturas diferentes. O interior de Mato Grosso volta a ser cenário relevante, ambiente hostil a ser *desbravado*.

No entanto, o conceito de *desbravamento* presente na literatura do século 21 não é o mesmo do romantismo passado. Não se trata de narrar as aventuras de um conjunto de corajosos bandeirantes, heróis predestinados às glórias e riquezas. No contemporâneo, o foco narrativo se desenvolve a partir de gente simples que conta episódios corriqueiros e registra suas impressões pessoais.

Podemos citar o pioneirismo do escritor Luiz Renato de Souza Pinto ao lançar o romance *Matrinchã do Teles Pires*, em 1998. A colonização do norte mato-grossense oferece à narrativa diversos personagens diferentes dos habituais: o caminhoneiro, a prostituta, o pequeno comerciante, os trabalhadores braçais. Uma massa de migrantes atolados em estradas sem asfalto, à míngua de qualquer comunicação com a família de origem. Gente simples do povo seduzida pelas promessas de riqueza que o governo militar propagava. O romance tem forte compromisso político que envolve não só a narrativa, mas os diálogos das personagens.

Anos depois, surge a escritora Marli Walker, de cuja obra destacaremos algumas passagens. Ao cotejar a obra poética de Walker, percebemos um enfoque recorrente sobre os problemas da distribuição de renda em meio à prosperidade do agronegócio. A escritora sublinha a dramática injustiça social que é resultado da concentração de renda em áreas de latifúndios contemporâneos. No livro *Pó de serra*, por exemplo, o paradoxo financeiro do agronegócio está presente na fome das famílias dos trabalhadores rurais.

Percebemos uma alteração de perspectiva na literatura: da romântica prosperidade do século 19 e 20 à injustiça na distribuição de renda decorrente das monoculturas praticadas em latifúndios mato-grossenses. Do livro *Coração Madeira*, de Marli Walker, extraímos um interessante trecho que ilustra o realismo pessimista de que a narradora se vale:

Neste sertão de cá, entranhada nos confins da floresta, ela sentia que aquele era um tempo suspenso, indiferente à linha imaginária do tempo. Não havia sinal nem sombra de medo que soprava em língua morta alguma coisa que ela não viesse a entender um dia, em outro tempo, neste outro sertão. A Filha do Meio estava agora a imensas distâncias daquela sala da casa grande, segura, amarela, em outra sala de estar, numa outra casa de madeira, sem forro e sem mata-juntas, não amarela, montando uma árvore de Natal para o deleite dos olhos de outros pequenos que moravam na colônia e não tinham em suas casas de madeira nem árvore, nem anjo, nem estrela, nem presente (p. 33).

[...]

As edificações de árvores mortas e as montanhas de pó de serra eram novidade para os olhos da Filha do Meio que mediam, envolviam, assimilavam a paisagem novíssima em folha, tronco, raiz, mata e floresta inteira. O ar que respirava trazia para dentro dela poeira da terra, da serra, fuligem, cinza. Trazia também o aroma da seiva que exalavam as árvores mortas quando a serra da fita rasgava seu tronco. Era tudo muito, muito, muito novo (p. 47).

[...]

O tempo avançou. Aprendeu, assimilou e entendeu o processo de devora de árvores mortais que principiava no meio da mata e findava nas imensas pilhas, edificações, castelos de tábuas serradas, aparadas, destopadas de um lado e montanhas de serragem queimando de outro.

Era uma engrenagem movida a tanques de óleo diesel e vapor da caldeira que gerava energia devorando, queimando sobras de madeira. O aparato de guerra começava na mata profunda com os dentes da motosserra decepando árvores vivas, passava pelas máquinas pás, esteiras, até os caminhões carregadores de árvores mortas. Depois de cortadas, eram presas com cabos de aço na carroceria assentada sobre eixos e pneus potentes o bastante para transportar vários troncos de uma só vez até o grande pátio da serraria. Em seguida, a pá carregadeira levava uma a uma até a boca da fita onde cada árvore morta era puxada por outro cabo de aço até ser encaixada na fita (p. 55).

(Walker, Marli. *Coração Madeira*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2020)

O que há de violento na narrativa de Marli Walker? Praticamente tudo. As imagens construídas no romance ampliam a violência das relações humanas para o meio-ambiente. Daí que as vítimas não são apenas personagens, mas a própria natureza. No romance *Coração Madeira*, narrado como autoficção, boa parte da extrema violência migra para grossos troncos de árvore que são abatidos em meio à floresta. O rastro de destruição do ambiente pode ser compreendido também como paradigma de predação econômica com o empobrecimento dos trabalhadores envolvidos em todo o processo. Falando de outro modo, Walker utiliza-se da literatura para estilizar a brutal violência havida em Mato Grosso.

A expressão “edificações de árvores mortas” projeta o leitor para a gênese de cidades consideradas como modelo de desenvolvimento. Esse aspecto desolador da paisagem devastada, repleta de fuligem, cinza, serragem, sugere um conjunto de violências concomitantes à colonização. Walker prossegue com as imagens antropomorfizadas: árvores decepada, troncos que sangram, dentes de motosserra. Nesse contexto, as árvores sangram com os cortes e depois são tragadas por bocas mecânicas que as despedaçam.

Essas e outras representações do conflito e da morte fazem com que a literatura produzida em Mato Grosso tenha encontrado uma transcendência narrativa, isto é, um enriquecimento estético com relação à mera descritividade. O romance *Coração Madeira* é permeado por imagens superlativas: florestas, árvores, insetos, plantação. Metáforas que ilustram o drama da solitária protagonista, completamente deslocada de sua terra de origem para acompanhar o marido na empreitada de devastação. No romance, a libertação da protagonista se dá com o rompimento da submissão feminina e uma nova migração, dessa vez, do campo para a cidade.

O século 21, além de abrigar perspectivas novas sobre o resultado conflituoso da migração sulista para Mato Grosso, também abriu espaço para questionamentos sobre a questão urbana. O acelerado crescimento de Cuiabá e das cidades do interior impulsionadas pelo agronegócio trouxe consigo desequilíbrio social que, entre outras consequências, resulta na violência urbana. Formaram-se zonas metropolitanas periféricas, carentes de maior amparo estatal, sobretudo na capital, que é a cidade mais populosa do estado.

Lembremos que, na primeira metade do século 20, o escritor corumbaense Lobivar Matos adiantou-se no retrato do que é considerado “periférico e marginal”. Seus livros *Areôtorare* (1935) e *Sarobá* (1936) são marcos literários modernistas cuja temática é principalmente o cotidiano urbano periférico e empobrecido. Mendigos, prostitutas, lavadeiras, marginalizados em geral, formavam o campo de interesse de Matos, uma inovação literária em meio ao enaltecimento romântico de caráter nacionalista que predominava nos textos produzidos no estado.

Como dissemos no capítulo anterior, poucos escritores prosseguiram no caminho aberto pelo poeta do Sul, pelo menos no foco temático urbano. Uma das raras exceções foi a escritora Luciene Carvalho, que escreveu o livro *Porto* e outros posteriores, abordando a realidade feminina de uma mulher negra, madura e periférica. Contudo, a obra citada não se dedica integralmente à questão da violência e dos conflitos sociais resultantes da marginalização de uma parcela empobrecida da população cuiabana e mato-grossense. Carvalho enaltece o bairro periférico, elaborando uma cartografia afetiva muito próxima do que havia feito o escritor Benedito Sant’Anna da Silva Freire.

Nessa linha, é importante destacar a obra de Santiago Villela Marques, que se destacou no interior de Mato Grosso pelo refinamento literário que apresentou em suas obras. No livro *Selvagem*, o autor apresenta um cenário bastante violento da realidade em que vive. Um dos exemplos da violência retratada na obra de Villela Marques é o poema “Morte Súbita”.

Morte Súbita

Seis tiros
e a poeira.
A morte é suja
quando tem pressa
e ataca de raiva.
O menino que vê
não entende que viu.

A morte verdadeiramente
sem explicações.
Sem exames diagnósticos.
Sem a velhice alvissareira.
Sem o aviso de desengano.
A morte desenganada e sem poeta.

Seis tiros
e a poeira
assombra o sol do meio-dia
em hora de não-matar.
(Que de morrer, sabe o sol,
as horas são tantas
e quase nada proibidas.)

Seis tiros
e a poeira
cobre o corpo à moda de enterro
sem dar tempo à alma
de limpar-se.
Sobe em nuvem de calíça
o espírito descarniçado
espanejando as penas do pó
e da dor de ter penas.

O vivo não tinha nome,
benefício que o morto terá.
Será o Assassinado da Esquina
- que assim o vão batizando
as línguas sacramenteiras
e a fama da morte sacrílega.

Mas o que fica
o que fica mesmo
é a conta de seis
Seis tiros

(Marques, Santiago Villela. *Selvagem*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2013, p. 27)

A morte violenta pelo homicídio de um jovem expõe a desimportância da vida humana na realidade urbana e rural do país e do estado. A vítima não tem nome, assim como está inominado o assassino que desferiu seis tiros. No poema, não há motivação para o crime, somente a narrativa do assassinato de um menino à luz do dia. O “assassino da esquina” é mais um pistoleiro cuja missão é o extermínio por futilidade. Ao ler o poema, é possível deduzir que se trata de uma execução encomendada num contexto de crime organizado, tema bastante contemporâneo na literatura brasileira.

A CHACINA DO BECO DO CANDEEIRO

Na noite de 10 de julho de 1998, três adolescentes em situação de rua foram assassinados na Rua 27 de Dezembro, mais conhecida como Beco do Candeeiro, no Centro Histórico de Cuiabá. Reginaldo Dias Magalhães, de 16 anos; Edgar Rodrigues de Almeida, de 15; e Adileu Santos Nascimento, de 14, foram executados com vários disparos de arma de fogo. Edilson Ferreira Júnior, de 16 anos, foi o único sobrevivente e tornou-se testemunha dos crimes. No local da chacina, lideranças religiosas realizaram um culto ecumênico, com o intuito de prestar solidariedade aos familiares dos adolescentes assassinados. As investigações apontaram como principal suspeito dos homicídios o ex-policial Aldeir de Souza Guedes Filho, conhecido como “Zé do Caixão”. Em 2003, o caso foi submetido a julgamento perante o Egrégio Tribunal do Júri da Comarca de Cuiabá, pelo Ministério Público do Estado de Mato Grosso. Edilson Ferreira Júnior atuou como testemunha, sendo também ouvido na condição de vítima. Em 2014, Aldeir de Souza Guedes Filho foi absolvido das acusações relativas à tentativa de homicídio e aos assassinatos dos adolescentes. Os crimes cometidos contra os quatro jovens permanecem sem solução. Na Praça Dona Euphrosina Hugueney, próxima ao local da chacina, foi erguido, três meses após os crimes, o Monumento do Beco do Candeeiro, de autoria do artista Jonas Correia. Sem placa indicativa, a escultura remete a uma das incontáveis narrativas trágicas da cidade de Cuiabá.

Na mesma ocasião, junto à escultura, uma exposição de fotografias de José Luís Medeiros denunciou a vida noturna de crianças e adolescentes que frequentavam o Beco do Candeeiro, espaço que, desde o período da mineração, servia de passagem a homens escravizados. Em 2018, a chacina do Beco do Candeeiro foi encenada pelo Espaço Incasa, com roteiro de André D’Lucca, Wagton Douglas e Eloá Pimenta.

Outra abordagem objetiva e realista da periferia é alcançada por Wuldson Marcelo. No livro *Se quer que algo tenha fim, não se cale*, o autor se utiliza de minicontos para narrar o mundo da periferia com crítica aguda. A linguagem coloquial e os cenários retratados, todo o contexto apresentado ao leitor com extrema concisão, formam um mosaico de cenas e personagens, em que o protagonista é a própria periferia. Noutras palavras, não há o que chamamos de protagonismo, um personagem central. Quem reclama atenção é o ambiente, um microcosmo social que tem um modo de viver próprio e uma linguagem exclusiva.

Brincadeira cruel

“Eu amo meus país CPA”, dizia Tico a cada confusão em que se metia. Dona Geralda já não sabia mais o que fazer para afastar o menino das gangues.

“Ele tinha até namorada, a Monique. Linda e educada”, ela contou para o seu irmão Luvanor, tio preferido de Tico. “Mas que o abandonou. Ninguém aguenta uma existência miserável dessas”, lamentou a mulher.

Luvanor refletiu e refletiu, então chegou à conclusão de que, para enfrentar a romantização, só dor do trauma.

Com Donozetti e Edmar, dois antigos companheiros de farda, decidiram encenar uma blitz e dar um susto tremendo em Tico, mostrar a ele a fina arte da brutalidade policial.

Uniformizados, colocaram em prática o plano da blitz falsa.

Tico estava com Armando Feroz, que sem pensar em nada sentou o dedo no gatilho.

Os três homens morreram na hora e Tico foi aceito na gangue.

Monique, formada em jornalismo, busca financiamento coletivo para escrever um livro sobre as gangues do CPA.

(Marcelo, Wuldson. *Se quer que algo tenha fim, não se cale*. Ilustrações de Lua Brandão. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2024, p. 26)

No texto, um dos maiores bairros da capital mato-grossense – o Complexo Político Administrativo (CPA) –, é tratado como um “país”. A frase inicial denota um imaginário autoral destacado do restante da cidade, do estado e da própria nação. Essa realidade própria de um bairro periférico demanda do autor a complexa construção não somente de cenários, como de tipos: gangues do tráfico de drogas, falsos policiais que formam milícias e, em meio ao instável e conflagrado ambiente, estudantes e trabalhadores.

As personagens são apresentadas pelo codinome, apelido, alcunha. O essencial do texto de Wuldson Marcelo não é conhecer a psique de cada participante, mas a interação social da massa popular que vive num mundo à parte, denominado de “país”. Em foco, está o cenário e a cena, porque o texto desloca a perspectiva individual para o coletivo. O cenário é o local, a cena é a ação. Juntos, narrados simultaneamente, geram a sensação dinâmica do audiovisual.

De um lado, o recrutamento de jovens para as gangues; de outro, a brutalidade policial como resposta inócua. A morte, tratada sem meias-palavras, é o resultado do entrechoque interno de uma mesma realidade cruel. Trata-se da autofagia de uma comunidade consumida pela falta de oportunidade.

Algo no mundo não está certo

Kiko era rapper. Já começava a se destacar em Cuiabá.

Saía do bairro da Manga em Várzea Grande e ganhava as batalhas na Praça Alencastro.

Falavam: “Esse aí é monstro”.

Uma noite, Dona Pita viu o filho conquistar o CPA.

O pessoal da cultura já reconhecia e alguns já decretavam que o moleque ia longe.

Então, por que nos jornais ele era tratado como traficante após levar um tiro no Jardim Gramado?

(Marcelo, Wuldson. *Se quer que algo tenha fim, não se cale*. Ilustrações de Lua Brandão. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2024, p. 41)

Nesse outro conto é narrada a morte trágica e inexplicável de um cantor de *rap*. O estilo musical norte-americano profundamente ligado à expressão afrodescendente encontrou nas periferias brasileiras um terreno fértil para a criatividade do público jovem, sobretudo. Para narrar a vida da periferia, importa a estruturação de uma cultura de identidade. O *rap*, o *funk*, o *skate* são, portanto, signos de uma cultura que cresceu e se fortaleceu à margem das manifestações eruditas dos grandes centros em que a educação formal é a tônica.

A personagem que foi assassinada conquistou respeito na periferia através do talento, mas é publicamente representada como traficante. O microconto de Marcelo apresenta a significativa ambivalência do contemporâneo: centro x periferia, esperança x desilusão, capacidade individual x fatalismo social. Kiko é, simultaneamente, um grande talento para o mundo periférico e uma ameaça para as instituições convencionais; uma grande promessa para os especialistas em cultura e um mero traficante para os noticiários. A personagem está encarregada de representar todo um conjunto de valores que colide na metrópole, resultando em violência como forma de controle, de exclusão ou de extermínio.

Uma proposta de periodização literária

Nesse roteiro da literatura produzida em Mato Grosso, podemos perceber as diversas fases na abordagem da violência. A primeira delas é o registro histórico das guerras decorrentes da invasão do espaço indígena. Esses textos do século 18 tinham como objetivo central informar à Coroa Portuguesa sobre as dificuldades encontradas nas terras até então inexploradas. A localização dos grupos indígenas e seu grau de hostilidade, a

necessidade de reforços militares, as estratégias contra os animais selvagens, tudo compunha os relatos sobre o sertão a partir de uma visão externa.

A segunda fase literária que retrata a realidade conflituosa em Mato Grosso dá-se a partir das publicações que circularam nos séculos 19 e 20. No período, a visão romântica prevaleceu e recuperou os conflitos indígenas de uma forma idealizada. Há um claro otimismo na visão dos escritores desse período. A violência seria uma etapa inevitável para a constituição de uma “raça” mestiça, mais forte e preparada para as intempéries da natureza mato-grossense, um povo destinado à prosperidade através do domínio da terra e de suas riquezas.

Convém lembrar que, nesse longo período romântico, diversos conflitos não se encontram presentes nos textos literários. Um exemplo é a absoluta carência de narrativas sobre a formação de quilombos, comunidade de fugitivos que haviam sido escravizados. Não há romance ou livro de contos que se concentre na brutal caçada promovida nos campos mato-grossenses, tampouco sobre as torturas a que se viram submetidos os inúmeros escravizados africanos e indígenas. Os castigos públicos, as mutilações sádicas, os abusos domésticos, nada disso é tema central em dois séculos de literatura.

A VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES E POPULAÇÃO LGBTQIA+

Fundado em 2023, o Instituto Banco Vermelho, com sede em Recife-PE, é uma organização sem fins lucrativos e suprapartidária, criada por Andrea Rodrigues e Paula Limongi. Por meio de palestras, projetos de lei e intervenções urbanas, a entidade tem como objetivo fomentar a prevenção e a conscientização sobre a violência contra a mulher e o feminicídio. Instalado em lugares públicos de várias cidades, o “Banco Vermelho” (Lei n. 14.942/2024) tornou-se símbolo permanente da luta contra o feminicídio. Instalado em lugares públicos de várias cidades, o “Banco Vermelho” (Lei n. 14.942/2024) tornou-se um símbolo permanente da luta contra o femi-

nicídio. Entre 196 países, o Brasil ocupa a 5ª posição no ranking mundial de assassinatos de mulheres e, de acordo com o Observatório Caliandra, iniciativa do Ministério Público do Estado de Mato Grosso, lidera a lista nacional pelo terceiro ano consecutivo. Em 2025, foram assassinadas 52 mulheres, deixando mais de 80 crianças órfãs. Contemplada com 10 bancos vermelhos, Cuiabá é o município com o maior número de assassinatos do Estado. No que diz respeito à população LGBTQIA+, o quadro não é diferente. No que se refere à população LGBTQIA+, o quadro não é diferente. Em 2023, o serviço “Disque Direitos Humanos”, mais conhecido como “Disque 100”, recebeu 6.070 denúncias de violências motivadas pela orientação sexual ou identidade de gênero em diversas regiões do país. Pesquisas da Associação Nacional de Travestis e Transexuais, organização dedicada à visibilidade, garantia de direitos e combate à transfobia, apontam que a expectativa de vida de uma pessoa trans é de apenas 35 anos, dado que coloca o Brasil na liderança mundial. Em Mato Grosso, embora a Associação da Parada Orgulho LGBTQIA+ promova ações há mais de duas décadas, os crimes de LGBTfobia têm crescido assustadoramente. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2025, os casos de estupro aumentaram 800% em relação a 2023, e o número de homicídios praticamente dobrou. Os delitos homofóbicos, classificados como crimes de ódio, destacam-se pela crueldade de seus autores.

Foi na segunda metade do século 20 que a violência acessou enredos centrais na literatura produzida em Mato Grosso. Os capangas de latifundiários, os encarregados de garimpos, os grupos paramilitares de políticos rivais, esse conjunto de homens violentos passou a povoar os textos literários. Ainda assim, podemos afirmar que o conflito rural se configurava como exceção em meio às crônicas memorialistas e nostálgicas, aos poemas de exaltação da natureza, às trovas de amor e de homenagem pessoal. E mesmo nos lapsos modernistas, os conflitos sociais cederam espaço para temas recorrentes – paisagem, povo, memória etc.

É muito provável que esse persistente panorama romântico esteja ligado ao conjunto de escritores e sua posição social no contexto mato-grossense, mais especialmente os da capital. Com o significativo fluxo migratório na segunda metade do século 20 e o intenso crescimento urbano de Cuiabá, o panorama literário sofre uma notável modificação. Os novos escritores capturaram temas que, até então, não eram a preferência regional. O processo de colonização do interior de Mato Grosso foi finalmente registrado, assim como a violência urbana de uma periferia marginalizada.

Outra hipótese plausível para o nosso estudo é que esses e outros temas relativos à violência sejam aprofundados na futura produção literária mato-grossense. Inúmeros episódios históricos de conflitos ainda não foram explorados na poesia e na prosa estadual. As jovens cidades cujo histórico está intimamente relacionado aos conflitos rurais ainda não encontraram quem os narre em romances, e a periferia das maiores cidades de Mato Grosso conta com poucos interlocutores do contexto de marginalização social. Outros segmentos sociais também carecem de protagonismo na literatura mato-grossense, retratando a violência cotidiana pela intolerância frente à diversidade.

Na abordagem dos conflitos, há infinitas possibilidades para os autores do século 21. Uma delas é a revisão histórica, ou melhor, uma nova estilização de um episódio narrado anteriormente. Ao recontar uma história sob outra perspectiva, o resultado literário distancia-se do texto original. Outra possibilidade a ser explorada na literatura é o ineditismo temático. Durante todo o capítulo, apontamos para inúmeros episódios históricos que nunca serviram ao texto literário. Pode acontecer também uma mudança de perspectiva ao narrar violências: gênero, raça, religião, são tendências contemporâneas de abordagem. Em sentido oposto às hipóteses anteriores, os autores podem optar pela crônica memorialista: a estética literária cede ao apelo histórico. Memórias familiares, casos pitorescos, textos laudatórios, tudo isso pode surgir a partir do panorama autoral futuro. São muitas possibilidades à disposição dos novos escritores, em resumo.

AMPLIANDO HORIZONTES

• Garimpo

Indicamos um importante documento intitulado ***Boca livre no Sararé***, dirigido por Vincent Carelli, Maurizio Longobardi e Virgínia Valadão. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista. Documentário, 26', 1992. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7JSAwfd11LU>

A *Folha de São Paulo* lançou o documentário ***O Cerco***, que retrata a crítica situação dos indígenas frente ao avanço do garimpo ilegal. O curta-metragem tem como base a reportagem de Vinícius Sassine e Lalo de Almeida sobre os conflitos de garimpeiros com os Kayapó e Munduruku, no Pará; Sararé, em Mato Grosso, e Yanomami, em Roraima:

<https://www.youtube.com/watch?v=3D0nTsQf3Y>

Livros

Em busca da pedra que brilha como estrela: garimpos e garimpeiros do Alto Paraguai-Diamantino, de João Carlos Barrozo (Cuiabá: EdUFMT; Carlini & Caniato, 2008);

A história na fronteira: garimpos em Mato Grosso na segunda metade do século XX, organizado por Júlio César dos Santos e Vitale Joanoni Neto (Cuiabá: EdUFMT, 2015)

• Rondon

A trajetória de Rondon é singular. Em meio aos extermínios programáticos, operados pelo poder público e privado, no curso de mais de 500 anos, o trabalho de Rondon torna-se uma referência em proteção aos povos indígenas. Recomendamos a leitura de:

Cândido Rondon: a integração nacional, de Elias Bigio (Rio de Janeiro: Contraponto, 2000);

As aventuras de Roosevelt e Rondon na Amazônia, de Guido Heleno, com ilustrações de Jô Oliveira (Brasília: Linha Gráfica Editora, 1990);



Índios do Brasil: do Centro, Noroeste e Sul de Mato Grosso. Tomo I, de Cândido Mariano Rondon (Brasília: Senado Federal, 2019);

Rondon conta sua vida, de Esther de Viveiros (Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958).

Aos pesquisadores que desejam se aprofundar, é importante consultar **O acervo imagético da Comissão Rondon no Museu do Índio – 1890-1938**, de Denise Portugal Lasmar. Também é possível assistir ao filme **Rondon, o desbravador**, de Rodrigo Piovezan (coprodução L. C. Barreto, Filmes do Equador e Canal Brasil, 2016). Uma sugestão televisiva é a minissérie **Rondon, o grande chefe**, em cinco capítulos, produzida por L. C. Barreto e exibida pelo Canal Brasil em 2015.

• Guerra do Paraguai

Sobre a Guerra do Paraguai, também denominada Guerra da Tríplice Aliança, é recomendada uma consulta mais aprofundada a diferentes mídias, incluindo filmes, livros e peças teatrais. A seguir, apresentam-se algumas referências relevantes:

Filme

Guerra do Paraguay. Diretor: Rosemberg Filho. Produção: Cavídeo. Co-produção: Canal Brasil; Cafeína Produções; Link Digital; Eat Luis Carlos Ripper. Distribuidora: Livres Filme, 2016/2017. Duração: 80 min. Preto e branco.

Livros

Brasil e Paraguai: uma releitura da guerra, organizado por Fernando Tadeu de Miranda Borges e Maria Adenir Peraro (Cuiabá: FAPEMAT; EdUFMT; Entrelinhas Editora, 2012);

Guerra – 1: ofensiva paraguaia e reação aliada novembro de 1864 a março de 1866, de Beatriz Bracher (Rio de Janeiro: Editora 34, 2024);

Guerra do Paraguai: como construímos o conflito, de Alfredo da Motta Menezes (São Paulo: Contexto; Cuiabá: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 1998);

Candido Lopez: imagens da Guerra do Paraguai, de Franco Maria Ricci, com texto de Augusto Roa Bastos (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977);





A batalha do Avaí. A beleza da barbárie: a Guerra do Paraguai pintada por Pedro Américo, de Lília Moritz Schwarcz, Lúcia Klück Stumpt e Carlos Lima Júnior (Rio de Janeiro: Sextante Artes, 2013);

Adeus, chamego brasileiro: uma história da Guerra do Paraguai, de André Toral (São Paulo: Companhia das Letras, 1999).

Palestra online

A batalha do Avaí: uma pintura contemporânea do porvir, com Lúcia Klück Stumpt. MASP Palestras Online, 1:22:40, 20.03.2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cEYiNxCxppA>.

• Totó Paes de Barros

O massacre dos partidários do governador assassinado Totó Paes de Barros foi, durante muitos anos, objeto de apagamento histórico. Muito provavelmente, a motivação do silêncio nas narrativas tenha sido política, considerando a influência de Generoso Ponce e de seus partidários que, a partir de 1908, assumiram o poder. Entre os trabalhos que abordam o tema, destaca-se:

Publicações

Notas de um assassinato: a historiografia mato-grossense e a construção da memória política do governador Antônio Paes de Barros (1903-1906), de Gilmara Yoshihara Franco (*Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011);

Confrontos pelo poder: Cuiabá como palco das disputas políticas e o assassinato de Antônio Paes de Barros (1903-1906), de Gilmara Yoshihara Franco (*Monções – Revista do Curso de História da UFMS*, v. 3, p. 5, 2015);

A morte de Totó Paes: política no interior do Brasil, de Alfredo da Motta Menezes (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2022).

Documentário

Faroeste Cuiabano, disponível no perfil: <https://www.instagram.com/iaemcuiaba/>

• Violência urbana

Os índices de violência em Mato Grosso são assustadores. Algumas referências são essenciais para ampliar o conhecimento sobre o tema:

Publicações

Monumentos, catástrofes e narrativa urbana nas capitais do cerrado: Brasília, Cuiabá e Goiânia, de Kelly Cristina Pereira Gondim. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanidades da Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, 2018;

Marcus, Johnny. ***Beco sem saída: a chacina do beco do Candeeiro 20 anos depois***, de Johnny Marcus (Cuiabá: Umanos, 2022)

Documentário

Bixas pretas: entre o amor e os afetos, de Diego Cavalcanti. Trabalho de conclusão de curso do diretor, 2023.

Teatro

Bereu, uma realização da Associação Cultural Cena Onze, de Mato Grosso, dirigida por Flávio Ferreira. A peça aborda a cruel realidade da violência doméstica e exploração sexual contra as mulheres. Baseia-se no cotidiano de mulheres encarceradas, em geral, vítimas de companheiros violentos.

Todo mês sangra, espetáculo de dança-teatro do Teatro Experimental de Alta Floresta (TEAF), com direção de Clodoaldo Arruda. A peça, cuja protagonista ressignifica sua vida através de memórias, poesia e recortes, também aborda a violência contra a mulher.

• Conflitos fundiários

Para saber mais sobre a biografia e, principalmente, sobre a poética de Pedro Casaldáliga no violento contexto mato-grossense, indicamos a leitura de ***As Utopias e Resistências de Pedro Casaldáliga: escritos escolhidos*** (Carlini & Caniato, 2021), do pesquisador e escritor Edson Flávio Santos. Outro livro indispensável que documenta as disputas de terra e jazidas minerais em Mato Grosso é ***Morbeck: o caudilho do Garças*** (Ed. Rondonópolis, 2015), de Ailon do Carmo.



• Diversidade

Livros

Drag Queens: arte, cultura e sociedade, de Nelly Winter *et al.* (São Paulo: Umanos, 2024);

História LGBTQIAPN+, de John Andrews e outros autores, com tradução de Ana Rodrigues (São Paulo: Global Livros, 2024);

Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil, organizado por Paulo Souto Maior e Renan Quinalha (São Paulo: Editora Elefante, 2023)

Por fim, recomenda-se a consulta ao trabalho de Nelly Winter no *Drag Pod*, veiculado pelo Instagram: <https://www.instagram.com/nellywinteroficial?igsh=MWFucDh0c3BidzR1OQ%3D%3D>

• Artes Plásticas

No contexto temático deste capítulo, alguns artistas plásticos mato-grossenses merecem destaque. Gervane de Paula, artista conhecido nacionalmente pela contundência de suas obras, denuncia a sistemática destruição ambiental e injustiças sociais das mais diversas. No contemporâneo, Patty Wolf expressa o cenário de injustiça social contra a população negra e busca valorizar tradições afrodescendentes até então apagadas.

Obras infantojuvenis

Thehcitura de Paty Wolff. Cuiabá: Entrelinhas, 2021.

O livro é composto de linhas tracejadas que traduzem os usos dos fios em território indígena Nambiquara. De buriti no tear, no sahu (espécie de saco para carregar bebês no colo), de tinta no caderno, de látex no tronco da seringueira, de picadas nas estradas, de fios no telégrafo, de aço nos correntões, de piche e outros nos asfaltos e de arame nas cercas que limitam propriedades e, subliminarmente, abordam os conflitos pela terra.



Jeri Kurireu: o menino que se reinventou, de Daniela Freire e Danieli Dias (Cuiabá: Entrelinhas, 2017). Narra a história do Marechal Rondon, nascido em Mimoso, desde a infância, passando pela juventude quando ingressou no serviço militar e foi estudar no Rio de Janeiro, até o regresso, como líder de uma expedição que adentrou o sertão mato-grossense para instalar linhas de telégrafo e mapear a região. O livro se encerra enfatizando a relação estabelecida com os indígenas da nação Bororo, com a participação na expedição norte-americana enviada pelo presidente Roosevelt e sua morte, com o corpo debilitado por sucessivas doenças tropicais como a malária. O livro também destaca a participação de Rondon na criação do parque do Xingu concretizada depois da sua morte e sua personalidade humanista.

• Sites

Associação da Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Mato Grosso:

<https://www.instagram.com/paradamt/>

Instituto Banco Vermelho pelo feminicídio zero:

<https://institutobancovermelho.org.br/>

Ministério Público de Mato Grosso. Observatório Caliandra:

<https://caliandra.mpmt.mp.br/>

MT Queer. Coletivo LGBTQIAPN+:

<https://www.instagram.com/mtqueer/>



CAPÍTULO 5

CUIABÁ: UMA IMAGEM HEGEMÔNICA



Civilização cuiabana?

Cuiabá é um dos temas mais importantes da literatura produzida em Mato Grosso. Muito embora a cidade não tenha sido a primeira capital, foi nela que se reuniram todos os elementos necessários para consolidar sua própria imagem artística como hegemônica na literatura mato-grossense. A geografia literária mato-grossense concentra-se em Cuiabá, ainda que haja ocorrências em Corumbá, Cáceres, Campo Grande e outras cidades, em proporção menor que a da capital.

De início, é indispensável relembra alguns momentos decisivos do nosso itinerário histórico. O primeiro deles é a própria fundação nos moldes coloniais, em 1719, e a produção da documentação oficial, além das impressões escritas dos cronistas e viajantes. Nessa época, a correspondência oficial, incluindo os relatórios das autoridades nomeadas pela Coroa Portuguesa, partia de Vila Bela da Santíssima Trindade, então capital de Mato Grosso.

Trata-se de uma literatura *sobre* a região. Apontamentos sobre a geografia local, notas sobre a população indígena, relatos informativos de governantes e pesquisadores, diários do avanço português em terras espanholas. Enfim, há um conjunto substancial de escritos cujo enfoque é descritivo e informativo, não sendo propriamente literário, como vimos nos dois primeiros capítulos.

Nesse momento inicial, a relevância da escrita liga-se aos registros dos colonizadores. Eram eles os letrados, os que dominavam a escrita e, portanto, expressavam sua própria perspectiva da realidade, um contexto

muito diferente do que estavam habituados na Europa. Por outro lado, um número expressivo de povos indígenas que habitavam a região há séculos cultivava a tradição oral, conjunto cultural quase todo desprezado e aniquilado à força pelos invasores de seus territórios ancestrais.

Mesmo que a capital tenha sido Vila Bela da Santíssima Trindade até o ano de 1835, para Cuiabá afluíram burocratas, garimpeiros e comerciantes, alguns dos quais deixaram registros indispensáveis que influenciaram a literatura tempos depois. Como veremos, a estrutura da cidade no século 18 era rudimentar: casas de taipa com cobertura vegetal, pequenos roçados, criações que mal davam para alimentar os próprios moradores.

A vila está situada da mesma parte direita e lançada por um córrego acima entre os morros; tem só oito ou nove casas de telha, entre as quais a melhor a que foi do General Rodrigo César; as mais são ainda de capim, mas com o serem assim se não vendiam quando cheguei por mais pequenas que fossem, por menos de 400 a 500 oitavas cada uma, e as que tinham mais alguns cômodos chegavam a 700; porém daí a dois anos a vi vender a quarenta e cinquenta oitavas; quando a não desamparavam os donos que vinham para o povoado; o mesmo sucedeu às roças, que pedindo por algumas, quando fui, a três e quatro mil oitavas, as venderam ao depois por cinquenta e cem, e muitos as abandonaram os donos retirando-se para S. Paulo.

(Camelo, João Antônio Cabral. *Notícias práticas das Minas do Cuiabá*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2022, p. 20)

Ainda no final do século 18, ultrapassados os desafios para fixar o primeiro fluxo migratório, o processo de escrita deu-se *a partir* da cidade. Noutras palavras, os encarregados da administração produziram, em Cuiabá, atas, cartas e relatórios, um conjunto escrito de caráter quase sempre oficial e informativo. No entanto, depois do primeiro século de existência, esses registros passaram a ser realizados por letrados da própria cidade, fato que molda a percepção da cidade, sobretudo do ponto de vista afetivo.

Além disso, Cuiabá observa, no século 19, a formação de uma *sociedade tradicional*, organizada a partir de gerações de migrantes. Em geral, as

melhores habitações ficavam concentradas no *centro* da cidade, enquanto a população pobre, quase sempre oriunda da miscigenação, habitava núcleos urbanos periféricos. De qualquer forma, pode-se afirmar que a comunidade letrada era modesta, composta de chegantes ou dos filhos de famílias que poderiam arcar com os estudos fora de Mato Grosso, em geral, no Rio de Janeiro ou em São Paulo.

A vila sertaneja

E assim avultou o arraial que, a 1º de janeiro de 1727, já recebia do capitão general Rodrigo César de Menezes as insígnias de vila, sob o orago de Nosso Senhor do Bom Jesus de Cuiabá. Separado de S. Paulo por mais de 500 léguas de deserto hostil, espelhava a audácia bandeirante de que gerou. Desabrochara, de improviso, no recesso dos sertões, feito centro irradiador de energia, que distenderia as extremas portuguesas até o vale guaporeano. Livre de cogitações estéticas, que exigiriam ambiente mais sereno e propício, o seu casario surgira atabalhoadamente, adstrito às conveniências do menor esforço.

Centralizado pelas lavras do Sutil, espraia-se pelas margens do córrego da Prainha, ao local onde a pia iniciativa de Jacinto Barbosa Lopes erigiu, colmada de palha, no próprio ano de 1723, a igreja do Senhor Bom Jesus, toska ancestral da Matriz de hoje.

O observador que, do alto do morro do Rosário, olhasse para o poente, lobrigaria, pela clareira aberta na mata, ladeira abaixo, a confusão de colmos de capim e folhas de palmeiras, em que se abrigava aquela gente, fadada a relevante missão histórica (p. 141).

(Corrêa Filho, Virgílio. *Monografias Cuiabanas*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2002, p. 141)

Como afirmamos anteriormente, em 1919, 200 anos após a fundação da cidade, Cuiabá era uma capital relativamente distante dos grandes centros urbanos brasileiros, muito embora a elite mandasse os filhos estudar fora. Contando com uma imprensa efervescente, a intelectualidade reuniu-se em duas instituições decisivas para o fomento cultural: o Instituto Histórico e

Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), fundado em 1919, e a Academia Mato-Grossense de Letras (AML), criada em 1921. De tão marcantes que foram e ainda são essas duas instituições, é possível apontá-las como marcos de uma nova fase literária.

Vale lembrar que, antes do IHGMT e da AML, os periódicos (jornais e revistas) encarregavam-se de publicar textos literários. Ainda no século 19, alguns romances foram produzidos por escritores que viviam em Mato Grosso, quase sempre publicados fora do estado. Em Cuiabá, havia poucas bibliotecas, organizadas a partir de acervos particulares que se constituíam em clubes de leitura.

No entanto, com a circulação das revistas do Instituto e da Academia a partir do século 20, os escritores aproveitaram do convívio intelectual e se estimularam mutuamente a produzir mais literatura. E o veículo que encontraram para publicar dramaturgia, poemas, crônicas e discursos foram as revistas dessas duas instituições culturais. Veremos que na Casa Barão de Melgaço se estabeleceu uma certa “tradição” relativa à escolha de temas e à forma de narrar.

No início do capítulo, apontamos Cuiabá como um dos temas centrais da literatura mato-grossense. Como a cidade aparece? Em que tempo? Quais os cenários? Quem são as personagens? Ao ler a produção literária, é possível perceber algumas recorrências que consolidam determinadas imagens. O estilo romântico prevaleceu nos textos, sobretudo porque se concentram no subjetivismo amoroso, de um lado, e na grandiloquência patriótica, de outro.

A cidade de Cuiabá é retratada como centro de convergência racial, um *encontro* entre os bravos indígenas da região e os intrépidos bandeirantes paulistas, ocasião em que se opera uma “fusão” entre dois segmentos igualmente poderosos. Por outro lado, a cidade é considerada como a “mãe” das outras, um centro irradiador de *civilização*, em que os costumes urbanos refinados serão responsáveis por elevar a região a outros patamares de desenvolvimento.

É essencial destacar quem escrevia e para quem. Essas indicações necessariamente levarão a outras: qual recorte urbano serviu de cenário, que estética literária predominou, como se caracterizavam as personagens, que

tipo de narrativa e de imagens foram produzidos. É importante relembrar que os autores decidem sobre o que escrever e sob qual perspectiva. Por isso, ao percebermos a repetição de uma determinada imagem, local ou segmento social, nossa atenção deve ser redobrada.

Nas primeiras décadas do século 20, a população letrada de Cuiabá – já consolidada como capital do estado – não era expressiva. Os intelectuais formavam-se nas faculdades do Rio de Janeiro e de São Paulo, em geral. Retornavam para Mato Grosso e eram nomeados para cargos públicos de alta posição social, situação privilegiada que formou o nascente segmento intelectual e literário, em particular.

Assim, tanto escritores quanto leitores formavam uma elite intelectual. A estética literária que melhor unia escritores a leitores era o Romantismo na prosa e o Parnasianismo na poesia-. Lembremos que, em todo o território nacional, a influência de José de Alencar foi decisiva para os prosadores, e a de Olavo Bilac, para os poetas. O gosto brasileiro foi adaptado a Mato Grosso.

Dois dos autores mais importantes para a consolidação da imagem de Cuiabá como centro civilizatório em meio ao sertão brasileiro foram Francisco de Aquino Corrêa e José Barnabé de Mesquita. Nos primeiros capítulos, adiantamos a importância dessa dupla de intelectuais. O primeiro deles, além de arcebispo, assumiu o governo do estado em meio à turbulência política que antecedeu a sua administração. D. Aquino admirava o Parnasianismo e influenciou muitos escritores com a tônica regionalista e moralista de suas obras e discursos.

A Cidade Verde

[...]

Sob os flabelos reais de mil palmeiras,

Tão verdes, sobranceiras

E lindas como alhures não as há,

Sobre alcatifas da mais verde relva,

Em meio a verde selva,

Eis a “cidade verde”: Cuiabá! (p. 48)

(Corrêa, D. Francisco de Aquino. A cidade verde. In: *Terra natal*. Obras completas. Poética. Vol. I, Tomo II. Brasília: Editora do Senado Federal, 1985, p. 48)

A movimentação de D. Aquino Corrêa é fundamental para entender como foi estruturada a tradição literária mato-grossense. Antes de governar Mato Grosso entre os anos de 1919 e 1922, o arcebispo já gozava de alta popularidade. Estudou em Roma e retornou para Cuiabá não só para se dedicar às obras da igreja católica, como para participar de movimentos intelectuais. Foi nesse meio letrado que Aquino prescreveu sua fórmula: usar a estética romântico-parnasiana para cantar a terra natal.

Cuiabá

Lá no meio da selva verdejante
Num pedaço de terra solitária,
Banhada pelo sol fulvo e cantante,
Existe uma cidade legendária....

É a bela Cuiabá, bicentenária
Que tem o pedestal de ouro ofuscante,
Onde chegou o bravo bandeirante
Em busca de riqueza extraordinária.

Oh! Cuiabá das lendas brasileiras
Foste o sonho de glória das bandeiras
Eldorado de luz e de bonança.

O teu futuro está profetizado:
Foste a cidade de ouro no passado.
És a Cidade Verde na Esperança.

(Corrêa, D. Francisco de Aquino. *Terra natal*. Obras completas. Poética. Vol. I, Tomo II. Brasília: Editora do Senado Federal, 1985, p. 51)

Já Mesquita foi fundador da Academia Mato-Grossense de Letras, tendo ocupado a sua presidência por 40 anos consecutivos (1921-1961). O jovem escritor formou-se em Direito na faculdade de São Paulo e, ao retornar, ocupou diversos cargos públicos, chegando ao desembargo, segunda instância do Poder Judiciário. Sua influência social confundia-se com a literária e, por isso, foi reconhecido em vida como o maior incentivador da cultura mato-grossense.

A admiração que os escritores nutriam pelo primeiro Presidente da AML os influenciou esteticamente. Como projeto literário, tanto Aquino quanto Mesquita defenderam a ostensiva apresentação das belezas de Mato Grosso, além de sugerir que o estado era uma terra de oportunidades e que, no futuro, poderia se tornar o celeiro do mundo. Essa dupla visão de mundo incentivou os escritores a produzir poesia e prosa voltadas tanto para idealizar um passado glorioso quanto para projetar um futuro próspero.

Em Mesquita, reúnem-se imagens que constituíram a literatura mato-grossense por mais de um século: o cuiabano como herdeiro da fusão racial entre bandeirantes e indígenas e Cuiabá como padrão civilizatório para as outras cidades. A exaltação liga-se à receptividade cuiabana, ao apego à religião e ao aspecto comunitário da vida urbana, tudo encenado na geografia afetiva um tanto idealizada.

Civitas Mater

A Cuyabá

Meu carinho filial e meu sonho de poeta
vêm-te, ó doce cidade ideal dos meus amores,
em teu plácido valle, entre collinas, quieta,
como um Éden terreal de encantos seductores

Tuas várzeas gentis estrelladas de flores
sagram-te do sertão a Princesa dilecta
e o sol te elege, quando, em íris multicores,
na esmeralda dos teus palmares se projecta.

Nenhuma outra cidade assim à alma nos fala.
Dos teus muros senis a tradição se exhala
e a nossa Historia inteira em teu brasão reluz.

Ainda hoje em teu ambiente, ó minha urbe querida,
paira dos teus heróis a sombra estremecida
— nobre Villa Real do Senhor Bom Jesus!

(Mesquita, José de. *Terra do berço*. Cuiabá: Escolas profissionais salesianas, 1927, p. 18)

O “carinho filial” pela cidade denota a ideia de maternidade assumida por Cuiabá, em detrimento de cidades do interior, consideradas como satélites. Mesquita traça equivalências com o paraíso bíblico, livre de sofrimento. A capital afigura-se perfeita, enaltecida com aspectos transcendentais. A retrospectiva idealizada atende ao patriotismo tão em voga na época e, ao mesmo tempo, há adesão à métrica rimada, uma tendência estética apreciada pelo público leitor. O binômio tema/forma foi reprisado por muitas décadas.

É importante destacar que o projeto literário tanto de Corrêa quanto de Mesquita acolhia a tendência, comum na época, de mimetizar autores europeus. O cenário dos textos públicos na imprensa mato-grossense deslocava o leitor para o passado grego ou para a realidade parisiense. A guinada regionalista deu-se com a ação marcante de Corrêa, arcebispo de Cuiabá, e com a influência intelectual de Mesquita. Com eles, a temática foi deslocada para a realidade local.

Um dos exemplos da expressão literária anterior à tradição regionalista que constituiu a base da literatura produzida em Mato Grosso é *Mirko* (1927), romance de Francisco Bianco Filho. A história trata do amor entre o filho de um proprietário rural e uma jovem do Rio de Janeiro, então capital. O enredo desenrola-se em um cenário que alterna o campo, apresentado como um paraíso, e a cidade, com sua efervescência sofisticada.

Em magnífico salão realiza-se deslumbrante sarau. Grandes espelhos cobrem-lhe as paredes. Majestosas colunas os ladeiam, adornadas de flores, que em réstias vivazes se exalçam do verdor grandioso das avencas. Açaфates de cravos e rosas pendem esplendorosos pelos cantos.

E uma orquestra rompe os tangos palpitantes, movimentando, como que ao toque da varinha mágica, a multidão que ali fervilha numa catadupa de sorrisos e vozes descontraidas.

O violino magistral, suavizando o aspecto turbulento, vibra como esperanças nos corações que se unem e inflama o ardor que se entrelaçam. Tão tóxico o maxixe a despertar sensualismo, tão cômico o charleston dos folgazões yanckes, quão sentimental o tango dos passos lentos e

deliciosos gestos, que nos enleva e seduz ao contato de um corpo, na transfusão sublime do calor de uma mocidade feminina.

(Bianco Filho, Francisco. *Mirko*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; Unemat, 2008, p. 52)

Como é possível notar, as referências de Bianco Filho são estrangeiras, marcadas pelos adjetivos grandiloquentes. Nos salões cariocas, frequentados pela sociedade refinada, costumes estrangeiros são caracterizados como frívolos e sensuais. A composição das personagens também apela aos marcadores externos. É interessante destacar o padrão de comparações que Bianco Filho estabelece ao descrever Leda, uma personagem coadjuvante no romance:

Pernas estendidas, a curva voluptuosa de um quadril de Vênus, cintura esbelta, seios que mais parecem ânforas de sagrados filtros, colo esplendoroso, lábios de sangue, braços de impecável torneio, perfume afrodisíaco a trespasar da pele, tudo se apresenta a Mirko, já sem alma e raciocínio, como a tentação de um prazer infernal.

(Bianco Filho, Francisco. *Mirko*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; Unemat, 2008, p. 88)

Mirko, o protagonista do romance homônimo, apresenta-se como herdeiro das qualidades inatas do povo rural, ingênuo, honesto, corajoso. O sertanejo é descrito como o legítimo representante da miscigenação, um encontro de qualidades. Bianco Filho estabelece ligações entre essas qualidades do jovem com padrões europeus para destacá-las.

Vibra-lhe a alma aos arroubos da poesia, tornando-se escravo do belo e do sublime. Concebe em pensamentos ritmados a perfeição das formas como as cinzelou Phidias no Parthenon.

Entusiasma-se pelos castos sorrisos das Madonas de Sanzio e freme voluptuoso ante a plástica de um l'amore impuro da palheta de Ticiano.

E um soerguer perene de castelos de amor e de aventuras, metamorfoseia-se no Athanael profano a visionar em sonhos a carne e a beleza.

Mirko não chegou aos dezoito anos. E aos dezoito a vida é uma sinfonia exótica de sonhos e incertezas, de esperanças e desejos, de visões e de quimeras, em que tudo seduz, vibra e confunde, pela inexistência da realidade cruel que nos reserva no decorrer dos anos o insondável destino [...]

(Bianco Filho, Francisco. *Mirko*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; Unemat, 2008, p. 37)

E a linguagem? O que podemos falar sobre ela? Não é coincidência que, nesse período, haja referências acentuadas à cultura europeia. Mesmo que o autor narre a história de um sertanejo no interior de Mato Grosso, as menções ao clássico grego e outras referências externas são evidentes. Era assim devido à limitação do público-leitor, em geral formado por uma classe letrada da elite regional.

Academia de Letras: um passo decisivo

Antes da consolidação de uma nova tradição literária em Mato Grosso, preocupada em descrever a geografia e exaltar tipos regionais, diversos escritores dialogavam com padrões europeus de literatura, o que invariavelmente não provocava identidade com o público leitor. A busca pela brasilidade em todas as regiões do país pressionou por um novo conjunto temático a ser incorporado na literatura. Em Mato Grosso, esse programa intelectual partiu principalmente de dentro da Academia Mato-Grossense de Letras, por influência de D. Aquino Corrêa e de José de Mesquita.

Já no 1º número da *Revista do Centro Mattogrossense de Letras*, foi publicado o discurso de D. Aquino, então presidente do Estado de Mato Grosso e membro da agremiação de intelectuais. O arcebispo prevê qual seria o objetivo central da publicação: “Esta revista será o vehiculo das nossas idéas. Si estas são ou não grandiosas, o leitor podel-o-á julgar pelo texto dos nossos estatutos. Órgão do Centro Matto-Grossense de Letras, a revista tem definido o seu programma do próprio centro”.

No mesmo discurso, o presidente de honra chama atenção para a questão geopolítica como motivação central para uma guinada na temática literária: “Mas, lá fora, Matto-Grosso é apenas ‘uma expressão geographica’ para os que estão ainda nas faixas do A B C. Para taes espíritos esta Revista será uma revelação. Revelação de que aqui se pensa, aqui se lê, aqui se escreve alguma coisa” (*Revista do Centro Mattogrossense de Letras*, ano 1, n. 1, Cuiabá, jan. 1922).

Noutras palavras, para D. Aquino Corrêa, era essencial que os leitores de grandes centros intelectuais brasileiros soubessem que, em Mato Grosso, havia uma expressão literária considerável. A recomendação de ambientar prosa e poesia no cenário mato-grossense gerou o engajamento dos demais escritores, que se empenharam na tarefa. Entre outros temas, a referência a Cuiabá passou a figurar como presença obrigatória na literatura produzida no estado, em substituição às referências anteriores.

Entretanto, essa nova tradição literária tem suas limitações. Considerando a idealização romântica da época, é possível deduzir dois apontamentos interessantes: o primeiro deles é o proposital desaparecimento dos conflitos sociais dos textos literários; o segundo, o apagamento da população de escravizados africanos e seus descendentes que afluíam para a cidade. Cuiabá é revelada, portanto, de forma dúbia. Se a capital é o “berço” da tradição, líder de uma hierarquia de costumes urbanos, também deveria sediar o processo de desenvolvimento e modernização de Mato Grosso. Como apontamos no capítulo anterior, o binômio tradição e modernidade perpetua-se no século 20.

Em diversos textos literários, o cuiabano é afável, amistoso, bem-humorado. As personagens são ingênuas e austeras. Ligado à família e às festas locais, quase sempre religiosas, o tipo construído pela literatura procura o lúdico na paisagem urbana: praças e coretos, ruas e becos, árvores e quintais, igrejas e clubes. A geografia urbana sentimental divide atenção com o rio, o luar, as frutas regionais. Completando o panorama, histórias de assombração, casos pitorescos e crônicas memorialistas são objeto da narrativa ambientada na capital, que, até então, era objeto da oralidade – histórias contadas de geração em geração.

Dona Ruiva

Mas o clímax de sua arte de contar histórias estava nos contos de assombração. Casos de criancinhas sem batismo que choravam na hora da meia-noite, perdidas no limbo, enterradas do lado de fora do cemitério; o marido lobisomem que atacou a mulher em noite de lua e, no dia seguinte, na hora do café, apareceu com fiapos na baeta vermelha do xale entre os dentes; o Tibanaré, alma penada que dá um assobio fininho, de fazer gelo na espinha dos meninos que andam altas horas nos caminhos desertos.

Ela mesma havia presenciado coisas. Tinha morado na beira do córrego da Prainha, lugar de poucos moradores. Alta noite começavam rumores no casarão; primeiro um entrechoque de elos de ferro, em que se adivinhavam escravos culpados, arrastando correntes; depois começava a conversa, em voz surda, num português estropiado. Negros gungunavam até de madrugada, contando dinheiro, moedas tilintavam. E ela que conhecera escravos, compreendia trechos de conversa, pedaços de diálogos, aqui e ali... Rezava então. Rezava e não tinha medo. Muito diferente do irmão, corajoso para outras cousas, mas que, certa vez, se fora de porta afora, jurando nunca mais dormir no casarão mal-assombrado.

Mais raramente cantava. Velhos compassos de modinhas imperiais que falavam em maridos ciumentos, pagando valentes para seviciar os seresteiros que tinham a má sorte de abrir o peito junto à janela onde poderia debruçar-se a esposa do ferrabrás. Que eram bárbaros esses nossos antepassados (p. 175/176).

(Proença, Manoel Cavalcanti Proença. *No termo de Cuiabá*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1958, p. 175-176)

No século 20, o leitor poderá observar o tom de nostalgia com o qual os escritores se referem à cidade, outra característica do Romantismo predominante. Em geral, os textos estão carregados de lembranças da infância perdida, de lugares tradicionais modificados pela modernidade, de personagens históricos já falecidos. Nesse contexto, a cidade do início do século ficou cristalizada na memória das gerações de escritores que experimentaram vários estilos diferentes.

O que se narrou no século 20? Sobre Cuiabá, os textos revelam uma vida de comunidade cuja reciprocidade é fundamental. As personagens, ligadas às tradições urbanas e/ou ribeirinhas, registram com pesar as transformações urbanas. Daí que, em boa parte da produção literária mato-grossense, o tempo narrado é demarcado no passado remoto dos bandeirantes ou, ainda, ambientado num meio urbano acolhedor, quase idílico.

Constituiu-se, dessa forma, uma tradição do olhar retrospectivo. O presente é percebido com pessimismo. Os autores retratam a cidade como vítima do crescimento desordenado, da poluição ambiental e, sobretudo, do desamor da população contemporânea pelas tradições esquecidas ou em desuso. O processo de urbanização acelerada, resultado de fluxos migratórios, assume o papel de corruptor das antigas tradições, da cartografia afetiva, das lembranças perdidas.

Uma das poucas exceções ao estilo grandiloquente do Romantismo consolidado em Mato Grosso no século 20 foi o poeta corumbaense Lobivar Matos, mencionado no capítulo anterior. Em sua obra, a cidade não é festejada por suas belezas, nem exaltada pelo passado. Influenciado pelo estilo modernista que ganhava prestígio no Brasil, Lobivar elegia temas populares, ligados à periferia. Mendigos, lavadeiras, prostitutas, operários, são as personagens que pouco lembram o *refinamento civilizado* tão presente nos textos da época.

Beco sujo

Beco estreito,
beco sujo.

O vento está soprando o único lampeão
que continua aceso.
O vento não gosta da luz
e quer apagar a lua que se estirou molenga
no silêncio da noite.

Sombras esguias, sombras frouxas,
são cabides para os meus sentidos assustados.

Passa uma mulher magra que é esqueleto só.
Atrás dela vem um cabra danado,
zigue-zagueando,
desenhando linhas curvas,
tropeça aqui, agarra lá
– Psiu!... Psiu...
– Vá para o inferno, peste!

Passa uma cadelinha sardenta correndo
e atrás um “vira-lata” latindo

Lá adiante, no fim do beco,
um cachorrinho-chorado
tá dizendo que há um samba gostoso,
que a tristeza virou alegria,
que a carne não tem cor.

Sururú. Siriri. Chorinho-chorado.
Sala cheia.
Lampeões enforcados em cordas de fumaça.
São Benedito no altar.
Negro só:
soldados de polícia, marinheiros,
gente do povo, gente simples, gente boa.
Caninha, corre roda, não para, para que parar?

– O chorinho vai pegar fogo, negrada!

O rio Cuiabá está quieto, encolhido,
assustado com a alegria daquela gente triste.
Sento-me numa pedra à beira da água
e o chorinho-chorado me sacode os nervos
e eu me sinto mais bêbado
que aqueles negros que clamam sem sentir,
que gritam sem saber (p. 93-94).

(Matos, Lobivar. In: Mendonça, Rubens de. *Poetas Mato-grossenses*. Cuiabá: edição do autor, 1958, p. 93-94)

Salvo raras exceções, era francamente minoritário o olhar dos escritores voltado para as cidades do interior e, mesmo em Cuiabá, para a população pobre de periferia. Sobretudo em momentos históricos em que várias culturas se encontraram, a literatura regional concentrou-se na reafirmação de temas e formas que consolidassem as imagens da cidade bucólica e civilizada que era a capital. Onde estão as cidades cuja fundação é contemporânea à de Cuiabá? Os autores, inclusive os do interior, miraram quase que exclusivamente na capital mato-grossense e na suposta irradiação de cultura e de prosperidade.

Ainda assim, pode-se constatar uma abordagem literária bastante ambivalente. Se, de um lado, Cuiabá representava a vida interiorana, ingênua e autêntica, de outro, a capital precisava ser retratada como polo de erudição, refinamento, sofisticação. Com o fluxo migratório (sobretudo da região Sul do estado), os escritores voltaram a cultivar antigas idealizações, escrevendo crônicas nos jornais locais. Um dos mais reconhecidos intelectuais da época era Gervásio Leite. No livro *Terra agarrativa e linda*, reuniu diversas crônicas com a finalidade de reforçar o sentimento triunfante do nativismo cuiabano.

Rapsódia da Terra do Berço

Cuiabá ficará! Ela não será vencida pela indiferença de alguns de seus filhos, nem pela ferocidade de seus detratores.

Plantada em meio da virgem mataria cheia de índios ferozes ela suportou dias de terríveis misérias quando a ronda das pestes, a cegueira das guerras e a violência das revoluções povoaram as suas ruas de angústia, dor e morte. Ela vem resistindo há mais de dois séculos, os índios tocando às suas portas, as tubas das guerras, os furores das arruaças sangrentas e os horrores dos pronunciamentos coletivos.

Ela reproduziu o milagre da vida e enterrou os seus cadáveres no seio de sua terra maternal para guardá-los para a eternidade.

Ela venceu os caudilhos, barrou a fúria estrangeira, esmagou a ganância dos dilapidadores, os que roubavam na vida de seus filhos o sangue de

suas veias, os seus inimigos gratuitos e nem por isso menos cruéis. E, flor da civilização, aberta no seio da mata imensa, aqui ficou nostalgicamente esquecida.

Ela ficará como um marco do passado plantado no coração do tempo, como a lembrança do presente para a memória do tempo, como um fanal de luz a nos guiar para o futuro.

Por suas vielas troaram as botas andejas dos bandeirantes. Por suas ruas andou a figura piedosa de D. José alçando a cruz do Senhor para aplacar a fúria dos homens. Leverger andou por aqui!

Nossos antepassados respiraram este ar, netos dos nossos netos andarão por aqui. Ela não morrerá porque, como disse Coulanges, o passado “não morre nunca completamente para o homem”.

“Terra do berço! Terra agarrativa e linda” (p. 22).

(Leite, Gervásio. *Terra agarrativa e linda*. Goiânia: Editora Gráfica Cinco de Março, 1969, p. 22)

Uma outra anotação sobre o conceito-chave de *cuiabanidade*: devemos lembrar dos escritos de Lenine Póvoas, um intelectual importante que ocupou uma posição de prestígio na sociedade mato-grossense. Em seu livro *Cuiabanidade*, Póvoas se esforça para definir o sentimento que inspirou gerações de escritores. Na obra, a retórica do autor pretende se afastar da mentalidade bairrista, defendendo a posição de Cuiabá como líder do processo de modernização, longe do rústico provincianismo pelo qual não aceitava ser definida. O aspecto comunitário, quase familiar, é justificado pelo autor como resultado do isolamento histórico, responsável pela formação de uma sociedade com características especiais.

Pelo que tenho visto, pretendem alguns interpretar por “cuiabania” um presumível posicionamento bairrista dos cuiabanos, com características de segregação grupal, de hostilidade aos que vêm de fora e com objetivos de conservar intocáveis alguns hábitos e maneira de falar.

Se alguém pensa que isso existe, deve estar vivendo em outro planeta (p. 5).
[...]

Para nós, CUIABANO não era apenas o que nascia na nossa cidade, mas também aquele que aqui se estabelecia, com “ânimo definitivo”, compartilhando conosco das dificuldades da vida de uma urbe tão isolada e tão distante dos grandes centros do país e desfrutando conosco das delícias de uma comunidade solidária e hospitaleira.

Os estrangeiros que no século passado e no atual vieram para Cuiabá de tal forma integraram-se ao meio social que se sentiram como se pertencessem a uma só família (p. 7).

(Póvoas, Lenine de Campos. *Mato Grosso: um convite à fortuna*. Rio de Janeiro: Guavira Editores Ltda, 1977)

Uma das escritoras mais importantes de Mato Grosso no século 20 foi Maria Benedita Deschamps Rodrigues, mais conhecida como Dunga Rodrigues. Além de compositora, professora de francês e de piano, Dunga foi a primeira mulher a publicar um romance.

A história de Marphysa, jovem cuiabana que representa a própria cidade, retrata seu envolvimento com um “pau-rodado” – termo usado à época para designar o migrante e que será retomado no capítulo sobre fluxos migratórios – retratado como golpista. Filha de família tradicional, ela não percebe as intenções do noivo de ingressar na sociedade cuiabana a fim de aplicar golpes financeiros. O desfecho é esperado: Marphysa distancia-se da cidade, vivendo um exílio repleto de nostalgia

PAU-RODADO, UMA ALCUNHA XENÓFOBA

O termo “pau-rodado” é designativo de pessoas que nasceram fora do estado de Mato Grosso, mas que fizeram de Cuiabá seu local de moradia. Estabelece uma alegoria pejorativa entre migrantes e galhos de árvores que descem a correnteza dos rios e empacam em suas margens. A constância do emprego dessa expressão na linguagem regional ocasionou, em 2023, a criação do “Dia do Pau-Rodado”, comemorado em 10 de novembro, data do falecimento de Pascoal Moreira Cabral Leme, bandeirante paulista que

chegou em Mato Grosso em 1718, com o objetivo de escravizar indígenas “Coxiponês”. A lei tem como proposta dar outro significado ao termo, isto é, tratar os migrantes de forma mais respeitosa. Não se afastando de sua significação, “Pau-rodado” nomeia composições musicais, festivais, pratos e petiscos da culinária cuiabana.



Tal como faz José de Mesquita no romance *Piedade* (1937), história de um matrimônio cuiabano que tem desfecho dramático, Dunga Rodrigues apresenta uma boa oportunidade de reconstituir o cotidiano da capital do início do século 20. Esse recorte histórico demarca o que ficou cristalizado na literatura mato-grossense como uma “*belle époque*” cuiabana, período em que a cidade passou por reformas de embelezamento nos mesmos moldes de Paris e do Rio de Janeiro.

A cidade de Rodrigues é um fervilhante centro de atividades, incluindo aí o cultivo do piano e das línguas estrangeiras. As famílias tradicionais, consorciadas pelo parentesco ou casamentos recíprocos, reúnem-se nas casas e chácaras, formando uma comunidade em que os filhos enamoram-se. Exceção à regra foi *Marphysa*, cujo drama pessoal enseja a observação sobre a perspectiva local do fluxo migratório que se verificava na época.

Um dos aspectos interessantes do romance é o retrato da vida íntima, uma das raras oportunidades de ocorrência do tema na prosa mato-grossense. Em geral, os escritores registravam a vida pública de Cuiabá, as touradas, festas de santo, passeios na praça, em teatros e cinemas. Embora a protagonista de Rodrigues esteja ambientada nesse mesmo universo regional, a escritora optou por desnudar a intimidade de uma família cuiabana, seus hábitos e formas de perceber o momento histórico.

Passear de ônibus, do Porto à Cidade, é programa para quem nunca viajara nem vira coisa melhor. Os seus divertimentos se limitaram à retreta no Jardim Alencastro, às quintas e domingos, quando a banda se instalava no coreto, com programas de valsas sentimentais e ragtimes, ou alguma

sessão de cinema no barracão de zinco, onde hoje se situa o Banco do Estado. Às vezes, porém, ela pensava que não pagava a pena se enfasiar toda, para assistir àqueles filmes tão arrebatados, que até se perdia o fio do enredo (p. 89).

[...]

Dizem que certos pássaros, pressentindo o término de suas vidas, correm ou voam para a terra de origem, onde viram a primeira luz do dia. Este pressentimento teria movido Physinha, hoje Consuelo, a largar tudo, filhos, netos, convívio de amigos, conforto de um palacete de doze quartos, dois vastos salões, jardins e piscinas, para se instalar no meio do mato aqui em Cuiabá, numa casa nova e de relativo conforto, mas um casebre, em comparação com a sua moradia de casa do bairro grã-fino do Carrasco (p. 198).

(Rodrigues, Dunga. *Marphysa* (ou o cotidiano de Cuiabá nos tempos do Candimba, das touradas do Campo D'Ourique e das esmolas do Senhor Divino). Brasília: Senado Federal, 2022)

A escritora Vera Randazzo, oriunda de outro estado brasileiro, alinhou-se à tradição regionalista da literatura mato-grossense. Talvez por isso, foi uma das poucas mulheres que ingressou na Academia Mato-Grossense de Letras nos primeiros 75 anos de sua existência.

Em sua obra, composta sobretudo de crônicas, contos e poemas, Randazzo cria tipos ingênuos ligados à terra. O tema central são os costumes cuiabanos, a riqueza natural, a paisagem urbana ou ribeirinha.

Maria não é nada bonita, tem o rosto muito largo e os olhos pequenos, muito perto um do outro. E as pernas grossas são curtas demais.

Mas quando desce o barranco com um pote de barro na cabeça e as ancas de lá para cá, daqui para lá, há alguém que sentado numa canoa no meio do rio, fica todo perturbado e dando um suspição e uma cusparada de lado, diz:

— Êta Cuiabá, danado de bom. Vote!

E não tem tempo para dizer mais nada porque um safanão na linha o avisa que pegou outro peixe.

Lá pelas tantas, puxa a pedra que serve de poita, recolhe a linha, dá mais uma olhada comprida para o lado do rancho de Maria, e remando vagorosamente, volta para casa.

Madrugadinha tem que ir à cidade vender umas cambadas fresquinhas e voltar ligeiro (p. 256).

(Randazzo, Vera. In: Amália Verlangieri; Arlinda Morbeck; Vera Randazzo. *Vozes Femininas*. Cuiabá: Academia Mato-grossense de Letras; Unemat, 2008, p. 256)

Pela importância dos periódicos, a crônica é o gênero que prevaleceu na escrita mato-grossense. Os jornais publicaram uma substancial quantidade desse estilo literário. Tratavam, sobretudo, da imagem da capital. Um dos mais ativos cronistas da cidade foi Octayde Jorge da Silva, que também exerceu a direção de uma instituição de ensino importante para a formação cuiabana, a Escola Técnica Federal (ETF), depois transformada em Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT).

No croniconto que selecionamos, Silva relaciona a descaracterização da cidade com a morte de um dos personagens mais populares à época: Antônio Peteté. No texto, este último representa a ingenuidade do cuiabano que não se reconhece mais diante de uma cidade transformada pela modernidade. Sem condições para continuar existindo nessa nova configuração urbana, Peteté acaba morrendo.

A Prainha veio buscá-lo

Em dias de festa – a festa para ele era procissão e missa solene – ele calçava o miolim branco... encardido... borrado de alcaide... que lhe empetecava as meias, frouxas no tornozelo... calcanhares fora do lugar... deslocadas para um lado, caídas sobre o tênis... tipo meia soquete! Enfim, foló... Fora isso... roupa de dia de semana: miolim marrão... calças, sempre as mesmas, grandonas nas pernas... um paletó-blusa-camisa, tipo pijama, cobrindo-lhe o busto... atarracado... pescoço grosso... meio torto... como a denunciar-lhe o desvio na coluna!...

Se os pés eram pequenos... as mãos, ainda mais!... roliças, meio-fechadas, mais para côncavas do que, para espalmadas!... Talvez, porque carregassem

sempre os livrinhos... os livrinhos de missa, capa preta, contando aquele ritual todo... os catecismos... e os folhetos que continham as orações avulsas! Se sabia ler os livros, não sei!... sei que os trazia, juntos a si... juntos ao peito, todos eles!... E mais: aquela coleção de santinhos... postais... figuras pintadas dos santos, muitas delas até bonitas, coloridas!... E toda a vez que dava o nome ao santo da figura... beijava-o, num estalido gostoso, que misturava fé com respeito... exibição de devoto...

Era tatibitate!... Falava enrolado, misturando as palavras qual crianças... ainda que a idade beirasse os quarenta.

As crianças gostavam dele... daquela conversa irresponsável... ingênua... infantil... dengosa...

[...]

A Prainha... sua companheira de tantos anos... havia desaparecido; o progresso a matara. Ele fora o seu mais folclórico morador!... Então, pensou... e continuou a dormir!... Reviveu... no sonho... os ditosos dias em que passaram juntos – ele e sua Prainha... que agora morta... de longe, o chamava, para continuarem o convívio... em outros lugares. Aqui... já não havia mais lugar... para eles!

Ficar... teria de mudar de nome e de jeito!... Passaria a ser considerado Excepcional... e ele queria continuar a ser o que era...

Daí... resolveu não acordar mais!... Deu as mãos à Prainha e, com ela, fugiu... foi-se embora! Só assim não mudou... e continuou a ser Antônio Petété!... (p. 156-157).

(Silva, Octayde Jorge da. *Tempos idos, Tempos vividos*: Crônicas do Cel. Octayde Jorge da Silva. Fernando Tadeu de Miranda Borges (Org.). Cuiabá: Entrelinhas, 2013, p. 156-157)

Como afirmamos anteriormente, a prática do reiterado elogio cuiabano não ficou resumida ao Romantismo da primeira metade do século 20. A perpetuação das imagens idealizadas, demarcadas pela intensa presença cuiabana, persistiu até mesmo em obras consideradas modernistas. A partir dos anos 1940, surgiu na capital o Movimento Intensivista, e alguns periódicos da época apresentaram ao público uma nova estética sobre os mesmos temas da tradição regional.

Um capítulo à parte

Antes de prosseguirmos com o itinerário da literatura produzida com a temática cuiabana, abrimos um capítulo à parte. No grande esforço intelectual em fazer de Cuiabá o centro gerador de imagens para a literatura mato-grossense, conseguimos perceber as tensões políticas que aumentavam entre duas regiões mato-grossenses. De um lado, o Norte que se apresenta nos textos como tradicional, poderoso, desenvolvido; de outro, o Sul que se faz presente em cenários rurais onde a criação de gado é predominante ou em narrativas ambientadas na Guerra do Paraguai.

Antes de 1977, ano que marca a divisão de Mato Grosso, além dos periódicos que circulavam em cidades sulistas, há poucos registros disponíveis de romances e contos nos quais o enredo se desenvolve a partir de cidades sulistas, como Campo Grande, Corumbá, Miranda, Nioaque, Aquidauana. Por que razão se deu essa espécie de esquecimento? A resposta não é nada simples.

A literatura brasileira produzida em Mato Grosso foi registrada com mais cuidado e metodologia a partir da criação do Centro Mato-Grossense de Letras, em 1921. José de Mesquita publicava textos sobre clubes de leitura, agremiações culturais e o que considerava como primórdios da produção literária no estado. O grupo intelectual ligado a Mesquita reforçou a estratégia de compilar textos e organizar biografias, publicando suas conclusões nas revistas do IHGMT e da AML.

Anos mais tarde, um integrante dessas duas instituições começa a publicar antologias poéticas e breves comentários. De forma mais didática, Rubens de Mendonça apresentou ao público mato-grossense seus próprios escritores. Entretanto, nos diversos livros de Mendonça, poucos escritores sulistas aparecem. Muito provavelmente por duas razões: a dificuldade de consulta e coleta de material publicado em cidades mais distantes da capital e a rivalidade política entre Norte e Sul, que resultou na divisão territorial.

Como essa ausência se reflete na literatura mato-grossense? Lembremos que, desde a apresentação, nosso objetivo é chamar a atenção para o que

é dito e o que não é dito. Para compreender literatura, a ausência é tão importante quanto a presença. A recorrência temática gera identidade. O contrário também é verdadeiro: o sumiço de temas, personagens e cenários faz com que a identidade local não se construa no imaginário das gerações de leitores que surgem ao longo do tempo.

Como já vimos nos capítulos anteriores, a descrição da terra e a formação do povo são assuntos recorrentes nos textos produzidos no estado. Cuiabá é o cenário mais importante, uma verdadeira protagonista. As cidades do interior e, principalmente, toda a região sul do antigo território mato-grossense estão presentes nos textos literários apenas como coadjuvantes. Raramente, Corumbá e Campo Grande são citadas por autores nortistas.

Portanto, a intelectualidade centrada na capital usava o cenário colonial para cultivar uma identidade própria. A estratégia de eleger Cuiabá como protagonista, enaltecendo-a em prosa e verso, resultou num equivalente apagamento de outros locais. São poucos os estudos sobre esse tensionamento artístico. Podemos sugerir, entretanto, uma leitura inversa. E se abrissemos espaço para outras perspectivas? Vejamos um par de autores sulistas, isto é, do que hoje é Mato Grosso do Sul.

Oclécio Barbosa Martins e Aglay Trindade Nantes, ambos mato-grossenses de nascimento, isto é, nascidos muito antes da divisão geopolítica de 1977. O primeiro foi jurista e político, um dos fundadores da Liga Sul-Mato-Grossense. Sua produção consiste em estudos, manifestos, artigos e crônicas, boa parte dedicada a incentivar a fundação do estado de Mato Grosso do Sul.

Em 1944, Oclécio publicou o opúsculo intitulado “Pela defesa nacional”, obra politicamente engajada, na qual apresenta vantagens da autonomia política da região sul. A despeito de questões históricas e geográficas, convém ao nosso estudo destacar as discrepâncias que o autor ressalta entre o povo mato-grossense. Na visão de Oclécio Barbosa Martins, havia “condicionantes geográficas” que colmataram povos diferentes, até mesmo no aspecto fisionômico.

As diferenças naturais de caráter biológico entre os nortistas e sulistas seriam consequência da adaptação humana a diferentes biomas. Além do mais, Oclécio apresenta o povo sul-mato-grossense como resultante da miscigenação entre baianos, cearenses, paraenses, de um lado, e paranaenses, gaúchos e estrangeiros que se fixaram no sul. Trata-se de uma visível diferença com os autores nortistas (cuiabanos), que enalteciam a miscigenação entre bandeirantes e indígenas.

Aconteceu daí resultar – como consequência inelutável – interações sociais diferentes, quer no norte, quer no sul, com fisionomias nitidamente peculiares e cada um refletindo tendências e fenômenos dissociativos entre as populações do norte e do sul mato-grossense, sem que o tempo pudesse sedimentar seus laços de solidariedade.

É de concluir-se que quase nada se aproxima numa efetiva relação de interesses permanentes. Pode existir uma relação de solidariedade mecânica, mas jamais existiu a solidariedade orgânica, que é a resultante de um elevado grau de coesão social.

Os mato-grossenses do sul, entretanto, já provaram que souberam enfrentar o determinismo geográfico da região que colonizaram, onde venceram e onde progridem.

(Martins, Oclécio Barbosa. Pela Defesa Nacional – Estudo sobre redivisão territorial do Brasil. 2ª ed. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2011, p. 69-70)

Para Oclécio Barbosa Martins, visivelmente influenciado por teorias eugênicas, não há qualquer traço biopsicológico que sirva de amálgama entre nortistas e sulistas. Desde geografias diversas às genéticas diferentes, o autor argumentou que as regiões de Mato Grosso estavam unidas por força mecânica, ou seja, por determinações políticas que não se harmonizavam com a realidade social antagônica. Ao se referir sobre a suposta diferença identitária, Oclécio prossegue:

O norte e o sul de Mato Grosso foram colonizados por brasileiros providos de outras regiões do país, de miscigenação somática peculiar. Dessas complexas modalidades biopsíquicas decorre a diferença social entre nortistas e sulistas. Fixaram-se, respectivamente, nessas duas vastíssimas regiões quase estanques, de intercomunicação lenta e difícil, agravada pelo isolamento que resulta de seus imperativos geográficos.

Com o correr do tempo, deu-se a interação de duas fisionomias de sociedade – uma do norte outra do sul – sob o condicionamento do meio físico. Sendo certo que as interferências da natureza nunca se rendem, as adaptações dos grupos sociais, do norte e do sul, se processaram em sentidos diferentes, senão antagônicos.

(Martins, Oclécio Barbosa. *Pela Defesa Nacional – Estudo sobre redivisão territorial do Brasil*. 2ª ed. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2011, p. 74-75)

Na visão do jurista, além da constituição biológica diferente, os sulistas seriam politicamente mais liberais. Frente às turbulências dos primeiros anos da República, “os sulistas, sempre amantes das liberdades democráticas, jamais se sujeitaram às imposições do norte” (p. 75). Esse registro escrito de antagonismo norte/sul é essencial para percebermos as repercussões literárias dessas convicções essencialmente políticas.

O distanciamento entre as duas regiões de um mesmo estado, inicialmente estabelecido por disputas políticas, repercutiu na literatura. Obras nortistas pouco se referem ao cenário sulista e a recíproca é verdadeira. Em geral, nos textos que atualmente são classificados como literatura sul-mato-grossense, o apelo identitário também diminui ou apaga o cenário cuiabano. Seleccionamos o livro *Morro Azul*: histórias pantaneiras como exemplo que ilustra a repercussão literária do histórico estremecimento regional.

A escritora Aglay Trindade Neves lançou *Morro Azul* em 1993, ou seja, após a criação de Mato Grosso do Sul. O enredo é deflagrado a partir da invasão paraguaia em terras sulistas, agressão que marcou o início da Guerra do Paraguai. Na narrativa, os donos de terra, suas famílias, agregados, escravos e animais, refugiaram-se em terras pantaneiras, conhecidas somente pelos “bugres” nativos.

Durante cerca de dois anos, a convivência formou um vínculo afetivo entre as famílias de proprietários. Dessa sólida amizade, muitos anos depois, vieram os casamentos e filhos, o que resultou numa identidade pantaneira. A história avança no tempo e apresenta os sucessores dessas primeiras personagens, desdobrando-se no registro memorialístico da fundação de vilas e cidades do atual Mato Grosso do Sul, especialmente Aquidauana.

O livro *Morro Azul* é um exemplo do que se classificaria como romance de formação. A narrativa desdobra-se no tempo, apresentando ao leitor sucessivas gerações das mesmas famílias que, graças à solidariedade, sobreviveram à invasão paraguaia e resistiram ao ambiente adverso. Ao vencerem todas as hostilidades, inclusive ataques de tribos indígenas, tais personagens constituem-se como fundadores e oferecem uma identidade singular e uma tradição própria.

Como o texto retrocede no tempo, Mato Grosso era um único estado. É por essa razão que é emblemático o espaço e o tratamento afetivo entre as regiões norte e sul. O fazendeiro Felipe sente que sua visão está piorando com o tempo. Sem médicos na região rural ou cidades próximas, ele e sua mulher, Micota, partem em direção à capital. Ela mesma necessita de tratamento para o reumatismo que limita seus movimentos. Depois de planejar a viagem e arrumar as malas, o casal segue por carroças até o porto mais próximo a fim de tomar um paquete, isto é, um barco que opera a baldeação inicial.

O trajeto até Cuiabá é realizado por via fluvial, passando por Corumbá que se localiza no sul. No romance, o que está narrado sobre essas duas cidades? Felipe e Micota encontram primos em Cuiabá, “gente de projeção na cidade”. Três parágrafos são suficientes para narrar a estadia do casal. A pequena referência é dedicada integralmente às comidas regionais: peixes diversos, algumas frutas e compotas doces. Ao retornarem à Corumbá, Felipe e Micota hospedam-se na casa da sobrinha Leocádia, que indaga a tia sobre as novidades da capital.

Leocádia conseguiu segurar os tios em sua casa por uns dias. Queria saber as novidades da capital, como era a famosa festa de São Benedito, qual era a igreja mais bonita, se a cidade era movimentada e como eram as modas que se usavam por lá. Paciente, Micota ia respondendo – Tudo igual, minha filha. É só ser moça e bonita, andar direito que tudo fica bem. As modas são sempre as mesmas...

(Nantes, Aglay Trindade. *Morro Azul* – Estórias Pantaneiras. 2ª ed. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2010, p. 118)

E Corumbá? Como ficou registrada na narrativa a cidade sulista? Percebemos a substancial diferença de impressões por meio da descrição adjetivada utilizada pela narradora.

Mas ao avistar a branca cidade, soberana à beira d'água, todos emudeciam ante sua beleza. As palmeiras imperiais recém-plantadas emolduravam o cenário lá no alto, o casario do porto, o andar apressado dos homens encasacados nas lojas, a agitação das barcaças, vapores e canoas junto ao cais, o tamanho dos navios estrangeiros com grandes cascos pretos, cheios de amarras e grande azáfama de marinheiros e carregadores. De longe já se ouvia o burburinho das línguas estrangeiras que se misturavam ao ouvido, numa babel danada.

(Nantes, Aglay Trindade. *Morro Azul* – Estórias Pantaneiras. 2ª ed. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2010, p. 115)

Ao contrário do resumido espaço cedido a Cuiabá, mais populosa e politicamente relevante do que Corumbá, a narrativa de Aglay Trindade Nantes dilata-se em relação à cidade sulista.

Felipe se admirou da presteza da sobrinha na costura. Naqueles dias, tão animado ele ficara com a agitação do comércio em Corumbá, que não vira o tempo passar. A pujança dos negócios, a libra esterlina ainda como termômetro da balança comercial, as novas casas que iam sendo construídas, assobradadas, com balcões e escadarias em mármore,

servidas por corrimões talhados em ferro rendado, fundidos na Inglaterra. E nos armazéns, a fartura da alimentação estrangeira: sacos perfilados de grão-de-bico, lentilhas, ervilhas verdes, arroz da Alemanha, damasco seco, caixotes de sardinha salgada e à entrada das lojas, caixas de bacalhau seco ao sol. O azeite de oliva quase escorrendo nos barris e azeitonas pretas e verdes, enormes, lustrosas. E vinho! Tinto! Do Porto! Português! Italiano!

(Nantes, Aglay Trindade. *Morro Azul* – Estórias Pantaneiras. 2ª ed. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2010, p. 116)

Ao narrar as impressões de Felipe, a profusão de exclamações no texto indica não apenas o maravilhamento da personagem como o cuidado redobrado da escritora com a região Sul. Em *Morro Azul*, o paradigma urbano não é Cuiabá, mas Corumbá. A centralidade cuiabana é visivelmente deslocada pela escritora, reforçando o distanciamento ao privilegiar o panorama de uma cidade menor do que a capital.

Riqueza e agitação: sinônimos da sofisticação corumbaense, uma perspectiva distante da emulação cuiabana. A capital mato-grossense é a mesma de sempre, isto é, não apresenta inovações dignas de nota ou indicativos de um futuro próspero. Felipe e Micota não repercutem nenhuma impressão de Cuiabá que não seja ligada à gastronomia, mas se entusiasmam ao detalharem aos parentes o cosmopolitismo de Corumbá.

Essa rotação narrativa é um bom exemplo de como a literatura é coordenada com questões sociológicas e políticas. Perceber as escolhas autorais, como a reiteração temática, o espaço cedido, a inflação de adjetivos, é uma tarefa difícil, mas recompensadora. Para entendermos como as imagens ligadas a Cuiabá foram reforçadas intencionalmente pela intelectualidade da capital mato-grossense, fizemos questão de destacar perspectivas opostas. Não por acaso é que essas narrativas que destacamos estão quase apagadas das antologias nortistas, e hoje compõem uma nova identidade, a de Mato Grosso do Sul.

O que a vanguarda trouxe de novidade?

Voltemos ao tema central do nosso capítulo – Cuiabá, eleita protagonista de várias gerações de escritores. O Intensivismo se apresentou como vanguarda em Mato Grosso e no Brasil, um movimento estético que precedeu o Concretismo brasileiro. Como a efervescência literária estava estampada nos jornais e revistas, os jovens escritores divulgaram suas ideias por meio de diversas publicações de circulação curta, como *Arauto de Juvenília*, *Japa* e *Sarã*, em que foi publicado o “Manifesto Intensivista” (1951).

Wladimir Dias-Pino, o precursor do movimento vanguardista, usou a singularidade cuiabana para radicalizar a relação entre palavra e imagem, como será abordado no capítulo 10. Para Dias-Pino, a palavra não era a única forma de expressar literatura. Interessado em ressignificar os valores regionais, o autor procurou questionar os modelos convencionais de literatura centrados em valores externos à realidade local.

A sinuosidade do Rio Cuiabá:

o ato de ver do alto

Como se olha

uma cidade

Nomear as águas, De

Memória, Como a água,

de tanto querer ficar rente

ao chão encontra o

caminho

(Dias-Pino, Wladimir. *A separação entre inscrever e escrever* [catálogo de exposição]. Cuiabá: Edições do meio, 1982, p. 6)

Benedito Sant’Anna da Silva Freire é um dos autores mais importantes para compreender a perpetuação temática de Cuiabá como vital para a literatura mato-grossense. Isso porque o poeta, nascido em Mimoso, diretamente envolvido no Movimento Intensivista, procurou outras imagens para reafirmar a potência das tradições cuiabanas. Sua obra, composta de prosa e poesia, apresenta a cidade de múltiplas formas, desde a extensa cartografia

que liga ruas a tipos populares, até personagens da periferia da capital como costureiras, cozinheiras, oleiros, pescadores e jogadores de futebol.

Bastante ativo na imprensa mato-grossense, Silva Freire tratou de temas aparentemente contrastantes, mas complementares. Para compreender a complexidade cuiabana, ampliou ao máximo seu foco de interesse, abordando tanto os espaços da cidade – prostíbulos, igrejas e bares – quanto seus elementos culturais e sociais – comidas, festas e anedotas. Esse conjunto diversificado de temas marcou profundamente sua obra. Para divulgar seu trabalho, o escritor não se limitou aos jornais, lançando também cadernos de cultura e revistas literárias.

— Cuiabá, está tão claro, é terra de religião e religiosidade; devoção forte a Santos do Povo: Senhor Divino, São João, São Pedro, Santo Antonio, Santa Cecília, São Cristóvão, Santa Cruz, São Sebastião, São Gonçalo, São Bento e São Benedito, sob o pálio do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, não é!? Daí se concluir que, no andamento das festas, a estrela mais alegre eram as quermesses.... mas você não tratou delas...; escapou por entre os dedos!?

— nada disso, nem como escaparia! A Mamãe me falava que não queria que eu crescesse para não escapular de seus cuidados... mas, eu, querendo crescer depressa para escapar de sua enérgica pedagogia! Depois, na costura do tempo, sentindo minha cidade escapular prá dentro de outra cidade grande, numa das últimas quermesses eu revi a primeira namorada sorteando prendas numa barraquinha; e não foi que a emoção escreveu em minha pele...

(Freire, Silva. *Trilogia Cuiabana*, Vol. 1. Presença na audiência do tempo. Cuiabá: Edições Universidade Federal de Mato Grosso, 1991, p. 180)

O Movimento Intensivista repercutiu no meio literário entre os contemporâneos e na geração seguinte. As experiências com a palavra no processo de reelaboração da imagem de Cuiabá prosseguiram com outros escritores. Um deles foi Ronaldo de Castro, influente jornalista da época. O autor de “Cuiabanália”, mesmo adotando uma linguagem repleta de neologismos modernos, adere ao sentimento nostálgico e narra a derrota que a tradição sofreu no curso do crescimento urbano.

A poesia de Ronaldo de Castro denuncia as desigualdades sociais do sistema capitalista. Liga o acelerado crescimento e a descaracterização cuiabana ao alinhamento brasileiro com o eixo capitalista na segunda metade do século 20. É interessante perceber que Castro identifica, na própria cidade, uma elite que negocia com os capitalistas nacionais e internacionais. Essa elite de executivos se fixa em novos bairros, como o Centro Político Administrativo (CPA), ao passo que o povo abandona o centro da cidade para morar em condições precárias.

Cuiabanália

Ah! cuiabanália...
Cidade intoxicada do bagaço
tecnocrônico
 estereofônico
 biônico
 supersônico
 agônico
 ATÔMICO

Onde o viver canônico
à sombra cheirosa dos quintais em flor?
 narcotizou-se o amor?

Ah, cuiabanália...

Agora, espigões, néon,
excesso de debicéis
jeans, gatonas trepadas
no lombo rouco das motos,
superlotando os motéis.
Só há rock, drive-in,
lanchonete, pizzeria
e o terror dos quartéis.
Onde a boa putaria?

(O bom era o Beco do Candeeiro
a desembocar no Bar Colorido,
com o beijo disputado na valentia)

Ah, cuiabanália...

Pobre não mora, formiga
nas favelas do BNH
Rico vira executivo
e coça no CPA

Onde a Cuiabá telúrica
parindo a raça viril
emprenhada por Sutil?

Ah! Cuiabá canalha
– cuiabanália –
cortesã das multinacionais
com seu arsenal eletrônico
agônico
estereofônico
biônico
supersônico
ATÔMICO

Ah, cuiabanália...
Onde a Cuiabá pudenda
das igrejas, candomblés
e dos pios cabarés?
já não há virgens postiças
nas escolas enfermigas.
A boemia e seus vícios,
Seus bêbados vitalícios.
Prostitutas sacrossantas
pelas ruas não há tantas.
Só há tóxico e frescura
poluindo a noite pura.

Ah, cuiabanália...
Êta cidade canalha!

Cuiabá metálica
neurótica
caótica
virótica
semi-ótica
estroboscópica

Cuiabá feia e fétida
esfingética
hermética
cibernética
Cuiabá caquética

Ah, cuiabanália...

Onde a Cuiabá erudita
doce e mansa
cultu e santa
Cuiabá romântica
semântica

dos artistas e poetas?
Onde a barroca matriz
o coreto e o chafariz?

Ah, cuiabanália...

Cuiabá morreu e
vou para San Sebastián
– fronteira do México com o Nepal –
Que tenho porre marcado
Com Rimbaud, Chopin, Van Gogh
e São Francisco de Assis
(Cuiabá não é mais feliz)

CUIABANÁLIA CANALHA

(Castro, Ronaldo de Arruda. *Cuiabanália*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2018, p. 21-23)

No final do poema de Ronaldo de Castro, há uma clara influência de Manuel Bandeira e o seu famoso “Vou-me embora pra Pasárgada”. A procura pela evasão é uma alternativa ao descontentamento do eu lírico com a realidade presente. No caso do poema “Cuiabanália”, as referências do passado são tratadas com desconsolo. A Cuiabá “erudita, mansa, culta, santa, romântica, semântica”, uma terra de artistas e poetas, sucumbiu diante da tecnologia, da modernidade, do crescimento.

INTENSIVISMO

O Intensivismo foi um movimento artístico-literário surgido em Cuiabá, entre 1948 e 1952. Teve como principal idealizador Wladimir Dias-Pino, ao lado de Benedito Sant’Ana da Silva Freire, Rubens de Mendonça, Othoniel Pereira da Silva, José Lobo, Amália Verlangieri, Dias da Cruz, Agenor Ferreira Leão, Newton Alfredo, Lopes de Brito e Antonio Costa. A produção de seus poetas, escritores e artistas circulou sobretudo em jornais e revistas de Cuiabá e do Rio de Janeiro, como *Arauto de Juventília*, *Sacy*, *Ganga*, *Sarã*, *Japa*, *Revista Movimento*, *O Roteiro* e *O Semanário* (suplemento). A Lei Estadual nº 9.244, de 18 de novembro de 2009, reconhece o Intensivismo como Patrimônio Histórico Imaterial da Cuiabania, definindo-o como “forma de manifestação literária e cultural popular” e “escola literária originalmente mato-grossense”. Nas palavras de seu idealizador, Wladimir Dias-Pino, o “Intensivismo é, certo, um simbolismo duplo. Além da imagem está outro significado poético”. O movimento também se expressou nas artes plásticas. Em 2008, a Praça 8 de Abril recebeu a escultura-poema *Árvore de Todos os Povos*, de autoria de Wladimir Dias-Pino. Em 2019, o monumento foi retirado do local devido às obras de revitalização da praça e não retornou após a conclusão dos trabalhos. Em seu lugar, foi instalada uma escultura representando um poleiro de tuiuiús, confeccionada em PVC. Protestos levaram a Prefeitura de Cuiabá a revitalizar o monumento em 2024, em comemoração aos 305 anos da cidade.

Com o mesmo ímpeto de fuga da cidade decadente, o poeta Manoel de Barros escreve sobre Cuiabá. No poema “Auto-retrato falado”, o eu lírico situa rapidamente sua origem para, em seguida, concentrar-se em imagens do campo. No caso mato-grossense, Barros elege o Pantanal como ambiente motivador para a poesia.

Auto-retrato falado

Venho de um Cuiabá de garimpos e de ruelas entortadas.
Meu pai teve uma venda no Beco da Marinha, onde nasci.
Me criei no Pantanal de Corumbá entre bichos do chão, aves, pessoas humildes, árvores e rios.
Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e lagartos.
Já publiquei 10 livros de poesia: ao publicá-los me sinto meio desonrado e fujo para o Pantanal onde sou abençoado a garças.
Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo que fui salvo.
Não estou na sarjeta porque herdei uma fazenda de gado.
Os bois me recriam.
Agora eu sou tão ocaso!
Estou na categoria de sofrer do moral porque só faço coisas inúteis.
No meu morrer tem uma dor de árvore.

(Barros, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Editora Leya, 2013, p. 324)

A conformação urbana de Cuiabá, oriunda de garimpo, antecipa o tom nostálgico com que Barros vive a reminiscência de sua infância. No entanto, não se demora na descrição da capital. Logo volta atenção à natureza para onde foge, mesmo identificando o campo com a decadência, mudança semântica bastante valorizada no contemporâneo. Outro aspecto interessante é a presença de “pessoas humildes” na região sul do então Mato Grosso indiviso, o que nos leva a inferir que os habitantes da capital foram percebidos pelo eu lírico como sofisticados, até mesmo arrogantes.

A recusa de Barros em absorver o modo de vida urbano e sua preferência pelo campo, os animais e a paisagem pantaneira podem ser interpretadas como afastamento da tradição regional. Muito embora haja a referência inicial, o poema indica uma progressiva “salvação” de Barros pelo intencional afastamento da capital e de suas tradições. Quem cria uma nova personalidade poética são os bois e as inutilidades do campo, com os quais o eu lírico acaba se identificando a ponto de morrer com “dor de árvore”.

Nessa altura, podemos fazer uma distinção nas formas de elaborar a “cuiabanidade”. Há escritores que se detêm no passado remoto do século 18, idealizando uma formação racial com base no consenso. De certa forma, são autores *fundacionais* para a literatura mato-grossense porque criaram um modelo que influenciou todas as outras formas de expressão regional, como já examinamos nos capítulos anteriores. “Ser cuiabano” é uma identidade além de mera toponímia, como disse Silva Freire. Trata-se de um “estado de espírito”: cordial e comunitário, religioso e boêmio, provinciano enfim.

Há nuances de “cuiabanidade”, todavia. Em Aquino e Mesquita, por exemplo, há uma esperança no futuro que está destinado a grandes feitos, considerando a vitória de Cuiabá sobre as dificuldades do primeiro século. No século 20, boa parte dos intelectuais pertencentes à Academia Mato-Grossense de Letras e reconhecidos socialmente como escritores de prestígio percorreu o mesmo caminho dos fundadores do modelo romântico-parnasiano.

Outros escritores afastaram-se do passado para sublinhar com pessimismo o presente, denunciando as desigualdades sociais e, principalmente, a descaracterização cultural de Cuiabá no curso do processo de urbanização. Lobivar Matos e Ronaldo de Castro, mesmo modernistas, ligam-se à idealização de uma cidade passada, autêntica, harmoniosa. A Cuiabá do presente, isto é, do final do século 20, não seria a promessa de futuro, mas a decadência da modernidade. Já Manoel de Barros preferiu a evasão para o campo, considerando o processo de urbanização prejudicial para a produção poética.

Embora tenham confrontado a estética romântico-parnasiana de seus predecessores, esses autores mantiveram-se vinculados à *belle époque* cuiabana,

isto é, à imagem de uma cidade colonial que se tornava mais “elegante” no princípio do século 20. Assim se deu com Wlademir Dias-Pino, Silva Freire, Newton Alfredo de Aguiar, entre outros.

Finalmente, na literatura mato-grossense, há um terceiro grupo de escritores que miram Cuiabá de forma essencialmente lúdica, concentrando-se nas brincadeiras infantis, nas lendas antigas, nas festas populares e nas comidas típicas. Trata-se de definir um legado de afetividade às novas gerações, com enfoque no caráter acolhedor da capital. Um dos escritores que se identifica com essa abordagem é Moisés Martins, que se utiliza da música para ampliar o alcance de sua literatura.

Pixé

Milho torradinho socado
Canela açucarada
A branca pura daquela gurizada
Do tempo do Campo D’Ourique
Quando a pandoga, o finca-finca, o busca-pé e trique-trique
Pintavam o céu com pingos de luz

É tempo bom que não volta mais
Só na lembrança de quem foi menino
E hoje é rapaz

Milho torrado, bem socadinho
Ai que saudade dos meus tempos de menino
Um dia ainda verei, eu tenho fé
Meu neto... meu neto... com a boca toda suja de pixé!

(Martins Junior, Moisés Mendes. *Trilogia matogrossense*. Do Cerrado, Pantanal ao Cosmo; um passeio poético. Cuiabá: Futura, 2008. p. 129)

No poema, posteriormente musicado por Pescuma e amplamente difundido, reitera-se “a saudade dos meus tempos de menino”, que se liga à geografia urbana de Cuiabá. Essa cartografia sentimental encontra-se imbricada com o sabor do pixé e das brincadeiras de criança. O marcador

temporal de Martins conduz à nostalgia de um tempo sem automóveis, avenidas asfaltadas ou edificações de grande porte. “É tempo que foi e que não volta mais”, expressão que é a chave para compreender uma identidade cuiabana forjada num passado comum.

A POLÊMICA SOBRE O NOME DE CUIABÁ

Você sabia...

Que até hoje existem variações em torno do nome da cidade de Cuiabá? Contudo, a certeza se encontra em sua procedência indígena. Documentos dos séculos 17 e 18 afirmam que o vocábulo pertence ao idioma tupi-guarani: *Kyyavera*, ou *Cuyaverá*, significa “rio da lontra brilhante”, e também era usado como designação para os indígenas conhecidos como *Cuiabás*.

O termo “Cuiabá” também vem associado ao rio e à presença de cuieiras, ou árvores-da-cuia, encontradas ao longo de seus leitos. A etimologia da palavra carrega, ainda, o significado de “homem da farinha”: *cu’í*, farinha, e *avá*, pessoa, homem. Para o povo indígena Boe Bororo, *Ikuiapá*, “local bom de se pescar com flecha-arpão”, nomeia a foz do córrego *Ikuiébo*, Prainha, onde encontra o rio Cuiabá.

A idealização de Cuiabá no tempo-espço conduziu boa parte dos escritores mato-grossenses a “memórias inventadas” ou, pelo menos, filtradas pelo afeto cultivado pela cidade. Sabemos que em qualquer expressão artística importa a forma com a qual o artista percebe a realidade em torno de si. No caso da literatura, a maioria dos escritores que dedicou atenção a Cuiabá preferiu mirar na faceta amorosa, juntando reminiscências de experiências próprias ou coletivas.

A vida bucólica na capital, tranquila e inclusiva, livre de injustiças sociais, também foi narrada por Luiz Carlos Ribeiro em seu livro *A mala de fugir*.

No Reino de Cuyaverá

Todos os dias, os pescadores voltavam para casa com cambadas de pacus, prateadas piraputangas, pacupevas, piranhas, pintados e enormes feiras de bagres e jeripocas douradas... As matas circundantes ofereciam também abundância de caça. Porém, havia uma consciência ecologicamente correta no reino. Nada podia ser depredado. Os quintais eram sombreados por árvores que ofertavam gostosas mangas, cajus, frutas-pão, goiabadas, jabuticabas, jacotis, laranjas, limões, figos, atas, limas-da-Pérsia e limas-de-umbigo. Das polpas, as mulheres faziam saborosos doces e, da essência, fabricavam finos vinhos e dulcíssimos licores.

Era costume de todos os moradores, tanto do campo como das cidades, cultivarem pequenas hortas nos quintais das suas casas. Aqueles que moravam às margens do rio cultivavam em maior escala produtos hortigranjeiros, para abastecer a capital do reino. Canoas e batelões subiam rio acima abarrotados de tomates, cebola, alho, batata-inglesa, batata-doce, abóbora, mandioca, cará-inhame, melão, melancia, coentro, cheiro-verde, cebolinha-verde, manjerição, hortelã, alfavaca e algumas toneladas de rapadura e açúcar de barro. A oferta era maior do que a procura e todo o excedente era trocado entre os feirantes.

Não havia preocupação de adubar a terra. As águas de março traziam, todos os anos, novos húmus fertilizantes, necessários à renovação de cada ciclo sazonal. Os seus habitantes nunca ouviram falar em agrotóxicos. Era um verdadeiro Nilo esse rio.

Conflitos havia, mas eram solucionados a contento para ambas as partes, sob arbítrio de um Juiz de Paz, escolhido juntamente com os governantes do reino em eleições livres e democráticas, realizadas de quatro em quatro anos.

Os habitantes do reino eram bastante solidários. Todos coadjuvavam uns aos outros. Não havia riqueza, mas também não havia pobreza, pobreza. Miséria é que não existia.

(Ribeiro, Luiz Carlos. *A mala de fugir e outros contos*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2006, p. 105-106)

No texto apresentado, a lenda da cidade é contada em tom nostálgico. A estratégia utilizada, entretanto, não é a costumeira crônica, mas a fabulação. O “Reino do Cuyvaverá” é destruído por invasores de outras localidades, interessados em auferir lucro com as transformações da economia local. A fábula desenvolve-se num tempo distante, revelando a estrutura urbana acanhada de Cuiabá das primeiras décadas do século 20. Não há personagens individualizadas. Trata-se de recontar a história do coletivo cuiabano, uma personagem onipresente na literatura produzida em Mato Grosso.

O conto de Ribeiro reitera o imaginário de povo amistoso, descendente de indígenas igualmente pacíficos, cuja natureza não precisa ser modificada para sustentar o elemento humano. A abundância do “reino” é dividida de forma igualitária, de modo a formar um povo sem grandes desequilíbrios sociais. A longa enumeração de espécies de peixes, frutas e comidas típicas reforça a identificação do leitor com o espaço geográfico regional, tendência que sobrevive até os dias atuais.

No entanto, ao longo da fábula, que se ambienta no passado, não há menção à invasão de terras indígenas, nem à escravidão africana nas minas de ouro, tampouco à ação repressora de coronéis e usineiros ou ao voto de cabresto imposto a eleitores pobres e analfabetos. No idílio “Reino do Cuyvaverá”, o povo vive em paz, elegendo seus representantes de forma livre e democrática.

O apagamento do conflito é essencial para a reiteração da imagem de uma cidade-modelo que foi vítima da invasão bárbara de povos estranhos. Daí que a culpa da ruína local é imputada aos violentos homens de fora, caracterizados como salteadores, traiçoeiros e oportunistas. A demarcação da radical alteridade entre nativos e migrantes é imprescindível para o discurso de vitimização do narrador.

E, mais recentemente, o que se tem produzido sobre Cuiabá? É possível visualizar um panorama da literatura mato-grossense quando se pensa na longa tradição temática que elegeu a capital como o centro das atenções? Veremos mais adiante que a literatura contemporânea retoma em diversos aspectos questões ligadas ao programa regionalista. Nos últimos capítulos

deste livro, por exemplo, encontraremos inclusive experimentos com linguagem e imagem, de algum modo ligados ao que denominamos tradição mato-grossense.

No final do século 20, vários escritores surgiram no cenário literário do estado. Muito embora a nova geração tenha abandonado o verso metrificado do passado, prosseguiu elegendo Cuiabá como um dos temas centrais da produção literária. A partir do início da década de 1980, os fluxos migratórios aumentaram e, com a chegada de *gente de fora*, multiplicaram-se as percepções sobre o que estava acontecendo com Cuiabá. A perspectiva dos migrantes foi publicada em milhares de artigos em jornais da época e, como não poderia deixar de ser, um novo ponto de vista ingressou na literatura produzida no estado.

O centro da cidade, deteriorado pela ação do tempo e pelo descaso do poder público e dos proprietários dos casarões coloniais, perdeu a importância geopolítica a partir de então. Com a instalação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), na região do Coxipó, o centro da atividade intelectual deslocou-se para aquele local, onde se formou uma nova geração de intelectuais – alunos e professores, todos dispostos a formular uma nova estética literária.

Um deles foi o poeta Antônio Sodré. Sodrezinho, como era conhecido, administrava uma banca de revistas e livros nas dependências da UFMT e expunha à venda a produção dos colegas. Graças à sua intensa atividade cultural, Sodrezinho destacou-se como um dos escritores mais influentes de sua geração.

Manifesto ecológico

Derrubaram nossas árvores
Derrubaram nossas árvores!

Cadê minha palmeira?
Cadê minha aroeira?
Cadê meu pé de ipê?
Não resta nem o “p”.

Cadê meu Mato Grosso?
Cadê meu grosso mato?
Derrubaram nossas árvores
Derrubaram nossas árvores.

E agora, o que nos resta?!
Só resta só rezar
Pedir pro deus-da-chuva
Mais árvores pro lugar!

(Sodré, Antônio. *Cuiabaratotal*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021, p. 22)

Mesmo um autor da nova geração de escritores, motivado por uma estética moderna e livre da metrificação passada, apresenta um tom saudosista. O livro *Cuiabaratotal*, organizado por Luiz Renato de Souza Pinto e Maurília Valderez do Amaral, foi lançado muito depois da morte do autor. Nota-se que Sodré mantém a lamentação que já vinha sendo praticada desde o começo do século 20, mirando sobretudo nas transformações da paisagem mato-grossense.

Como podemos perceber no poema de Sodré, a tônica é a descaracterização do estado e da cidade. A antiga fonte de inspiração romântica havia desaparecido. Em seu lugar, surgem as imagens de rios poluídos, quintais tomados por prédios, costumes esquecidos, entre outras. Diante das transformações da capital e do entrechoque cultural entre cuiabanos e migrantes, até o próprio linguajar cuiabano foi colocado em xeque. A saudade passou a ser a matéria-prima da literatura, quando o objetivo era tratar da capital.

A reação às “invasões”, como ficaram conhecidos os fluxos migratórios, deu-se por meio de diversas instituições sociais, movimentos organizados para salvaguardar aspectos culturais considerados ameaçados. Foi assim que a geração literária surgida no final do século 20 expôs suas preocupações, associando-se à tradição de cantar a cidade com nostalgia, ainda que por meio de uma estética moderna e mais acessível ao público leitor.

Vários autores seguiram com essa proposta de “defesa da terra” contra estrangeiros, invasores, bárbaros. Além de Sodré, podemos citar Ivens Cuiabano Scaff, que dedicou atenção ao impacto das transformações da modernidade no panorama de Cuiabá. O eu lírico pranteia a dissolução da memória e do cenário do rio que dá nome à cidade.

Rimando saudade

Há dias em que percorro a cidade
E a cidade é um álbum de fotografias
Soletro e rimo saudade

E saudade falada assim
tem um soluço no meio
e um adeus inacabado no fim

(Scaff, Ivens Cuiabano. *Kyvaverá*. Cuiabá: Entrelinhas, 2011, p. 47)

Qual é o contexto do poeta Ivens Cuiabano Scaff? Além de pertencer a duas famílias cuiabanas, ele viveu a primeira infância no bairro do Porto, em Cuiabá. Antigo, tradicional e efervescente, o bairro reunia diversos segmentos da sociedade cuiabana. Por ali circulavam produtos nacionais e internacionais que chegavam de navio; ou seja, o Porto constituía-se em percurso urbano obrigatório. Nas últimas décadas do século 20, porém, o bairro sofreu um processo de desertificação e degradação, com centenas de casas arruinadas.

Após concluir o curso de Medicina no Rio de Janeiro, Ivens voltou a Cuiabá, onde montou consultório no centro da cidade. Passou a lecionar na Universidade Federal de Mato Grosso, angariando o afeto de centenas de profissionais. Nas horas de folga, entretanto, o jovem médico extravasava sua veia artística, circulando com desenvoltura por diferentes grupos sociais. Sua inquietação levou-o a aproximar-se dos movimentos culturais da época.

A obra de Scaff volta-se para um panorama do passado cuiabano, ligado ao imaginário indígena como forma de afirmação da identidade local. O rio,

a lua, as frutas nativas e os quintais, elementos que compõem esse conjunto regional, são eleitos como temática e renovam a tradição literária, reforçando a personalidade de um autor que gozava de prestígio social.

Por sua vez, Wander Antunes, articulador da *Revista Vôte!* na década de 1990, dedicou-se na ficção aos aspectos mais violentos da região, inclusive em formato de HQ. No conto intitulado “Trabalhinho em Cáceres”, publicado na coletânea *Na margem esquerda do rio: contos de fim do século*, um sarcástico pistoleiro protagoniza a história. Como introdução, o narrador caracteriza os diversos tipos que encontra em Mato Grosso:

Claro! Já matei um monte de gente, sim. Sou um profissional. O primeiro... o primeiro foi um mineiro que tinha feito o diabo lá pros lados de Juiz de Fora e veio fugindo, passou por Goiás, acho que ficou um tempo metido em alguma cidadezinha por lá, mas aí acharam o rastro dele e o dito percebeu que se quisesse viver ia ter que ir pra mais longe... não sei por quê, mas esses caras sempre acham que Mato Grosso é longe pra caramba, o lugar mais longe do mundo, longe de tudo que fizeram de errado, de feio por aí. Vêm pra cá e ficam tudo folgado, tudo achando que o perigo passou e coisa e tal. Ficam se exibindo por aí... bom, um belo dia, o tipo apareceu aqui na minha área, centrão de Cuiabá, todo faceiro, despreocupado. Eu andava sem trabalho por essa época. Nem boate, que é onde eu fazia uns bicos.... ninguém queria me contratar de leão-de-chácara depois que apliquei um corretivo no filho boiola de um deputado feladaputa. Então, eu estava numa dureza de dar dó. Aí me aparece um sujeito e bota um dinheirão na minha mão pra eu passá uns pipoco no mineiro. Não tive dúvida. Sem essas histórias de remorso e coisa e tal. E depois que me contaram as merdas que o cara tinha feito, até botei muito gosto em fazer o pé dele. Na primeira chance, não demorou nadinha, eu meti seis pipoco na fuça do cretino. Não perdi um tiro.

(Antunes, Wander. Trabalhinho em Cáceres. In: Carvalho, Juliano Moreno Kersul; Leite, Mário Cezar Silva (org.). *Na margem esquerda do rio: contos de fim de século*. São Paulo: Via Lettera, 2002, p. 31-33)

O texto de Antunes é interessante porque, mesmo não retratando o cuiabano como tipicamente ingênuo, hospitaleiro e pacífico, a figura do migrante é hostilizada. O narrador é um homem violento e preconceituoso, personagem que leva à reflexão crítica sobre as relações sociais até então cristalizadas na literatura, como já vimos nos capítulos anteriores. De qualquer forma, o truculento protagonista hostiliza quem não nasceu na região, possibilitando uma dupla leitura sobre a autoimagem cuiabana.

A ambiguidade do conto de Antunes consiste em apontar para os deméritos dos migrantes, identificados como criminosos, sendo que o narrador-protagonista, aparentemente de Mato Grosso, segue a mesma trilha de violência que critica. É possível perceber que a costumeira idealização do tipo regional ingênuo e pacato passou a abrir espaço para outras personagens de segmentos sociais até então não explorados na vida urbana, sobretudo.

Fazendo uso de muita ironia, a literatura produzida pela geração do final do século 20 provoca discussões identitárias profundas. O elemento externo, proveniente de outros locais brasileiros, foi interpretado como invasor, responsável pela predação ambiental. A percepção sociopolítica dos escritores abriu mão da poética convencional e, a exemplo de Amauri Lobo, estimulou experiências linguísticas interessantes.

cuiabachegaram

cuiaficaram

cuiacausaram

cuiabusaram

cuiadanou-se

cuiadanem-se

(Lobo, Amauri. *Poemas do cerrado serrado*. Cuiabá: Cria, 2002, s/p.)

GERAÇÃO COXIPÓ E A ACADEMIA DOS MORTAIS

Em fins do século 20 e no andar do 21, um grupo de escritores ligado à Universidade Federal de Mato Grosso se destacou no universo cultural de Cuiabá. Denominado de Geração Coxipó, o movimento trouxe ao cenário das letras, da música e do teatro outras estéticas, ainda que resguardassem um conjunto de temas das tradições cuiabanas fortemente presente nas produções anteriores. Em confronto com o academicismo literário da Academia Mato-grossense de Letras, a Geração Coxipó o grupo propôs uma literatura centrada no contributo dos estudos literários. Muitos anos depois, esse ambiente intelectual levou à criação da Academia dos Mortais, formada por jovens escritores que passaram a questionar a função social de cunho moralizante explícita na produção literária da Academia Mato-grossense de Letras, avessa às críticas sociais, desvincilhada do cotidiano cuiabano.

Cristina Campos é outra escritora que começou a produzir no final da década de 1980. Além de pesquisadora, organizou a revista *Dazibao*, já no século 21. Dedicou-se à poesia e à literatura infantil, com diversos livros publicados. Diante do fluxo migratório, o sentimento de perda é constante em sua obra, assim como nas de seus colegas escritores mais próximos. A reação deu-se na literatura e em todas as demais manifestações artísticas da geração dos anos 1980 e 1990. Um dos exemplos da visão pessimista quanto ao resultado das transformações urbanas encontra-se no livro *Bicho-Grilo*.

(Des)envolvimento

Rios minguados a esgoto.
Mato Grosso reduzido a capim.
E o povo
– rebanho –
a pastar que nem vaca
nesta vida de cachorro.

(Campos, Cristina. *Bicho-grilo*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016, s/p)

A defesa do imaginário cuiabano deu-se em muitas frentes e por diversos escritores. É o caso de Marília Beatriz de Figueiredo Leite. A escritora cumpriu um itinerário conhecido da intelectualidade mato-grossense e se formou no Rio de Janeiro, então capital da República. Após retornar para Cuiabá, participou de diversas atividades e externou perplexidade ao se deparar com as transformações na cidade que havia deixado.

E quanto mais corro em sua direção
Cuiabá, os meus desesperos invadem
Seu coração
E seu ventre, cidade moça
E grito seu nome para que não esqueçam
De suas ruas danificadas
De suas janelas lindamente escancaradas
Para apontar aos assentos em câmaras
Os danos, as derrubadas
Que assustam, mas, não matam
E isso é o pior
Saber que violentam
Meu espaço citadino.

(Leite, Marília Beatriz de Figueiredo. *Agudas ou crônicas?* Cuiabá: Carlini & Caniato, 2019, p. 64)

Os próprios escritores oriundos de outras regiões recorreram à temática tradicional como forma de “aclimação” ao contexto cuiabano. Ao perceber que a temática regionalista é uma estratégia coletiva para forjar um forte vínculo com o sentimento nativista, Lorenzo Falcão apresenta seu tributo poético à tradição literária de valorização cuiabana.

regionalismo

sinto uma inveja lascada
dos poetas que cantaram esta terra
nos antigamentes.
acho que me faltou ter nascido aqui
e não pau rodado.

é que me soa meio falso
ou impróprio mesmo
quando versejo mais reto
em torno dessas coisas,
desses objetos diretos da cuiabania.
sinto meu regionalismo ainda verde,
apenas malemá
um dia, e deus ajuda,
ele ainda será manga perpitola!

(Falcão, Lorenzo. *Mundo cerrado*. Cuiabá: Entrelinhas, 2011, p. 94)

Como se observa, o poema de Falcão não faz uso da métrica parnasiana e ironiza o passado, que denomina de “nos antigamentes”. Ainda assim, o desfecho apresenta o desejo do eu lírico de integrar-se à tradição da literatura mato-grossense: “um dia, e deus ajuda, / ele ainda será manga perpitola”. A manga perpitola, no poema, é o símbolo da autenticidade e prosperidade local, um sinal de que a escrita estará amadurecida depois de um período de aclimação às coisas da terra. Eis aqui um exemplo da busca do migrante pelo pertencimento regional, uma espécie de alinhamento com a tradição.

Outros escritores continuam reagindo de forma menos enérgica e mais lúdica, como Aclyse de Mattos. A maior parte de sua produção está ligada às interações poéticas com a música. Valendo-se de referências sofisticadas do Modernismo europeu e brasileiro, Mattos não apresenta uma linguagem hostil. Ao contrário, convida o leitor a admirar a singularidade do linguajar cuiabano, tônica recorrente no meio intelectual.

Tchacoaiá

Eu fui num tchá, tchá coa Iaiá
Txa tia djá djá me tchamô
Tchamo na tchinha ô tchata tchá
Foi a Iaiá que me sarvô

Dizendo:

Vamo tchacoaiá tchacoaiá
tchacoaiá e tchacoaiá

E nesse tchá tchá coá Iaiá
Rolô um bolo, Boloflô
Não era um tchá co bolo tchá
Era um tchapa paqueradô
Que
Metxeu co txa metxeu co txa fia
Metxeu co txa metxeu co txa fia
Detxe'le lá vamu tchamá a Tchefia

E
Vamo tchacoaiá tchacoaiá
tchacoaiá e tchacoaiá

E nesse tchá tchá coá Iaiá
Txo pai tchapô co tchá de frô
Num atchô a tchave do Tchevette (vidje e djá)
E de Tcharrete ele vortô

E
Vamo tchacoaiá tchacoaiá
tchacoaiá e tchacoaiá

E nesse tchá tchá coá Iaiá
Tchegô de djapa inté dotô
Txas moça a linda a chacoaiá
E eu encontrei o meu amô

Dizendo:
Vamo tchacoaiá tchacoaiá
tchacoaiá e tchacoaiá

(Mattos, Aclyse. *Festa*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2012, p. 68-69)

A influência dessas experiências linguísticas da geração literária do final do século 20 se evidencia na produção contemporânea do século 21. Veremos o legado da cuiabanidade perpetuar-se no início da carreira de autores jovens, como é o caso de Mateus Elias:

Um pedido sobre as águas

E ocê tá veno aquele passarinho?
Aquele grande naquela árvore bela?
Craro que vê. Quando tá no caminho,
Num precisa de óculos nem vela

Mô fio, se segura na canoa!
Quand'óia pra cima, o rio tá aí,
Se ele zangá, a queda é boa,
Ieu mesmo um monte de vez djá caí

Atençom, que tudo é encantado,
A água, nela eu nasci e criei,
Tudo o que ocê vê nesse lado
Tem ali debatcho d'água que eu sei.

Lembra: Esse é oridge de nós.
Vão te insiná: “ora, pois, I love you”,
Mas quero vê no cantá de xá voz
Esse rio e aquele tuiuiú

(Antunes, Mateus Elias Cruz. *Cada memória vivida*. Cuiabá: Umanos Editora, 2021. p. 74-75)

Com o início do século 21, o fluxo migratório transformou o mercado editorial mato-grossense. Autores das mais diferentes origens passaram a escrever a partir de Mato Grosso, mas não se alinharam com a temática regionalista. Alguns deles chegaram a tomar rumos opostos.

Uma das novas possibilidades na literatura mato-grossense é a guinada do foco temático do centro histórico (dos jardins, praças, palácios) para a periferia. O bairro do Porto, mais próximo do Rio Cuiabá e ultimamente degradado, merece destaque na obra de Luciene Carvalho. No livro *Porto*, a escritora apresenta um cenário estimulante, enumerando locais e tipos diferentes da elite da capital:

Fui andando pelas ruelas
tão aquelas
do Porto de Cuiabá

têm história...
crianças de hoje
brincam com netos
de vizinhos de outros tempos
o dono da padaria
conhece Dona Maria
sobrinha do seo João
Jacira que lava a roupa
em outros tempos foi louca
de amor por Sebastião
que hoje toca a padaria
porque casou com Sofia
a filha de um alemão.
E, aqui no bairro do Porto
vizinho é de porta adentro
é um bairro de outros tempos,
tem outra arquitetura.
E o que se procura acha:
é linha, anzol, borracha;
macumba é na Baianinha,
chá de folha é no Suat

hortaliça, arame, linha
tem vidraceiro, engraxate
café moído na feira
cabelereira, sapato

o que tem de história triste
muito serviço barato.
tem puta de qualidade
tem putinha de tostão
pano de prato
cultura

tem pedinte
tem cafetão
tem virgem
tem traficante
tem carretel, tem barbante
suor trabalho, mistura

tem Cuiabá neste bairro
que em Cuiabá não tem
tem tanta história importante
que Deus salve o Porto, amém

(Carvalho, L.; Fraga, R. *Porto*. 2. ed. Cuiabá: Instituto Usina, 2006, p. 45)

É importante destacar que Luciene Carvalho não pretende a ruptura com a tradição literária mato-grossense que centra em Cuiabá sua principal temática. “Outros tempos” é um apelo nostálgico às mesmas imagens de crianças brincando na rua. Temos aqui uma vida comunitária de afetos, trocas de experiências, ligação estreita com a noção de família, espaço e tempo.

No entanto, girar o eixo geográfico na própria cidade oportuniza uma diferenciação que deve ser destacada. Carvalho não se limita a tratar do passado. O tempo verbal é o presente. O poema trata de uma cidade que não há na literatura passada; isto é, apresenta imagens populares até então pouco exploradas pelos escritores mato-grossenses.

Como já vimos, Lobivar Matos foi um dos poucos escritores a destacar o conjunto urbano periférico, elegendo personagens da população pobre para protagonizar seus textos. Luciene Carvalho opera no mesmo sentido, mas com uma tônica de celebração de sua própria zona urbana. De toda sorte, mesmo nas agruras de um cotidiano empobrecido, há orgulho da capacidade cuiabana de acolher gente das mais diversas origens e fazer da miscigenação uma grande festa.

Cuiabá ainda é protagonista?

O que terá mudado na virada do século 21? Vozes de outros segmentos sociais percebem a cidade de formas diversas. É a mesma Cuiabá onipresente na literatura, mas uma cidade até então desconhecida para o público leitor do centro, ou melhor, elitista. Cantar a periferia e seus cenários alternativos é uma cartografia que outros autores estão trilhando. Anote-se, por exemplo, a produção de Wuldson Marcelo, Rodivaldo Ribeiro e Paty Wolff.

Em boa parte das produções contemporâneas, não há reiteração das tradicionais imagens cuiabanas. Os temas encontram-se diversificados, quase sempre ligados à vida urbana e a seus desafios. O conflito existencial, a perplexidade com a tecnologia, as questões sociais relacionadas à diversidade de raça, gênero, orientação sexual, tudo isso compõe o campo de interesse dos novos escritores.

Com ironia, Divanize Carbonieri abordou o problema da localização na “geografia literária” tradicional. Em seu livro *Passagem Estreita*, o croniconto “Cuiabá” não segue os padrões identitários de georreferenciamento, uma tendência comum do século 20. Usando a cidade como mote inicial do texto literário, Carbonieri gira o eixo temático para dentro de si mesma, ao considerar-se perdida na cidade.

Cuiabá

é tudo uma questão de geografia literária, eu sei que deveria usar os nomes das ruas de Cuiabá como cenário para essa história, mas a verdade é que me movo sem me importar com os nomes dos lugares, posso passar milhares de vezes pelas mesmas ruas sem nunca decorar seus nomes, faço cara de paisagem quanto me explicam algum caminho, finjo que estou entendendo, mas não visualizo nada, uma grande parede branca é o que se forma na minha mente, não tenho a menor noção de direção, tão perdida que estou nesse mundo, nessa cidade, nesse corpo, um corpo não aterrado, que flutua solto sem estar realmente ligado a nenhuma terra, nenhum chão, nenhum espaço, eu já devia conhecer todos esses pontos de referência, tantos anos que estou aqui, mas não conheço nada, e sempre foi assim em toda cidade

em que morei, nunca soube me localizar, desconectada, alheada de tudo o que acontece à minha volta, quando os outros todos estão ancorados, tão felizes por estarem vivos, e eu morta por dentro, o fato é que quase não saio de casa porque todos os lugares me parecem iguais e nenhum deles me entretém, mas não é desculpa, eu deveria usar alguma geografia literária específica, ser uma autora de sua cidade, da cidade em que vive, já que isso é importante para o reconhecimento dos leitores, a nova geração poderá ler esses contos e dizer, olha que legal, essa história se passa na mesma rua em que eu moro ou na rua da minha escola ou onde eu sempre passo, mas não, todos os lugares aqui ou quase todos estão sem nome, não especificados, é uma geografia literária genérica, e isso vai fazer com que ninguém de fato se reconheça nela [...]

(Carbonieri, Divanize. *Passagem estreita*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2019, p. 82-83)

A rejeição às transformações urbanas, ocasionadas pela migração em massa e crescimento desordenado da cidade, levou o escritor Rômulo Netto a expressar-se com pessimismo diante do cenário atual. Em seu livro *Os deserdados da sorte*, o eu lírico de Netto expõe uma metrópole caótica, socialmente injusta.

Na cidade grande
o sujeito definitivo
olha a vitrine do cirurgião plástico
escolhe sua nova cara:
de facão
de tijolo queimado
de quem viu e não gostou
de plebeu pobre e burro
de quem vai viver e morrer
com a cara que veio ao mundo.
Apois! Cara de pobre
não carece de reforma.

(Netto, Rômulo. *Os deserdados da sorte*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2010, p. 114)

A reforma da cidade não atinge a vida da população pobre. O poema sem título de Netto pertence ao subcapítulo “O sujeito definitivo”, que proporciona ao leitor as experiências humanas negativas em meio à cidade transformada. Tudo é passível de “plástica”, menos as diferenças socioeconômicas que se aprofundam ainda mais.

No contexto contemporâneo, Cuiabá despersionifica-se para dar lugar à inominada metrópole. É o caso de Wuldson Marcelo em seu livro de contos *Obscuro-Shi*. Não se trata de traçar uma cartografia afetiva de Cuiabá, como fez Silva Freire, nem de louvar seus becos, praças e costumes com o saudosismo de Moisés Martins. A tônica passa a ser o protesto.

A exemplo de Ronaldo de Castro em *Cuiabanália*, alguns autores aprofundam as críticas às disparidades sociais em meio à frenética metrópole. Wuldson Marcelo pertence à nova geração de escritores do século 21 e narra a história de uma personagem recém-chegada à cidade, perdida em meio às incertezas e injustiças sociais.

Lá está ela. Um terreno vasto. Mas ninguém poderá dizer que era uma terra fértil. As pessoas chegaram. Continuam a chegar. Aglomeram-se. A cidade inicia sua história. Tudo cresce de maneira assustadora. A sua improvável pureza é vencida pelo poder da construção desmedida. O concreto exige espaço e os grandes edifícios se estabelecem. O seu dinamismo leva consigo alguns traços de omissões. Aparecem as distinções sociais, estampadas nos rostos, nos corpos e na publicidade. Porém, a pobreza e seus infortúnios são preços pagáveis pelo sonho que se ergue. O seu registro narrativo não ignora as divisões e subdivisões existentes. Mansões e casas de lona, automóveis de luxo e carroças, engavetados e esfarrapados, socialites e prostitutas, executivas e domésticas, políticos e eleitores. Nascem as relações pessoais e amorfas, fantasmas se cruzam de olhos bem fechados, para não tornar insuportável o que se acostumou a chamar de vida. Shi acompanha o nome da cidade. Da minha cidade. E da tua também.

[...]

Para aqueles que enfrentam o poder que domina a cidade, há duas soluções: a assimilação ou o aniquilamento. Para aqueles que aceitam ser assimilados pela máquina de moer gente, palmas. E a cidade os abraça como seus novos conquistadores. Então, posa-se para fotos com seus antigos rivais. Para aqueles, ínfimos gigantes resistentes, que não conseguem evitar o aniquilamento, a cidade sempre se regozijará de triunfar sobre eles. Shi é novamente percebido como indício de tragédia.

A cidade e seus sócios festejam com seus súditos a permanência do status quo, a consagração da vida que passa e se extinguirá sem contestação. Shi já é tudo que se conhece.

Mas quem liga para um relato impreciso e desconexo de um recém-chegado?

(Marcelo, Wuldson. *Obscuro-Shi: contos e desencontros em qualquer cidade*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016, p. 101-103)

Na contramão do saudosismo, Eduardo Mahon radicaliza no enfrentamento da tradição, sem recorrer à nostalgia para celebrar o passado idealizado. Ao rejeitar a paisagem natural cristalizada na literatura mato-grossense, o autor de *Medusa de aço* clama por mais “cidade na cidade”, isto é, pela urbanização tão combatida pelos autores do século 20. Noutra perspectiva, pode-se questionar que tipo de cidade prevalece nas expectativas da nova geração de escritores.

Como já comentamos em capítulos anteriores, os principais temas da literatura produzida nos séculos 19 e 20 se relacionam com a cidade – sua geografia e seu povo. A *missão* dos escritores era defender Cuiabá contra invasores, predadores, paus-rodados. O futuro é quase sempre encarado com ceticismo e até mesmo rejeição. No entanto, ao contrário de se fixar no passado, o eu lírico de Mahon clama pela transformação radical. O “cimento” presente no poema sugere o sepultamento das tradições, numa clara oposição à reiteração de imagens idílicas da Cuiabá antiga.

Cimento amado

Ah, como eu queria mais cidade na minha cidade
Como eu queria mais asfalto, mais fumaça, mais barulho
Abrir a janela e ouvir os gritos de pânico da ambulância
Anunciando que alguém morre e urge celebrar a vida

Ah, como eu queria mais cidade na minha cidade
Os berros da vizinha que não suporta crianças no edifício
O pingado servido no imundo balcão de fórmica azul
Que exala o cheiro dos mendigos embriagados desde cedo

Ah, como eu queria mais cidade na minha cidade
As florestas de concreto e vidro interditando o horizonte
Os pelotões de motoqueiros que avança no flanco dos automóveis
E levam consigo os retrovisores que só enxergam o passado

Se houvesse mais cidade na minha cidade
Eu caçaria anônimo pelo safari de concreto frio
Leria um romance alemão durante os engarrafamentos
E faria do decadente cinema pornô a minha segunda casa

Vem, cimento amado
Apaga essa modorra da minha urbe desalmada
Varre o chão de terra, a mata torta, o barranco improvisado
Põe mais futuro nessa cidade abortada

(Mahon, Eduardo. *Medusa de aço*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021, p. 42)

O poema de Mahon contrapõe-se frontalmente à idealização tradicional que apela para o saudosismo, indicando que os atuais motociclistas arrancam os “retrovisores que só enxergam o passado”. Essa tendência se evidencia ainda mais em sua obra literária, que se constitui principalmente

de contos e romances O cenário escolhido para o desenvolvimento do enredo está voltado às metrópoles e as personagens são marcadamente atormentadas pela incerteza da modernidade. Embora algumas ambientações remetam à realidade amazônica, como no conto *Inclassificáveis* e no romance *Alegria*, o escritor não se vincula à tradição regionalista mato-grossense.

Na atualidade, além de enfrentamentos diretos com a longa tradição cuiabana, outros escritores recorrem a estratégias diversas. Mesmo não engajados na defesa de valores locais, boa parte dos autores mantém Cuiabá como cenário para poemas e narrativas. Contudo, o projeto literário da nova geração parece não se atrelar ao sentimento nativista predominante no século 20, tampouco pretende hostilizar migrantes e culpabilizá-los pelas transformações da antiga cartografia afetiva. Trata-se de ambientar na cidade cenas cotidianas, com personagens livres de rótulos regionalistas.

A tônica atual concentra-se no aspecto psicológico das personagens, mais do que na descrição paisagística. No século 21, nota-se uma tendência de fazer de Cuiabá um ambiente comum para as narrativas produzidas a partir do estado, sem que, para isso, a cidade apresente-se como protagonista. Noutras palavras, o foco narrativo voltou-se para o trato cotidiano, reforçando a importância das personagens em detrimento do cenário cuiabano.

Alguns autores mato-grossenses ambientam os textos no cotidiano da metrópole, omitindo Cuiabá como cenário, outra possibilidade de expressão contemporânea. Assim, um dos resultados do fluxo migratório e do crescimento urbano da capital é a reorientação geográfica utilizada pelos escritores, sendo que a cidade onde moram não é mais cenário obrigatório para o enredo desenvolvido. É o caso de Paulo Sesar Pimentel. No livro *Cão sem penas*, o autor narra suas histórias no meio urbano, sem mencionar Cuiabá.

Cacos Urbanos

Outros pedaços de mosaico que não podem ser colados

Cena 1 – O Vaso

Asfalto. Calor escaldante. Movimento. Formigas nervosas. Sacolas. Farfalar ruidoso. Fuligem. Cinza multifacetado. Corpos. Carnes fartas. Desajustamento. Mundo contemporâneo. Um acidente. Um terrível acidente. Buzina ruidosa, freada busca, agitações nervosas, olhares furtivos, olhares atentos, olhares curiosos, olhares. Um corpo cai, depois de desafiar a gravidade e descrever uma meia órbita em torno do aço, em torno do ferro, em torno do design, em torno dos motores, êmbolos, dínamos, engrenagens, cabos, fios, roscas e parafusos, óleos, vidros e espelhos, em torno da borracha, em torno das tintas cromadas desses tempos tão modernos, dessas eras tão inimaginavelmente novas, e modernas. Cabeças várias e o fim do movimento de um ato só. Um corpo cai no asfalto e o burburinho da cidade cala seu último ruído, cala suas últimas palavras, cala seu movimento final, um ato só. Uma mulher morta no chão.

(Pimentel, Paulo Sesar. *Cão sem penas*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2014, p. 63)

Cuiabá também se apresenta na literatura de maneiras alternativas, até mesmo futuristas. Em *Cortiço Capivara*, por exemplo, Júlio Custódio tece o enredo num futuro distópico da capital, tomada pelo megaempreendimento em que circulam as personagens ao longo da narrativa. Trata-se de uma perspectiva insólita, pessimista, fadada ao caos. Santiago Santos, outro escritor contemporâneo, projeta imagens apocalípticas em Cuiabá. Em *Baguncinha*, o escritor imagina como seria a geografia urbana de uma capital inundada. O protagonista palmilha uma cidade submersa, completamente transformada, embora os centros de referência permaneçam os mesmos que os atuais.

Ilhas sobrevoam a terra ratchada

Viu dois moleques parados na beira do rio, na entrada do Bosque da Saúde. Remou, uma remada aqui, outra ali, mais outra, até lá. O que vão querer?, disse, sentindo o choque da ponta do bote com a terra. Os moleques tinham

capas de caderno penduradas com arame na cintura. Eles ofereceram quatro mangas, uma delas amassada. Olhou pro fundo do bote. Pegou um antebraço com a mão direita, todos os dedos. Toma, disse, e entregou para eles. Baixaram a cabeça e entraram no mato.

Foi remando no sentido do CPA. Vez ou outra via as pessoas que moravam no topo dos edifícios afogados pela água, acenando, chamando, querendo escambo. Ratos de prédio nunca tinham nada de valioso e não raro tentavam roubar sua mercadoria. Tratava apenas com os sobreviventes da selva dos bairros altos. Observou a concentração anárquica sobre as construções da antiga administração pública, cujos terraços persistiam centímetros acima da água. As sombrinhas, as cadeiras de plástico, o lixo empilhado nas pontas, a podridão humana que se podia sentir daquela distância.

(Santos, Santiago. *Baguncinha*. Cuiabá: Arcada, 2023, p. 80)

Novos grupos literários e endereços de sites e revistas eletrônicas

Cuiabá, indiscutivelmente, é detentora de um cenário literário pujante, com iniciativas de incentivo à leitura, especialmente direcionadas ao público infantojuvenil das escolas públicas. Empenhadas em promover ações de valorização e produção regional, essas iniciativas incumbem-se do fomento ao mercado literário e da divulgação de obras de autores mato-grossenses, desenvolvidas pelo Coletivo Livraiada, pelo Projeto Sapicuá de Literatura Mato-Grossense, pelo Espaço Cultural Casa Silva Freire, pelo Coletivo Literário Maria Taquara – Mulherio das Letras MT, pelo *Ruído Manifesto*, dentre outras. Atualmente, a Academia Mato-Grossense de Letras desenvolve o projeto Casa Aberta. O evento apresenta, mensalmente, manifestações da cultura popular, contação de histórias, lançamento de livros, performances poéticas e divulgação da produção literária de seus membros, dentre outras atividades, com a presença marcante de alunos das escolas públicas do Estado.

Como vimos neste capítulo, Cuiabá é um dos temas mais recorrentes na produção literária em Mato Grosso. A cidade foi abordada de diferentes formas, frequentemente idealizada no passado. Com a geografia assumindo o protagonismo, as personagens tornam-se coadjuvantes em contos e romances. Na lírica, as experiências linguísticas abrem novas perspectivas de inserção de outros grupos sociais ainda pouco presentes na produção literária.

A “defesa” de Cuiabá também pode ser encarada como uma aguerrida resistência local ao processo de globalização. Passados mais de 100 anos, talvez o projeto literário que formou gerações de escritores deva ser classificado como anticolonialista, isto é, uma postura proativa em favor das especificidades locais. Uma leitura recente sobre o fenômeno pode provocar uma nova onda de regionalismo na produção mato-grossense, pois a identidade é um patrimônio valioso tanto para os nativos quanto para os que se estabelecem em Cuiabá.

No entanto, é impossível fazer uma previsão sobre novas tendências na literatura contemporânea. Quanto à geografia literária, percebe-se uma progressiva perda de protagonismo de Cuiabá, que se torna mero cenário da prosa e da poesia, sem assumir o papel central. Em alguns casos, a cidade desaparece nominalmente, sendo referida apenas por suas características naturais, como o clima.

Com o avanço do agronegócio, a ampliação do mercado editorial e do público leitor, é provável que a capital perca o protagonismo como cenário escolhido para as narrativas ambientadas em Mato Grosso. Os escritores que publicam em periódicos de outras cidades e lançam livros com alcance estadual passam ao largo da capital como referência imediata.

Por outro lado, o meio virtual modifica as antigas cartografias, mesclando referências geográficas. Blogs literários, revistas virtuais e coletivos de escritores possibilitam novas formas de divulgação para um público renovado, gerando um afastamento dos referenciais tradicionais.

De qualquer forma, lembremos que a tradição constitui a base dos diálogos entre gerações diferentes e é muito possível que, no futuro, Cuiabá reapareça sob novos prismas e linguagens, narrada sobretudo por ângulos de representação social até então inexplorados na literatura mato-grossense.

AMPLIANDO HORIZONTES

• Intensivismo

Uma das maiores estudiosas da movimentação modernista em Mato Grosso é a escritora e pesquisadora Maria Cristina Campos de Aguiar. Formuladora da Biblioteca Digital do Intensivismo (disponível em <https://www.intensivismo.com.br>), escreveu também um ensaio que se aprofunda no tema: **Intensivismo: vanguarda literária mato-grossense** (Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2021).

Entre as obras de referência de Wladimir Dias-Pino, um dos fundadores do Intensivismo, destaca-se **Processo: linguagem e comunicação** (Petrópolis: Editora Vozes, 1971).

• Pau rodado

Indicamos a leitura do artigo de Joelma Aparecida Bressanin, **A produção do saber sobre a língua: um estudo do dicionário cuiabanês**, publicado na *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*, v. 26, 2010. Outra fonte interessante é o **Dicionário Cuiabanês**, de William Gomes, publicado em 2015. A expressão também está presente no famoso rasqueado “Pau-Rodado”, de Pescuma & Pineto, gravado no álbum **A força do rasqueado cuiabano**, de 1997. Por fim, é saborosa a produção musical da dupla Vera & Zuleica, no Grupo Musical de Sarã, com a canção “Pau-fincado”, gravada no álbum **Só rasqueado cuiabano**, em 1997.

• O nome de Cuiabá

A origem linguística do nome Cuiabá é disputada. Recomendamos a leitura de **Enciclopédia Bororo**, Vol. 1, publicada por César Albisetti Venturilli (Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco, 1962). Uma outra perspectiva é a de Francisco da Silveira Bueno, no **Vocabulário Tupi-Guarani Português** (Brasillivros: Editora e Distribuidora, 1987). Em Mato Grosso, o pesquisador Paulo Pitaluga Costa e Silva é essencial para a pesquisa. Pitaluga publicou **Índios Cuyabás** (Carlini e Caniato, 2009) e o artigo **Origem e significado do nome Cuiabá** (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá, v. 1, n. 81, p. 13-82, dez. 2019).



• Geração Coxipó e o contemporâneo

Para entender melhor a efervescência da movimentação literária no final do século 20, indicamos o livro de Marinei Almeida, **Revistas e jornais: um estudo de Modernismo em Mato Grosso** (Carlini & Caniato, 2012), além de textos de Eduardo Mahon, como **A literatura contemporânea em Mato Grosso** (Carlini & Caniato, 2021) e **Cuiabá entre dois séculos: surge uma nova geração literária** (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. Dossiê Homenagem a Cuiabá pelos seus 300 anos, v. 81, p. 283-301). Mahon também dirigiu o documentário **Geração Coxipó** (Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso; Pixé Revista Literária, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sSLji877ok>).

Esses trabalhos podem ser considerados em conjunto com outras obras que se tornaram referências para o estudo da literatura e da cultura mato-grossenses, entre elas:

Panorama da literatura e da cultura em Mato Grosso, de Sebastião Carlos Gomes de Carvalho (Verde Pantanal, 2004);

Mapas da Mina: estudos de literatura em Mato Grosso, organizado por Mário Cezar Silva Leite (Cathedral Publicações, 2005);

Literatura e Poder em Mato Grosso, de Hilda Gomes Dutra Magalhães (Ed. UFMT, 2002).

• Genealogia

Para quem se interessa pela origem das famílias de Mato Grosso, sugerimos consultar a *Genealogia Mato-grossense* de José de Mesquita, obra que está disponível no endereço: <https://pt.scribd.com/document/663227323/Genealogia-Matogrossense-Biblioteca-Virtual-JosA-de-Mesquita>.

Na obra **Gente que fez, gente que faz Cuiabá: inventário de família pioneiras cuiabanas** (Entrelinhas, 2019), a pesquisadora Neila Barreto identifica as famílias que constituíram a sociedade cuiabana, inventariando 300 anos de história.



• Música

Chico Gil. **Seresta Matogrossense** [álbum musical]. 1995. Lançado independentemente por Chico Gil. 12 faixas. Álbum que deu início ao ritmo que seria conhecido como lambadão cuiabano. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/4IGlyGTRW34An3SrFvq7T6>.

Henrique & Claudinho. As canções da dupla são imprescindíveis para sentir o que ficou conhecido como cuiabanidade. Recomendamos:

A Força do Rasqueado Cuiabano [álbum musical], lançado por Atração, em 1997. <https://open.spotify.com/intl-pt/album/2gx3tZfM5Sfyf883n-135jM?si=xX-yX7liSPeMn6lIDJVVJA&nd=1&dlsi=92f567cff15d4bb6>.

Cuiabá, Cuiabá [álbum musical], um marco histórico para a valorização cultural do rasqueado cuiabano: <https://www.letras.mus.br/henrique-e-claudinho/discografia/cuiaba-cuiaba/>.

Obras infantojuvenis

Isso é coisa de Pirata de Wander Antunes. Cuiabá: Tempo presente, 1996. A história envolve personagens da literatura infantil universal e crianças de Cuiabá. Começa com Sininho voando até a cidade e acordando Goncalinho para avisá-lo de que o Capitão Gancho e um bando de piratas estão vindo para roubar o ouro da mina que existe embaixo de uma igreja. Goncalinho reuniu os amigos e, por eliminação, deduziram que seria a igreja do Rosário. Com o pó da Sininho sobrevoaram a cidade e viram o navio do Gancho vindo pelos ares, (pois havia roubado um saco de pó mágico). Depois de muita luta entre os piratas e a turma de Gonçalinho, com a ajuda do vento e dos jacarés, Capitão Gancho foi expulso.

Motosblim: a incrível enfermaria das bicicletas, de Aclyse Mattos, com ilustrações de Marcelo Velasco. Cuiabá: Entrelinhas, 2019. O livro rememora os tempos de infância na rua 13 de Junho em Cuiabá. Tudo acontece nessa rua onde moram os personagens e passam ciclistas, misses e até o circo. Há um morador que conserta bicicletas e outras coisas, chamado Névio. A questão que o livro propõe é a de que a “máquina do tempo” pode engolir todas essas boas lembranças.



• Sites

Sempre Dalva

Site dedicado à difusão das obras da artista plástica Dalva de Barros, reconhecida pela qualidade estética e temática, além de ser uma das maiores incentivadoras da geração artística cuiabana do final do século XX:

<https://sempredalva.com.br>

Cuiabá de Antigamente

Página no Facebook destinada a postagens de fatos e imagens de Cuiabá dos séculos 19 e 20, principalmente. Encontra-se no endereço uma série significativa de referências interativas sobre o cotidiano urbano da capital mato-grossense: <https://www.facebook.com/groups/Cuiabanos>

Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

Site da associação cultural mais antiga de Mato Grosso em atividade. Diversas revistas, publicadas desde 1919, e relevantes documentos históricos podem ser pesquisados: <https://www.ihgmt.com.br/>

Academia Mato-Grossense de Letras

Site em que se podem encontrar os números digitalizados das Revistas do Centro Mattogrossense de Letras e da própria Academia Mato-Grossense de Letras. <https://academiamtdeletras.com.br>

Mundo digital

Para navegar no mundo literário digital, recomendamos os sites, ambos em atividade constante de divulgação cultural:

Tyrannus Melancholicus, dirigido pelo jornalista e escritor Lorenzo Falcão:

<https://www.tyrannusmelancholicus.com.br>

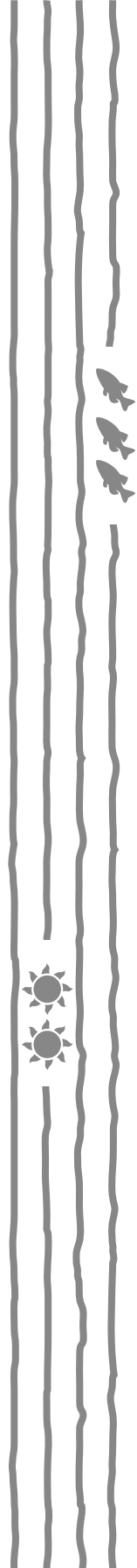
Coletivo *Ruído Manifesto*: <https://ruidomanifesto.org>

• Outras referências

Palavras indígenas no linguajar brasileiro, de Mario Arnaud Sampaio (Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1995);

História Geral das Bandeiras Paulistas, de Affonso de E. Taunay (São Paulo: Editora Museu Paulista; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1949).





CAPÍTULO 6

FLUXOS MIGRATÓRIOS

Neste capítulo veremos que, no século 16, a região correspondente ao atual estado de Mato Grosso não foi palco de uma migração organizada ou de grande escala, em virtude de sua condição inicial como posse espanhola estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas (1494). O território encontrava-se densamente ocupado por diversos grupos indígenas, entre os quais se destacavam os Bororo, Paresi, Paiaguá, Caiapó, Guaicuru e Guarani, conforme vimos no capítulo 1.

As primeiras incursões dos europeus na região ocorreram por meio de expedições exploratórias lideradas por espanhóis e portugueses, como as de Aleixo Garcia (1525) e Sebastião Caboto (1526), que estabeleceram interações com os povos indígenas, mas não promoveram uma fixação demográfica ou migração colonizadora efetiva. Paralelamente, a atuação missionária espanhola, especialmente a dos jesuítas, fundou os primeiros núcleos missionários com a finalidade de catequizar os indígenas locais.

No século 16, a região apresentava uma ocupação predominantemente indígena, complementada por ocasionais ações exploratórias e missionárias europeias. O processo migratório com características colonizadoras e o estabelecimento populacional mais consistente na área somente se intensificaram a partir dos séculos 17 e 18, impulsionados pela expansão dos bandeirantes paulistas e pela descoberta de jazidas auríferas em 1718, fatores que favoreceram a consolidação da presença portuguesa e o povoamento efetivo da capitania de Mato Grosso.

A partir desse contexto, abordamos as complexas dinâmicas dos fluxos migratórios direcionados ao território mato-grossense, conforme surgem

retratadas em textos literários, na prosa e na poesia, e também em relatos memorialísticos.

Ao longo do capítulo, observamos três fases fundamentais desse processo; a primeira corresponde ao período colonial, compreendido entre 1730 e 1790, quando os bandeirantes paulistas adentraram a região impulsionados pela busca de recursos minerais, especialmente ouro. A segunda fase inicia-se na década de 1880, no período imperial, estendendo-se até a primeira república. Caracteriza-se pela chegada significativa de imigrantes europeus, que contribuíram para o desenvolvimento das atividades comerciais e agrícolas locais.

Por fim, entre as décadas de 1950 e 1990, no período de transição do regime militar para a Nova República, verificamos uma migração interna expressiva, sobretudo de populações provenientes da região Sul do país, que ocuparam e ajudaram a modelar o espaço, configurando o Mato Grosso contemporâneo.

Ressaltamos, por meio de fragmentos de textos literários e alguns relatos memorialísticos, o recorte cronológico que evidencia transformações sociais, econômicas e territoriais fundamentais para a constituição do atual estado, ressaltando o papel decisivo dos diferentes atores migratórios e suas motivações ao longo do tempo.

Os temas migratórios que ecoam pela literatura mato-grossense revelam imagens vívidas da errância, a incessante busca por uma vida melhor, a construção de identidades híbridas e o choque entre o migrante e a sociedade local. Com frequência, essas obras exploram os desafios sociais e econômicos enfrentados pelos migrantes: a estigmatização, os embates culturais e os complexos processos de adaptação em uma terra de fronteira.

No cerne dessa produção literária, destaca-se a fronteira como um espaço multifacetado de interculturalidade, em que se entrelaçam diversos grupos étnicos e culturais, refletindo a complexidade da formação social de Mato Grosso. Discute-se, igualmente, a colonização, o impacto das migrações internas e externas, e as profundas transformações socioeconômicas impulsionadas tanto pela ocupação agrícola quanto pela urbanização.

Além disso, a literatura que retrata os fluxos migratórios para Mato Grosso revela as relações entre campo e cidade, a saudade da terra natal, a construção de uma identidade regional e os conflitos vividos pelos migrantes, como a solidão e a angústia de pertencimento.

Sob o véu da mata e do ouro: a marcha dos bandeirantes paulistas no período colonial

Sabemos que a capitania de Mato Grosso foi criada em 1748 para garantir a posse portuguesa da região, disputada com a Espanha, mas logo os jesuítas espanhóis foram expulsos pelos bandeirantes. A literatura mato-grossense, de modo geral, representa o encontro dos chegantes com diversos povos indígenas, como os Coxiponé, Beripoconé, Bororo, Paresi, Caiapó, entre outros, exaltando a imagem do bandeirante, como é possível verificar em vasto material histórico e em inúmeros registros oficiais, incluindo o hino de Mato Grosso, escrito por Dom Francisco de Aquino Corrêa.

O Hino do Estado de Mato Grosso exalta o papel dos bandeirantes paulistas, que são retratados como heróis imortais responsáveis pela conquista da região, destacando a submissão dos indígenas Paiaguás. A letra enaltece Mato Grosso como uma terra de riquezas naturais, com minas de ouro (“minas faiscantes”), a abundância da fauna e flora, além da opulência dos “virgens sertões”. Ao mesmo tempo, enfatiza a grandiosidade do estado na construção do Brasil, associando-o a símbolos de poder e progresso, como o Colosso de Rodes e a Fênix, que representa renascimento e imortalidade. A exaltação histórica presente no hino reflete uma visão heroica da colonização, destacando a ação dos bandeirantes que, para expandir os territórios, exterminaram populações indígenas, como os Paiaguás, o que é implicitamente reconhecido na letra.

No capítulo 2, vimos que, a partir do final do século 16 e início do século 17, houve uma intensificação na produção de atlas, compêndios histórico-geográficos e coletâneas de narrativas de viagens dedicadas à representação da América recém-descoberta. A Europa se viu inundada

por um fluxo constante de informações sobre a existência do Novo Mundo, descrito detalhadamente nos relatos de viajantes, o que impulsionou a cartografia mundial e serviu de inspiração para romances ambientados em países imaginários.

No período colonial, relatos de viajantes destacam a migração para Mato Grosso como um processo marcado por grandes desafios e riscos, impostos por um contexto de isolamento físico, ameaças constantes e um rigoroso controle social, que restringiram a mobilidade e o crescimento populacional da região.

Pela parte oriental, Cuiabá tem muitas terras habitadas somente por índios infieis e ainda que haja caminho por esta parte do Brasil, é um caminho longo, muito difícil e exposto aos assaltos dos bárbaros e negros fugidos. Por estas causas poucos são os portugueses que empreendem tal viagem por terra. A grande distância até o litoral e o difícil caminho a percorrer, fazem com que os cavalos e mulas em Cuiabá sejam vendidos a preços muito elevados, pois se vende um cavalo ordinário a cem pesos e uma mula a duzentos.

Pelo ocidente, desde Cuiabá até Mato Grosso, se estendem algumas montanhas, que fazem parte da grande serra de que falamos acima. Os portugueses abriram caminho por estas serras para fazer uma via de comunicação com os de Mato Grosso, mas é um caminho difícil e somente para viajantes a pé, acostumados às temperaturas elevadas e pouco saudáveis daquele clima.

A cidade de Cuiabá não tem muralhas, nem artilharia nem fortificação alguma, porque com os alagadiços dos Xaraiés, e com a suma negligência dos espanhóis, se julga bem defendida. Somente para a guarda do Capitão General e para a defesa contra os índios infieis, mantêm uma companhia de soldados que recebem quinze pesos por mês. E desta se fazem várias divisões. Doze soldados nos presídios da fronteira, outros doze em uma canoa de guerra que serve para escoltar as canoas que navegam a São Paulo, e o restante, cerca de vinte, ficam em Cuiabá e são estes toda a defesa da cidade. O número de habitantes, de todas as condições sociais, chega a cinco mil pessoas, das quais apenas um pequeno número é livre; os demais, ou são

escravos, ou tidos e tratados como tais; porque à exceção de pouco mais de duzentas pessoas que se consideram gente branca, os demais, muitos são negros e mulatos e muitos índios mestiços, que são tratados pelos portugueses como se fossem escravos, pois que, ainda que por Ordem Real somente aos Paiaguás e os de uma outra nação se possa escravizar, naquele lugar se servem os portugueses de quaisquer índios que possam prear, e os têm em escravidão. Os índios mais próximos de Cuiabá, pelo lado norte, são os Pareci e os Barbado; estes nunca se rendem aos portugueses, porque os podem vencer e os podem matar em suas refregas. Pelo nordeste estão os índios Bororo; estes têm tanta simplicidade que, ao ser alguma índia dessa nação aprisionada pelos portugueses, logo vêm seus parentes se entregar e servir aos portugueses que a têm em sua casa. Pelo sul, depois dos alagadiços, estão os Mbaia, que acometem aos paulistas quando passam pelo Taquari.

(Quiroga, José. *Descripción del rio Paraguay desde la boca del Xauru hasta la confluência del Paraná*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. 10-11)

Observamos as diversas dificuldades enfrentadas para a migração e deslocamento até Mato Grosso no período colonial, destacando barreiras substanciais, como fatores geográficos, sociais e de segurança. As rotas terrestres para Cuiabá são descritas como longas, difíceis e expostas a condições climáticas severas, como altas temperaturas e ambientes malsãos. Tanto pela parte oriental quanto pela ocidental, os caminhos apresentam obstáculos naturais, como montanhas, alagadiços e clima adverso, que restringem o trânsito de pessoas e bens.

A defesa precária da cidade, com poucos soldados distribuídos entre fronteiras, escoltas fluviais e a própria povoação, torna a região ainda mais vulnerável, agravando as dificuldades para o estabelecimento e expansão de núcleos migratórios.

No período, a população local apresentava-se socialmente fragmentada e estruturada em torno da escravidão, com reduzida presença de brancos e predominância de negros, pardos e indígenas submetidos a regimes de servidão. Tal configuração demográfica e social não apenas evidencia a profunda desigualdade, como também sugere a existência de mecanismos

rígidos de controle social, o que tornava o ambiente pouco atrativo para migrantes livres, que viam restrito seu acesso à autonomia e a recursos.

No trecho a seguir, de Corrêa Filho, o autor menciona um episódio da bandeira de Anhanguera, no século 18. A composição dos migrantes, majoritariamente portuguesa, com contingentes oriundos da Bahia e de São Paulo, evidencia a pluralidade de procedências que marcou a formação inicial do tecido social mato-grossense.

Não obstante o desconforto da travessia da hinterlândia, em busca de Cuiabá, cidade bandeirante plantada no centro geométrico da América do Sul, mais de um baiano a empreendeu, resoluto, porventura com esperança de retornar, quando não o levassem as circunstâncias regionais a transformar o exílio sertanejo em centro de afeições agarrativas.

A notícia mais remota refere-se ao anônimo, que se agregou à bandeira de Anhanguera, do ciclo aventureiro, provocado pelo outro cuiabano, consoante assinalou o cronista José Peixoto da Silva Braga, partícipe da expedição que partiu de São Paulo em julho 1722, para descobrir as jazidas auríferas de Goiás. “Dos brancos, informou, quase todos eram de Portugal, um da Bahia e cinco ou seis paulistas”.

(Corrêa Filho, Virgílio. Baianos em Mato Grosso. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Publicações Avulsas. Cuiabá, 1998, nº 7, p. 7. Disponível em: <https://www.ihgmt.com.br/download.php?id=488>)

O texto destaca os obstáculos da travessia pela hinterlândia, região remota e de difícil acesso, evidenciando a determinação e a expectativa do migrante baiano diante das adversidades do percurso.

Essa travessia, por vezes, transforma o exílio do migrante em um vínculo sentimental profundo com o novo território, um “centro de afeições agarrativas”, ou seja, um lugar de apego apesar das adversidades.

No início do século 18, em decorrência da disputa pelo direito de exploração das minas de ouro recém-descobertas na região das Minas Gerais – conflito que opôs paulistas aos chamados emboabas –, os bandeirantes organizaram expedições em direção ao interior, principalmente para as regiões de Goiás e Mato Grosso. Tal expedição os levou a descobrir novas jazidas de ouro e promoveu o processo de interiorização e expansão territorial do Brasil.

E quando a invasão emboaba saturou as minas de elemento indesejável e insuportável para a arrogância aristocrática do paulista, atirou-se este ao desbravamento dos mistérios do subsolo goiano e mato-grossense.

Fez ele surgir longínquos confins, novos eldorados que desviaram para si a corrente imigratória que partia de São Paulo em busca da opulência.

(Junior, Alfredo Ellis. *O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano*. São Paulo: Tipografia Piratininga, s.d., p. 245)

No século 19, Couto de Magalhães ilustra como as migrações para Mato Grosso estavam profundamente marcadas pelo isolamento geográfico, pelas exigências de adaptação ao ambiente natural e pela colaboração imprevisível entre migrantes e indígenas, em um contexto histórico de expansão territorial, empreendimento econômico e adaptação cultural.

A mais famosa das cachoeiras do Arinos é o Salto Augusto, para transpor o qual é necessário varar as canoas por terra. Do porto do Rio Negro a Itaituba os viajantes de Cuiabá gastam de 18 a 20 dias na descida, e 3 a 5 meses na subida, sendo auxiliados nas cachoeiras pelos índios Apiacás, tribo pertencente à família tupi de excelente índole, e amiga do trabalho, que fornece aos viajantes boa parte de mantimento que usam na viagem ajustando-se como pescadores e caçadores.

(Magalhães, Couto de. *Região e raças selvagens do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro, 1874, p. 7)

A travessia descrita no fragmento, que podia durar de 18 a 20 dias na descida e até 5 meses na subida, evidencia o isolamento físico da região e a necessidade de cooperação com populações indígenas para a sobrevivência dos migrantes e viajantes. As expedições, motivadas tanto por interesses comerciais quanto pelo desejo de colonizar e integrar a região ao restante da colônia, enfrentavam desafios logísticos profundos, nos quais os rios e as redes locais de apoio assumiam posição estratégica.

O papel dos Apiacá ressalta como os processos migratórios do século 19 não eram apenas fluxos unilaterais de pessoas de fora para dentro, mas dependiam de complexas interações e parcerias com as populações

originárias, que atuavam também como mediadores culturais e provedores de conhecimento ambiental indispensável para a travessia e a permanência na região.

A historiografia e a crítica literária demonstram que os registros escritos sobre Mato Grosso, a partir do século 18, foram profundamente marcados pela chegada dos bandeirantes e pelo ciclo do ouro. Tais eventos históricos constituíram a base temática predominante da tradição literária local, especialmente entre o final do século 19 e ao longo do século 20. As narrativas canônicas entrelaçam elementos do folclore, crônicas, registros históricos e mitos ancestrais, formando uma complexa manifestação da identidade regional. Essa literatura estabelece um diálogo intrínseco com a oralidade indígena e a cultura local, ao mesmo tempo que reflete a influência dos colonizadores e as transformações sociais decorrentes da expansão sertanista paulista na capitania de Mato Grosso.

O poema a seguir, de Rubens de Mendonça, publicado em 1939, reflete a confluência entre a tradição lírica clássica e a poesia regionalista, presenças marcantes na obra do autor. Por meio de uma linguagem poética e rigor estrutural, o texto evoca a experiência de conquista e dominação dos colonizadores diante das forças naturais e dos desafios do ambiente amazônico. A evocação é uma característica da poesia que permite ao sujeito lírico reportar-se a períodos históricos passados, resgatando memórias, representações e experiências coletivas que dialogam com o presente do enunciador. Por meio desse recurso, a poesia não apenas preserva e revisita narrativas históricas, mas também promove uma reflexão crítica sobre os processos sociais, culturais e identitários que moldaram e continuam a influenciar o contexto contemporâneo. Em Mendonça, a figura emblemática de Pascoal Moreira Cabral simboliza a luta heroica, a ambição e o ideal nacionalista, articulando mitos fundadores da identidade brasileira com as especificidades geográficas da região. O soneto configura-se como um discurso poético que transcende o mero relato histórico, oferecendo uma reinterpretação estética e simbólica do processo civilizatório em Mato Grosso, típica da visão historiográfica e poética de Mendonça enquanto intelectual comprometido com a afirmação cultural regional.

Rumando ao Ocidente

Para Fábio Monteiro de Lima

Tempo em que, num tropel,
num bizarro alvoroço
De armas e embarcações, como agora não há,
Partiu para o sertão, rumo de Mato-Grosso,
Pascoal Moreira, fundador de Cuiabá. (Batista Cepelos – Os Bandeirantes)

No rio Paraguai o dia despontava
e uma doce alegria em tudo manifesta,
aves a gorjear e a natureza em festa
parecia saudar o bando que passava.

Quantas léguas venceu? Centenas! E lhe resta
outras tantas a vencer. E o herói avançava
em uma luta audaz com a correnteza brava
do rio, ou ora a lutar com o tigre na floresta.

Sonho... Glória... Ambição... Meditando isolado
nessa febre de ouro, o fúlgido Eldorado,
olha os céus a cismar, o audaz Pascoal Moreira.

Ele segue a marchar, embora cruelmente
faça frio ou calor! E segue indiferente
na ânsia de conquistar a pátria brasileira.

(Almeida, Antonio Tolentino de. *Poetas Românticos*. Antônio T. de Almeida; João Villasboas; Rubens de Mendonça; Newton Alfredo; Carlos Gomes de Carvalho (coord.) Cuiabá: KCM Editora, 2009, p. 186)

Sabemos que Mendonça escreveu a maior parte de seus poemas nas décadas de 1940 e 1950, em um estilo que faz a transição entre o Romantismo tardio e o Parnasianismo em Mato Grosso. No soneto “Rumando ao Ocidente”, o poeta retorna ao passado colonial para trazer imagens da migração e ocupação de Mato Grosso através da figura emblemática do bandeirante Pascoal Moreira Cabral, retratado como um herói audaz e persistente que enfrenta as dificuldades naturais para conquistar novas terras para a coroa portuguesa. A narrativa poética evoca o cenário natural – o rio Paraguai, a fauna e a flora – como um ambiente vivo e em festa, ao mesmo tempo que

contrapõe a luta humana à natureza adversa, simbolizada pela “correnteza brava” e pelo tigre na floresta.

O aspecto migratório está presente na imagem do “bando que passava”, que remete à movimentação das populações sertanejas rumo ao interior do país. Esse deslocamento ocorre de forma determinada e cheia de esperança, embalada por sentimentos como sonho, glória e ambição, representados pela busca pelo Eldorado, uma metáfora clássica para a riqueza e a prosperidade desejadas.

Pascoal Moreira Cabral, personagem histórico e fundador de Cuiabá, simboliza o pioneirismo e a persistência do migrante que avança apesar do frio, do calor e das dificuldades, evocando a intensidade das motivações que impulsionavam a ocupação do território mato-grossense. O poema ganha sua força poética ao humanizar esse processo migratório, transformando a marcha do bandeirante em uma metáfora da construção da pátria brasileira.

Sem mencionar a presença das populações indígenas, o poema de Mendonça integra de forma lírica a narrativa da migração interna e da ocupação de Mato Grosso, valorizando os desafios e as esperanças dos migrantes, bem como a relação simbólica entre o homem e a natureza nesse processo de conquista e construção histórica.

O fragmento a seguir, de Luis Sabóia Ribeiro, contrariamente à concepção do texto anterior, não evidencia a figura do bandeirante paulista, mas registra que o fluxo migratório para Mato Grosso, no período colonial, ocorreu em função da busca por recursos minerais, como o diamante, um fator que impulsionou o início da ocupação muito antes da consolidação da agricultura e pecuária.

O autor observa que o movimento migratório interno destacou-se pela sua gradualidade e anonimato, sem grande repercussão pública ou registro significativo na documentação administrativa da época, consistindo em um fluxo contínuo de sertanejos em direção ao leste mato-grossense. A presença reduzida, mas integrada, de estrangeiros reforça o caráter majoritariamente formado pelas populações já estabelecidas na colônia, ressaltando a migração interna como elemento fundamental tanto para o desenvolvimento socioeconômico quanto para a formação de uma população formada por diferentes grupos étnicos.

[...]

Como tem sido a regra do aproveitamento do solo brasileiro, o garimpeiro, a ilusão do ouro precedeu, mais de um século, o agricultor e o criador. Este favor o Brasil deve ao diamante na parte referente ao Leste mato-grossense. O mais interessante, o que mais chama a atenção, é que foi esse um movimento anônimo como o trabalho das formigas. Não teve o reclame dos jornais, nem despertou, de leve, o interesse dos estadistas. Processou-se num ritmo curioso e crescente. Foi um transladamento interno de populações sertanejas, num verdadeiro êxodo nacional. Ali o nosso caboclo transmigrou-se sem o alarde de uma Califórnia, sem misturar-se com aventureiros vindos de outros estados continentais em busca de fortuna.

Estrangeiros por lá vivem e também se dedicam à atividade lavrista, mas estão em cotas mínimas, em proporções percentuais reduzidas, e, embora muitas nacionalidades representadas, diremos que estão inteiramente adaptadas aos costumes da maioria nativa. Casualmente constatamos num pequeno grupo em palestras, verdadeiro amálgama de nacionalidade, pois nele estava um checo, um polonês, dois russos, um português, um italiano, dois austríacos, dois sírios e um irlandês. Nessa assembleia internacional nada se notava de exótico e a não serem os vários tipos fisionômicos e a pronúncia trair as origens, parecia uma roda bem nacional em seu conjunto.

(Ribeiro, Luis Sabóia. Caçadores de diamantes. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; UNEMAT, 2008. Publicado originalmente: Rio de Janeiro. Editora Epasa, 1945, p. 34-35)

O autor ainda destaca a composição étnica e social da população migrante, ao observar que, apesar da presença de estrangeiros de várias nacionalidades, estes se encontravam em número reduzido e plenamente integrados aos costumes locais. Como se verá adiante, na segunda fase migratória, que os imigrantes estrangeiros inseriram-se na vida local de maneira adaptativa, consolidando-se como agentes relevantes da dinâmica socioeconômica da região, contribuindo com instrumentos de trabalho e saberes diversos daqueles já estabelecidos pelos habitantes originários.

A análise sugere um movimento migratório caracterizado pela continuidade cultural e pela adaptação local, em que o intercâmbio de

pessoas de diferentes origens ocorre em um ambiente de relativa harmonia social, sem grandes conflitos culturais visíveis. A pluralidade de origens, ainda que integrada, reforça a ideia de uma sociedade culturalmente híbrida.

Se o fragmento não menciona os nativos da região, o texto a seguir, “Curupira: lenda cuiabana”, publicado originalmente em 1929, evoca as memórias e lendas vinculadas ao território de Mato Grosso, especialmente nas regiões marcadas pela presença da etnia Coxiponé e pela ação dos bandeirantes, como Miguel Sutil. A narrativa ressalta a imersão desses povos na natureza e a transformação do espaço com a chegada dos migrantes, evidenciando um processo que não se restringe ao deslocamento físico, mas que envolve também dimensões simbólicas e culturais. Ao destacar os vestígios dos antigos tanques de mineração e o clima carregado de histórias e significados, o texto permite compreender a migração para Mato Grosso como um fenômeno histórico complexo, no qual se entrelaçam resistência indígena, exploração econômica e a fundação da cidade, compondo a identidade regional.

Curupira: lenda cuiabana

Mais do que qualquer outra parte, tudo ali nos abala ao evocarmos, na solidão daqueles lugares e sob os braços estendidos de enorme e negro cruzeiro, as lendas que a eles se prendem.

Daquele açude, vestígio do antigo tanque do Arnesto nas denominadas lavras do Sutil, por haverem sido propriedade de Miguel Sutil, natural de Sorocaba, de águas barrentas com tons avermelhados a lembrarem sangue, como que surgem lamentos dos espectros que povoam as narrativas populares, confundidos com os gemidos das aves noturnas e agoureiras, pousadas nos contorcidos galhos de uma anosa lixeira.

(Rego, Maria do Carmo de Mello. *Obra reunida*. Brasília: Senado Federal, 2005, p. 108)

A menção aos “lamentos dos espectros” e aos “gemidos das aves noturnas” funde o real e o imaginário, apontando para a presença das narrativas populares como um meio de manter viva a memória coletiva dos migrantes e dos povos que antecederam as migrações mais recentes. Essas narrativas funcionam como instrumentos culturais que dão sentido

à experiência da migração, conectando passado e presente, e revelando o impacto social e psicológico da ocupação do território.

O texto sugere que a migração em contextos de exploração mineral e garimpos assume características complexas, criando não só movimentos populacionais, mas também processos simbólicos de construção identitária e cultural relacionados ao lugar. A migração não é apenas um fenômeno demográfico, mas também uma prática social marcada pelo entrelaçamento de histórias, lembranças e significados que tornam o território um espaço vivido e imaginado.

A evocação das lendas e do passado violento revela os conflitos inerentes às migrações que ocorrem em fronteiras e territórios marcados pela exploração econômica. A análise reforça a necessidade de olhar para a migração sob múltiplas dimensões – histórica, sociocultural e simbólica –, para captar sua verdadeira complexidade, como vimos no capítulo 4, dedicado aos conflitos sociais e as disputas pelo poder.

No início do século 18, com a intensificação da exploração econômica portuguesa em Mato Grosso, sobretudo a mineração aurífera, chegaram à região as primeiras levas de africanos escravizados, cuja mão de obra sustentou a mineração, a agricultura e a pecuária, tornando-se parcela expressiva da população local. Em Vila Bela, então capital, o crescimento demográfico e econômico esteve diretamente ligado ao trabalho escravo. Estima-se que, entre os séculos 18 e início do 19, quase metade da população da capitania fosse composta por escravizados. Integrada ao ciclo do ouro e à expansão agropecuária, a escravidão estruturou a formação social regional, ao mesmo tempo em que a população negra organizou formas de resistência, como quilombos e negociações com senhores. Inserido no contexto mais amplo do tráfico atlântico, que trouxe cerca de 4,8 milhões de africanos à força para o Brasil ao longo de mais de três séculos, o caso mato-grossense revela como essa migração compulsória deixou marcas profundas e duradouras na demografia e na configuração social do estado.

O fragmento a seguir, da obra *A conquista do Oeste*, de Afrânio Corrêa, descreve a diáspora de pessoas escravizadas para Mato Grosso nos períodos colonial e imperial, ressaltando a exploração sistemática da mão de obra negra no processo de ocupação e organização econômica da região. Os

escravizados desempenharam funções centrais na expansão das bandeiras e na consolidação da colonização do Oeste, realizando trabalhos pesados e perigosos, como o transporte de cargas, a condução de embarcações e a participação em expedições armadas, sob regime de extrema violência e punições severas. Assim, o crescimento econômico da região, especialmente em Vila Bela da Santíssima Trindade, sede política da capitania criada em 1752, esteve profundamente alicerçado na exploração do trabalho escravizado.

O negro na conquista do Oeste

O negro, escravo e miserável, teve uma função de relevo na grande obra de colonização do Oeste. Foi o braço forte que suportou o peso de todos os serviços pesados. Marchando com a bandeira, preso a um serviço duríssimo, deu a sua vida na saudosa marcha para o Oeste. (...) Só o negro suportava tal mister, porque era de fato, um forte. Remando enquanto navegavam; conduzindo por terra, sobre as costas, nas longas caminhadas, as dezenas de arrobas do equipamento material da Bandeira; pegando em armas, nos combates, para defender os senhores nos combates contra o gentio paiaguá e guató; o negro foi o braço forte na marcha para o Oeste, e sempre açoitado, espancado e chumbado como um animal rebelde! Importado e vendido como mercadoria, e como tal pagando impostos, o negro viveu em todas as épocas da conquista do Oeste como elemento precioso de trabalho. (p. 71)

E o tempo passa. Um século. Quase dois séculos. E Vila Bela de hoje é uma pequena vila de 300 habitantes, todos negros, porém. Transitam e passeiam pelas ruas da capital, entre as ruínas das suas igrejas, pelos solares de seus feitores. Todos morreram e se foram. E o negro lá ficou – livre, cidadão, pobre embora, porém livre, tendo como sua, só de negros, a pitoresca Vila-Bela dos Capitães Generais, símbolo do poderio português no Oeste, baluarte longínquo de um império fantástico, ruína memorável de época de açoites, torturas e enforcamentos.

Destino... quem te entende? (p. 74)

(Corrêa, Afrânio. A conquista do Oeste. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, 1945-1946, p. 71 e74. <https://www.ihgmt.com.br/revista-do-ihgmt/revista-27-1945-1946/72>)

Corrêa descreve como os escravizados foram o “braço forte” da colonização, muitas vezes obrigados a marchas extenuantes e trabalhos forçados sob castigos físicos constantes. Sabemos, contudo, que eles resistiram, formando quilombos e fugindo para regiões de difícil acesso, sobretudo na fronteira oeste da capitania de Mato Grosso. A presença negra acaba por marcar cultural e demograficamente lugares como Vila Bela, local onde os descendentes de escravizados, mesmo após a libertação, permaneceram marginalizados, pobres e testemunhas das ruínas de um ciclo de colonização violento.

Ainda sobre esse período histórico, a poeta contemporânea sul-mato-grossense Raquel Naveira evoca, nos versos do poema “Brasil Imperial”, imagens que capturam, entre outras mazelas do período, a angústia da diáspora, a perda das raízes e a violência física e simbólica sofrida, mas que também ressaltam a força da resistência cultural e da reinvenção da vida dos africanos escravizados e seus descendentes no Brasil. A articulação entre passado e presente, viabilizada pelo texto literário, confere à poesia uma dimensão temporal dinâmica, permitindo a reconstrução simbólica de eventos e a reafirmação de identidades historicamente marginalizadas ou silenciadas.

O Brasil Imperial

Vai mal:

Chega de escravizar,

De tinir os ferros,

De estalar açoites,

De prender algemas

Nos braços negros,

De estancar feridas

Com sal.

Chega de alimentar nobreza cabocla,

De regar com sangue o latifúndio,

De engordar as casas exportadoras,

De resistir às mudanças

Para o bem social.

Chega de empréstimos,

Falências,
Nos engenhos as moendas emperraram,
A flor do algodão secou como palha,
Atearam fogo ao cafezal;
O trono balança,
O imperador, D. Pedro II,
Não acompanha o progresso do mundo:
Lá fora há indústrias,
Vapores,
Trens,
Sopra o vento liberal.

O trono balança,
O imperador está velho, doente,
Pensa na Academia Francesa,
Em hieróglifos egípcios,
Em amigos da corte,
Em longos saraus.
D. Pedro coça a barba,
Deposita cetro e coroa
Sobre o trono que balança,
De sua valise
Saem as pontas do manto real.

Vai mal
O Brasil Imperial.

(Naveira, Raquel. *Jardim Fechado*. Porto Alegre: Vidráguas, 2015, p. 68-69)

O poema apresenta uma crítica contundente ao sistema escravista e à estrutura social que sustentava o Império brasileiro no século 18. Percebemos que o poema utiliza uma linguagem direta, com a repetição enfática de “Chega de”, para denunciar a exploração e o sofrimento da população negra aprisionada, representada pela imagem dos “braços negros” algemados e feridos.

Além da crítica social e política à escravidão, o poema também aborda o anacronismo do regime imperial, simbolizado pela figura de D. Pedro II, retratado como desligado dos avanços tecnológicos e sociais do mundo

moderno, preocupado com interesses pessoais e acadêmicos, distante das necessidades do povo e do progresso do país. A imagem do “trono que balança” funciona como metáfora da instabilidade e decadência do império, prenunciando seu fim.

A estrutura do poema, marcada pela cadência firme e pelo tom de denúncia, reforça a mensagem de urgência na transformação social. A crítica à manutenção do latifúndio, aos empréstimos e à estagnação econômica evidencia as contradições de um sistema que resiste à mudança para preservar privilégios, enquanto a sociedade brasileira clamava por liberdade e justiça social.

Naveira constrói no poema um conjunto de imagens que se inserem no contexto literário de oposição ao regime escravista durante o período imperial, contribuindo para a sensibilização e mobilização social. A voz lírica retoma o passado escravocrata para reverberar a denúncia das injustiças e, ao mesmo tempo, expressar um chamado para o avanço político e social do país.

Como já observamos, os relatos e crônicas de viagem sobre a época enfatizam a vastidão do território, a presença vigorosa dos povos indígenas e as incursões dos bandeirantes paulistas no século 18, mas praticamente excluem a representação da chegada dos negros escravizados. A literatura regional, mais estruturada e consistente, surge e se desenvolve a partir do século 19, quando autores locais se dedicam a reconstruir a identidade cultural e histórica de Mato Grosso por meio de narrativas, poemas, contos e crônicas, como vimos no poema acima, de Raquel Naveira, e como veremos na seção a seguir e nos capítulos que abordam temas da literatura contemporânea.

Ventos europeus e correntes migratórias internas em Mato Grosso no período Imperial e na Primeira República

Além dos bandeirantes e colonizadores iniciais, a presença europeia diversificou-se com migrações italianas, portuguesas, espanholas e de outras nacionalidades, que trouxeram novos costumes, técnicas agrícolas e dinâmicas comunitárias, contribuindo para a formação da identidade cultural mato-grossense, conforme já mencionado na seção anterior

referente ao período colonial. Essa imigração se intensificou no período Imperial e, ao mesmo tempo que impulsionou o crescimento populacional, promoveu a pluralidade étnica e cultural, articulando-se às transformações socioeconômicas locais e ao desenvolvimento do Estado.

Murmúrios do rio Cuiabá

[...]

E logo surgiram embarcações diferentes, carregadas de mais gente e provisões. As margens foram ficando movimentadas e em breve constituíram, na mais elevada, casas rústicas, muito diferentes dos aldeamentos primitivos...

O vento quando soprava forte, contava aos índios assustados, as novidades... E vieram mulheres que por amor a seus maridos, enfrentaram mundos desconhecidos...

Banhavam em minas águas seus compridos cabelos e mais tarde as primeiras crianças brancas nascidas ao meu lado...

Sentiam-se tristes, pois não tinham lugar para suas orações, e seus homens levantaram a primeira capela de palha de buriti, no meu afluente Coxipó sob a piedosa invocação de Nossa Senhora da Penha de França...

Mas nunca souberam que sempre lhes ouvi as preces ou que sobre mim caíram lágrimas de saudade, as recolhi e minhas águas as levaram aos seus destinos.

Porque já não me eram desconhecidos esses brancos, amava-os como filhos, como amava os acobreados. Eu era que os alimentava com meus peixes saborosos, os gordos pacus, jaús, pintados e os rútilos dourados. Era em mim que se divertiam à tardinha, quando cansados do trabalho vinham retemperar-se em minhas águas frescas...

E as embarcações sucediam-se cada vez maiores e mais atulhadas. Padres e soldados, aventureiros e marafonas, desiludidos da civilização e comerciantes. Vinham administradores enviados por reis longínquos... Meus filhos já não tão inocentes, eram agora amigos dos brancos e também estavam aprendendo o valor das pepitas.

[...]

Mas aos poucos fui sentindo com alegria que os homens que a princípio chegavam atraídos pelo ouro, criavam raízes tão profundas como as árvores gigantescas de minhas margens e ficavam...

E assim nasciam, cresciam e morriam. Ouvia-lhes suas alegres risadas, suas melodiosas canções, a conversa vibrante das mulheres e crianças, os gritos de guerra e os ais de desespero e dor!

O tempo passava e a povoação aumentava.

No espelho de minhas águas, refletiam-se rostos das terras distantes e nos murmúrios das minhas corredeiras ampliavam-se nomes. Alguns tinham tal ressonância que até hoje pairam no vento, no ar e ainda são ouvidos. Luis de Albuquerque... Ricardo Franco... Francisco Prado... Langsdorff... Hércules Florence... os dois Taunay... os dois Den Steinem... Leverger... Alexandre Ferreira... Castelnau... e tantos, tantos outros...

(Randazzo, Vera. *Vozes femininas*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; Unemat, 2008, p. 224-225)

A crônica literária de Vera Randazzo narra a chegada de europeus a Mato Grosso por meio de uma perspectiva sensorial e simbólica para descrever o processo migratório e a ocupação da região. As embarcações carregadas de pessoas e provisões representam o início de uma transformação profunda no espaço, onde os aldeamentos indígenas originários dão lugar a construções rústicas e ao surgimento de uma nova comunidade. A personificação do rio, que ouve as preces e guarda as lágrimas dos recém-chegados, reforça a ligação íntima entre natureza e história humana, simbolizando a integração e o choque cultural entre os povos.

Randazzo destaca a vida cotidiana, as dificuldades, as adaptações e a formação de raízes por parte dos europeus, especialmente por meio da construção da primeira capela, gesto que expressa a persistência cultural e religiosa diante do ambiente desconhecido.

Ao fazer do rio o narrador, a autora estabelece uma conexão viva e contínua com os acontecimentos históricos e os personagens que passaram por suas margens. Esse olhar literário com foco nos fluxos migratórios permite um entendimento mais profundo da complexidade social, histórica

e ambiental envolvida na colonização da região. É ele, o rio, que resgata elementos do passado, como a chegada dos primeiros colonizadores, a presença indígena, a construção da capela e o surgimento da comunidade, evidenciando as raízes históricas e culturais da região. Ao mesmo tempo, a personificação do rio reforça a ligação íntima entre natureza e história humana. Ele guarda as preces, as lágrimas e os nomes daqueles que formaram a identidade local, projetando essa memória para o futuro ao sustentar que esses ecos ainda são ouvidos nos “murmúrios” de suas águas e no vento.

Assim como observamos a intensificação da imigração de estrangeiros, também o processo migratório interno se avoluma no período imperial. O texto a seguir, “Araguaia, Mississipi do Brasil”, retrata a importância das rotas fluviais, que facilitaram a conexão entre pontos distantes e possibilitaram a migração de sertanejos e imigrantes europeus para as áreas de garimpo e agricultura.

A circulação populacional fomentou o desenvolvimento de pequenos povoados que cresceram em centros agrícolas e pastoris, refletindo dinâmicas semelhantes às encontradas em outras regiões brasileiras. O relato de Ribeiro, publicado em 1945, ao registrar essas transformações, enfatiza o movimento migratório como um processo contínuo de ocupação, adaptação e integração, mostrando como as terras mato-grossenses foram moldadas por diversas camadas culturais e econômicas que se entrelaçaram ao longo do tempo.

Araguaia, Mississipi do Brasil

[...]

Guiratinga, toponímico da antiga Lageado, Poxoréu, os municípios marginais, e hoje são muitos, e tantos outros lugarejos, muito prosperarão graças à comunicação fácil que os porá em contato com os pontos amazônicos.

Não resta dúvida. Toda região chegará a ser grande centro agrícola-pastoril. Os pequenos criadores atuais serão os estancieiros abastados das futuras charqueadas. Tal e qual a procura das esmeraldas disseminou pelo interior das Gerais inúmeros povoados que se desenvolveram em boas cidades, analogamente acontecerá em Mato Grosso com a invasão garimpeira. Indispensável será, sem dúvida, a construção de estradas de rodagem ou

vias férreas que cortem a região, vindo deixar o produzido nelas nos portos estabelecidos no Araguaia.

Talvez não fossem possíveis migrações dos sertões remotos da Bahia e do Maranhão e algures para os diversos garimpos de Mato Grosso e Goiás se não fosse o caminho fluvial ligando pontos tão distanciados.

(Ribeiro, Luis Sabóia. *Caçadores de diamantes*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; UNEMAT, 2008, p. 62-64)

O autor apresenta uma análise valiosa sobre o fluxo migratório e o processo de ocupação territorial em Mato Grosso, identificando as condições geográficas, econômicas e infraestruturais que impulsionaram o desenvolvimento regional. A menção a municípios como Guiratinga e Poxoréu põe em relevo a importância do toponímico e da história local na formação dos espaços urbanos e rurais contemporâneos, evidenciando uma transição de simples aldeamentos para centros agrícolas e pastoris significativos.

O texto contempla a ideia de que o crescimento populacional e econômico da região está intrinsecamente conectado à facilidade de comunicação e transporte, especialmente via hidrovias, que permitem o contato com áreas amazônicas e o escoamento da produção. A comparação com o processo de formação dos povoados no interior de Minas Gerais, motivado pela procura de esmeraldas, reforça a ideia de que a migração e a ocupação se estruturam sobre ciclos econômicos – inicialmente a mineração, seguida pela agricultura e pecuária.

Sabóia Ribeiro observa, ainda, a necessidade de infraestrutura de transportes, como estradas e ferrovias, para consolidar o desenvolvimento socioeconômico e integrar as regiões produtoras aos mercados consumidores e portos, principalmente no rio Araguaia. Além disso, reconhece o papel vital dos caminhos fluviais como facilitadores dos movimentos migratórios, ligando regiões distantes, como a Bahia e o Maranhão, aos garimpos e povoados de Mato Grosso e Goiás.

O fragmento a seguir, do mesmo autor, apresenta a personagem Cajango, migrante que chegou a Mato Grosso e se aliou a Carvalhinho. Embora

o termo “Cajango” possa estar associado a apelidos ou denominações populares, não há registros históricos relevantes de banditismo na região com esse nome; os casos mais conhecidos de cangaço envolvem figuras como Lampião, cuja atuação ocorreu no Nordeste.

A guerrilha entre Morbeck e Carvalhinho, já comentada no capítulo 4, ocorreu principalmente entre 1924 e 1926 na região sul do Mato Grosso. O primeiro confronto significativo entre os dois teve início em 24 de maio de 1925, numa batalha que durou cerca de 35 horas, nas proximidades da ponte de madeira do Rio Boiadeiro, onde Carvalhinho, com seu grupo, foi emboscado por Morbeck. Após intenso tiroteio, Carvalhinho fugiu atravessando o Rio Araguaia.

Esse conflito armado marcou uma resistência dos garimpeiros liderados por Morbeck contra as ações governamentais e interesses contrários à produção minerária da região. A luta terminou sem vencedores claros, mas resultou na conquista dos garimpeiros de não terem cobrança de impostos sobre suas atividades na região conhecida como “Garimpeirama”. Carvalhinho foi preso e permaneceu detido entre 1928 e 1930. Morbeck continuou atuante até 1940, sendo lembrado como uma figura justa e altruísta.

Literariamente, o episódio pode ser lido como uma metáfora das lutas regionais por território, identidade e justiça social, refletindo as contradições do Brasil centro-oeste em um momento de transição entre um modelo econômico baseado na mineração artesanal e as forças da modernidade e do Estado centralizador. Neste sentido, a guerrilha Morbeck x Carvalhinho pode ser compreendida como um episódio fundante da memória coletiva mato-grossense, perpetuado por relatos orais, crônicas e estudos históricos que reforçam sua importância simbólica para a construção da identidade regional.

O velho Cajango

João José de Moraes, o Cajango, viera para as nascentes do Araguaia acompanhando o seu patrão, e posteriormente sogro, que estabeleceu a primeira fazendola da região.

Oriundos duma tradicional família mineira, os Carvalhos viram nas terras à esquerda do Araguaia a melhor oportunidade da vida pastoril. Depressa

abriram os campos marginais, encurralaram as poucas reses que trouxeram e ergueram como sede um casarão semelhante aos dos sertões mineiros. Tornaram-se prósperos criadores, mercê dos esforços contínuos, quando Cajango assistiu a entrada do novo século.

O sertanejo tem um faro especial, espécie de sexto sentido, e é por ele que se arma na luta de todos os dias, salvaguarda-se de mil perigos, aprende o melhor meio de ação em empreitadas arriscadas. Não fugia à regra Cajango. Proviera da Vila do Prata, nas adjacências do diamantífero rio Bagagem, e, por um empirismo do sertanejo, observou que o chão encascalhado das novas terras bem podia acolher em si o diamante, análogo que era do torrão natal.

(Ribeiro, Luis Sabóia. *Caçadores de diamantes*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; UNEMAT, 2008, p. 75)

O relato acima ilumina detalhes sobre a migração para Mato Grosso no início do Século 20. Cajango, vindo de uma tradicional família mineira, representa a figura do migrante sertanejo que, ao acompanhar seu sogro, estabelece-se nas nascentes do Araguaia em busca de novas oportunidades, sobretudo no campo da pecuária e da garimpagem. A fixação nesta região ilustra um fluxo migratório pautado pelo empirismo e pelo conhecimento prévio da mineração, já que Cajango traz consigo a experiência adquirida nas lavras diamantinas de Minas Gerais.

Seu processo de adaptação e ocupação da terra, marcado pela abertura de campos e criação de gado, reflete a dinâmica histórica de migrações internas brasileiras, que combinam a busca por recursos naturais e o estabelecimento de propriedades rurais. Além disso, o relacionamento cultural e social com os povos indígenas locais, como os Bororo, evidencia a construção de redes sociais essenciais para o sucesso da migração e ocupação.

Ao destacar a trajetória individual de Cajango na colonização efetiva do interior do Brasil, o autor revela como a migração se dá num contexto de transferência de saberes, adaptação ao ambiente e desenvolvimento econômico, configurando a multifacetada identidade do Mato Grosso contemporâneo.

Em texto escrito por Arlinda Morbeck, natural da Bahia, companheira do guerrilheiro José Morbeck, vemos que as imagens do poema externam a condição de reclusão e até mesmo o silenciamento histórico da mulher no processo migratório. Enquanto os homens partiam para explorar e conquistar territórios, elas, mesmo em situação de vulnerabilidade, eram relegadas à vida privada, mas exerciam um papel crucial na sustentação da vida social, econômica e cultural nas comunidades em que viviam.

Na invenção poética de Arlinda Morbeck, Romantismo e Simbolismo mesclam-se num contínuo ir e vir entre tempos, espaços, cores, sons, sonhos, certezas e incertezas. O poema “Meus desejos - resposta a meu noivo”, publicado em 1925, configura-se como uma missiva ao noivo distante, imerso nas contendas retratadas no texto anterior. A voz lírica revela profundidade emotiva e simbólica relacionada à dor da separação, à idealização do amor e à conexão intensa com a terra e a natureza. A voz poética expressa o desejo de estar constantemente próxima ao amado, o ponto de querer transmutar-se nos elementos naturais que o acompanham – o solo, a sombra, o pássaro, o sol –, conferindo ao amor, entrelaçado à paisagem, uma dimensão quase mística.

Meus desejos

- resposta a meu noivo -

Aí, por essas plagas sertanejas,
onde a planta selvagem se enfloresce,
quisera ser o solo em que tu pisas,
o arvoredado que a sombra te oferece,
o pássaro que escuta a tua fala,
o sol que te ilumina e que te aquece!

Quisera acompanhar-te nos caminhos,
seguir-te a todo instante e a qualquer hora,
ouvirmos ao surgir a luz da aurora
o melífluo trinar dos passarinhos,
vagarmos pela estrada da Ventura,
sem mágoas, sem martírios, sem espinho.

Quisera enxugar de tua fonte
o suor do trabalho, do descampado,
e contigo lutar sempre ao teu lado
até o Sol sumir no horizonte
e depois contemplarmos enlaçados
o despontar da Lua atrás do monte!

Quisera sob o toldo improvisado
da barraca que te servir de abrigo,
cuidar de tudo teu, sorrir contigo,
cercar-te de afeição e de cuidado,
ser arrimo da Paz com o meu carinho
festejar nosso amor abençoado!

Quisera nas florestas seculares
afrontar o gentio, astuto, esperto...
mostrar-lhe a tua frente o peito aberto,
sacrificar a vida por teus males
sorrir ante o furor de sua seta
animar-me ao clarão dos teus olhares!

E, à noite quando o céu fosse estrelado,
sentados ao ar livre conversarmos
e do berço distante nos lembrarmos
evocando as imagens do passado
e a brisa desferirmos brandamente,
um canto de saudade harmonizado!

Mas, distante de ti sofro e padeço
o terrível suplício da saudade,
no sorriso eu oculto a crueldade
de um viver tão atroz que não mereço!
e dizem que não te amo!... Oh! Loucura
se em tudo eu te estou vendo e não esqueço!

(Morbeck, Arlinda. *Vozes femininas*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras: Unemat, 2008, Coleção Obras Raras, p. 156-157)

O poema expressa o amor idealizado e a profunda saudade que acompanha a separação dos amantes. A voz poética, inserida no contexto sertanejo, utiliza uma série de imagens da natureza para manifestar seu desejo de proximidade absoluta com o amado, evidenciando o estreito vínculo entre o eu lírico, o silêncio da terra e o cotidiano do parceiro.

A repetição do verbo “quisera” revela a intensidade do anseio, estendendo-se a aspectos sensoriais e afetivos que vão desde o simples ato de pisar no solo até o compartilhamento de momentos de luta e descanso. Essa expressão contínua do desejo remete à fusão com o ambiente ao redor, conferindo ao amor uma dimensão quase mística e onipresente.

A saudade, presente na última estrofe, é retratada como um sofrimento silencioso, marcado pelo contraste entre a dor interna e a máscara do sorriso, reforçando a veracidade e a profundidade do sentimento externado no poema. A negação do amor, feita por outras vozes externas, contrasta com a convicção da eu-lírica, que vive a paixão intensamente, o que amplia a dimensão emocional e trágica do poema.

No poema, a literatura retrata a condição da mulher excluída do processo de conquista da terra, evidenciando seu papel de espectadora da bravura e da coragem do amado. A exclusão da mulher se manifesta tanto na sua ausência como protagonista das ações de colonização e expansão territorial quanto na minimização de sua contribuição social, econômica e afetiva nos processos de ocupação dos territórios.

As narrativas literárias, especialmente as produzidas por vozes femininas contemporâneas, buscam resgatar essa invisibilidade histórica, dando voz às experiências da mulher que, embora frequentemente confinada ao espaço doméstico e à margem dos processos de ocupação do território, desempenha papel fundamental na sustentação da vida comunitária, na transmissão cultural e na resistência às adversidades do processo migratório.

Por meio dessa literatura, a mulher deixa de ser uma simples figurante desse passado para tornar-se sujeito histórico, cujas vivências, lutas e resistências passam a ser reconhecidas como parte integrante da construção territorial e cultural. A perspectiva feminina atua como instrumento de reparação, corrigindo apagamentos históricos e ampliando a compreensão

sobre a ocupação do território, ao incorporar a voz da mulher como agente da narrativa. Veremos um exemplo dessa inclusão na seção que tratará dos fluxos migratórios na segunda metade do século 20.

O romance *Marphysa*, de Dunga Rodrigues, é uma obra emblemática para a análise da migração para Mato Grosso, especialmente no contexto da cidade de Cuiabá, entre o final do século 19 e início do século 20. A obra retrata uma época marcada por tensões entre o conservadorismo das tradições locais e as pressões do progresso material e da modernização. Em sua narrativa, Dunga explora o impacto da chegada de migrantes, conhecidos como “paus-rodados”, que, embora vistos com desconfiança, desempenharam papel fundamental na configuração social, econômica e cultural da região.

No recorte a seguir, a autora destaca um aspecto importante da migração para Cuiabá, trazendo à tona o perfil de jovens recém-chegados, conhecidos como “cadetes”, que traziam tradições militares, mas que ainda não tinham direcionamento claro para estudos ou profissões específicas. Essa figura do jovem cadete representa uma camada social migrante em busca de novas oportunidades, que, ao consorciar-se com famílias tradicionais locais, como a de D^a Joaquininha, lançava-se em aventuras de exploração na mata de Poaia, Barra do Bugres.

A narrativa indica a migração além do mero deslocamento físico, envolvendo alianças sociais e a inserção em empreitadas regionais de expansão econômica e territorial. Essa relação destacada entre Cuiabá e Barra do Bugres mostra a importância das conexões intermunicipais no processo migratório e de ocupação, pautadas pela exploração de recursos naturais e pela aventura diante do desconhecido.

As primeiras letras

[...]

Costumava agregar-se ao exército, com o título de cadetes, jovens que não se davam ao estudo, nem a qualquer profissão, mas possuíam as costas largas de membros militares graduados em altos postos, na caserna, exército ou marinha. Vindo para Cuiabá, o novo cadete se consorciou com

Da. Joaquininha e se atiraram logo à primeira aventura à mata de Poaia, situada em Barra do Bugres, em epopeia para lá chegar, naquele tempo. [...]

(Rodrigues, Dunga. *Marphysa* – ou o cotidiano de Cuiabá nos tempos do Candimba, das touradas do Campo D’Ourique e das esmolos do Senhor Divino. Brasília: Senado Federal, 2022, p. 61-62)

Em outro trecho do mesmo romance, Dunga Rodrigues apresenta uma visão crítica e irônica sobre o migrante e habitante de Cuiabá, evidenciando as tensões sociais e políticas que marcaram a cidade. Foca na figura do “coronel idoso” que, mesmo acomodado pela idade e riqueza, permanece ativo e cético, tecendo uma crítica mordaz à mentalidade local, caracterizada por medo, insegurança política e resistência à mudança. A análise literária revela um retrato do migrante e da sociedade cuiabana que oscila entre o conservadorismo, o receio das transformações e a crítica às instituições, como a Previdência Social de Getúlio Vargas.

O discurso carregado de sarcasmo e humor serve para mostrar a complexidade do processo migratório para Cuiabá, onde os novos habitantes enfrentam desafios de adaptação e disputas de poder e vivenciam construções identitárias em um cenário marcado por potentes heranças culturais e políticas. O texto também aponta a natureza politizada desses migrantes e a resistência que muitos demonstravam diante das mudanças republicanas e sociais do Brasil no início do século 20.

O romance representa o paradoxo do migrante cuiabano, integrado à sociedade que critica, moldada por costumes tradicionais, mas ao mesmo tempo forjada pela experiência constante com a instabilidade e a luta por sobrevivência e poder. A análise literária ressalta a importância do humor e da ironia para entender os complexos processos sociais envolvidos nas migrações internas para Cuiabá.

Um capítulo obscuro

A idade do coronel também não lhe permitiu mais as longas jornadas, mesmo com todo conforto que a riqueza e as condições do progresso lhe foram proporcionando. Mas que ele ficou muito tempo ainda por aqui,

gerindo os negócios, não resta dúvida. Participou, viu e duvidou de muita coisa. Que besta era, nem um pouco. Muito pelo contrário. Vivia caçoando, criticando o povo da terra a quem apelidava de sangue de mandioca, sangue de funcionário público, mijando de medo, tempo de eleição, se estaria votando no candidato vencedor ou não. E cagando nas calças de pavor, se o tiro saísse pela culatra, elegendo o derrotado, com medo das listas negras das demissões.

[...] Falou, brigou, opinou, zombou e se mudou. Apenas não se aposentou, porque não acreditava nessa Previdência Social, instalada por Getúlio Vargas. Admirava com reservas o ilustre caudilho, seu compatriota, mas no fundo, no fundo, achava-o meio cabotino. Ele se conhecia bem e sabia que gaúcho era essencialmente fanfarrão, principalmente os de sangue espanhol latino, de modo geral.

(Rodrigues, Dunga. *Marphysa* – ou o cotidiano de Cuiabá nos tempos do Candimba, das touradas do Campo D’Ourique e das esmolas do Senhor Divino. Brasília: Senado Federal, 2022, p. 137-138)

A narrativa reflete a ambivalência da migração: ao mesmo tempo em que traz desenvolvimento e novos saberes, constitui-se como uma ameaça à estabilidade das tradições cuiabanas, representando o conflito entre o antigo e o moderno. A protagonista, uma donzela de família tradicional enganada por um forasteiro, simboliza a vulnerabilidade e os desafios da terra diante dessas forças externas.

O romance *Marphysa* combina a descrição detalhada do cotidiano regional com uma crítica sutil aos costumes e ao bairrismo local. Dunga Rodrigues expõe os desejos conflitantes de progresso e preservação cultural, subvertendo paradigmas e desafiando a mentalidade dominante. A obra também destaca a construção da identidade mato-grossense a partir do encontro e resistência entre moradores tradicionais e migrantes, tornando-se fundamental para compreender o papel multifacetado da migração na história e na literatura do estado.

O poema “Índia velha”, de Emmanuel Marinho, publicado em 1982, insere uma nova perspectiva literária ao criticar a colonização, destacando a memória como instrumento de sobrevivência cultural e resistência, e

valorizando as perspectivas indígenas na história da migração e ocupação de Mato Grosso durante o período do estado indiviso.

Índia velha

[...]

Índia velha

se lembra

do primeiro

do segundo

do terceiro branco

que chegou

se lembra?

[...]

Índia velha

se lembra

tantos brancos que chegaram

tantos

que até perdeste as contas

as contas dos teus colares

hoje andas tonta nos bares

e é tão grande a dor que sente

o amor de tua gente

foi junto ao rio

foi junto ao rio

por onde os brancos chegaram

se lembra?

(Marinho, Emmanuel. Índia Velha. In: Sá Rosa, Maria da Glória; Nogueira, Albana Xavier; Menegazzo, Maria Adélia (Orgs.). *Antologia de textos da literatura sul-mato-grossense*. Mato Grosso do Sul: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul/ Editora Life, 2013.)

O poema externa uma reflexão crítica sobre a chegada dos brancos em Mato Grosso, retratando o olhar indígena sobre a colonização e suas consequências. A repetição insistente da pergunta “se lembra?” ao longo do poema funciona como um convite para a ativação da memória coletiva dos povos originários, evocando a perda cultural, a dor e a transformação sofrida com a invasão dos colonizadores.

O uso de linguagem simples e direta constrói um tom de melancolia e saudade, ao mesmo tempo em que denuncia o esquecimento histórico e social imposto aos indígenas. A figura da “índia velha” é metonímica, simbolizando toda a comunidade que testemunhou a desnaturalização de seu modo de vida original, passando da vida em comunhão com a natureza à alienação urbana, representada pela “tontura nos bares” e a perda dos antigos colares – metáforas da desorientação cultural e social causada pela colonização. A “velha” encarna a sabedoria ancestral e a resistência, mas também a dor e o desencanto diante de uma transformação tão radical do cotidiano de seu povo.

As imagens promovem um diálogo entre passado e presente, mobilizando tanto espaços físicos quanto simbólicos, exemplificados pelo rio que serviu como via de acesso inicial dos colonizadores europeus. Esse espaço torna-se o cenário emblemático da chegada que transformou de maneira irreversível a história e a cultura locais. Tal articulação temporal e simbólica produz uma marca significativa de resistência, perda e memória, elementos cruciais para a compreensão do impacto da migração e colonização europeia em Mato Grosso sob a perspectiva dos povos originários do território. Assim, percebemos que o texto poético se posiciona como uma voz literária contra-hegemônica, trazendo à tona a experiência indígena quase sempre silenciada.

O poema “Imigrante”, de Flora Thomé, publicado em 1993, permite uma análise profunda sobre a migração para Mato Grosso, centralizando a figura do colono que chega, trabalha arduamente e deixa sua marca na terra. Com linguagem ágil e imagens fortes, o poema destaca a transformação que esse migrante promove no ambiente, especialmente no cultivo da cana e na produção da aguardente, símbolo cultural e econômico da região.

Imigrante

Colono, tropeçava na linguagem...

Ágil, porém

Nas ideias, nos passos

E no que fazia...

Trabalhou a terra

O chão a cana...

Seu corpo,

Franzino,

Dia e noite
Se abastecia
Do suor
Que a terra lhe produzia!
E pelas mãos
como espumas,
tudo transformava,
em carícias permanentes,
que se tornavam
a mais pura aguardente...
Veio a fama
E o nome virou
Marca registrada!
Uma vida.
Um trabalho
Uma história
E um produto
Quase lenda...
Quem não viu,
Não verá...
Virou pó!
Virou mito!
A pinga não pinga mais!

(Thomé, Flora. Imigrante. In: Sá Rosa, Maria da Glória; Nogueira, Albana Xavier; Menegazzo, Maria Adélia (Orgs.). *Antologia de textos da literatura sul-mato-grossense*. Mato Grosso do Sul: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul/ Editora Life, 2013)

A metáfora do corpo franzino que, apesar da aparente fragilidade, se fortalece pelo trabalho incessante, revelando a resiliência e a força do migrante, a “marca registrada” e o “quase lenda” sugerem que a trajetória do colono transcende o individual, tornando-se parte da memória coletiva e da identidade regional de Mato Grosso.

Por outro lado, o poema também sugere a efemeridade dessa presença, com versos como “virou pó” e “a pinga não pinga mais”, sinalizando a passagem do tempo e as mudanças econômicas e sociais que transformam o cenário original da migração. Essa dualidade entre construção e destruição,

permanência e perda, confere ao poema uma profundidade que atravessa a simples narrativa da chegada do migrante, trazendo à tona reflexões sobre as consequências históricas e culturais da migração interna.

O poema “Imigrante” externa não apenas a celebração do esforço do colono, mas também uma crítica sutil às transformações e ao esquecimento das origens, oferecendo uma perspectiva literária complexa sobre o processo migratório e suas implicações em Mato Grosso.

O texto a seguir, de Manoel Cavalcanti Proença, narra a trajetória de Maria Generosa Deschamps Cavalcanti, avó do narrador, contextualizando a migração interna para Cuiabá no Brasil do século 19. A condição do pai como oficial do Exército evidencia a instabilidade e os deslocamentos constantes característicos da vida militar na província de Mato Grosso, refletindo um fluxo migratório pautado por funções públicas e políticas na fronteira interiorana. A menção às origens em Goiás e a ligação com o caminho de Cuiabá via rio Paraguai indicam as rotas naturais e os meios de transporte fluvial que facilitaram a migração e a ocupação da região.

O relato evoca de maneira sensível as marcas da ascendência europeia na construção identitária regional, destacando, sobretudo, a valorização dos traços franceses presentes na ancestralidade materna. A menção aos elementos fenotípicos, como a clara coloração dos cabelos e a singular tonalidade azul dos olhos, vai além do físico, simbolizando a continuidade de uma herança cultural europeia que se impôs e se entrelaçou à matriz brasileira regional. Historicamente, a influência francesa no Brasil, embora de caráter menos duradouro na colonização direta de Mato Grosso, deixou significativas ressonâncias simbólicas e culturais, especialmente por meio de linhagens familiares que preservaram nomes, costumes e memórias.

Na narrativa, a dimensão europeia, evidenciada pelo sobrenome Deschamps e pelas características físicas, reforça a importância da cultura francesa como elemento constitutivo da identidade social local, conferindo à narrativa familiar um lugar no entrecruzamento de migrações, histórias coloniais complexas relações de poder e domínio territorial. Desse modo, o fragmento poético e memorialístico apresentado não apenas individualiza uma trajetória familiar, mas também inscreve os traços franceses no panorama histórico mais amplo da formação social mato-grossense.

Dona Ruiva

Minha avó, Maria Generosa Deschamps Cavalcanti, nasceu a 15 de fevereiro no Amola Faca, lugarejo de Goiás, porque o pai era oficial do Exército.

Ser oficial do Exército, naquele afastado 1853, e, ainda por cima, destacado na Província de Mato Grosso, significava ser andejo, não ter paradeiro, a oscilar, de transferência em transferência, entre as guarnições mais distantes. Oscilações ainda mais amplas, se fosse político, que os partidos influíam junto ao Comandante das Armas.

A filha imitou o pai que já havia nascido em Camapuã, varadouro de canoas, onde as bandeiras de São Paulo abandonavam as águas do Paraná, para ganhar as do Paraguai, no caminho de Cuiabá.

Da avó francesa, além do nome e do sangue, herdou a clara cor dos cabelos, (que lhe rendeu o apelido de Ruiva), e dois olhos muito azuis. Olhos que não esquecerei, tão pequeninos e brilhantes que, desde pequeno, me deram ideia de contas de porcelana, das que eram usadas no antigo tempo, e de que ela própria tinha um colar.

[...]

(Proença, Manoel Cavalcanti. No têrmo de Cuiabá. Carlos Gomes de Carvalho (org). Coleção Obras Raras. Cuiabá: KCM Editora, 2012, p. 169)

O autor constrói uma narrativa intimista e histórica, mesclando memórias familiares e contexto social amplo. A figura da avó, com sua herança francesa e traços físicos marcantes, simboliza a diversidade cultural trazida pelos migrantes para Cuiabá, pontos que contribuem para a composição da identidade local. A linguagem evoca a memória, usando imagens como os “pequenos olhos brilhantes” comparados a “contas de porcelana”, estabelecendo um vínculo entre passado e presente, pessoa e terra, por meio de uma representação sensível e simbólica, que aproxima o leitor da dimensão afetiva da migração.

O texto funciona como um documento literário que demonstra como a migração para Cuiabá envolveu deslocamentos por razões políticas e militares, rotas fluviais estratégicas e o encontro de culturas diversas, elementos fundamentais para entender a formação da sociedade cuiabana e, por extensão, de Mato Grosso. O mosaico que constitui a formação da

identidade mato-grossense nos textos literários da tradição e da modernidade serão apresentados em profundidade no capítulo seguinte.

A seguir, a crônica de Nilza Queiroz Freire, traz uma narrativa que transcende o relato histórico, incorporando as relações sociais, afetivas e culturais próprias dos fluxos migratórios para Mato Grosso. Ele revela como a migração não apenas transforma os espaços físicos, mas também os códigos simbólicos e identitários, fortalecendo a complexidade da formação sociocultural cuiabana.

Poço do Maranhão

É bom frisar que, estudando a história de Mato Grosso, deparamos com decreto assinado por chefe de Estado, autorizando a construção de poços, escavados pelos nossos mato-grossenses, a fim de atender às necessidades da população.

Aqui em Cuiabá, antes da instalação do serviço público de água, não foi diferente. A rotina do bairro Mundéu começava na madrugada, quando se escutava o barulho das carrocinhas puxadas por bode rumo ao poço do Maranhão.

Mas Maranhão... por quê? Porque, naquele isolamento em que vivíamos, convivendo somente com mato-grossenses, descobrir que havia um nordestino entre nós, nada melhor para identificá-lo do que batizar o recém-chegado com o nome do Estado de onde saiu.

Assim, ficou: Maranhão pra cá, Maranhão pra lá... e ele, morando nas dependências do quarteirão da Santa Casa, na Travessa da Paciência, na baixada em frente ao Colégio Cesário Neto, teve seu apelido estendido à fonte de água.

(Freire, Nilza Queiroz. *Crônicas da cidade verde*. Campo Grande: Gibim Gráfica e Editora, 2005, p. 205)

A crônica oferece uma perspectiva literária singular sobre a migração para Cuiabá, destacando elementos cotidianos que revelam a dinâmica social e cultural da cidade na época em que o serviço público de água ainda não estava instalado. A figura do poço, escavado por mato-grossenses, aparece como um local central na vida da comunidade, materializando a adaptação dos migrantes às necessidades práticas do novo ambiente.

A escolha do nome “Maranhão” para batizar o poço e o apelido para o migrante ali residente é uma estratégia literária que simboliza a presença marcante do migrante nordestino em Cuiabá e a construção de identidades locais a partir do encontro entre diferentes origens. Esse processo de nomeação funciona como uma memória coletiva, marcando o território das migrações e a convivência cultural entre os habitantes locais e os recém-chegados.

Vimos que no século 19 o processo migratório perdurou com a chegada de indivíduos de diferentes origens, incluindo europeus, como italianos e portugueses, que passaram a se fixar, casar e desenvolver atividades comerciais e agrícolas na região. Esse fluxo foi facilitado por rotas fluviais importantes ligando Mato Grosso a outras regiões, como as bacias dos rios Paraguai, Paraná e Madeira. Podemos considerar que o século 19 configurara-se como período de forte movimentação populacional para Mato Grosso, com impacto no crescimento demográfico e na diversidade cultural local.

Em resumo, esses séculos foram períodos de ocupação e povoamento intensos em Mato Grosso, com a chegada de migrantes voluntários e involuntários, evidenciando um movimento migratório complexo e diversificado com várias motivações, incluindo exploração de riquezas e assentamento de comunidades. Na próxima seção, veremos como a literatura retratou a migração para o estado no século 20, quais foram as motivações e como se estabeleceram as relações entre os nativos e os chegantes nas imagens literárias expressas por escritores mato-grossenses.

Forjando as raízes da modernidade: transição da República Velha para a Nova República

A migração de japoneses advindos do sul e sudeste do Brasil para Mato Grosso, na virada do século 19 para o 20, não está registrada em poemas ou narrativas literárias. Contudo, o livro *Japoneses em Mato Grosso: História, Memória e Cultura*, de Aldina Cássia Fernandes da Silva, constitui

um estudo abrangente, no qual acompanhamos a trajetória dos migrantes japoneses que se estabeleceram em Mato Grosso. A partir da transcrição de relatos de memória dos migrantes e seus descendentes, a autora investiga as políticas imigratórias brasileiras, os processos de colonização, bem como a formação das colônias japonesas, detalhando as inúmeras dificuldades enfrentadas pelos chegantes.

Os relatos trazem trechos em que é retratada a difícil travessia para o território de Mato Grosso ainda indiviso, no ano de 1908. O fluxo da migração japonesa evidencia um movimento dinâmico de entrada e saída relacionado às oportunidades econômicas e às dificuldades enfrentadas. A prática migratória revelada por esse fluxo não se restringe aos trilhos da ferrovia Noroeste do Brasil, demonstrando uma transição para outras formas de fixação e ocupação territorial, incluindo a aquisição de pequenas propriedades rurais, como vemos no fragmento:

[...]

Como Guenka Kokishi, os nipônicos enfrentaram o trabalho exaustivo na construção da estrada de ferro: trabalhar em uma zona úmida e tropical dependia de muito esforço. O calor trazia consigo insetos como o borrachudo, mosquitos, mutucas e algumas espécies de percevejos, que incomodavam. Guenka Kokichi, ao realizar a ronda em plena “mata virgem”, se sentia desprotegido utilizando “somente o facão e a foice”.

[...]

(Silva, Aldina Cássia Fernandes da. *Japoneses em Mato Grosso: História, Memória e Cultura*. Entrelinhas Editora. Cuiabá, 2005, p. 28)

A oferta de trabalho na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil assinala um novo ponto de deslocamento nos movimentos migratórios rumo ao oeste do país. Muitos dos japoneses que se dirigiam para trabalhar nos trilhos da ferrovia integravam o fluxo de entrada e saída de trabalhadores. Seguir os passos de Guenka Kokishi até o espaço da Noroeste do Brasil revela o cotidiano vivenciado por muitos japoneses. A idealização quase mítica da migração se desfaz diante das dificuldades enfrentadas no dia a dia.

[...]

Esta prática de procurar outros caminhos para a vida leva muitos imigrantes a se deslocarem dos trilhos da ferrovia para outros espaços de Mato Grosso. Iniciou-se, assim, uma movimentação de muitos nipônicos para as cidades do sul de Mato Grosso e de outros Estados. Sabe-se que famílias japonesas que trabalhavam na Noroeste do Brasil se estabeleceram em Campo Grande, e algumas em Aquidauana, locais onde estava localizado o escritório da Companhia responsável pela construção da estrada de ferro. (...) Desde 1908, muitos imigrantes subiam o rio Paraguai ou atravessavam os Andes para trabalhar na região do Pantanal.

[...]

No final da década de 20 já havia 249 famílias japonesas no Estado de Mato Grosso. A área de terras adquiridas foi de 300 alqueires, sendo que as famílias tinham como receita um total de 896.400 réis anualmente. (...) A área de terras adquiridas pelos japoneses em Campo Grande indica que inicialmente prevaleceu a aquisição de pequenas propriedades.

[...]

(Silva, Aldina Cássia Fernandes da. *Japoneses em Mato Grosso: História, Memória e Cultura*. Entrelinhas Editora. Cuiabá, 2005, p. 29-30)

Os japoneses que migravam em busca de um espaço que simbolizasse seus desejos buscaram o lugar sonhado. O que faz andar são as figuras míticas construídas pelos discursos e experiências; passos que abrem novos rumos e direções, que imprimem sentido à vida, ao desejo e ao sonho. Ao longo das veredas, os imigrantes caminham e reconstroem os sonhos. Eles se animam com seus passos. Para muitos, o caminho a seguir é o da cidade. Caminharam do Japão para o Brasil, de São Paulo para o Paraná, de Santos para os trilhos da Noroeste do Brasil. Caminharam para o norte de Mato Grosso, para a Amazônia, entre outros lugares em busca do novo, do mítico.

Sobre a chegada dos italianos no estado, também não localizamos textos de ficção ou poemas que retratem a migração. Sabemos que ao deixarem para trás a terra natal, no final do século 19 e início do século 20, buscavam uma nova vida dirigindo-se inicialmente aos países platinos. A partir daí, lançavam-se numa aventura pelas águas dos grandes rios do Prata, Paraná,

Paraguai e Cuiabá, navegando por estas vias que representavam a principal conexão entre essas terras e Mato Grosso. Esse trajeto fluvial, conhecido como a “rota do Prata” ou “caminho das águas”, não apenas servia como uma rota de acesso, mas simbolizava o início de uma jornada de transformação e esperança, onde os migrantes navegavam rumo a um futuro incerto, mas carregado de promessas.

O percurso singular, desvendado pelos rios que cortam a paisagem, marca a transição dos italianos do hemisfério europeu para a vastidão interiorana brasileira, evidenciando a importância estratégica e simbólica das vias fluviais no povoamento e na integração das fronteiras regionais de Mato Grosso. A travessia, repleta de desafios naturais e sociais, consolidou-se como uma passagem essencial para a construção das bases da presença italiana na região, influenciando os primeiros passos de suas comunidades e suas dinâmicas culturais e econômicas.

Em tese de doutoramento em História, Cristiane Thaís do Amaral Cerzósimo Gomes percorre os caminhos da imigração italiana para Mato Grosso, apresentando um relato interessante da viagem de Cuiabá a Campo Grande no início do século 20.

[...]

Se para homens era perigoso, muito mais seria para a mulher. Mas em Cuiabá, nos anos 20, houve a primeira mulher cuiabana que passou a dirigir automóvel: foi a Sra. Branca Barbieri, esposa do Sr. Fioravanti Barbieri, dono da Casa Renascença, que dirigia um Fiat modelo 1926, iniciando uma prática que garantiu à mulher a liberdade de locomoção. Dona Branca, mãe de Ebe e Carlúcio Barbieri, também protagonizou outra proeza: em companhia do marido e dos filhos, fez uma aventureira viagem de Cuiabá a Campo Grande, a bordo de um Ford bigode modelo T, também nessa mesma época. Não havia estradas, mas apenas uma trilha “carroçável” que foi aberta entre Cuiabá e Campo Grande, nos anos de 1922 e 1929. Era parte do projeto da rodovia Amazônica, que passaria por Cuiabá, Rondonópolis, Coxim e Campo Grande, com 900 km nesse trecho. O caminho era intransponível na época das chuvas e, como o terreno era argiloso, os sulcos formavam o que se chamava de “facão”, impedindo o

carro de passar. Não havia postos de reabastecimento, a não ser naquelas cidades e locais onde fosse possível o pernoite. A viagem foi feita em cinco dias, as caixas de gasolina foram carregadas no estribo do Ford e as noites foram passadas em pleno mato.

[...]

(Gomes, Cristiane Thaís do Amaral Cerzósimo. *Fronteiras da imigração no caminho das águas do Prata: italianos em Mato Grosso – 1856 a 1914*. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009)

O relato ilustra aspectos significativos sob uma perspectiva social, cultural e de mobilidade. Em um cenário onde o terreno e as condições naturais tornavam qualquer deslocamento desafiador, a prática da locomoção motorizada simbolizava não só inovação e progresso, mas a ampliação das possibilidades de conexão e comunicação entre núcleos populacionais dispersos.

Nesse contexto, a presença e protagonismo de migrantes italianos e suas famílias em Mato Grosso foram fundamentais para o desenvolvimento regional, tanto pelo comércio quanto pela agricultura, mas também pela capacidade de adaptação e inovação, simbolizada pela condução de veículos e pela exploração de rotas pouco desbravadas. Ao cortar distâncias, o automóvel de Dona Branca não representou apenas um avanço tecnológico, mas também uma metáfora da liberdade e da redefinição dos espaços ocupados pelos migrantes.

Também não localizamos textos literários que retratem a vinda de imigrantes sírios ou libaneses a Mato Grosso. Entretanto, relatos históricos apontam os fatores políticos e econômicos que impulsionaram a migração desses grupos da Grande Síria para o interior do Brasil, especialmente para o antigo Sul de Mato Grosso, na cidade de Dourados, evidenciando um processo complexo de circulação e fixação. No início do século 20, Dourados experimentou transformações significativas em sua infraestrutura de transporte e nos centros de abastecimento comercial, circunscritos inicialmente a Aquidauana e Campo Grande, e posteriormente expandindo-se para outras regiões do interior. Esse contexto criou distintas possibilidades para os migrantes, cujos trajetos se iniciavam pelo trabalho móvel de

mascates e evoluíam para a fixação residencial e comercial nas primeiras décadas do século 20.

A implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), em 1943, representou um marco decisivo na aceleração do processo de urbanização e no crescimento populacional da cidade, configurando Dourados como um centro promissor de relações comerciais. A colônia, integrante da política estatal de ocupação e desenvolvimento da região, atraiu ainda mais imigrantes sírios e libaneses, que desempenharam papel relevante na formação das identidades locais, conciliando suas matrizes culturais às dinâmicas regionais. Sobre a configuração desse processo, segue um fragmento do relato de Mohamad em entrevista a Souza.

[...]

Campo Grande, eu escutava que ele fala, perguntava pra ele, ele falou vamo agora viajar pra cidade chama Maracaju, pegamo trem e vem pra Maracaju, fomos numa pensão chama Isabelita, naquele tempo era uma boliviana. Noutro dia cedo levantava, carregava a mala, batia palma, primeiro abria minha mala, vendia alguma coisa, depois abre mala dele, me ensinava quanto custa [...]. A gente bate palma mostra, se ele [o freguês] se interessa fala “pode entra!

[...] aquele tempo não tem aquele jardineira, vamo ver um caminhão que vai pra cidade chama Doradu [...]. Chegamo aqui fica sete, oito dia aqui, e daqui fomos pra Rio Brilhante, ficamos uma semana, três, quatro dia e voltamo pra cá e daqui voltamo pra Maracaju e Campo Grande e daí [...] pelo trem até Aquidauana, ali em Aquidauana ficamos uma simana, depois pegamo, naquele tempo tinha um ônibuzinho assim pequeno fomo pra Nioaque, [...] Guia Lopes e Jardim [...] Bela Vista [...].

(Souza, Roney Salina de. *Uma vida entre dois mundos: imigrantes sírios e libaneses em Dourados (1910-1980)*. Repositório de teses e dissertações da UFGD/MS. Dourados, MS: UFGD, 2007)

A presença sírio-libanesa em Mato Grosso não apenas reflete a busca por melhores condições econômicas, mas também evidencia o papel dos projetos colonizadores estatais na formação dos fluxos internos e na

organização territorial do Centro-Oeste brasileiro. A interação entre essas políticas e os próprios processos de migração contribuiu para a consolidação de comunidades que marcaram decisivamente o desenvolvimento socioeconômico e cultural de Dourados e de seu entorno, tornando-se parte integrante da história e da identidade local.

Na literatura de ficção mato-grossense, as narrativas sobre a migração portuguesa para o estado, entre 1929 e 1961, incluindo a participação dos imigrantes na construção de infraestrutura como o concreto armado, são escassas. Embora a imigração portuguesa seja tema recorrente na literatura brasileira e portuguesa ao longo do século 20, especialmente em obras que exploram experiências, desafios e integrações sociais dos imigrantes, essas questões permanecem pouco abordadas na ficção de Mato Grosso.

Autores portugueses e brasileiros, tanto da época quanto de gerações posteriores, frequentemente apresentam a migração como um processo de fuga, exploração e busca por melhores condições. Eles descrevem também as dificuldades enfrentadas em contextos urbanos e industriais, especialmente na expansão da construção civil com o uso do concreto armado. Essas obras simbolizam e humanizam o imigrante, valorizando seu papel na edificação das novas terras, tanto no aspecto material quanto social.

Retomamos um trecho do fragmento de Sabóia Ribeiro, com grifo nosso, já analisado na seção anterior, no qual o autor menciona figuras de várias nacionalidades em convívio harmonioso em terras mato-grossenses. Trata-se de raro registro em que os estrangeiros são mencionados como personagens de um conjunto integrado à cultura local.

Casualmente constatamos num pequeno grupo em palestras, verdadeiro amálgama de nacionalidade, pois nele estava um checo, um polonês, dois russos, um português, um italiano, dois austríacos, dois sírios e um irlandês. Nessa assembleia internacional nada se notava de exótico e a não serem os vários tipos fisionômicos e a pronúncia trair as origens, parecia uma roda bem nacional em seu conjunto.

(Ribeiro, Luis Sabóia. *Caçadores de diamantes*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; UNEMAT, 2008. Publicado originalmente no Rio de Janeiro pela Editora Epasa em 1945, p. 35)

Conforme já vimos, o fluxo imigratório de estrangeiros para o estado ainda não está minuciosamente retratado na literatura regional. A literatura mato-grossense destaca, em sua fundação e tradição, a relação com a natureza, a chegada dos bandeirantes, os conflitos territoriais e as manifestações culturais específicas da região, refletindo a história e a cultura locais. Tal fato explica a ausência de personagens estrangeiros em textos literários, pois o foco residia na construção de uma identidade própria e no retrato dos habitantes do estado em suas vivências e desafios históricos.

Sobre o fluxo migratório nordestino para Mato Grosso nas décadas de 1960 e 1970, a literatura apresenta uma referência pontual no poema “Beradêro”, de Everton Almeida Barbosa. Os “nortistas”, como eram chamados pelos mato-grossenses, chegaram como tantos outros, fugindo de mazelas climáticas e econômicas e sonhando com uma vida melhor. Apesar dos conflitos culturais e das dificuldades do trabalho e da adaptação a um ambiente novo, mantiveram viva sua identidade e suas esperanças, contribuindo para o mosaico social e cultural do estado.

O eu lírico propõe uma reflexão crítica acerca dos processos migratórios e das dinâmicas sociais que constituíram a formação da identidade regional de Mato Grosso. A obra de Everton Almeida Barbosa, com sua musicalidade e narrativa poética, oferece uma voz para esses migrantes nordestinos e suas histórias pouco contadas na literatura regional. O poeta empreende uma revisão histórica e cultural, problematizando a invisibilidade sociopolítica dos migrantes nas narrativas oficiais e acadêmicas, ao mesmo tempo em que expõe a centralidade desses grupos na configuração do espaço socioeconômico local.

BERADÊRO

Num livro de crônicas sobre a cidade de meus pais
escrito por sujeitos estudados de classe média
busquei em vão por algo que me completasse
A única menção a eles eram as feiras livres
para onde iam os mocinhos de dentes polidos
ver os matutos falando sempre engraçadamente

Estes eram os matutos meus parentes...

Em 60 Juscelino resolve plantar seu progresso
no meio do planalto místico central do país
histericamente sinalizando a eterna ascensão
da urbanidade sobre as duras e cerradas florestas
derrubadas com a força dos braços finos e fortes
dos candangos importados do nordeste pobre

Estes eram os candangos meus parentes...

Em 70 Mato Grosso ferve com mil pioneiros
e enriquece Cuiabá com seus clubes bataclãs
mulheres paraguaias bolivianas pantaneiras
sustentadas com garimpos de ouro e açúcar,
pasto para mil rebanhos e outros mil pecados,
e paus rodados cabeças chatas servindo campari

Estes eram os paus rodados meus parentes...

Quem lhes põe valor em seu feijão e sua fala nas feiras?
Quem lhes relaxa o braço cansado do eito no concreto?
Quem lhes dá no esquecimento a gorjeta da lembrança?

Pedacço de pau cai da árvore no rio,
roda até engancha em margem
léguas longe do leito onde caiu
espalhando raízes e frutos no terreno alheio...

Minha árvore primordial é um pedacço de pau rodado

(Barbosa, Everton Almeida. *Norte*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016, p. 60-61)

Desde o início, o poema evidencia uma lacuna nos discursos produzidos por agentes intelectuais, que abordam superficialmente a presença dos migrantes, estereótipos etnográficos, muitas vezes associados a espaços como as feiras livres. Tal abordagem revela um apagamento das experiências e contribuições materiais desses sujeitos subalternizados. O eu lírico estabelece uma conexão direta com tais grupos, os “matutos”,

ressaltando a dimensão subjetiva e afetiva da memória coletiva esquecida pelas narrativas hegemônicas.

A partir de uma análise temporal, o poema insere-se no contexto dos grandes projetos de desenvolvimento nacional, sobretudo durante o governo de Juscelino Kubitschek (anos 1960), quando a colonização do Planalto Central se apresentou como vetor da modernização e do progresso. Nesse cenário, os “candangos” nordestinos são representados como sujeitos laboriosos e imprescindíveis para a transformação ambiental e social, especialmente na derrubada da floresta e na expansão urbana. Subsequentemente, os pioneiros de Mato Grosso, designados “paus rodados”, são descritos como operadores das economias extrativas e agropecuárias da região, cuja presença transnacional (paraguaia, boliviana, pantaneira) reforça a heterogeneidade cultural e econômica do espaço.

O verso repetido “Estes eram... meus parentes” assume um papel estratégico no poema, funcionando como gesto de legitimação e reivindicação identitária diante do apagamento social desses indivíduos. A vinculação afetiva e de descendência evidencia a intervenção do eu lírico como sujeito histórico que revaloriza e reposiciona esses grupos nas narrativas regionais.

O poema problematiza a relação entre presença e memória, interrogando quem reconhece o valor socioeconômico e cultural desses agentes migrantes, cuja fala, esforço e cotidiano são frequentemente desconsiderados. A metáfora final do “pedaço de pau rodado” que percorre o rio simboliza não apenas a dispersão geográfica dos sujeitos migrantes, mas também a complexidade da formação identitária marcada pela mobilidade, resiliência e adaptação.

O poema “Beradêro” se configura como um texto poético que desafia as versões oficiais da história regional ao reivindicar o protagonismo dos migrantes na formação do Mato Grosso contemporâneo. Por meio de imagens concretas e simbolismos articulados, os versos enriquecem a compreensão das interações culturais, econômicas e sociais que fundamentam a construção territorial e identitária da região, contribuindo com uma perspectiva crítica que valoriza a experiência dos sujeitos subalternos.

Sabemos que, em 1977, Mato Grosso, como o descrevemos até aqui, foi desmembrado em dois territórios distintos. O fato promoveu uma reconfiguração geopolítica que impactou radicalmente as estruturas políticas, econômicas e sociais da região. A partir desse desmembramento, nasceu o Estado de Mato Grosso do Sul, o que resultou na redução do antigo território e na reorganização da representação política do Centro-Oeste brasileiro.

Esse processo foi marcado por tensões, principalmente entre as regiões norte e sul, devido a diferenças culturais, econômicas e históricas, e gerou um sentimento ambíguo nos mato-grossenses: por um lado, o desalento pela perda territorial; por outro, a perspectiva de crescimento e desenvolvimento mais direcionado para ambas as unidades federativas, conforme lemos na crônica de Gastão Müller.

A região que se desmembrou, já não tinha, salvo por dever legal, espírito cívico e patriótico, nada a haver com o Mato Grosso do Norte. Essa área que vai constituir o novo Estado era já intitulada Mato Grosso paulista e paranaense. O outro Mato Grosso, cuja estrutura é toda cuiabana, berço da civilização e da cultura brasileira, naquele imenso vazio demográfico, rica de tradições em todos os setores, berço de homens ilustres, como o presidente Dutra, o Marechal Rondon, o senador Azeredo, o Senador Filinto Müller e outras grandes figuras, como D. Aquino Corrêa, poeta admirável, Antônio Maria Coelho, que retomou Corumbá dos paraguaios, quando da Guerra da Tríplice Aliança, enfim, dezenas de figuras ilustres, não se afinava e não se afina, salvo pelo espírito de brasilidade, com o Sul, colonizado em parte por mineiros, gaúchos e filhos de outras regiões pátrias, embora, de princípio, sob a liderança cuiabana, mas, todos, vale ressaltar, acima de tudo, brasileiros.

Com o tempo, o Sul se desenvolvendo com maior rapidez, notando-se que esse progresso tem um marco, o ano de 1914, quando os trilhos da então Estrada de Ferro Noroeste do Brasil chegaram em Campo Grande e surgiram os aquartelamentos do Exército e depois da Força Aérea (FAB), paralelamente a exuberância da terra, principalmente da região de Dourados.

Se houve, como era natural, uma intensa vibração no Sul de Mato Grosso, principalmente em Campo Grande, quando a notícia foi divulgada (03-05-77), era natural que os mato-grossenses do norte e de uma forma toda especial os cuiabanos sentissem alguma tristeza, um certo desalento, pois o fato era como de um pai que casa a sua filha, sentindo na separação da mesma uma certa sensação de perda, de ausência definitiva, pois sabe que o fato é para o bem dela. Mas, o principal, o importante mesmo é que todos nós de Mato Grosso ou os do Novo Estado continuamos brasileiros. Não se vai erguer uma “muralha chinesa” nem um “muro de Berlim” separando o povo de Mato Grosso do povo da outra Unidade Federativa. Tudo é Brasil. (Müller, Gastão. *Cuiabá: berço da civilização*. 1977)

Embora a divisão tenha criado obstáculos iniciais relativos à redistribuição de recursos e poder político, com o tempo permitiu uma ocupação mais intensiva do norte e uma maior dinamização econômica em ambos os estados. O fragmento destaca, em seu cerne, a distinção entre as duas regiões que compunham o antigo estado de Mato Grosso antes da sua divisão, enfatizando que o território que se tornou o novo estado (Mato Grosso do Sul) tinha características socioculturais distintas do Mato Grosso do Norte, também chamado de Mato Grosso cuiabano.

Designado como “Mato Grosso paulista e paranaense”, o Sul era povoado por migrantes originários de outras regiões brasileiras, como Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná, refletindo os fluxos migratórios internos para essa área. O Sul do estado experimentou um desenvolvimento acelerado, impulsionado por fatores econômicos e infraestruturais, como a chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em 1914 e a instalação de bases militares, que atraíram trabalhadores e colonos em busca de oportunidades. Esses movimentos migratórios tiveram grande influência na configuração socioeconômica da região, introduzindo modos de vida, práticas culturais e dinâmicas econômicas distintas das do Norte.

O texto também revela a tensão emocional vivida pela população do Norte, especialmente os cuiabanos, diante da divisão de 1977, que foi percebida como uma perda simbólica e territorial. Contudo, a referência

à brasilidade comum reforça que, apesar das diferenças regionais e do desmembramento político, os laços culturais e identitários nacionais permaneciam intactos.

A partir daí, também as manifestações literárias passaram a retratar mais especificamente cada um dos estados, moldando um conjunto de narrativas que particularizam as identidades regionais e refletem as singularidades culturais, sociais e históricas de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A literatura passou a explorar os temas da fronteira, da migração, das tradições locais, da diversidade étnica e dos desafios do desenvolvimento, criando obras que expressam as experiências e aspirações dos habitantes dessas regiões.

Entre esse período e a década de 1990, Mato Grosso recebeu um intenso fluxo migratório das regiões sulinas do Brasil, composto por indivíduos com expectativas, habilidades laborais e aspirações voltadas à produção agrícola. Essa migração interna foi determinante para a transformação sociocultural e econômica do estado, impactando identidades, práticas culturais e modos de vida locais. Os migrantes se estabeleceram principalmente em áreas oficialmente colonizadas, como Porto dos Gaúchos, Sinop e Alta Floresta.

A dinâmica migratória foi marcada pela introdução de novas práticas agrícolas, com destaque para a cultura da soja, bem como pelo desenvolvimento de infraestrutura viária e urbana que facilitou a fixação da população e a expansão territorial. Tal processo contou com incentivos fiscais, abertura de rodovias e participação de colonizadoras privadas, como a Colonizadora Sinop, Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná, que dá nome àquela cidade.

Além disso, o fluxo apresentou dimensões sociopolíticas significativas, uma vez que o crescimento econômico dos sulistas provocou alterações nas relações de poder, com a ascensão do agronegócio. Os migrantes contribuíram ainda para a reconfiguração sociocultural da região, promovendo a coexistência entre tradições locais e inovações trazidas pela agricultura intensiva.

Os sulinos incorporaram suas tradições e narrativas culturais, promovendo um diálogo complexo entre o local e o externo, que resultou em

uma constituição cultural multifacetada, marcada pela convergência entre práticas tradicionais e as inovações trazidas pela agricultura intensiva. Dessa forma, a migração configurou-se como um elemento central no processo de modernização e diversificação sociocultural do Mato Grosso nas últimas décadas do século 20.

No entanto, a trajetória de desenvolvimento de Mato Grosso não se restringiu exclusivamente ao progresso econômico e à expansão agrícola. Conflitos fundiários, atritos culturais e impactos ambientais configuraram marcas indeléveis desse processo transformador, como observamos no capítulo dedicado exclusivamente ao tema. O estado passou por uma reconfiguração profunda, resultante do exercício contínuo de resistência e negociação, caracterizando-se como uma região forjada pelo esforço, pelas disputas e pelos desafios inerentes à ocupação e à adaptação de sua vasta extensão territorial.

O encontro entre migrantes sulinos e mato-grossenses, entre tradições estabelecidas e novas práticas, representou um momento crucial de transição e de reinvenção do espaço territorial brasileiro. A compreensão do Mato Grosso contemporâneo, enquanto território caracterizado por sua riqueza natural e produtividade agrícola, implica reconhecer, além de suas expressões históricas anteriores, a narrativa humana daqueles que se deslocaram para a região, estabelecendo raízes, transformando a terra e, simultaneamente, a si mesmos.

Na literatura, o processo de chegada e estabelecimento em novo espaço é representado no romance *Matrinchã do Teles Pires*, de Luiz Renato de Souza Pinto, escritor sulista radicado em Mato Grosso há várias décadas. A obra apresenta uma narrativa sensorial e profundamente humanizada sobre a migração interna para o estado, ilustrando, por meio da experiência de uma família sulista que enfrenta dificuldades em uma estrada lamacenta rumo ao município fictício de Matrinchã, situado próximo a Sinop, a complexidade e as adversidades desse processo migratório.

A descrição detalhada de elementos como a lama espirrando, o motor que volta a funcionar, o frio da madrugada e o silêncio da coruja constrói uma atmosfera verossímil e quase poética, oferecendo um retrato realista

das dificuldades enfrentadas pelos migrantes em sua busca por recomeço. A narrativa literária constitui um instrumento para compreender as dimensões econômicas, sociais e culturais da colonização e da migração no norte de Mato Grosso.

[...]

Getúlio ajustou seu foco e avistou dois guris e um senhor no meio da lama, desvio ao lado; tentavam cavar um buraco ao redor do pneu. Não dava para ver direito que carro era, tão fundo no barro. Parecia um fusca, vermelho; placa do Paraná. Viajavam nele cinco pessoas de uma mesma família. O destino:

— Matrinchã, conhece?

Município localizado nas proximidades de Sinop, às margens do rio Teles Pires. O nome da cidade veio de um peixe, abundante na região; dentes fortes e carne bastante saborosa. Em alguns casos chega a ter o comprimento de até cinquenta centímetros.

Era lama para todo lado. Os garotos mexiam, mexiam e, ao acionar o motor o fusca voltava para o lugar. Espirrava em todas as direções e sentidos. Enchiam-se de lama os piás pançudos. Inútil tentar o calço com madeiras moles, apodrecidas de sereno. Era esperar o amanhecer; o socorro viria, certamente, para liberar a estrada.

Por volta de duas ou três horas da manhã, o silêncio irrompe. É hora do pio da coruja, matreira, ocupar seu espaço no reino das sombras; vomitava pelos de um mamífero qualquer que servira de presa, do qual ainda cuspiam ossos. A noite tranquila, apesar da correria, foi repleta de aventuras para quem buscava vida noutro lugar. Nova fronteira.

Os meninos dormiram com os seus dentro do fusca, sabe Deus como. Apertados no pequeno espaço e com o corpo tomado daquele barro. Servia para lembrar o pago; família de pés-vermelhos, como se diz de quem nasce no norte do Paraná. Vinham de Maringá e, cansados de tentar a vida em Sinop, infelizes no trato com a terra, foram para Cuiabá. Pastaram um pouco; contribuíram para o inchaço da periferia da capital. Agora tentavam de novo. Matrinchã era cidade nova.

- Começou a se falar daqui depois da chegada de muita gente do sul.
- A vila, ainda recente, parecia oferecer alguma oportunidade. Iam na busca de iniciar um pequeno comércio com o que restou de uma herança do sul.
- Daqui a pouco tá cheio de gente. – Logo cedo motores roncaram e a gazela, toda espevitada, assanhou o homem; juntos, ignoraram os primeiros movimentos para a liberação.

(Pinto, Luiz Renato de Souza. *Matrinchã do Teles Pires*. 2. ed. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2019, p. 9-11)

O narrador constrói um cenário onde o desafio do ambiente natural (a lama, o barro) é um personagem ativo que impõe seu ritmo e suas regras aos protagonistas, simbolizando as dificuldades enfrentadas na chamada “nova fronteira”. A narrativa intercala informações geográficas e culturais, como a origem do nome Matrinchã e a descrição do peixe típico da região, que enriquecem o pano de fundo regional e reforçam a sensação de pertencimento ao lugar.

A menção à família agrupada no fusca, “piás pançudos” cobertos de lama, transporta o leitor para o lado humano da migração, enfatizando o esforço, o endurecimento e a esperança dos que saem do Sul do país em busca de melhores condições. O diálogo sobre a cidade nova e o crescimento populacional sugere a dinâmica da ocupação e a formação de comunidades, revelando o processo social que molda o Mato Grosso contemporâneo.

O autor utiliza técnicas narrativas que aliam naturalismo, regionalismo e realismo social, para construir um relato multifacetado da migração interna. O romance capta e retrata, em pequenos gestos e cenas cotidianas, o drama coletivo de um povo que ousa conquistar territórios e reinventar vidas, traçando o perfil humano e histórico de Mato Grosso moderno.

Também o romance *Coração Madeira*, de Marli Walker, apresenta uma narrativa singular sobre a migração sulista para o norte de Mato Grosso, enfocando a trajetória de vida da protagonista, a Filha do Meio, que sai de Santa Catarina, da casa dos pais, rumo ao sertão amazônico. A obra mistura elementos autobiográficos e ficcionais para construir um enredo

marcado pela busca de emancipação feminina em um ambiente patriarcal e, por vezes, hostil, situado no contexto da colonização e interiorização da agricultura na região, nos anos finais da Marcha para o Oeste.

A narrativa também ilumina as dificuldades enfrentadas pelos que adentraram o norte mato-grossense, revelando a precariedade da infraestrutura e os desafios do isolamento, assim como os conflitos e as exclusões sociais, especialmente a da mulher. Essa condição de fronteira interiorana é permeada por tensões culturais e econômicas que são poeticamente exploradas para construir uma história que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva. Sob a perspectiva do olhar feminino, o processo de colonização do norte de Mato Grosso é narrado por uma protagonista mulher, subvertendo a lógica das narrativas masculinas.

[...]

Achou por bem sufocar, decepar, evitar que entrasse na cabeça a voz que o coração começava a soprar, sussurrar em grunhidos que ela não sabia decifrar, não podia entender, apenas sentir, quase intuir e esse era seu miúdo, pequeno, quase insignificante medo que germinava com as chuvas, chuvas, chuvas e depois, depois, depois de alguns aniversários brotaria, cresceria, na proporção que cresciam as montanhas de árvores mortas no meio daquela entranha do sertão.

O coração falava uma língua que ainda não conhecia, não entendia, não dominava um A nem vírgula que fosse. Não conseguia ver esse medo nem sacudir a toalha para não o esfregar em sua pele depois do banho. Era um medo invisível, constante, assíduo. Decidiu que o trataria assim, meio língua morta ou quase morrendo, discreta, silente, insignificante. Não atrapalhava sua lida, sua vida, seu sono. Ainda não.

Não podia supor, sonhar, prever – entranhada naquele sertão – que a travessia entre os sertões de lá e de cá teria tanta estrada, caminho, fronteira grande e aramada, que o seu coração não acreditaria se a tal voz lhe segredasse, contasse, adiantasse qualquer coisa antes da hora. Seguiu o curso das chuvas, secas, árvores vivas e mortas.

Naquele ano, ela não sabia que vivia o tempo de um novo nascimento. Era a história dela que marchava para o Oeste e a marcha determinava um rumo nunca imaginado por ela nem por ninguém da casa grande, amarela e segura que ficou para trás, longe, longe (p. 15-16).

[...]

A Filha do Meio ainda não conhecia os escritos de Clarice Lispector nem os de Adélia Prado. Não podia supor que essas duas mulheres e tantas outras viessem um dia a ser o seu esteio, refúgio, alento, paixão e ressurreição. Não sabia dos caminhos que percorreria até o seu coração compreender o efeito que todos os escritos causariam em suas travessias nos sertões de fora e de dentro, desde o Oeste frio de Santa Catarina até o calor escaldante de um Oeste mais hostil, nas entranhas da Amazônia, muito perto do Xingu. Ela não sabia ainda da existência de um outro sertão, mais profundo, cravado dentro do peito, perigoso e traiçoeiro (p. 19).

[...]

(Walker, Marli. *Coração Madeira*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2020)

Coração Madeira destaca a migração como motor de transformação interior e social, apresentando a viagem não apenas como um movimento geográfico, mas como processo que desencadeia mudanças profundas na identidade e na voz da mulher protagonista. O romance é dividido em três partes que simbolizam a herança familiar e a construção de uma nova existência, articulando tradição e ruptura. Essa abordagem confere à obra um caráter orgânico, onde o regionalismo mato-grossense se insere em uma reflexão maior sobre gênero, poder e resistência.

O romance de Walker é uma narrativa singular para a compreensão da migração sulista para Mato Grosso na segunda metade do século 20, ao destacar as vozes femininas tradicionalmente silenciadas nesse processo e ao refletir sobre as múltiplas dimensões da colonização e da formação da identidade regional. A obra transcende o relato da migração física, abordando também as transformações internas e o processo de emancipação feminina diante dos desafios impostos por uma sociedade patriarcal e por um território em processo de colonização.

Nesse contexto, a migração funciona como elemento catalisador das mudanças sociais e pessoais, articulando tradições familiares com a necessidade de ruptura e reinvenção identitária. O romance enfatiza as dificuldades inerentes à vida na nova terra, as condições precárias e as tensões culturais, sobretudo a marginalização da mulher, evidenciando as complexas dimensões da formação social e cultural do Mato Grosso contemporâneo. A narrativa literária configura-se como um referencial para compreender não apenas o fluxo migratório sulista, mas também as vozes femininas suprimidas e os processos históricos que delinearão o interior brasileiro, oferecendo à literatura regional uma perspectiva sensível, crítica e transformadora.

O poema “1992 – Chegadas”, na abertura do livro de contos *A casa do Posto*, de Larissa Campos, traz uma representação simbólica do processo migratório no Brasil, enfatizando a travessia física e emocional dos migrantes. Ao retratar, num fusca verde-claro, dois adultos e duas crianças que “cortam o mapa de um mesmo país”, o poema sugere a mobilidade interna, marcada por um deslocamento de “dois mil quilômetros”, que separa o passado do futuro, evidenciando a dimensão temporal e espacial do movimento.

No fusca verde-claro,
dois adultos e duas crianças
cortam o mapa
de um mesmo país.
Dois mil quilômetros
separam passado
e futuro.

O futuro é uma parada,
outro não lugar,
um posto de gasolina
na rodovia
do ser-tão desconhecido.

Para chegar lá,
cruzam estradas largas
com nomes de bandeirantes

e caminhos estreitos,
esquecidos por Deus
e pelos homens.

(Campos, Larissa. *A casa do posto*. Guaratinguetá, SP: Penalux, 2022, p. 9-10)

O futuro é apresentado como um “outro não lugar”, simbolizado metaforicamente por um posto de gasolina na “rodovia do ser-tão desconhecido”, reforçando a ideia do desterro e da incerteza associada à migração. Essa noção de lugar transitório expressa o limiar impreciso entre o conhecido e o desconhecido, ressaltando a estranheza e o desafio da adaptação ao novo ambiente.

As “estradas largas com nomes de bandeirantes” confrontam-se com “caminhos estreitos, esquecidos por Deus e pelos homens”, estabelecendo um contraponto entre a história oficial e os espaços marginalizados. Esse contraste evidencia as tensões geográficas e sociais enfrentadas pelos migrantes, refletindo tanto a dimensão histórica da ocupação territorial quanto a exclusão dos espaços periféricos.

A voz lírica articula as dimensões identitária, histórica e espacial da migração, problematizando os processos de deslocamento e ancoragem em territórios que carregam marcas de memória e esquecimento. As imagens poéticas convidam à reflexão sobre os desafios concretos e simbólicos enfrentados pelos migrantes no percurso de reescrever suas histórias em novos contextos geográficos e sociais. O poema corrobora a compreensão das migrações internas como fenômenos complexos que articulam lugar, tempo e identidade de forma indissociável.

O poema “Papo de Fazendeiro”, de Dom Pedro Casaldáliga, analisado sob a perspectiva do fluxo migratório, revela as tensões que acompanham os movimentos populacionais em contextos rurais marcados pela desigualdade e pela violência. O discurso do fazendeiro, representante da elite rural detentora do poder econômico e territorial, expõe a lógica excludente que impulsiona a migração interna e a recomposição social no campo brasileiro.

“Eu já vi morrer índio...”,
sorria o fazendeiro
levantando no ar a mão carnosa
com gesto genocida.

“Bota os bichos pros fundos da Amazônia...”
E a papada de porco bem cevado
caía-lhe nos peitos, em pingue pergaminho
de imperial decreto.

“Posseiro é uma batata.
Diz que, se ganha o índio,
Fica melhor pra ele...
Não gosta de gaúcho”.
E outros olhos azedos concordavam, sorrindo
emarcados no ouro de uns cabelos nazistas.

Falava, o fazendeiro, de Brasília.
Falava, muitas vezes, da Brasília aliada.

“Graças a Deus...”,
Dizia o fazendeiro,
e tirava o chapéu augustamente,
como se Deus pensasse
com a mesma cabeça.

(Casaldáliga, Dom Pedro. *Cantigas menores*. Goiânia: Ed. da UCG, 2003, p. 134)

A voz lírica emprestada ao fazendeiro afirma que se o indígena for “ganho” (expropriado ou deslocado), isso supostamente “fica melhor para ele”, ou seja, há uma imposição e justificativa para a tomada da terra indígena sob uma ótica distorcida e autoritária, que acredita agir em benefício próprio ou com um suposto progresso em mente. O desprezo pelo gaúcho reforça a hierarquia social e regional presente na lógica de poder do fazendeiro, que visualiza os diferentes grupos sociais e regionais como adversários ou obstáculos.

O gesto genocida e o tratamento desumanizante aos indígenas refletem a expulsão forçada e a marginalização dessas populações originárias, deslocadas para abrir espaço à expansão agropecuária e para interesses econômicos centralizados em Brasília. Essa exclusão está diretamente vinculada a processos migratórios de deslocamento e realocação compulsória, onde grupos indígenas e posseiros são removidos para fronteiras mais distantes e menos favorecidas.

Observamos, ainda, a alusão ao poder institucional, simbolizado pelo “imperial decreto” e pela “Brasília aliada”, que reforça a articulação entre o poder político e os interesses econômicos que moldam os fluxos migratórios, legitimando a violência e a apropriação territorial. O fazendeiro, como agente dessa lógica, evidencia a dinâmica pela qual a migração no campo brasileiro não é apenas fruto de escolhas individuais, mas resultado das forças estruturais de poder e dominação que suprem a expansão do agronegócio.

O eu lírico põe em relevo a ironia do fazendeiro, que agradece a Deus, manifestando sua sintonia com essa visão autoritária. A imagem aponta para a naturalização da exclusão e da violência no imaginário social, legitimando a reconfiguração dos territórios por meio de processos migratórios forçados. O poema evidencia como as migrações internas são marcadas por conflitos de poder, deslocamentos compulsórios e tensões identitárias, articulando política, economia e violência em um contexto historicamente desigual.

A narrativa infantil a seguir, de Paty Wolff, traz uma poética da migração pautada no sofrimento, esperança, identidade e reconstrução da memória familiar em um contexto de deslocamento forçado. O texto apresenta uma narrativa concisa e emotiva que expressa a experiência de migração e os desafios enfrentados por uma família haitiana no Brasil.

A imigração haitiana para Mato Grosso teve início por volta de 2012, com o estado funcionando como destino final ou ponto de passagem para os chegantes. Em 2014, Mato Grosso ocupava o quinto lugar no país em número de haitianos com vínculo formal de trabalho, contabilizando 910 trabalhadores registrados. Apesar disso, há pouca informação oficial precisa sobre o fluxo migratório haitiano e suas condições de vida e trabalho no

estado. Os haitianos em Mato Grosso, especialmente nas cidades de Cuiabá e Várzea Grande, enfrentam desafios relacionados à adaptação cultural, à busca por oportunidades e às condições laborais.

Esse fluxo migratório está ligado principalmente à busca por trabalho, com a população atuando em diferentes setores produtivos. Além dos desafios econômicos, enfrentam dificuldades de adaptação cultural e preconceitos, assim como olhares questionadores sobre sua presença.

Azul Haiti

[...]

Depois do terremoto veio a enchente que levou roupas, sapatos, álbuns de fotografia da família e a saúde dos meus avós.

Quando eles descansaram, a fome e a violência chegaram. Sozinha, minha mãe decidiu encarar a viagem de migração para outro país.

Aqui, na condução do carrinho de mão, ela, incansável, perambula.

Nós temos vivido muitas histórias no Brasil, onde eu nasci e estou crescendo.

Minha mãe teve que aprender uma nova língua, buscar oportunidades e enfrentar os olhares que questionam a nossa presença.

No fundo da gaveta, o cetim da bandeira haitiana encontra minhas curiosas mãos clandestinas.

Lá estão os papéis que nos dão refúgio e nos permitem morar no país.

[...]

(Wolff, Paty. *Azul Haiti*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2025, p. 12-19)

Sobre a passagem acima, podemos inferir que o terremoto e a enchente representam as adversidades iniciais que marcam o sofrimento da família, simbolizando eventos extremos que desencadeiam a migração. Migração e reinvenção: a mãe como figura central simboliza a coragem e a resiliência ao enfrentar uma nova realidade, uma jornada instaurada pela necessidade.

Há ainda a representação do conflito identitário e da adaptação cultural. A aprendizagem de uma nova língua e a busca por reconhecimento evidenciam o esforço de integração e os desafios do deslocamento. A bandeira haitiana e os documentos que garantem o refúgio funcionam como símbolos da identidade e da esperança, preservados “no fundo da gaveta”, sugerindo um lugar íntimo e protegido na memória.

Paty Wolff utiliza um tom pessoal e intimista com o uso da primeira pessoa, criando proximidade e transportando o leitor para a vivência familiar. Objetos como “roupas, sapatos, álbuns de fotografia” e o “cetim da bandeira” evocam lembranças e identidade cultural, articulando trauma e resistência.

A fragmentação do relato em pequenas situações destaca os obstáculos sucessivos que a família enfrenta. A narradora conta da mãe “na condução do carrinho de mão”, o que sugere seu papel incansável de cuidadora e guerreira no processo migratório. A menção a “mãos clandestinas” reforça a invisibilidade e vulnerabilidade dos migrantes, ao mesmo tempo em que demonstra a resistência e curiosidade das novas gerações. O texto articula, assim, uma poética da migração pautada no sofrimento, esperança, identidade e reconstrução da memória familiar em um contexto de deslocamento forçado.

Neste capítulo, exploramos os movimentos migratórios para Mato Grosso, conforme representados nas narrativas ficcionais e nos relatos memorialísticos desde o período colonial até a Nova República. Observamos, em distintos fragmentos do corpus analisado, que a construção da identidade regional é multifacetada e se encontra intrinsecamente vinculada ao fenômeno migratório para esta região. A partir dessa perspectiva, a migração não se apresenta apenas como um deslocamento territorial, mas como um processo fundamental na conformação das representações culturais e sociais relativas ao estado. A literatura emerge como campo privilegiado para a interpretação dessas dinâmicas identitárias, evidenciando as complexidades e nuances do entrelaçamento entre memória, espaço e pertencimento em Mato Grosso, como veremos no capítulo seguinte.

AMPLIANDO HORIZONTES

As produções listadas a seguir constituem fontes singulares para compreender os impactos sociais, culturais e econômicos decorrentes dos fluxos migratórios que marcaram a formação do Brasil e, em nosso enfoque, dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Essas obras oferecem uma perspectiva plural e aprofundada das experiências dos migrantes, contribuindo para o enriquecimento do debate acadêmico sobre as dinâmicas migratórias e suas repercussões na construção da identidade regional.

Filmes

A Missão (1986), direção de Roland Joffé. Narra a história de Rodrigo Mendoza (Robert De Niro), que busca redenção ao se unir ao padre jesuíta Gabriel para proteger os indígenas guaranis em uma missão na América do Sul no século 18. À medida que o território das missões é disputado entre Espanha e Portugal, os jesuítas e Mendoza enfrentam ameaças coloniais que visam escravizar os indígenas. No final, eles resistem para defender os nativos, mas são assassinados junto com as populações indígenas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S-MruaPfJV4>

Chegança - 40 anos de migração em Mato Grosso (2015), direção de Cosme Heinar. Documentário que mostra os principais momentos do movimento migratório entre 1970 e 2010, retratando a construção socioeconômica do estado, a interação entre nativos e migrantes e o desenvolvimento humano, com depoimentos emocionantes das primeiras famílias que povoaram a região. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rgsu2ITvMmg>

Japoneses em Mato Grosso

Documentário que retrata a chegada e a influência dos imigrantes japoneses no estado, mostrando a contribuição dessa comunidade para a cultura, gastronomia e economia locais. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2699993/>



Vídeo no Instagram de Valmir Schneider, que conta a história da migração de sua família do Sul para o Mato Grosso, trazendo uma narrativa pessoal sobre o processo migratório. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DGswGr0vQo9/?__d=1

Vindas e Vidas

Aborda a história de famílias que migraram da Venezuela devido à crise econômica e humanitária, incluindo relatos sobre suas experiências de vida e de adaptação. Disponível em: www.unicap.br/vindasevidas

Livro

O Espaço e o Vento: Olhares da Migração Gaúcha para Mato Grosso de Jones Dari Goetttert. Dourados: (UFGD, 2008).

O texto mistura prosa e poesia para valorizar a linguagem multiétnica e a complexidade do fenômeno migratório.

Obras infantojuvenis

A chalana de Nhô É de Sueli Batista, com ilustrações de Celio Maximiano. Cuiabá: Studio Press, 2021.

Em prosa e verso, o livro conta a história de um menino chamado É, que sofre *bullying* por causa do nome e se sente incompleto. Depois cresce, casa-se com AIOU, torna-se um construtor de barcos, viaja e chega ao rio Cuiabá. Depois, vai ao pantanal juntamente com netos, uma tartaruga e todas as letras do alfabeto. No caminho, recolhem lixos. Chegando ao pantanal, assistem a danças regionais e conhecem vários animais. Voltam para Cuiabá e vão tomar o café da Dona Eulália, e depois almoçar cabeça de Pacu. Satisfeito, resolve morar na cidade e liberta as letras para morarem na Casa Barão de Melgaço.

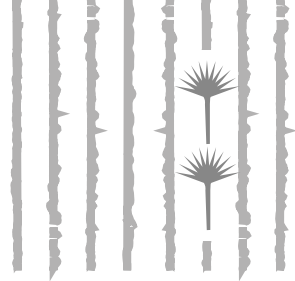
Cuiabá de Arraial a Vila Real: história ilustrada de Moacyr Freitas. Cuiabá: Entrelinhas, 2021.

É um livro de aventuras que apresenta uma visão retrospectiva da gigantesca empresa de transformação de uma terra vasta, considerada selvagem, em uma grande e próspera região. É apresentada de forma cronológica, e oferece uma visão épica do processo de construção do território.





CAPÍTULO 7



MÚLTIPLAS IDENTIDADES

Como vimos no capítulo anterior, a migração para o território do atual Mato Grosso foi um processo complexo e contínuo que resultou na formação de múltiplas identidades regionais e culturais. Notamos que o imaginário da literatura contemporânea produzida em Mato Grosso, sobretudo na primeira metade do século 20, manifesta-se por meio do diálogo entre tradição e modernidade. Tal produção literária articula-se a partir das especificidades territoriais, culturais e históricas da região, ao mesmo tempo em que incorpora, de forma tensionada, as transformações socioculturais nacionais associadas às vanguardas estéticas e aos projetos de modernização do período.

A literatura de ficção retrata as identidades de Mato Grosso como um mosaico multifacetado que reflete a diversidade histórica, cultural e geográfica do estado. Ela se apoia em raízes da tradição oral indígena, na cultura pantaneira e nas influências dos colonizadores e migrantes, construindo uma narrativa que converte especificidades culturais em linguagem de amplitude simbólica. Escritoras e escritores de Mato Grosso exploram temas como a relação do ser humano com a natureza, a vida no campo, as transformações sociais e dilemas existenciais, evidenciando os processos de construção identitária no estado.

Nessa perspectiva, o corpus literário mato-grossense revela-se como um campo privilegiado para a análise das dinâmicas identitárias, revelando a errância, o choque cultural e a construção de identidades híbridas. A literatura produzida em MT emerge como instância sociocultural de negociação do lugar e das identidades no interior da tradição literária

brasileira, contribuindo para a produção de sentidos sobre o espaço e o tempo regionais em diálogo com outras matrizes culturais.

Ao longo deste capítulo, apresentamos uma seleção de textos literários que exploram as identidades formadas nas principais fases migratórias, as quais, ao se sobreporem, configuram uma ideia de identidade regional em Mato Grosso. Esta identidade revela-se constituída por camadas que englobam a resistência indígena, a ambição dos bandeirantes, a força da população escravizada, o hibridismo dos estrangeiros integrados, o protagonismo muitas vezes silenciado do sertanejo/nordestino e a dinâmica do migrante sulista. Essa combinação gera uma complexidade social e cultural intimamente ligada aos processos migratórios.

Período Colonial: a gênese desigual

Nesta primeira fase, a identidade de Mato Grosso foi forjada pelo encontro violento entre grupos muito distintos que podemos chamar de *identidade indígena originária*, pois antes da chegada dos europeus, o território era densamente ocupado por diversos povos, como os Bororo, Paresi, Paiaguá, Caiapó, Guaicuru, Guarani, Pacanaua e Guatiria.

Durante a expansão colonial portuguesa, as expedições e os confrontos subsequentes com os povos indígenas representaram desafios constantes, já que as comunidades originárias eram vistas como obstáculos ao avanço do projeto colonizador. As relações interétnicas estabelecidas nesse contexto eram complexas, especialmente após a descoberta de ouro na região, que reconfigurou as dinâmicas sociais. Nesse contato, destacam-se as estruturas sociais formadas por autoridades coloniais, jesuítas, populações negras e uma diversidade de povos indígenas.

Quando os colonizadores passaram a tratar os índios como inimigos, devido à hostilidade da Coroa portuguesa, e a guerra foi declarada justa, as consequências foram devastadoras. Os povos indígenas tornaram-se alvos de ataques, aprisionamentos, destruição de aldeias, matanças e escravização. Essas ações se intensificaram ao longo do século XVII e início do século XVIII, com o objetivo de subjugar ou exterminar os povos originários.

A sociedade que se formava a partir das descobertas do ouro, inicialmente na área onde foi fundada a Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, e, posteriormente, na região que viria a se chamar Mato Grosso, também fruto da exploração aurífera, exigiu da Coroa Portuguesa um projeto colonizador sofisticado, capaz de justificar suas escolhas e estabelecer estratégias de aproximação e dominação sobre os povos indígenas e seus territórios. A implementação desse projeto, no que se refere aos indígenas, exigia a construção de uma nova identidade histórica, que moldasse um sistema econômico, político e cultural de relações. Essa identidade social visava consolidar uma estrutura de poder oriunda do soberano, padronizando religião, língua e conceitos socioculturais. Vejamos o que diz o trecho de uma carta sobre o período.

[...]

Enquanto o gentio Paiaguá é constante que desde o estabelecimento destas minas sempre cometeram hostilidades, assim nós moradores, como nós comerciante e 5 viajantes que navegam e navegam por aqueles rios, tirando a vida a muitas mil pessoas, acabando e destruindo monções inteiras, roubando-lhes as fazendas e escravos para ir vender a Castela; e além disso muitas arrobas de ouro de partes, e algumas de quintos de Sua Majestade, que Deus guarde. Por repetidas vezes lhes fizeram guerras às suas custas os habitantes deste país, e Sua Majestade lhes mandou fazer de uma vez em que acabaram muitos, mas não extinguiram por repetir os insultos.

[...]

(Anônimo *apud* Canova, Loiva. *Os doces bárbaros: imagens dos índios Paresi no contexto da conquista portuguesa em Mato Grosso - 1719-1757*. Tese de Doutorado, 2006)

A construção da imagem dos indígenas pelos colonizadores europeus, em Mato Grosso, nos séculos 17 e 18, consolidou uma visão distorcida, caracterizando-os frequentemente como seres incultos, bárbaros e ameaçadores, o que legitimava práticas de violência e a apropriação territorial.

Tal perspectiva reduziu a complexidade sociocultural desses grupos, desconsiderando suas instituições, cosmologias e modos de vida estruturados. O imaginário colonial, amplamente disseminado por meio dos relatos

de cronistas, missionários e agentes administrativos, funcionou como instrumento de legitimação da dominação europeia e da expansão territorial, ao mesmo tempo em que fez perpetuar, ao longo dos séculos, uma percepção excludente dos povos indígenas na região, dificultando o reconhecimento da sua diversidade cultural e dos seus direitos históricos.

Em contrapartida, a *identidade do conquistador/bandeirante* foi forjada a partir da imagem dos paulistas em busca de ouro, retratados como figuras heroicas, destemidas e pioneiras, responsáveis pela expansão territorial. Essa construção simbólica associava-os a um ideal de coragem, trabalho árduo e civilização, posicionando-os como agentes legítimos da colonização e do progresso.

Contudo, tal representação ocultava ou minimizava os aspectos conflitivos de suas ações, especialmente a violência contra povos indígenas, a exploração de mão de obra escrava, e os impactos socioambientais decorrentes de suas expedições. Assim, a identidade do bandeirante consolidou-se não apenas como protagonista da história do estado, mas também como componente fundamental da narrativa oficial que fundamenta a formação territorial e cultural de Mato Grosso e da antiga fronteira colonial.

No século 20, a escritora Vera Randazzo retratou a primeira fase migratória para o estado e a ocupação do território mato-grossense, destacando, ainda, a figura do bandeirante. Seu foco recai sobre os paulistas liderados por Pascoal Moreira Cabral, a quem se credita toda a glória e heroísmo. O encontro entre os povos indígenas nômades, como os Coxiponé, e os sertanistas, funciona como impulso para exaltar a bravura do bandeirante, movido pela busca do ouro e pela expansão territorial.

A crônica a seguir, publicada originalmente em 1969 e elaborada em homenagem ao aniversário de Cuiabá, destaca a *identidade do conquistador/bandeirante*, evidenciando tanto as dimensões humanas e culturais da migração quanto as transformações socioespaciais decorrentes da mineração e da colonização europeia. A descoberta do ouro nas margens do rio Coxipó foi um evento catalisador da intensa migração interna, atraindo numerosos grupos e fundamentando a criação da cidade. Dessa forma, a crônica representa o processo migratório em Mato Grosso como um fenômeno

complexo, interligado às esferas cultural, econômica e histórica, as quais exerceram papel fundamental na configuração da identidade regional e no desenvolvimento territorial.

[...]

Os índios fundiam-se na natureza primitiva e agreste e tudo era tranquilidade.

Mas houve um dia em que, repentinamente, os pássaros do alto das copas das árvores emudeceram, enquanto bandos de foscos macaquinhos agarrando-se fortemente nos galhos, espiavam assustados e curiosos o rio lá embaixo.

Por entre o barulho do bater dos remos, ergueram-se as vozes tonitruantes de homens barbudos e de olhar insolente.

Numa réstia de praia lambida pela água, desembarcou um altivo paulista, cujos olhos, dardejando chispas de audácia, varreram os arredores: chamava-se Pascoal Moreira Cabral, e estava desembarcando nas próprias páginas da história!

Seu olhar procurava os simples e inocentes homens de pele acobreada que, despidos de malícia e com os corações batendo doidamente, tinham fugido céleres através da mata com mulheres levando os pequenos curumins nas ilhargas.

Pois os arrogantes e intrépidos bandeirantes tinham atravessado léguas e léguas de desconhecidos sertões, cheios de perigos para prearem os indefesos silvícolas.

Não tardou, porém, que fossem surpreendidos com uma investida dos coxiponés que, depois do primeiro susto, preferiram defender com a própria vida a liberdade de viverem livres...

Muitos morreram, e os remanescentes angustiados e infelizes, refugiaram-se nas serras ao longe, enquanto os bandeirantes refaziam-se plantando roças para o suprimento necessário.

E enquanto esperavam o milharal embonecar-se e as raízes de mandioca engrossarem, os rudes companheiros do grande bandeirante iam revolvendo também os cascalhos da beira do improvisado acampamento à procura do ambicioso ouro.

E foi assim que, como rastilho de fogo na palha seca, explodiu certa manhã

a nova que na margem direita dum córrego batizado com o nome de Coxipó, tinham encontrado em abundância o raro metal.

Ouro! Ouro!

E o eco acompanhando a palavra que rutilava com um sol sonoro ultrapassou as matas brutas, varou rios profundos e serras escarpadas e chegou ao litoral civilizado de onde voltou trazendo levas e levas de homens ambiciosos...

E o brilho maravilhoso das arrobas de puro ouro empanou e fez desaparecer o desejo dos bandeirantes pelas caçadas cruéis aos pobres silvícolas.

E eis que assim foi que o seio da mata luxuriante, por entre o cascalho dos córregos calmos, do meio da areia macia do rio Cuiabá que aqueles bandeirantes audaciosos, como Pascoal Moreira Cabral, Miguel Sutil, Fernão Dias Falcão, Antônio Pires e tantos outros foram arrancando as pepitas douradas e preciosas para prepararem o berço esplêndido da cidade que nascia. [...]

(Randazzo, Vera. *Vozes femininas*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letra; Unemat, 2008, p. 281-282)

A crônica retrata Pascoal Moreira Cabral, figura emblemática dessa epopeia colonial, que desembarcou com altivez e audácia, encarnando o símbolo da imposição de uma nova ordem. Os indígenas, apesar do medo e da coragem demonstrados em sua resistência, foram forçados a recuar para as serras distantes diante da superioridade bélica e organizacional dos colonizadores, que avançavam na implantação de roças e na exploração do cobiçado ouro.

A descoberta do metal precioso nas proximidades do rio Coxipó desencadeou um verdadeiro frenesi, atraindo multidões movidas pela ânsia de riqueza e alterando radicalmente o curso histórico da região. A crônica exalta não apenas a fundação da cidade, mas, sobretudo, a supremacia dos desbravadores sobre a natureza e os povos originários. Essa narrativa reforça a construção da identidade mato-grossense a partir da força, dominação e transformação promovidas pelos colonizadores, eclipsando as populações indígenas que viram sua autonomia e território subjugados. As imagens históricas sobre Cuiabá estabelecem um marco simbólico da colonização que privilegia a coragem e a audácia do colonizador, enquanto marginaliza a experiência dos povos originários.

Em seguida, surge a constituição de uma identidade escravizada e subalterna, que revela a formação social colonial fragmentada, marcada por uma maioria de negros, pardos e indígenas submetidos a condições análogas à escravidão. Estima-se que cerca de metade da população de Mato Grosso fosse composta por esse grupo subjugado. Os escravizados, trazidos à força da África, configuraram-se como o “braço forte” da colonização, deixando marcas duradouras na estrutura social do estado, embora suas vozes e histórias tenham sido amplamente invisibilizadas na construção da identidade oficial.

O fragmento abaixo ilustra um momento em que a fuga de escravizados nas áreas rurais de Mato Grosso, especialmente para regiões como a Serra dos Parecis e os rios adjacentes, desafiava diretamente a ordem colonial e a economia local, que se sustentava na escravidão. A resposta das autoridades, ao convocar o poder público e a população para organizar uma “bandeira” – expedição destinada à captura – revela a política estatal de controle rigoroso sobre os corpos escravizados, evidenciando a tentativa de preservar a ordem econômica e social em favor da Fazenda Real.

Em março de 1795, o capitão general e governador da Capitania de Mato Grosso, João d’Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, mandou chamar o Juiz Presidente e o vereador mais velho da Câmara da então capital Vila Bela para tratar da decadência das minas e das perdas e danos causados aos moradores pelas fugas de muitos escravos, que tranquilamente aquilombavam-se nas escarpas da extensa Serra dos Parecis. Eles derramavam-se pelas vizinhanças dos arraiais e nas águas das nascentes do Guaporé, principalmente nos rios Galera, Sararé, Pindaituba e Piolho, então denominado de São João, além de outros, dos quais tinha constantes notícias. Sendo a obrigação das câmaras socorrer às necessidades públicas, a fuga de escravos e a falta de terras minerais exigiam a formação de uma bandeira que explorasse os sertões, convocando os moradores para uma contribuição voluntária, comprometendo a Fazenda Real com a munição e a quinta parte da gente empregada nessa diligência.

(Machado, Maria Fátima R. Quilombos, Cabixis e Caburés: índios e negros em Mato Grosso no século XVIII. *25ª Reunião Brasileira de Antropologia da Associação Brasileira de Antropologia*, GT 48 – Saberes coloniais sobre os indígenas em exame: relatos de viagens, mapas, censos e iconografias. Disponível em: <https://www.ufgd.edu.br>)

Embora excluídos dos discursos oficiais e marginalizados do centro do poder, os grupos de negros quilombolas mantinham uma existência à parte, desafiando o projeto colonial. A recorrência das fugas e a formação de quilombos refletem uma identidade que se fortalece na oposição à condição imposta pela escravidão.

No fragmento, o envolvimento das câmaras municipais na organização de expedições e na mobilização dos moradores evidencia a pressão sobre a população local para assegurar a manutenção da ordem escravocrata. Essa política revela a tensão entre a identidade subalterna dos escravizados e a identidade hegemônica dos colonizadores. As terras das escarpas e dos rios tornaram-se espaços de resistência e sobrevivência para os escravizados fugidos, simbolizando uma territorialidade de resistência que desafia a visão oficial de domínio e exploração.

O fragmento exemplifica a construção de uma *identidade subalterna escravizada*, manifestando-se pela fuga, pela formação de quilombos e pela resistência contínua à opressão colonial, contrapondo-se à identidade dominante que busca invisibilizá-los e controlá-los. Essa identidade é marcada pela luta por liberdade e por autonomia em um contexto de brutal repressão e hierarquia social rígida.

Observamos também uma *identidade regional inicial*, composta por portugueses, baianos e paulistas, formando um tecido social diversificado. O texto de Luís Sabóia Ribeiro, publicado originalmente em 1945, destaca a origem da garimpagem no Oeste brasileiro como um fenômeno que reflete as múltiplas identidades presentes em Mato Grosso, resultantes dos fluxos migratórios internos e das dinâmicas sociais e econômicas da região. Entre esses migrantes, os seringueiros nordestinos, que fugiam de adversidades como secas prolongadas e a pobreza em suas terras natais, emergem como protagonistas na construção da mobilidade social e territorial no Oeste, representando uma identidade marcada pela resistência e pela busca por sobrevivência.

A origem da garimpagem no Oeste brasileiro

[...]

De modo geral, como agora acontece, eram os seringueiros, na maioria, filhos do Nordeste, fugidos de seus pagos, onde intermitentemente reina a inclemência horrorosa de anos de seca, vinda para a Amazônia realizar o “aspecto mais curioso de nossa história”, pois “amansavam o deserto”. Dentre os nordestinos, muitos provinham das lavras diamantinas da Bahia e desde a infância criaram-se na labuta da mineração aprendendo, no alvorecer da vida, os segredos diversos da procura do diamante. [...]

(Ribeiro, Luis Sabóia. *Caçadores de diamantes*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; UNEMAT, 2008, p. 71)

“A origem da garimpagem no Oeste brasileiro” narra a trajetória dos migrantes nordestinos, especialmente seringueiros, que trouxeram consigo conhecimentos sobre mineração, ressaltando sua resiliência e contribuição para a formação econômica da Amazônia. Essa inclusão destaca a transformação do espaço, resultante das relações de trabalho e da migração de populações periféricas do Centro-Sul do Brasil.

Contudo, o texto, como a quase totalidade da literatura sobre o período, exclui a presença e os saberes dos povos indígenas originários, ignorando os impactos da garimpagem sobre suas terras e modos de vida, o que representa um apagamento simbólico dessas comunidades. Há um desequilíbrio entre a valorização de certos atores históricos e o silenciamento de outros, evidenciando tensões entre inclusão, exclusão e extinção nas narrativas ambientais e sociais da região.

O texto a seguir, “O estado feudal de Diamantina”, do mesmo autor, reforça os elementos essenciais para a compreensão da identidade regional inicial em Mato Grosso, especialmente ao retratar as tensões sociais e políticas que marcaram a colonização garimpeira no interior do estado. Do ponto de vista literário, o fragmento constrói uma narrativa que revela as disputas pelo poder local, o contexto de violência e o feudalismo sedentário como traços definidores dessa identidade em formação.

A referência aos tiroteios entre chefes sertanejos e a analogia com a antiga luta entre Emboabas e Paulistas aproximam o leitor da dimensão histórica e

simbólica dos conflitos regionais, mostrando que as disputas pelo controle do território e dos recursos naturais, como os garimpos, não apenas remontam a ciclos anteriores mas também configuram uma repetição, uma espécie de “paródia”, com suas próprias especificidades locais. Esse paralelismo reforça a ideia de que a identidade mato-grossense se forma em meio a conflitos de poder, expulsões e rivalidades locais, moldando um espírito de resistência e autonomia em um contexto marcado por tensões internas.

O estado feudal de Diamantina

Mal cessaram os tiroteios dos soldados, voltava à baila o velho rancor entre os dois chefes sertanejos que, desde fins de 1924, procuravam o aniquilamento recíproco. Descansavam, havia quase um ano, enquanto arregimentavam novos combatentes, entreolhando-se cautelosos, à distância, na perspectiva de futuros acontecimentos.

Foi essa luta, cujos remanescentes alcançaram anos posteriores, a repetição, ou antes, uma paródia da luta entre os Emboabas e Paulistas, no Brasil oitocentista. Desta feita, baianos e maranhenses (“nortenses”) se ativaram uns contra os outros em bárbara e injustiçada porfia que pôs em sobressalto mesmo àqueles entregues ao labor pacífico, neutrais para os agrupamentos em armas. Ainda hoje é este episódio de guerrilhas comentado diversamente, segundo o partido que o comentador tomou na ocasião.

Para compreender o choque entre os dois chefes dos sertões diamantíferos, tornam-se necessários alguns esclarecimentos, resumindo a história social da colonização garimpeira do rio das Garças e proximidades. Naquele tempo, pode-se dizer que os garimpos eram um feudo dentro do Estado de Mato Grosso. Nos terrenos de mineração, as autoridades constituídas pouco se imiscuíam e a participação da autoridade pública estava com o senhor local, que tudo podia e tudo mandava. Estava em efervescência o caudilhismo, que emprestava à vida lavrista uma organização consentânea com sua formação e, por isso mesmo, apropriada.

O agrimensor José Morbeck, ou antes, o Dr. Morbeck, como era conhecido na região, residia em Santa Rita do Araguaia, e enfeixava nas mãos o poder, dirigindo, a seu modo, a vida dos garimpeiros. O engenheiro Morbeck, natural da Bahia, entrou nos referidos sertões em 1912, exercendo trabalhos

de medição de terra, domiciliando-se a seguir na vila de Santa Rita. Homem de certo conhecimento, inteligente, mas de caráter imperativo, conseguiu facilmente, no ambiente sertanejo, de gente completamente inculta, provinda daquela região do São Francisco, a que Euclides da Cunha chamou de “celeiro de jagunço”, embora fosse audaz e devotada ao trabalho, indiscutível prestígio.

(Ribeiro, Luis Sabóia. *Caçadores de diamantes*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; UNEMAT, 2008, p. 255-256)

A descrição dos garimpos como verdadeiros feudos, onde a autoridade oficial era subjugada ao senhor local, destaca o predomínio do caudilhismo na organização social, uma característica fundamental da identidade regional inicial. O garimpo, longe de ser apenas um espaço econômico, é apresentado como um microcosmo onde se estruturam relações de poder personalizadas, marcadas pela informalidade e pelo predomínio das hierarquias estabelecidas pelos próprios moradores. Essa configuração reforça a ideia de uma identidade regional construída a partir da autogestão, da luta local e da precariedade das instituições estatais.



O caudilhismo em Mato Grosso manifestou-se de forma semelhante ao fenômeno regional latino-americano, caracterizando-se pelo predomínio de líderes locais com poder político e militar concentrado, que exerciam controle autoritário e clientelista. No contexto do século 19, esses caudilhos atuaram como figuras centrais em um ambiente marcado por instabilidade institucional e conflitos regionais, frequentemente liderando grupos armados e construindo redes de influência pessoal que extrapolavam a autoridade formal do Estado. O caudilhismo na região refletiu a dinâmica complexa das relações de poder no interior do Brasil, especialmente em áreas fronteiriças e rurais, assentadas em bases militares e na capacidade de mobilização social entre agricultores, tropeiros e pequenas comunidades, contribuindo para a configuração política e social de Mato Grosso durante o período.

O texto utiliza uma narrativa densa e de tom quase documental para dramatizar os conflitos, convidando à reflexão sobre as forças sociais que deram origem à região. Essa narrativa não apenas relata fatos, mas constrói simbolicamente um Mato Grosso definido pela disputa, pelo caudilhismo e pela autonomia que emerge da resistência local, compondo uma identidade regional construída na tensão entre ordem oficial e desordem praticada. No papel de José Morbeck, figura central desse teatro, combina-se o conhecimento técnico com o exercício de poder político e social, reforçando como os fluxos migratórios se organizavam em complexas redes humanas e políticas adaptadas às condições regionais, inscritos em práticas de poder, disputas territoriais e resistências culturais, configurando-se como uma literatura de fronteiras e identidades em construção.

Podemos mencionar, ainda, uma *identidade tropeira* em Mato Grosso, na região de Diamantino, que vivenciou ciclos econômicos ligados à mineração e, posteriormente, à extração da borracha. Os tropeiros tinham papel fundamental na ligação entre áreas remotas, facilitando o escoamento da produção e a circulação de mercadorias e pessoas. Os tropeiros também eram parte das dinâmicas sociais locais, atuando como intermediários culturais e econômicos entre populações indígenas, migrantes e moradores das cidades e zonas rurais. Eles eram os responsáveis pelo transporte e comércio do látex extraído das seringueiras durante o auge econômico da borracha no final do século 19 e início do século 20, como lemos no fragmento a seguir.

Carregar uma tropa fazia-se com alacridade e destreza; os tropeiros jovens levantavam as cargas de costado batendo-as com a direita espalmada como demonstração de força; eram vultos de quatro e cinco arrobas que levantavam aos ombros de um arranco. Major Gregório Jorte e alguns presentes observavam a descarga de três lotes da firma Ponce, Azevedo & Cia. e sublinhou:

— Isso aí que é difícil e até impossível aos moços da cidade é o trivial dos trabalhos dos tropeiros; força do hábito. A faina é dura. E dizer que diariamente levantam e descem fardos de quatro e cinco arrobas. Às vezes, nessa demonstração de força, se inutilizam para o resto da vida. Ganham apenas o suficiente para viver ao sol, às chuvas, nos campeios, rompendo

a macega orvalhada no amanhecer. O arreiro alcança 250\$000 quando é muito bem pago.

(Marques, Joaquim Ribeiro. A exploração da borracha em Mato Grosso. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, nº 65. Cuiabá, 2005, p. 25. <https://www.ihgmt.com.br/publicacoes-avulsas/65-a-exploracao-da-borracha-em-mato-grosso/189>. Publicado originalmente no Rio de Janeiro pela Editora Di Pauli, s.d.).

O trecho constrói a identidade tropeira em oposição a outras formas de vida, como a urbana, destacando um modo de ser formado pelo trabalho repetitivo, pela força física e pela relação próxima e dura com o ambiente natural, um elemento central da configuração regional e cultural do Mato Grosso. Os tropeiros representam uma identidade histórica significativa em Mato Grosso, marcada pela mobilidade, intercâmbio cultural e pela inserção econômica em ciclos produtivos importantes para a região, como o da borracha.

As tropas percorriam longas distâncias levando a borracha desde os seringais até os centros urbanos ou pontos de exportação, enfrentando condições difíceis de terreno e clima. Esses homens e suas tropas eram essenciais para a sobrevivência e expansão do ciclo da seringa, percorrendo rotas que conectavam as áreas produtoras aos mercados, além de transportar insumos e abastecimentos. A atividade era notoriamente desgastante, mantendo uma tradição de resistência e adaptabilidade típica dos habitantes da região.

A identidade regional inicial em Mato Grosso, conforme vimos, é marcada pela complexidade das relações de poder no cenário garimpeiro, pelos conflitos armados e pela autonomia dos “chefes sertanejos”, em que fragmentação social e resistência constituem os traços fundamentais da cultura e da política locais, conforme apontado na literatura.

Do Império à República Velha: hibridismo e contraste

Esta fase foi marcada pelo êxodo sertanejo interno e pela chegada de imigrantes estrangeiros, consolidando uma sociedade culturalmente mais híbrida. Podemos chamar de *identidade estrangeira integrada* a composição de migrantes europeus (italianos, portugueses, espanhóis e outros) que chegaram e se adaptaram ao clima e aos costumes locais, contribuindo,

assim, para a pluralidade étnica e cultural. Imigrantes sírios e libaneses, por exemplo, contribuíram substancialmente para a formação das variadas identidades locais em cidades como Dourados, no período em que Mato Grosso ainda era indiviso, quando se estabeleceram na região.

Os italianos, por sua vez, chegaram a Mato Grosso principalmente entre a segunda metade do século 19 e o início do 20, vindos sobretudo da Itália Meridional, e se estabeleceram predominantemente nas áreas urbanas e em cidades que ofereciam oportunidades comerciais. Muitos vieram solteiros, formaram famílias com mulheres locais e passaram a se dedicar a atividades como comércio e agricultura, desenvolvendo redes de parentesco e convivência que favoreceram intensa troca intercultural.

A integração desses estrangeiros foi marcada por fenômenos de apropriação e reapropriação dos espaços mato-grossenses. Além de absorver costumes locais, italianos e portugueses trouxeram práticas alimentares, religiosas, linguísticas e modos de trabalho próprios, influenciando a sociedade regional e misturando-se a outros imigrantes e populações indígenas e negras. Os portugueses, presentes desde o período colonial, consolidaram redes sociais urbanas, laços econômicos e de parentesco, sendo considerados no imaginário regional como “descobridores do solo”, conforme fontes históricas e literárias analisadas na historiografia mato-grossense.

Sobre a imigração italiana, destacamos o caso de um jovem que chega trazendo não apenas a herança cultural mediterrânea, mas também a experiência rural como pastor de carneiros no Uruguai, demonstrando sua capacidade de adaptação a diferentes ambientes. Sua migração posterior para Corumbá reflete a busca por novas oportunidades no contexto da expansão territorial e econômica do interior brasileiro. A transição para o ramo da construção civil evidencia o papel fundamental dos imigrantes na urbanização e modernização das cidades fronteiriças de Mato Grosso.

O jovem imigrante italiano chamado Giuseppe Fragelli, nascido na cidade de Piaginne, província de Salerno, saiu de Nápoles, no sul da Itália num navio, chegando a Montevideo, capital do Uruguai, com três de seus irmãos. Naquele país situado na foz do Rio da Prata, entre Brasil e

Argentina, Giuseppe Fragelli se dedicou ao pastoreio de carneiros. Logo depois resolveu buscar novas oportunidades subindo aquele imenso rio que ali deságua no Oceano. Rumou para o interior do continente, passando pelo norte da Argentina e Paraguai até chegar à primeira cidade brasileira nesta rota: Corumbá, em 1882. Deve ter ido a bordo de algum dos muitos navios a vapor que faziam o transporte de pessoas e mercadorias na região. Em Corumbá passou para o ramo de construção civil, importantíssimo para uma cidade que estava se expandindo num ritmo veloz.

(Carvalho, A.; Rondon Filho, E. B. O processo migratório no estado de Mato Grosso: o caso da família Fragelli. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá, v.1, n. 35, 2023, p. 103)

Esse percurso ilustra como a identidade estrangeira se constrói num intercâmbio dinâmico entre as raízes culturais de origem e as exigências do novo espaço geográfico e social. Fragelli, ao conciliar sua experiência pastoral com o trabalho urbano em Corumbá, encarna uma identidade híbrida, que contribui para o desenvolvimento regional sem perder a marca de sua origem italiana.

Além disso, a passagem pela tríplice fronteira, Uruguai, Argentina e Brasil, demarca um espaço cultural fluido, onde as fronteiras nacionais se entrelaçam com práticas e identidades transnacionais. Essa mobilidade engendra uma identidade estrangeira marcada pela ambivalência entre pertencimento a laços étnicos e a um projeto de vida baseado na inserção em Mato Grosso, tornando-se parte integrante da memória migratória da região.

Outros imigrantes, como japoneses e alemães, também se integraram construindo comunidades próprias, clubes, escolas e associações, contribuindo para a pluralidade cultural mato-grossense. Em todos os casos, a identidade estrangeira foi progressivamente adaptada ao ambiente e à cultura local, compondo genealogias mistas e participando de disputas por espaço, reconhecimento e cidadania, mas mantendo traços da cultura de origem em festividades, gastronomia e associações de apoio mútuo.

O trecho do conto “Trabalhinho em Cáceres”, de Wander Antunes, apresenta uma narrativa marcada por uma perspectiva dura e direta sobre a

violência e a marginalidade no contexto de Mato Grosso. O relato em primeira pessoa do protagonista revela um discurso carregado de realismo, construindo um ambiente de tensão social permeado pela violência cotidiana.

O fragmento revela uma *identidade de fronteira* e enfatiza também a dimensão social e econômica da região, marcada por uma economia informal e de trabalhos temporários, assim como relações de poder locais, como a menção ao filho de um deputado, que explicita hierarquias e tensões políticas na sociedade mato-grossense. Esse quadro revela a complexidade da formação identitária mato-grossense, marcada pela presença de migrantes internos e externos, pela interação entre ruralidade, pequenas cidades e espaços de fronteira, pela tensão entre legalidade, violência e sobrevivência, pelas estruturas de poder local e pelas relações sociais assimétricas.

Claro! Já matei um bocado de gente, sim. Sou um profissional. O primeiro... o primeiro foi um mineiro que tinha feito o diabo lá pelos lados de Juiz de Fora e veio fugindo, passou por Goiás, acho que ficou uns tempos metido em alguma cidadezinha por lá, mas aí acharam o rastro dele e o dito percebeu que se quisesse viver ia ter de ir pra mais longe... não sei por quê, mas esses caras sempre acham que Mato Grosso é longe pra caramba, o lugar mais longe do mundo, longe de tudo que fizeram de errado, de feio por aí. Vêm pra cá e ficam tudo folgado, tudo achando que o perigo passou e coisa e tal. Ficam se exibindo por aí... bom, um belo dia, o tipo apareceu aqui na minha área, centrão de Cuiabá, todo faceiro, despreocupado. Eu estava sem trabalho por essa época. Nem boate, que é onde eu fazia uns bicos... ninguém queria me contratar de leão-de-chácara depois que apliquei um corretivo no filho boiola de um deputado feladaputa. Então, eu estava numa dureza de dar dó. Aí me aparece um sujeito e bota um dinheirão na minha mão pra eu passar uns pipoco no mineiro. Não tive dúvida.

(Antunes, Wander. *Trabalhinho em Cáceres*. In: Carvalho, Juliano Moreno Kersul; Leite, Mário Cezar Silva (org.). *Na margem esquerda do rio: contos de fim de século*. São Paulo: Via Lettera, 2002, p. 31)

O texto de Antunes aproxima-se do linguajar popular, reforçando a verossimilhança da voz narrativa e contribuindo para a construção de

um personagem marginalizado, um “profissional” do assassinato, cujo passado e rotina refletem as tensões e conflitos das regiões limítrofes e do interior do Brasil. O uso de expressões fortes e linguagem chula revela um mundo marcado pela dureza da sobrevivência, pela ausência de moralidade convencional e pelo pragmatismo frio diante da vida e da morte.

O narrador destaca a presença de figuras migrantes, como um mineiro fugitivo, que simbolizam deslocamentos forçados motivados por contextos de violência e criminalidade em outras regiões do Brasil, chegando a Mato Grosso com a expectativa de encontrar um espaço de refúgio e recomeço. Isso evidencia a identidade múltipla do estado como destino de migrantes de origens e trajetórias diversas. O contraste entre o eu profissional na prática da violência (“já matei um bocado de gente”) e o sentido pragmático do trabalho confirma a ambiguidade da identidade mato-grossense, construída entre ordem e caos, legalidade e marginalidade.

A *identidade de fronteira* surge como uma característica central na literatura do Mato Grosso indiviso, construída a partir da dialética entre isolamento e contato, violência e cooperação, tradição e modernização. Essa cultura complexa emerge nos limites geográficos e simbólicos, configurando um espaço social e cultural onde narrativas diversas coexistem.

O texto a seguir, de Hélio Serejo, publicado em 1955, revela imagens de *identidade de fronteira e pertencimento*. A repetição da expressão “Eu vim” reforça a origem fronteiriça do autor e a ligação profunda com a terra e o meio descritos. A voz se reconhece como parte de vários elementos do ambiente – poeira, fogo de queimada, aboio de vaqueiro –, consolidando uma identidade construída pela vivência e experiência no Mato Grosso fronteiriço.

Autorretrato

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas os açoites desse vento, vadio e haragano. [...]

Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos barbaquás, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos

das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr do sol campeiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas. [...]

Eu vim de longe, eu sou misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargado. [...]

Eu vim, em verdade, dos charcos e da poeira revolvente dos tempos. [...]

Fui gemido de carreta manchega no estirão da serra íngreme. [...] Amei, imensamente, o vazio aberto. [...]

(Serejo, Hélio. *Balaio de Bugre*. Tupã: Gráfica e Editora Cingral, 1992, p. 7)

O trecho revela imagens sensoriais fortes, que evocam o campo, a vida rural e o isolamento. Elementos como “vento vadio e haragano”, “fogo dos barbaquás”, “canto triste e gemente dos urus”, e “lua andeja rendilhando” constroem um cenário que é, ao mesmo tempo, belo e áspero, refletindo a dualidade da existência do homem do interior. A “poeira revolvente dos tempos” simboliza a passagem do tempo e a ancestralidade.

A construção rítmica se apoia na repetição e na enumeração de imagens que criam um fluxo cadenciado, próximo à oralidade. Essa musicalidade aproxima o texto do estilo de poesia popular e tradicional, característica marcante na literatura que retrata o sertão e o campo brasileiro. O tema do espaço fronteiro está presente em expressões como “homem desajeitado e de gestos xucros” e na referência ao “homem fronteiro”, remetendo a um personagem que habita um território liminar, de transição e resistência, marcado por adversidades e um contato íntimo com a natureza selvagem e indomável.

Esses elementos, quando explorados na literatura, configuram-se como uma narrativa poética que aprofunda a compreensão da identidade regional, destacando a relação intrínseca entre o homem, a terra e o tempo. Observar a construção literária voltada para o espaço da fronteira é fundamental para entender não apenas as transformações sociais e culturais, mas também o contexto histórico que moldou a região de Mato Grosso antes da sua divisão em 1977. A separação que deu origem ao Mato Grosso do Sul e a posterior

instalação de sua administração própria em 1979 são momentos decisivos que refletem a dinâmica de mudança e reafirmação das identidades regionais, temas recorrentes e profundamente explorados na produção literária local.

O poema a seguir, de Manoel de Barros, revela um eu lírico que constrói sua identidade a partir do nascimento em Cuiabá e a infância em Corumbá, no Pantanal. Os espaços emblemáticos carregam significados históricos e culturais próprios da região. Termos como “garimpos”, “ruelas entortadas” e “Beco da Marinha” remetem a cenários concretos e populares, evidenciando um ambiente urbano periférico marcado por ofícios tradicionais.

Auto-retrato falado

Venho de um Cuiabá de garimpos e de ruelas entortadas.
Meu pai teve uma venda no Beco da Marinha, onde nasci.
Me criei no Pantanal de Corumbá entre bichos do chão,
aves, pessoas humildes, árvores e rios.
Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar
entre pedras e lagartos.
Já publiquei 10 livros de poesia: ao publicá-los me sinto
meio desonrado e fujo para o Pantanal onde sou
abençoado a garças.

[...]

(Manoel de Barros. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994, p. 107)

A vivência no Pantanal surge como contraponto à vida urbana e às experiências do eu lírico em Cuiabá, marcado por garimpos, ruelas entortadas e a venda do pai. Nesse espaço natural, repleto de “bichos do chão, aves, pessoas humildes, árvores e rios”, evidencia-se a profunda conexão do mato-grossense com a natureza e a simplicidade da vida local. A paisagem torna-se, assim, elemento central da identidade, transcendendo o mero espaço físico para se constituir em fonte de inspiração e refúgio. O eu lírico também revela uma dimensão íntima e afetiva da existência regional, manifestada no gosto por “lugares decadentes”, indicando a valorização do que é marginal ou pouco reconhecido socialmente, em consonância com a resistência cultural e o orgulho pelas próprias raízes.

Ao mencionar a publicação dos livros e o sentimento ambivalente (“me sinto meio desonrado”), o poema expõe a tensão entre a expressão literária – meio sofisticado e público – e a ligação profunda com o espaço rústico e solitário do Pantanal, onde o eu lírico busca apoio e bênção (abençoado a garças”). Tal tensão reflete um aspecto da identidade mato-grossense marcada pelo hibridismo entre tradição, modernidade e isolamento.

Destacamos também uma *identidade em tensão*, marcada pelo binômio “pau-rodado” versus “nativo”, que se manifesta com a chegada de migrantes a Cuiabá, provocando conflitos e descompassos em relação ao conservadorismo das tradições locais. Entretanto, com o passar do tempo, “pau-rodado” se tornou uma expressão que denota pertencimento conquistado e respeito, simbolizando a integração e também a contribuição de quem veio de fora. Contemporaneamente, o chegante radicado na capital tornou-se figura referenciada como “pau-fincado”, termo que carrega um sentido de certa aprovação, o que sugere algum reconhecimento do papel desses migrantes na cultura cuiabana.

No texto a seguir, trecho de uma carta escrita por Maria do Carmo de Mello Rego, observamos como a autora descreve a cidade e o comportamento das moças ante os chegantes, os “paus-rodados”. A análise explora os recursos descritivos, os contrastes apresentados e as observações sobre as relações sociais, contextualizando-os com informações históricas sobre a cidade no século 19.

[...]

Naquele mesmo córrego da Prainha há abundância de lixo, detritos e animais mortos. Por ali andam porcos em contínua busca de alimentos. O Arsenal de Guerra, como mostra a fotografia, é bonito e nele havia muito asseio e ordem (p. 81)

[...]

Muito bonito, muito pitoresco também, o local onde está a máquina de Hidráulica, à margem do rio. As duas pequenas chalanas ou barquinhas que se notam na fotografia, estão presas nos fios da passagem da barca pêndulo, que faz o serviço da passagem, e que, movida apenas pela correnteza do rio,

desliza mansa e suavemente de uma para outra margem. Levam-se nela os cavalos encilhados, e logo se encontra outro terreno completamente diverso do de Cuiabá, coberto de vegetação mais vistosa e forte, lindos vargedos, cercado de bonitas árvores, que, apesar de menos desenvolvidas, me fizeram lembrar os do meu Jaguarão-Chico, onde meu pai tinha uma estância.

Sinto bem não poder lhe descrever devidamente o lugar onde fica o Seminário. Em uma eminência bastante elevada, alteia-se o vasto edifício, sem arquitetura alguma que o recomende, com a sua capela ao lado, sob a invocação de Nossa Senhora do Bom Despacho.

Defronte desta, abre sobre grande parte da cidade os braços amorosos o mais importante dos cruzeiros. Uma cruz de pau, tosca e mal trabalhada, igual em tudo às outras, mas que, ali, toma maiores proporções e parece falar tão alto aos corações verdadeiramente crentes! Ao redor dela (e isto acontece com todas) veem-se, à noite, muitas velinhas acesas; promessas, cumprimentos de votos (p. 82).

[...]

Há muitas mulheres bonitas e muitas mocinhas alegres, vivas e interessantes. Em geral, as cuiabanas procuram logo relacionar-se com as pessoas de alguma distinção que chegam. Se encontram agrado e reciprocidade, tornam-se em extremo afetuosas, mostrando quanto apreciam a sociabilidade e as vantagens que dela decorrem (p. 88).

(Rego, Maria do Carmo de Mello. *Obra Reunida*. Brasília: Senado Federal, 2005)

A descrição inicial do córrego da Prainha é brutalmente realista: “Naquele mesmo córrego da Prainha há abundância de lixo, detritos e animais mortos. Por ali andam porcos em contínua busca de alimentos”. A imagem evoca uma cidade com problemas de saneamento e higiene, uma realidade comum em muitas cidades brasileiras na época. O córrego da Prainha, que foi um ponto central na ocupação inicial de Cuiabá, é retratado em um estado de degradação, sugerindo uma urbanização desordenada ou a ausência de infraestrutura adequada. Sabemos que a ocupação inicial da cidade se deu às margens do córrego, e que este foi posteriormente

canalizado e coberto, indicando uma tentativa de lidar com os problemas urbanos que provavelmente já existiam na época da carta.

O fragmento destaca a construção da identidade cuiabana como um processo dialético entre tradição e modernidade, evidenciando a presença do Estado e do desenvolvimento tecnológico como elementos estruturantes da cidade. A simbologia do Arsenal de Guerra representa a ordem institucional, enquanto a hidrelétrica e o rio significam rotas de progresso e fixação dos migrantes na região.

A atenção dada às mulheres cuiabanas, descritas como “bonitas”, “alegres” e “vivas”, mostra uma sociedade em construção, na qual as dinâmicas de poder e adaptação cultural são centrais. A busca delas por relacionamentos com pessoas de “distinção” indica tanto hospitalidade quanto um interesse possível em ascender socialmente, refletindo a complexidade das relações sociais no contexto migratório.

A descrição do Seminário e dos cruzeiros revela a forte presença da religiosidade na vida cuiabana. A qualificação atribuída ao edifício, como algo “sem arquitetura alguma que o recomende”, pode ser uma crítica sutil da redatora da missiva, talvez acostumada a construções mais imponentes ou esteticamente elaboradas. No entanto, a “cruz de pau, tosca e mal trabalhada”, que “toma maiores proporções e parece falar tão alto aos corações verdadeiramente crentes”, demonstra a profunda fé e devoção populares, que transcendem a estética formal. As “velinhas acesas” e os “cumprimentos de votos” reforçam a ideia de uma religiosidade viva e atuante, parte integrante da identidade local.

Na capital mato-grossense, *identidade* e *pertencimento* são frequentemente expressos por meio de termos regionais carregados de significados culturais profundos. Duas das expressões mais emblemáticas que designam a origem e o vínculo de um indivíduo com a cidade – “de tchapa e cruz” e “pau-rodado” – opõem-se em seus sentidos, mas, juntas, delineiam a dinâmica social cuiabana.

“De tchapa e cruz” simboliza a essência cuiabana, sendo expressão utilizada para designar o cuiabano autêntico, “puro de origem”. Refere-se àqueles que nasceram e, idealmente, viveram toda a vida em Cuiabá,

representando um pertencimento profundo e inquebrantável à capital. A origem do termo é explicada por diferentes hipóteses, entre elas a de que a “chapa” aludiria à certidão de nascimento e a “cruz”, à de óbito (ou a um crucifixo), sugerindo o ciclo completo da vida. Ser “de tchapa e cruz” implica, assim, portar um selo de legitimidade e tradição, orgulho de raízes profundamente fincadas no solo cuiabano e expressão de uma identidade ancorada na ideia de ancestralidade.

Em contraste, o “pau-rodado”, o cuiabano de coração, como vimos anteriormente, é a alcunha atribuída ao forasteiro que escolhe Cuiabá para fixar residência. A expressão constitui uma metáfora vívida, cuja origem remete aos troncos de árvores que, ao descerem os rios, giram até se deterem nas curvas, onde acabam por se fixar, simbolizando aquele que vem de outro lugar e se estabelece na cidade. Embora o termo indique procedência externa, não carrega necessariamente conotação negativa. Pelo contrário, muitos “paus-rodados” demonstram amor e dedicação à cidade, por vezes rivalizando, ou mesmo superando, os cuiabanos de nascimento, razão pela qual são carinhosamente reconhecidos como “cuiabanos de coração”.



A expressão “pau-rodado” aparece na canção “Rasqueado do Pau Rodado”, de Pescuma, Henrique e Claudinho. Na letra, o eu lírico afirma: “Ah! Só não nasci em Cuiabá / Mas o que eu cresci / Meu bom Jesus mandou buscar”. A canção celebra a cultura cuiabana e a identidade de quem, mesmo não tendo nascido na cidade, se sente parte dela. É possível ouvi-la no link: <https://www.youtube.com/watch?v=hlsgDIlvQe8>

A oposição entre “de tchapa e cruz” e “pau-rodado” reside fundamentalmente na origem e no tipo de pertencimento à cidade. Essa dicotomia não é de exclusão, mas de diferenciação de origem, e ambas as identidades são parte integrante da identidade cuiabana. Os “de tchapa e cruz” representam a essência histórica e a continuidade das tradições, enquanto os “paus-rodados” trazem novas perspectivas, energias e também contribuem para a evolução e o crescimento da cidade.

Para compreender a dinâmica dessa identidade, analisemos o fragmento a seguir, que caracteriza a população cuiabana em termos físicos, culturais e sociais. A cidade é descrita como formada por mestiços, resultado da mistura entre brancos, negros e indígenas, configurando uma composição racial plural e híbrida. O texto também ressalta a semelhança física com o povo paraguaio, evidenciando conexões regionais e influências indígenas próximas.

Cuiabá tem uma população de 25 mil habitantes, mais ou menos, e está edificada à margem do rio desse nome, tendo do porto ao largo do Palácio 1.050 braças. Edificada sobre um solo regular de depósitos quaternários, apresenta a irregularidade de nossas cidades do interior. A principal indústria da província é a criação do gado vacum, que, se não me falha a memória, atinge o número de 200.000 cabeças, cifra elevada para a população da província que provavelmente não excede a 40.000 habitantes. A raça branca ali está profundamente modificada pelo sangue negro e indígena.

Dos povos do Brasil, o cuiabano é o que mais se assemelha, por seus caracteres físicos, ao povo paraguaio. Grandes cantores e amigos de dança, como todos os povos proximamente unidos aos indígenas, eles não têm a indolência de nossas populações mestiças; ativos, laboriosos, empreendedores, são dignos herdeiros dos paulistas que lhes descobriram o solo. A alimentação da população campesina compõe-se quase exclusivamente de carne e peixe. O guaraná, que substitui o chá e o café, é bebida tão apreciada pelo povo que mesmo os pobres não se privam dela, apesar de custar comumente o excessivo preço de 200.000 por arroba.

(Magalhães, José V. Couto de. *O selvagem*. Segunda parte. Rio de Janeiro: Tipografia da Reforma, 1876, p. 167)

A descrição da cidade e da população vem acompanhada de uma linguagem de caráter quase etnográfico, que enfatiza a mestiçagem racial (“raça branca modificada pelo sangue negro e indígena”) e cultural, ligando os habitantes à herança indígena e aos paulistas desbravadores. Essa

interculturalidade reforça o sentido de identidade local como um amálgama de influências diversas, típico de tratados literários e históricos que buscam cristalizar uma imagem regional.

O escritor ainda opera com imagens e atributos positivos relativos ao povo cuiabano, como “ativos, laboriosos, empreendedores” e “grandes cantores e amigos de dança”, o que humaniza e valoriza o grupo, criando uma construção identitária que dialoga com a ideia literária de orgulho e pertencimento a uma cultura específica.

Outro ponto relevante é o uso do espaço geográfico, como o rio Cuiabá e o ambiente natural, que não são apenas elementos de cenário, mas simbólicos, pois marcam a identidade física e cultural dos habitantes. A alimentação típica – carne, peixe e guaraná – funciona como um símbolo cultural tangível, que associa práticas cotidianas a uma comunidade com traços próprios.

O texto a seguir, de Silva Freire, examina a identidade cuiabana a partir de uma perspectiva literária rica em símbolos, com forte presença do regionalismo e do discurso da pertença. Narrado em tom quase ensaístico, ele configura Cuiabá e seu povo como simultaneamente simples e complexo, pleno de uma sabedoria discreta e de uma história de resistência e adaptação às circunstâncias do progresso e da pressão externa.

O caráter biopsicossocial e político do cuiabano

[...]

— Somos, isto sim, piçarra-filtro de civilização; somos o tropeiro, depois da lição de abstração, que não pisa no ornamento armadilhado pelo estrume do gado, depois da malhada.

— Ah, sim!, o despojamento da raça cuiabana é consequência da relatividade nervosa da convivência com linhas de fronteira, que lhe dão seu nítido caráter de discrição. O cuiabano, por herança intra-uterina, é discreto. Esse atributo faz parte de sua política de viver as esperanças, as decepções (e como temos tido tantas!), as agradáveis surpresas que nos chegam para ficar.

— Daí, porque somos um Povo que, ao dar um nó cego no Paralelo 16 (como

nos diz Wlademir Dias Pino), descobrimos o centro da americanidade, ou, melhor dizendo: o ferimento (sutil) da ponta do compasso. É uma questão de saber reler o passado!

— Perguntaram-me como o cuiabano encara o progresso repentino que nos assola. E eu respondo, lembrando o semblante de sabedoria humana do meu pai, Randolpho Rodrigues Freire: Simplinho. Nós não confundimos, conceitualmente, progresso com civilização. Sabemos quem nos está trazendo progresso material somente, quem sedimentou o progresso civilizatório, e quem o está enriquecendo. Uma coisa é água poluída, outra é vinho velho da melhor estirpe.

— Perguntaram-me, ainda: de que o cuiabano mais gosta? Pois lhes digo: recrear-se em amplos espaços abertos, em roda de amigos, com as emoções estatutárias. Viver e ter saúde para conviver. Somos peritos nisso, até que nos ofendam; aí, então, o pau quebra!

— Se o cuiabano é hospitaleiro!? Muito mais. É irmão, quando gosta, depois da desconfiança inicial, instintiva. Somos um povo que alcançou a consciência da importância da simplicidade. Somos um Povo fácil, porque simples, pois só é fácil e simples quem leva nas costas o longo caminho que caminha para o terceiro século de afirmação de seu caráter coletivo.

— De repente, vem a pergunta boba: “os paus-rodados”, como o cuiabano está convivendo com eles? Respondo, definitivamente, para que não se renove essa tolice perguntativa: os “paus-rodados” rodaram no enxurro das enchentes. Os que aqui ficaram, se identificando, tornaram-se cuiabanos ilustres. E são muitos, no Poder Judiciário, no Legislativo, no Executivo, no mundo empresarial, no exercício profissional, nas atividades culturais de todo gênero, e por aí a fora. Mas é claro: de vez em quando, um ou outro cospe no prato que lhe mata a fome.

(Freire, Silva. *A japa e outros croni-contos cuiabanos*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2008. Coleção Aroeira, p. 31-32)

O uso de expressões locais, como “piçarra-filtro de civilização” e “tropeiro”, invocam o cotidiano e o contexto histórico da região, conferindo autenticidade e reforçando o vínculo identitário. A alternância entre o

coloquial e o filosófico cria um efeito de proximidade com o leitor, ao mesmo tempo em que promove uma reflexão profunda sobre a cultura cuiabana.

A discrição e o despojamento são destacados como traços essenciais da “raça cuiabana”, resultantes da vida na fronteira e da convivência com adversidades. Essa identidade é construída na relação com um espaço geográfico e histórico marcado pela “linha de fronteira”, onde o cuiabano desenvolve uma política de resistência e esperança, revelando a complexidade de uma comunidade que se afirma entrelaçada com a experiência do tempo e do espaço.

O “nó cego no Paralelo 16”, referência geográfica e simbólica, representa tanto o centro da identidade americana quanto a ferida sutil de um passado que precisa ser relido. A oposição entre progresso material e progresso civilizatório remete a uma crítica social embutida, sinalizando a consciência histórica do povo cuiabano sobre as transformações que o cercam.

A representação do chegante, do Outro, expressa na fala sobre os “paus-rodados”, indica uma consciência inclusiva e crítica da identidade coletiva, que assimila e ao mesmo tempo discrimina, em um processo dinâmico de construção identitária.

A “identidade linguística” é uma característica marcante dos cuiabanos “de tchapa e cruz”, estreitamente ligada à cultura local. Aclayse de Mattos, poeta da terra, manifesta essa identidade em sua obra por meio do forte uso do sotaque e de expressões regionais escritas foneticamente, que reproduzem o modo de falar típico da população. Essa estratégia pode ser observada, por exemplo, no poema “Tchacoaiá”.

Eu fui num tchá tchá tchá coa Iaiá
Txa tia djá djá me tchamô
Tchamô na tchintcha ô tchata tchá
Foi a Iaiá que me sarvô

Dizendo:
Vamo tchacoaiá tchacoaiá
tchacoaiá e tchacoaiá

E nesse tchá tchá coa Iaiá
Rolô um bolo, Boloflô
Não era um tchá co bolo tchá
Era um tchapa paqueradô
[...]

(Mattos, Aclise de. *Festa*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2012, p. 68)

O uso de expressões fonéticas e sons como “*tchá tchá coa Iaiá*”, “*Txa tia djá djá me tchamô*” e “*tchacoaiá tchacoaiá*” revela a oralidade cuiabana transposta para a escrita, preservando a pronúncia e o ritmo naturais do falar local. A repetição e sonoridade dessas palavras conferem ao poema uma musicalidade próxima da tradição oral e das cantorias regionais, elementos centrais da cultura cuiabana.

Conectado com a cultura popular, o texto traz uma narrativa de encontro entre personagens e situações típicas, que remetem ao cotidiano das festas e celebrações locais, fortalecendo o sentimento de pertencimento regional. Ao valorizar as “variações” em vez da norma culta, a poesia de Mattos reconhece essas formas como elementos legítimos e identitários, destacando a cultura local e sua resistência à homogeneização linguística. O poema exemplifica de forma vívida a construção literária da identidade linguística cuiabana, que combina tradição oral, cultura popular e lirismo, conferindo voz e forma a uma expressividade regional rica e autenticamente local.

Nova República: tradição, modernidade e mosaico cultural

A partir de meados dos anos 80, observa-se uma migração interna massiva, especialmente de sulistas e nordestinos, que contribuiu para remodelar a identidade contemporânea de Mato Grosso. Os nordestinos, chamados de “nortistas”, candangos ou matutos, enfrentaram conflitos culturais e invisibilidade social, ao mesmo tempo em que preservavam e expressavam traços de sua própria cultura.

No poema a seguir, o eu lírico evoca aspectos concretos da vivência nordestina ao remeter ao “pó da terra da Paraíba”, sinalizando a memória

geográfica e simbólica dos migrantes nordestinos que se estabeleceram em Mato Grosso. Isso evidencia a preservação das raízes culturais mesmo diante do isolamento e das adversidades do novo ambiente, como o calor intenso de Cuiabá e o “inverno de secura”.

Inverno

Inverno em Cuiabá

Calor dos diabos

Portão dos infernos

Secura invernãl...

[...]

São pobres

na sua impotência

de vencer o tempo quente,

o sol, o isolamento,

a solidão

[...]

E no entanto

eu só (eu pó)

não entristeço

Neste outro tempo

a farinha

está mais seca,

mais solta,

mais branca

A boca

mais sedenta

impõe à água

outro sabor

e a sede morre

mais doce

É também quando meus pais

tossindo o pó de dentro

lembram de sua infância

quando levantavam do chão
o pó nas cirandas,
na roça de algodão,
nos bailes de salão,
nos caminhos tortos
de voltar pra casa,
nos quintais das casas
levantadas do chão
com o pó da terra
da Paraíba
[...]

(Barbosa, Everton. *Norte*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016, p. 44-46)

A alusão à infância dos pais, à “farinha mais seca”, aos “bailes de salão” e às “cirandas”, elementos tradicionais da cultura nordestina, revela uma forte ligação com práticas sociais e festivas que atravessam a migração, sinalizando continuidade e resistência cultural. A manifestação da sede “que morre mais doce” simboliza a adaptação e a valorização da vida no novo cenário, onde o sofrimento se entrelaça com a doçura da memória e da esperança, ressignificando os elementos naturais do lugar.

O texto constrói a identidade nordestina-mato-grossense como produto da hibridação entre a cultura original dos migrantes e a especificidade ambiental e social de Mato Grosso. Essa identidade múltipla é marcada pela tensão entre o sentir da terra de origem e o enfrentamento das condições locais. O poema dialoga com a literatura que trata das experiências migratórias nordestinas no Centro-Oeste, ressaltando a construção de uma identidade complexa, que não se dissolve, mas dialoga com o lugar de chegada, formando um novo sentido cultural e afetivo.

A “identidade sulina” é inserida na cultura local com a migração de paranaenses, catarinenses e gaúchos para as áreas de colonização entre os anos 1970 e 1990. A chegada desses migrantes contribuiu de forma significativa para a configuração cultural e social do Mato Grosso contemporâneo. Essa migração contribuiu para uma configuração cultural multifacetada, marcada pela convivência entre tradições locais e inovações

introduzidas pela agricultura intensiva do agronegócio, como vimos no capítulo anterior. A divisão do estado em 1977 refletiu a distinção entre a identidade do Norte, contemplando cidades como Lucas do Rio Verde, Sinop e Alta Floresta e a do Sul, constituída pela tradição da baixada cuiabana e Sul do estado, como a cidade de Rondonópolis.

Alguns textos literários e acadêmicos retratam a migração e a presença da cultura do Sul do Brasil em Mato Grosso, abordando as trajetórias de gaúchos e outros sulistas que se mudaram para o estado em busca de novas oportunidades agrícolas. O tema, que reflete a diversidade cultural da região, é mais proeminente em pesquisas acadêmicas, como vemos na pesquisa de Goetttert.

[...] dialéticos são os percursos de migrantes e de seus familiares – do Rio Grande do Sul ou do Paraná –, por entre os lugares; grosso modo, os lugares Mato Grosso e Rio Grande do Sul e Paraná. Também nesse caso, as tentativas por parte do inquiridor, em delimitar uma certa ordem, caem por terra. Porque o “como era a vida no sul” pode vir com a resposta da comparação entre aqui e lá. Daí, a fala sobre os lugares implicar um constante jogo comparativo entre os lugares deixado e chegado, sobretudo, para além dos lugares enquanto localização; dos lugares na relação com os sujeitos e nas relações que estes desenvolvem, principalmente, pelo trabalho. Portanto, o trânsito por entre os lugares do sul e do Mato Grosso não é vazio, mas carregado de tensões e de conflitos, por um lado, e de saudade, alegrias e esperanças, por outro.

[...]

As mulheres e homens que falam são comuns, assim também o são os lugares nos quais falam. Lugares comuns. Sujeitos e lugares comuns que se cruzam sem, no entanto, se dissiparem. Há pessoas nos lugares e lugares nas pessoas, ambos se produzindo e se reproduzindo no ladrilhar de pedaços de lugares, de jeitos e de sujeitos. Por meio desses lugares comuns constroem lugares de identidade, que se fazem de lugares próximos e de lugares distantes. Por entre esses pequenos lugares – partes de um lugar maior – falam de suas vidas, de suas saídas e chegadas, dos tropeços e sucessos, dos trabalhos e da família – dos de cá e dos de lá – do sul e do Mato Grosso.

[...]

Uma expectativa cautelosa. Um conjunto de expectativas tendeu a definir, assim, a migração de Ana e família para o Mato Grosso. Expectativa negativa frente à permanência no sul. Expectativa positiva frente à mudança para o Mato Grosso. E expectativa cautelosa frente às representações das possíveis condições que seriam encontradas no lugar de destino. Este conjunto de expectativas, contudo, deve ser compreendido na sua inter e intra-relação, produzidas simultaneamente e parte de um processo que conjuga condições materiais e representações dos lugares.

(Goettert, Jones Dari. *O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou*. Dourados: UFGD, 2008)

O relato das expectativas de Ana e sua família expressa a ambivalência inerente à migração: o afastamento do sul gera uma expectativa negativa, a chegada a Mato Grosso, uma expectativa positiva, mas ambas permeadas por cautela quanto às condições que encontrarão. Essa tensão entre medo, esperança e adaptação compõe o dilema identitário do migrante sulino, que precisa conciliar a memória do sul com a vivência no novo lugar.

Os migrantes do sul do Brasil não apenas transitam fisicamente entre os espaços de origem e destino, mas também atravessam um “jogo comparativo” constante entre esses lugares, que ultrapassa a mera localização geográfica. A identidade sulina se constrói nesse movimento dialético entre “aqui e lá”, entre o lugar de origem e o novo lugar de moradia, vinculando-se às experiências subjetivas de trabalho, relações familiares e sociais.

O conceito de *lugares comuns* reforça que as identidades sulinas são produzidas e reproduzidas em interações cotidianas nesses espaços. Pessoas e lugares se imbricam, criando novos sentidos e sentidos compartilhados que envolvem proximidade e distância, continuidade e transformação. A identidade sulina, portanto, não é estática, mas um processo relacional que se manifesta em fragmentos que compõem tanto Mato Grosso quanto o sul.

As emoções afetivas presentes, tensões, conflitos, saudade, alegrias e esperanças, mostram a complexidade dessa construção identitária. A migração não é mera mudança física, mas carregada de significados subjetivos

que delineiam a identidade cultural do migrante sulino no contexto mato-grossense. Esse movimento migratório faz surgir uma *identidade existencial* (*do não-nascido*), perceptível na literatura contemporânea em textos que exploram o pertencimento simbólico, uma condição que vai além do simples fato de ter nascido na região.

O poeta Santiago Vilella Marques expressa essa ligação íntima, afirmando: “nunca nasci em Mato Grosso. / Mas que saudade me dá / de morrer aqui”. Trata-se de uma identidade existencial, construída na vivência e muitas vezes em oposição ao poder econômico e à posse da terra, como indicam os versos “sou mato-grossense / e o Mato Grosso é dos outros”. O poema sinaliza um pertencimento que ultrapassa os vínculos de nascimento, evidenciando a formação de identidade por meio da experiência e do vínculo simbólico com a terra.

Confidências do mato-grossense

Nesta vida dos meus anos
nunca nasci em Mato Grosso.
Mas que saudade me dá
de morrer aqui.

O corpo encerrado no oco
do último tronco de cedro
antes que o inverno leve
da praia as folhas de jacarés
no vento,
e caia a pena do tuiuiú
madurada à força.

Além da chuvinha de agosto
ninguém não vai chorar por mim
que não tenho fazenda, não
nem sou dono de gado
nem sujo a mão de soja.
Que eu sou mato-grossense
e o Mato Grosso é dos outros.

Mas sou tantos couros
que quando me esfolarem
a pele de bicho morto
nem vai doer.

(Marques, Santiago Vilella. *Selvagem*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2013, p. 98)

Os versos “O corpo encerrado no oco / do último tronco de cedro” e as referências às “folhas de jacarés” e à “pena do tuiuiú madurada à força” evocam a natureza e o ciclo da vida no bioma mato-grossense, inserindo o sujeito lírico em uma condição orgânica e finita, profundamente conectada à paisagem local. Essa imagem reforça a ideia de que a existência está imbricada no ambiente natural de Mato Grosso, em seu tempo e espaço.

A ausência de propriedades materiais em “não tenho fazenda, não / nem sou dono de gado / nem sujo a mão de soja” e a afirmação “sou mato-grossense / e o Mato Grosso é dos outros” apontam para uma identidade despojada de posse, uma identidade existencial que se constrói na alteridade e na exclusão dos mecanismos tradicionais de poder e riqueza. O poema lança um olhar crítico sobre as formas de apropriação da terra e da identidade, contrapondo-se ao poder econômico rural.

A imagem final, “sou tantos couros / que quando me esfolarem / a pele de bicho morto / nem vai doer”, sugere uma resistência endurecida, uma maturação da experiência vivida que torna o eu lírico resiliente às adversidades, ainda que marcado pelo sofrimento. Nesse sentido, o poema articula uma voz singular que reafirma a ligação íntima e complexa com Mato Grosso, marcada pela saudade, pela crítica social e pela aceitação da condição existencial de pertencimento e perda.

A *identidade indígena* é retratada pelo modernista Lobivar de Matos no poema “*Destino do poeta desconhecido*” (publicado no livro *Areôtorare*, 1935), que enfatiza suas raízes e ancestralidade. Embora tenha vivido em centros urbanos e buscado formação acadêmica, o autor mantém uma forte ligação com sua herança cultural, dando voz a tradições muitas vezes marginalizadas. O poema celebra a coragem, a sabedoria e a beleza da identidade indígena, refletindo sobre as raízes que nos definem e sobre a importância de reconhecer a diversidade cultural que compõe a identidade brasileira.

Eu sou o poeta desconhecido...

Andei de cidade em cidade;
caminhei por vilas, grutas e montanhas;
atravessei riachos, pantanais imensos;
venci, afinal, todas as distâncias
com o mesmo heroísmo selvagem
de minha tribo, forte e guerreira...

A ilusão é minha amiga e meu consolo.
Trago comigo o grito aterrorizante
de um povo oprimido dentro de si mesmo...
A coragem dos homens rudes de minha terra
lateja em mim,
palpita no meu sangue
e vibra, voluptuosa, em todo o meu ser.

A vida me embriaga e me aborrece...
Trago comigo todas as lendas boróras.
A grandeza de minha raça
fala nos meus cinco sentidos,
dança no círculo de ouro das minhas emoções
e canta no ritmo tumultuoso dos meus versos.

(Matos, Lobivar. *Areôtorare, poemas boróras e Sarobá, poemas*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009, p. 32-33)

O eu lírico do poema apresenta-se como um viajante e um buscador, um “poeta desconhecido” que, paradoxalmente, afirma ser o próprio destino. Essa dualidade entre o anonimato e a autossuficiência estabelece um tom de introspecção e autoconhecimento. A jornada física descrita nos primeiros versos é uma metáfora para a busca existencial e a superação de desafios. Essa peregrinação é marcada por um “heroísmo selvagem”, que imediatamente remete à força e à resiliência dos povos originários.

O cerne da identidade indígena no poema reside em referências explícitas e simbólicas que evocam a ancestralidade e a cultura dos povos nativos. A menção à “tribo, forte e guerreira” estabelece uma ligação direta com a herança indígena, sugerindo que a força do eu lírico emana dessa

origem. O poema vai além da mera menção, internalizando essa identidade: “Trago comigo o grito aterrorizante / de um povo oprimido dentro de si mesmo.../ A coragem dos homens rudes de minha terra / lateja em mim, / palpita no meu sangue / e vibra, voluptuosa, em todo o meu ser”.

O trecho é particularmente potente, pois não apenas reconhece a opressão histórica sofrida pelos povos indígenas, mas também mostra como essa memória e essa coragem estão intrinsecamente ligadas à própria essência do poeta. A identidade indígena não é algo externo, mas algo que “lateja”, “palpita” e “vibra” em seu sangue e em seu ser, indicando uma conexão visceral e inalienável.

O verso “Trago comigo todas as lendas boróras” é uma das referências mais diretas e significativas. Tais lendas, referindo-se ao povo Bororo, do Mato Grosso, são um elo cultural fundamental, transmitindo sabedoria, valores e a cosmovisão indígena. Ao carregar essas lendas, o poeta carrega consigo a história, a espiritualidade e o conhecimento de seus antepassados. A “grandeza de minha raça” é então expressa através dos sentidos e das emoções, culminando na criação poética: “A grandeza de minha raça / fala nos meus cinco sentidos, / dança no círculo de ouro das minhas emoções / e canta no ritmo tumultuoso dos meus versos”. Aqui, a *identidade indígena* transcende o plano físico e se manifesta na arte. A poesia torna-se o veículo para a expressão dessa ancestralidade, onde o ritmo “tumultuoso” dos versos pode ser interpretado como a própria pulsação da vida e da cultura indígena, muitas vezes silenciada, mas que encontra na voz do poeta um canal de ressonância.

Na cena literária atual, uma forte *identidade indígena de resistência* é retratada na perspectiva do habitante originário, frequentemente silenciada nos períodos anteriores, mas que emerge em obras contemporâneas, fase em que os povos indígenas remanescentes ficionam a história apagada, revelando sabedoria ancestral, a dor da perda cultural e a resistência diante da colonização, como vimos no capítulo 1. Essa retomada narrativa representa um movimento de reafirmação política e cultural, no qual as vozes indígenas buscam não apenas reconstruir sua própria memória, mas também confrontar e desmistificar os discursos hegemônicos que historicamente os invisibilizaram ou os apresentaram de forma estereotipada.

O poema a seguir, “Oferenda”, de Marcio Corezomaé, faz parte da coletânea de textos indígenas *Tempos*. O poeta é professor graduado pela Universidade do Estado de Mato Grosso e leciona na aldeia de seu povo, Umutina-Balatiponé. O livro conta ainda com poemas de Marcelo Mahuari, articulador cultural e também professor, que mobiliza há anos a juventude indígena Munduruku em torno da cultura de seu povo. Também fazem parte da coletânea as escritoras Helena Corezomaé, jovem indígena do povo Umutina-Balatiponé, jornalista e mestre em Antropologia e Eliane Xunakalo, da etnia Kurâ Bakairi, graduada em Direito e articuladora no movimento indígena de Mato Grosso, atuando junto à Federação dos Povos Indígenas do estado.

Embora o poema utilize uma linguagem simples, carrega uma reivindicação poderosa de identidade, resistindo às imposições culturais externas e valorizando as raízes, a memória e os saberes ancestrais presentes na contemporaneidade.

Oferenda

Ofereço-te

Neste dia e em todos os dias da vida

Coisas simples e raras:

Te ofereço som de chuva;

Canto de pássaro;

Cem tons de verde planta

Desejo que você

Se conecte com a terra

Coloque os pés e as mãos

Na energia do solo

E volte a sentir o poder

Da mãe natureza!!

Depois de sentir tudo isso,

Que essa força se irradie

Em tudo que está ao seu redor

E disso tudo possa nascer sementes

De alegrias, sorrisos e esperanças!!

Viver não basta!

É preciso Bem-Viver contigo
E com os outros!!
Com as mãos, a alma e o coração
Na flor chamada irmandade!!

(Corezomae, Márcio. Oferenda. In: Jesus, Naine Terena de (org.). *Tempos*. Coletânea indígena. Cuiabá: Editora Sustentável, 2021, p. 49)

O poema inicia oferecendo elementos naturais (“som de chuva”, “canto de pássaro”, “verde das plantas”), que evocam a força da “mãe natureza”. Essa relação de respeito e enraizamento na terra é central na identidade indígena, que percebe o ambiente natural não apenas como recurso, mas como fonte de energia, vida e ancestralidade.

O convite para que o outro “Coloque os pés e as mãos / Na energia do solo” e sinta o poder da natureza simboliza uma prática espiritual ligada ao corpo e ao território, resgatando a sabedoria ancestral indígena transmitida através do contato direto com o ambiente natural.

O eu lírico reforça a importância das relações humanas e da vida em comunidade, pontuando que “Viver não basta! / É preciso Bem-Viver contigo / E com os outros”, um conceito muito presente nas filosofias indígenas que valorizam o equilíbrio e a harmonia social. O encerramento, com a “flor chamada irmandade”, reforça a ideia de comunhão, solidariedade e pertencimento coletivo, elementos essenciais para a identidade indígena que desafia o individualismo da modernidade.

Assim como a indígena, a *identidade negra de resistência* reverbera na literatura mato-grossense como um elemento vital para a reconstrução e valorização das memórias e experiências dos afrodescendentes na região. Essa identidade se apresenta não apenas como um contraponto às narrativas oficiais, predominantemente eurocêntricas, mas também como a manifestação das lutas históricas contra a marginalização, a discriminação racial e as violências estruturais.

A poeta contemporânea Juçara Naccioli subverte a perspectiva descritivista colonial ao fazer emergir uma voz ancestral em sua poesia. No fragmento do poema “Pão fresco”, essa subversão manifesta-se na linguagem oralizada e regional, com termos como “suncê”, “vóis”, “precebê”, “fáci”,

“intendê” e “espírito”, que remetem a uma fala popular e autêntica, distante da norma culta imposta pela visão colonial. Essa escolha linguística não é meramente estilística, mas uma forma de resistência cultural, que valoriza e eleva a expressão de um povo historicamente marginalizado.

[...]

nas obrigação que há de fazê
nas prumessa que há de cumprir
as que fez suncê chegá até aqui
de onde vóis vem
nem todo mundo é assim
ali são abutre e cativero

[...]

cativero, sim
abutre, sim
vois qué vê?
óia bem pa mim
e me diga quem é livre
si eu ou si suncê
num consegue precebé?
quem tira da boca do povo?
agora tá fáci de intendê?
mas mim diga
vois ainda tá na defesa dessa gente?
agora vamo lá
vá ajudá todo aquele povo
de corpo e espírito doente

(Naccioli, Juçara. *Chão batido*. São Paulo: Cálida Editora, 2021, p. 85)

A voz lírica ancestral emerge também na crítica contundente à opressão e à exploração, evidenciada na indagação “quem tira da boca do povo?” e na denúncia de “abutre e cativero”. O poema questiona a liberdade e a justiça, desafiando o leitor a refletir sobre as estruturas de poder e a defender aqueles que estão “de corpo e espírito doente”, reforçando a ideia de uma poesia engajada na defesa dos oprimidos e na busca por uma identidade cultural que transcende as imposições coloniais.

A identidade negra de resistência no Mato Grosso contemporâneo é forjada na resiliência histórica e na constante busca por reconhecimento e valorização cultural. Enraizada em um legado de luta que remonta a figuras como Tereza de Benguela, líder do Quilombo do Quariterê, essa identidade se manifesta hoje através de um movimento social ativo que reivindica políticas públicas e igualdade racial. A valorização das raízes africanas e a promoção dos saberes e sabores quilombolas são pilares que enriquecem o tecido social e cultural do estado, reafirmando a presença e a importância da população negra na construção da sociedade mato-grossense.

Também a voz lírica da poeta Luciene de Carvalho entoa o canto do povo negro em Mato Grosso no poema “Voz da pele”, destacando a literatura como instrumento de resistência estética e política, capaz de dar voz a histórias silenciadas e contribuir para a reparação simbólica das injustiças históricas, fortalecendo identidades plurais no cenário regional mato-grossense.

Faço estes poemas
pra falar com os meus,
pra ter uma conversa franca
que conte a opressão
nesta pele que não é branca.
Faço estes poemas
pra falar com os pretos
que resistem e sobrevivem
em toda forma de guetos.
Faço estes poemas
porque é urgente
que eu celebre
minha poesia
com minha gente.
Faço estes poemas
pra falar da cor
da pele e do preconceito,
pra falar do horror.
Faço estes poemas
porque nunca fiz,

porque nunca quis
abrir essa comporta.
Mas, hoje, isso importa,
Faço estes poemas
para dar voz
a mil gritos calados
por grilhão atroz.

Faço estes poemas
para descansar,
pois estou exausta
de tanto calar.
E, agora, me ouvirão cantar.

(Carvalho, Luciene. *Na pele*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2020, p. 16-17)

A reiterada menção ao ato de “fazer poemas” não apenas indica uma atividade artística, mas simboliza um gesto político urgente de dar voz a experiências que durante séculos foram negadas ou invisibilizadas. Esse recurso reflete o movimento denominado *escrevivência*, que concebe a escrita como expressão da vivência da experiência negra, resistindo às narrativas hegemônicas e coloniais.

Ao enfatizar a urgência de celebrar a “poesia com minha gente”, a eu lírica estabelece uma ligação íntima entre arte, identidade e pertencimento comunitário, contrapondo a exclusão histórica à construção de um espaço literário de reconhecimento e cumplicidade. Observamos que a eu lírica resgata a ancestralidade, valorizando a memória negra e contribuindo para a visibilidade de grupos marginalizados em Mato Grosso.

Notamos ainda, em textos literários contemporâneos, observa-se a presença de uma *identidade ambiental*. É o caso de Cristina Campos, cuja voz lírica constrói uma crítica poética contundente, expressando a relação entre população e meio ambiente em Mato Grosso por meio da denúncia da degradação local. As imagens evocativas dos “rios minguados a esgoto” e de “Mato Grosso reduzido a capim” simbolizam a perda da exuberância natural e a transformação do meio ambiente, refletindo um processo de desenvolvimento que, na prática, destrói o território.

(Des)envolvimento
Rios minguaados a esgoto.
Mato Grosso reduzido a capim.
E o povo
– rebanho –
a pastar que nem vaca
nesta vida de cachorro.

(Campos, Cristina. *Bicho-grilo*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016. [s.p.])

A metáfora do povo como “rebanho a pastar que nem vaca” numa “vida de cachorro” revela a condição de passividade e sofrimento dos habitantes, sugerindo que a população local é esmagada por políticas e forças externas que esvaziam sua autonomia e qualidade de vida. Essa representação também evoca uma identidade mato-grossense marcada pela resistência diante da exploração e do abandono.

A linguagem do poema é direta, incisiva e carregada de crítica social e ambiental, estabelecendo um diálogo entre o território natural, a condição humana e as consequências do modelo econômico imposto. O sujeito lírico encarna a voz coletiva do povo de Mato Grosso, manifestando indignação mas também um profundo sentimento de pertencimento ao espaço regional.

O poema traduz a identidade mato-grossense como uma construção que reflete os impactos negativos do desenvolvimento econômico abusivo, o desmatamento e a exclusão social, enquanto reafirma uma presença viva e crítica diante dessa realidade. O texto destaca a ligação intrínseca entre natureza, cultura e povo no reconhecimento e na resistência da identidade local.

A *identidade de gênero* está presente na literatura contemporânea em Mato Grosso e configura-se como um elemento crucial na diversificação de vozes e perspectivas, impulsionando a inclusão de mulheres, autores negros e escritores LGBTQIA+ no circuito literário regional. Essa presença não apenas enriquece o panorama temático, mas também promove a desconstrução de narrativas hegemônicas e a valorização de experiências antes marginalizadas.

O poema a seguir, por meio de uma linguagem sutil e da ausência de marcadores de gênero explícitos, explora a intimidade, o desejo e a vulnerabilidade de uma relação, ao mesmo tempo em que aborda implicitamente as tensões sociais enfrentadas por identidades de gênero

e sexualidades dissidentes. Insere-se, assim, em uma vertente literária comprometida com a ampliação das representações das experiências de gênero e sexualidade.

Ao apresentar uma relação íntima sem especificar o gênero dos amantes e ao aludir à possibilidade de serem “descobertos”, o poema subverte a expectativa de uma relação heterossexual como padrão. Ele convida o leitor a considerar a beleza e a validade de outras formas de amor e desejo, contribuindo para a visibilidade e normalização de identidades de gênero e sexualidades não hegemônicas na literatura.

Trioleto: o amado, morno, à meia-luz

o amado, morno, à meia-luz
febril, que toca o amado ereto;
aflito, esquiva-se da luz
o amado, morno, à meia-luz,
febris os dois, febris e nus.
aflitos – se são descobertos
o amado, morno, à meia-luz
febril e o seu amado ereto!

(Barreto, Matheus Guménin. *História natural da febre*. São Paulo: Corsário-Satã, 2022, p. 50)

A escolha de “o amado” e a repetição da estrutura “o amado, morno, à meia-luz” evita a especificação de gênero para ambos os envolvidos na relação. O eu lírico abre espaço para a interpretação de um relacionamento homoafetivo, bissexual ou pansexual, onde a atração transcende as normas de gênero binárias. A literatura que adota essa neutralidade contribui para a desconstrução de padrões heteronormativos, permitindo que diversas identidades se vejam representadas.

As palavras “morno”, “febril”, “toca o amado ereto”, “nus” e “meia-luz” criam uma atmosfera de intensa sensualidade e desejo. A descrição física e emocional da interação entre os amantes é central, e a universalidade desses sentimentos, independentemente do gênero dos envolvidos, reforça a ideia de que o amor e o desejo são experiências humanas que não se limitam a categorias rígidas.

Os versos “aflito, esquivava-se da luz” e “aflitos – se são descobertos” sugerem um elemento de medo ou vulnerabilidade. Essa aflição pode ser interpretada como o receio de um julgamento social ou da não aceitação de um relacionamento que foge às convenções. Na literatura, essa representação da clandestinidade é frequentemente associada a identidades de gênero e sexualidades marginalizadas, que precisam navegar em um mundo que nem sempre as acolhe abertamente. A “meia-luz” torna-se, assim, um refúgio, um espaço onde a intimidade pode florescer longe dos olhares críticos.

A identidade de gênero também se manifesta no romance *Virgínia*, de Stéfanie Sande, no qual o vínculo entre a protagonista e a narradora – marcado pelo “beijo úmido e breve” e pela intimidade do diálogo – revela uma relação afetiva entre duas mulheres. A descrição de Virgínia não se prende a atributos físicos idealizados, mas a suas ações e sua presença marcante. A naturalidade com que a narradora descreve esse envolvimento e as características de Virgínia, sem qualquer estranhamento ou necessidade de justificação, pode ser interpretada como uma representação orgânica e não-estereotipada de uma relação homoafetiva.

Na cozinha, o forno embutido na parede exalava calor enquanto assava o pão caseiro. Cheiro de café. Uma térmica descansava na bancada ao lado de uma cesta de palha. Olhei dentro. Duas xícaras. Uma toalha. Maçãs. Abri a tela de proteção da sala e sai na varanda. Virgínia andava pela propriedade com um container cheio de ração embaixo dos braços. Vestia um moletom azul com as mangas dobradas até o cotovelo. A balança do Direito estampava as costas junto ao ano de 2015. Combinando com o short preto, uma daquelas botas de borracha com as meias listradas aparecendo pelos canos. Coisinha pulava aos seus pés. Ela parou em frente ao barracão e empurrou a porta. Momentos depois, voltou; dessa vez sem Coisinha. Então, me viu e acenou.

— Bom dia. – Ela veio até mim e presenteou-me com um beijo úmido e breve. — Fiquei com dó de te acordar, mas já que você levantou, agora podemos ver o sol nascendo do mirante.

Ela tirou as botas antes de entrar na casa e deixou o container num canto da varanda.

(Sande, Stéfanie. *Virgínia*. São Paulo: Cálida, 2021, p. 122)

A relação da narradora com Virgínia é central e se revela por meio de gestos e diálogos. O trecho “presenteou-me com um beijo úmido e breve” e a declaração “Fiquei com dó de te acordar” evidenciam uma proximidade afetiva, possivelmente romântica ou marcada por profunda intimidade. A surpresa e a observação detalhada das ações de Virgínia, como ela se veste e se move pela propriedade, reforçam o foco da narradora na outra personagem, sugerindo que Virgínia é uma figura importante em sua vida. A narradora encontra-se em um momento de despertar, iniciando o dia e percebendo o mundo ao seu redor por meio da presença de Virgínia.

A identidade de gênero de Virgínia, por meio de suas ações e vestimentas, parece desafiar ou transcender as expectativas de gênero convencionais, apresentando-a como uma figura autêntica e multifacetada, que não se limita a papéis predefinidos. A narradora, por meio de observação detalhada e sensível, estabelece um tom íntimo que convida o leitor a experimentar o mundo através de seus olhos.

A identidade feminina silenciada e reivindicada surge na literatura mato-grossense desse período como reflexo da condição de reclusão ou silenciamento da mulher, frequentemente marcada pela ausência de voz nos espaços públicos e pela limitação aos papéis sociais tradicionais impostos pelo patriarcado. Essa identidade é construída a partir do tensionamento entre o apagamento histórico das mulheres e suas tentativas de resistir, expressar suas subjetividades e reivindicar autonomia em diversos contextos, seja no âmbito familiar, social ou cultural.

No poema a seguir, o título reforça a ambivalência entre antigas figuras arquetípicas femininas, Rapunzel e Borralheira – símbolos de aprisionamento e redenção – e a possibilidade de uma releitura contemporânea e política dessas imagens, que afirma a autonomia e a resiliência da mulher diante das restrições históricas.

A neo-Rapunzel-Borralheira

Cortaram meus sonhos
minha força
meus cabelos.
Perdi meus sapatos
meu caminho de ida e de volta

meu baile de amor.
Danem-se as modernas formas de viver.
Não é digno a uma mulher
andar num pé só.
Danem-se mais ainda
os itens antigos de fragilidades.
Eu só preciso de uma escada.
Descer e subir
sucumbir e crescer
dou conta.

(Cocco, Marta Helena. *Meios*. Cuiabá: Edição da Autora, 2001, p. 65)

O poema articula imagens fortes e simbólicas para expressar a experiência da mulher diante das múltiplas opressões históricas e culturais que resultam em seu silenciamento. A menção a ações como “cortar os cabelos” e “perder os sapatos” remete a símbolos de feminilidade, autonomia e identidade tradicional, cuja privação violenta sugere uma tentativa de controle e apagamento da mulher.

Nesse contexto, o poema denuncia como forças externas – sociais, culturais e patriarcais – privam a mulher de sua força vital, liberdade e trajetória, abandonando-a “num pé só”, símbolo da fragilidade e marginalização a que é submetida. Essa vulnerabilidade, contestada pelo poema, é apresentada como resultado de construções históricas que não devem ser aceitas

Ao mesmo tempo, a voz poética reivindica vigor, autonomia e capacidade de superar as dificuldades ao afirmar: “eu só preciso de uma escada”. A escada funciona como símbolo de ascensão, possibilidade de superação, independência e mobilidade. A mulher não espera ser resgatada passivamente, mas se coloca como agente capaz de “Descer e subir / sucumbir e crescer”. Essa visão reforça a resistência ativa, a recusa à resignação e o desejo de crescimento e liberdade.

O poema insere a identidade feminina numa perspectiva de luta contra o silenciamento e a invisibilização, propondo uma reconstrução poética da mulher enquanto sujeito ativo, íntegro e resistente. Ele dialoga com correntes feministas que constatarem o apagamento das vozes femininas na

literatura e na história, e que buscam reverter essa condição, oferecendo novas representações de poder e dignidade.

Ainda sobre a *identidade feminina silenciada e reivindicada*, o conto “Tramas”, de Divanize Carbonieri, destaca a mulher invisibilizada e violentada no contexto histórico e social de Cuiabá, em 1859. Beneplácida encarna a figura da mulher subordinada aos rigores do patriarcado e da escravidão, vivendo uma realidade marcada pela negação de sua voz, vontade e existência, e pela violência física e simbólica que sofre.

Cuiabá, 1859. Freguesia de São Gonçalo Pedro II, Segundo Distrito. O Tenente é um homem muito violento. Seus escravos sofrem sucessivos maus-tratos. Todos na província sabem disso. [...] Beneplácida está ao lado da cisterna. Já recolheu os baldes que precisava. Mas não se mexe. No fundo, a superfície reluz com os raios do sol. É hipnotizante ficar acompanhando aquela cintilação. Quando percebe, já está dentro da água. A profundidade é suficiente. Ela vai conseguir realizar o seu intento. Mas os homens a socorrem. Justo a ela, que não queria ser salva. Ao Tenente dizem que foi acidente. Um desequilíbrio ao puxar o balde. Beneplácida é castigada mesmo assim. Para o Tenente, qualquer motivo é motivo. [...] Cuiabá, 1859. Beneplácida já está com fama de doida entre elas. Mas no fundo a admiram. Todas também têm o lombo esfolado. Só lhes falta a coragem de Beneplácida. A faca está agora bem afiada. Quando vai movê-la em direção ao peito, é agarrada por trás pelas companheiras. Esperneia, grita, tenta se soltar. Mas é inútil. Conseguem tirar dela o instrumento de sua libertação. Dessa vez não foi possível enganar o Tenente. Ele ordena que ela seja trancada no depósito. Dentro do depósito, Beneplácida observa os itens à sua volta. Não demora muito e ela encontra uma corda. Ela consegue prendê-la na viga do teto.

(Carbonieri, Divanize. *Passagem estreita*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2020, p. 88-90)

A presença do Tenente, figura violenta e autoritária, simboliza o poder masculino que domina e pune arbitrariamente mulheres e escravizados, evidenciando a estrutura hierárquica e coercitiva da época. Beneplácida, embora considerada “doida” pela sociedade, conquista o respeito silencioso

das outras mulheres, pois encarna a coragem de resistir e afirmar sua existência, ainda que isso implique desafiar uma ordem brutal e implacável.

O ato extremo de Beneplácida, ao tentar tirar sua vida, revela o desespero de uma mulher que, invisibilizada e privada de autonomia, vê na morte uma forma de controle sobre seu destino. A interferência das companheiras, que a impedem de seguir com seu intento, traduz um equilíbrio frágil entre solidariedade e sobrevivência numa coletividade de mulheres que compartilham sofrimento, mas lutam pela existência.

No confinamento, Beneplácida encontra, no próprio cenário de violência, um espaço de consciência e resignação. A corda no teto simboliza, simultaneamente, a materialidade de sua resistência e a iminência do colapso diante da brutalidade social. No conto, ambientado em um bairro cuiabano oitocentista, evidencia-se a *identidade feminina silenciada e reivindicada*.

Como Carbonieri, um grupo significativo de escritoras mato-grossenses explora não apenas as dimensões tradicionais da feminilidade, frequentemente associadas à submissão e ao papel doméstico, mas também as vozes que contestam essas limitações, articulando conflitos internos, desejos e a busca por autonomia e reconhecimento.

A partir dos textos e fragmentos vistos neste capítulo, podemos entender que a formação das identidades mato-grossenses na literatura revela-se como um mosaico multifacetado e dinâmico, resultado das interseções históricas, culturais e sociais que marcam a região. A produção literária local dialoga com as especificidades territoriais ao articular tradições indígenas, influências dos colonizadores europeus, a cultura pantaneira e as experiências decorrentes dos diferentes fluxos migratórios internos e externos.

A literatura destaca as tensões entre tradição e modernidade, a resistência das populações indígenas, negras e migrantes, e a complexidade das relações sociais que moldam a identidade regional. Não apenas reflete, mas também constrói narrativas de pertencimento, resistência e hibridismo cultural, contribuindo para a expressão de um Mato Grosso plural, em constante negociação entre suas referências locais e diferentes circuitos culturais.

Assim, a literatura mato-grossense configura-se como um espaço estratégico para compreender as múltiplas identidades que constituem a história e a cultura do estado.

AMPLIANDO HORIZONTES



Filmografia

Barão de Melgaço – O bretão cuiabanizado Augusto Leverger (Dir. Leonardo Sant’Anna, 2021)

Documentário que narra a trajetória do militar franco-brasileiro Augusto Leverger, combinando cinema e animação para destacar sua importância histórica, intelectual e política, bem como sua contribuição para a literatura mato-grossense.

Livros

Passagem estreita de Divanize Carbonieri (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2019).

Os contos abordam um universo de mulheres marginais – subterrâneas, rebaixadas à ínfima condição social –, que protagonizam narrativas de luta, violência e superação. Guerrilheiras, escravas, jovens periféricas, professoras, escritoras e indigentes teimam em sobreviver, rompendo estruturas opressivas de submissão e reprodução da subalternidade. Uma mente feminina, lúcida, crítica e irônica, escrutina os jogos de aparências e dissimulação que encobrem a barbárie. Personagens e narradoras, problematizadas por um nihilismo vital e conflito de consciência, enfrentam situações extremas onde o dialógico, a alteridade e a diferença intensificam a crise interior.

Nojo de Divanize Carbonieri (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2020).

Obra antológica e marco da literatura brasileira contemporânea, elaborada para chocar e revelar realidades femininas cruas e expostas. Sua marca distintiva é a ausência total de pontuação, transferindo ao leitor a responsabilidade de criar pausas, indagações e fechamentos. Nesse fluxo contínuo, a narrativa expõe as dores, os silêncios e as resistências das mulheres diante de um mundo hostil.

Não presta pra nada de Marta Cocco (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016).

Os contos revelam o explícito atravessado pelo subliminar: dito e oculto dançam em perfeita simbiose nesses contos, tecendo um bordado delicado e forte das vivências femininas. Mulheres sábias se encontram,





revelando dores e esquecimentos, mas também o amor à família e a sabedoria acumulada; a criança mulher enfrenta um mundo cruel e discriminatório, desabrochando na amizade; um assalto cotidiano expõe os perigos que as mulheres enfrentam ao viver ou sobreviver; o abandono na velhice, a ganância humana e a catarse pela escrita culminam em redenção.

Jardim de Ossos de Marli Walker (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2020).

Nos poemas, a trajetória vital da mulher se revela em uma profusão de ossadas que se acumulam ao longo do tempo, formando camadas protetoras em torno da subjetividade. O osso, enquanto tecido calcificado, metaforiza a fossilização progressiva dos afetos: experiências vividas, decepções e perdas depositam camadas endurecidas que envolvem o núcleo psíquico, conferindo-lhe rigidez estrutural.

Incômodo de Joe Sales (São Paulo: Penalux, 2021).

Coletânea de crônicas ambientadas em Consolação, pacato município do interior de Mato Grosso, a obra divide-se em três partes para explorar vivências locais. Centra-se nos preconceitos cotidianos – raciais, de classe, de gênero e regionais – entrelaçados a questões sociais como desigualdade, machismo e estigmas rurais. Retratos vívidos de moradores revelam momentos de tensão e reflexão, desmascarando hipocrisias que perpetuam exclusões em comunidades aparentemente serenas.

Literatura infantojuvenil

A Fábula do quase frito de Ivens Cuiabano Scaff (Cuiabá: Tempo presente, 1997).

Um grupo de crianças, na volta de um passeio pelo Morro de Santo Antônio, encontra um pássaro chamuscado pelas queimadas e resolvem cuidar dele. O passarinho vive o dilema de não saber quem é. Só no fim, quando recupera a plumagem e começa a cantar, descobre sua identidade.



Cabelo Ruim? de Baptista Neusa Pinto (5. ed. Cuiabá: TantaTinta, 2020).

A descoberta da própria beleza e a autoaceitação são o tema central deste livro. A narrativa acompanha a amizade de três meninas negras e pobres que enfrentam o preconceito em relação ao seu cabelo crespo e, aos poucos, aprendem a aceitá-lo, a brincar com ele e a amá-lo como é. Novos penteados surgem, trazendo também novas formas de ver a si mesmas e aos outros, coragem e ousadia para fazer e ser diferente.

Eu prefiro ser a bruxa de Wanderson Lana (Cuiabá: TantaTinta, 2023).

Maria e suas amigas e amigos decidem brincar de faz de conta. No momento em que cada um escolhe a personagem que quer ser, dizem que Maria não pode ser fada: segundo o grupo, ela não tem cabelo de fada, corpo de fada nem cor de fada. Decidida a não permitir que ninguém a entristeça ou a limite a padrões pré-concebidos, Maria escolhe ser a Bruxa, mostrando a força, a alegria e a beleza de poder ser quem é, em sua luta contra o preconceito.

Elvis e Lola de Neide Silva (Cuiabá: TantaTinta, 2020).

Elvis e Lola são um coelho e uma coelha muito diferentes, mas, mesmo assim, constroem uma linda história. À medida que descobrem novos gostos e hábitos, ampliam seus horizontes e transformam seu modo de vida.

Música

“Pixé”

A canção celebra a cultura mato-grossense por meio de sabores e lembranças da infância, como o doce feito de milho torrado e canela açucarada, reforçando o vínculo afetivo e cultural com o estado.

(Henrique & Claudinho; Pescuma. “Pixé”. Compositores: Moisés Martins e Pescuma. *A Força do Rasqueado Cuiabano*. Álbum, faixa 10. Atração, 1997).





CAPÍTULO 8



AS RELAÇÕES ENTRE O HUMANO E OUTROS SERES DA NATUREZA

O modo como o ser humano se relaciona com outros seres da natureza é um tema que atravessa os tempos, nos mais distintos espaços do planeta. As relações vão mudando conforme mudam os valores, as interações e os desafios de sobrevivência. Dos reinos animal, vegetal e mineral (ressalvando que os minerais são inorgânicos), o ser humano extrai meios para alimentação, moradia, vestuário, entre outros fins, ou os utiliza para produzir outros recursos.

Mato Grosso, em seus primórdios, era ocupado por populações indígenas que se baseavam no extrativismo para a sobrevivência. Dessa presença, há relatos míticos que exemplificam uma percepção de imanência e de convivência entre os seres, conforme podemos comprovar em alguns textos do primeiro capítulo deste livro, por meio dos quais infere-se que os outros seres não são vistos somente como recursos de manutenção, mas também como entes dotados de sacralidade em uma rede de interação cultural. Depois vieram os bandeirantes e o território foi sendo ocupado para extração de minérios, especialmente ouro e diamante, como podemos comprovar com a leitura dos textos documentais que se referem ao período colonial, sobretudo nos primeiros capítulos. A partir daí, a percepção muda, pois os outros seres da natureza são vistos como obstáculos a serem dominados para a implementação das cidades e o desenvolvimento das atividades humanas.

Além dos minérios, extraía-se borracha, poaia e a madeira; depois, houve a introdução da agricultura mecanizada e da pecuária, com o uso

intensivo de produtos e equipamentos os quais alteram significativamente tais relações.

A interação do ser humano com outros seres, portanto, não tem se limitado à sobrevivência e, em alguns casos, atinge o nível predatório devido à ambição excessiva. Isso tem gerado desequilíbrios que têm sido propalados de forma mais acentuada nos últimos tempos. Aquecimento global, desastres ambientais, poluição de rios e oceanos, entre outros, têm mudado a percepção de muitas pessoas, incentivando comportamentos de conservação e convivência sustentável, amplamente veiculados pelas diferentes mídias e também pelos textos literários, que nos permitem, entre tantas leituras, avaliar o modo como o ser humano tem se relacionado com outros seres da natureza em diferentes momentos históricos.

Fazendo uma abordagem cronológica, com base na data da publicação dos textos (ressalvando que alguns provêm de edições posteriores), mas sem considerá-los representativos de toda uma temporalidade, já que vozes dissonantes coexistem numa mesma época, apresentamos a seguir algumas produções em Mato Grosso que ilustram como ocorreram e ainda ocorrem as interações. Salientamos que, devido à extensão territorial, o estado apresenta diferentes biomas (Amazônia, Cerrado e Pantanal) que, com suas características próprias, ensejam também variadas formas de relação.

Séculos 17 e 18: abrindo trilhas

Desse período, não encontramos textos literários. Como resultado da pesquisa, temos alguns relatos, cartas, documentos que informavam à Coroa portuguesa a situação dos colonizadores em Mato Grosso (à época pertencente à província de São Paulo). Um exemplo é o trecho a seguir, de uma carta do Governador da Capitania de São Paulo, Rodrigo César de Meneses, ao Rei de Portugal, na qual ele relata a viagem às Minas de Cuiabá, solicita providências para a melhoria delas e remete os quintos de ouro:

[...]

Nesta monção em que vim, compondo-se a armada de trezentas e oito canoas e chegaram entre brancos e pretos três mil pessoas, havendo muitos falecidos, afogados e perdidas várias canoas por causa das muitas cachoeiras, que tem em si todos os rios, e pela furiosa correnteza deles houve bastantes perdas também de fazendas, que geralmente chegou a todos e eu perdi, sem se poderem salvar nem os remos, uma carregada com víveres desse Reino para poder sustentar-me enquanto aqui assistisse, e parte da minha copa e roupas. Procurei juntamente examinar o estado destas Minas e achei estarem da mesma sorte no que respeitava a haver nelas ouro e a causa de se não tirar muito tinham sido as grandes secas, pois havia dois anos que não chovia uma pinga de água, por cujo efeito experimentaram as roças um tal estrago, plantando-se três vezes no ano, apenas davam a semente que se plantava na terra, cuja falta havia desacorçoado tantos homens que não só não faziam a diligência por novos descobrimentos, mas nem se aproveitavam do que tinham e só cuidavam em desertar, recolhendo-se para as suas casas, e com a minha chegada e com as esperanças que lhe dei de serem atendidos da Real grandeza de Vossa Majestade, recobraram novos alentos, suspendendo o seu intento e continuando com muito gosto no serviço de Vossa Majestade.

[...]

(Meneses, Rodrigo César de. Carta ao Rei, relatando a viagem às Minas de Cuiabá, solicitando providências para a melhoria delas e remetendo os quintos de ouro das Minas de Cuiabá, 12 mar. 1727. In: Costa e Silva, Paulo Pitaluga; Costa, Anna Maria F. Moreira da; Siqueira, Elizabeth Madureira (Coord.). *Documentos relativos aos primeiros tempos das Minas do Cuiabá (1720-1748) – Quintos do ouro*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2019. Coleção Publicações Avulsas, nº 83. Documento originalmente publicado em: *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, AESP, v. XXXII, doc. 147, p. 182-187)

A relação observada nessa carta é de luta pela sobrevivência. Os rios, vias de tráfego de pessoas e mercadorias, com suas quedas, eram tidos como grandes desafios, enquanto falta de chuvas era motivo de desânimo devido à perda dos plantios. Não há, nesse relato, idealização da natureza, como se observa, por exemplo, na carta de Pedro Álvares Cabral sobre o “descobrimento” do Brasil; trata-se, antes, de uma descrição realista dos problemas enfrentados pelos humanos a serviço da Coroa Portuguesa na extração das riquezas minerais.



No trecho da carta a seguir, escrita em 1728 pelo Senado da Câmara de Cuiabá ao Rei de Portugal, comprova-se as dificuldades de sobrevivência da época (a carta solicitava a atenuação das cobranças dos quintos de ouro).

[...] Há falta de águas, não só das nascentes, mas também da chuva, e por isso se tira ouro limitado, e foi tal a seca no ano passado, que experimentou este miserável povo a maior fome e carestia que jamais se viu porque chegou a valer um alqueire de milho doze, quatorze, e dezesseis oitavas e ainda este era tão pouco que muitos homens pobres por não terem um prato de milho para se sustentarem morriam a pura fome. [...]

(Senado da Câmara de Cuiabá. Carta ao Rei, dando notícias das minas e conhecimento da ordem régia que determinava a cobrança dos quintos junto à Casa de Fundição de São Paulo. Cuiabá, 27 mar. 1728. In: Costa e Silva, Paulo Pitaluga; Costa, Anna Maria F. Moreira da; Siqueira, Elizabeth Madureira (Coord.). *Documentos relativos aos primeiros tempos das Minas do Cuiabá (1720-1748) – Quintos do ouro*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2019. Coleção Publicações Avulsas, nº 83. Documento originalmente publicado em: NDIHR/UFMT – *Documentos Ibéricos – AHU/Documentos sobre a História de São Paulo*, Mfcha 9, doc. 655)

Século 19: explorando percursos

Do século 19, coletamos este trecho de conferências realizadas na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, entre 1884 e 1888, por Karl von den Steinen, explorador alemão que veio ao Brasil para estudos de etnologia.

Enquanto a rede balançava suavemente e nenhum mosquito perturbava a tranquilidade da noite e eu era embalado pelo melodioso murmúrio das águas, a admirável paisagem do dia que findara passou, como que transfigurada, diante da minha vista, num efeito de pintura sobre o vidro. Deixemos de divagações e sejamos mais práticos. Que abismo existe entre a poesia e a realidade.[...] A ida desalentou-nos pelo calor abrasador, a volta pelo tédio e cansaço que se sofre... Ali se repastam todas as classes de

pequenos bichos que abundam nas matas, e o viajante, entre sapos, cobras, lagartos e taturanas, lacraias, moscas, mosquitos e marimbondos, formigas de mil espécies [...] passa as noites em contínuo tormento, receando a cada instante ser mordido por essas cobras que causam morte instantaneamente.

(Stein (sic), Karl von den apud Galetti, Lylia da S. G. *Sertão, Fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização*. Cuiabá: Entrelinhas: EdUFMT, 2012, p. 108 e 109)

Observamos que não há uma perspectiva harmônica ou romantizada na relação com outros seres. Para as pessoas vindas da Europa, provavelmente habituadas a certas condições de infraestrutura e moradia, o calor e a presença ostensiva de seres da natureza – como mosquitos e cobras, cujas picadas podem causar doenças ou até a morte – eram percebidos como empecilhos. Certamente, para as populações nativas que aqui viviam, essas mesmas dificuldades também existiam, mas, além de estarem habituadas, não possuíam parâmetros de comparação.



Médico aos vinte anos de idade, com especialização em Psiquiatria pela Universidade de Berlim, Karl von den Steinen empreendeu, a partir de 1879, diversas viagens exploratórias ao redor do mundo, numa das quais se encontrou com seu mestre, Dr. Bastian Berlin, fundador do Museu de Etnologia de Berlim, que o desafiou a “tarefas altas e raras”. Tratava-se de estudar os povos “primitivos” do Xingu, em seu estado de isolamento, para coletar o maior número de informações e subsídios para confirmar a sua teoria de evolucionismo social sobre a multiplicação das manifestações culturais dos povos. Aceitando o desafio que mudaria sua vida, Steinen desembarcou em setembro de 1883 em Montevidéu, acompanhado do físico e astrônomo Otto Clauss. Lá, os aguardava seu primo Wilhelm von den Steinen, pintor e desenhista. Iniciava-se, assim, a primeira expedição ao Xingu. Seguiram para Buenos Aires e, depois, para Cuiabá, onde ficaram por cerca de dois meses antes de iniciar o desafio. Ali, foram recebidos como os “engenheiros” que iriam investigar as possibilidades de comunicação de Mato Grosso com o

Pará, por água ou terra, o que teria grande importância na exportação de gado para o Amazonas. Posteriormente, porém, essa ambição se mostraria inviável, já que o Xingu não oferecia condições de navegação e o terreno acidentado impossibilitava a construção de ferrovias.

(Paiva, Ely Carneiro. As expedições de Karl Von den Steinen ao Xingu e os registros inéditos (desde 1893) da viagem de Cuiabá a Coxim. *Albuquerque*, Aquidauana, v. 2, n. 3, 2017)



Também destacamos este trecho de Francis Castelnau, naturalista inglês formado em Paris, que realizou expedições a serviço da França. Em 1844, fez uma viagem para Cuiabá e escreveu:

A 3 de dezembro [...] à tardinha [...] acampamos num lugar chamado Cercadinho, junto de uma formosa nascente, onde também havia acampado uma outra caravana, vinda de São Paulo e aí retida havia já uns oito dias, por causa da perda de alguns dos animais. Essa expedição era composta de cento e cinquenta mulas divididas em treze lotes; cada animal carregava geralmente de seis a oito arrobas; algumas das cargas eram constituídas por caldeiras para açúcar, bastante grandes para cobrir o animal. Contou-nos o pessoal da caravana haver perdido três animais, dois por picada de cobra e o terceiro por ter sido devorado por uma onça.

(Castelnau, Francis. *Expedições às regiões centrais da América do Sul*. Trad. Olivério M. de Oliveira Pinto. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000, p. 312)

Nota-se que outros seres, como as mulas, são utilizados pelos humanos para transporte de carga, mas também estão sujeitos a ataques de outros animais como cobras e onças, evidenciando que o cenário não é idílico, mas um território onde prevalece a lei natural da cadeia alimentar.

Um dos raros textos literários do período é de autoria do cacerense Pedro Trouy, mencionado na historiografia de Rubens de Mendonça como um poeta de pouca produção em uma época de escassez de recursos para publicação. No poema a seguir, Trouy utiliza flores e pássaros como cenário, que, junto a astros e estações, servem de mote para representar a passagem de um amor.

Outrora

Da primavera ao sol, que além se erguia
Como uma hóstia de luz em pleno espaço
Nós nos amamos... Que profundo laço
Nossas almas em flor então unia!

Teu lábio tinha auroras de alegria,
Rosa tinha o vergel, e no terraço
Trilavam passarinhos... Como escasso,
Fugindo, pouco a pouco o tempo ia!

O cismar de tua alma imaculada
Me deste numa noite constelada,
Quando os astros erravam na amplidão...

Efêmeras ilusões das idas eras!
Teu amor, como a luz das primaveras,
Feneceu, quando veio outra estação!

(Trouy, Pedro. In: Mendonça, Rubens. *História da literatura mato-grossense*. 2. Ed. especial. Cáceres: Ed. Unemat, 2015. p. 38)

A relação humana com outros seres da natureza é, portanto, decorativa, pano de fundo para a confissão sentimental, em plena vigência da estética romântica na literatura mato-grossense e brasileira.

Primeiras décadas e meados do século 20: intensificando as rotas

A partir do século 20, as condições de acesso às matas e de habitação nas vilas e cidades já haviam se modificado consideravelmente. Buscando conforto, o ser humano vai aos poucos se afastando de outros seres e modificando sua forma de contato. Também a partir dessa época, encontramos muitos textos literários que ilustram a convivência de duas perspectivas: uma idealizada, provavelmente sob influência da estética romântica, cujos padrões de composição iniciados no século 19 ainda são perpetuados; e outra marcada pela estética realista, que pressupõe que o

humano deve se sobrepor aos outros seres para melhorar seu ambiente. Essa visão era influenciada por uma corrente filosófica do final do século 19, o determinismo, que perdurou por boa parte do século 20 e ainda tem adeptos. De acordo com essa corrente, o ser humano é produto do meio em que vive. O ambiente social e suas estruturas – cultura, política e economia – moldam o comportamento, as ações e o destino dos indivíduos, sugerindo que são as circunstâncias que determinam a vida, mais do que a vontade individual.

Vejamos alguns textos do início do século:

Hino à floresta

Salve, floresta virgem.
Mar imenso de frondes e de ramos,
cujas ondas de folhas vertem flores.
Cuja espuma de flores se matiza
dessa coloração jamais sonhada
das ardentias do oceano imenso.

Em teu seio revolto, mar bravo,
agasalhas a cólera medonha
do terrível jaguar. Em tua face,
nas cordoalhas das quilhas dos teus troncos,
aninham-se os amores encantados
das aves tagarelas.

[...]

(Mendes, Lamartine. *Revista do Centro Mato-Grossense de Letras*. Ano 1, n. 2, 1922, p. 36)

As árvores, flores e pássaros servem, no poema, como cenário para os arroubos sentimentais do poeta, que exercita o ofício de escrever utilizando vocábulos eruditos e comparando a floresta a um oceano. Por essa comparação, tem-se noção da magnitude do espaço ocupado pelas matas, onde convivem animais perigosos, como o jaguar (ou onça pintada), e inofensivos e encantadores, como os pássaros. A relação, portanto, é de observação e distanciamento.

Abre-se aqui um parêntese para assinalar que, no período romântico, a ideia de paisagem toma forma como algo desvinculado do ser humano,

especialmente devido à emergência da noção de subjetividade, que se acentua partir do Renascimento. Paralelamente à percepção de interesse científico, que vê os outros seres da natureza como objetos de estudo, a literatura se interessa por aquilo que, na natureza, comunica e reflete a intensidade das emoções e sentimentos humanos.

Há muitos poemas publicados nas revistas da Academia Mato-Grossense de Letras, semelhantes a este de José de Mesquita, em que temos, de forma mais explícita, a contemplação da paisagem e o uso de outros seres da natureza para efeitos poéticos de comparação a sentimentos e emoções:

A alma e a paisagem

A nossa alma reflete os aspectos do ambiente
que nos cerca e, por isso, há estreita afinidade
entre a vida interior – que é a única realidade –
e a paisagem que nos envolve habitualmente.

Aí está porque eu revejo, ai! Sempre com saudade
o doce panorama encantado e envolvente
desta serra, onde a luz é um filtro enlanguesciente
e o ar tem a sedução macia da bondade.

Funde-se no meu ser, uma estranha harmonia,
esta crepuscular e outoniça poesia
da paisagem serrana em seu dulçor tristonho.

E sinto, dentro em mim, desenrolar-se mudo,
esse céu que nos faz, olvidados de tudo,
imersos noutro céu infinito do sonho.

(Mesquita, José de. *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*, Tomos XV e XVI, ano VIII, 1940, p. 21)

A paisagem é um motivo de encantamento, numa ação introspectiva que favorece a composição poética.

Já em um poema de Dom Aquino, publicado em 1904, evidencia-se uma concepção de mundo semelhante à proposta por René Descartes, que o dividia em duas esferas: o mundo material e o mundo do pensamento e

da razão. Nessa perspectiva, a razão deveria dominar o corpo, exercendo supremacia sobre as emoções. Dessa concepção deriva o racionalismo cartesiano, que estabelece uma separação entre o ser humano e os demais seres da natureza, chegando inclusive a justificar sua dominação. Essa visão se manifesta nos versos a seguir, em que o eu lírico destaca, em ambos os textos, os aspectos formais da composição (metro, ritmo e rimas), evidenciando uma atividade marcada pela artesanania e pela racionalidade.

Bandeirantes

Nessa armadura arcaica e tão grosseira
De couro cru, rebrilha, em alvorada
O heroísmo que, ao sol destas douradas
Praias, vos guiou por ondas de sangueira.

Vosso rude arcabuz de pederneira
Reboa ainda as glórias alcançadas;
E há frêmitos de homéricas jornadas
Nos trapos e na cruz dessa bandeira!

Engrandecestes o Brasil, domando,
Corpo a corpo, em conflito formidando,
A mata, o rio, a peste, a fome, a guerra!

Salve, heróis! Salve humildes bandeirantes!
Fenícios do sertão! Monções errantes,
Da conquista imortal da minha terra!

(Correia, Francisco de Aquino. In: Mendonça, Rubens de. *História da literatura mato-grossense*. 2ª Ed. Cáceres: Ed. Unemat, 2005, p. 124)

Observa-se nessas estrofes, especialmente na segunda, por meio da forma verbal *domando*, a visão da natureza como algo a ser vencido. Dominá-la, seja em nome da razão, da religião, do lucro ou da tecnologia, fazia parte do processo de emancipação humana e da modernização (“engrandecestes o Brasil”) do país. À semelhança da idealização dos cavaleiros medievais, os bandeirantes são representados como heróis humildes e comparados aos

fenícios, hábeis navegadores e comerciantes do Mar Mediterrâneo. Chama também a atenção, no poema, a enumeração dos elementos apresentados como objetos de dominação humana. Observa-se que os substantivos aparecem emparelhados no mesmo verso: “mata, rio, peste, fome e guerra”. Além da supremacia do humano em relação à mata e ao rio, há a convicção de que esses elementos precisavam ser vencidos tal qual um inimigo. Essas produções vinculam-se a uma concepção de região entendida, ao mesmo tempo, como espaço de abundância e como território inóspito e vazio, perspectiva que desconsidera as populações indígenas que habitavam e ainda habitam a área. Trata-se, portanto, de um espaço que, nessa lógica, precisaria ser ocupado e dominado. Entrelaçada a essa concepção, está a de um sujeito (representado pelo eu lírico dos poemas) que se percebe capaz de agir e dominar, tal como o sujeito racional definido pelo Iluminismo, movimento que valorizava o conhecimento fundamentado na razão em detrimento da crença.

Como dissemos, numa mesma época, o tipo de relação do ser humano com a natureza pode ser predominante, mas não é único. Assim, no trecho abaixo, extraído de um conto de Hélio Serejo publicado em 1938, observamos uma interação diferente entre cavaleiro e cavalo.

[...]

- Corage, Ventania! Mais cinco dias, se muito, e bandearemos a fronteira. [...] Botaremos rancho de palha brava, num canto escuro da estância; faremos a nossa rocinha de alqueire e três quartas; eu terei feijão, arroz, moranga, abóbora, porco, galinha e quem sabe até uma vaquinha de leite; e você – para o regalo da vida – milho do bom, folha de cana, grama nova, alfafa e uns goles de leite uma vez por dia. Porque bicho guaxo – gente ou animal – não pode viver sem leite. Dá tristeza de morte... quando não gruda as tripas e fecha as vias do mijo.

(Serejo, Hélio. *Obras completas*. Hildebrando Campestrini (org.). Volume 1: *Três contos: Zico, Jabuca, O velho Pastrana*. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008, p. 30)

No trecho, além do uso da primeira pessoa do plural, que evidencia uma relação próxima entre os dois, o narrador inclui o cavalo nas benesses a serem conquistadas caso ultrapassem a fronteira. Ao utilizar a expressão “bicho guaxo”, que significa criado sem o aleitamento materno, estabelece uma equivalência entre humanos e animais, demonstrando uma concepção de afeto e cuidado e não apenas de utilitarismo.

No poema a seguir, de Lobivar Matos, publicado pela primeira vez em 1935, homens e animais participam de uma prática cultural, a festa do peão. Os bois são utilizados para o transporte, assim como os cavalos, que também são manejados nas corridas:

Domingo. Tarde de sol mato-grossense.

De todos os lados surgem
os carros de bois apinhados de gente
e, vagarosamente,
vem chegando para a festança do peão.

Vaqueiros guapos de chapéu largo de palha
e lenço vermelho de chita no pescoço
montados em pingos crioulos

[...]

Findo o Santa-Fé, dança da moda,
os pingos ligeiros começam a correr.

[...]

(Matos, Lobivar. *Areotorare*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; Unemat, 2008, p.70)

Vê-se, nesse poema, que a relação com outros animais também se estabelece no plano do entretenimento, que pode ser considerada utilitarista, pois são domésticos e manejados para esse fim.

Maria de Arruda Müller, em 1939, em tom distinto da maioria dos seus contemporâneos, chama a atenção para uma prática que, na voz da eu lírica, já era motivo de preocupação futura:

Ante a queimada

Em julho a mata toma a cor dolente
da ágata sombria e misteriosa.
Sua vida intensa torna-se latente,
desde que falta a chuva generosa.

A macega, ontem verde, perfilada,
Quais colunas de posfiro e metal,
Dobra-se triste, desclorofilada,
Espectro da ardente vida vegetal!

O chão tão ressequido, atormentado,
Nos meses de verão, impiedoso,
Desfaz-se, em leve pó, imponderado
Que vento remoinha, descuidoso!

Escuta-se uma súplica, um lamento,
Té as entranhas profundas do solo...
De sede, ou angústia, martírio incruento
A mata e os seres pungem sem consolo...

Nessa fase aflitiva, dolorosa,
em esgares de monstro estralejando,
os ramos contorcendo, pavorosa,
a queimada, este horror vem sublimando.

Sobre a macega como um mar de fogo,
num esto doido, impetuoso, pando,
mordendo os lábios nus, em desaforo,
qual se do Apocalipse escapando.

O calor traz a flux toda a umidade
que a terra guarda sob seus arcanos
e em consequência a exala. Mas o que há de
produzir este mal anos e anos?

Tornará a terra sáfara e calvosa
também na cinza levará o vento

para dotar região mais venturosa
o rico húmus que hoje é seu alento.

Terra! Gleba fecunda! Tanto susto
sinto e estremeço ao ver-te comburida
presa das chamas, como o solo adusto
da Líbia pelo atroz símio despida.

Crianças, homens de amanhã, ouvi:
transmitam-vos meus versos esta dor
da terra castigada, que senti,
clamai, para cessar, tamanho horror!

(Müller, Maria de Arruda. *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*, Ano VII, 1939, n. 13 e 14, s/p)

Destacam-se, no poema, as imagens fortes de um cenário apocalíptico de destruição da fauna e flora que ainda abundavam na época. Observa-se que as queimadas, na região, constituem prática antiga, podendo ocorrer involuntariamente, em razão do sol intenso, da baixa umidade e do acúmulo de biomassa nos períodos de seca. No entanto, a eu lírica faz um apelo (por meio de imagens sensoriais, repletas de cores e tonalidades, e de um estilo formal que se aproxima das estéticas parnasiana e simbolista) para que a ação humana de queimar cesse, a fim de que se evitem problemas futuros, pois, a repetição do ato, ao longo dos anos, tenderia a causar danos graves, como a desertificação.

Na novela “Era um poaieiro”, de Alfredo Marien, publicada originalmente em 1944 e reeditada em 2008, percebemos, pela voz do narrador e das personagens, que a natureza – a floresta e os seres que a habitam, inclusive os sobrenaturalizados – configura-se simultaneamente como espaço de sobrevivência, de riqueza e de perigo. Em alguns momentos, apresenta-se como idílio:

O córrego verde serpenteava entre serivas, carandás, tucum-mirim e outras palmeiras que vivem sob a cúpula das grandes árvores. Trepadeiras floridas entrelaçavam-se, entre as moitas. Piavam jaós, pondo uma nota

melancólica no ambiente carregado de perfumes. Brasilino alegrou-se ao descobrir enorme soveira, cujo leite correu ao pique do facão, enchendo num instante uma folha de pacova. Bebeu o que pode e deu o resto ao guará, que também gostava de leite.

(Marien, Alfredo. *Era um Poaeiro*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; Unemat, 2008, p. 71)

Em outros, surge como espaço hostil, onde seres indesejáveis precisam ser vencidos por questão de sobrevivência, como observamos nestes quatro trechos do romance:

Com efeito, os mosquitos ali eram demais. Do alvorecer ao escurecer, eram os borrachudos cuja picada, insensível no momento, arde depois como o fogo, deixando uma bolinha de fogo debaixo da pele. (p. 74)

Bom!... Agora a bicha vem mesmo!... – disse Tio João, pegando a winchester e pondo logo uma bala na agulha.

– Abra os olhos, pessoal, que a bicha... – Remede outra vez, Zé... – rogou Brasilino. Quem sabe ela vem mesmo me visitar...Uai!

[...] Armando a carabina, o poconeano tornou a remedar a fera. (p. 133)

Passaram a contar casos de surucucus, que perseguiam poaeiros através da mata, esperando-os ao pé das árvores em que subiam para escapar-lhes; surucucus que pareciam feitas de borracha, zombando das mais rijas pauladas. (p. 137)

Uma tarde, todos os poaeiros haviam regressado, e nada do Elpídio. Ele e Chico Antonio eram geralmente os primeiros que voltavam do serviço. Tarde da noite como ele não parecesse, concluíram que alguma coisa lhe teria acontecido. Seria onça? Cobra? Índio?... (p.142)

(Marien, Alfredo. *Era um Poaeiro*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; Unemat, 2008)

No quarto excerto, o indígena aparece como figura associada ao perigo, sob a perspectiva de quem adentra a mata com finalidade econômica.

Em outros trechos, a mata é vista como uma riqueza que deve ser preservada, sendo possível haver uma interação saudável entre a floresta e o humano:

[...] calculava que o número de poaeiros embrenhados na mata passaria de mil e quinhentos afora os clandestinos. Mostrou-se impressionado e preocupado com as queimadas provenientes das roças que alguns sertanejos ainda faziam na mata da Poaia, devastando-a. Notando o interesse de Brasilino, o fiscal explicou: – Sim senhor, seu Brasilino. É vandalismo, é crime atear incêndios que destroem léguas e léguas de mata virgem, mata riquíssima que talvez nunca mais reaparecerá. (p. 87)

Como se vê, em *Era um Poaeiro* temos um exemplo expressivo da ambivalência dessa relação, pois a mata da poaia é, ao mesmo tempo, fonte de sobrevivência e de acolhimento, e espaço de perigos e desafios. O ambiente pode ser inóspito ou idílico. O modo como o trabalhador extrativista se identifica também é variável. Seja como autônomo ou empregado, ele precisa dominar a mata e extrair dela sua riqueza. Há, portanto, um misto entre o sujeito racional, que vê os outros seres como objetos de dominação, e o sujeito sem autonomia, cujas ações decorrem de um sistema ao qual ele está submetido e do qual depende para sobreviver.

De meados do século 20, destacamos algumas estrofes de um extenso poema de Alírio Figueiredo, em que as belezas naturais são ressaltadas, mas a interação com outros seres expõe perigos e dificuldades, exigindo coragem nas ações de dominação.

Brasília-Oeste

I

Enfrentar o sertão, enfrentar o deserto,
é bravura de herói, é bravura de certo;
Pois não pensar na morte é condição primeira
Ronda ao redor, de tudo um perigo iminente
- a investida da febre, o bote da serpente –
e entremeio, o silvar de uma flecha certa.
[...]

III

Na mata, densa e hostil, de miasmas e de feras,
E bárbara e brutal, como as das outras eras,
rompe rios, rechans¹, cachoeiras e desvões;
E, esmagando saudade e esmagando tristeza,
voltará vencedor da própria natureza,
venturoso e feliz e cheio de ouro nas mãos.
[...]

V

[...]
E vai ao ribeirão das cristalinas águas,
afogar o cansaço, o desalento, as mágoas,
e as forças restaurar, aliviar as fadigas.
E dorme o bom dormir. E ao despontar o dia,
De pé, toma o facão, deixa a mata sombria,
para enfrentar o sol e a febre das formigas.
[...]

VI

[...]
Tem dessas mutações a natureza nossa:
rabugices de velha e fascínios de moça,
e noites de luar – sol e manhãs nebulosas.
Seis meses de aguaceiro e, de seca, seis meses.
Por si, às vezes paraíso, outras inferno, às vezes.
Ora cheia de lamas, ora cheia de rosas.

(Figueiredo, Alírio. *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*, Ano XXIX, nº 55, p. 95-102)

O poema encerra-se com a narração da morte desse homem acometido por febres, devido ao tempo que passou perambulando pelas matas e rios em busca de ouro. Nesse caso, o humano é vencido e essa derrota serve menos para diminuir a capacidade de um indivíduo específico e mais para ressaltar

1 rechans significa planície que fica em cima de uma montanha.

os predicados necessários ao enfrentamento dos sertões em empreitadas econômicas como o garimpo.

Outro aspecto da interação entre o humano e outros seres, muito presente na literatura, especialmente entre populações não urbanas, envolve práticas culturais associadas a curas de doenças e à religiosidade. Vejamos o modo como algumas plantas são apresentadas pelo escritor Helio Serejo, no livro *Rodeio da Saudade*, publicado em 1974:

Cipó

[...]

Cipó serve pra tudo na vida sertaneja: amarrio, remédio, trança, corda e simpatia, dependendo, porém, dos fatores: cor e lua. Cipó amarelo, que produz flor cor de ouro, é próprio pra sepultura isolada. Alegria o defunto, diz o caboclo.

Cipó-amargoso é veneno violento. Dentro de uma poça d'água, pisoteado pelos animais, entristece bezerro, matando-o, com o tempo.

Cipó cabeludo é remedião especial nas nefrites infecciosas. Raspado com faca de pau, o seu pelo esparsa, torrado numa caçarola, produz fumo de gosto agradável que cura, num instante, dor de peito. [...]

Ariticum

Diz a lenda que cada semente de ariticum representa um índio que morreu de fome perdido na floresta. Eis por que o íncola, quando encontra essa fruta adocicada come-a, gulosamente, e a sua casca e também as suas folhinhas tenras e destrói a árvore, anelando o caule, rente ao solo. Ela, na concepção aborígene, representa a maldição da raça. Tupã a criou para tormento das gerações nhambiquaras.

(Serejo, Helio. *Obras completas*. Vol. 3. Org. Hildebrando Campestrin. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008, p. 295-314.)

Esse tipo de relação com as plantas requer convívio mais próximo e atitude menos hierárquica, mais simbiótica, além de uma disposição espiritual distinta, pois é delas que o humano extrai remédio e cura, e com elas que constrói seus instrumentos de sobrevivência e seus sistemas de crença.

De 1969, temos este fragmento de uma crônica de Vera Randazzo (republicada em 2002), que inicialmente enfatiza as belezas da flora do cerrado e, em seguida, denuncia a prática das queimadas, tema que já havia sido abordado por Maria Müller, em 1939. A diferença está no desfecho: a crônica de Randazzo exalta a incrível capacidade de regeneração do cerrado, que ocorre com a chegada da estação das chuvas.

O cerrado mato-grossense é todo um encantamento, qual um parque criado com requintes de gosto, espontaneidade e mistérios, diferente de tudo o que o homem poderia ter feito.

[...]

As flores dos nossos cerrados, então, são de uma variedade infinita, delicadamente perfumadas e de uma beleza imensa, vivendo numa combinação tácita de quando umas desaparecem, desabrocharem logo outras.

[...]

Sempre sentimos suaves brisas refrescantes que parecem ser feitas especialmente para misturarem os mil aromas e darem ao nosso olfato esquisitos e variados perfumes, numa mistura de flores, folhas, terra e bichos.

[...]

Passam assim os dias do estio, quando um dia o fogo invade tudo, num crepitar ruidoso e ensandecido. Ronca e urra em estertores tremendos e as labaredas trepam acrobaticamente pelos gretados troncos e queimam até as copas. As palmeiras balançam doidamente suas cabeleiras de fogo. Nada fica. O verde foi substituído por um negrume estéril enquanto rolos de fumaça escurecem o sol, causando-os (sic) desespero e opressão, pois parece que tudo terminou, no meio daqueles dedos retorcidos e negros, apontando para o céu.

Mas não passarão muitos dias, o cerrado com sua fertilidade assombrosa, dará os primeiros sinais de vida com os pequenos brotos verdes e aveludados surgindo em todos os lados.

(Verlangieri Amália, Morbeck, Arlinda e Randazzo, Vera. *Vozes femininas*. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; Unemat, 2008. Col. Obras Raras, v.6, p. 237)

Como dissemos, ao opor um cenário de beleza a outro de destruição, a crônica, permeada de imagens poéticas, ganha força na conclusão, ao ressaltar a capacidade de o cerrado renascer das cinzas, à maneira de uma fênix.

Anos finais do século 20 e décadas iniciais do 21: pavimentando os caminhos

Algumas décadas depois, Silva Freire, considerado um dos ícones do movimento modernista em Mato Grosso, em poema marcado pela forma e linguagem prosaicas, evidencia diferentes posições do ser humano acerca do reflorestamento. Coexistem, na mesma temporalidade, gerações distintas em idade e modo de pensar.

— vamos reflorestar aquela área do Pindaivá...

— ora papai, o senhor já está com 83 anos de idade,

e madeira de lei leva uns 20 anos pra dar corte...

— e o que são 20 anos na vida de um velho, vamos reflorestar!

(Freire, Silva. *Trilogia Cuiabana*: na moldura da lembrança. Cuiabá: Ed. UFMT, 1991, p. 61)

Duas visões se cruzam: a imediatista, que vê o reflorestamento como atividade econômica – razão pela qual o tempo de maturação da madeira é determinante –, e a visão voltada à perpetuação das espécies, em que o tempo e a finalidade financeira ficam em segundo plano. Entre pai e filho, a relação com a floresta se transforma, podendo corresponder a um projeto de dominação e extrativismo ou a um projeto de preservação, num período em que os discursos ambientais ainda não eram tão incisivos quanto hoje.

O poema abaixo, de Lucinda Persona, publicado em 1998, retoma o tema das queimadas, destacando imagens do campo semântico da morte e da destruição, chamando a atenção para os restos e fragmentos deixados pelo fogo.

Os restos mortais do cerrado

Rajadas de um vento quente
depois das queimadas
trazem os restos mortais do cerrado
para dentro de casa. Todos os anos.
Por isso
já não me intimido mais
quando aranhas estorricadas
descem por meus cabelos
ou orquídeas em pó assomam à minha face;
quando de meus dedos pendem
abrasadoras samambaias.
Nem me assombram os bicos de seriemas
levitando pelas salas
sem os olhos
sem as penas sem as vozes.
Choro tudo: a resina o carvão
os ossos à tona das cinzas.
Choro também os homens. Todas as vezes.

(Persona, Lucinda. *Ser cotidiano*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998, p. 42)

A decomposição do todo em partes (seriema = bicos + penas + vozes) culmina na imagem central do cerrado reduzido a restos mortais. Há uma gradação que intensifica o tom de tristeza e lamento da eu lírica ao indicar que esses destroços de vida não estão distantes: saem do cerrado e entram em sua casa. Assim, o ser humano também é afetado pela destruição causada, de modo inconsequente, por ele mesmo. Daí o fechamento com a síntese do lamento: “Choro também os homens. Todas as vezes”. A palavra “homens” pode ser entendida como “humanos”. A eu lírica não se identifica com a ação de dominar e extrair. Esse posicionamento também se observa no poema a seguir, de Lorenzo Falcão, em que há uma advertência sobre o efeito das queimadas:

cerrado

o cerrado
é um tronco do mundo
a desfocar a imagem
e encarquilhar o pensamento.
o tronco é a lenha
a senha
é não virar uma brasa
mora?

(Falcão, Lorenzo. *mundo cerrado*. Cuiabá: Entrelinhas, 2011, p. 39)

O poema inicia definindo o cerrado como “tronco do mundo”, referência à sua importância como eixo de sustentação da vida, dada sua biodiversidade. O desenho do cerrado, com seus troncos retorcidos, pode desfocar a imagem e distorcer o pensamento, quando visto como lenha. O verbo “mora”, como uma interrogação, remete a uma gíria muito usada nos anos 1960 e 1970 no Brasil, principalmente pelos artistas da chamada Jovem Guarda, e significa “entende?”.

O evento das queimadas também aparece no romance *Beco das Almas*, de Wanderley Wasconcelos, ambientado numa fazenda no interior de Mato Grosso. O protagonista, Coronel Ferreiro, viúvo, rememora sua vida desde a infância.

Era tarde no entrar de agosto, coberto pela fumaça das queimadas do Passa-Vinte que ficava lá do outro lado do Barreiro Grande, que não pertencia mais às terras do Beco. Derrubadas que eu vi e não pude conter porque era grande a sede de ganho daquela gente que mandava os seus para os negócios. O fazendão lá deles virou pasto de gado, vezes maior que a minha. Os campos viraram terreiro varrido, coisa de pena e dó. Não era como o Costado, forrado de capim manso e mataria nos derredores.

(Wasconcelos, Wanderley. *Beco das Almas*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2023, p. 44)

No fragmento, o personagem, em tom de tristeza, contrapõe sua propriedade – que ainda preserva áreas de mata – a outra, de maior extensão, onde ocorrem as queimadas.

No século 21 ainda circulam textos que recuperam a memória de certas crenças, embora o ambiente e as condições de vida, especialmente nas cidades, já não sustentem esses valores como experiência coletiva

As piraputangas prateadas

Naquela sexta-feira da Paixão já de longínquos janeiros, Ana Luiza, Tum e Moça, rezadeiras e benzedadeiras, mais uma vez cumpriram o ritual de subir o Morro de Santo Antonio para pagar penitências, conversar com as entidades que habitam dimensões paralelas e também para renovar suas energias, colher ervas medicinais usadas no fabrico das garrafadas caseiras, ensinadas por comadre Fiona de Pedrinho Gualberto.

A subida ao morro na Sexta-feira Maior tem toda uma simbologia que envolve o próprio espírito dessa semana. É também um momento de recolhimento pessoal, reflexão, estado de vigília, enfim um reencontro daqueles que acreditam na força mágica da natureza, hoje, já quase olvidada pelas novas gerações [...].

(Ribeiro, Luiz Carlos. *A mala de fugir e outros contos*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2006, p. 8)

No fragmento, o morro e seus “habitantes sobrenaturais”, aliados à crença humana, favorecem os rituais de cura e regeneração, evidenciando uma relação espiritualizada.



Em um dos trechos do documentário “Águas encantadas do Pantanal”, de Danielle Bertolini, baseado na tese de doutorado de Mário Cezar Silva Leite, um dos entrevistados, Seu Donato, morador pantaneiro, responde à pergunta sobre para onde iriam os seres sobrenaturalizados, como o Negrinho d’Água e o Minhocão, caso a baía secasse: “se a baía secar, eu vou dizer pro senhor, que vai ser uma desordem na terra, porque aí é que cria o peixe, o peixe cria na baía [...] os encantos da baía seca também, eles vão caçar outro lugar, vai procurar mar...”.

(Bertolini, Danielle (dir.). *Águas encantadas do Pantanal*. Brasil, 2001. 42 min. Documentário. Disponível em: <https://youtu.be/HSF0FhEVusg?si=Sn0Hise6853-a2So>)

No poema intitulado “Coisas do sítio”, de Irene Rezende, observamos uma relação de respeito e medo diante dos seres sobrenaturalizados que habitam os espaços naturais.

Ainda havia sol no terreiro

e o saci já fazendo judiarias,
carregando cachimbo de meu avô.

Mal veio a noite, coruja saiu pra piar,
escutar pio de coruja é mau agouro,
é preciso fazer conversa com santo.

Quando noite vai alta,
Acauã entoa três vezes seu canto
escutar canto de acauã é ter morte rondando!

Em noite de labutação,
aparece mula-sem-cabeça,
ninguém firma nas suas costas,
porque corre em zigue-zague.

Caçador que invadir a mata,
encontrará rapazinho de pés torcidos,
curupira ou pé-de-garrafa?
Melhor não conferir.

Pescador que entrar no rio,
na Sexta-feira Santa,
encontrará negrinho d'água
reclamando o passado.

— Tem gente chorando nas matas,
é Tapuia,
a índia velha
cobrando seus mortos

Há gente desafiando urutau
no ambiente da floresta,

é gente descuidada que não sabe que
Urutau, ave fantasma, é mãe da lua.

Há fantasmas maliciosos nas matas
comendo o fígado
de gente descuidada.

Tem gente rindo na cidade,
de todas essas hipóteses,

Mas toda essa ciência
quem me ensinou foi meu avô!

(Rezende, Irene Severina. *Varandas de Quimeras*. 1ª ed. Alto Araguaia: ed. da autora, 2023, p. 13)

Profundamente enraizadas na cultura popular, as crenças em seres que habitam as matas orientam a vida de muitas pessoas que residem em sítios e fazendas, onde os sinais são interpretados sob perspectiva mítica. O poema, em tom prosaico, percorre o fim da tarde e o início da noite, quando a ausência da luz favorece a aparição de seres como o saci (malícia e travessura), coruja (mau agouro), o acauã (ave cujo canto é prenúncio de morte), a mula-sem-cabeça (mulher transformada em mula por ter se relacionado com padre), o curupira (guardião da mata), o negrinho d'água (guardião das águas) e o urutau (ave que simboliza luto e saudade), além da “índia Tapuia”, que surge como protesto pelos antepassados mortos. O cenário revela uma relação de temor e respeito, convertendo-se em saber herdado dos antepassados da eu lírica. Se na cidade essas crenças são frequentemente ridicularizadas, no sertão são entendidas como forma de conhecimento popular, pois fazem parte da cosmovisão sertaneja e revelam um modo especial de interação entre humanos e outros seres.

No excerto de romance a seguir – publicado no século 21, mas ambientado no início do 20 –, o narrador retoma, pela memória, um sentimento de integração com a natureza, sugerindo que essa conciliação talvez só seja possível no retorno ao passado .

Na madrugada daquele dia, o terceiro outono de 1927, aves migratórias do hemisfério norte chegavam ao Pantanal, o exuberante Mar de Água Doce. E não estavam sozinhas. A poeira na tortuosa estrada indicava, ademais, a minha aproximação. Levava comigo o cheiro da relva amanhecida. Ao longe, até dava para se ouvir o barulho abafado de Arkanun que marchava e espantava o panapaná à beira do caminho. Ele soprava pelas ventas pedindo passagem para as borboletas que interditavam a estrada. O vulto no meio do pó, que subia levado pela brisa calorenta, encobria a trilha na rota boiadeira. O cheiro de estrume do gado, trazido pelo vento, agradava-me.

(Matos, Rui. *No mar de água doce*. 2ª ed. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021, p. 15 e 16)

Notamos que cavalo e cavaleiro parecem integrar-se à paisagem, um conhecendo os sentimentos do outro. O narrador, ao afirmar que o cheiro de estrume é agradável, também demonstra afinidade com o espaço e os seres que nele vivem.

Perspectiva diferente temos em Tereza Albues, em que o cheiro de estrume é desagradável e serve para acentuar uma cena que denuncia as condições de trabalho:

Em Cuiabá, fomos morar numa chácara à beira do rio, no bairro de Saladeiro, cujos donos, Caledônio e Honorata, contrataram papai pra trabalhar como leiteiro. O curral de vacas ficava ao lado de nossa casa, o odor de estrume não desgrudava do nariz da gente, mas pelo menos agora morávamos na cidade em casa de telha, assoalho de tijolos, privada no fundo do quintal. Papai continuava trabalhando duro, levantava-se às quatro horas da manhã, ordenhava as vacas, engarrafava o leite e saía com uma charrete, de casa em casa, pra fazer a entrega. [...] Ele não usava botas, só um chinelo de couro, os pés sempre atolados em bosta de vaca, vivia cheio de frieiras, os calcanhares lanhados, doíam quando precisava usar sapatos, o que raramente fazia.

(Albues, Teresa. *O berro do cordeiro em Nova York*. Cuiabá: Entrelinhas, 2019, p. 35)

O romance foi publicado pela primeira vez em 1995 e reeditado 24 anos depois, quando a autora já havia falecido. Baseia-se nas memórias da protagonista, já adulta e residente nos Estados Unidos, sobre as condições de vida de sua família e de seu pai, trabalhador rural em Mato Grosso.

Embora residente em Campo Grande (MS), convém registrar a produção de Humberto Espíndola, nascido quando Mato Grosso ainda era indiviso. Artista plástico reconhecido por retratar a relação entre humanos e gado zebuino, publicou recentemente, em Cuiabá, livro de poemas ilustrados por suas próprias telas. As expressões visuais sobre a atividade da pecuária receberam o acréscimo verbal que complementa sua visão sobre diversos aspectos ligados à milenar ligação entre o ser humano e o boi, como observamos no poema abaixo.

Cada vez mais
a história da pecuária nos abre os olhos
sobre a semelhança dos nossos destinos
Morte para uns, combustível para outros
Somos iguais

Humanos e bovinos
sofrem do mesmo mal
de touro viril a boi castrado

(Espíndola, Humberto. *Pintura e verso*. Cuiabá: Entrelinhas, 2017, p. 86)

Ao destacar um aspecto comum entre humanos e bovinos, o destino, o eu lírico denuncia uma existência voltada para a exploração da carne – seja a bovina, consumida como alimento-combustível para os humanos, seja a humana, submetida ao funcionamento do sistema econômico. Os versos finais encerram o poema de modo magistral, ao igualar os seres, tanto aqueles que compõem o quadro da virilidade – metaforicamente associado à seleção dos aptos a procriar e impulsionar os motores da história, como aqueles castrados, que simbolizam a sujeição e a domesticação para servir. A igualdade, no texto, não se vincula a uma visão de integração, mas a uma consciência crítica dos modos de viver.



Em 1984, Aline Figueiredo, importante crítica de arte em Mato Grosso, escreveu o livro *A propósito do boi*, em que faz uma profunda pesquisa sobre os primórdios da atividade pecuária, chegando aos nossos dias, entrelaçando aspectos históricos e políticos que permearam a relação entre humanos e bois.

Foi a bovinocultura que fixou o homem após a febre aurífera, possibilitou a ocupação do Pantanal – cerca de cem anos antes da Guerra do Paraguai – e promoveu seu repovoamento no pós-guerra. Com esse povoamento pioneiro, formou-se a primeira elite em ambos os estados. O manejo da bovinocultura no Pantanal não foi produto de sanha aventureira, nem de culturas transitórias, tais como o ouro, as usinas de açúcar ou a borracha, em Mato Grosso, ou a erva-mate, em Mato Grosso do Sul. A geografia ensimesmada do Pantanal escorraçou o imediatismo e obrigou o homem pantaneiro a observar a natureza.

(Figueiredo, Aline. *A propósito do boi*. Cuiabá: Ed. UFMT, 1984, p.184)

Sob o enfoque da ocupação da terra e da lógica da dominação, Pedro Casaldáliga, bispo nascido na Espanha e radicado na região do Araguaia, em Mato Grosso, sustenta que as ações humanas correspondem ao pertencimento a determinada classe social. Nesse contexto, uma voz lírica se sobressai para representar as demais – justamente aquelas submetidas a um processo de alienação, isto é, os sujeitos destituídos de autonomia.

Recado a Gonçalves Dias

Tua terra tem palmeiras
- babaçu para exportar... –
Só não tem, Gonçalves Dias,
muito fácil sabiá.
Retirantes, como o povo,
cantarão noutro lugar?
[...]

Tua terra tem palmeiras
onde conta a Oleobrás,
onde conta a Empresobrás,
onde conta a Multibrás...

(Casaldáliga, Pedro. *Versos Adversos*: Antologia. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006, p. 77)

Nesse poema paródia, os retirantes, comparados aos sabiás, estão indefesos diante dos interesses do grande capital. A terra deste tempo (o do poema) não é a mesma àquela celebrada por Gonçalves Dias, marcada pela beleza e pela exuberância. O texto constitui-se, então, como um “recado”, ao dar conta das transformações por que passou o território brasileiro desde a data da criação de “Canção do Exílio”. A diferença entre os dois momentos históricos fica evidente nas oposições metafóricas entre palmeira/sabiá (no poema de Gonçalves Dias) e Oleobrás, Empresobrás, Multibrás, cuja rima com sabiá intensifica o tom irônico do texto. A natureza, nesse caso, passa a ser concebida como espaço de exploração: quem detém capital e tecnologia passa a dominá-la, expulsando outros seres, inclusive humanos, e produzindo conflitos, como já foi discutido no capítulo 5 deste livro.

Também Luiz Renato Souza Pinto, no romance *Matrinchã do Teles Pires* (1988), ambientado na década de 1970, aborda a atuação do grande capital na invasão e na devastação dos espaços naturais. No trecho que selecionamos, uma personagem tenta conter sua comoção diante do desmatamento, mas é traída pelas emoções reveladas por um narrador onisciente.

Olhando para as pilhas de madeira procurou não demonstrar espanto. Eram milhares de metros cúbicos de mogno, ipê, cerejeira, cedro e outros mais. Um cheirinho gostoso de canela pairava no ar. Via sua mãe, num lugar distante da memória, com um pauzinho, triturando uma casca para colocar no arroz doce; sobremesa domingueira. Sabia que existiam mais de mil espécies de caneleiras pelo mundo, e que a árvore dava boa madeira.

O ipê, árvore nacional por excelência, estava ali, morto, aos milhares, como soldado derrotado, deixando de brotar as lindas flores da entrada do verão

para dar lugar a ripinhas que virariam móveis. Como as lenhosas tábuas de cerejeira, pesadas, que dividiam espaço com o avermelhado dos mognos, cadáveres centenários.

(Pinto, Luiz Renato Souza. *Matrinchã do Teles Pires*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2019, p. 34)

O narrador traz à tona os sentimentos contidos da personagem, seja a memória da infância, seja o espanto diante do desmatamento. A escolha lexical não deixa dúvidas quanto aos sentimentos revelados: as palavras “morto” e “cadáveres” pertencem ao campo semântico da morte; a palavra “ripinhas”, no diminutivo, adquire tom pejorativo e contrasta com as “lindas flores” que já não existirão. A personagem assiste a tudo resignadamente.

Nesse exemplo e no anterior, percebe-se, tanto na voz do eu lírico – que expressa a realidade dos humanos, das árvores e dos sabiás exilados do seu espaço pela invasão do grande capital – quanto na do narrador – que expõe o lamento da personagem diante do desmatamento –, uma sensação de impotência dos sujeitos diante da realidade. Se esses sujeitos pertencem a uma classe subalterna e sem poderes, o que configura uma identidade moldada pelo tecido social, por outro lado, eu lírico e narrador, ao denunciarem essa condição, não podem ser considerados assujeitados, embora seu poder de dizer não se equipare ao poder de mandar ou de deter o capital. A ideia de espaço pode ser compreendida, para uns, como território para ser explorado e vencido; para outros, como lugar de aniquilação.

Ainda no contexto da ocupação de Mato Grosso, especialmente a partir da década de 1970, durante a derrubada das matas e a instalação das madeireiras, destacamos, do romance *Coração Madeira*, de Marli Walker, um episódio vivenciado pela protagonista que evidencia, na relação humana com outros seres, as dificuldades e os incômodos de uma moradia improvisada em meio à mata.

As baratas eram parte da colônia, como eram os ratos e toda espécie de pragas, peçonhas que se entranham em frestas, montanhas de árvores mortas empilhadas no pátio da serraria, restos de madeira e pó de

serra. Colônia é um aglomerado de casas iguais. As casas da colônia eram de madeira bruta, sem mata-juntas e sem forro. Quatro ou cinco fileiras com dez, doze casinhas em cada uma acomodavam, protegiam, reuniam todos em comunidade nos cafundós daquela gleba, naquele fim-início de mundo. No meio delas, o teto que abrigava o que tinha de seu e não tão seu, porque quase tudo era partilhado.

(As baratas também deviam ser), pensava enquanto matava mais uma ao entrar no banheiro colado à varanda.

(Walker, Marli. *Coração Madeira*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2020, p. 15)

No fragmento, aparecem animais que se proliferam rapidamente e são considerados nocivos por transmitirem doenças aos humanos, razão pela qual são eliminados. Esse aspecto demonstra que nem tudo é harmônico ou passível de romantização, especialmente num tempo em que a vida humana em meio à floresta, exceto para os povos indígenas habituados ao espaço, difere profundamente da experiência daqueles que vieram de contextos urbanizados.

Na perspectiva da denúncia ambiental, expressa pela poesia e motivada por ações humanas como a poluição das águas urbanas, destaca-se, em Ivens Scaff, um poema cujo título remete a uma oração pelos mortos, em registro solene e litúrgico.

Réquiem

Te vendo assim meu rio
costelas de fora
com desnutrição
meus olhos se enchem d'água
presenciando a destruição

Onde comerão frutinhas
teus lambaris
se se foi a mata das margens
balançando às aragens
escondendo bem-te-vis?

Por onde passarão
teus cardumes
se nem meus queixumes
te aumentam a vazão

Rio verde-negro
que cantava a barcarola
já não espera a autora
rebojando ao luar

Desbarrancas
assoreias teu leito
e eu fico sem jeito
de mesmo te olhar
não gosto de te ver
feito assim
É triste pra mim

Dói mais rio meu
entre os culpados
estou eu

(Scaff, Ivens Cuiabano. *Kyvaverá*. Cuiabá: Entrelinhas, 2011, p. 51)

No poema, a relação configura-se como uma locução unilateral. Embora o rio tenha sido personificado (“costelas de fora”), É o eu lírico quem, em um tom de lamento e pungência, expressa sua dor diante da destruição do rio - habitat de peixes e outros seres - e, ao final, assume, juntamente com outros humanos, a culpa pelo assoreamento.

No ápice de uma previsão trágica sobre o futuro, Antonio Carlos Lima expõe os efeitos dramáticos da relação do ser humano com outros seres da natureza.

Fim de era

Ainda há uma lagoa, mesmo rasa,
no ex-pantanal que voa sem asa,
sobre as sobras da humana burrice.

É tranquila, sem cerca, sem porta,
sem onça nem gado; natureza morta.
Nem mosca mais há na imundície.

Tanto quanto o espanto
ao ver o pantanal extinto,
vai longe a deserta planície.

As obras do bem e do mal
não vão pro céu nem pro fundo;
ficam no mundo, na superfície.

(Lima, Antonio Carlos. *A!pô!Cá!Ali!PsIU!* Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011, p. 53)

Inserido num estágio avançado de descuido com o ambiente, o eu lírico projeta sobre o Pantanal um cenário catastrófico. Embora ainda haja uma “lagoa rasa”, ela está totalmente morta, sem nenhum ser vivo – sequer moscas, que se adaptam bem a ambientes degradados –, configurando-se, enfim, como uma “deserta planície”. Na última estrofe, o tom dramático se intensifica: o resultado das ações humanas não passam incólumes, ficam visíveis.

Para não encerrarmos o capítulo nessa atmosfera apocalíptica, já que a regeneração também é uma possibilidade prevista na natureza e na poesia, encontramos, em Manoel de Barros, uma proposta de integração de todos os seres, sem a supremacia de nenhum sobre outro, o que se comprova pela ênfase em seres e objetos considerados desimportantes e inúteis sob a ótica material.

O cisco

(Tem vez que a natureza ataca o cisco para o bem.)
Principais elementos do cisco são: gravetos, areia,
cabelos, pregos, trapos, ramos secos, asas de mosca,
grampos, cuspe de aves, etc.
Há outros componentes do cisco, porém de menos
importância.
Depois de completo, o cisco se ajunta, com certa
humildade, em beiras de ralos, em raiz de parede,
ou, depois das enxurradas, em alguma depressão
de terreno.

Mesmo bem rejuntado o cisco produz volumes quase sempre modestos.

O cisco é infenso a fulgurâncias.

Depois de assentado em lugar próprio, o cisco produz material de construção para ninhos de passarinhos.

Ali os pássaros vão buscar raminhos secos, trapos, asas de mosca

Para a feitura de seus ninhos.

O cisco há de ser sempre aglomerado que se iguala a restos.

Que se iguala a restos a fim de obter a contemplação dos poetas.

Aliás, Lacan entregava aos poetas a tarefa de contemplação dos restos.

E Barthes completava: contemplar os restos é narcisismo.

Ai de nós!

Porque Narciso é a pátria dos poetas.

Um dia pode ser que o lírio nascido nos monturos empreste qualidade de beleza ao cisco.

Tudo pode ser.

Até sei de pessoas que propendem a cisco mais do que a seres humanos.

(Barros, Manoel de. *Tratado Geral das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 11)

Se o cisco é infenso a fulgurâncias e há pessoas que propendem mais a cisco do que a seres humanos, pode-se ler o humano sob duas perspectivas: a primeira, a de que estaria tão desvalorizado que se compararia ao cisco, hipótese que, à luz do conjunto da obra de Manoel de Barros, parece menos provável. A segunda, a de que se encontraria tão elevado justamente por ter se despojado de sua mania de grandeza e superioridade em relação aos outros seres, aprendendo a lição de humildade, sem fulgurâncias nem vaidades: um ser da natureza como outro qualquer.

No século 21, também convive a perspectiva da simples contemplação, como se vê nos dois poemas a seguir, os quais demonstram que o rio ainda vive e o Pantanal ainda não se extinguiu. O ato contemplativo, ou a captura de um instante poético, perfaz a filosofia de composição de haicais, poemas de três versos, mas sem a medida métrica tradicional herdada da tradição japonesa.

rio calmo, céu branco
o canoeiro, agora,
ancora no barranco

(Morais, Odair. *Poesia não acaba nunca*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2023, p. 30)

O rio, moradia de peixes e outros seres, também é um meio de vida para o canoeiro, que pode ser um pescador ou utilizar o rio como uma via para a locomoção.

Em outro terceto, o céu e as águas, com suas estrelas e seus peixes, se fundem diante do olhar do eu lírico: à primeira vista, contemplativo, como se um fosse espelho do outro; e numa segunda mirada, mais profunda, como a evocar um princípio mítico primordial em que Urano (céu) e Geia (Terra) ainda permaneciam unidos, antes da separação originária.

Céu do pantanal
lago invertido
peixestrelas

(Mattos, Aclýse. *quem muito olha a lua fica louco*. Cuiabá: oficina mínima, 2000, p. 13)

Por fim, apresentamos um poema de um autor indígena do povo Umutina que, diferentemente dos demais poetas analisados neste capítulo, vive uma experiência mais próxima de uma relação não hierarquizada com os demais seres. Ao mesmo tempo, conhece os modos de vida não indígenas e expressa o desejo de uma conjugação possível entre humanos e natureza.

Desejo

Quisera escrever um poema
Que falasse apenas de coisas simples e raras!
Na sua linguagem apareceriam verbos como:
Lagartear, borboletear e passarinhar
Demonstrando a verdadeira junção e conjugação
Entre homem-e-natureza.
No seu plano de fundo estaria o azul do céu do meio-dia
Riscado pelo voo da garça branca
Tal qual uma pintura abstrata que faz imaginar mil formas.
O seu cheiro seria de terra molhada pela chuva
E teria o frescor do orvalho da manhã.
Que tivesse cor de flor e sabor de fruta colhida no pé.
O som seria de mar ouvido na concha de caracol.
Meu poema teria mil sensações
Porque seria um poema vivo
Feito de palavras vivas
Como a vida!

(Corezomae, Marcio. In: Jesus, Naine Terena de (org.). *Tempos*: coletânea indígena. Cuiabá: Editora Sustentável, 2021, p. 49)

Pelos textos acima, observamos distintas maneiras pelas quais o ser humano se relaciona com os demais seres da natureza, o que engendra diferentes concepções de espaço. Ora ele se configura como território abundante em flora e fauna, inóspito e repleto de perigos, a exigir a coragem de homens desbravadores para que seja dominado; ora se apresenta como idílio, lugar de beleza e exuberância, propício à contemplação e à efusão lírica, servindo de pano de fundo para arroubos sentimentais. Nessas representações, o humano coloca-se como ser à parte, superior e distante dos demais. Em outros textos, o espaço já se encontra sob seu domínio: torna-se palco de conflitos que expõem interesses divergentes, oriundos das diferentes classes sociais, nos quais prevalece o poder econômico. Há ainda configurações em que a relação é mediada pelas crenças e religiosidades, convertendo o espaço em campo do sagrado. Quando projetado no futuro, ele assume feição ambígua: ora figura como cenário de destruição, no

qual a vida humana se tornaria inviável; ora como utopia conciliadora, em que os seres ocupam posições mais equânimes e a sustentabilidade se estabelece como parâmetro, diante da já manifesta escassez de flora e fauna. Por esse último viés, percebe-se que os textos literários expressam o desejo de integração, aspiração a uma convivência harmônica entre os seres, reatualizando, sob nova chave, a utopia do retorno ao “paraíso perdido”.

Com esta amostragem de textos literários, verificamos, ainda que de modo sucinto, que a literatura tem cumprido sua função de representar, em diferentes momentos históricos e por meio de múltiplas vozes, as variadas formas de relação entre humanos e demais seres da natureza no espaço denominado Mato Grosso. Tais relações se constroem no tecido cultural, onde as disputas de poder se mantêm dinâmicas e os níveis de consciência dos sujeitos representados variam, seja em contextos históricos distintos, seja em temporalidades simultâneas.

AMPLIANDO HORIZONTES

Filmes

Horizontem (2008), direção de Amauri Tangará e Tati Mendes.

Apresenta o cerrado de Chapada dos Guimarães – a Meca do Ecoturismo – invadido pela ambição de produzir cada vez mais, criando paisagens lunares onde habitam personagens esquecidos. Uma alegoria sobre o futuro iminente.

Doas Irmãs – A Marcha das Onças-Pintadas (2024), direção de Lawrence Wahba e Mike Bueno

O documentário acompanha a rotina das onças-pintadas Jaju e Mbar no Parque Estadual Encontro das Águas, situado entre Poconé e Barão Melgaço e reconhecido como o local com a maior concentração de onças do mundo. O longa-metragem explora o amor e a união dentro da família de onças, ao mesmo tempo em que revela sua luta pela sobrevivência em um ambiente desafiador, marcado por emocionantes confrontos com sucuris e jacarés.



Itinerário de Cicatrizes (2022), direção de Glória Albues, 2022.

Curta-metragem mato-grossense que aborda o impacto dos incêndios no Pantanal, mostrando as marcas na natureza e na vida das pessoas.

Livros

Onde pastam os minotauros de Joca Reiners Terron (Editora Todavia, 2023).

Romance ambientado num abatedouro no interior de Mato Grosso. Aborda a relação entre humanos e bovinos, e se apresenta de variadas formas: do rito sacrificial religioso à pecuária intensiva. Essa relação milenar, presente em várias culturas, permeia a história que envolve vingança religiosa, política e de classe, mas sobretudo de espécie. O abatedouro produz carne destinada a países muçulmanos. Nesse caso, os animais são abatidos em obediência às regras da religião, com as cabeças voltadas para Meca. Para além da miséria corriqueira, salários baixos, jornada exaustiva e realidade de matança constante de animais, os personagens ainda vivem a tensão de uma iminente demissão em massa. A tônica recai sobre a exploração, a fome, o desemprego, o negacionismo, o massacre e o desprezo pela vida de humanos precarizados e de animais.

Selvagem de Santiago Villela Marques (Carlini & Caniato, 2013).

Ao longo do livro, o eu lírico manifesta seu desconforto por fazer parte de uma civilização barbarizada. Perplexo diante das ilusões da pós-modernidade, tenta resistir pelo discurso poético, que evoca o sonho e o reencantamento mítico.

Literatura Infantojuvenil

Sabiapoca ou canção do exílio sem sair de casa de Aclyse Mattos, com ilustrações de Bárbara Portela (TantaTinta, 2018).

Livro de poemas (quadras) que conta a saga de um passarinho apaixonado para construir seu ninho contemporaneamente, num ambiente urbano, em que galhos de árvore e outros elementos naturais são escassos, por isso se sente exilado e saudoso da natureza onde vivia. Assim, Sabiapoca usa plástico, pregos, tampas. Quando nascem os filhotes, não encontram minhoca.





Vira e mexe, um pet de Divanize Carbonieri, com ilustrações de Vanessa Prezoto (TantaTinta, 2021).

Livro de poemas em que o eu lírico, como se a sobrevoar feito drone, mostra o cotidiano de uma vila em que as pessoas adotam gatos, os quais são vistos dentro das casas, nos gramados, caçando, alimentando-se ou brincando. A linguagem poética realça os nomes dos bichos e a relação afetuosa entre eles e os humanos.

A mamãe das cavernas e a mamãe loba de Ivens Cuiabano Scaff, com ilustrações de Marcelo Velasco (Entrelinhas, 2013).

O livro investiga como iniciou a amizade entre os humanos e os cachorros. Para isso, volta ao tempo das cavernas e conta como começou a amizade entre a mamãe das cavernas, espécie de tataravó dos humanos, e a mamãe loba, espécie de tataravó dos cachorros. A aventura destaca o medo dos perigos, a luta pela sobrevivência e o amor das mães pelos filhotes.

O clã da cutia e suas traquinagens de Alexandre Rolim, com ilustrações de Jonathan Queiroz (TantaTinta, 2025).

A obra envolve animais e suas aventuras, propondo uma reflexão acerca da interconexão de todas as formas de vida e a necessidade de preservação do meio ambiente. A cutia, símbolo de astúcia e adaptabilidade, se torna a protagonista que, com um espírito comunitário, une outros animais para enfrentar os desafios impostos pelo avanço humano. Um chamado à ação, uma celebração da amizade e da sabedoria da natureza.

O jardim da minha mãe de Cristina Silva, com ilustrações de Augusto Figliaggi (Entrelinhas, 2025).

A obra dialoga com o universo das flores, árvores e animais, e traz uma abordagem que contribui para reafirmar a importância da relação das crianças com seres da natureza.



Teatro

Águas

Espectáculo baseado nas obras do poeta Silva Freire e do diretor Flávio Ferreira. A montagem, realizada pelo grupo Cena Onze, não se prende à figura humana no Pantanal; seus personagens são os “seres aquáticos” – animais, plantas, terra, água e demais elementos que compõem aquele ecossistema. A narrativa se desenvolve a partir do texto bíblico do *Gênesis*, começando pelo primeiro dia, quando são criados a terra e o céu, representados pelo amanhecer no Pantanal. As cenas seguintes representam os demais dias da criação, até o sétimo, momento que marca o fim do espetáculo: o alvorecer em que os “seres aquáticos” se encontram com as águas pantaneiras, simbolizando o merecido descanso.

Artes plásticas

Gervane de Paula nasceu em Cuiabá e pinta os biomas do cerrado, pantanal e Amazônia sob uma perspectiva crítica da inserção do ser humano nesses espaços, com o uso de diferentes linguagens. Algumas de suas obras podem ser vistas no site: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/2856-gervane-de-paula>

Miguel Penha é descendente de indígenas. Considera-se um artista contemporâneo autodidata. Dedicar-se à pintura, sempre tendo como tema as matas e cerrado brasileiro. Algumas de suas obras podem ser vistas neste endereço virtual: <https://mapa.pacodasartes.org.br/page.php?name=artistas&op=detalhe&id=9b5dbd9f-587b-43f1-ae20-9e0a9cfa541f>

Curiosidades

- A área total do estado de Mato Grosso é de 903.357 km², sendo o terceiro maior estado do Brasil, com três biomas. Fazendo a conversão para hectares, são mais de 90 milhões de hectares. Desses, 58 milhões são de áreas preservadas, incluindo-se áreas indígenas demarcadas, áreas de preservação permanente e áreas de propriedades privadas destinadas à preservação da vegetação nativa.





- Os biomas que compõem o território mato-grossense são o Cerrado, a Amazônia e o Pantanal. Isso faz de Mato Grosso um espaço de imensa variedade de seres vivos habitantes dos rios, morros, chapadas, lagos, cerrados e florestas.
- Há no estado três grandes parques de preservação: o Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, o Parque Nacional do Pantanal Mato-Grossense e o Parque Nacional do Juruena, que juntos abrangem mais de 3 milhões de hectares. Além desses, existem 19 parques estaduais, alguns localizados em áreas urbanas, e um deles destaca-se por possuir águas termais.
- No ano de 2020 houve uma grande queimada no pantanal mato-grossense, atingindo mais de 4 milhões de hectares, o que significou uma grande destruição dos seres vivos que habitavam aquele bioma.
- As queimadas sem autorização ou em desacordo com a legislação passaram a ser consideradas crime ambiental no Brasil (e, consequentemente, em Mato Grosso) com a promulgação da Lei Federal nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, conhecida como a Lei de Crimes Ambientais.
- Mato Grosso possui cerca de 20 grandes rios banhando seu território, dentre os quais o Paraguai, que, juntamente com outros, desemboca na bacia do Prata. Outros rios se juntam para formar dois dos maiores afluentes do rio Amazonas: o Xingu, afluente direto, e o Juruena, afluente indireto, que desemboca no Teles Pires, o qual, por sua vez, deságua no rio Tapajós, afluente direto do Amazonas.





CAPÍTULO 9



A LITERATURA E AS QUESTÕES EXISTENCIAIS

A literatura, como expressão das vivências humanas, sempre abordou e abordará questões gerais e particulares, individuais e coletivas. Neste capítulo, selecionamos textos que se debruçam sobre a existência humana e que, embora tenham sido produzidos em Mato Grosso, dizem respeito ao ser-estar no mundo, podendo ser lidos em qualquer canto do planeta.

Questões como o propósito da vida, a incerteza, a morte, a solidão, o medo, a liberdade, as relações com a tecnologia, entre outras, são o fulcro dos inquéritos existenciais nos textos que veremos a seguir. Quando examinamos a tradição literária ocidental, desde os mitos produzidos em contextos históricos remotos, passando pelas tragédias gregas, pela literatura clássica e moderna, até as produções contemporâneas, constatamos que a escrita cumpre a tarefa de expressar a gama de sentimentos que povoam a alma humana ao longo do tempo, com o potencial de engajar os leitores em um diálogo reflexivo sobre si mesmos e o mundo que os cerca.

É importante não confundir esse tema com a corrente filosófica denominada *Existencialismo*, embora sob muitos aspectos possam ser coincidentes. A razão pela qual não se pode tratá-los de modo equivalente é que as reflexões sobre a condição humana são atemporais, enquanto o existencialismo surgiu com muita força no século 20, especialmente motivado pelos efeitos das duas grandes guerras mundiais. Essa corrente, ao colocar o ser humano no centro do debate filosófico, explorou temas como a liberdade, a responsabilidade e a angústia diante da existência.

Nas seções a seguir, temos uma amostragem de como a existência e seus dilemas foram abordados ao longo dos últimos séculos pela literatura produzida em Mato Grosso. O tema foi ganhando relevo a partir do século 20 e se intensificou nas produções contemporâneas.

Séculos 17 e 18: abrindo trilhas

Do período colonial, nossa pesquisa, até o presente momento, não identificou textos capazes de revelar quais questões existenciais ocupavam o pensamento e a reflexão das pessoas que habitavam este espaço, então considerado um vasto sertão do Brasil. Cabe-nos questionar as possíveis razões para essa ausência: seria devido à escassa produção escrita, considerando que poucas pessoas eram alfabetizadas na época? Caso textos tenham sido produzidos, teriam se perdido ao longo do tempo? Ou talvez as questões existenciais não integrassem a vida cotidiana daquelas pessoas?

Nossa hipótese é que, durante o processo de colonização – marcado pelas expedições das bandeiras, pelos obstáculos à navegação nos rios e à entrada nas matas, pelos conflitos com as populações originárias e pela escassez de infraestrutura – reflexões existenciais provavelmente estavam presentes, embora não tivessem a mesma urgência das questões ligadas à sobrevivência. Essa interpretação encontra reforço no texto de Virgílio Corrêa Filho, publicado na primeira revista do Centro Mato-Grossense de Letras em 1922, conforme indicado no box ao lado.



“O povo audaz e forte que, rompendo os sertões bravios, iniciou a colonização de Mato Grosso, celebrizou-se mais pela impavidez tenaz com que afrontava os mil perigos e obstáculos opostos a sua marcha, do que pela cultura literária que lhe falecia. Paschoal Moreira Cabral, o fundador de Cuiabá, ‘paulista dos bons, homem chão, sem letras, pouco polido de agudo entendimento, sincero, caritativo por extremo’, espelhava nas qualidades e defeitos as características de sua raça.

A faina incessante da mineração, através das imprevistas dificuldades rompentas a cada momento, pelo assalto de índios vingativos ou ameaça de fome, causada pelas pragas na deficiente lavoura em terras virgens, ou abusivas extorsões do fisco insaciável, exigia dos novos colonos atividade muito diversa da que bafeja a eclosão de temperamentos literários ou artísticos.”

(Corrêa Filho, Virgílio. História Literária e Científica. In: *Revista do Centro Mato-Grossense de Letras*. Ano 1, nº 1, 1922, pág. 34)

Segundo os registros disponíveis, as produções desse período restringiam-se a documentos informativos, desenhos, relatos de viagem, ofícios entre o governo local e a Coroa Portuguesa, cartas e outros textos de caráter pragmático, conforme evidenciado em capítulos anteriores deste livro e no trecho a seguir, extraído da Carta do Senado da Câmara de Cuiabá ao Rei, dando notícias das minas e conhecimento da ordem régia que determinava a cobrança dos quintos junto à Casa de Fundição de São Paulo:

Lembramos a Vossa Majestade para as referidas mercês serem os paulistas descobridores de todas as minas deste domínio o que fizera a grande gasto de sua própria fazenda, perda de inumeráveis vidas, e com incessante trabalho, fomes e misérias padecendo-se ainda hoje muito por ser o caminho para estas minas em que se gasta quase meio ano / todo infestado de gentio, que nos tem morto em todas as monções bastante gente, além da muita que perece afogada, não estando menos sujeitos a essas invasões os habitantes destas mesmas minas por estarem situadas no coração dos seus reinos não se podendo alargar os moradores quatro léguas, que não deparem com eles por cuja causa não podem fazer descobrimentos em prejuízo da Real fazenda de Vossa Majestade e do proveito comum do povo.

Fonte: Acervo: NDIHR/UFMT - Documentos Ibéricos - AHU/ Documentos sobre a História de São Paulo - Mfcha 9 - Doc. 655. Disponível em:

<https://www.ihgmt.com.br/download.php?id=460>

A carta fora escrita em março de 1728 e o trecho destacado exemplifica a cobrança excessiva de extração de ouro feita pela Coroa Portuguesa, diante dos riscos e perigos que os mineradores enfrentavam.

Século 19: explorando percursos

A partir do século 19, esta pesquisa identificou textos que sobreviveram ao tempo e puderam ser consultados. Nesse período, surgiu a primeira prensa em Mato Grosso, o que facilitou a criação de jornais e revistas, por meio dos quais circulavam diversas produções literárias. José Milton Rocha relata que o primeiro jornal genuinamente mato-grossense nasceu em Cuiabá e se chamou Themis Mato-Grossense, lançado em 14 de agosto de 1839.”

Dos textos coletados desse período, destacam-se como preponderantes as questões de angústia existencial e o lirismo amoroso. Amores não correspondidos, decepções, paixões, sofrimentos e revezes do destino constituíam os eixos centrais que orientavam a criação literária.

Em 2020 Antonio Ernani Pedrosa Calhau lançou o livro *O elo perdido*, com a descoberta de Joaquim José Rodrigues Calhau havia publicado o primeiro livro de poesia em 1891, denominado *Arpejos Poéticos*, no qual reuniu textos de 1877 a 1884, divulgados anteriormente em jornais de Cuiabá. Desse livro, extraímos:

Soneto

Trago a trago sorver do absinto o fel!
Sentir d'alma fugir todo o vigor
É entre as ânsias de um viver de horror
de mil mortes sofrer a mais cruel!

Como da sorte punge-me o rigor!
Como o fado persegue-me revel!
E as infernais fúrias em tropel
de um destino fatal e opressor!
Oh! É existência ungida no martírio,
é ver-me no tormento definhar,
nas vascas aflitivas do delírio!

É sentir no peito as fibras m-estalar,
É ver aceso d-agonia o círio,
é viver, é morrer, sem acabar!

(Calhau, J. J. R. Soneto. In: Calhau, A. E. P. *O elo perdido*: o primeiro livro de poesias de Mato Grosso. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2020, p. 87)

Ao estilo ultrarromântico, marcado pela intensidade sentimental, o sujeito lírico apresenta-se atormentado por um viver de amarguras que minam o vigor de sua alma. A existência é descrita como uma agonia contínua, um estado fadado à dor e ao sofrimento. O poema não explicita a causa dessas amarguras e tristezas, limitando-se a retratar a vida em si como um tormento.

De Antonio Claudio Soído (nascido em 1822 e falecido em 1889), destacamos o poema transcrito a seguir, escrito à carvão, conforme o eu lírico explicita, não se sabe se por escassez de recursos ou por opção do poeta, ou ainda, como invenção, e oferecido à noiva Maria Justina da Gama.

Milagre

Quando, senhora, vos envio ou dou-vos
tão escuro presente,

Que ideia tive eu, que pensamento
me atravessou a mente?

Do vegetal combusto oferecer-vos
pulverulenta quarta!...

Mas deixai-me falar e, após, senhora,
ride até ficar farta.

Da água do mar, enjoativa, amarga,
extraí o sol a chuva tão querida;
em seu laboratório a terra muda
o vil adubo em condição de vida!

A arte humana, sombra da divina,
também transforma escórias num tesouro,
e vós, que a possuíis em alta escala,
podeis mudar esse carvão em ouro.

(Soído, Antonio. Milagre. In: Mendonça, Rubens. *História da Literatura Mato-Grossense*. 2ª edição. Cáceres: Ed. da Unemat, 2015, p. 33-34)

A questão existencial sobre a qual se debruça o eu lírico é sentimento amoroso dirigido a uma mulher. O eu lírico compara, com a licença poética que nem sempre respeita as leis da física, o trabalho laborioso do sol, ao evaporar a água do mar e transformá-la em chuva, e da terra, ao decompor matéria em adubo, ao da arte humana atribuída à amada. Deseja que ela transforme o carvão em ouro, sugerindo as propriedades alquímicas do amor, conforme indicam os sentidos expressos no título do poema. Sabendo estar diante de uma situação não comum de escrita

e passível de riso, pede à amada que o ouça antes de rir, ou seja, que compreenda seu propósito.

De acordo com Marli Walker, a primeira escritora a publicar em Mato Grosso foi Elisa Alberto, cujos poemas foram veiculados no jornal *O Liberal* entre 1874 e 1875, quando Cuiabá ainda se chamava Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Os textos da autora constam apenas em dois números do jornal, e não foi possível obter informações adicionais sobre sua biografia.

Insensível

Agrada à flor o beijo
Do zephíro que passa,
Que embora em curto instante
De ansiado amor a enlaça.
Mas, tu desprezas rindo
A aspiração fagueira
O fervoroso voto
Da minha vida inteira!

A praia alva estremece
De gozo quando a vaga
Rápido culto rende
E logo após se apaga.

Mas, nem sequer te move
A adoração infinita
D'um peito que há de exangue
Por ti bater ainda!

O ferro, o próprio ferro,
Do íman atraído,
Só d'ele se desprende
À força do removido.

O ferro é mais sensível
Do que és... pois, se ao reclamo
Da lei do amor te esquivas!
Em vão! Em vão eu te amo!

(Alberto, Elisa. *O Liberal*, nº 174, Cuiabá, 11 jan. 1875, s/p)

O sujeito poético se ressentia da falta de sensibilidade da pessoa amada. Ao estabelecer comparações com outros elementos, demonstra que esses são mais sensíveis. A flor sente o beijo do vento (“zephyro”), a praia estremece ao toque da onda (“vaga”), o ferro (“elemento inanimado”) só se desprende à força, quando atraído pelo imã. Em contraste, a pessoa amada não valoriza o “voto fervoroso da vida inteira”, a “adoração infinita” do peito que bate por ela. Trata-se, portanto, de um poema lírico que faz uma denúncia da frieza da pessoa amada, mais um exemplo da temática da desilusão amorosa ou do amor não correspondido, frequente no período. Ressaltamos que, para essas mulheres, não havia muitas concessões; assim, a questão existencial mais proeminente era, sem dúvida, a relação amorosa, que definiria seu papel esperado na sociedade – o de esposa e mãe restrita ao lar – e condicionaria sua sobrevivência material.

Primeiros anos e meados do século 20: intensificando as rotas

Nas primeiras décadas do século 20, Mato Grosso já vivenciava uma efervescência cultural, marcada pela atuação do Centro Mato-Grossense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico e pela circulação de revistas e jornais, favorecida pela tecnologia da prensa, o que estimulava a criação de textos. Atualmente, esses registros podem ser consultados nas revistas dessas instituições. Começamos por um poema da segunda década do século 20:

Noite

Noite – sensações... Dor indefinida
qual se o céu em espasmos de agonia,
revestisse de crepe a alma dorida
a lamentar a viuvez do dia...

Imprecações de dúvida sentida
A vagar pelo espaço – melodia
de uma orquestra ideal, desconhecida
sinfonia de um bem que a alma extasia!...
Noite – Paz dos espíritos aflitos!...

e ninhos de orações – Sonhos benditos,
que os corações dos bons vêm povoar!,

Filha muda das trevas pelo espaço...
Derramando com arte e sem cansaço
um chuva de estrelas pelo ar!

(Cassiano, Franklin. Noite. *Revista do Centro Mato-Grossense de Letras*, ano 1, n. 1, jan. 1922, Cuiabá, p.33).

A atmosfera noturna é evocada pelo eu lírico como um momento em que dúvidas e agonias se intensificam. O sentimento de luto pelo fim do dia também reforça esse clima, acompanhado de sensações musicais relacionadas ao desconhecido. Nas duas últimas estrofes, a noite assume outro significado, o de um tempo propício a orações e ao descanso do espírito, encerrando-se como uma filha das trevas que “derrama um chuva de estrelas”.

Em outro poema, também publicado na revista do Centro, é o início do dia que provoca os devaneios espirituais.

Restauração

Ondulados pela brisa passageira
verdes ramos, flexíveis, mas discretos,
na luz mansa da aurora alvissareira,
embalam com doçura, os ninhos inquietos.

Pela amplidão imensa da clareira,
em ressonâncias, se diluem sons concretos!
Do sol nado, seguindo a leve esteira,
vão as aves e a revoada dos insetos...

Amanhece! Da sombra a se fazer esquiva,
envolta em tules de neblinas, desce,
o sopro caricioso dos perfumes... Cresce
No meu coração tumultuaria e viva,
restaurada à luz da minha fantasia,
a arquitetura dos castelos que eu fazia! ...

(Müller, Maria de Arruda. Restauração. *Revista do Centro Mato-Grossense de Letras*, ano 11, n. 21-22, 1932, p. 58)

O soneto de Maria Müller expõe um momento introspectivo da eu lírica, pautado pela transição da noite para o dia, no amanhecer. As imagens de sombra e neblina, típicas da estética simbolista, aludem a instantes de sonho e devaneio que, com o amanhecer, quando parecem despertar também os ramos das árvores, as aves e os insetos, são restaurados pela luz do dia, que faz florescer os sonhos concebidos pela poeta.

De 1937, apresentamos este soneto de Maria da Glória Novis, publicado na revista *A Violeta*².

Meu coração

Meu coração foi como um campo lindo.
Fresco, como as manhãs primaveris.
Onde, de cada passo iam surgindo
flores mui perfumosas e gentis.

Eu nesse tempo, não te conhecia
E não sabia, pois o que era amor.
Tinha a minha alma plena de alegria
Não supunha, sequer, que houvesse a dor.

Mas, eis que veio o tempo da queimada,
e o fogo, cruel e despiedoso,
destrói do campo a flora desmaiada.

Foi esse fogo a tua ingratidão
que não deixou nem do relval mimoso,
a bonina sequer, de uma ilusão.

(Nóvis, Maria da Glória *apud* Nadaf, Yasmin Jamil. A poética das escritoras mato-grossenses na primeira metade do século XX. *Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social*, n. 2, p. 221)

A comparação dos sentimentos com elementos da natureza é bastante perceptível nas produções daquela época. Esse predomínio da natureza decorre, por um lado, da estética romântica, ainda em voga, e, por outro,

2 O periódico intitulado *A Violeta* foi lançado em 1916, em Cuiabá, pelo Grêmio Literário Julia Lopes, e tornou-se uma das principais revistas femininas a circular no início do século 20 em todo o Brasil.

da ausência dos substratos da modernidade e da tecnologia que conhecemos hoje. Nesse soneto, observa-se a temática da desilusão amorosa, marcada por dois movimentos distintos: a inocência e o encantamento da alma, comparados a um campo de flores, e a decepção e o aniquilamento provocados pela dor, associados ao efeito das queimadas sobre a vegetação. De meados do século 20, destacamos três textos. Um soneto escrito por Antídia Coutinho, e os poemas em versos livres de Corsíndio Monteiro e de Rubens de Mendonça.

Recordando

Onze e dez. Lá fora o vento rodopia
num bailar sinistro que apavora!
Há um frio cortante lá por fora
enquanto vai rugindo a ventania.

Minhalma envolta em nostalgia
de saudade amargamente chora!
Arqueja o tufão pela arcania
Em tudo há tristeza lá por fora.

Também neste meu peito um tufão
soprou o frio da descrença
ferindo as fibras do meu coração...

Hoje, triste e só, sem fé, sem crença
recordo meu passado tão risonho
que fugiu nas brumas do meu sonho.

(Coutinho, Antídia. Recordando. *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*, ano 20, n. 39, 1952-1953, p. 182)

Os estados da alma são comparados ao aspecto sinistro da ventania, expressando o desencanto da eu lírica com o presente e uma saudade nostálgica do passado, triste por ser inalcançável.

De Corsíndio Monteiro, publicado na revista da Academia Mato-Grossense de Letras, à mesma época, destacamos:

Incontido desejo

Desejo da humilde liberdade
da liberdade de vagar pelas ruas,
sem horários e sem destino...
Liberdade de ser pobre
e de ser triste.
Liberdade de amar,
liberdade de ficar em silêncio
e de padecer minhas dores...

Ah! Ainda o incontido desejo de ser isento,
de ser eu mesmo:
tranquilo, plácido, vago,
tênue e ausente...
na doce serenidade do desencanto.

(Monteiro, Corsíndio. Incontido desejo. *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*, ano 20, n. 39, 1952-1953, p. 94)

Um dos fortes sentimentos vinculados às reflexões existenciais é o desejo de liberdade, uma liberdade pessoal em contraposição a tudo o que, na vida social, possa ser traduzido em convenções e dogmas. O aspecto formal do poema, em versos livres, corrobora com esse desejo de ser livre, de poder ser autêntico, de viver sem máscaras.

Também destacamos o poema a seguir, de Rubens de Mendonça, que evidencia uma transição de estilo, com versos menos próximos das estéticas romântica e parnasiana e mais alinhados ao Modernismo.

Poema da minha humanidade

Eu tenho visto o mundo como é!
Sem sonho, nem ilusão...
Mundo real, humanamente mau.
Mundo de Ódio,
Mundo de Inveja,
Mundo safado!

A hora trágica soou...
Hora atômica...
Hora do Sputnik e do disco voador...
Mas o homem continua mau
e os homens salafrários...

Por mais que se queira endireitar o mundo
Ninguém consegue!

Jesus, Buda, Maomé, Conte, Allan Kardec,
Quiseram reformar o mundo,
Criar um mundo bom,
Mas foi debalde...

Somente São Francisco e Santo Antonio
compreenderam que era tolice falar aos homens...
O primeiro falou às aves...
O segundo falou aos peixes...
E as aves e os peixes os entenderam!

Por isso digo, repito e torno a repetir:
já sofri toda a humilhação,
já apanhei até na cara,
já me negaram até um pão!
Um homem veio – chamou-me irmão!

E eu disse um bruto de palavrão!...

(Mendonça, Rubens. *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*, Ano XXX, Tomo 56, 1963, p. 92)

O eu lírico mistura a reflexão existencial com a crítica social, mostrando uma perspectiva pessimista e realista diante da humanidade. Em suma, é um desabafo sobre a maldade humana. O poema faz uso de versos livres e introduz palavras de tom coloquial e ofensivo, como “safado”, “salafrário” e “bruto de palavrão”, recurso que começa a aparecer com maior frequência na poesia brasileira a partir do Modernismo. Também recorre à ironia para dizer que até Santo Antonio e São Francisco preferiram dirigir-se aos animais em vez dos humanos, por não serem compreendidos. Além disso, considera inúteis

os esforços de líderes espirituais de diferentes crenças religiosas. Há, por fim, a denúncia de que invenções como a bomba atômica e o satélite Sputnik representam experiências trágicas. O disco voador, elemento extraterrestre cuja existência não foi oficialmente comprovada, também se insere nesse registro de inquietação. O tom do eu poético é de tamanha desilusão que, nos versos finais, quando é chamado de irmão por outrem, responde de modo agressivo, refletindo sua profunda desconfiança na humanidade.

Anos finais do século 20 e primeiras décadas do 21: pavimentando os caminhos

Com referência às produções contemporâneas, alinhavamos os textos de acordo com o subtema introspectivo que se apresenta, e não pela ordem cronológica. Verificamos, ao longo do tempo, que os investimentos nas individualidades se intensificaram, refletindo-se também na produção literária. Além disso, o aumento do número de pessoas escolarizadas contribuiu para a ampliação do corpo de escritores, assim como para melhores condições de produção e circulação das obras.

Para que os leitores possam se situar no contexto dessas produções, assinalamos os principais acontecimentos do mundo no período e que, direta ou indiretamente, podem acentuar a sensibilidade artística: a queda do Muro de Berlim e conflitos militares; a intensificação do comércio internacional e os efeitos da globalização; a fragilidade do sistema financeiro global; os avanços e a popularização da internet; e a crescente escassez de recursos naturais.

Assim, nos textos a seguir, apresentamos um panorama que demonstra como as questões existenciais continuam a acompanhar escritoras e escritores em Mato Grosso. Iniciamos nossa análise pelo mundo interior da poesia e da prosa com este poema de Antonio Sodré:

O futuro
É um furo
além do muro

(Sodré, Antonio. *Empório literário*: versos diversos. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2005, p. 74)

O poema é minimalista e, se considerarmos o contexto temporal da sua produção, podemos fazer uma alusão indireta ao conhecido episódio da queda do muro de Berlim, em 1989, na Alemanha, que simbolizou o fim da guerra fria, uma tensão geopolítica e ideológica entre EUA e União Soviética. Esse acontecimento afetou sobremaneira as expressões artísticas no mundo todo.

No poema de Sodré, o eu lírico antevê um futuro que vai além dessa tensão, a qual aparentemente se dissolve com a queda da barreira, não apenas física, mas sobretudo simbólica. Em uma significação mais ampla, interpretamos que o futuro pode ser entendido como um “furo”, no sentido de ruptura da realidade e surgimento de um outro modo de vida, diferente do atual (considerando-se o tempo em que o poema foi escrito). No contexto jornalístico, a palavra “furo” também designa algo inédito, uma notícia ainda não anunciada, ou “fresca”. Assim, pode-se compreender que o eu lírico pressente a chegada de algo novo, além das barreiras que o próprio ser humano estabelece.

Da mesma forma, um poema de Carlos Gomes, escrito no ano da queda do Muro, parece fazer uma alusão indireta, se não a esse evento, a qualquer outro que sugira o amanhã como um “pão quente” recém-saído da noite (um período de ausência de luz), moldado por ideias e sonhos desejosos de vida e liberdade, ainda que ilusória.

Pão desperto

A noite já não significa
descanso obrigatório
as vozes, os rumores, as lâmpadas, os mostra-
dores refletem a estrela,
estrela – mente encandecida
embora o sol ausente
cabeças fervilham
impensadas ideias que,
lâminas, reluzem no lusco-fusco
argamassando o pão
e o sonho

e neste momento a noite
quase sempre antevéspera do crime
renasce com o brilho de ideias e decisões

e os que gostam de alargar a vida
dormindo menos
se regozijam com o (in)discutível olor
que transpassa a evocação da infância

esse cheiro de pão quente-vivo
surpreende
revive lembranças
amarga-doces andanças
e a vida continua contínua
no brilho do olhar

lampejos noctívagos
ardendo de vida e sonho
resgatam o solidário abraço da noite
que já é mais a
ausência do sol

há um pão quente argamassado
entre os dentes sedentos
em regozijo da vida

e, no interior da noite
um homem-homens
alimenta pássaros sonâmbulos
de construções visionárias
e, com seu pão desperto
antevê ilusões libertárias.

(Carvalho, Carlos Gomes de. *Hematopoemas*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, Ed. Amazônida: 1989, p. 27)

O poema inicia com uma acepção distinta de “noite”, não a do descanso, mas como período em que a mente (estrela) se encontra encandecida por pensamentos, inquietudes e planos. A metáfora do “pão”, usual para indicar o rendimento do trabalho, junto ao verbo “argamassar”

(do campo semântico da construção) e ao vocábulo “sonho”, sugere que os momentos insones são propícios a projetos e preocupações. Nesse sentido, o pão argamassado pode simbolizar um misto de processos mentais e emocionais como criação, memória, angústia, planejamento e esperança. Também pode simbolizar a própria produção poética, sempre vigilante das ações humanas e sempre disposta a restaurar os espaços de afeto e de resistência. Assim, o pão desperto e/ou o poema concretizado pode ser oferecido como alimento para as ânsias de liberdade. Esse poema se assemelha e, portanto, se filia à tradição da poesia reflexiva ou meditativa brasileira. Um dos nomes fortes dessa linhagem, Carlos Drummond de Andrade, também se valia de expoentes cotidianos como ponto de partida para o exercício do devaneio que, a despeito das adversidades da vida, antevia a criação literária como um espaço de preservação e/ou reconstituição do sonho.

Passando da noite ao amanhecer, trazemos um texto que fala do ato de acordar como um exercício do espírito, para além de um hábito biológico.

Modo velho de acordar

De repente
num modo velho de acordar
abro a úmida casca noturna.
Sou folha? Inseto? Passarinho ou gente?
Que dia é hoje? Que horas são?
Onde está o homem que dorme comigo?

No meio das suposições
minhas pálpebras amarfanhadas
são peso e desproporção,
minhas córneas não entendem.
Dói, na penumbra, o reajuste dos meus ossos.
Dói, a bexiga que tem rígido horário.
Dói o cotidiano no meu caminho.

(Persona, Lucinda Nogueira. *Ser cotidiano*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998, p. 45)

Uma cena cotidiana e rotineira, o ato de acordar, é o ponto de partida para um episódio reflexivo que motiva questionamentos à guisa das clássicas perguntas filosóficas: “o que sou, de onde venho, para onde vou?”. Ao acordar, sentindo-se confusa, a eu lírica questiona sua própria identidade e a ausência de quem estava ao seu lado. Os seres “folha, inseto e passarinho” aparecem lado a lado com “gente”, indicando não tanto uma diferença, mas o traço comum que os define como seres vivos. Lido de modo simbólico e não literal, trata-se de um despertar reflexivo acerca da existência, quando os olhos, assim como a bexiga e os ossos, ainda estão dormentes, fazendo uma alusão ao descompasso entre as ações do corpo e da mente. Em suma, a eu lírica, diante do acordar, sente um desconforto, como se a rotina do dia que começa fosse dolorosa.

Ainda sobre o ato de acordar – no sentido de despertar, perceber ou dar-se conta de algo, experiência universal – apresentamos a seguinte crônica:

A menina que nunca foi criança

Era uma vez uma menina que nunca havia sido criança e que todos os domingos sentia falta de si. Acordava de manhã com medo da vida, e pra que o teto não desabasse sobre seu peito e seus seios ainda infantis (embora nunca tivesse sido criança), saía correndo da cama como quisesse evitar uma catástrofe dentro de si mesma.

Ao acordar e pensar sobre o dia vasto pela frente, a menina já não sentia vontade de comer, nem dormir, nem fazer mais nada, a não ser escapar-se, fugir-se e desencontrar-se daquilo que parecia ser ela, mas que talvez não fosse. Nestes dias de poeira, chão engordurado e macarronada, a menina voltava a ser a criança que nunca havia sido, e tinha medo do mundo. Medo de apocalipses, pragas mitológicas, promessas não cumpridas, bicho-papão. E apesar de todos os seres estranhos morando dentro do armário do banheiro, o ser que a menina mais tinha medo morava dentro do espelho. Todos os domingos acordava e escovava os dentes tirando o cheiro de álcool e cigarro da noite passada, e conforme ia saindo o batom vermelho ainda impregnado de horas atrás, a mulher do espelho transformava-se lentamente na menina dos domingos, que salta da cama correndo de

medo, até culminar num entardecer onde a mulher transformava-se de tal maneira na criança que nunca fora, que era impossível dissociar estes dois seres tão ambíguos.

Assim, numa eclosão em decorrência de milhares de angústias, medos do futuro, insônias, sonhos não cumpridos, pessoas não encontradas e perguntas guardadas, a menina chorava um choro profundo vendo o sol baixar de tardezinha, fazendo o azul pálido se dissolver na imensidão negra da noite, causando-lhe uma falta de ar que espremia o peito. [...]

(Bonilha, Isabela Câmara. *As cobras da minha compota*. Cuiabá: Entrelinhas, 2024, p. 17)

A crônica de Isabela Bonilha, nesses parágrafos iniciais, apresenta-nos uma personagem que, ao olhar-se no espelho, sente saudade da criança que nunca fora ou não pôde ser. Há fortes indícios, pelo título, de uma infância difícil ou interrompida, possivelmente em decorrência de algum trauma, condições econômicas, falta de afeto ou perdas significativas. O gesto de se olhar no espelho, bastante recorrente na tradição literária ocidental, funciona como mote para o processo meditativo de uma mulher que se sente incompleta, pois uma fase de sua vida não foi vivida plenamente e talvez explique a condição de sua vida adulta, marcada por medos e lágrimas. As nuances crepusculares do céu e a escuridão da noite são simbólicas e reforçam a angústia existencial da personagem.

O cenário crepuscular da tarde, divisor dos limites entre a energia solar e dos afazeres cotidianos, e da introspecção na mente e no escuro da noite, também favorece os devaneios neste poema de Luciene Carvalho:

Ocupações

Só na tarde,
olho na janela a vida que passa.
Eu tão avessa ao cotidiano
Nem ir à cidade. Nem telefonemas.
Apenas pequenos episódios domésticos
a impedir a enxurrada de lembranças:
os gracejos do cão,
uma música há muito não ouvida,
um vendedor esforçado no portão.

Ocupações...
Substituições de menores riscos:
no quintal recolho frutas,
na varanda informações da tarde,
Ocupações...
Levezas de uma mente fugidia.
Mas quem buscar meus olhos em meio
à tarde,
talvez não mais se deixe enganar.
Pois tomará contato com abismos
que guardam turbulências, fogo e mar

(Carvalho, Luciene. *Teia*. Cuiabá: edição da autora, 2000, p. 61)

Há uma atmosfera de solidão e tentativas da eu lírica em dissipar as lembranças com ocupações rotineiras, das quais é avessa. A palavra “ocupações” aparece no título e é repetida no poema, demonstrando o esforço em buscar distrações para evitar o mergulho nas emoções. Os versos livres combinam com o tom de espontaneidade e de confissão. No final, a eu lírica percebe que um olhar para dentro não deixa dúvidas quanto à sua inquietude interna, comparada à intensidade de dois elementos da natureza difíceis de conter: o fogo e a água (“mar”). Esses elementos, antitéticos por suas propriedades, refletem, no poema, a oposição entre o cotidiano e o íntimo do ser.

A angústia existencial é um tema que perfaz a produção literária da maioria dos escritores em todo o mundo. Refletir sobre o saldo das experiências e sobre o que se poderia ter sido é uma atividade constante do espírito humano, como revela o poema a seguir:

O que sobre do homem
Caminha e se deita e dorme
todas as noites
a pensar no que poderia ter sido
e se perdeu nas dobras do tempo
em rumorejos de água cristalina.

(Barreto, Matheus Guménin. *A máquina de carregar nada*. Rio de Janeiro: 7letras, 2017, p. 33)

O poema, cujo título provavelmente emprega o vocábulo “homem” como sinônimo de humano, aborda uma importante questão existencial: a busca de sentido para a existência e a reflexão sobre o que se é e o que se poderia ter sido. Um misto de sensações pode permear o texto, como nostalgia, arrependimento por decisões ou escolhas, e surpresas do destino, entre outras. A passagem do tempo, expressa nos dois últimos versos, relaciona-se intimamente com o título, que remete às “sobras” (aquilo que resta das experiências vividas) apontando, no contexto do poema, mais para uma angústia sobre o que poderia ter sido do que uma satisfação pelo que foi.

O movimento de olhar para si, para dentro, ou de recolher o que há fora e refletir sobre isso, é um exercício lírico recorrente, como se observa neste poema:

Estou foragido
do lado de fora
e encontro aqui dentro
o meu agora
aqui
não tem hora
só tem momento
paro e sento
pra observar
de dentro
o que sinto
lá fora.

(Ribeiro, Caio Augusto. *Manifesto da Manifesta*. Cuiabá: Entrelinhas, 2018, s/p)

A sensação de estar foragido pode ser associada às demandas do tempo cronológico e do espaço social, em contraposição ao tempo de dentro, que não se mede e é responsável pela ação introspectiva de contemplar e avaliar as circunstâncias externas que afetam o sujeito poético.

As despedidas, a morte, o final de um ciclo são questões que afetam sobremaneira a experiência sensível humana, como vemos neste trecho do conto “Um bilhete para Leonardo Cohen”, de Larissa Campos. O ato

de pensar sobre o tema ganha destaque quando a personagem, em uma biblioteca, encontra no meio de um livro um bilhete com a frase: “Hey, that’s no way to say goodbye” (“Ei, isto não é jeito de dizer adeus”).

É tudo adeus. Martelava a frase na cabeça, enquanto o chiclete passeava pela boca. Não tinha mais o gosto original e, nem por isso, iria para o lixo. Mascava a goma e os pensamentos, sem querer livrar-se de nenhum deles. Ela sabia de suas insistências, dos martelos invisíveis e pontas de faca esmurradas sem dó e sem sangue. [...]

Recolheu caderno e canetas. Enquanto saía, o pensamento ainda martelava: é tudo adeus, pode reparar.

(Campos, Larissa. *Tempos íntimos*. São Paulo: Penalux, 2024, p. 129)

Muitas vezes, a angústia surge de fora para dentro, menos como um exercício subjetivo das emoções pessoais e mais como a percepção de que o ambiente externo impacta o íntimo do ser, como ocorre neste poema, que revela a preocupação com a desumanização provocada pela onipresença da tecnologia:

Inconsistências

Na cidade-arena
feito polvo-máquina
condicionando
seres sonâmbulos
multidões
nas grades
do não sentir
não pensar
não entender,

o pós-moderno
pavão eletrônico
planta
nas mentes

nas carnes
recados-sementes
tramas
tensões
roteiros
receitas delirantes
na montagem
de um anti-Eu
sob medida.

Nos artifícios
de práticas anunciadas
criam-se utopias
insólitas
promessas
de um paraíso perfeito
do vazio.

(Ribeiro, Marilza. *As aves e poetas ainda cantam*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2014, p. 40)

O poema expressa a inconsistência do universo virtual, em que as identidades podem ser falsificadas, as relações são artificiais, há risco de vício e alienação, além do controle sobre as subjetividades. As imagens da cidade como uma arena remetem a um espaço público de espetacularização e também de competição. A da máquina como um polvo, remete aos sentidos de aprisionamento e controle. Os navegantes virtuais vão sendo predicados como seres sonâmbulos, à guisa de zumbis, que perdem aos poucos suas faculdades humanas de pensar, sentir e entender. As mídias digitais são atraentes e coloridas, como pavões, seduzindo o público e semeando nas mentes desejos que moldam comportamentos com o objetivo de controle, chegando a formar um “antiEu”, ou seja, um indivíduo massificado. O ápice da desilusão com o mundo tecnológico é apresentado pela imagem do paraíso vazio, ou seja, de uma promessa frustrada.

Ainda sobre a percepção da presença da tecnologia no processo de massificação, apresentamos este poema de Santiago Vilela Marques, construído apenas por onomatopeias, ou seja, por figuras sonoras que imitam sons produzidos por máquinas ou pessoas.

Euterpe

Rrrriiiiiinnnzzz!
Trrrrrr!
Vvrrrrrr!
Zzzzuuummmmm!
Rrrrããã-scriiiinnch!
Scrrrééééékk!
Tuuuúúúúúinnnnnnnn!
Tuts-tuts-tuts-tuts!
Aê-aê-aê-aê!
Hou-hou-hou-hou!
U-hu-u-hu-u-hu-u!
Rá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá!
Tic-tac-tic-tac-tic-tac!
Triiiiiiiiiimmmmm!

Schhhh...

(Marques, Santiago Vilela. *A musa corrupta*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2018, p. 65)

O poema chama a atenção pelo uso de onomatopeias e pelo título, “*Euterpe*”, em referência a uma das nove musas da mitologia grega, filha de Zeus e Mnemósine. Euterpe é a musa da música e da poesia lírica. Evidentemente, a atualização da musa passa pelo procedimento irônico e crítico, uma vez que não representa sons melódicos, mas ruídos de máquinas (despertador ou celular vibrando, impressora, freada de carro, zumbido de motor, metralhadora ou batuque acelerado, relógio, telefone, etc.), de pessoas (o som representativo da risada do papai noel, de gritos de euforia e de refrão de alguma canção) e da música eletrônica. A imitação desses sons reforça a denúncia de que a antiga musa foi “corrompida” no mundo contemporâneo, como sugere o título da obra em que o poema se insere, culminando no som do silêncio, no último verso. Tal emudecimento pode indicar que a musa da música e do lirismo está ausente, ou fora silenciada pelos novos modos de vida humanos e pelos meios midiáticos da cultura de massa.

Com a intensidade das ações globalizantes, a tecnologia da informação via internet alterou profundamente a percepção sobre a diluição das fronteiras e sobre a perda de privacidade e liberdade, como vemos neste poema de Marta Cocco:

Privação

Não há privacidade.
As linhas cortam a terra
em todos os sentidos.
Não há horizontes
pra vislumbrar outros planos
e a nossa pequenez se acentua.
Os limites nos cercam
com seu pró e pré
conceitos inúteis.
Não há terra firme.
Nem água limpa.
Como estender a rede
e capturar o sonho?
O que há a fazer é deitar
na lembrança de ex camas.

(Cocco, Marta H. *Meios*. Cuiabá: Ed. autora, 2001, p. 26)

Se, nas primeiras décadas do século 20, muitos lugares do mundo vivenciavam euforia diante do avanço das tecnologias e otimismo proporcionado pela difusão da energia elétrica e do automóvel movido a combustível fóssil, em seus anos finais e já no século 21 a percepção mudou, como mostram diversos textos literários. Isso ocorre, por um lado, porque a tecnologia, integrada à rotina das pessoas, não exerce o mesmo impacto que teve para as gerações que dela careciam; por outro, porque o uso contínuo permite uma avaliação mais crítica de seus prós e contras. Nesse sentido, o poema destaca a falta de privacidade, a limitação do viver imposta pelos preconceitos e a escassez de recursos naturais saudáveis. Num tom pessimista, ou de reconhecimento de que não há como voltar atrás, o eu lírico sente-se impotente e questiona sob quais condições o sonho seria

possível, concluindo que, no fim, só resta lembrar do passado. A expressão “ex camas” pode referir-se a “deitar” em um tempo e lugar não monitorados ou, por coincidência sonora, remeter a “escamas”, aludindo a um período remoto da evolução das espécies, regido apenas pelas leis da natureza, sem qualquer vigilância.

Outro aspecto que suscita reflexões pela onipresença das tecnologias virtuais é o isolamento social das pessoas, como observamos neste microconto de Agnaldo Lima:

Mudos

Há tempos, não disputamos mais o controle remoto.

Infelizmente, temos nosso próprio aparelho. Cada um em sua poltrona tem um mundo para si.

(Lima, Agnaldo. *Vidas: 60 microcontos para viagem*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2020, p. 38)

A vida individualizada é um dos apelos da sociedade contemporânea, em que, quando há condição econômica, as pessoas dispõem de aparelhos e acomodações particulares, sem a disputa por canais ou sites, usufruindo de uma enorme variedade de escolhas pessoais e de cada vez menos interação coletiva.

Para as gerações mais jovens, a interação com a tecnologia provavelmente dará origem a textos que revelam outras formas de relação. Já para as gerações chamadas de imigrantes digitais, observa-se, além do que foi apresentado acima, uma nostalgia pelos tempos passados, como se vê nesta crônica de Icléia Rodrigues:

Acordei hoje me lembrando de alguma boa prosa que tinha com amigos num tempo em que ainda não havia ciberespaço e nem mesmo televisão. A gente se falava olhando nos olhos, sentia o perfume da barba feita dele ou dos cachos do cabelo dela. Poderia ver a boca tremendo pelo choro contido, a pupila dilatada pela mentira mal contada.

[...]

Em tempos pós modernos de redes sociais – Facebook, Twitter e Whatsapp, Skype e que tais – a realidade das conversas tem outras lógicas e princípios.

A proximidade é feita de tela com tela, essas lentes inventadas para os olhos buscarem o distante, o desejado, o proibido, o inconfessado.

[...]

(Lima, Icleia Rodrigues de. *Passado a limpo*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2018, p.95)

É perceptível, no texto, a distinção sensorial apontada pela narradora nas conversas e nos contatos, reforçando a saudade dos encontros pessoais em um tempo em que as tecnologias acentuam a imersão nas redes virtuais.

No poema a seguir, de Juliano Moreno, observamos amplos sentidos de uma viagem – exterior e interior – em que o eu lírico reflete sobre si mesmo e sobre os outros a bordo de um ônibus, mas como se estivesse em um submarino, dado o intenso ensimesmamento e o encapsulamento em si.

Esfera submarina

No ônibus cada passageiro
durante sua passagem,
age como se morasse
numa esfera submarina.

aquário ao avesso,
de secura
cheio.

Olha pra frente
por uma escotilha,
só vê sua própria
paisagem marítima.
Mesmo que
a um palmo de seu nariz
pelos cotovelos achatado,
se erga instalado
um outro
mergulhador perdido
nas profundezas de seu próprio
Pacífico.

(Moreno, Juliano. *Passageiro interior*. Cuiabá: Entrelinhas, 2019, p. 27)

Observamos que momentos como uma viagem de ônibus podem ser propícios a devaneios, revelando um aspecto paradoxal da vida humana: estar em um espaço coletivo, mas centrado na própria individualidade.

Sobre “Esfera Submarina”, Everton Barbosa comentou:

Há um certo tom de tristeza, pela percepção do eu lírico de que, durante sua passagem no “coletivo”, cena cotidiana, que poderia se constituir como oportunidade de conhecimento mútuo e de comunidade, o indivíduo restringe sua atenção apenas à sua própria esfera, sua bolha, sua cápsula. A tristeza se dá, também, por se ver que esse “mergulho em seu próprio Pacífico” não é uma viagem de autoconhecimento: os mergulhadores estão perdidos em suas profundezas, encapsulados em seu “aquário ao avesso cheio de secura”, mesmo que o outro esteja a um palmo do nariz. Dessa forma, o autor tece importantes reflexões a partir de uma situação banal da vida, enfatizando o individualismo como traço marcante da sociedade atual.

(Silva, R. R. da; Cocco, M. H. (org.). *Nossas vozes, nosso chão – vol. 4: antologia poética comentada*. Cáceres: Editora Unemat, 2025, p. 92)

No trecho a seguir, do conto “Estilhaços de alma ou pequenos pedaços do corpo”, de Paulo Sesar Pimentel, ambiente e introspecção são pessoais, uma vez que a memória de eventos traumáticos da infância prolonga o medo para o resto da vida.

Tenho sentido muito medo de dormir. Todas as noites, ao fechar os olhos, mergulho num buraco fundo, uma queda livre, com um vento forte, que não me chacoalha os cabelos, mas os arrepia. Temo tanto chegar ao fundo, temo tanto o impacto que sei inevitável. Ele não vem, o impacto, digo. Tantas outras coisas, contudo, me rodeiam a partir daí. Sinto medo, sinto frio. Todas as noites. [...]

(Pimentel, Paulo Sesar. *O cão sem penas*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2014, p. 79)

Angústias e medos são, invariavelmente, experiências individuais e comuns, de cujas reflexões são formuladas aproximações triviais ou mais complexas e amplas, como as que nos dirigem para uma situação cosmológica, por exemplo.

Um medo

Crescer é expandir, é explodir a estrela que éramos,
lançar-se pedaço por pedaço universo afora.
E passar em frente a um quasar amigo e
deixar um algo.

e crescer através de uma supernova e ficar supervelho.

Crescer é voltar no tempo enquanto se
anda pela frente.
Crescer é ter, crescer é viver.

Quanto mais vida, menos vida.

A vida nos enche de ar, enquanto nos
aproxima da morte.

Oxigênio.

A vida é crescer para fora do corpo, para
dentro da eternidade.

(Meloni, Rodrigo Maciel. *Onçomem*: um romance poetizado. Cuiabá: Ed. do autor, 2023, p. 54)

Vemos aí questões como nascimento, origem, crescimento e morte, entrelaçando nossa matéria com a matéria cósmica. A origem pela explosão (*big bang*) remete a tempos imemoriais e junta-se à ideia do lançamento no mundo, que é este planeta, a partir do parto materno. O crescimento envolve todas as relações que um indivíduo estabelece com outras pessoas, aprendendo e deixando marcas. Do campo semântico astronômico, o eu lírico explora eventos como explosões estelares, que podem funcionar

como metáforas para acontecimentos significativos na vida de uma pessoa, responsáveis pelo amadurecimento e pela experiência. Ao mesmo tempo em que se cresce no presente, recorre-se às memórias e projeta-se para o futuro, pois todos os tempos contribuem para a composição do ser. O verso “quanto mais vida, menos vida” nos faz lembrar de um famoso poema de Manuel Bandeira, “Canção do vento e da minha vida”, que aborda esse mesmo tema: quanto mais o tempo passa, mais cheia a vida fica de memórias. O destino de todo crescimento é a morte, a qual não se apresenta no poema como uma finitude, mas como o estágio em que o ser se reintegra ao cosmos e passa à eternidade. Assim, vida e morte não se resumem somente a uma experiência sensorial e biológica, mas também espiritual.

A perspectiva da integração cósmica também é explorada em “Eu noia”, de Eduardo Ferreira, porém em um tom ácido e materialista. As experiências de medo e angústia vital são despejadas em um monólogo contínuo, permeado de referências culturais e poéticas, mostrando um ser enclausurado num pequeno cômodo da casa, sem enfrentar o mundo lá fora, em uma espécie de surto psicológico em que as pressões da vida externa são traduzidas de forma fragmentada.

[...] acho que pirei de vez, sempre acho isso, sempre acabo caindo na real daí volto e vou e fico e durmo e acordo com os dias botando fogo em minhas solas dos pés que obrigam a correr sem parar na direção do fim cada vez mais próximo e descubro nessas idas e vindas nessas viagens que a ideia de apocalipse surgiu de uma necessidade individual do medo que sentimos do desconhecido de nossa pequenez de pregar a iluminação de nosso próprio vazio anular a morte anular o não-ser onde se inicia nova jornada na diluição do ser como forma de energia que alimenta a continuidade da vida quer dizer morremos para um deus cósmico cômico soderliano vendaválico continuar vivendo por atavismos então concluímos que deus é um grande vampiro [...]

(Ferreira, Eduardo. *Eu nóia*. 1ª ed. Cuiabá: aFábrika, 2006, p. 12)

Observamos que o narrador vislumbra a mente humana como criadora de eventos que escamoteiam o medo do desconhecido para se desviar da “verdade” que transforma a matéria, depois da morte, em energia canalizada para a divindade cósmica, como se fossemos alimento para a manutenção do universo.

Num curto poema de João Antonio Neto, um dos mais longevos escritores de Mato Grosso, temos uma perspectiva óbvia e pragmática, sem deixar de ser poética, sobre vida e morte:

Inevitavelmente

Inevitável é a morte:

a vida, não;

logo, a morte é a regra

e a vida é a exceção.

(Neto, João Antonio. *Silhuetas & (in)significâncias*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1989, p. 33)

À guisa de um silogismo aristotélico, o eu lírico parte de duas premissas, uma sobre a morte e outra sobre a vida, e conclui que a morte é certa, enquanto permanece sempre uma incógnita.

De forma sintética e aos moldes do pragmatismo, temos de Eduardo Mahon:

filhos meus

algum dia

vão dizer

que fui embora

que estou dormindo

que não existo mais

será mentira?

olhem no espelho

eis os meus olhos

a minha boca

os meus cabelos.

(Mahon, Eduardo. *Meia palavra vasta*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2014, s/p)

O poema, sem título, é dirigido aos filhos do eu lírico e remete às hipóteses sobre a morte que poderão ser formuladas, assim como à maneira pela qual o pai será lembrado pelos descendentes. Questiona-se a validade dessas hipóteses. Por meio do imperativo “olhem no espelho”, o poema afirma que cada ser segue com seu DNA nas gerações seguintes, como uma forma biológica de continuar existindo. Destaca-se, ainda, o espelho como símbolo da reflexão e do reconhecimento da identidade na relação com o Outro.

Outra forma de perpetuação muito frequente na literatura universal é a que atribui à escrita literária a possibilidade de continuação ou de imortalidade, como vemos neste poema de Isaac Ramos:

Epitáfio II

Quando eu morrer
que a poesia fique fora do esquife
ela (não) se (de) compõe
e deve ficar fora da forma
que assim seja meu epitáfio.

(Ramos, Isaac. *Álibi*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2022, p. 65)

Valendo-se da plurissignificação provocada pelas palavras entre parênteses, o eu lírico opõe a falência da matéria do ser vivo ao desejo de que a poesia (“se compõe”) continue (“não se decompõe”), vencendo, portanto, a morte, ficando fora do fechamento simbolizado pelo esquife. Em tom contraditório, o poema se intitula como uma forma (o epitáfio), mas eu lírico propõe que ele fique “fora da forma”, indicando que a poesia permanece, mas não é infensa aos movimentos e mudanças.

Ainda sobre os medos que permeiam a existência, temos o conto “Confinos”, que sugere uma solução inusitada:

Confinos

Meu grande problema é que eu tenho medo. Medo de um micróbio, medo de uma baleia ou de um tubarão; ou de um elefante; ou de um escorpião; mas principalmente: medo da polícia; medo dos médicos; medo da justiça, medo da escola, medo da Igreja, medo dos vizinhos, medo do Diabo, medo de Deus.

Na verdade, todos esses medos são comuns.

[...]

Sim. E o que você planeja, para vencer o seu medo, para se posicionar?

Ora, o que planejo?

Sim.

Planejo ir embora deste planeta.

Pois saiba, meu caro, que existe um projeto sério de habitação em outro ambiente estelar. Ou outros condomínios cósmicos. A terra, meu amigo, já está perdida. [...]

(Belem, Guamá de. *Confinos*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016, p. 64)

O autor inicia enumerando medos relacionados a seres da natureza – alguns de grande porte, outros potencialmente letais – e, em seguida, desloca essa enumeração para temores ligados ao convívio social e aos nossos sistemas culturais. A progressão culmina no medo de entidades espirituais, que transcendem o plano físico. O conto vai se desdobrando por meio do diálogo entre dois personagens, e o desfecho aponta como solução a fuga para outro lugar no cosmos, sob a alegação de que a Terra já estaria perdida. Tal perspectiva revela uma profunda descrença na humanidade e a perda de qualquer esperança, configurando uma reflexão existencial que se aproxima de um imaginário apocalíptico. Podemos ainda interpretar que o personagem tenha um conhecimento avançado sobre o futuro ou que o medo seja capaz de anular qualquer sonho ou esperança. Essa percepção de fragmentação, aliada a certa desconfiança na capacidade reparadora, comumente atribuída à poesia, é notável no poema a seguir:

Tenho visto o mundo que se esfacela
poetas e profetas
prendem na capela
os remendos de ascetas

Hoje nas minhas mãos quero lavar
o que foi ontem e meu olhar não soube alcançar
um sentimento de tudo planejado
espraiando às margens.

(Leite, Marília B.F. *Tremor essencial*. Cuiabá: Entrelinhas, 2020, p. 47)

O desencanto com o mundo também está presente nesta passagem. A fragmentação do ser já não pode ser solucionada nem por poetas ou profetas que, restritos a um espaço sacralizado – a capela, possivelmente metáfora do lugar ainda pouco frequentado ou lido da literatura –, só conseguem, em seus versos, anotar os remendos de uma vida isolada da realidade cotidiana, como se esta se convertesse em uma utopia inalcançável. Pelas mãos, o eu lírico pretende lavar/escrever aquilo que não percebera no passado e que, provavelmente pela maturidade, lhe chega agora como consciência de um destino já traçado, antes à margem das suas reflexões do ser e agora alçado à centralidade do seu pensamento.

Ainda nessa perspectiva da fragmentação, encontramos, em *Divanize Carbonieri*, uma reflexão lírica acerca do devir e sobre a dúvida quanto ao rumo da própria existência.

Rumo

piso em pedacinhos roxos
flores em forma de sinos
destroços menores
dos meus desatinos
desço a rua
rumino
penso comigo
pega a tua senda

toma o teu rumo
o teu caminho
suspense
interrompido
reencontrado
entremeado de púrpura

(Carbonieri, Divanize. *Entraves*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2017, p. 11)

O eu lírico, durante o caminhar, reflete (“rumino”) sobre a vida e sobre algum desatino percebido como “destroços”, percepção reforçada pela imagem de pedaços de flores no chão, em formato de sinos, índice de sonoridade que ecoa nos sons aliterantes e nas rimas toantes. Em diálogo consigo mesmo, parte de algo que foi interrompido e que não se explicita no texto. A cor púrpura acentua um estado reflexivo em que é preciso retomar a vida, apesar do luto e dos fragmentos.

Na perspectiva de retomar a vida, reconstruir-se após a fragmentação, apresentamos este poema de Marli Walker:

Fendas

Detive-me em restos esmagados
de um tempo possível que me desfez.

Minhas retinas fitaram o assombro
das canções fatigadas de ausência.

Alheia ao tempo que me perdeu
fio meus fragmentos bipartidos
em mosaico entreaberto
e cimento meu mar de estilhaços
aos destroços de um tempo
que ainda me quer imagem.

(Walker, Marli. *Águas de encantação*. Cáceres: Ed. da Unemat, 2009, s/p)

Inicialmente há a detenção do ato introspectivo num momento de sonhos desfeitos e de ausência. Depois, há um desvio desse tempo para que haja a costura, a reconstrução a partir dos estilhaços, para formar uma nova imagem. São dois movimentos, portanto, que configuram o ato poético: o do reconhecimento da fragmentação e da perda e o da iniciativa em reconstituir-se.

Ao par das divagações acerca da origem, dos dilemas existenciais e das válvulas de escape, Antonio Carlos Lima apresenta um poema que expõe, sem pudores, as causas dos medos e das tensões no mundo.

Ovos de dinossauro

Vamos dizer que
falamos de flores suspensas no ar;
que pousamos na serra
feito borboletas em metamorfose
seguindo o Planeta no seu rebolar.
Vamos dizer qu'isso tudo não foi
somente brincadeira de gente
que sente que o mundo é doente
e combate a doença
com fumo e aguardente.
Cururu, siriri, quebra-torto, yes,
Pink Floyd, em viagens astrais,
já pousaram na velha Chapada
seguindo a moçada pelos matagais.
Das estrelas, chegavam as forças
que tiram das rochas os mananciais.
Vamos dizer que falamos de flores
num jardim suspenso e, se o mundo
anda tenso e coberto de medos,
não contemos modos.
Contemos ódio, mísseis, venenos...
Não temos segredos.

(Lima, Antonio Carlos F. *Língua de fogo*. Cuiabá: edição do autor, s/d, p. 70)

O verso inicial, “vamos dizer”, convida o leitor a participar desse ato que articula o plano da realidade ao da brincadeira ou da imaginação, instaurando um clima de faz de conta. Comparando as pessoas a borboletas em metamorfose, ou seja, em estado de transformação, o eu lírico adverte para o fato de que não dá para brincar de sentir que o mundo está doente e refugiar-se em substâncias como fumo e álcool. A seguir, fusiona elementos da cultura regional e internacional tendo como cenário uma mística Chapada dos Guimarães, onde mananciais irrompem das rochas e intensificam uma atmosfera onírica que entra em tensão com realidades brutais. Ao reconhecer o mundo como um espaço atravessado por tensão e medo, afirma a necessidade de assumir a responsabilidade de falar sobre elementos que aludem a guerras, conflitos e à intoxicação dos seres vivos – uma realidade nada secreta, exposta diante de todos e que exige atenção e denúncia. O título, “Ovos de dinossauro”, pode ser lido como uma referência simbólica a tempos remotos, mas também como a sugestão de uma possível regeneração.

Também faz parte das inquiuições íntimas a pesquisa sobre o que nos constitui, como no poema de Helena Werneck:

Essência

Somos um amontoado de coisas velhas e usadas
Risos que ecoam pra sempre
Lágrimas que banham os rios do mundo
Histórias antigas
Medos coerentes e outros nem tão coerentes assim
E no fim uma camada tênue do que realmente somos
Pó
Pó de pirlimpimpim.

(Werneck, Helena. *Revista Pixé*, 2019. Disponível em:
<https://www.revistapixe.com.br/copia-odair-de-morais>)

A eu lírica começa reconhecendo que somos, no âmbito coletivo, além da matéria física, também compostos de memórias, histórias e experiências não iguais, mas comuns, de dores e alegrias que marcam, tudo parecendo muito importante. Em seguida, acrescenta a imagem do pó, atualizando uma sentença do *Gênesis* bíblico (“Do pó vieste e ao pó retornarás”), que nos lembra

a origem e nos adverte quanto à fragilidade e à finitude da matéria. Depois, esse pó é adjetivado e se converte em algo mágico, remetendo à capacidade de transformação e criação, o que encerra o poema em tom esperançoso.

Esta foi uma breve amostragem de textos que reunimos para demonstrar que a literatura em Mato Grosso, ao longo do tempo, com menor ou maior intensidade, tem sido um meio de expressão das inquietudes e reflexões humanas, ao lado de assuntos que dialogam mais diretamente com nosso espaço e cultura. Essas questões, presentes nos textos literários, são fundamentais para refletir sobre o significado da vida, seja na esfera individual, seja na coletiva, pois evidenciam que é inerente à condição humana interpelar o mundo que nos rodeia.

AMPLIANDO HORIZONTES

Livros

Deus de Caim de Ricardo Guilherme Dicke (Letra Selvagem, 2010).

O romance se desenrola em um espaço fictício chamado Pasmoso e em Cuiabá, e narra a história dos irmãos Jonatas e Lázaro, que se apaixonam pela mesma mulher, Minira. À semelhança da rivalidade mítica entre Caim e Abel, a trama expõe conflitos de ordem moral, religiosa e política no Mato Grosso e adquire maior densidade ao problematizar pares contrastantes como civilização e barbárie, campo e cidade, descrença e utopia, desenvolvimento e atraso.

O legado de nossa miséria de Felipe Holloway (Record, 2019).

Obra metalinguística que reflete sobre o fazer literário e sobre as pessoas envolvidas neste processo, *O legado de nossa miséria* conta a história de um professor e crítico literário convidado a participar de um simpósio de jornalismo cultural na fictícia cidade de Amará, no interior de Minas Gerais. Sem poder assistir à última mesa do evento - justamente a que mais lhe interessava -, o crítico segue, contrariado, para o bar do hotel, onde, sem perceber, se senta junto ao balcão ao lado do escritor que tanto admira.

Este puxa conversa, e os dois se envolvem num longo diálogo madrugada adentro em que muitas das certezas que o crítico tinha até ali - incluindo a casualidade daquele encontro - acabam por ser colocadas sob suspeita. O crítico aprende mais sobre o processo de criação de obras que ele sempre apreciou, e passa a entender a si mesmo e sua relação com a arte, e como esta última pode ser empregada com fins imorais. Entre as temáticas abordadas durante este longo diálogo, estão o embate entre ética e estética na produção literária, e se a literatura precisa se engajar ou ser anônima. Somos apresentados a um amálgama entre autonomia literária e a questão ética que permeia todo o processo.

Contos Estranhos de Eduardo Mahon. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2017) Coletânea de contos em português e inglês que privilegiam questões como a vida cerceada pelo cotidiano hostil e quase sempre irrevogável. Os acontecimentos são elevados ao estranhamento, muitas vezes ao absurdo, com uso de expedientes do campo do fantástico, expandindo-se em desconforto (passageiro). Da surpresa ao desconforto, a experiência estética reintegra o cotidiano, fazendo dele a singularização do traço humano para deflagrar o impossível pelo desengano, pelo esquecimento, pelo não reconhecimento, pela velhice.



Literatura Infantojuvenil

Tempo passarinho de Daniela Monteiro (Entrelinhas, 2024). O livro mostra, em linguagem poética, o modo de um menino compreender a passagem do tempo, partindo dos movimentos dos passarinhos ao longo do ano. Ambientado em Mato Grosso, com suas duas estações, o livro também faz alusões a Manoel de Barros e Ziraldo, e revela como o menino vai sentindo o tempo em seu coração.

O lápis mágico de Robson Rocha (Educare, 2025). Rodrigo é um menino como tantos outros, até que encontra Pitoco, um lápis que cresce toda vez que é apontado e revela cores que ninguém jamais viu. O que parecia apenas divertido logo se transforma em uma aventura surpreendente, quando o lápis se alonga tanto que alcança as estrelas! Mas quando Pitoco, sem querer, embaralha o céu e muda o lugar das constelações, Rodrigo

precisa descobrir como consertar o que foi feito. *O Lápis Mágico* é uma história encantadora sobre o poder da imaginação, a responsabilidade de nossas ações e a beleza de ser diferente.

As coisas cansadas das mesmas coisas de Marta Cocco, com ilustrações de Queila Miranda (Gesto, 2021). Uma menina liga para a mãe depois de um dia de aventuras na casa da avó, contando que o fantasma do tédio tinha aparecido para as coisas. Graças a um vento forte que as desacomodou e sussurrou um segredo, elas saíram da rotina e melhoraram o astral. Tudo foi fotografado e anotado pela menina, que também leu um livro do avô sobre *ready-mades*. No livro, a brincadeira, a criatividade e a disposição para a mudança são fundamentais para enfrentar o tédio e a tristeza.

Tudo é nuvem de Lucinda Persona, com ilustrações de Ruth Albernaz (Entrelinhas, 2025). Livro de poemas que traduz a imaginação a partir das formas desenhadas pelas nuvens, sempre transitórias, pois logo se transformam. Desse modo, aborda indiretamente a questão da passagem do tempo.

Teatro

Nepal, do grupo Fúria.

O mundo acabou. Ou quase. Restam apenas dois sapiens que se encontram (por acaso ou não) numa terra distante, o Nepal. Com apenas dois dias de vida, isolados e condenados à morte, Traço e Bathanagar se veem forçados a redefinir os valores que antes determinavam suas vidas. O que era importante já não é mais. Ou é?

(Fonte: <https://www.theatrofuria.com/nepal>).

Curiosidade

- O primeiro mato-grossense a receber um prêmio literário nacional foi Ricardo Guilherme Dicke, natural de Chapada dos Guimarães. Dicke recebeu o 4º lugar, em 1967, no 2º prêmio VALMAP, com o romance *Deus de Caim*.
- O prêmio WALMAP surgiu em 1964 e durante mais de uma década foi o mais importante concurso literário brasileiro. Seus idealizadores, o banqueiro José Luiz de Magalhães Lins e o escritor Antônio Olinto, lança-



ram-no pela coluna “Porta de Livraria”, do jornal carioca *O Globo*. O nome WALMAP foi dado pelo banqueiro em homenagem ao seu tio Waldomiro de Magalhães Pinto, fundador e primeiro diretor do Banco Nacional de Minas Gerais. No concurso em que o mato-grossense foi vencedor, o júri era composto por nomes de destaque da literatura brasileira, como João Guimarães Rosa, Antonio Olinto e Jorge Amado.

- O segundo escritor mato-grossense a receber um importante prêmio nacional foi Manoel de Barros. Em 1989, conquistou o Prêmio Jabuti com o livro de poemas *O guardador de águas*. Em 2002, o autor venceu outro Jabuti.
- Santiago Villela Marques, escritor nascido em São Paulo e radicado em Sinop entre 1977 e 2018, também recebeu prêmios nacionais, como o primeiro lugar no Prêmio Sesc Monteiro Lobato, na categoria Infantil, em 2009, além do segundo e do terceiro lugares, em 2009 e 2011, respectivamente, na categoria Conto do Prêmio Sesc Machado de Assis.
- Em 2019, pela primeira vez, Mato Grosso venceu o Prêmio Sesc de Literatura na categoria Romance, com *O legado de nossa miséria*, de Felipe Holloway. Nascido em Canindé (CE), o autor mudou-se ainda menino para Cuiabá.
- Em 2020, Marcelo Velasco venceu o prêmio da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ) pelo conjunto de ilustrações do livro *Motosblim*, de Aclyse Mattos.
- Mato Grosso também contou com autores e autoras finalistas do Prêmio Jabuti, entre os quais: Michele Sato, em 2006, na categoria Científica; Leila Borges de Lacerda e Nauk de Jesus, em 2010, na categoria Arquitetura e Urbanismo, Fotografia, Comunicação e Artes; Aline Figueiredo e Humberto Espíndola, em 2011, na categoria Artes; Maria Auxiliadora de Freitas, em 2012, na categoria Fotografia; Mike Bueno, em 2015, na categoria Capa; Joca Terron, em 2017, na categoria Romance; Divanize Carbonieri, em 2020, na categoria Contos; e Paty Wolff, em 2022, também na categoria Contos.



CAPÍTULO 10



IMAGEM E PALAVRA EM MATO GROSSO

O objetivo deste capítulo é analisar as relações entre imagem e palavra na literatura produzida em Mato Grosso. Mais uma vez, o que propomos deve ser encarado apenas como um percurso possível, entre outros igualmente relevantes. Tomando como eixo central a poesia e seus desdobramentos no campo da visualidade, buscamos apresentar uma discussão de tendências e obras significativas, sem a pretensão de oferecer um panorama completo, pois isso nos parece uma meta inatingível. Esperamos mais uma vez que as inevitáveis lacunas sirvam de convite a novos estudos e pesquisas.

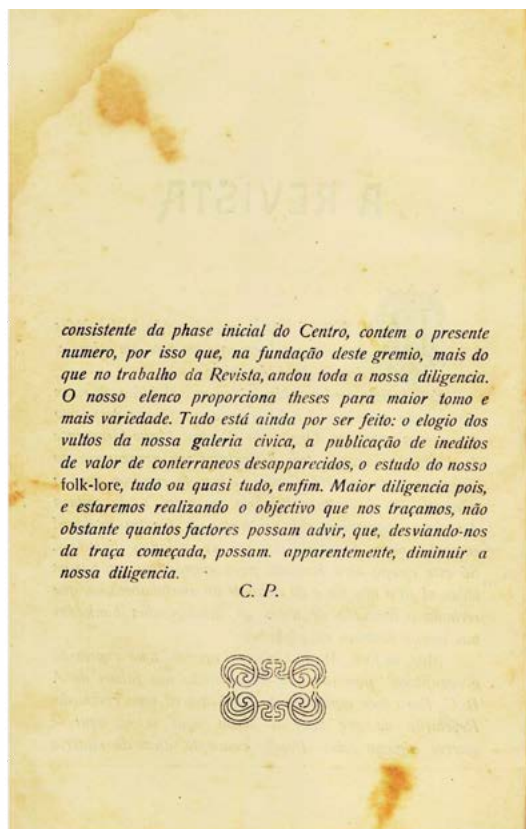
Partimos do entendimento de que o texto literário, especialmente o poético, não se constrói apenas no plano verbal, mas também no modo como ocupa o espaço da página, do livro, da tela ou de outros suportes materiais. Ao longo do tempo, essas relações assumiram configurações diversas, ora mais discretas e ornamentais, ora mais experimentais e radicais, acompanhando transformações estéticas, técnicas e culturais mais amplas. Interessa-nos, portanto, observar como a poesia mato-grossense dialoga com recursos gráficos, visuais e espaciais, produzindo sentidos que emergem da interação entre ver e ler.

Início do século 20: as revistas literárias e a tipografia ornamental

Nas revistas literárias editadas em Mato Grosso no início do século 20, a imagem não se apresentava ainda como ilustração propriamente dita ou componente visual independente, mas como recurso tipográfico integrado à paginação. A função da imagem não era exatamente a de “ilustrar” a

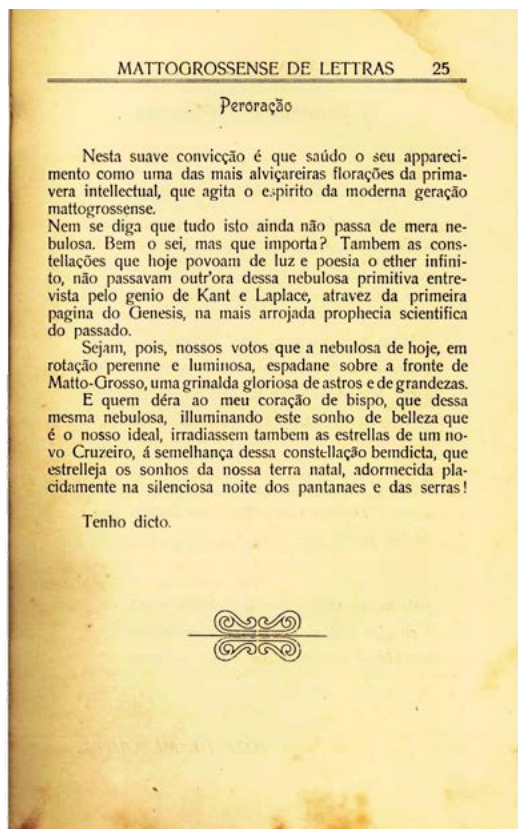
proposta temática dos textos, mas contribuir visualmente para a ordenação de conteúdos no corpo dos exemplares, marcando espaços de pausa e mudanças de tópico.

Elementos gráficos, inseridos como inscrições tipográficas, serviam para organizar as páginas, indicando, por exemplo, começos e encerramentos de seções. Nesse sentido, ofereciam às leitoras e leitores uma experiência de leitura que era também estética, pois proporcionavam (e exigiam) mais do que a compreensão do significado das palavras publicadas.



(Revista do Centro Mattogrossense de Letras, ano 1, n. 1, jan. 1922, p. 7.

Fonte: <https://academiamtdeletras.com.br/images/pdf/revistaCML-01.pdf>)



(Revista do Centro Mattogrossense de Letras, ano 1, n. 1, jan. 1922, p. 25.

Fonte: <https://academiamtdeletras.com.br/images/pdf/revistaCML-01.pdf>)

A ESCOLHA DO PATRONO



UANDO se fundou o Centro Mattogrossense de Letras e veio á balha, como uma das primeiras cogitações, a escolha dos patronos, confesso que a minha preferencia andou algum tempo oscillando entre Taunay e Couto de Magalhães.

A ambos me prenciã forte vinculo de sympathia e veneração: nas obras de um, como nas de outro, eu via espelhar-se, ao vivo, o amor á terra matto-grossense, a que ligaram, mais cõ que os seus escriptos, a sua propria vida.

Effectivamente, tanto o egregio carioca quanto o mineiro illustre, podem ser considerados mattogrossenses de coração, pois ambos se acham presos por liames de estreita affinidade a esta terra a que deram o melhor de suas energias, numa das phases mais agudas de nossa vida historica.

O presidente da Provincia e o engenheiro ajudante da expedição do Apa se equiparam no preclaro patriotismo, na dedicação sem par pelas cousas de Matto Grosso e entre o auctor d' "O Selvagem" e o d' "A Retirada da Laguna" se me balançava o espirito numa dessas perplexidades que chegam a ser angustiosas.

Foi nesse comenos que a predilecção manifestada por distincto confrade⁽¹⁾ a favor do Visconde de Taunay veio tirar-me de tão difficil situação.

Ahi tendes, pura e sinceramente, como Couto de Magalhães se tornou o patrono da cadeira nº 5.

VOTO DA MOCIDADE

De longe vinha o meu culto affectivo pelo emerito polygrapho cuja alta cultura até nos mais adiantados centros estrangeiros se fez conhecida e estimada.

(1) O Dr. João Barbosa de Faria.

As imagens nas páginas anteriores foram retiradas de edições da *Revista do Centro Mattogrossense de Letras*, cujos números circularam de 1922 a 1932. Elas contêm exemplos de categorias tipográficas recorrentes no período: arabescos simétricos, filetes ou frisos decorativos e capitulares ornamentadas (quando a letra inicial de um texto é aumentada e realçada por meio de ornamentos gráficos). Todos esses itens apresentam, predominantemente, caráter ornamental, uma vez que não “traduzem” os sentidos expressos pelos escritos que os acompanham.

Mas não devem ser entendidos como enfeites aleatórios. Eles cumprem, sobretudo, uma função estrutural, imprimindo ritmo à apreensão do que é lido. Funcionam, à maneira dos sinais de pontuação, como equivalentes gráficos das pausas da fala. E, ao organizar a leitura, conferem-lhe um aspecto visual agradável, transformando-a, conseqüentemente, numa atividade mais atrativa.

Além da questão funcional, os mesmos elementos tipográficos emprestam certa grandiosidade às páginas impressas. Isso porque, em muitos casos, remetem a modelos neoclássicos de composição, enfatizando fatores como simetria e linearidade. Tais grafismos frequentemente se assemelham, de fato, aos frisos e capitéis (partes superiores) das colunas gregas antigas. O emprego das capitulares ornamentadas, por sua vez, evoca as iluminuras e manuscritos produzidos durante o período medieval. Como sabemos, a árdua tarefa de transcrever textos à mão, quando as prensas tipográficas ainda não existiam, foi o que permitiu que obras clássicas fundamentais sobrevivessem ao desgaste do tempo, chegando até os dias atuais.

Assim, a tipografia utilizada, nesses casos, dialoga com as maiores tradições artísticas e literárias do Ocidente. Em revistas publicadas a partir de Mato Grosso, um estado ainda periférico em relação aos grandes centros culturais do Brasil e do mundo, o uso de tais recursos estava longe de ser arbitrário. Constituía uma escolha editorial que certamente visava à afirmação dessa produção nascente como herdeira dos legados mais consagrados da cultura ocidental.

A tipografia em Mato Grosso

Um maquinário tipográfico só foi instalado em Mato Grosso em 1837, sendo publicado dois anos depois o primeiro periódico, o *Themis Matogrossense*. Sílvia Ramos Bezerra examina o processo de modernização cultural de Cuiabá no final do século 19, enfocando os desenvolvimentos da técnica jornalística nos periódicos locais entre as décadas de 1840 e 1900.

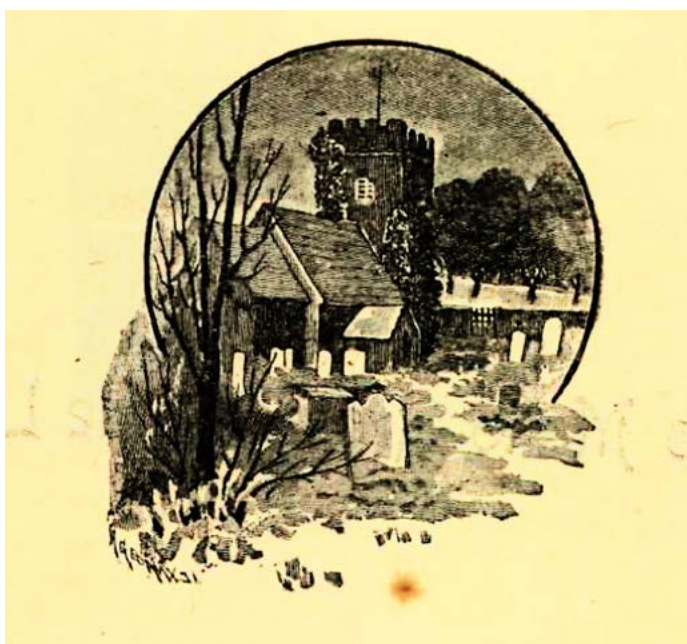
Em seu artigo, a autora investiga como as transformações na linguagem, na organização textual, na periodicidade e nos procedimentos de produção dos jornais refletem mudanças mais amplas na sociedade cuiabana, marcada pela gradual inserção de práticas modernas de comunicação. Ao reconstruir a historiografia da imprensa mato-grossense, o estudo demonstra que o jornalismo deixa de ser um espaço predominantemente opinativo e artesanal para incorporar padrões técnicos mais estáveis, informativos e sistematizados, acompanhando o avanço da urbanização, da circulação de ideias e da consolidação de uma esfera pública local.

(Bezerra, Sílvia Ramos. A técnica jornalística nos periódicos cuiabanos nas décadas de 1840 a 1900: modernização e fazer jornalístico. *Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste*. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011, p. 1-12. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2011/resumos/R27-0258-1.pdf>)

Paralelamente, muitos dos ornamentos empregados por esses periódicos eram repetíveis, ou seja, podiam ser grafados em série. Esse fato evidencia que as mesmas matrizes tipográficas circulavam por várias revistas e jornais da época. Mais do que isso, sugere a existência de catálogos gráficos nacionais e internacionais que, provavelmente, assumiam papel relevante no estabelecimento de um padrão ou “gosto” visual comum.



(Revista do Centro Mattogrossense de Letras, ano 1, n. 1, jan. 1922, p. 52.
Fonte: <https://academiamtdeletras.com.br/images/pdf/revistaCML-01.pdf>)



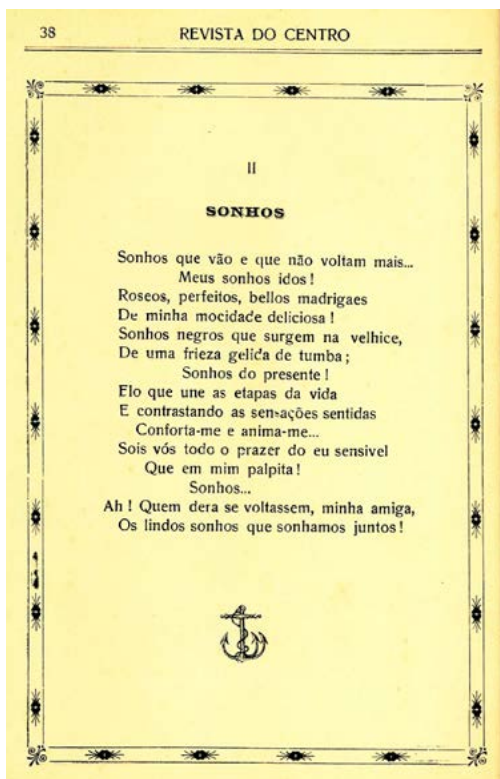
(Revista do Centro Mattogrossense de Letras, ano 1, n. 1, jan. 1922, p. 54.
Fonte: <https://academiamtdeletras.com.br/images/pdf/revistaCML-01.pdf>)

Nesses recortes, encontrados também em números da *Revista do Centro Matogrossense de Letras*, vemos a inserção de figuras tipográficas seriáveis. Na primeira delas, alguns pássaros tentam aquecer-se uns aos outros num ambiente natural invernal, caracterizado pelos resquícios de neve nos galhos. No segundo caso, há uma pequena paisagem enquadrada de forma circular, com um cemitério em primeiro plano e uma igreja com torre ao fundo. As árvores sem folhas também indicam a passagem do inverno, tal como se caracteriza no hemisfério norte do planeta.

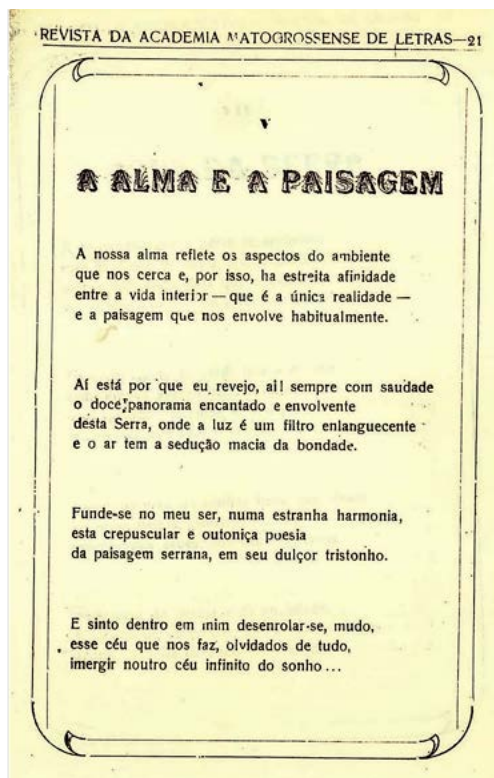
Essas vinhetas demarcam, nos exemplares de onde foram extraídas, a separação entre segmentos editoriais distintos, assinalando de modo inequívoco a alteração de assuntos. No plano simbólico, elas efetuam a condensação de espaço e tempo, combinando certas cenas com os índices de determinada estação do ano. Contudo, não remetem a um lugar específico identificável, muito menos a uma localidade mato-grossense. Ao invés disso, funcionam como clichês de cenários europeizados genéricos. Nessa condição, dialogam com o imaginário da média de leitoras e leitores da época, cujo repertório cultural havia sido construído, em grande medida, pelo acesso a narrativas europeias canônicas. Nos casos em tela, o senso comum do público ainda é ativado pela representação de ícones cristãos (igreja e campanário) e pelo emprego de símbolos habituais da passagem do tempo ou finitude da vida (inverno e cemitério).

Essas inscrições estereotipadas ocorriam com tanta frequência porque provavelmente integravam o material disponível aos tipógrafos do período. Mas também é inegável que tais vinhetas operavam como gestos de legitimação cultural, associando a produção local ao cabedal da tradição europeia. Dessa forma, os editores de periódicos mato-grossenses podiam lançar mão de recursos gráficos que, reunidos aos conteúdos verbais, reforçavam a inscrição da literatura publicada por eles no universo simbólico das vertentes culturais dominantes.

Embora essas revistas também divulgassem textos não especificamente literários, como atas de reunião, notícias e discursos, as seções dedicadas à poesia apareciam de forma destacada, sendo frequentemente marcadas por molduras decorativas.



(Revista do Centro Mattogrossense de Letras, ano 8, n. 15, jan.-jun. 1929, p. 38.
 Fonte: <https://academiamtdeletras.com.br/images/pdf/revistaCML-15.pdf>)



(Revista da Academia Mato-Grossense de Letras, ano 8, vol. 15-16, 1940, p. 91
 Fonte: <https://academiamtdeletras.com.br/images/pdf/revistaAML-15e16.pdf>)

Nos exemplos selecionados, os poemas estão emoldurados por contornos gráficos fechados. Os traçados completos das molduras criam campos visuais autônomos, separados do restante das laudas e, principalmente, das demais partes das revistas. Isso confere aos textos poéticos um estatuto visual especial. Assinalados por esses quadros ornamentais, os poemas transformam-se em composições verbo-visuais independentes, que exigem de leitoras e leitores um modo de leitura diferente daquele empregado nas seções mais informativas. Surge a possibilidade de uma experiência literária que leve em conta também a visualidade da página.

O primeiro quadro, ainda integrante de um número da *Revista do Centro Mattogrossense de Letras*, traz o poema “Sonhos” de Franklin Cassiano

dentro de uma moldura em que motivos geométricos se repetem ao longo das bordas. A imagem de uma pequena âncora completa a composição, posicionando-se dentro do espaço contornado, logo abaixo do registro escrito. A inserção dessa figura tem, provavelmente, o objetivo de tornar mais equilibrada a organização visual do conjunto, uma vez que, caso ela não estivesse presente, o espaço em branco pareceria desproporcionalmente maior na parte inferior.

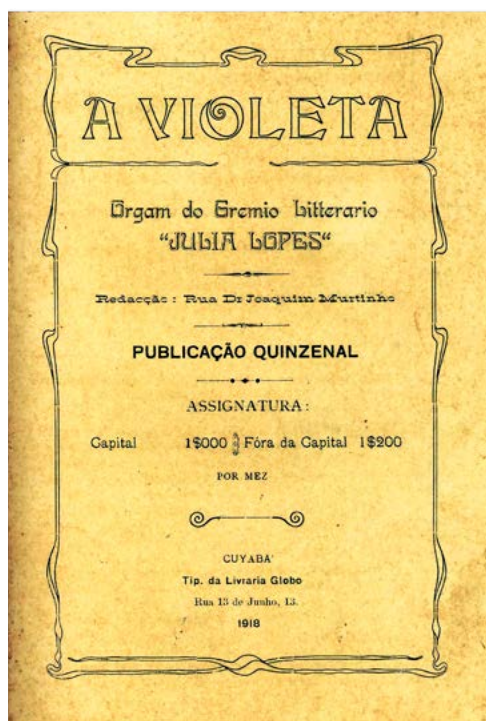
Esse item não se relaciona diretamente com o conteúdo semântico do poema, que sequer faz referência ao universo náutico. Ainda assim, parece dialogar simbolicamente com o tema principal abordado. Os sonhos desfeitos ao longo da vida, ao contrário do que acontece com as âncoras na realidade, carecem de substância física. No entanto, pesam ao eu lírico. Especialmente opressiva parece ser a perda dos sonhos compartilhados com a “amiga” mencionada nos versos finais. Assim, os sonhos e as âncoras, objetos aparentemente opostos, intercomunicam-se na subjetividade da voz poética, que permanece presa ou “ancorada” num momento anteriormente vivenciado, em que se sentia em conexão com a figura amada.

O segundo caso se refere a uma página da *Revista da Academia Matogrossense de Letras*, que substituiu a *Revista do Centro Matogrossense de Letras*, iniciando sua circulação em 1933 e mantendo-se até hoje em atividade. Nela, o poema “A alma e a paisagem” de José de Mesquita encontra-se circundado por uma moldura que imita o aspecto de um pergaminho desenrolado. Trata-se de um recurso gráfico que cria a ilusão de materialidade histórica, como se o poema estivesse inscrito num suporte anterior à criação da tipografia. Isso remete à tradição secular de textos manuscritos a que já nos referimos, sugerindo antiguidade, por um lado, e continuidade, por outro. É um procedimento que busca deslocar o poema do presente imediato da edição da revista para um tempo que se dilata a partir de um passado remoto. Assim, o modo de apresentação na página sugere a aspiração de que o texto literário se perpetue ao longo da história, encontrando vias tradicionais de validação.

No que se refere ao conteúdo, o poema se baseia na concepção romântica de uma relação análoga entre subjetividade e mundo exterior. Afirma a

intersecção entre a alma humana e a paisagem que circunda os indivíduos. De acordo com essa visão, o que uma pessoa vivencia do ambiente seria apenas a projeção de sua vida interior, classificada, nos versos, inclusive, como a única existente. Em suma, a mensagem ressalta a fusão entre realidade exterior e interioridade. Similarmente, a moldura ornamental reforça a ideia de que o quadro deve ser encarado como um espaço de interiorização. Diante dele, leitoras e leitores são convidados a assumir uma atitude mais introspectiva e atenta, correlacionando componentes visuais e temáticos em sua interpretação. Mais uma vez, o tratamento gráfico empregado participa ativamente da construção de sentidos.

Além de dar destaque a poemas, as molduras ornamentais tipográficas também emprestaram significados às capas das revistas da época, como mostram as imagens seguintes, retiradas de *A Violeta*, periódico que circulou em Cuiabá entre 1916 e 1950, tendo sido produzido exclusivamente por mulheres.



(Capas de *A Violeta*, 1918)

Assim como nos exemplos anteriores, as capas de 1918 apresentam duas espécies de molduras: uma mais geométrica e a outra mais orgânica (também semelhante a um pergaminho aberto). Na primeira capa, a composição é marcada por linhas retas e segmentos modulares simétricos. Os cantos da moldura são formados por ângulos retos, e há motivos decorativos igualmente distribuídos em cada um dos lados. As partes textuais, reunindo título, subtítulos e demais informações editoriais, distribuem-se de forma centralizada e harmônica no interior do contorno fechado. Todo o conjunto remete a uma ideia de equilíbrio, ordem e estabilidade.

Tal *design* aproxima a revista de um modelo gráfico moderno e urbano, característico do período, inspirado no repertório do *Art Nouveau* geométrico. Diferentemente de sua fase inicial, no final do século 19, quando predominavam as formas sinuosas e orgânicas, esse estilo artístico apoiou-se, nas décadas seguintes, em padrões retilíneos e regulares, como os que aparecem em *A Violeta*. Além de associar a revista ao que havia de mais atual em termos de visualidade, a tipografia escolhida também imprimia, para a publicação, uma imagem de disciplina, regularidade e seriedade. E, para uma revista feminina que, naquele momento, buscava legitimação social e editorial, a expressão desses valores deve ter adquirido relevância ainda maior.

A segunda capa, por sua vez, mesmo tendo sido publicada no mesmo ano que a anterior, expressa uma visão diferente. Sendo *A Violeta* uma publicação quinzenal, era natural que houvesse alguma alternância de estilos, na tentativa de oferecer novidades às leitoras. Nesse caso, como dissemos, trata-se de uma moldura tipográfica orgânica, imitando as bordas enroladas de um rolo de papel antigo. Ainda que a simetria se mantenha, com uma borda espelhando a outra, as linhas do contorno são mais suaves e onduladas. Os componentes textuais também se equilibram no interior do quadro, a partir de uma posição central; desta vez, porém, o título do periódico é grafado com uma fonte expressiva e curvilínea, em consonância com o tipo de moldura aplicado.

Ao simular a aparência de um pergaminho, a escolha gráfica também confere a ilusão de materialidade histórica à capa, exatamente como mostramos ao examinar a composição verbo-visual em torno do poema de Mesquita. No entanto, outras possibilidades de análise se apresentam. O traçado de um manuscrito desenrolado remete também à imagem das cartas, evocando a

sensação de intimidades compartilhadas. Reforça-se um imaginário ligado à ideia de confissão, sensibilidade e lirismo, elementos que eram igualmente caros ao projeto de *A Violeta*, enquanto produto editorial de um grêmio literário formado por mulheres, cujo público-alvo também era feminino.

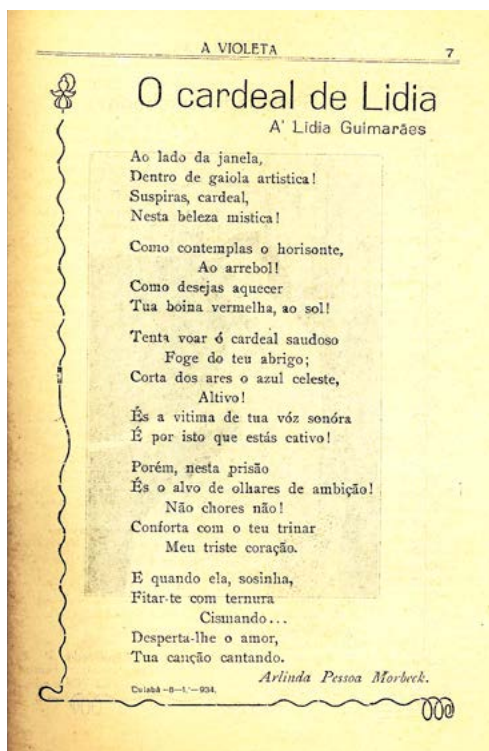
A coexistência de soluções distintas, mas complementares, evidencia que a tipografia não é um elemento neutro em *A Violeta* e, de fato, em nenhuma revista. O projeto gráfico dos periódicos funciona como mediador entre os conteúdos textuais expressos neles e os valores simbólicos que buscam associar às suas publicações. Nos exemplos analisados de *A Violeta*, o layout geométrico enfatiza a proposta de institucionalização da revista, com sua inserção no espaço público, àquela altura predominantemente ocupado por homens. O design da moldura orgânica, por outro lado, reforça a dimensão afetiva e intimista, apresentando a revista como um espaço acolhedor para as mulheres publicarem seus textos literários e apreciarem as produções de outras autoras. Ambas as decisões gráficas cumprem, no entanto, o mesmo propósito: delimitar a publicação como um objeto editorial autônomo, distinguindo-a de impressos meramente informativos e inscrevendo-a no campo da cultura letrada oficial.

Em edições posteriores, *A Violeta* manteria a identidade visual, com o acréscimo de alguns padrões gráficos renovados, como o uso de molduras ornamentais incompletas e a inserção de fotos de personalidades.

SOB O SIGNO DE UMA FLOR

Para um estudo mais aprofundado de *A Violeta* como periódico literário, consultar o livro *Sob o signo de uma flor* de Yasmin Jamil Nadaf (1993). Nessa obra, Nadaf cataloga e analisa números dessa revista, criada e dirigida por um grupo de mulheres em Cuiabá, reunidas em torno do Grêmio Literário “Júlia Lopes”. A autora examina os gêneros e temas dos textos literários publicados pelas autoras no periódico, destacando ainda o papel da produção intelectual e da inserção social feminina na cultura de Mato Grosso na primeira metade do século 20.

(Nadaf, Yasmin Jamil. *Sob o signo de uma flor*. Estudo de “A Violeta”, publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes – de 1916 a 1950. Rio de Janeiro: 7Letras, 1993).



(A *Violeta*, ano 18, n. 213, jan. 1934, p. 7-8.

Fonte: <https://www.intensivismo.com.br/images/revistas/a-violeta213.pdf>)

O poema “O cardeal de Lídia” de Arlinda Pessoa Morbeck aparece contornado à esquerda e abaixo por uma moldura ornamental majoritariamente vertical, composta por uma única linha sinuosa e suave. Na parte inferior, o traço termina numa breve espiral de três voltas, e, na extremidade superior, há a inserção de uma figura orgânica que lembra a corola de uma flor pendida para baixo. Ao contrário dos exemplos anteriores, de contornos fechados, essa moldura mostra-se interrompida, não isolando completamente o texto. O efeito é o de um conjunto que sugere leveza e movimento contínuo e ascendente, em consonância com o poema, cujo motivo principal é o canto de uma ave.

Contrastando com a sutileza de seu trinado, revela-se a condição do pássaro, que, engaiolado, aspira em vão à liberdade do voo. Nessa prisão, ele é apresentado pela voz poética como uma criatura capaz de consolar as

dores humanas e despertar sentimentos elevados em quem o contempla. O poema, construído como se fosse endereçado à ave, é dedicado a uma mulher, nomeada na dedicatória (e no título) e referida pelo pronome “ela” na última estrofe. Delineia-se, assim, o ambiente intimista e lírico que *A Violeta* oferecia às suas leitoras, um espaço em que podiam, inclusive, endereçar seus textos poéticos umas às outras, como quem troca correspondências. A moldura sutil acompanha a atmosfera confessional, quase como um sussurro, reforçando a ideia de intimidade e delicadeza. Assim, ela não tensiona o poema, mas o ampara, funcionando como ornamento que protege e ressalta a expressão lírica.

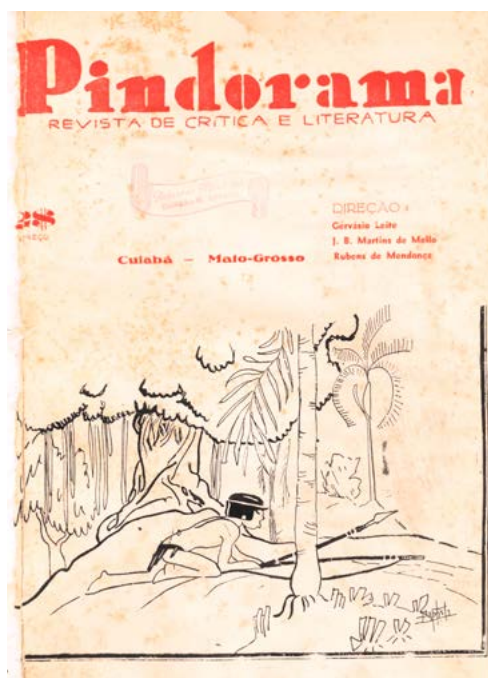
Um tipo semelhante de moldura surge na página seguinte, que não traz outra composição poética, mas a foto de uma jovem encimada pelo título: “Sociedade cuiabana”. Os motivos gráficos florais e sinuosos se repetem, reativando um repertório visual associado à feminilidade e à graciosidade. A mulher é retratada numa pose um tanto hierática, o que lhe confere dignidade e distinção. Sentada ao lado do piano, portando expressão serena e roupas recatadas, converte-se numa figura que a revista destaca e celebra como representante do meio mais privilegiado de Cuiabá.

O grafismo lateral, composto por motivos vegetais estilizados, estabelece uma analogia entre cultivo natural (das plantas) e cultivo cultural (das mulheres). Valoriza-se a instrução feminina, mas, aparentemente, apenas aquela que legitima padrões ideais de comportamento, baseados numa feminilidade contida e suave. Mais do que um retrato, *A Violeta* apresenta um modelo às suas leitoras, evidenciando atributos que eram recomendáveis para as moças do período. A fotografia, vista dessa forma, não pode ser entendida como um documento ingênuo ou isento. Ela é empregada para afirmar determinados valores, como educação, refinamento e contenção, além de sublinhar o pertencimento a certo extrato social de elite.

A relação entre imagem e palavra sofreria modificações significativas nas letras mato-grossenses a partir do final da década de 1930, com a incorporação de concepções literárias e artísticas modernas e vanguardistas.

De 1939 ao início dos anos 1950: Modernismo e vanguardas

Indo além do uso dos grafismos tipográficos, *Pindorama: Revista de Crítica e Literatura* foi uma das primeiras publicações, em Mato Grosso, a utilizar imagens com função potencialmente ilustrativa ao lado de textos literários. Organizada pelos intelectuais Gervásio Leite, Rubens de Mendonça e J. Batista Martins de Mello (autor da maioria de suas ilustrações), ela se configurou como uma manifestação pioneira do Modernismo mato-grossense, lançando suas únicas três edições em 1939.



(Capa de *Pindorama: Revista de Crítica e Literatura*, ano 1, n. 1, 1939.

Fonte: https://www.intensivismo.com.br/images/revistas/pindorama_01.pdf)

A capa do primeiro número de *Pindorama* inaugura um uso da imagem que não é apenas ornamental ou tipográfico, mas efetivamente ilustrativo e narrativo. Ao contrário dos frisos, vinhetas e molduras, que predominavam nas publicações que investigamos anteriormente, nela, a imagem assume função semântica autônoma, sem, contudo, deixar de dialogar com os conteúdos textuais e os propósitos da revista.

O desenho de J. Batista (Martins de Mello) apresenta uma paisagem natural reconhecível, com acentuados traços regionais. Espécimes vegetais semelhantes àqueles existentes na paisagem local servem de cenário para um ser humano solitário, retratado com vestes e apetrechos indígenas, em posição que sugere uma situação de tocaia. A atitude corporal da figura lembra a de quem aguarda a melhor oportunidade para atacar de surpresa os inimigos. Combinada ao título do periódico, que retoma uma denominação indígena para o Brasil, a cena retratada espelha um momento anterior à colonização e reafirma uma identidade nacional (e regional) disposta a resistir à dominação cultural estrangeira.

Nesse sentido, a ilustração da capa serve de síntese para o projeto editorial da revista, assinalando uma proposta de literatura que se enraíza na experiência, no território e nos demais elementos especificamente mato-grossenses. Dessa forma, demonstra a intenção de romper com os estereótipos do imaginário europeu que, como vimos, embasavam grande parte das decisões gráficas dos veículos de imprensa literária no início do século 20. Trazer ícones e valores próprios para o abre-alas da revista não é um gesto fortuito, demonstrando, ao contrário, uma postura consciente de autovalorização identitária, cultural e artística.

No aspecto formal, a representação é realizada por meio de um traçado econômico, com linhas contínuas, sem detalhamento excessivo nem sombreado acentuado. Volumes são apenas ligeiramente sugeridos, o que cria o efeito de uma composição predominantemente linear e plana. A economia gráfica reforça o caráter funcional da imagem, privilegiando a sugestão sucinta de uma cena em detrimento da exuberância decorativa. Essas características evidenciam a afiliação modernista do artista e da publicação e complementam os aspectos ideológicos já discutidos.

Como não poderia deixar de ser, em se tratando de um produto gráfico, a ilustração não aparece sozinha na página, sendo acompanhada por uma tipografia relativamente enxuta e discreta. Componentes textuais são destacados, particularmente no que se refere ao título, mas sem competir com a figuração. Ainda assim, há um marcado contraste entre o desenho, em preto e branco, e as fontes, grafadas unicamente em vermelho. No entanto, a

suavização dessa oposição cromática parece se dar pela existência de amplos espaços em branco (ou vazios), que fazem o campo visual “respirar”. Todo o conjunto sugere, então, uma relação equilibrada entre palavra e figura, em que ambas participam da construção dos sentidos pretendidos.

Nas páginas interiores de *Pindorama*, prossegue o tratamento narrativo das ilustrações, inclusive com o desenvolvimento mais elaborado de personagens ou tipos.



(*Pindorama*, ano 1, n. 1, 1939, p. 10. Fonte: https://www.intensivismo.com.br/images/revistas/pindorama_01.pdf)



(*Pindorama*, ano 1, n. 2, 1939, p. 11. Fonte: https://www.intensivismo.com.br/images/revistas/pindorama_02.pdf)

Na ilustração proposta por J. Batista para o conto “O homem de mil cidades” de Joel Corrêa Junior, o protagonista é retratado com traços lineares, angulosos e geometrizados. Isso o transforma praticamente numa caricatura, o que combina tanto com o tom irônico do texto quanto com os procedimentos artísticos modernistas, que amiúde valorizavam representações esquemáticas e planificadas da figura humana. Além disso,

a atitude modernista muitas vezes era marcada pela ironia, piada ou chiste, como gesto desafiador de valores e comportamentos institucionalizados. O desenho, nesse caso, tipifica visualmente a personagem, dando forma às características risíveis dadas a ela pela narrativa textual: trata-se de um homem burguês, cosmopolita e um tanto “estragado” pelas facilidades da vida de herdeiro milionário.

O cenário também adquire relevância na composição. Os elementos que, normalmente, comporiam o fundo de quadros realistas, colocam-se agora em primeiro plano, num tamanho absurdamente reduzido. Prédios, fábricas e monumentos de cidades turísticas são esboçados de forma simplificada, apenas com a sugestão dos contornos ou silhuetas. Transformados em ícones de modernidade e acúmulo de capital, eles condensam graficamente as ideias de riqueza, circulação internacional e elitismo, fundamentais no desenvolvimento da narrativa.

Ao retratar o protagonista de acordo com uma escala monumental, praticamente como se os edifícios à sua frente fossem brinquedos, o ilustrador enfatiza os traços de autoengrandecimento infantil de sua personalidade. Afinal, na trama, ele desperdiça grande parte de sua fortuna, deslocando-se pelo mundo na busca inútil pela perfeição. Não apenas isso, mas também se deixa levar pela ilusão, quando conhece uma mulher que lhe parece belíssima e, portanto, perfeita, o que demonstra que a sua é uma procura puramente superficial. Devemos entender, nesse ponto, que o artista não pretende ilustrar fielmente a narrativa nem detalhar todas as suas situações, mas interpretá-la de modo crítico e criativo, realizando a gênese de uma obra paralela, mas independente.

A segunda imagem, também assinada por J. Batista, interage com o conto “Pelo telefone” de Veiga Junior. Estruturada como um diálogo telefônico, essa narrativa trata, ainda mais claramente, dos impactos da modernidade urbana na vida das personagens. Na ilustração, a figura de uma mulher aparece em primeiro plano, praticamente de perfil, segurando o telefone com uma das mãos e aproximando o gancho da boca e ouvido. O tratamento é menos caricatural do que aquele dado ao protagonista anterior, mas não deixa de exprimir certa atmosfera alegre ou divertida, o que também se

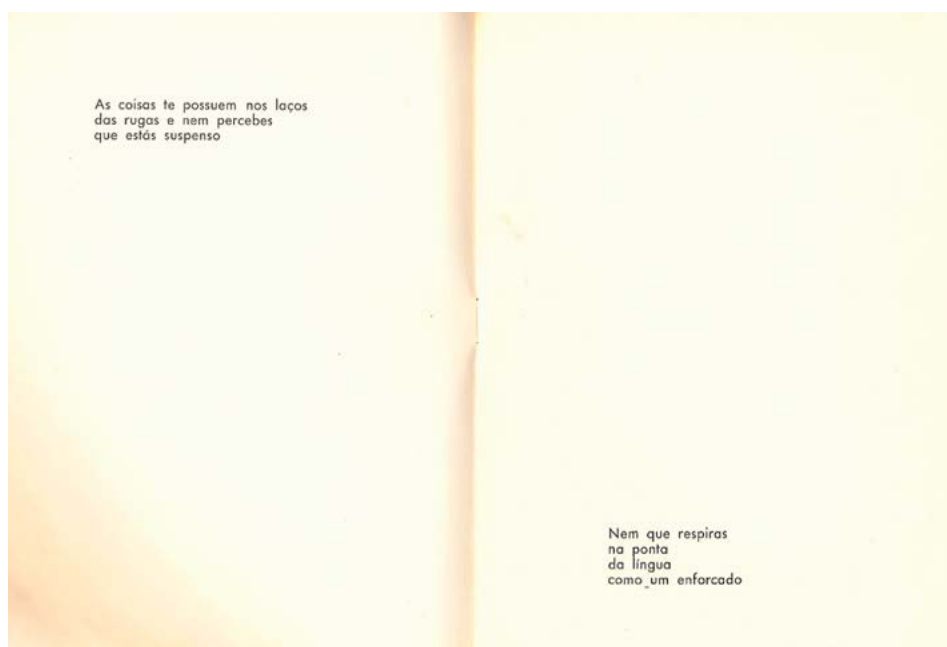
harmoniza com o tom jocoso da narrativa literária. O cenário praticamente desaparece, restando apenas os elementos essenciais para a constituição de uma cena em torno de um telefonema.

Assim como a mulher não pode ver a pessoa que está do outro lado da linha, a ilustração não dá acesso a essa segunda figura. O conto informa, porém, que o interlocutor da moça é seu namorado ou, no mínimo, um homem com quem se relaciona afetivamente. Parece haver certa ironia nisso, pois, na interação textual, quem se queixa da ausência da parceira é ele. Escolhendo como foco a parte representada como a mais arredia, ou seja, a garota, o ilustrador fixa, de certa forma, a sua presença, possivelmente tomado de empatia masculina. A representação da personagem feminina não recebe, contudo, nenhuma idealização. Ao contrário, ela é retratada de forma estilizada, bem ao gosto modernista, com uma expressão impassível, como deve imaginá-la o rapaz, que tenta decifrar, nas entrelinhas do que ela diz, os motivos para os seus atrasos e adiamentos.

O telefone é o objeto central da narrativa, não apenas por ser o veículo por meio do qual as personagens interagem, mas, principalmente, por funcionar como ícone de modernidade. Ele é, na verdade, um símbolo da mediação moderna entre os seres humanos, que tem ocorrido, cada vez mais frequentemente, por vias tecnológicas. E, mesmo na primeira metade do século 20, esse já era um tema caro aos modernistas, interessados que estavam nas transformações dos meios de comunicação e no que elas podiam causar às relações humanas, sobretudo no contexto das grandes cidades. Assim, a angústia do rapaz reflete a inquietação da época, em que as pessoas começavam a perceber que as alternativas para comunicações mais fáceis e rápidas também podiam afastá-las.

De qualquer forma, o importante é que, em *Pindorama*, a imagem deixa de funcionar apenas como ornamento legitimador do projeto editorial da revista e passa a atuar efetivamente como elemento dialogante em relação aos textos literários. A ilustração não repete a narrativa textual, mas interpreta seu núcleo simbólico, desdobrando-o em novas facetas. Ao propor um aspecto narrativo (e não apenas ornamental) também para o desenho, *Pindorama* antecipa uma relação mais moderna entre literatura e imagem.

O caminho para uma autonomia ainda maior da imagem passaria, anos depois, pelo Intensivismo. Surgido em Cuiabá entre as décadas de 1940 e 1950, o Intensivismo foi um movimento literário de vanguarda, situando-se historicamente como uma das primeiras correntes no Brasil a problematizar radicalmente a relação entre linguagem verbal e visual. Na verdade, antes mesmo que o Intensivismo recebesse sua formulação teórica, um de seus principais idealizadores, Wladimir Dias-Pino, já deixava entrever, em suas obras, as concepções que embasariam o movimento. Em *A Máquina que ri* (1941), livro que publicou quando tinha apenas quinze anos, evidenciam-se alguns desses princípios.



(Páginas do livro *A máquina que ri* (1941), de Wladimir Dias-Pino. Fonte:
https://www.intensivismo.com.br/images/pdf/wladimir_dias_pino/a_maquina_que_ri.pdf)

No exemplo acima, apresentamos um fragmento dessa obra, com a paginação de dois poemas. Nesse conjunto, é possível perceber que forma e conteúdo se relacionam de modo indissociável. As páginas deixam de ser simples suportes para os textos poéticos, tornando-se estruturas ou sistemas que participam ativamente da construção da experiência poético-visual proposta.

Chama a atenção, a princípio, a disposição espacial dos versos, com cada poema ocupando, respectivamente, os polos superior e inferior das laudas. Surge, a separá-los, apenas uma vasta área em branco. Aliás, ela não os separa propriamente; parece antes tornar possível a intercomunicação entre eles, sobretudo, por meio da alternância de lados e extremidades. Isso faz com que o livro aberto se transforme num campo visual, à maneira de um quadro ou tela, em que os olhos de leitoras e leitores estabelecem relações entre uma composição poética e outra. A leitura não se dá mais linearmente, num único sentido, mas efetua-se nos intercruzamentos do olhar pelas páginas.

Os significados vão além do encadeamento discursivo entre os versos, sendo construídos também pela tensão espacial entre eles. O conteúdo evoca sensações que não são percebidas conscientemente: “nem percebes/que estás suspenso”, “Nem que respiras/[...] como um enforcado”. Não deixa de ser um lembrete de algo sempre presente, mas que tendemos a esquecer, a afastar da consciência: a condição temporária da vida, na qual estamos pendurados como que por um fio, que um dia será cortado. Reverberando esse aviso textual, o rompimento da linearidade da leitura, efetuado pela disposição dos poemas, lança-nos numa experiência semelhante de suspensão.

Diferentemente do que ocorria em *Pindorama*, em que a ilustração se inseria como componente visual autônomo, mas *dialogante* com os textos literários, nessas páginas de Dias-Pino, nenhuma imagem é *inserida*. As próprias páginas *são* a imagem. Isso porque a configuração gráfica não ilustra o conteúdo, mas o materializa. Todo o campo visual, que reúne poemas e espaços em branco, encena graficamente a mensagem, tornando a apreensão dos sentidos uma operação mais complexa e ativa.

Outra característica moderna ou vanguardista que salta aos olhos nessa criação de Dias-Pino é a economia extrema da linguagem. Os poemas são sucintos, praticamente inscrições mínimas, com versos curtos e despojados de ornamentos. Não há rimas nem métrica fixa, muito menos metáforas complicadas. Essa parcimônia na escrita valoriza cada palavra empregada, ressaltando a sua materialidade e intensificando o seu significado. Adivinha-se nisso a antecipação de mais uma noção intensivista: a de que

a linguagem é um acontecimento material (e não mera expressão subjetiva ou representação da realidade).

Mas antes de tratar das teorizações que parecem ter fundado oficialmente o Intensivismo, é preciso lembrar que Dias-Pino também seria responsável, nos anos seguintes, por mais uma inovação gráfica ocorrida nos periódicos literários mato-grossenses: a inserção de xilogravuras.



(Primeira página de *Sarã*, ano 1, n. 1, mar. 1951, com a xilogravura “Fonte da noite” de Wladimir Dias-Pino. Fonte: <https://www.intensivismo.com.br/images/revistas/sara01.pdf>)

(Página final de *Sarã*, ano 1, n. 1, mar. 1951, com a xilogravura “Cabeça ‘antiga’” de Wladimir Dias-Pino. Fonte: <https://www.intensivismo.com.br/images/revistas/sara01.pdf>)

As xilogravuras dispostas nas páginas selecionadas não desempenham uma função ilustrativa no sentido tradicional, ao contrário do que acontecia, por exemplo, com os desenhos de J. Batista em *Pindorama*. Isso porque as imagens de Dias-Pino não representam nem retomam as cenas e personagens dos textos literários à sua volta. Elas se constituem, ao contrário, como objetos visuais completamente autônomos, dotados de uma lógica e especificidade próprias.



(Primeira página de *Japa*, ano 1, n. 1, set. 1953, com xilogravura sem título de Wladimir Dias-Pino. Fonte: <https://www.intensivismo.com.br/images/revistas/japa01.pdf>)

Como não estabelecem correspondências temáticas com as narrativas e poemas que as circundam, essas imagens xilográficas emergem como interrupções do ordenamento gráfico. Sendo assim, introduzem outra temporalidade, outra linguagem, no corpo dos periódicos. Leitoras e leitores se veem, de súbito, diante de composições visuais que exigem outros códigos de apreensão, uma demanda que não pode ser satisfeita (nem mesmo parcialmente) apenas com a decifração dos textos em torno.

Nesse sentido, elas causam uma sensação semelhante àquela provocada pelos poemas em *A máquina que ri*: o desconforto de sentir a previsibilidade das expectativas ceder, como se o chão realmente escapasse aos pés. E essa é uma atitude artística extremamente moderna, pois retira o público da zona de conforto (ou do automatismo) de modos de leitura há muito internalizados e consagrados pela tradição.

Em relação às questões formais internas, essas gravuras também são bastante modernas. Não há, nelas, representações realistas ou que simulem, em alguma medida, a realidade visível. Ao contrário, trata-se de abstrações ou semiabstrações. Mesmo nos casos em que surgem vestígios figurativos (rostos, perfis, corpos), eles parecem servir apenas de pretexto, recebendo um tratamento que os torna fragmentados, distorcidos, reduzidos a linhas e formas essenciais. A composição visual assume um regime intrínseco, com os elementos visuais organizados sem o objetivo de imitar o mundo físico.

O uso dessas xilogravuras representou uma inovação no contexto da imprensa literária mato-grossense, porque rompia com os procedimentos de “embelezamento” e legitimação característicos da tipografia ornamental e com a noção de que as imagens deveriam ilustrar ou explicar os textos. Elas não estão ali para adornar as páginas nem para se submeter ao conteúdo das partes escritas. Com a sua inserção, texto e imagem coexistem, nesses periódicos, como sistemas paralelos, sem que se estabeleça relação hierárquica entre eles.

Foi num desses veículos, justamente a revista *Sarã*, que Dias-Pino publicou, em 1951, o manifesto do Intensivismo, expondo textualmente os princípios que já orientavam grande parte de sua produção.

De 1951 a 2023: a intensificação da experiência poética

No terceiro número de *Sarã*, Dias-Pino começa a formular o estatuto de seu movimento, do modo como era corrente entre os vanguardistas da época: atacando o que já existia. Concentra o seu alvo, sobretudo, na produção literária mato-grossense, o que demonstra a consciência de seu

contexto imediato e revela, no fundo, o desejo de dialogar com seus pares. Mesmo assumindo um posicionamento que considera radicalmente novo, não fala posicionado num centro cosmopolita, numa grande capital cultural do mundo. Ao contrário, expressa-se a partir de Cuiabá, por meio da revista que editava em parceria com Othoniel Silva e Rubens de Mendonça.

Nossa Cultura é um Adão e a literatura a folha de parra. O mais pobre e desnudo dos Adões.

Adão pobre e, por isso mesmo, de braços cruzados como quem tem frio. De pernas cruzadas. Pose imóvel de quem vai tirar fotografia para comemorar centenário. Pose de estatueta de Cr\$ 5,00.

Sem comunicação até com Eva. A nossa literatura não se afasta dos modelos em verdadeira e pequena cabotagem. [...]

Nossa literatura nem tem separação entre o Romantismo e o Simbolismo. É uma coisa plana (na altura do nível do mar). [...]

Ah! Já ia me esquecendo: nossos poetas são piões.

Produzem um ruído de bezerro. Rodam, rodam e não saem do lugar, decorando aquela música única.

(Dias-Pino, Wladimir. *Intensivismo. Sarã*, ano 1, n. 3, jun. 1951, p. 5)

Nesse trecho, Dias-Pino emprega algumas metáforas para sustentar sua crítica à literatura mato-grossense. Inicialmente, compara a cultura nessas terras a um Adão pobre, sugerindo que ainda estaria em um estado embrionário, incipiente. A literatura local, por sua vez, é equiparada à folha de parreira que cobre a nudez adâmica, ou seja, algo que funciona apenas precariamente (e que talvez se exerça de forma acanhada, envergonhada). A imobilidade de pernas e braços sublinha uma ideia de paralisia histórica, remexida unicamente para as poses de datas comemorativas. Em outras palavras, seria uma cultura e uma literatura que só se põem em movimento para cultuar aquilo que parece grandioso, mas que, no fundo, tem pouca importância.

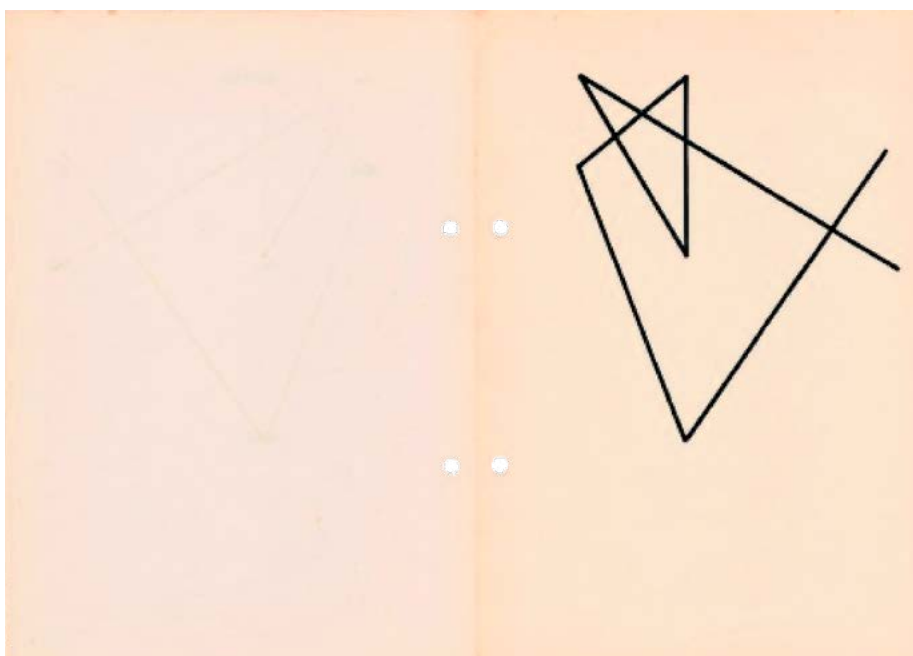
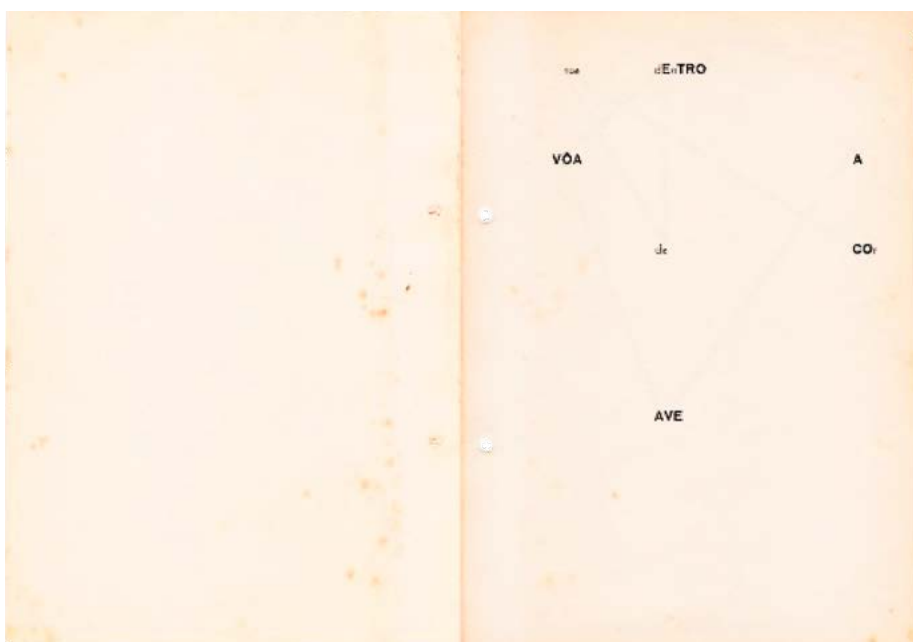
Ao mencionar a falta de comunicação com Eva, Dias-Pino parece reconhecer o apagamento e silenciamento da contribuição de mulheres no

estado. Paralelamente, é mais uma maneira de assinalar que considera a produção mato-grossense infecunda, infértil. A referência à ausência de separação entre Romantismo e Simbolismo indica a sensação de que também falta enraizamento histórico. Assim, fases anteriores do desenvolvimento cultural e literário, que não teriam sido vivenciadas a contento no passado, acabam não podendo ser superadas no presente. Disso viria a aparência plana, “na altura do nível do mar”, da vida cultural de Mato Grosso.

A metáfora final, correlacionando poetas e “piões”, é especialmente significativa. Para Dias-Pino, pode haver movimento aparente nesse meio literário, mas são ações que não acarretam verdadeiro deslocamento ou mudança. Os poetas locais só saberiam produzir “ruído de bezerro”, uma imagem que rebaixa a criação da poesia mato-grossense a um gesto primário, balbuciante e docilizado. Como dissemos, esse tom iconoclasta é característico de muitos movimentos modernistas ou vanguardistas, que buscavam encontrar seu espaço no horizonte da literatura. No entanto, não deve ser tomado tão ao pé da letra. E uma evidência disso é que, nas revistas que editava, Dias-Pino e seus parceiros publicavam tanto autores novos quanto já consagrados.

Tendo gastado praticamente todo o espaço editorial disponível para descarregar sua artilharia, Dias-Pino arrisca uma definição apenas ao final: “o Intensivismo é Simbolismo duplo. Além da imagem está outro significado poético” (p. 5). Trata-se de uma explicação um tanto hermética, que talvez não defina o objeto tão claramente quanto gostaríamos. No entanto, parece, de pronto, assinalar a inseparabilidade entre imagem e fazer poético nas obras dos intensivistas. A poesia, para eles, não é construída apenas com palavras.

No próprio termo escolhido para batizar o movimento, evidencia-se a intenção de *intensificar* a criação poética, rompendo com a tradição puramente verbal. Para os intensivistas, a experiência da linguagem não se restringe mais à sequência linear e horizontal das palavras escritas. Ela se materializa por toda a página, ocupando o campo visual como um todo, inclusive com a integração dos espaços vazios. Assim, a poesia intensivista almeja tornar-se, mais do que legível, visível.



(Páginas do livro *A ave* de Wladimir Dias-Pino, 1956. Fonte: https://www.intensivismo.com.br/images/pdf/wladimir_dias_pino/a_ave.pdf)

A ave (1956) de Dias-Pino pode, inclusive, ser considerado um livro-poema ou livro de artista. Marca um procedimento ainda mais radical do que ocorria em suas obras iniciais. A economia no uso das palavras se intensifica, e elas vão, inclusive, tornando-se cada vez mais rarefeitas, empurradas para as margens da página ou reduzidas a fragmentos. Por outro lado, linhas e formas geométricas passam a assumir o papel principal na organização visual da composição. A ave referida no título jamais aparece como figura representada. Ela é construída como operação gráfica. Os vetores traçados materializam visualmente o seu voo, sem que seja necessário o emprego de textos narrativos ou descritivos.

O sentido, mais uma vez, não é dado pela leitura linear, mas pelo ato de percorrer o campo visual. Os mesmos vetores concretizam, no espaço da página, os intercruzamentos dos olhos de leitoras e leitores, que buscam conectar mentalmente os resquícios de palavras. Então, o que era sugerido em *A máquina que ri* ganha materialidade gráfica em *A ave*. A composição presente em cada página surge como resposta a um mesmo problema formal, operando procedimentos de repetição, deslocamento e diferença, que introduzem a variabilidade no todo da publicação. Assim, *A ave* é um experimento poético de acentuada radicalidade, redefinindo o estatuto do poema, que passa de construção tradicionalmente verbal para fenômeno visual.

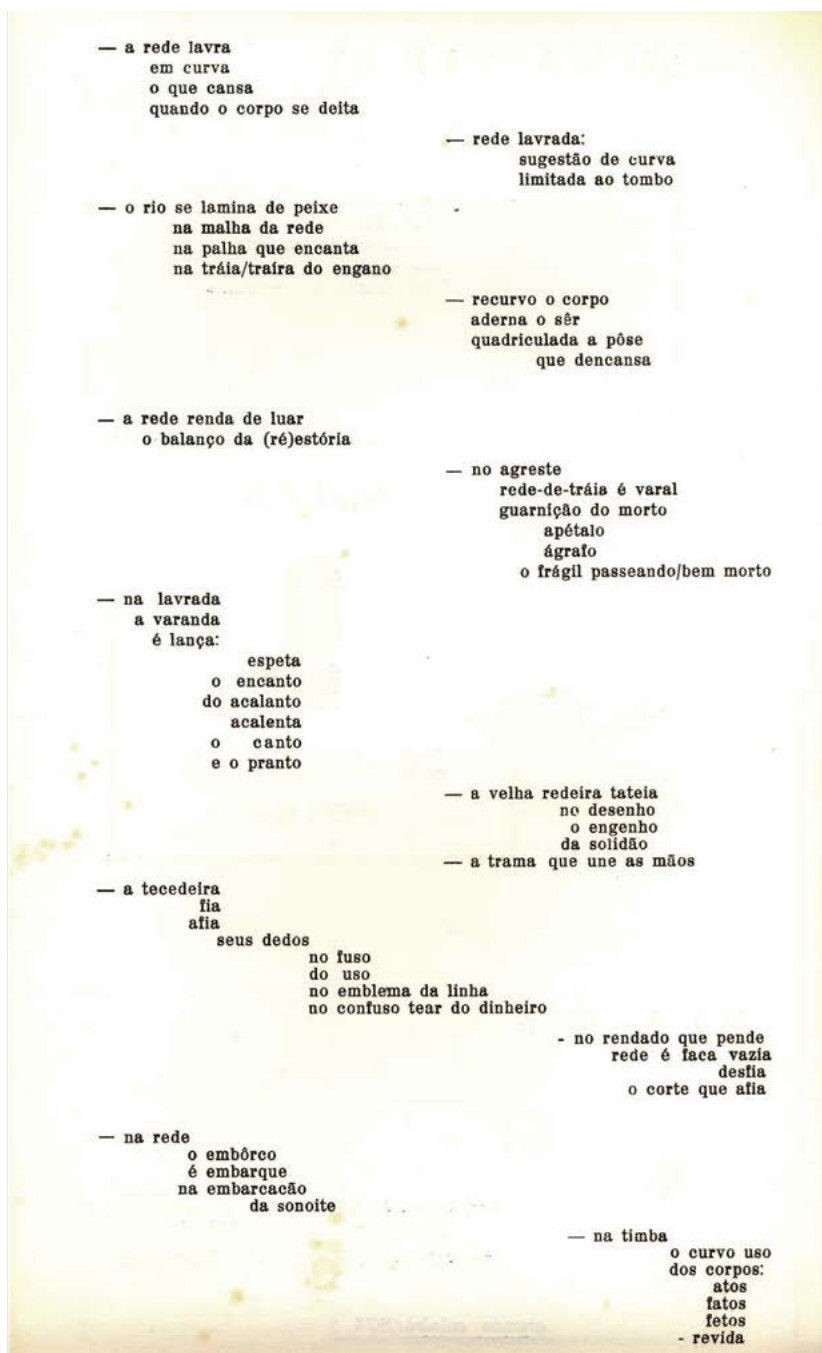
Nos anos seguintes, Dias-Pino envolveu-se ativamente na formulação de mais um movimento literário de vanguarda: a corrente do Poema-Processo, que chegou a ter abrangência nacional. A partir dessa tendência, ele leva ao limite os posicionamentos e procedimentos praticados no Intensivismo, sobretudo no que se refere à superação do poema como objeto verbal. Para ele, mais do que nunca, o poema se torna estrutura operatória, regida por matrizes, séries e versões. As palavras são frequentemente substituídas por sinais, linhas, gráficos, esquemas e cores. Leitoras e leitores não são mais vistos como intérpretes, decodificadores, mas como operadores da poesia, entendida como acontecimento visual e material, rompendo totalmente com a tradição baseada na linearidade e na centralidade da linguagem verbal.

Outro importante agente do Intensivismo mato-grossense foi Benedito Sant'Ana da Silva Freire. Sua participação no movimento, contudo, ocorreu de maneira diferente da de Dias-Pino. Silva Freire nunca aderiu totalmente aos princípios programáticos do Intensivismo. Ao invés disso, efetuou uma apropriação crítica de seus procedimentos formais. Manteve-se em diálogo produtivo com Dias-Pino, mas não pretendeu levar sua produção poética ao ponto de uma ruptura absoluta com a palavra.

Isso equivale a dizer que a poesia de Silva Freire incorpora operações caras ao Intensivismo, como a fragmentação, a serialização e a repetição. Mas sua escrita mantém muito do conteúdo semântico das palavras, frequentemente expressando o seu vínculo com a identidade regional mato-grossense. Nesse sentido, Silva Freire articula o Intensivismo como ferramenta formal, imprimindo um modo de intensificar a escrita da poesia sem dissolver completamente o discurso.

Tal posicionamento faz dele uma figura mediadora entre o movimento e a tradição. Se Dias-Pino radicaliza o poema como processo autônomo e não verbal, Silva Freire mantém a palavra como elemento organizador, como eixo estruturante. Ele emprega as palavras, por exemplo, como matrizes reprodutíveis, ou seja, como entidades capazes de funcionar quase como carimbos, gerando extensas séries e variações sem perder a ancoragem na linguagem verbal e na realidade sensível.

Silva Freire parte de uma dupla negação: recusa, de um lado, o lirismo de laivos romântico-simbolistas de muitos de seus conterrâneos e, de outro, o abandono completo dos significados verbais, o que torna a sua trajetória única. Demonstra, com sua atitude, que o Intensivismo também pode operar como poética enraizada, capaz de articular experimentação formal com pertencimento cultural. Dessa forma, amplia o alcance do movimento, mostrando que a intensificação da experiência poética não precisa acarretar o apagamento da linguagem e das expressões de identidade e cultura.



(Fragmento de “As redes” de Silva Freire. *Caderno de Cultura* 9, 1974. Fonte: https://www.intensivismo.com.br/images/pdf/silva_freire/caderno_de_cultura-09.pdf)

Em “As redes”, por exemplo, Silva Freire constrói o poema como um campo de relações entre as palavras e os espaços em branco. O termo “rede” assume várias funções concomitantes: 1) como conceito que remete a um referente específico; 2) como metáfora polivalente; e 3) como elemento estrutural e organizador da escrita. Os componentes textuais são fragmentados em enunciados breves, ordenados de forma descontínua e alternada pela página, o que rompe com a linearidade tradicional da escrita. A repetição e a alternância dos segmentos discursivos aproximam o texto de uma lógica processual, em que os significados vão se depositando em camadas.

Cada bloco verbal introduz um aspecto distinto da rede: curva, malha, renda. Assim, não se efetua a apresentação (e a apreensão) totalizante do objeto. Isso equivale a dizer que a rede nunca aparece como produto acabado, mas como sistema em funcionamento, combinando elementos materiais, corporais e simbólicos para imprimir sua imagem na mente de leitoras e leitores. A repetição constante do termo, com variações sintáticas e semânticas, cria um efeito de intensificação: o sentido emerge do acúmulo de atributos e não de definições explicativas. É um processo de significação que remete, inclusive, ao movimento de balanço das redes, com suas idas e vindas.

A construção formal se relaciona intimamente com o conteúdo do poema, em que a rede serve de metáfora para o trabalho braçal, manual, e para a precariedade e temporalidade da vida material e física. Por meio de expressões como “rede lavrada”, “velha redeira”, “trama que une as mãos”, “tecedeira fia”, ressalta-se o fazer artesanal da rede, que reflete a atividade mais ampla da produção de cultura na história de nossa espécie. Na verdade, a imagem da rede parece condensar a experiência humana como um todo, abrigando vivos e mortos, descanso e engenho, solidão e acalanto.

Silva Freire permite que leitoras e leitores transitem pelo poema, assim como o olhar percorre a extensão de uma rede estendida, examinando tramas, volumes, vazios. Simultaneamente, ativa a memória coletiva (e afetiva) do público, sobretudo mato-grossense, pois a rede é elemento constitutivo da cultura cuiabana, ribeirinha e sertaneja. Nesse sentido, esse poema exemplifica a apropriação singular que Silva Freire realiza dos procedimentos intensivistas: a palavra é submetida a cortes, repetições, deslocamentos,

ocupando graficamente o espaço da página, mas, ao mesmo tempo, mantém seu conteúdo semântico e cultural. Assim, forma e conteúdo são entrelaçados na produção de uma poética visual e, concomitantemente, simbólica.

Outra criação de Silva Freire, *Os oleiros* também se constitui dessa forma. Em uma edição da Universidade Federal de Mato Grosso de 1975, a obra recebeu o projeto gráfico de Dias-Pino, o que instaura um interessante empreendimento de coautoria intensivista.



(Fragmento de *Os oleiros* de Silva Freire, 1975. Fonte:

https://www.intensivismo.com.br/images/pdf/silva_freire/os_oleiros.pdf)

Em *Os oleiros*, texto e visualidade se estabelecem de forma não hierárquica, ou seja, sem que um se submeta ao outro. A escrita não se organiza como sequência linear discursiva, mas como distribuição de conjuntos frasais, exatamente como vimos em “As redes”. Dessa vez, contudo, campos delimitados de cor verde, amarela e azul também se organizam no espaço da página. Os blocos textuais são diagramados alternadamente, o que instaura uma ordem ou ritmo diferenciado para a leitura. Os retângulos cromáticos, por sua vez, intersectam alguns desses segmentos, imprimindo realces, como uma espécie de batida ou cadência, o que acentua o aspecto rítmico da composição.

Em relação ao conteúdo, o poema introduz o tema do oleiro, profissional

que cria objetos a partir do barro, outra figura típica da cultura cuiabana. O ofício desse artesão envolve a atividade de cortar, girar, moldar e transformar a argila, o que encontra equivalência na construção formal do poema, com a fragmentação e retomada das palavras, além de sua circulação pela página. Ambos os processos criativos envolvem ideias de rotação, ciclo e processo na gênese de algo novo.

O projeto gráfico de Dias-Pino intensifica a construção poética, acentuando o caráter processual do poema. A leitura vai se dando por aproximações e afastamentos, largadas e retomadas sucessivas de ênfase. É uma apreensão que pode, inclusive, ocorrer indefinidamente, pois o fim do poema não implica a sua conclusão, indicando, ao contrário, uma natureza cíclica. O livro *Os oleiros* materializa a combinação fértil entre o Intensivismo gráfico de Dias-Pino e a poética simbólico-visual de Silva Freire. Nessa obra, a palavra permanece como elemento central, mas é atravessada pela visualidade, que a convoca a operar também como matéria, submetida, da mesma forma que o barro, a um trabalho sistemático e contínuo de transformação.

ANTONIO SODRÉ E A POESIA VISUAL

Entre as décadas de 1980 e 1990, o poeta Antonio Sodré realizou experimentos dignos de nota, explorando aspectos de visualidade na construção de poemas. O site “Antonio Sodré: o poeta da transmutação” apresenta um acervo audiovisual de sua trajetória criativa, com a digitalização de obras impressas e cadernos manuscritos, além da presença de documentários e videopoemas. (<https://antoniosodre.com>).

Os procedimentos intensivistas formais encontraram eco em muitos poetas mato-grossenses (e não-mato-grossenses) posteriores, mas a radicalidade de Dias-Pino no abandono completo da palavra para a forja da experiência poética não parece ter se repetido com frequência, pelo menos não de maneira continuada. No entanto, talvez seja importante examinar mais detidamente a releitura (e recriação) intensivista efetuada, no século 21, por uma poeta e artista visual radicada em Cuiabá.

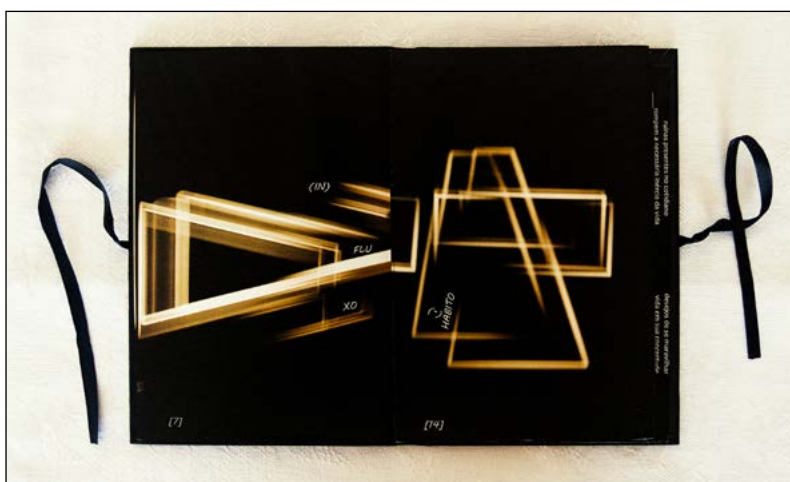
Em 2023, Mari Gemma De La Cruz publica o livro de artista *Tribo Luminescente*, que nasce, nas palavras da autora, de uma “ação antropofágica” sobre o poema “Dia da cidade”, escrito em 1948 por Dias-Pino. Nessa obra, De La Cruz também assume uma postura de experimentação radical, mas o faz a partir de um posicionamento próprio.



(Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=UteoowJvTJo>)



(Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=UteoowJvTJo>)



(Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=UteoowJvTJo>)

As fotos selecionadas acima foram propositalmente retiradas do vídeo demonstrativo publicado no Youtube pela autora. Tal escolha se deu não tanto por ser a forma de divulgação priorizada por ela, mas principalmente porque *Tribo luminescente* foi elaborado para ser manuseado. Uma primeira evidência encontra-se na fita que une capa e contracapa, que precisa ser desatada para que o interior do livro seja conhecido. Não apenas esse detalhe: toda a publicação, editada no formato sanfona, tem que ser desdobrada para ser plenamente apreendida. Tal disposição não é um fator aleatório. Na verdade, assinala uma diferença em relação ao Intensivismo “clássico” dos anos 1940-50, que era extremamente visual, gráfico. De La Cruz introduz a manualidade como aspecto relevante, em consonância com as críticas mais contemporâneas a respeito do predomínio perceptivo da visão na cultura ocidental.

Os gestos não são significativos apenas para a apreensão da obra, tendo sido fundamentais também durante a sua criação. Isso porque as imagens que ocupam as páginas foram criadas a partir do manuseio e arranjo de fragmentos de espelho para que refletissem a luz e fossem, assim, fotografados. Uma característica recorrente nos trabalhos artísticos de De La Cruz é justamente a combinação entre atitudes performáticas e a fotografia. Esse é ainda mais um exemplo. Mesmo que não possa ser imediatamente recuperado por leitoras e leitores, o momento da performance permanece como memória da gênese criativa de *Tribo luminescente*.

A luz projetada e fotografada desempenha função semelhante àquela dos vetores em *A ave* de Dias-Pino. Seus raios organizam o campo visual e estabelecem relações gráficas entre as palavras ou fragmentos de palavras nas páginas. Leitoras e leitores são convidados a construir o sentido desses intercâmbios, que não está previamente dado. Ainda que os lumes assumam formas geométricas nas imagens, essa regularidade é quebrada por sua aparência evanescente, resultado de diferentes tempos de exposição à luz. Assim, a não-fixidez e a fluidez caracterizam tanto significados quanto elementos visuais nessas composições.

No que se refere à questão temática, *Tribo luminescente* propõe a evocação do passado histórico de Cuiabá, cidade nascida da exploração do ouro – sobretudo o de aluvião. Segundo comumente se relata, em séculos passados, pequenas pepitas douradas escorriam, junto com a água, pelas vielas e calçadas cuiabanas em dias de chuva. Então, o fluxo luminoso desse metal se enraíza nos momentos fundacionais da urbe. Além disso, a obra de De La Cruz sinaliza o presente, em que o tráfego de veículos e a circulação de dados informacionais ganham intensidade crescente. As luzes de faróis e telas digitais também se desenham velozmente pelos caminhos urbanos. Contudo, essa não é uma retomada celebratória, mas crítica.

O título do livro vem de “triboluminescência”, que significa a propriedade de emitir luz por atrito ou fricção. Nos trânsitos contemporâneos, os seres humanos frequentemente se sentem pressionados pela necessidade de se mover física e digitalmente cada vez mais rápido. A obra de De La Cruz interroga esse modo de vida: para onde tanta pressa estaria nos levando? O questionamento se endereça a indivíduos e à coletividade: que tipo de sociedade Cuiabá, que é a nossa “tribo”, estaria criando na atualidade, com esses seus fluxos, influxos e refluxos?

Além das palavras isoladas ou fragmentadas, as páginas de *Tribo luminescente* ainda portam números, que remetem ao encarte que acompanha a publicação. Nesse apêndice, intitulado “Tábua de Palavras”, termo emprestado de Dias-Pino, é apresentada uma sequência de poemas, numerados de forma correspondente.

TÁBUA DE PALAVRAS

[1] naquele tempo de água correndo livre pelo chão
a cidade se fez pelo brilho do ouro de alívio
espelho do sol faiscando nas lavras do Suti
presente uma gente de alma gentil
_____ ancestral _____
no coração da América Austral
o povo originário foi ferido
_____ ambição _____
em memórias que escorreram
pelas pedras do rio

[2] vazante conversão de lugares desaparecidos
_____ atravessados por bytes _____
construtores de um líquido em múltiplo estado
ruínas presentes no cotidiano
_____ rompe a necessária inércia da vida _____
o que ali está temporário o que ali esteve
o vento sopra memórias
a lembrança convoca sensações

[3] espaço implacável riscado por dados-luz
altera o mapa
transforma o território
frenética malha de conexões _____ desconexões _____
a rede não pesca
a cidade não dorme
tem urgência em se fazer
_____ (re)existir _____ investir _____

[4] no percurso do rio
da nascente até a foz
há o fio da navalha
Vitórias-Régias cortadas
_____ vidas tão sonhadas _____
trazem na lembrança a dança dos afetos
_____ n'água _____
das partes não há reboto
o rio não é o mesmo

[5] _____ envergadura _____
eminência geradora de luz
pelos corpos viventes em qualquer
_____ dimensão _____
_____ cintilação _____
lampejos se fazem na trêmula mente
desejos de se maravilhar
vida em sua concretude
como o brilho do vagalume no ar

[6] côncavo e convexo
serpenteia o rio
flui a informação
_____ diálogo _____
(s)em (s)-e)nse casual
erro e ilusão
sopro e pulso
_____ de vida _____ diluída _____
na rede
dourados querem escapar
bailar no rio das lontras brilhantes
Kyyoverô

[7] ativação do cotidiano cidadão
delirante
_____ dança _____

combustível dessa impalpável
máquina de produzir desordem
aceleração imagética
velocidade líquida borbulhante

[8] a cidade é um livro multilaboral
dicotômica permanência mutacional
repetidos espelhos a enlaçar
há gente que se insere _____ se atravessa _____
no movimento das massas
procurando se encontrar

[9] _____ qualidre do corpo fazer luz - _____
antes do agora
num tempo em que memória não há
a luz divinha do ar
veio homem branco
a cobiça nada poupou
_____ domínio _____
periste
insiste
brilho áureo garimpado
guardado em cofres
em bancos
que não são para se(s)entar
olhar a cor da paisagem mudar
hoje o cajuado está na mão dos mineradores
matemáticos logarítmicos
_____ enigmas _____
esfinge capital devoradora
sombrias respiram por tesouros
intermitência febril
_____ ouro digital _____
do que precisa a alma para ser brilho dourado?

[10] _____ anverso_ e_ reverso _____
se equacionam
invólucro líquido deriva em mil efuentes
corpos se penetram na paisagem incerta
se reconfiguram
buscam uma realidade insólita

[11] _____ no caos do cyberspaço _____
anêlinos transitam
intercambáveis labirintos
_____ imaginárias sociedades _____
fronteiras n(ã)o há(r)
rastos de fumaça
cicatrices
cidade-concreto
a chuva não mais cai
na asa da mariposa que busca a luz

[12] pretensa inteireza da cidade
_____ atritar cotidiano _____
estado vivido de normose
_____ fissuras n'alma _____
penível destino da gente que a habita
_____ fraturada _____
em farrapos ela se remenda
_____ inventa _____
um novo tecido cicatricial

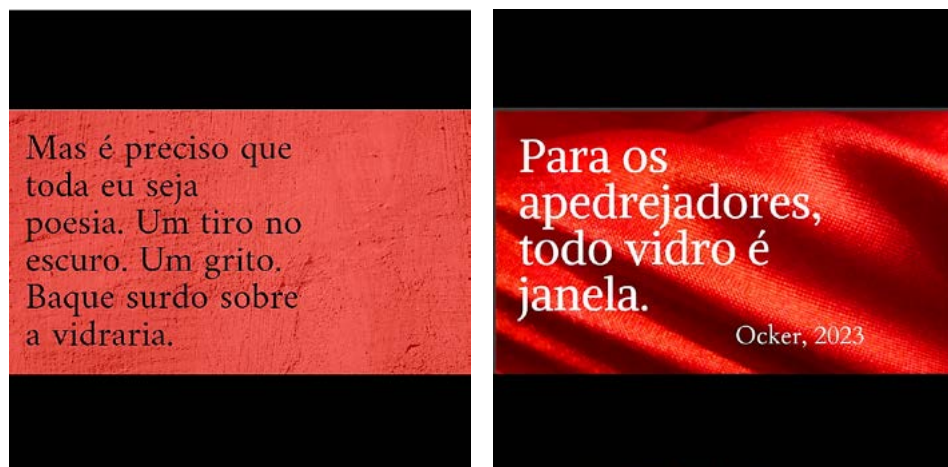
(Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=UteowJvTJo>)

Esses textos poéticos podem ser lidos individualmente, conforme a sequência das páginas, mas também compõem um todo, o que deve ser levado em consideração. Vistos em conjunto, eles apresentam um aspecto narrativo, pois remetem a fases ou facetas de Cuiabá: “naquele tempo de água correndo livre pelo chão”, “brilho áureo garimpado”, “caos do ciberespaço”. A proposta narrativa, contudo, não se dá cronologicamente. Ao contrário, imprime-se uma atmosfera de simultaneidade, como se todos esses tempos fizessem parte da “pretensa inteireza da cidade”. Nesse ponto, a obra de De La Cruz se aproxima da poética de Silva Freire por não abandonar o conteúdo semântico do discurso e tratar de questões locais. Contudo, a sensação que temos é a de que ela percebe as identidades de modo bem mais fluido, o que se comunica com os temas e a forma de seu livro.

Isso não poderia ser diferente, pois o século 21 se caracteriza pela disseminação desenfreada de conteúdos e modos de vida. Os meios tecnológicos e a internet, cada vez mais presentes, acarretam essa pulverização. Autoras e autores mato-grossenses contemporâneos têm frequentemente recorrido às redes sociais para divulgar suas criações literárias. Isso muitas vezes os leva a explorar aspectos visuais de composição. Parece haver dois tipos de atitude nesse caso: 1) a criação de conteúdos voltados desde o princípio para o meio digital; e 2) a recriação de poemas e passagens de obras escritas ou impressas originalmente em suportes tradicionais para o meio digital.

Século 21: poesia visual nas redes sociais

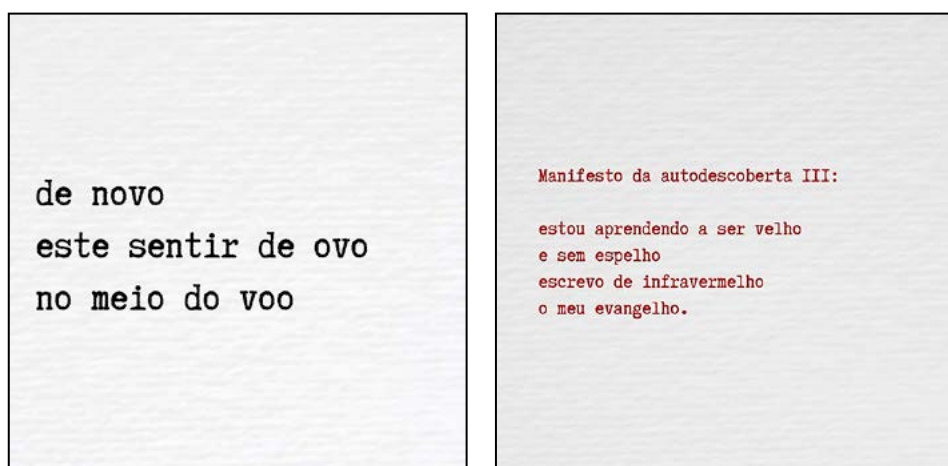
Diante da multiplicidade de intervenções nas redes sociais, optamos por apresentar, de agora em diante, uma discussão mais sucinta, na tentativa de oferecer um panorama mais amplo de autoras e autores contemporâneos (embora a completeza seja, como sempre, inalcançável). Decidimos nos deter apenas nos casos que poderiam ser considerados como representativos de uma poesia visual, também chamados de *instapoemas*, uma vez que a maior parte foi postada no Instagram. Essa escolha se dá por motivos de praticidade, mas acaba excluindo outras produções igualmente relevantes, como os videopoemas e as micronarrativas.



(Fontes: <https://www.instagram.com/p/CtW-jNwuYvD> e <https://www.instagram.com/p/CtxK7aZvl6A>)

Nessas composições de Ariel Ocker, palavra e imagem se articulam para causar determinado impacto. As postagens trazem fragmentos de uma obra completa, servindo de divulgação para a campanha de financiamento da publicação. Ainda assim, acreditamos que podem ser analisadas como produções independentes, uma vez que foram postadas como tal. No primeiro quadro, a parede áspera e vermelha escolhida para servir de fundo ao texto intensifica o conceito de uma poesia que emerge com força e violência: “um tiro no escuro”, “um grito”, “baque surdo sobre a vidraria”. No segundo, o tecido vermelho em movimento traz a sensação de uma superfície macia que contrasta com os termos empregados, que remetem a objetos duros, concretos, ou a gestos agressivos: “apedrejadores”, “vidro”, “janela”.

De caráter metalinguístico, essas produções revelam uma concepção de poesia como ato de enfrentamento, cuja expressão implica assumir uma condição de transparência e vulnerabilidade, como a do vidro. Assim, o fazer poético pode provocar ataques, atritos, mas também sinaliza a possibilidade de transcendência, de ver e ir além, exatamente como uma janela.



(Fontes: <https://www.instagram.com/p/DDe1IWGudlg> e <https://www.instagram.com/p/DCtkYOKR8IK>)

Nos poemas de Caio Ribeiro, sobressaem-se a concisão verbal e o uso massivo do vazio na construção dos campos visuais. No primeiro deles, o encadeamento entre as expressões “de novo”, “de ovo”, “do voo” revela a operação da repetição com a inserção da diferença a cada enunciação.

Tematicamente, essa sequência reúne ideias de origem e risco, novidade e rotina, queda e ascensão. Sendo assim, evoca a sensação paradoxal de se estar no meio do caminho, sentindo-se ao mesmo tempo no início e no fim da jornada. A composição apresenta como principal elemento visual a organização elegante do texto no amplo espaço em branco e o uso de uma tipografia sóbria, que remete ligeiramente àquela produzida por antigas máquinas de escrever. A sutileza da visualidade empregada reforça noções de equilíbrio e precisão, por um lado, e vulnerabilidade e instabilidade, por outro.

No segundo quadro, insere-se uma dimensão metapoética. Aprender a ser velho sem espelho sugere a atividade de uma escrita que não busca validação externa nem se apoia em modelos exteriores de autoridade. Ao contrário, a maturação vem do conhecimento interno, da ação de redigir um evangelho pessoal, de acordo com os próprios padrões e doutrinas. Escrever de infravermelho é outro paradoxo, pois implica registrar, ou seja, tornar visível o que não pode ser visto por olhos humanos. Ironicamente, o texto é grafado em vermelho, esse sim passível de ser lido.

Em ambas as composições, a extrema economia de recursos visuais faz com que cada verso ressoe com força de ênfase. Forma e tema são articulados para exprimir indagações existenciais e metalinguísticas. Forja-se uma poética do silêncio, da afirmação da individualidade criativa e da assimilação das contradições inerentes à vida e ao trabalho de criação.



(Fontes: <https://www.instagram.com/p/C2HxXPylDgs> e <https://www.instagram.com/p/CpafPJ0r3Fm>)

As duas composições de Divanize Carbonieri partem de um registro afetivo e lúdico da linguagem, apoiando-se intensamente na visualidade para a expansão de sentidos. No primeiro quadro, o fundo amarelo vibrante comunica-se com o humor expresso nos versos. As frutas estilizadas e o contorno sutil do pássaro acrescentam imagens de familiaridade e leveza ao conjunto. A palavra “banana” reverbera a noção de abundância, pois, mesmo em seu estado mais frugal, ela é “banquete pros pássaros”, podendo servir de base para iguarias mais sofisticadas e adocicadas reservadas aos humanos (“banoffee”).

O paralelismo dos conceitos de partilha (“banquete”) e prazer individual (“só pra ti”) remete ao contrabalançar entre coletivo e íntimo, suficiente e excessivo, comum e extraordinário, que compõem as experiências cotidianas dos vivos. Esse dinâmico equilíbrio é confirmado pela escolha gráfica, marcada simultaneamente pela economia de elementos visuais e pela intensidade cromática. A criação verbal, por sua vez, combina a economia e o despojamento tradicionais do haikai com certo extravasamento de linguagem, dado pelo uso massivo da aliteração, da assonância e da rima interna. A imagem não ilustra nem explica o texto, mas opera em paralelo, criando um pequeno sistema de fruição visual, formal e semântica.

O segundo haikai segue a mesma linha, dessa vez com o uso de uma linguagem ainda mais coloquial e regional. O humor está novamente presente, associando-se a uma dimensão afetiva, quase infantil, marcada pelo motivo escolhido, uma mãe capivara e seus dois filhotes, e o uso de diminutivos (“buchudinho”, “chaveirinho”). A composição visual mistura fotografia e desenho, produzindo uma sensação de acolhimento e proximidade, como se o poema também fosse um objeto de afeto compartilhável, como uma figurinha de álbum ou um souvenir de viagem. No que se refere ao tema, concentra-se na observação de uma cena do mundo natural, que oferece a possibilidade de encantamento e descoberta. Nesses quadros, expressa-se uma poética do cotidiano sensível, em que a concisão verbal é ampliada pela atmosfera carinhosa criada pelos componentes visuais da composição.

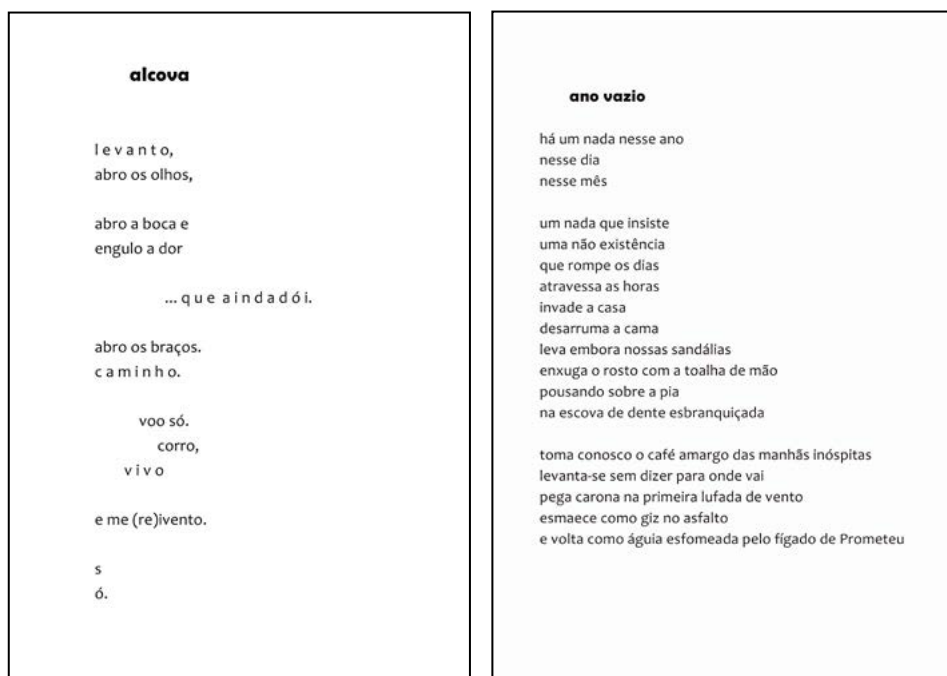


(Fonte: <https://eduardomahon.com.br/index.php/haikais2>)

Os haicais de Eduardo Mahon, por sua vez, demonstram um procedimento de extrema concisão verbal, conceitual e visual. O primeiro deles propõe “ziguezague” como metáfora da palavra, signo cujo significante vai de um significado a outro. Expressa ainda uma noção algo espacial: sendo a palavra uma unidade mínima, de extensão limitada, como caberia, nela, a possibilidade de tantas reviravoltas de sentido? Portanto, também contém uma discussão metalinguística, referente à capacidade da poesia de torcer e retorcer termos e conceitos em busca de renovação constante para a linguagem.

O haicai seguinte manifesta um conteúdo metalinguístico mais sutil, mas mais provocador. Exige de quem o está lendo determinada mudança de ponto de vista (“admita”). A alteração de perspectiva demandada envolve o reconhecimento de que nem mesmo um objeto tão diáfano quanto a pétala é leve o suficiente para levitar. Isso sugere que a mensagem se endereça a quem tem certa resistência de encarar a concretude da experiência poética, preferindo concebê-la, por exemplo, como expressão de elevados sentimentos. Contrastando com esse lirismo “edificante”, o poema deixa entrever a concepção de que a poesia se faz a partir do trabalho com a materialidade sonora, visual e conceitual das palavras.

Ambos os haicais integram obras impressas publicadas anteriormente pelo autor. No entanto, aqui também são ofertados como composições verbo-visuais. O tratamento gráfico confirma a economia radical da expressão. São utilizados fundos chapados de cor única, branca ou vermelha, e fontes despojadas, remetendo a textos datilografados, numa organização equilibrada entre os amplos espaços vazios. Trata-se, em suma, de uma poesia visual de acentuado rigor linguístico, formal e gráfico, em que a escolha pelo mínimo intensifica a tensão poética.

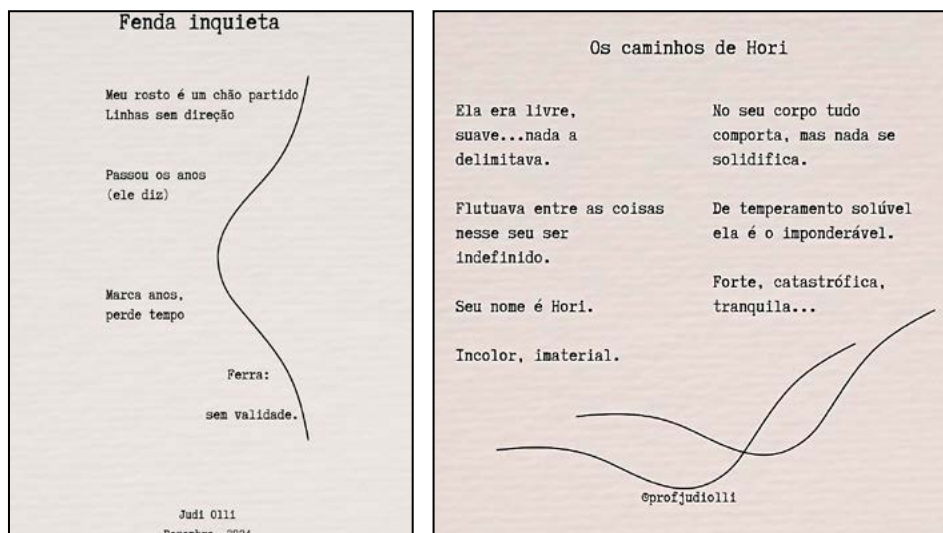


(Fonte: <https://www.instagram.com/p/DKtNA29uiz8> e
<https://www.instagram.com/p/DKMm5SHOaL8>)

Edson Flávio Santos propõe uma postagem dos poemas no Instagram, tal como eles aparecem na página impressa. Mesmo assim, pela própria natureza dessa rede social, eles se convertem em imagens, o que significa que também são apreendidos como campos visuais. Dessa forma, o predomínio do fundo branco sem inscrições gráficas outras que não os componentes textuais empresta sobriedade às composições. São construções que não distraem ou “cansam” o olhar com outros recursos, intensificando o impacto do texto.

Em “alcova”, o poema se organiza verticalmente, com versos espaçados que simulam a sequência dos gestos rotineiros mencionados: levantar, abrir os olhos, engolir a dor, caminhar. Essa fragmentação se comunica com o desgaste físico e existencial da voz poética, que ainda realiza essas ações, mas sem encontrar nelas sentido ou prazer algum. Outros expedientes gráficos, como a pausa elíptica no verso mais recuado à direita e a cisão da palavra “só” em “s/ó” ao final, ajudam a materializar visualmente a solidão, a dor de viver. O branco maciço ao redor do texto funciona como uma alcova simbólica, circunscrevendo um espaço íntimo e silencioso em que essa dor é engolida num esforço contínuo (e vão) de reinvenção.

Em “ano vazio”, o espaço visual é ocupado por versos mais numerosos e extensos, oferecendo menos áreas de respiro para a apreensão. Os versos vão se enumerando verticalmente, tal como o “nada” que atravessa a temporalidade cotidiana e o ambiente doméstico. Assim, o conteúdo temático faz referência ao vazio que se propaga pelos gestos do exercício cotidiano da vida, como escovar os dentes, tomar café, calçar as sandálias, até adquirir uma dimensão mítica, como a águia que ataca indefinidamente o fígado de Prometeu. Nesse caso, a disposição discursiva, menos fragmentária do que no poema anterior, reforça a sensação de uma insistência que destrói: o nada causa danos justamente pela persistência irrefreável.



(Fontes: <https://www.instagram.com/p/DEx9BpzyNSR> e
<https://www.instagram.com/p/C1HIP5lu6IJ>)

Nesses dois poemas visuais, Judi Olli combina palavra e traço no campo visual. Em “Fenda inquieta”, uma linha curva à direita acompanha o poema de alto a baixo. Ao invés de simplesmente servir de ilustração para o texto, ela o encarna graficamente. Isso porque precisa ser percorrida com o olhar, assim como os anos passam pelo rosto, transformando-o num “chão partido”. A temporalidade se insere, então, tanto como aspecto temático quanto elemento visual. O texto separado em estrofes ou blocos espaçados, com versos curtos e mínimos, ressalta a sensação de um desgaste lento. Em consonância com a ideia de perder tempo, a linha curva pressupõe desvio, perda de rumo. O desfecho do poema, marcado por “Ferra: sem validade”, funciona como um selo no amplo espaço em branco, marcando a invalidez causada pelo tempo.

Em “Os caminhos de Hori”, por sua vez, o texto se organiza em duas colunas, dispostas simetricamente, uma ao lado da outra. Na parte inferior do quadro, linhas ondulantes se inter cruzam. A fluidez das linhas quebra a regularidade das colunas, que já era suavizada pelos versos de tamanhos variados. Assim, o arranjo visual se comunica com o tema do poema, que se refere a uma figura feminina que é “livre”, “suave”, “imaterial”. Os traços sinuosos desenharam graficamente a qualidade de “imponderável” que se atribui a ela. Todo o conjunto evoca sensações de leveza e suspensão, como um corpo que jamais se solidifica. Assim, em ambas as composições a visualidade opera como intensificador dos significados poéticos, ampliando as reflexões sobre passagem do tempo, liberdade e impermanência.

Larissa Campos posta os poemas seguintes “em carrossel” no Instagram, ou seja, em sequência, numa única postagem. Esse procedimento os transforma imediatamente num conjunto, em que cada campo visual empresta novos significados ao todo. Assim, a apreensão se constrói por acréscimo e deslocamento. Tradicionalmente, os poemas se organizam em estrofes, que operam como membros articulados de um corpo maior, mais ou menos como os vagões de um trem. Nessa composição, tal função é exercida por cada um dos quadros, o que implica certo desmembramento visual. Exige-se, assim, mais esforço de quem os contempla para interligar sentidos.

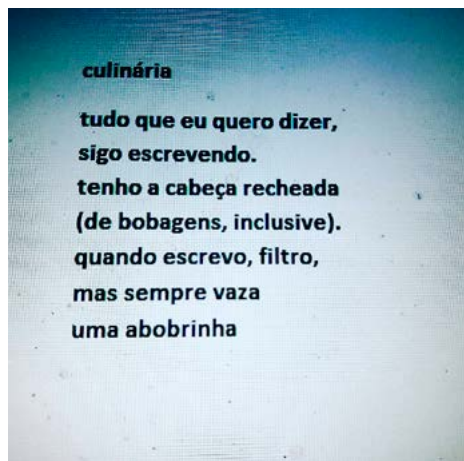
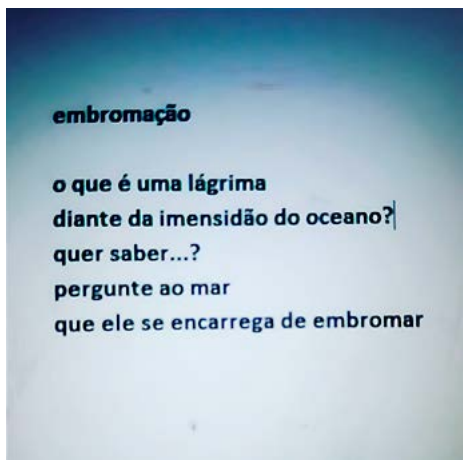


(Fonte: https://www.instagram.com/p/C2lMoL-OzuY/?img_index=4)

A repetição do fundo escuro, num tom que remete ao papel pardo de envelopes e embalagens comuns, cria uma unidade material que se comunica com a melancolia expressa no conteúdo temático. Curiosamente, o poema tem como motivo principal o céu, que, apesar de “arrebentado/em cores vivas”, compõe os “dias tristes” vivenciados pela voz poética. E essa vivência parece ser sentida como algo profundamente pessoal, subjetivo, como uma realidade que outra pessoa “jamais vai ver”.

O amplo uso do espaço vazio, aliado à tipografia discreta e ao ornamento gráfico mínimo, que imita manchas de tinteiro nas bordas das composições,

intensifica o tom íntimo, interiorizado do discurso. A sequencialidade do carrossel substitui a linearidade das páginas de um livro, sendo que o seu caráter de imagem provoca uma atitude contemplativa e meditativa mais instantânea. Assim, o conjunto constrói a poética de uma inquietação comedida, mas insistente, diante de um cotidiano que se contempla sem que suas lições sejam aprendidas.



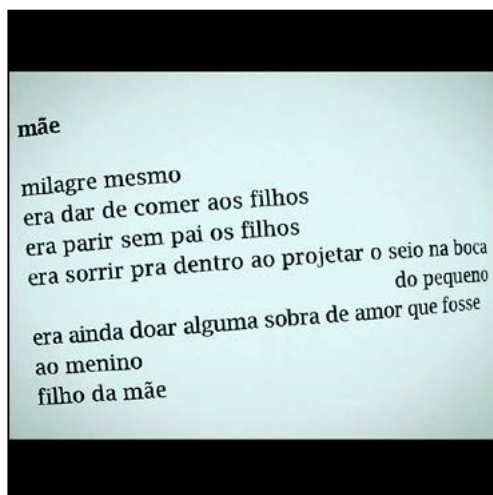
(Fontes: https://www.instagram.com/p/CDKnUh_IlkX e <https://www.instagram.com/p/CCwpL5ylljz/>)

Lorenzo Falcão opta por apresentar, no Instagram, poemas de seus livros já publicados por meio do seguinte procedimento: fotografar a página impressa não diretamente, mas a partir de sua projeção na tela do computador e, depois, postar a imagem na rede social. Isso faz com que se desenhe sobre a composição uma malha quadriculada de aspecto cambiante, conforme o ângulo de observação, mais perceptível em meio digital. Essa teia luminosa funciona como uma película visual de mediação, evidenciando o trânsito entre suportes. Nessa condição, expõe a materialidade técnica do texto poético, além de causar um leve ruído na leitura, deslocando-a do campo da transparência para o da consciência do suporte. O poema, assim, não se apresenta como pura “mensagem”, mas como objeto atravessado por dispositivos, reforçando uma poética visual e material.

Esse gesto dialoga com os conteúdos temáticos dos textos selecionados. Em “embromação”, a referência à insignificância da lágrima diante do oceano

e o conselho irônico em “pergunte ao mar” evocam a relativização de qualquer reflexão, dor ou produção humana diante da vastidão do mundo e da ordem das coisas. Não deixa de ser um lembrete de que a palavra poética também pode se diluir num universo de intermináveis camadas de discurso. Disso advém a noção de poesia como “embromação”, como algo que, ainda assim, tenta “tapear” a dissolução, escapando ao apagamento discursivo e buscando permanecer no tempo.

A escrita poética, em “culinária”, também aparece de forma instigante. A poesia é o resultado da mistura entre o que se quer dizer, o “recheio da cabeça”, e aquilo que o filtro deixa passar. No entanto, corresponde a uma atividade que não pode ser completamente controlada, pois “sempre vaza uma abobrinha”, expressão que remete ao significado de bobagem, dado pela gíria, mas também ao de alimento. Nesse sentido, aquilo que foge à censura cerceadora da mente durante a ação da escrita pode ser o que ela apresenta de mais relevante e nutritivo. Assim como a materialidade dos poemas é “contaminada” na transposição entre suportes, a poesia se contamina de novidade e ressignificação com a incorporação dessas “abobrinhas” que trapaceiam a razão.



(Fontes: https://www.instagram.com/p/CwjHaG5sSOvpy7iBv7nBebpEgMVV3ft0B8wwLc0/?img_index=1 e

https://www.instagram.com/p/CdS5QEWuP87N-7b_UmZ92apcS1buWmvZbGr08E0)

Nesses exemplos retirados do Instagram de Marli Walker, apresentam-se dois tipos de procedimento na criação de composições verbo-visuais. No primeiro deles, a imagem é dada pelo recorte, provavelmente um *print* de celular, diretamente da página de uma revista literária digital, a *Ruído Manifesto*. A decisão de manter o logo do periódico na parte superior do quadro faz com que ele se comunique visualmente com o conteúdo e a disposição formal do poema abaixo, emprestando-lhe novos sentidos.

A construção lembra o uso de um papel timbrado institucional, em que o “timbre” indica localização ou pertencimento. “Escritura”, que originalmente integra uma obra impressa da autora, transforma-se em “ruído manifesto”, ou seja, em escrita que ressoa também a partir da visualidade digital. Tematicamente, nesse primeiro poema, gestos mínimos perfazem uma coreografia amorosa em que os parceiros se mesclam num único corpo, não fazendo mais sentido indagar a quem pertencem as mãos. Assim, a noção de integração está presente tanto visualmente quanto no conteúdo da mensagem.

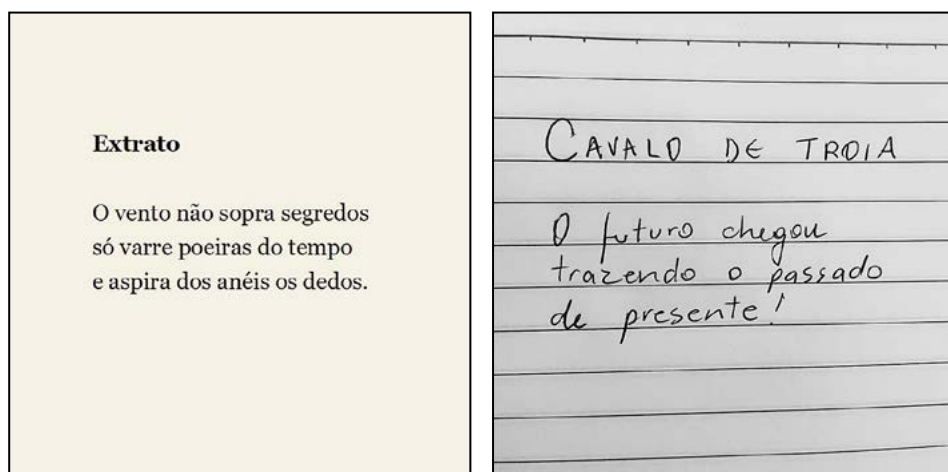
Na composição seguinte, o poema “a mãe” é fotografado a partir da página do livro. A postagem da foto, na rede social, altera a diagramação original dos versos, apresentados agora numa acentuada diagonalidade. Isso rompe com a linearidade tradicional da leitura e dinamiza a apreensão. De certa forma, o movimento ascendente em flecha parece oferecer transcendência ao exercício cotidiano e solitário da maternidade, cujo peso é enfatizado em expressões como “dar de comer”, “parir sem pai”, “doar alguma sobra de amor”. Além desse horizonte de dificuldades, encontra-se a promessa do milagre encarnada no filho.

Revistas literárias digitais em Mato Grosso

Idealizada pelo escritor e jornalista Rodivaldo Ribeiro e criada em 2017, a revista literária *Ruído Manifesto* já se constitui na atualidade como um rico acervo digital de literatura contemporânea. Com publicações diárias, a revista conta com uma equipe de editoras e editores, cujos membros, em sua maioria, são nascidos ou radicados em Mato Grosso, o que acentua a ligação do periódico com a produção mato-grossense, um dos alvos do periódico. (<https://ruidomanifesto.org>).

Sendo o site literário mais antigo ainda em atividade em Mato Grosso, o *Tyrannus Melancholicus* foi fundado em 2010 pelo poeta e jornalista Lorenzo Falcão, até hoje o seu principal realizador. Reúne publicações de poesia e prosa, além de matérias a respeito de eventos culturais de Cuiabá e Mato Grosso. (<https://www.tyrannusmelancholicus.com.br>)

A *Revista Pixé* foi criada pelo escritor Eduardo Mahon originalmente como um periódico eletrônico, com o objetivo de divulgar literatura e arte contemporânea em Mato Grosso. Mais tarde, recebeu algumas edições impressas. Circulou entre os anos de 2019 e 2023, com periodicidade mensal. Além dos textos literários, as páginas eram ilustradas com obras de artistas plásticos contemporâneos. Todas as edições podem ser consultadas no site da revista. (<https://www.revistapixe.com.br>)

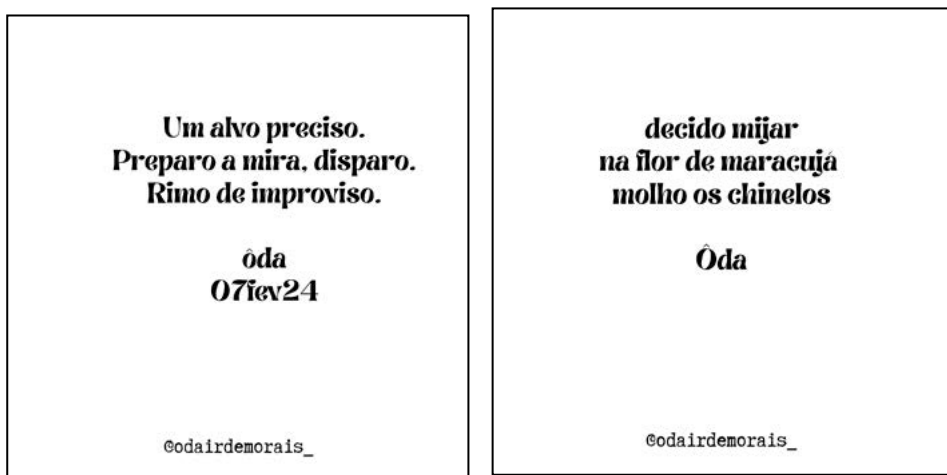


(Fontes: https://www.instagram.com/p/CvCqxY_OMNJ
e <https://www.instagram.com/p/C8PFIPEOCVx>)

Nessas composições de Marta Cocco, a concisão verbal se articula a uma visualidade que enfatiza o gesto mínimo e o tempo em suspensão. Em “Extrato”, a tipografia despojada e o fundo de tonalidade neutra criam um espaço de silêncio que amplifica o sentido expresso pelo conteúdo. O tempo é visto como força contínua e nada mística: ele não revela segredos nem expedientes mágicos, apenas varre, desloca e desgasta. Enfatiza-se uma

sensação de subtração gradual, uma vez que o tempo desbasta lentamente a matéria, os vínculos e tudo aquilo a que se valoriza (“aspira dos anéis os dedos”). Nada escapa de sua destruição implacável. Visualmente, o amplo espaço vazio funciona, na organização do campo visual, como símbolo gráfico do nada, que emerge após esse desgaste contínuo.

Em “Cavalo de Troia”, ressalta-se a decisão de apresentar a composição verbo-visual como um manuscrito em papel pautado. Isso materializa graficamente o conteúdo do poema, que se refere ao passado que ressurge novamente como presente trazido pelo futuro. Assim, uma forma de comunicação “do passado”, consistindo apenas de texto grafado manualmente, assoma à superfície do meio digital. Trata-se de uma reflexão irônica sobre o tempo histórico, com suas inúmeras repetições e ciclos. O título também empresta significados importantes. Na condição de “Cavalo de Troia”, a oferta não pode ser tão positiva. E, de fato, as mazelas do tempo presente são muitas vezes reencenações de tragédias passadas. Assim como ocorre no primeiro exemplo, a simplicidade formal se alia aqui à densidade reflexiva, numa poesia que se debate sobre o tempo como repetição, desgaste e armadilha.



(Fontes: <https://www.instagram.com/p/C3DBw29ONwHU8miF3eq1OUxfAxj1vPThRWTXhA0> e <https://www.instagram.com/p/DMGnPuIO04pFtcNrxtCdnTsqiLNCuHvO3AQ8Cc0>)

Odair de Moraes também fornece, nesses dois haicais, exemplos preciosos de visualidade poética concentrada. Os componentes textuais, grafados na cor preta, aparecem inseridos num campo branco, sem outros elementos gráficos a competir com eles, o que intensifica o seu impacto. Além dos

versos, há a inscrição do pseudônimo frequentemente usado pelo autor nas redes sociais, Ôda, um diminutivo de seu prenome que, ao mesmo tempo, remete à sonoridade da língua japonesa, de onde vem a tradição dos haicais. Num dos quadros, há ainda a inclusão da data: “07fev24”, o que enfatiza o aspecto temporal, cotidiano, da composição.

No primeiro poema, são utilizadas palavras de afinidade semântica, como “alvo”, “mira” e “disparo”. Esse encadeamento cria uma expectativa de precisão, que é quebrada ao final por “rimo de improviso”. Reafirma-se a noção do haikai como captura de um momento de concentração máxima diante de uma paisagem ou situação. Contudo, é simultaneamente reforçada a concepção de que isso não envolve operações de cálculo exato, mas o emprego da intuição e de uma consciência mais ampla.

O segundo haikai apresenta um tom bastante diferente. A expressão “decido mijar” introduz a corporalidade rebaixada das necessidades fisiológicas humanas, além da linguagem subversiva do jargão popular. Isso contrasta com a imagem delicada da “flor de maracujá”. A mescla entre vulgar e sutil desemboca no desfecho do poema, “molho os chinelos”, que dissolve qualquer idealização lírica, encarnando a poesia no cotidiano e no corpo. A composição visual austera acaba acentuando esse efeito, pois nenhum ornamento embeleza ou suaviza o gesto. Em Odair de Moraes, temos uma poética que valoriza a potencialidade do instante e do acaso na criação do haikai.

Conjuntamente, todos esses poemas visuais de diversas autoras e autores revelam um campo de experimentação plural, em que diferentes vozes, procedimentos e sensibilidades convivem e se contaminam, evidenciando a vitalidade da poesia verbo-visual no presente de Mato Grosso. A circulação pelas redes sociais e pelos meios digitais não apenas amplia o alcance dessas produções, mas também transforma seus modos de existência, permitindo que texto, imagem, tipografia, cor e suporte sejam pensados de forma integrada e acessível. Ao reduzir barreiras técnicas e institucionais, a internet favorece a democratização dos gestos criativos, abrindo espaço para formas híbridas, provisórias e compartilháveis, em que a poesia se reinventa no fluxo, no carrossel, na tela e na interação cotidiana com o leitor-usuário.

AMPLIANDO HORIZONTES



Livros

Revistas e jornais: um estudo do Modernismo em Mato Grosso de Marinei Almeida (Carlini & Caniato, 2012). Esse livro, resultado da dissertação de mestrado da autora, examina jornais e revistas editados em Cuiabá entre as décadas de 1930 e 1950. O foco são os movimentos literários ligados ao Modernismo, interligando ações locais e nacionais.

Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX) de Yasmin Nadaf (7Letras, 2002). Resultado da tese de doutorado da autora, essa obra cataloga e analisa o folhetim enquanto gênero literário publicado em jornais na França, Rio de Janeiro e Mato Grosso.

Desmontando os quadrinhos: história em quadrinhos, educação e regionalidade de Gabriel de Mattos (Carlini & Caniato; EDUFMT, 2009). Resultado da dissertação de mestrado do autor, esse livro investiga a produção de quadrinhos, com ênfase na segunda metade do século 20, e suas relações com o contexto educacional. Destaque para os capítulos finais, que se concentram no contexto dos quadrinhos em Mato Grosso, inclusive com a impressão de *Um país em construção*, de autoria do próprio Mattos.

Obras infantojuvenis

Ele era de outro mundo de Lucinda Persona, com ilustrações de Wander Antunes (Tempo Presente, 1997). O livro narra a história de um ET que, graças a uma tecnologia avançadíssima, pode enxergar muito longe e viajar pelo universo. Ele avista e vem à terra em busca de amigos.

Os bichos escrevem de Lucinda Persona (Entrelinhas, 2023). Um livro de poemas em que cada bicho, com suas características ou seu jeito de ser se parece com um jeito de escrever, mostrando as versatilidades da escrita.

Escrituras animais de Marta Helena Cocco (Gesto, 2020). A história é contada por uma lagarta descendente de outra muito antiga que vaticinou sobre o futuro das comunicações. Aborda a escrita como uma tecnologia e os vários gêneros e suportes em que os textos circulam na vida social.

Astroblema de Tatiane Silva Santos (Bacuri, 2024). Uma garotinha curiosa e imaginativa, junto ao seu fiel amigo, um tatu cor-de-rosa, conta sobre suas descobertas a respeito de “um tal de domo”, na verdade, uma importante formação geológica localizada na cidade onde vive, Araguainha, região central do Brasil. Suas reflexões acerca do tema envolvem áreas das ciências, geologia, geografia, astronomia, sociologia e história, além de suas fantasias com “os temidos extraterrestres” que invadem seus pensamentos.

Tereza Natureza e Sofia Tecnologia de Val Baminger Oliveira e Belle John, com ilustrações de Dani Dias (Entrelinhas, 2020). A obra aborda, em suas páginas, o uso excessivo do celular em sala de aula, além do triste cenário das queimadas no Pantanal.

Sites

Academia Mato-Grossense de Letras: site em que se podem encontrar os números digitalizados das Revistas do Centro Mattogrossense de Letras e da própria Academia Mato-Grossense de Letras.

<https://academiamtdeletras.com.br/>

Biblioteca digital do Intensivismo: site organizado por Cristina Campos, com informações a respeito de obras e autores mato-grossenses, trazendo números digitalizadas das revistas *A violeta*, *Sarã* e *Pindorama*, entre outras, além de obras escaneadas de autores intensivistas. <https://www.intensivismo.com.br/>

Casa Silva Freire: site da associação sem fins lucrativos que tem o objetivo de preservar e divulgar a obra de Silva Freire, além de fomentar a produção de literatura e cultura em Cuiabá.

<http://www.casasilvafreire.org.br/>

Acervo de literatura digital mato-grossense: site do projeto coordenado por Vinícius Carvalho Pereira, com o objetivo de mapear a literatura digital produzida em Mato Grosso.

<https://literaturadigitalmt.com/>



